REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12 — Rua da Moeda — 14

N.º 941 | COIMBRA — Domingo, 2 de outubro de 1904 | 10.º ANO

O discurso da corôa

O discurso da corôa foi o que se esperava. Ninguem ficou surpreendido com a viajem de el rei, ninguem se alegrou por não vêr as novas propostas de fazenda com que se ameaçava o país.

As propostas virão quando o espirito publico o permitir, se o permitir.

Por ora, tudo se vai fazendo com os expedientes antigos.

A viajem d'el-rei era conhecida. O *Novidades* dá a entender claramente que á muito o sabia, e não deixa de notar, com a artreirice que lhe e peculiar, e com que tão mal vai arranjando a sua vida, que escrevera, á muito, que sir Gosselin estaria em Lisboa por ocazião dos âños de sua majestade.

Tôdo o seu artigo sôbre o discurso da corôa é impregnado da ironia velhaca, que a imprensa monarquica finje não percebêr, interpretando a sério o que escréve, a rir, aquêle diabo velho que tanto sabe e tão perigôzo é.

Sabia-se da viajem, e póde-se afirmar já que ficará barata, apezar da pompa com que se anuncia.

Toda a jente sabe já como virá falsificado o orçamento, para que o pôvo continue a ignorar como é que se gástão os dinheiros publicos, e não tenha ocazião de vêr quem mais o rouba.

Melhor seria que de vês se puzessem de parte embustes e que, afirmada a necessidade da viajem do chefe do Estado, se dissesse onradamente quanto custava ao sacrificio do tezouro.

Tudo se fás em Portugal como na mais dezacreditada caza bancaria.

A administração publica corre parêlha com a administração dos morgadios arruinados.

E' convicção jeral que não á parcéla no orçamento que seja verdadeira, e ainda, á pouco, por ocazião das manóbras, a imprensa deu livre curso aos boatos que corrião — de que se explorava mais uma vês com o patriotismo português para levar o pôvo a sacrificios com qne mal póde, e não faltou quem afirmásse que o boato espalhado de que as manóbras avião custado a sôma excessiva de 600 contos, que é mais do que seis vezes o que se poderia ter dispendido, se arredondava assim para enco brir desperdicios que não podião vir a claro no orçamento.

Não ouve uma vós a desmentir a suspeita.

E não ouve ninguem que estranhasse.

E' prática antiga. Nas camaras portuguezas afirma-se bem alto, á 50 ânos, que o orçamento do estado não serve senão para dar pasto e encobrir a corrução monarquica.

O fácto é velho, e não proprio deste reinado.

O que porem é proprio deste reinado é a falta de protésto das opozições, é a sobreviencia de todas as façôis deante dos desperdicios publicos, é o ar de vil abjéção com que todos se cálão quando se lhes fás dizer que o falar lhes póde trazer o desfavor real.

Assim pássão sem comentarios faltas que os devião merecer dos mais sevéros e assim se vai animando o vicio da dissipação que nos leva rapidamente á ruina e pode tornar impossivel o resurjimento económico do nosso país.

O que é novo em Portugal é este servilismo pelo inglês.

Em qualquer momento da nossa istoria politica a repetição dos favores inglêzes, a insistencia no oferecimento dos seus bons serviços seria olhada com desconfiança.

Portugal tem sido explorado pela Inglaterra; mas tem sempre avido no país, mêsmo nos bandos monarquicos, quem protéste.

Só agora se não ergue uma vós discordante no côro unizono que entôão os monarquicos.

A Inglaterra é um aliado antigo, que parece ter a peito querer, com manifestaçõis ostensivas, levantar o nosso crédito que tão baixo deixou com o *ultimátum*.

Não se póde negar a sua boa vontade, são conhecidos os seus bons serviços em complicaçôis diplomáticas recentes, e não se póde negar que na classe média o odio ao inglês tem diminuido deante das provas seguidas de leal amizade que parece dar-nos.

No povo êsse ódio não é grande.

Para o povo, o marujo inglês é um soldado em quem se bate; para o povo, o negociante inglês é um ómem que se embebéda facilmente e paga jenerozamente a quem o serve.

Odio não á.

O movimento do ultimatum foi provocado por um insulto de ocazião.

Copovo dezapareceu depressa.

Da classe media dezapareceu pela necessidade imperióza comercio.

No coração do povo português á apenas dois ódios que teem raizes fundas na sua ignorancia e no seu embrutecimento: o odio ao inimigo tradicional, ao espanhol; o ódio ao francês.

Esses mesmos porem vão dezaparecendo gradualmente com a instrução e mesmo o ódio francês cujas orijens estão no vicio monarquico está oje apagado.

O ódio á França e ás suas ideias foi ateado pelos ministros de Portugal que tentávão opor-se assim á marcha invazora das ideias liberais.

As ordens da intendencia da polícia, o trabalho dos seus ajentes secretos introduzirão no espirito do povo as ideias que o fizérão fujir de terror deante do exército invazor, e que os roubos e atrocidades deste enraizárão mais, mas os francêzes são os próprios a testemunhar a bondade dos portuguêzes, em contraste com a atrocidade dos inglezes, na ocazião do triunfo.

Os inglezes tem feito tudo para que se esqueça o odio antigo.

As complicaçõis que de todos os lados se levantão á sua politica mostrárão-lhe mais uma uma vês o valor que a situação territorial dá ao seu velho aliado.

A nenhum partido politico repugna oje a aliança com a Inglaterra.

A viajem do rei só é censurada como motivo de desperdicios faceis.

PARTIDO REPUCLICANO

Vai brevemente elejêr-se a comissão municipal républicâna de Benavente, onde o partido républicâno conta elementos de grande valôr.

Os trabalhos de organização em outras terras do país continúão com perzistencia e boa vontáde, esperando se que em todo o mês de outubro se realize em Vizeu uma sessão soléne onde irão reprezentantes das comissõis de Coimbra, Porto e Lisboa e se organizará a lista que á-de constituir a comissão de Leiria.

Que todos os nossos correlejionários cúmprão o seu devêr, promovendo as cleiçõis das comissõis municipais e paroquiais nas terras onde tenhão elementos para isso, ajudando assim proficuamente as comissõisdo norte, centro e sul do país, nêste serviço.

As comissõis paroquiais pódem sêr constituidas por 3 ou 5 membros e as comissõis municipais por 5 ou 7, mas, quando se não póssão organizar estas comissõis complétas, organizem-se incomplétas ou provizórias.

MAIS UM!...

Do *Novidades:*

E' sabido que el-rei D. Carlos *devia* ao soberano de Inglaterra a vizita a Lisbôa, solénemente realizada, e ainda acrescentada na sua significação com sêr a primeira que Eduardo VII efétuou depois de coroado.

Do mêsmo bem informado diário da capital:

Na entrevista de Balmoral recebeu sir Martin Gosselin as cartas autógrafas convidando el-rei e a rainha a irem a Inglaterra, as quáis pelo mêsmo ilustre diplomáta fôrão ontem entregues a suas majestades, no paço de Cascáis.

Não nos enganêmos com a linguajem diplomática.

O *convite* de Eduardo VII é uma ordem.

El-Rei devia uma vizita, é obrigado a pagá-la.

E' um verdadeiro *ultimátum*.

Ultimátum de bôa educação, mas um *ultimátum*.

S. majestade, como bom português, deve estar penalizadissimo...

Laboratório de microbiolojia

No mês de Agôsto fizérão-se nêste gabinête as analizes seguintes:

Expétoraçõis, 15; Urinas, 15; Agua, 1; Exâme de cabêlos, 1; Corrimentos uretrais e vajinais, 15.

Total das análizes efétuadas 47.

A camara, na sua sessão de quinta-feira, rezolveu pedir autorização ao govêrno para dar nóva organização ao pessoal d'óbras, ficando dirétôr dêstes serviços, e dos do gás e agua, o enjenheiro sr. dr. Augusto Barbóza.

NA VOLTA

CARTA III

Meu caro:

Como me mandaste pedir, com ares duma curiozidade que não dezárma, a narração mais pontuada da viájem, aí vou á tarefa com unhas e... pêna.

Instalei me, érão nove e dés minutos da noite memorável de 16 de Agôsto, numa carruájem de primeira que, aos poucos, se foi enchendo com uma abundancia de passajeiros que a lotação não afujentáva. Encolhido e aterrádo no meu canto, eu via com pavôr aquéla multidão crescêr e o compartimento diminuir sensivelmente; cheguei a pensar como quem sóbe em balão, no perigo da asfixia.

Primeira baladada — e como por móla, mais uma familia espreita á porta, seguida por dois carregadôres esforçádos que, quázi inviziveis, sobraçávão, suspendião, equilibrávão um sortimento variadissimo de málas e chapeleiras, sobretudo chapeleiras. Tu calculas lá quanto chapeu trazia aquéla jente! E a familia tinha, pelo que vi, apênas duas cabêças crescidas; o resto érão *bébés*. Que béla perspectiva! — uma viájem com *babis*, um réclame de Pear's sem o rezultádo prometido. A familia entrou, subiu o pai, guindou-se a mãi, içárão os petizes numa gralháda, trepou atrás uma creáda e numa manóbra rápida as chapeleiras e as málas fôrão parár lá dentro. Onde coubérão? Não sei; eu apênas defendia croicamente a minha modésta superficie.

Duas badaládas — á uma ajitação, jente que se levanta e ssái, apêrtos de mão, beijos trinádos, gritos suplicantes de *não feche! não feche!* dirijidos aos empregádos que bátem com as pórtas estrepitózamente.

A carruájem coméça a alargar, saiu metáde do entulho — ião só despedir-se e aproveitando a *gáre* provávão o assento.

Nisto chega açodádo um jóven de fáto novo, aceiadissimo, imberbe, vitoriôzo (fáltão-me adjétivos para um môço assim) — e convence a familia das chapeleiras e dos *bébés* a mudár-se para outro *wagon* atreládo á ultima óra.

A' tempo? Não á tempo? Nós, os passajeiros em côro, garantimos que avia tempo, muitissimo tempo, tempo de sobra e — oh! felicidade que acarícias o viajante — apeia-se o pai, désce a mãi, baixão as creanças ruidózas, salta a creada e a familia vai se apressáda — uma magnifica familia em bom estádo — emquanto os carregadôres arrebânhão outra vês as chapeleiras e as málas cujo numero já me não paréce afinál exajerádo — as exijencias da moda o bom gôsto, o louvável dezéjo da espôza em agradár ao marido...

Que joia de rapás aquêle! Que béla creatura! Ficámos sem conselheiro, o respeitável chéfe, que nos dispensou tamanho favôr, só póde sêr nêste pais, pelo menos conselheiro, mas conquistâmos espáço que dividido por cinco chegáva bem.

Respirámos, mexêmo-nos, experimentámos o funcionamento dos musculos — tudo perfeitamente. E' um ideal viajár assim.

Paréce que o compartimento, num esticão maior, estalou com o apêrto, abriu um alçapão tragadôr e afundou todos os outros, tornando-se a unir sólida e confortavelmente para glória nossa — bemaventurados!

Espreito á janelinha do meu canto, vejo uma estrêla a luzir por um dos respiradouros do telhádo de vidro, no emtanto um dos companheiros comenta ao acendêr o charuto: *Pois senhores, êsse rapás* (referindo-se ao nósso libertador de á pouco) *é um dos maiores talentos que tenho conhecido.* E outra vês em côro, nós tôdos concordamos em que o rapás tinha muitissimo talento.

E dêsde éssa óra eu acredito nos eróis de chapéo de côco.

Terceiro signal, um apito que vibra, um silvo rouco, muitos adeuzes, algumas lágrimas, azas de lenços no ar, e é o tunel com as suas lantérnas elétricas que, na velocidade que levâmos, parécem borbolêtas de fôgo entontecidas pela tréva da abóbada.

O comboio ségue numa préssa. Pássão entre nuvens de fumo os faróis das estaçõis, os inumeros apeadeiros mal se adivínhão, ranjem agulhas, os *saxbi* trepidão, vôão faúlhas perdidas, crúzão os varios *trawais* que baixão para a cidade e que ao passarem dão, na combinação dos ruidos, a ideia duma grande coiza que se parte.

E lá seguimos sempre guiados pelo penacho nêgro da maquina que assume de vês em quando o clarão rubro da fornalha bem nutrida.

No interiôr do wagon, entre as divizorias incomodas que nos sacódem, sente-se comtudo êsse prazêr de caminhar para nóvas vistas, antegósta-se o inédito e a surprêza que nos rezérvão as térras almejádas do nosso roteiro, é-se felis, déssa ventura que um escritôr, outro dia, chamava: *le bonheur de se déplacer,*

Não tenho com quem conversár. Lêr é impossivel nêstes comboios alumiádos por lamparinas e é por isso que em Portugal se dórme tanto em viájem. Não á distráçõis, nem sequér a da janéla: a paizájem dórme, repouza a côr, a fórma esborocou-se, póde avêr ali belêza mas falta o ómemzinho que a móstre — o méstre sei que é quem tem a chave daquilo tudo.

Setil! Quem vai para Vendas Novas muda de comboio.

Outra tiráda apressáda e o Tejo alarga o seu lindo trecho de Santarem sobrelinhádo pela ponte longa onde cochilão luzes.

Coméça-se a dormir; á já quem resone bem. Accêndo um cigárro.

Entroncaménto! Demóra vinte e séte minutos; os senhóres passajeiros que vão para a linha de Léste, Beira Baixa ou Madrid ténhão a bondade de sair que este comboio ségue para o nórte.

Vou ceiár, cóme-se sofrivelmente e pága-se melhór. E de nôvo a vós de á bocádo:

Os senhóres passajeiros que vão para a linha do Norte, Beira Alta ou Galiza tenhão a bondade de tomar os seus logares que o comboio vai a sair.

Vólto para o meu cânto e vejo cáras nóvas lá dêntro. Tres taludos cavalheiros, todos de bárba e guarda pó. Discutem toiros, veem de Badajós a prêços reduzidos. Estremêço — aficionádos e caçadôres são jerálmente os mais empedernidos impinjidôres de istórias compridissimas. Felismente êstes veem depenádos e por conseguinte embuxádos, socégão e adormécem. Eu faço outro tanto e só acórdo em Coimbra com a sabida cantilêna do côxo a mandar:

Coimbra! Demóra oito minutos, quem vai para Coimbra sai pelo outro lado.

Num estremunhão pensei que eu tambem ainda tinha de sair pelo outro ládo. Foi um momento atrós em que mál acordádo, eu revivi a sensação da chegáda matutina com sebentas á espéra e zéros amáveis ás nossas ordens. Não ganhei para o susto dêsse angustiôzo segundo em que *numa sinteze conciza os eterojeneos eleméntos sociais se conjugárão para uma negação abstruza da finalidade metafizica do meu destino.* Conhéces o estilo? E' purissima arrufáda; muito mais falsificádas érão as que a mulhérzinha abituá

impinjia a um passajeiro pela portinhóla opósta e precizo dizêr-te que até Souzélas, o ómem devorou três daquélas grandes espônjas tostádas. Avaliarás a velocidáde maxilár do alárve!

No Choupál cantava ainda um rouxinól quando seguimos. Adormeci outra vês e tive um pezadêlo orrivel em que me via sepultado sob uma cupula encarnáda que, pelo cheiro, reconheci sêr uma bórla — uma lejitima e franjáda bórla dum bastárdo de Minérva.

Eu sonháva-me lá dentro quázi asfixiádo por aquêle ar saturado de velhice e estupidês; roião-me vérmes exquizitos de côrpo nêgro e carapúça rúbra onde avia disticos cabalisticos e donde saião muitas ântenas farpádas dum feitio complicádo que fazia lembrar R. R. A bicharáda cercáva-me todo e soltáva uns pios lugúbres incompreensíveis assim a módo de *diga, diga*. Tratávão-me por senhôr mas ferrávão cada picáda. Pai do céo! — que picádas de criar... ainda mais bichos....

Despertei em Aveiro — apregoárão-se óvos móles e mexilhão — quando o sol nascente recolhia aos pedáços, com cautéla, o véo já velhinho que os poétas outróra oferecêrão á noite.

Daí até ao Pôrto a linha é interessante, com a linda fita da ria e os súlcos alagádos das marinas que ármão nas bórdas castelinhos de sal.

Nas estações correios adorminhádos espérão málas e empregádos cóção os ólhos.

Depois Espinho estende o seu recórte de mar airózamente e coméça a abrir as janélas dos bairros póbres que a prolôngão. Granja, a aristócrática, dórme ainda na socegáda calma das suas persianas e dos seus cortinádos arrendados.

E aproximamo-nos do Pôrto; nos apeadeiros á vendilhóis que espérão os primeiros comboios para a cidáde: Gulpilhares, Francélos, Madaléna, Coimbrôis.

Géia numa confuzão de armazens de vinho e depózitos de materiais fornéce-nos outra máquina para atravessar a ponte — fica-nos lá a poderóza *compound* e vamos numa ronceira *Peacock;* fás-se a continencia ao *Jeneral Tórres* que paréce um conquistadôr e é apenas uma parájem. E guardando na retina empoeirada o trécho deliciôzo da ponte com o Douro, em baixo, cheio de vélas e o Porto, ao lado, cheio de cázas, obsérvas Campanhã soturna e grande e por fim, depois de três túneis em que a lús quázi não chêga a acabar estás em S. Bento.

S. Bento é o Pôrto!

Bons dias, ou quér dizêr, adeus.

Cabe só aqui, muito apertado, um abráço do

Teu

Manoel de Souza Pinto.

Lisbôa, 1904. Set. 26.

Bibliotéca

O sr. dr. Francisco Jozé de Souza Gômes ofereceu á bibliotéca da Universidade a medalha e a luxuóza memória do cinquentenario do ilustre químico francês Berthelot.

A medálha, ou melhor, placa comemorativa é rétangular, tendo dum lado o busto de Berthelot, e as lejendas — Marcelin Berthelot — em cima e — La sinteze chimique. La science guide l'humanité —, em baixo.

No reverso, vê-se Berthelot, sentado, pensativo, deante duma meza de estudo carregada de instrumentos de química que a França corôa de louros, emquanto a verdade, que a acompanha, se descóbre deixando cair os véus que envolvem e levantando ao alto o espelho simbólico, faiscante de lús.

E' um trabalho delicado, que fás onra á arte francêza e está assinado J. C. Chaplain, um dos mais notaveis escultôres de medálhas da França.

Foi cunhada em 1901 por ocazião das féstas do cincoentenario descritas na luxuóza memória, que o sr. dr. Souza Gômes ofereceu tambem jenerózamente.

A medalha não foi posta a venda.

Esteve em Coimbra, partindo ontem para o Porto o sr. Roque Gameiro.

O distinto artista anda recolhendo subsidios para a istória do costume em Portugal dêsde o coméço do século passado até 1850.

Brevemente voltará a Coimbra em investigações que se prendem com os seus estudos.

ERNÉSTO DA SILVA

Da sub-comissão de auxilio permanente á viúva e filhos de Ernesto da Silva acabamos de recebêr o relatório do primeiro âno da quotização, que abranje de maio de 1903 a abril de 1904.

Agradecendo a oférta, não podémos deixar de louvar o zêlo e atividáde dos iniciadôres de óbra de tão alta solariedade umâna e os que, diréta ou indirétamente, têem contribuído para a levar a tão bom caminho.

Só quem de perto tenha seguido óbras désta naturêza sábe como são pouco perzistentes e duradouros em Portugal os movimentos altruistas, sempre iniciádos com tanto entuziásmo e paixão.

Pouco a pouco vão dezaparecendo os que mais se distinguião pelas móstras de fervôr e fica por fim um pequêno número com as responsabilidades.

Não deixou de dár-se ainda désta vês o fácto; mas o numero dos que ficárão móstra o cúlto que ainda ôje tem a memória de Ernésto Silva, cujo valôr de propagandista, cuja elevação de espirito e de caráter é afirmado nêste relatório em palávras que não podemos furtar-mos ao prazêr de transcrevêr:

Traçár o perfil morál e intelétuál do propagandista, não é obra fácil. Essa não facilidade provém da compléxa organização daquêle espirito vibratil, em que as ideias se chocávão como espadas de combate; em que os pensamêntos se encontrávão e se entrelaçávão como florêtes.

Esse rapás nervôzo, de olhar scintilándo, na observação do que o cercáva, procurando lêr no fundo das almas os pensamêntos e adivinhár as intenções, numa curiozidáde ardênte de investigadôr e de estudiôzo, era incapás de estar durante dés minutos sem encontrar a cháve de um dos muitos enigmas da vida, da sciência ou da arte, que o ómem modérno tem diante de si para decifrar.

E' néssa ância de sabêr, de lús, de perfeição, de refinamênto, que o seu espirito se eléva e concêntra em nóvos problêmas.

Como tôdos os que pela vês primeira se lançárão no movimênto politico-sociál, o jacobinismo constituiu a sua primeira fáze, mál adoçáda pela compreênsão do integralismo malonâno, que, a principio, excluzivamênte oriêntou a intelijência do novel socialista.

Mas o seu espirito não cabia sujeito aos dógmas imutaveis de uma escóla, e, por tal motivo, Ernésto, aproveitando do integralismo os seus procéssos, o método sciêntifico, o seu espirito de ilimitáda tolerância, de extrêma bondáde, sai dos móldes do partidarismo para se lançar anciózamênte em busca da Justiça, numa *nevróze* de maxima Perfeição. Foi isso que o derrubou para sêmpre.

Começándo a vivêr pelo coração, a arrancar ao sentimênto toda a belêza dos seus sônhos, para a manifestár em páginas vividas, em discursos vib ântes e em scênas fórtes da dramaturjia modérna; vivêndo a nevrótica vida dos artistas e dos revoltádos, o coração matou-o num momênto, arrancou o ás serênas locubraçôis, precizamênte quando Ernésto conseguia libertár-se decizivamênte de vélhas fórmulas e marcáva audacióza e brilhantemênte o seu logar como pensadôr modérno.

Não se tráta de fazêr aqui um estudo critico sôbre Ernésto da Silva, pensadôr e artista, revolucionário e propagandista. Só querêmos accêntuár mais uma vês a utilidáde da sua óbra e consequêntemênte a gratidão que lhe é devida.

Deixou Ernésto da Silva viuva e filhos que muito estrémecía, porque tinha pelo lar um culto quazi relijiôzo. A felicidade, que queria para os seus, dezejava-a ardêntemênte para tôdos e porque abraçáva a umanidáde, ele orgulháva-se de possuir familia com quem compartilhava as subtis delicadêzas do seu espirito. Não faláva dos seus filhos sem alvorôço e sem que a comoção lhe estrangulásse a vós ao recordár o sofrimênto lôngo, dolorôzo, dos que não desaparécem facilmênte. E éra tambem, porque sofria, que não via sem dôr o padecêr e as lágrimas alheias.

Julgâmos ter esboçádo o que Ernésto da Silva valeu como apóstolo, como propagandista, como intelétuál e como ómem. Quando se conségue sêr assim, quando se conségue fazêr parte da pequêna minoria que fás toda a óbra de progrésso, cria-se direito á consideração publica, por fórma assênte e definida.

Onrar a memória de Ernésto éra proseguir na sua óbra de emancipação da consciência umâna e lançar um bráço vigorôzo áquêle lár onde êle viveu tão intênsamênte, para que não fôsse derrubádo a gólpes de mizéria.

Tál foi o pensamênto iniciál désta comissão, constituida por amigos e camarádas do luctadôr extinto.

*

As dificuldades que têem sobrevindo a este onrôzo empreendimento são espréssas nos têrmos, cuja leitúra recomendâmos aos nóssos leitôres, para quem déve ser gráto o concurso a óbra de tanta filantropia.

Senhóres: — Como sêmpre que se trátão assuntos dêste jénero, alguns individuos inscrevêrão se pelo simples prazêr da inscrição, tanto mais que os nômes figurárão nas gazêtas. Mas lógo aos primeiros mêzes êsses *subscritôres figurântes* dezaparecião, cançádos de pagár a quóta e já satisfeitos pelo fácto do nôme têr vindo em letra redônda. Adiante... Devemos tambem notar que a maioria dos subscritôres se conserva firme, pagando a sua quota, com a consciencia de que cumpre um devêr. A êssa maioria o nósso sincéro agradecimento em nôme de todos que iniciárão ésta quóta.

Todavia, torna-se indispensavel que os atuais subscritôres, por todas as fórmas ao seu alcance, angariem nóvos subscritôres, para que nunca falte o auxilio que nos comprometêmos a dar á familia de Ernésto.

Não nos devêmos escuzár a êsse trabalho que ao mesmo tempo que sérve a saldar uma divida de gratidão, é um protésto pratico e altivo contra o egoismo dominânte na sociedáde.

O *Novidades* arguto e diplomáta:

Tinhamos negado que o sr. Gosselin estivesse para deixar o seu pôsto em Lisboa, onde, ao contrário, anunciámos devêr encontrar-se pela ocazião do aniversário dos soberanos portuguêzes.

Estão plênamente confirmados êsses nossos desmentidos: na entrevista de Balmoral recebeu sir Martin Gosselin as cártas autógrafas convidando el-rei e a rainha a irem a Inglaterra.

Pelo que se vê o ilustre diplomáta sabe tudo á muito tempo.

Nem admira, nas manóbras do Bussaco avia muita jente que já o dizia.

Órdem Terceira

O *Relatório e contas* da jerencia de 1902 1903, e 1903-1904, que acabamos de recebêr, móstra que, apezar das lutas que dividirão os irmãos, inspirádas na politica a mais intranzijente, o definitório tratou dos interésses da órdem realizando óbras urjentes e necessárias e fazendo a refórma dos antigos estatutos que á muito tempo se impunha.

Os telhádos e o madeiramento do ospital, que ameaçávão ruina próxima, forão reparádos, bem como os telhados do claustro; as antigas caleiras fôrão substituidas por outras de férro zincádo; beneficiárão se cazas; aumentarão-se os rendimentos da órdem convertendo em duas cazas de abitação uma que apênas servia de palheiro, e reparárão-se e aumentárão-se objétos de culto, diminuindo assim tambem os encargos que avia em aluguéres.

A canalização dos esgôtos das cazas do Noviciado extinguiu o fóco de infécção da Azinhaga do Carmo, beneficiando assim a saude publica. As lutas que se ferirão na Ordem Terceira são contadas com ironia no relatório e nos curiózos documentos, que o acompanhão e que o recomendâmos á curiozidade dos leitôres.

E' pêna que tais fáctos se dêem com tanta insistencia nas corporações relijiózas, mostrando o espirito de intolerância e a vaidade do mando que determinão conflitos estéreis e só sérvem para embaraçár e inutilizar esfórços e bôas vontades.

Agradecêmos o exemplar do relatório que nos oferecêrão.

Faleceu a espôza do conceituado e bem conhecido industrial sr. Jozé da Costa Condeixa.

Literatúra e Árte

PARA A REVOLTA, por *Jozé Augusto de Castro*. Lisboa, 1904.

Tarde e a más óras venho falar dêsse livro sincero que um vivo sôpro de revolta anima, e um fórte dezêjo de Justiça enobréce, elevando-o e distinguindo o entre as contantes produções do lirismo piégas.

Mas o autôr perdoar-me-á a demora quando souber que recebi os seus versos na malfadada ocazião em que me preparava, com afinco, para rezistir animózamente ás últimas abocanhadélas da Universidade. E que, d'então para cá, tenho passado o tempo a restabelecêr-me do envenenamento intelétual que, durante cinco ânos, aguentei como pude e Deus Nosso Senhôr quis.

De resto sei que as palávras que vão lêr-se não lhe fazião falta alguma: o sr. Jozé Augusto de Castro tem talento, orientação e conhece a técnica do verso; por isso não preciza de louvôres nem de consêlhos; e, por isso tambem, eu direi o que penso do seu livro com a maior sinceridade; que é essa, segundo penso, a melhor maneira de onrar o seu espirito livre e o seu amôr pela Vida e pela Arte.

*

Para a revolta é um volume de versos — pequêno, como o devem sêr tôdos os volumes de versos — em que um coração môço, entuziásta e ardente, grita a sua cólera e a sua indignação contra a iniquidade umana; e, principalmente contra a desgraça e a vergonha da sua patria:

«Pátria, bem sei, á uma: a Umanidade inteira
«Muitas? — Todas abráço em um amôr egual
«Quando odeio a injustiça eu não ólho a bandeira
«— seja d'Italia ou França, Espanha ou Portugal!

«Fálo da Dôr umâna — a mesma em toda a Terra...
«— mas a que está mais perto é que primeiro vi,
«E se a favôr do Bem eu parto para a guerra.
«Começo a combater no Berço onde nasci»,

Estas duas quadras são muito belas: o ritmo — é largo, o sentimento — fundo, a ideia — nova. Se me não engano, é o sr. Jozé Augusto de Castro, dentre os poetas da moderna jeração, o primeiro que por assim dizêr *nacionalíza* a sua revolta contra os preconceitos atuáis.

Ouve e á ainda, para nosso mal, muitos poétas que *nacionalízão* as suas desgraças intimas, fazendo-as remontar ao seculo XVI, por modos e artes que sempre fôrão inexplicaveis para mim. Mas não sei de nenhum que, como êste, queira combatêr a dôr no seu país, antes de se perdêr nas apóstrofes impessoais e vagas contra a desventura do mundo tôdo.

E' uma tendencia orijinal do seu espirito, tendencia que poderá têr consequencias fecundas, renovando os motivos de inspiração da nossa moderna poezia, que, antes de mais nada se deve lembrar de que é portuguêza. Isso não quer dizêr que nos fechêmos ás belas ideias, aos pensamentos altos que de fóra nos podem vir. Mas, unicamente, que estamos numa óra de crize em que até os proprios Artistas devem tentar crear uma consciencia nacional.

Foi o sr. Jozé Augusto de Castro o primeiro a tentá-lo: onra lhe seja feita! E pêna é que os versos não sêjão sempre á altura do seu pensamento.

A eléjia, que termina num indignado protesto, sôbre os deportados de infantaria 18 — e em que talvês se póssão notar influencias do primitivo Junqueiro — é, no entanto, duma grande fôrça de expressão, e dum movimento ascencional e intenso. Mais adeante á belos tercêtos; por exemplo:

«A vizão dêsse mar que, vaga a vaga,
«Se levanta, enfurece, estoura em gritos,
«E o velho mundo assola, afunda, alága!»

que próvão um conhecimento compléto e um instinto segúro do ritmo e do podêr verbal.

E' para lamentar que nem sempre assim aconteça: á vérsos nêsse livro que deixão de ser vérsos para sêr uma insúlsa próza rimáda:

«O sílabus condéna a Liberdáde,
«A civilização modérna, a sciência,
«Com o Progrésso e a Solidarienáde.»

Permíta-me o sr. Jozé Augusto de Cástro que eu lhe diga, com a prometida sinceridade, que tercêtos como êsse, só prejudícão o seu Ideal. Vê se bem que o Poéta não sentiu o que dizia porque se o sentisse — tendo, como manifestamente tem, sólidas qualidades de Poéta, — não era provável que exprimisse tão mal o que profundamente sentira; ou que então o seu Ideal não tem grandêza nem belêza suscétiveis de expressão poética. Couza que eu acho impossivel, porque em toda a vida se pódem encontrar assuntos dignos da Árte mais cimeira.

O que me paréce é que ouve, da párte do sr. Jozé Augusto de Cástro, um desleixo imperdoável. Foi, decerto, o desleixo que o deixou publicar tercêtos como o que citei, e vérsos como estes:

«O rico e o póbre são peitos do mêsmo bárro
«que misterióza mão pelo infinito espréme.»

e empregar pedáços de rétórica vélha como bastantes vêzes fás.

E' de esperar que num nôvo livro todos esses defeitos não aparêção, visto que são independentes do merecimento real do autôr de *Para a Revólta*.

Porque o espéro, é que falei dêles com tanto dezassombro, ao dizêr o que pensáva dum livro que amo, pela sua jenerôza mocidade, e que admiro pelo muito que anuncia dum Poéta nôvo, audaciôzo e cheio de talento.

João de Bárros.

Pacovice

D'*O Dia*:

Ouve-se relijiózamente as palavras proferidas por sua majestade. Olha se carinhózamente aquéla figura de rei constitucional, dum rei que se preocupa com o destino do seu pôvo, que vem dizêr-lhe do seu govêrno.

De cócoras, a pedir um pontapé de nojo!...

Ainda não apareceu o soldádo de infantaria, cuja farda foi encontráda abandonáda pérto do mercado de D. Pedro V.

E' curiôzo tambem notar que a policia se tem portado com a costumada lentidão, e que no quartél se não tivésse recebido ainda parte do achado, quando ja se conhecia no Porto e Lisbôa.

Não se tem admitido a ipóteze dum crime. O soldado não gostava da vida militar, mas nunca manifestára má vontade contra os seus caros dias. Pelo contrário.

Supôi-se por isso que tenha abandonado voluntariamente o quartel para se furtar ao serviço, e que largásse a farda para dificultar as pesquizas, o que indica respeito pela policia que ésta paréce ter atendido, deixando o fujir em pás.

No dia 5 de Outubro pelas 11 óras da manhã, dévem dar-se de arrematação, na secretaria da Escóla Central de Agricultura, a alimentação dos alunos e prefeitos, concerto e lavajem da roupa dos alunos.

As condições estão patêntes na mesma secretaria, todos os dias uteis das 10 óras da manhã ás 4 da tarde.

As propostas serão feitas em carta fechada, tendo extérnamente inscritos os nomes do proponente e o fornecimento a que se destinão, sendo acompanhadas do depozito provizório de 10$000 réis para a alimentação dos alunos e prefeitos, de 1$000 réis para o concêrto de roupas e de 2$500 réis para a lavajem da roupa dos alunos.

No dia 20 de outubro corrente será aberto concurso, por cartas fechadas, para a construção por empreitadas jerais, mas independentes umas das outras, dos edificios para escolas primarias no Botão e Lamaroza.

Os dezenhos e indicações do concurso estão em expozição na camara municipal, onde podem sêr analizados com toda a facilidade.

A Santa Caza da Mizericórdia concedeu um abatimento de 40 por cento nos prêços de banhos do seu estabelecimento, aos socios da Associação dos Artistas.

Regressárão de veraneár os srs. drs. Manoel Gaio, secretario da Universidade, Carlos de Oliveira, administrador do concêlho, e Eujénio de Castro que por doença, felismente debelada, de sua espôza, recolheu ao país, da excursão em que andava pelo estranjeiro.

O TIRO CIVIL

(Conclúzão)

Compunje-me esta indolencia e imprevidencia da jeneralidade de meus patricios.

Assistem ao dezenrolar da Istória em tôrno de si e clâmão indignados quando os grandes esmágão os pequênos, exultão de entuziásmo atentândo no respeito com que são acatados alguns paizes bem mais pequênos de que o nosso; e nem o primeiro fácto os põi de sobreavizo para o dia de ámanhã, nem o segundo os léva a ponderár que igualmênte lhes é possivel a obtenção do mesmo rezultado!

Se sábem que se gástão alguns côntos de réis em preparár a defêza nacionál, ei-los ipócritamênte protestando que tal dinheiro é desviádo para mau fim; vêem alguns cidadãos corrêrem ás carreiras de tiro para se adextrár no manejo das armas e ámanhã poderem contribuir mais vantajózamênte para dafendêr o que de tôdos é, e tolamênte se riem da *infantilidade* de «*tais ómens que párécem crianças*» (sic).

Quérem sabêr quem são? São tôdos aquêles e alguns mais que, depois de esquadrinhar tôdas as secretarias e oficios do continênte, impertinentemênte perséguem qualquér influênte politico para lhes dar accésso a qualquer sinecúra nas terras d'além mar, preferindo, claro está, percebêr largas benêsses permanecêndo em Lisbôa «onde se méte mais figura» a ir para a terra dos prêtos. E até muitas vêzes, senão sempre, é isso preferivel porque se evita assim o grande perigo de irem para lá fazêr tôrpes extorsões aos naturais impelindo-os por isso á revolta que depois tem de ser sufocáda pelos tais «*selvajens que empunhão as armas de destruição.*»

E são êles tambem que emquanto imbecilmênte prezumem sabêr quantos passos dão os russos e os japonêzes no Extrêmo Oriênte (que muitas vêzes nem sequér sábem onde sêja) e doutorálmênte pronuncião quantos nômes arrevezádos os jornais publicão do teátro da guérra, nada sábem da sórte das nossas expedições nos sertões do continênte africano que lhes vão arrotiar o terrêno, regá-lo com o seu sangue para a pingue colheita dêles — os tais — que impudêntemênte se riem e amesquinhão o sobreumâno exfôrço do nosso valorôzo soldádo no combáte com todos os inimigos que se lhe depárão pelos pântanos e através dos mátos d'Africa, ônde a vida lhes vai ficândo irremediavélmênte aos pedáços!

Imbecis e tôrpes.

Mas será precizo que tudo se encaminhe para a defêza armada do torrão nacionál e suas pertênças?

Aplicândo nossas inerjias tanto quanto convém á ilustração nacionál não mais será precizo fazêr converjir alguma couza na defêza armáda?

E será atualmênte suficiênte a ilustração dum pôvo para que lhe seja possivél mantêr-se inconcusso entre os demais póvos?

A preparação para que uma nação rezista ao embáte armádo duma outra não caréce de sêr absolutamênte intensiva, quando previdêntemênte foi extênsiva e continua.

Quando pela guérra franco-alemã, a Frânça invadiu a Alemânha ésta não esbaforiu os seus jenerais em manóbras precipitádas, nem açodou seus arsenais no fabrico d'armas. Os exércitos estávão competentemênte instruidos e as armas bastávão em quantidáde e perfeição.

O que se caréce é de suficiênte ilustração e de educação para se caminhár no progrésso contribuindo como seu fautôr; exercitár a intelijência, robustecêr a vontáde, temperár os nêrvos, mas não desprezár os musculos.

Não é incompativel sêr um sábio e um bom atiradôr.

Mas a ilustração só, colóquem-na no apojeu, embóra, supônhão, o pôvo português tôdo uma pleiade de doutôres (é êste o titulo que se presuppõi a culminância sciêntifica em Portugal) mas tirem-lhe a coezão disciplináda para batalhár, a dextrêza no manejo das armas, o conhecimênto da estratéjia e tudo isto sujeito a um *veto* profundo e sistemático e depois.....

E depois a Inglatérra passando bem sem a nossa ciência quando se trate de carecêr do nosso concurso á sua politica na Europa ou na Africa deixará solicita de arriscar as suas armadas em demonstrações navais perante os portos d'aquêles que intêntem ofendêr a sua secular aliáda. Nós por nossa parte que não têmos a suprêma ventura de vivêrmos no têmpo em que os térnos cordeirinhos brincárão com os lôbos nos amênos verjeis semeádos de malmequéres e regádos de lús, arriscar-nos-êmos, quando menos, a passár para o dominio doutros que—*grandissimos selvajens* desrespeitarão — a nossa vasta erudição, obrigando nos a pegar na estupida espingarda para defendêr não os nóssos interésses mas os dêles.

Terminarei por aprezentar um caso bem frizante onde se concretiza evidentemente tudo o que tenho vindo afirmando. Refiro me a êsse pôvo ilustre que se chama a Suissa.

Pais pequêno, cêrca do nosso Alemtejo, em quantidade territorial, cercado por paizes grandes e não dos mais pacificos, mantem-se tôdavia, sem se encostar a alianças deprimentes, pronto a repelir com tôda a enerjia dum pôvo conscienciôzo e livre qualquer afronta que de fóra lhe venha.

Para exemplo veja-se o que sucedeu com a Italia e ainda não á muito.

E' que o cidadão suisso não viu incompatibilidade em progredir na ciencia (quanto dêles distamos) e ao mêsmo tempo realizar um temivel exército quando por ventura dêle carêça; é que o cidadão suisso não responde com bravatas ôcas quando receia qualquer agravo de estranhos; confia na sua fôrça e na destrêza não prezumidas, senão comprovadas em suas manobras e nas carreirao de tiro; é que o cidadão suisso nos átos solénes não se envergonha de entoar em côro com tôdo o entuziasmo dum pôvo forte e crente o ino nacional; é que na Suissa não se reduzem prêços de combóios para ir aos touros (nossa escola d'eroismo!) mas para os concursos escolares e cantonáis de tiro.

Em setembro de 1902, se a memória me não falha, realizou-se em Zurich um concurso de tiro e a êle se aprezentárão 2:500 adolescentes de tôdas as classes do cantão. A êste concurso assistiu o Consêlho federal, autoridades locáis, professôres das escólas primárias, secundárias e superiôres de tôdo o cantão.

Pergunto. Não odearião tôdos êstes personajens a guerra em princípio, ou serião êles mais selvajens do que os nossos eruditos?! — Os ómens de bôa fé que respondão. E os nossos conspicuos cidadãos?

Sêres superiôres adejando pelas rejiões do pensamento, tirãos os chapéos e ajoêlham reverentes á passajem do sr. S. Jorje montado no seu cavalo branco, para d'aí a pouco quando passa a bandeira nacional nem sequer darem por ela. Dizem-se republicanos e não sei se anarquistas, capazes de insultar o Chefe Suprêmo da Nação, e quando passa o sr. D. Carlos de Bragança, embora incógnito, correm persurózos a fazêrem-lhe mezuras que êle decerto tomará no devido conceito.

De tôdos os dias e vulgarissimo é o fácto de nos passeios públicos se conservarem desdenhozamente refastelados em suas cadeiras baratas, ovindo por distração muzical, vibrado nas bandas marciáis a «sensaboria» *(sic)* do ino nacional que apezar de tudo é com a bandeira das quinas uma significativa sintetização da Patria reavivando nos a memória de tôdo o jenerôzo esfôrço daquêles portuguêzes, dignos dêste nôme, que no periodo de 1820 a 1834 lutárão pela rejeneração da Pátria e pela conquista das regalias liberáis. A sua obra foi ludibriada, embora, mas nem por isso deixou de sêr nobre e alevantado o seu empénho.

Recapitulando afirmo que a luta é uma coiza não só normal mas até necessária dêsde que ája dezigualdade de circuntancias, conflito de interesses.

Emquanto ouver fortes e fracos, aptos e ineptos, fartos e famintos, justos e injustos a luta será a consequencia imediata dêste estado de couzas; mas ela propria cavará a sua ruina fomentando progresso porque cada um tentando suplantar o seu competidôr carece de se lhe avantajar em dotes; os capazes caminhárão igualmente e os que afracarem têem de dezaparecêr porque os vencedôres não mais lhe deixão campo de ação e d'aí se infere que tambem por meio déla se aplanará a sociedade para recebêr melhores instituições. O que, porém, não é indispensavel é que essa luta tenha por fórma a luta armada, tôdavia é sabido que podem dar-se e dão-se realmente cazos de atavismo em que numa sociedáde já muito ilustrada, embóra, aparécem ás vêzes, sem se sabêr como e sem precedentes explicitos, individuos que pertencem relativamente a certos instintos, a uma sociedade já muito distante.

Assim Napoleão e Bismark não mais serão do que um retrocesso psicolójico a Atila ou a qualquer outro barbaro. Quando depois sêres atávicos como os precedentes dezempenharem funções proeminentes numa nação quem poderá confiar na pás?

Para estigmatizar a guerra tôdos os epitetos são poucos e os raciocinios supérfluos; éla é abominavel e a sua estulta ferocidade evidente, todavia é preferivel fazê-la a sujeitarmo nos estoicamente a tôdas as vexatorias arbitrariedades de qualquer vandalo que se lembre de nos esmagar, e como os fins justificão os meios quando êstes são unicos é-nos lícito e mais do que isso, têmos a obrigação de nos instruirmos na arte de a fazêr não para atacar, senão para oportudamente nos defendêrmos.

Coimbra, 22 agôsto, 1904.

Floro Henriques.

Problêma operário por Alves Miranda

É um apêlo, feito numa linguájem que, por sêr apaixonáda, nada pérde da sua corrêção, aos partidários da república e do socialismo para unirem os seus esfórços na lúta contra a corrução monárquica.

É o primeiro de uma série de livrinhos de propaganda que o nósso correlijionário se propõi publicar e que recomendâmos aos nóssos leitôres.

Termina com os conceituózos periodos que transcrevêmos:

«A união das duas democracias é o meio mais fácil, mais viável, de derrotar o podêr conservadôr — o inimigo comúm.

Os princípios dos dois partidos democráticos pouco diférem da razão de ambos, em frente do conservantismo compéte-lhes um trabálho comum, e assim em bréve convertêrem em maioria, a minoria em que óra se encôntrão, tirando ao cléro, que fás política, os seus soldádos políticos — o Pôvo.

Trazido o pôvo — como muito bem dis outra autoridáde insuspeita — para o prezente, então a evolução poderá continuár-se proveitózamente, práticamente, e cada vês que éla trouxer nóvas necessidádes, nóvas ideias, nóvos sentimentos, uma fórma nóva de govêrno virá, sem grandes abálos, substituir uma fórma já envelhecida, e as jeraçõis poderão ser cada vês mais felizes e poderão abençoar esta lei que lhes aumenta a felicidade — o progrésso.»

Agradecemos a amabilidade da oférta.

Na quinta de Santa Crús vai muito adeantada a construção da retréte pública que a camara mandou fazêr.

Aprovamos o local, que se escolheu numa depressão do terrêno por fórma a encobrir com arbustos a construção.

Assim se fás por toda a párte.

Não á perigo em pôr em logár escuzo estas construções, porque esses lugáres são os naturalmente procurádos por quem póssa têr necessidáde de se servir délas. Avará por isso mais de uma surprêza que, crêmos, não deixará de sêr agradável.

A construção é feita com cuidádo, mas paréce-nos têr-se dádo largas de mais ao carpinteiro, que tem ostentádo a sua abilidáde e sabêr nos caixilhos de pórtas e janélas.

A pórta é sobretudo detestável, duma linha gótica deslocáda e com uma bandeira de lója de fazendas brancas de arripiar.

Fás cólicas a quem as não tenha.

É duma linha sujestiva.

Regressou da Figueira da Fós com sua família o nósso amigo e prestimôzo correlijionário Manoel Rodrigues da Silva.

A múzica do 23 tem tocádo no passeio do cais e, apezar do tempo e da óra, tem avido uma concorrencia regular.

Lembramos a conveniencia de mudar a óra, porque, na quádra que atravessamos, não é muito agradável passear de noite no cais, ao frio.

Salvo melhór opinião.....

Vv. Ex.as quérem vestir bem?
Quérem vestir economicamente?
Quérem vestir como estando em Paris?

É assinár a *Móda Universal* que apênas custa 480 réis, por âno, quantia que déve sêr remetida para a Ajencia Nacional, rua Aurea, 178, Lisbôa.

A *Móda Universal* referida a Setembro trás numerozas gravuras na fórma do costume, tôdas élas de novidade, o que não é milagre, e de utilidade, o que é máis ráro.

Têmos presente o número de que estamos falando e por isso continuamos de assombro, por vêr que se póde vendêr por dois vintens 8 pájinas cheias de figurinos vários.

Do número que se trata rezulta que vái operar-se uma revolução completa nas mangas das nossas muito gentis leitôras.

Não esquecêr que a importancia da assinatura póde sêr remetida em estampilhas, ou vale de correio.

EDUARDO DE NORONHA

A ambição dum rei

Obra ilustrada com numerózas gravuras coloridas por Manuel de Macêdo e Roque Gameiro, impressa em magnifico papel.

Cadernêta semanal de 16 pájinas, 40 réis. Tômo mensal, 200 réis.

Um exemplar grátis a quem remetêr adiantadamente a ésta emprêza a importancia de dés cadernêtas ou tômos

Brinde a tôdos os assinantes

Aceitão-se pedidos de qualquer número de cadernêtas e tômos.

A EDITORA, *largo Conde Barão, 50*

Lisbôa

Precizão-se ajentes em tôdas as terras do continente colónias e Brazil.

Aceitão-se correspondentes em todas as terras do reino.

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias—Publicação semanal

Diretóra: D. Leonor Maldonado

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 1$300 réis

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada*, a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand Jozé Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

MARCELINO MESQUITA

LEONOR TELES

(ROMANCE HISTÓRICO)

Grande edição de luxo profuzamente ilustráda com gravuras de pájina a 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impréssa em magnifico papél.

Cadernêta semanal de 24 páginas e 1 crómo ou 32 pájinas de têxto — 60 réis. — Tômo mensal, 320 réis.

Brinde a tôdos os srs. assignantes — Um exemplár grátis a quem enviár a importancia de 10 cadernêtas, tômos ou volúmes.

Em publicação na

A EDITORA, *largo Conde Barão, 60*

Lisboa

DUBUT DE LAFOREST

Os Ultimos Escandalos de París

Grande romance ilustrado de numerozissimas e esplendidas gravúras. Mais interessante que os *Mistérios de París* e *Rocambole*. Romance de acontecimentos sensacionais e veridicos ocorridos na atualidade.

Brinde a todos os assinantes: — Uma elegante capa de brochúra para cada volume, impréssa a duas côres e com dezênhos apropriádos ao assunto tratado no mesmo volume. Um premio da loteria da Santa Caza da Mizericórdia de Lisboa nas condições do prospéto me distribuição.

TEIXEIRA DE PASCOAES

Para a lús

Figueirinhas Junior
Livraria editóra — Lisbôa

MANOEL DE SOUSA PINTO

A UNICA VERDADE

Drama em 2 átos

Preço 300 réis

Editor — Moura Marques

ANUNCIOS

QUEM ACHOU?

Uma cadéla Setér, raça pequêna, castânha, pêlo encarapinhado, que se perdeu á 5 dias.

Dão alviçaras a quem a entregar a seu dôno Paulino Evaristo Ferreira Camões nésta cidade.

CAZAS PARA ALUGAR

Arrêndão-se do S. Miguel em deante os altos de duas moradas de cazas: uma na rua de S. Pedro n.º 10, com frênte para a rua da Trindade, e a outra na rua da Trindade n.º 69.

Quem as pretendêr dirija-se a seu dono Antonio dos Santos Fonseca, rua dos Gatos n.os 7 a 17.

Nova loja de sola e cabedais

Os proprietários désta lója pédem a todos os artistas de Coimbra, nêste jénero, que vizitem o seu estabelecimênto, sito na rua dos Sapateiros, 7 a 11, onde encontrarão compléto sortido, em sola, tanto como em cabedais.

DE 3 A 4 CONTOS

Compra-se propriedade rustica ou urbana até êste prêço, desde que seja bem localizáda, e tenha bom rendimênto garantido, ou se empréstão sôbre ipotéca bem garantida.

Carta á administração dêste jornal com as iniciais A. B. C.

GUARDA SOL

Entréga se um a quem provar pertencer-lhe. Foi encontrado no dia 25 do corrente, no tramway que sai de Coimbra ás 6 da manhã para a Figueira.

Nésta redação se dis.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

JARDINEIRO

Manuel caldeira, de 37 annos de edade, de Sernache dos Alhos, ofere-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nésta cidáde ou imediações.

Tem longa pratica daquêle serviço, pois estêue durante 16 ânos, efétivos, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr póde procura-lo em Sernache dos Alhos.

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...
Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidãis, ásma, tosses, coqueluche, influeza e outros encomodos dos orgãos respiratórios.

Se atenúão sempre, e cúcão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzado, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental — S. Lazaro — Porto.

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Oficial de elojeiro

Preciza-se dum, na relojoaria Araujo. Rua do Visconde da Luz — Coimbra.

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pasteleria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Téte d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saucisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema do Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoal mais habilitado para construcção e solidez de telhões, manilhas, eirões para retretes vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para ladrilhos de tornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — Rua Ferreira Borges — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómem e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estranjeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanélas e pannos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar esto estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Luz — 103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestações e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONOGRAFOS

Manoel José Têles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande coléção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, canconetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazênão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.os 34 e 35. —Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:
Das 10 1/2 ás 12 da manhã
e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Água da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chonico, Gotta, Lithiasa urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 reis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

GUÍA PRÁTICO

DE

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDÁDE

COMERCIÁL, BANCARIA, AGRÍCOLA E FÁBRIL

Pelo professôr e perito comerciál **Joaquim Enríques da Silveira Pássos**

Diplomádo pela Escóla do Comércio de Lisboa

No dia 1 do corrente mês de Setembro começou a publicação semanal, em fascículos, désta importante e útil óbra, destinada a habilitár, sem auxílio doutros estúdos e **sem méstre,** a organizar, seguir ou balançar a escrituração de qualquér cáza comerciál, bancária, agrícola ou industrial, a exercêr ábilmênte qualquér logár de cartoira e a concorrêr com a precíza abilitação aos concúrsos de bancos e repartições públicas.

O *Guia prático* ensína a rezolvêr cêrca de mil problêmas vários sôbre escrituração e contabilidáde e é dividido em dois volumes.

1.º volume — Cálculo

Compreênde o ensino prático das operações sôbre: Números inteiros, decimais, quebrádos, compléxos, elevação a potencias, extráção de raízes, divizibilidáde, sistêma métrico, régras de três simples e compóstas, régra de conjunta, régras de companhia, de liga, de avarias, percentájens, juros, descontos, prázo médio, juros reciprocos ou juros de contas correntes pelos métodos diréto, indirécto e amurguês, câmbios, juros compóstos, anuidádes, fundos públicos, papeis de crédito de arbitrájens.

2.º volume — Escrituração

Compreênde cinco modêlos complétos com tôdos os livros principais e auxiliares, sendo tôdos os problêmas acompanhados das mais cláras e precizas explicações: 1.º modêlo, uma escrita pelo sistêma de partidas simjélas; 2.º, uma escrita duma cáza comercial, contendo oito mêzes de operações divérsas pelo sistêma de partidas dobrádas, com três balanços; 3.º, uma escrita duma cáza de comissõis e consignações; 4.º, uma escrita duma indústria explorada por uma sociedáde anónima; 5.º, uma escrita agricola.

Prêço de cada fasciculo em Lisbôa e na provincia 100 réis.

As assinatúras pódem ser feitas por bilhête postal dirijido á emprêza da publicação désta óbra a Afónso d'Oliveira, rua do Arsenal, 108, ou ao ajênte em Coimbra — **Moura Márques** — LIVRARÍA.

PROGREDI ET PRODESSE

ADEGA REGIONAL DE ENTRE DOURO E LIZ

COIMBRA

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miudo

Installação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda a miudo (20 de abril de 1904)

Marcas	Garrafão de 5 litros	Garrafa de litro	Garrafa bordaleza
Tinto GRANADA	600	120	80
» CORAL	600	120	80
» AMETHYSTA	500	—	—
Branco AMBAR	660	—	100
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — *Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.*

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12 — Rua da Moeda — 14

N.º 942 | COIMBRA — Quinta-feira, 6 de outubro de 1904 | 10.º ANO

DEZASTRE

Em Africa acábão de ser trucidados algumas centenas de soldados portuguêzes.

Este facto, que devia trazêr-nos de luto, e sêr dito alto com tôda a enerjia de um grito de dôr ao país, foi comunicado, no fim de uma sessão parlamentar, quando as galerias estávão vazias, e só poucos deputados escutávão indiferentes o terminar duma sessão sem interésse.

Ninguem o esperava.

A atitúde fria dos ministros não o fizéra prevêr.

Tinhão aparentado indiferença, o ar descuidado de tôdos os dias para dizêr a salvo a grande desgraça, evitando covardemente o impeto da primeira cólera.

E' tão grande a desgraça como a covardia da infamia, como a grandêza do crime de léza nação, praticado friamente por um govêrno que tem coberto o exército português de ridiculo e agora o cobre de luto.

A expedição contra os cuanhâmas foi precipitadamente organizada, embarcárão-se soldados para uma viajem aventuróza sem muniçôis, expozérão-se a ostes aguerridas na guerra soldados nóvos e mal armados, mandárão-se para países desconhecidos fôrças portuguêzas para combatêr um inimigo ardilôzo, conhecendo bem todos os segrêdos do terrêno que defendia.

Os nossos soldados corrião para um dezastre cérto, que foi gritado bem alto aos governantes, e tanto e tão alto falou a opinião pública que o próprio ministro informou oficialmente as autoridades africânas do que corria na imprensa portuguêza, mostrando assim incertêza de opinião que não podia autorizar de módo algum a marcha da expedição.

A ignorancia é indesculpavel.

Os alemãis estávão lutando com o mesmo inimigo que lhe inflinjia revézes sôbre revézes, e os nóssos soldados não podião deixar de sêr vencidos, onde o era um pôvo conhecedôr de tôdos os segrêdos da arte da guérra, operando em grande número, bem municiádo, numa expedição bem estudada e bem preparada.

Deante da fôrça aguerrida daquêles póvos os alemãis móstrão-se inclinados a abandonar a emprêza que lhe não compensa os sacrificios de ómens e soldados,

Os alemãis que têem acima de tudo a glorificação do seu espirito guerreiro, os alemãis que considérão a guérra como a mais elevada manifestação da civilização, os alemãis que nunca olhárão a vidas quando têem em chéque a sua supremacia militar, móstrão se irrezolutos em continuar a guérra quando nós nos vamos lançar loucamente numa aventura criminóza.

É necessario combatêr a lenda da superioridade do soldado português.

O soldado português tem apênas sôbre os outros a vantajem de sêr peor pago.

De résto é, como se devia esperar, um soldado inferiôr pela instrução jeral, pela educação cívica, e pela falta de instrução militar.

O soldado português tem continuado em África o seu passado aventurôzo, o acazo tem-o favorecido, mas só o acazo.

O dezastre, que agóra se dá, podia têr-se já repetido muitas vêzes.

As nossas expediçôis coloniais tem sido péssimamente organizadas.

Os soldados têem ido sem recursos e só o acazo lhe tem dado a vitória.

E' interrogar os que tem visto de pérto as façanhas do exército português em Africa, façanhas com que tanto nos orgulhamos.

O soldado vái á ventura, sacrificado ao acazo.

Soldados e oficiais introduzem-se por terrênos desconhecidos dentro, contando com a vitória que o acazo lhe tem dado até agora.

Todos se sacrificão ao capricho, á corajem céga dum oficial que desconhéce o terrêno e o inimigo e que conta apenas com a sua corajem.

E muitas vêzes se tem sacrificado centenas de soldados á corajem irreflétida dum oficial que desconhéce complétamente o inimigo e o terrêno, e é dominado apênas pelo dezêjo de uma ação que o impônha ao país.

Para as manóbras do Bussaco, feitas numa pequêna extensão, andou-se um mês a estudar o terrêno.

Para uma expedição contra um povo aguerrido dispensou-se tanto trabalho.

Uma mobilização de 5:000 ómens dentro do nósso país, levou três mêzes e levar a cabo, com telégrafo, caminhos de férro, lús elétrica....

Uma expedição á Africa, num país desconhecido, improvizou-se em alguns dias.

O dezastre de Angola é um crime, cujos autôres são conhecidos.

Seria uma vilêza deixá-lo sem castigo.

Dr. Bernardino Machádo

Cabe êste âno ao nósso amigo e correligionário o cuidado de fazêr a oração de sapiencia.

A oração de sapiencia foi sempre considerada como das manifestaçôis mais altas da vida universitária, tendo se algumas vêzes celebrado fóra da ocazião abitual por deferencia a óspedes ilústres.

Nem sempre tem coincidido com a abertúra das aulas, ou distribuição dos premios.

Este âno é éla esperada com anciedade por todos os que conhecem as altas qualidades de professôr e conhecimento dos problêmas de pedagojia modérna que distinguem o sr. conselheiro Bernardino Machado.

Dr. Emídio Garcia

Partiu ontem para Lisboa o nosso amigo e correligionário, cujo nome evoca tantos dias de lúta glorióza para o partido républicano.

Viu-se obrigado a deixar mais cêdo a sua quinta dos Malheiros, aonde com o filho e a espôza estremecida vem todos os ânos descançar da vida fadigóza de Lisboa, evocando recordaçôis e revivendo a vida antiga nas convérsas saudózas dos amigos e companheiros de lúta.

Boa e felis viájem.

Regressou a Obidos, o nosso prezado assignante dr. Jozé Pinto, que tem estado a banhos na Figueirá da Fós.

Propaganda republicana

Aproximamo-nos dum periodo de actividade eleitoral, e comécão a sua vida de intriga os galopins monárquicos.

O periodo da ajitação eleitoral é o mais proprio para uma propaganda átiva e de efeitos mais segúros e duradouros.

E' durante o periodo eleitoral que os partidos da monarquia pôem em prática todos os meios da sua ardilóza corrução.

Déve ser êsse periodo que todos os cidadãos républicanos dévem aproveitar para mostrar o que tem de falso e de iluzório os expedientes da administração monárquica.

Aos prometimêntos das fáçôis monarquicas anunciando uma época de vida de rejenéração administrativa, de probidade e de justiça dévem os republicanos responder demonstrando istóricamente o que é e o que vale a administração monárquica que tem levado o país ao estado ruinózo em que se encontra.

Déve demonstrar o valôr das frázes que todos os dias se dizem e escrévem nas reuniôis e jornais monarquicos, fazêr vêr como é falsa e perigóza éssa linguajem que sérve apenas para encobrir as mais tôrpes exploraçôis.

A's obras, aos melhoramentos que prométem, e com que tentão iludir a boa fé dos que facilmente se deixão levar pelo interésse e progresso do seu país, deve respondêr se com o exemplo antigo que mostra o valôr dêstes expedientes eleiçoeiros, déve dizêr-se bem alto que os governantes desperdição os dinheiros publicos segundo as exijencias da sua conservação no podêr e não confórme pedem as necessidades dos povos.

Aos que tudo prometem deve opôr-se as forças dos factos que demonstrão que a administração ruinóza do país nos colocou na situação de nada podêr dar.

As obras públicas definhão dia o dia, os ministros furtão-se a satisfazêr as necessidades mais inadiaveis e urjentes das populaçôis, e o pessoal das obras públicas anda com mêzes de atrazo nos pagamentos.

E emquanto o operário pobre, o que mais preciza, o que vái morrendo lentamente de fome anda sem sêr pago, os empregados superiôres, os olheiros, todos os que reprezentão nos trabalhos públicos a corrução, a força do voto, andão bem pagos e pássão vida regalada.

E' necessário dizêr e mostrar a quem se interéssa pelo progredimento do nosso país que o orçamento das obras públicas, o dinheiro arrancado ao contribuinte com o pretexto de melhoramentos se perde na sua maior parte no pessoal de fiscalização que é imposto pela necessidade do vóto.

E' necessario ensinar ao pôvo que é a sua força que êsse pessoal, que lhes cóme os dinheiros publicos e retarda os melhoramentos do país, vende com o seu voto.

E' necessario ensinar-lhes os seus direitos, torná-los conscios da sua força.

E aos que lhes disserem que os seus esfórços serão dominados pela força dos que mandão e mais podem, responda o povo com os exemplos do passado e do prezente que demonstrão brilhantemente a força do seu protésto.

Na classe média o esforço izolado perde-se na engrenajem da corrução monárquica.

Não se perde em absoluto, é certo, mas perde-se na sua maior parte.

O exfôrço colétivo do povo tem sempre a vitória.

E chegou a ocazião do povo intervir, e de defendêr os seus interésses, de pugnar pela onra da patria que se vai perdendo na luta vergonhóza dos partidos monárquicos que deixárão a defêza das ideias pela ambição e vaidade do podêr.

E a luta dos republicanos déve opor-se a todos os monarquicos, aos que teem conseguido conservar a aparencia de onradês, como aos que estão de todo perdidos no conceito publico, porque a luta não é de ómens é de opiniôis politicas.

Deve de vês acabár-se com o preconceito, que, pela ignorancia do povo está ainda enraizado em Portugal e que fás com que se imajine que a onestidade na administração póde salvar o país dentro do rejimen monarquico.

Não!

Dentro do rejimen monarquico ão de esterilizar-se todos os esforços e toda a boa vontade; porque a corrução de um só tudo póde inutilizar, por tudo dominar.

Um grande vulto do partido républicano lançou um dia um répto a todos os partidos, e a sua vós ficou sem resposta.

Quando Jozé Falcão gritou á monarquia que salvasse o país, se podesse, sintetizou numa apostrofe brilhante toda a ironia da sua grande alma de lutadôr.

Os partidos monárquicos não respondêrão á sua imprecação.

Mas respondeu-lhe a istória da ruinoza administração dos últimos ânos: a monarquia não pode salvar o país; a monarquia léva-o á ruína.

Matrículas

Começárão, na época regulamentar, as matrículas da Universidade.

Não se nóta já a animação, que antigamente tanto alegrava esta cidade e era o primeiro movimento do despertar de ferias.

A maior parte das matrículas fás-se ôje por procuração, o que constitue a maior fonte de receita da sociedade filantrópico-academica, que vive vida dezafogada, graças á atividade e á dedicação do sr. dr. Julio Enriques, que tem sabido mantêr esta associação academica quando as outras mórrem na indiferença censurável dos estudantes.

Apezar, porém, de se não notar a alegria ruidóza dos estudantes, o movimento e animação tem aumentado pela volta de muitas familias que tem regressado de férias.

NA VOLTA

CARTA IV

Meu caro:

Chegado ao Porto, dezembaraço me da mala — (a tua conhecida mala conta mais esta façanha na sua velhice aventuróza) — que confio a um corrétôr agaloado e vou para o otél, sedênto e avido, mergulhar num lustralissimo banho, imperiôzo para a carrada de poeira que eu conduzo.

Não olhei para o espelho mas devo estar preto, enegrecido, enlutado; sinto a péle aspera, absorvo ainda o perfume da marcha nocturna que me incutiu na pituitaria pózinhos negros como restos d'uma dôr esmigalhada por um pé de carvoeiro.

Zás, á agua e como não estou para descrevêr-te um banho, o que santamente praticas todos os dias com essa tua *relijião eroica da fórça, da jinastica e do banho frio*, em que fála o Eça, convido-te a deitar-te sobre a cama do meu quarto á minha espéra e á falta de papeláda que remexas, segundo teu louvavel e esquadrinhadôr costume, pódes lêr ésta carta ainda não escrita.

Perdôa o artificio, que reconhêço de mau gosto, mas Já Julio Cezar Machado disse, com graça, que o *folhetinista portugués, como o córo grego, tem a liberdade de dizer tudo quanto lhe vem á cabeça*. Para folhetinista, como sabes, só me falta o *ródapé*.

Deita te pois e logo me verás chegar mais ajil e purificado pela agua, como um lenço de viuva, amárfanhado e triste das lagrimas que, depois duma barréla, volta frêsco e alvo para recebêr sorrizos e perfumes.

*

Estava eu sentado num banco de pedra, não sei onde, quando vejo abeirarem se de mim dois vélhos aprumádos notavelmente parecidos. As largas bárbas brâncas dum érão exátamênte irmãs em córte, em brilho, em alvura, ás do outro. Os quatro ólhos dêle érão absolutamênte iguais — feiçôis, altura, aspéto, éra tudo num fielmênte copiádo do outro. Apênas no semblânte do de cá avia mais bonhomia e acolhimênto, que, no de lá, se trocarão por gravidade e carranca.

Quem serião afinál êstes dois idênticos exemplares dum mêsmo sujeito? E' verdade, um dêles trajáva sinjélamênte um fáto de viájem e trazia a tiracólo, um binóculo; o outro uzáva sobrecazá caapertada e sobraçava uma pásta.

Estes dois vélhos que me intrigárão como ambulantes interrogaçôis, dirijirão-se para o banco de pédra em que eu estava sentado não sei ônde e tirando das carteiras parecidas dois bilhêtes iguais aprezentarão-mos num mesmo jésto. Li num: *Bento da Saude* e por cima havia uma campainha. Li no outro: *Bento da Ave-Maria*, encimádo por uma locomotiva empenachada.

Comprimentei. Sentárão-se a meus lados no mêsmo banco de pédra, não sei ônde.

O do binoculo, expansivo, começou logo a contár-me coisas; o outro, o carrancudo, acenava apênas com a cabêça veneranda e examinava papeis na pasta ampla.

Não respondi nada. Nêsse banco de pedra, não sei onde, scismava em quem poderião sêr êsses jémeos idózos que uzávão maquina e campainha por brazôis. Que especie de tratamento poderia eu dar-lhes! Machinista, sineiro, deveria eu dizêr como se dis barão ou visconde segundo as bolinhas da corôa. Eu ignorava por compléto ésta nova eraldica, talvês democrática, como sempre ignorei a vélha e continuei cojitando á sômbra duma arvore esplendida que toldava o meu banco de pédra, não sei ônde.

E o ancião da direita, o expansivo, começou a dizêr-me a seguinte istória:

Eu já á muito têmpo que me reformei — (serião militares?) — vesti me á modérna, deixei os apozêntos lá de cima...

— Lá de cima?

— Sim, eu morei muito tempo lá para cima, no Paraizo. A cáza não éra má de tôdo mas avia muita jênte; estava-se a comêr mál, nem dávão dôce á sobremêza e eu como sou muito gulôzo...

— Tem bôm gôsto!

— E como tinha aqui no Porto uma grande cáza, disse lá ao senhorio que estáva vélho, que não podia subir tanta escadaria e vim cá mais para baixo. Não lhe digo nada, meu amigo, tomei um fartóte...

— De?

— De tudo, meu cáro senhôr. Aquilo érão trouxas d'ovos, fios d'ovos, lampreias d'ovos, ovos móles, ovos riais — érão ovos á má cára — dourava-se com êles o firmamênto que bem precíza duma pintura, cá de baixo não se repára, visto ao pé, o senhôr calcula lá, já não tem côr.

Eu boquiabria pasmado ante o catão desconhecido do vêlhóte expansivo.

— E uns pasteis d'amêndoa que lá fazião... oh! admiraveis... de primeirissima ordem. Qual estrêlas nem qual carapuças.

— Carapuças, estrêlas?...

— Sim senhôr! Lá em cima davam-nos ás vêzes estrêlas de escabéche mas aônde ficão as estrêlas, meu cáro. Quando as punhão na mêza tinhão muitas vêzes tres séculos de colhidas. Uma bodéga!

Eu cada vês percebia menos — sentádo no meu banco de pédra, não sei ônde — que raça seria a dêsses sêres tão semelhantes que comião estrêlas á tres séculos. E que estrêlas serião éssas! As do ceu? A vulgar sôpa d'estrelinhas?...

— Pois é como lhe digo, desforrei me da penuria. E depois que mulhéres — e os ólhos ardião lhe como brázas ao vênto — aquilo sim, podia-se vêr. Onde ficávão as virjens.

— Não érão virjens?

Erão mais do que isso, aquilo é que érão freiras, o mais é uma istória. E andava tudo a gabar as onze mil virjens. Eu provei-as tôdas — um orrôr! — parecem d'arame. Para palminhos de cara lá o meu convento. Tive lá uma abadêssa, meu caro, não quero que me lembre. Umana, meu amigo. Terreal!

Porque não diria êle divina, celestial!

— Ouve por lá bocadinhos... as agostinhas de Gondomar e as lindas cachopas que depois viérão de Tarouquela e de Vila-Cóva. Bons tempos — e o velho tinha nos olhos ternas saudades úmidas. Depois foi o incendio.

— O do Baquet?

Nada, não senhôr. Em 1783, não é do teu tempo, ouve lá no meu convento um grande incendio e lá se foi tudo. Só mais tarde, quando aí o meu coléga de Lisbôa quis acabar com as cazas divinas é que eu lá tornei a caçar uma môça tenrinha que veiu de Monchique.

O outro, o da esquêrda, o carrancudo, abanou a cabêça e continou a lêr papeis na pasta ampla, ao som da agua que escorria junto ao banco de pedra em que eu estava sentado não sei onde.

— E depois, como o senhôr sabe, deitárão tudo a baixo para fazêr a estação e eu cá ando á espera de caza.

— Dê caza?

— As obras já começárão e agora vou têr uma estação catita.

— Nêsse cazo o senhôr é chefe.

— Não senhôr, sou o patrono.

— Então era para V. Ex.ª que vinha dirigido um bilhête que ontem adquiri na estação do Rocio.

— Nemmais.

— Nêsse caso V. Ex.ª é S. Bento?

— Sou e não sou. Eu sou o S. Bento da Ave-Maria o da estação: êsse aí é o S. Bento das côrtes, o de Lisboa, mas o verdadeiro S. Bento, o nosso tronco já não existe.

— Bem sei que S. Bento já morreu á muito.

Sim, mas o que o sr. não sabe é êle já se desfês lá em cima.

— Mas então a eternidade, a imortalidade? Istórias! Eu lhe conto. Quando mórre algum santo vai lá para cima; ora como êles vão sempre esfomeados em lá chegando enchem o papo. Foi o que aconteceu a S. Bento. Depois meteu-se lá como uma alma de beata — ora as almas de beata são quázi sempre machas.

A de S. Bento era fémea — as almas dos santos são jeralmente fémeas — e dêsse acázo nascêmos nós todos. E' o grande merecimento da santaria — servir para semente. Depois creárão-nos, crescêmos e o paizinho mandou-nos tratár da vida e cá viémos. Eu primeiro, como vinha com aquélas ideias, tive um convento; ôje, como vê, estou civilizádo, vou montar uma estação. Aí o meu coléga — outra ova de S. Bento — meteu-se na politica e é o empreiteiro dos negócios públicos. E temos mais irmãos — Outro seguiu a devoção, endireita óssos, concerta pernas, e olhe que se arranja bem — é o da Porta Aberta.

Não avia dúvidas já para mim que cruzáva de novo a pérna no meu banco de pédra, não sei onde.

Estava metido entre o parlamento e a estação central. S. Bento do Porto e S. Bento de Lisboa — dois pólos da vida nacional. Um é o embarque para os espáços largos, o outro o dezembarque para os postos altos; num ajita-se com o lenço aos que partem, noutro com a campainha aos que bérrão; em S. Bento, no Porto, tira-se o chapeu e pôi-se o barrête, em S. Bento, de Lisboa, tira-se o chapeu e levanta-se a sessão. Aqui, ao chegares, désces as málas, ali, ao entrares, sóbes as metáforas. No Porto, em S. Bento, é-se passajeiro ou carregadôr, em Lisboa, em S. Bento, é-se deputado ou pretendente. Ali comprão-se bilhêtes e despácha-se bagajem; aqui mércão-se vótos e despáchão-se afilhádos. Ali é o cáis da liberdade para os que contentes tómão o comboio que os transporte ao sonho dos orizontes, á belêza das terras, das cidades novas, ao pitorêsco dos caminhos, aqui é a boia da indolencia a que se amárrão com força as cascas de nóz que ámanhã, inchando mais, serão o ôco triufante dentro duma farda bordada.

Acordei, a manhã estava linda. Sai a rua estava frêsca.

Aí tens tu o rezultado do banho — uma *imajinite* endiabrada, agravádа com a istória do mosteiro de S. Bento que eu lêra na véspera. Vai o abráço rijo para te amparar na quéda, pois, se chegástes ao fim, estás decerto a cair com sôno. S. Bento te protéja.

Adeus.

Teu

Manoel de Sousa Pinto.

Lisboa, 1904. Outubro, 3.

Roque Gameiro

Passou ontem por Coimbra o ilústre aguarelista Roque Gameiro, que, como dissémos num dos números anteriôres, anda colhendo documentos para a isjória do costume em Portugal na primeira metade do século XIX.

A istória do costume é das mais dificeis de fazêr pelo caráter fugás dos documentos que se modificão e dezaparécem com a moda.

Roque Rameiro poude ainda encontrar exempláres bem conservados de algumas partes dos costumes, e entre êles dois enormes chapéos na rejião de Aveiro.

Costumes completos é porém raro encontrar.

Ainda á 40 ânos a taréfa seria relativamente facil. Oje é quazi que impossivel.

As gravúras e litografias que existem desta época e que são na sua maior parte inglêzas fôrão feitas simplesmente sob o ponto de vista pitorêsco, e muitas vêzes alteradas pelo gravadôr ou litógrafo.

O sr. Anibal Fernandes Tomás, o ilústre bibliógrafo, sempre dispôsto a pôr a sua livraria ao alcance dos que trabálhão, enviou para Coimbra ao sr. dr. Teixeira de Carvalho as coléções de estampas e os livros que possúe, alguns dos quais são de primeira raridade.

Roque Gameiro demorou-se em Coimbra apenas o tempo de consultar os documentos fornecidos pelo sr. Anibal Fernandes Tomás, e de tomar apontamentos de alguns exempláres de aguarélas orijinais dos costumes de Coimbra da coléção do sr. dr. Teixeira de Carvalho.

Essa interessante coléção de aguarélas, em que os costumes são minuciózamente detalhados, com a injenuidade dum dezenhista principiante, encerra, por isso mesmo, documentos preciózos pela fidelidade e pelo detalhe.

Faleceu ante ontem o sr. Augusto Rodrigues d'Oliveira Palhinha, acreditado negociante do Largo da Portajem.

No sul de Angola

Paréce, segundo o sr. ministro da marinha declarou na camara dos deputádos, que as nossas ármas sofrêrão um revês na campánha á pouco encetada contra os cuanhamas.

O nosso patriotismo manda-nos por emquanto, esperar para em tempo, pedirmos contas a quem tenha a responsabilidade do dezástre se alguem a tivér.

A campanha contra os cuanhamas é superiôrmênte dirijida pelo governadôr jerál d'Angóla, Custódio Bórja que não conhecêmos senão pelo *aiunt*, que confessâmos não lhe á muito favorável. A coluna d'operaçõis é comandáda pelo capitão d'enjenharia João Maria de d'Aguiar.

Este oficiál que foi um laureádo estudante da nossa Universidade e onésto governadôr do districto de Mossamedes, estará á altura da missão que dezempênha?

A' comissõis para que não basta a intelijência, a bondáde e a bôa vontade.

O dezástre paréce ter sido de bastante gravidáde, pois num destacamênto de 499 ómens perdêrão-se 254, sendo dêstes 15 oficiais e 13 sarjêntos.

O destacamento paréce têr sido colhido numa emboscada! Era commandada pelo capitão d'artilheria Pinto d'Almeida?

Foi descurado o serviço de segurânça?

Marchava ou estacionava?

Estava já além do Cunéne?

São interrogaçõis estas a que o tempo se encarregará de responder.

O Cuanhama fica no sul d'Angóla, cercado a norte pelos terrenos do Vancala, a sul pelas possessõis allemãs, a léste pelo Cafima e a óéste pelas duas Banjas e o Comato.

E' na márjem direita do rio Cunelai, que se encontra a Emballa, rezidência do chéfe dos cuanhamas chamado Julo, que não é qualquer pretalhás embrutecido pela cachâça, mas sim um ómem no vigôr da vida, civilizádo, falándo o inglês e o alemão, montando admiravélmênte a caválo e tratando se com muitos dos requintes da educação europeia.

As incursões dos cuanhamas são muito antigas e vão até ás cercanias dos fortes de Cassinga, Maria Pia e Princêsa Amelia nas Ganguélas, entre os rios Cubango e Cunéne, estendendo-se mesmo, até ás proximidades de Caconda, já a poente d'aquêle rio.

Seria agora a oportunidade de empreêndêr a campanha?

No interiôr já déve chovêr dêsde o principio de setêmbro, embóra os rios ainda pouco encham e nem tresbordem senão para os fins de Dezêmbro.

Quem estudou e determinou a campanha tem de certo o colár da sociedade de geographia.

Pois se até o Pequito o tem... Nos não o temos.

Trasladação

Para o jazigo que o sr. Antonio Maria Pinto mandou á pouco erijir no cemiterio da Conchada, fôrão trasladados, na passada segunda feira, os restos mortáis de um seu filhinho, de sua cunhada a sr.ª D. Guilhermina da Conceição Santos e de sua sobrinha Leonôr, espôza e filha do sr. Virjílio dos Santos.

Ponte de Ceira

Vão ser autorizadas óbras na ponte de Ceira que ameaçáva ruina próxima.

A ponte é das mais concorridas das povoaçõis dos arredóres da cidade e tinha pôdre e quazi completamente inutilizada a maior parte do travejamento.

O pavimento de madeira estava tambem rôto e mal remendado pedindo a refórma que felismente se lhe vai dar.

Literatúra e Árte

Ainda está semana será posto á venda pela Livraria Classica Editôra de Lisboa o livro — *Critica e fantasia* — de Olavo Bilac o fino e delicado poeta que num livro de próza dá um encanto novo ás coizas ainda as mais conhecidas do Brazil.

A' amabilidade do editôr devemos o poder dar este excerto antes da publicação do livro.

I

Marilia

Em Ouro Prêto.

A caminho da Vila Rica de outras éras, que é ôje um montão de ruinas, parei nas Lajes, em um sítio que demora a cavaleiro do antigo bairro de Antonio Dias, e de onde a vista, depois de abranjêr tôdo um imenso amfiteátro de montanhas vêrdes, quêdas, repouzadas e amorozas, no vále ri ônho que a jente do bandeirante de Taubaté povoou á dois séculos. Sôbre uma pedra, quanto tempo fiquei a vê-las, — as colinas amadas das muzas, por onde, como um rebanho, pascêrão os versos apaixonados de Dirceu, ao dôce clarão dos olhos da sua Marilia!...

Era por uma tarde enevoada e fria.

Um vento cortante assobiava; rodávão nuvens escuras no ar. E uma tristêza cobria tudo.

Por detrás de mim, a escarpa do mórro subia, aspérrima, pontuada de pedrouços ferrujentos. Em cima, ê se monte é um como sepulchro do passado, o Campo Santo de uma jeração de aventureiros ouzados: cobrem no muralhas derrocadas, restos de cazas nobres, alicerces sôbre os quais duas juntas de bois podem passar á vontade; e, já do ponto em que eu estava, alcançávão meus olhos, no alto, na lombada da serra, massas informes de ruinas. E, abrindo se aos flancos da montanha, como feridas profundas, buracos enormes apareciam, assignalando os logáres em que a picarêta e a polvora dos exploradôres sondaram as entranhas da terra, em busca de ouro.

Á minha frente, uma paizajem rude se dezenrolava, erriçada de colinas, atopetáda de rochas, fechada ao fundo pelo Itacolomi cujo pico se encarapuçáva de névoas.

Á direita, os dois maiores edificios de Ouro Prêto levantavam a sua construção formidável, — a cadeia e o palacio do Govêrno.

Á esquêrda, o Alto da Crus. No pincaro, a grande crus protetôra da cidade abria sôbre éla os bráços nêgros, como a abençoal-a; e em torno d'aquêle cume izolado qualquer couza invizivel pairava, um como recolhimênto da naturêza; a mesma nevoa do céo n'aquêle ponto se adelgaçáva, franjando-se, rasgando no seu manto párdo uma nêsga azul em que se emoldurava o simbolo solitário.

E, por tôda a parte, de um e de outro lado, umas mais perto do céo, dominando o bairro tôdo, outras encastoadas humildemente no concavo fundo do vale as igrêjas alvejávão.

Era, primeiro, Santa Ifijénia; em seu adro, antigamente, os nêgros, cujo trabalho se capitava nas minas de el-rei á razão de quatro e três oitavas de ouro por cabêça, vinhão dançar ao som confuzo dos cachambús e dos chique-chiques, a *congada* selvajem. Era, depois, Mercês de Antonio Dias; depois, S. Francisco, de largas tribunas rasgadas para fóra, e fachada em que esplendem as esculturas do *Aleijadinho*, em pedra sabão; depois, a Matris de Antonio Dias, o Carmo, e, já meio encobertas, deixando apênas vêr as tôrres alcantiladas, S. Jozé e Mercês de Ouro Prêto.

Dos meus pés, numa descida abruta, cheia de blócos de montanhas destacados de cima, até achar ao fundo as primeiras cazas do bairro secular.

No último plano, mais escondida, mais umilde do que tôdas as igrêjas, uma capelinha inacabada aparecia ao fundo de um cemitério pequenino: Nossa Senhôra das Dôres. São as economias dos prêzos que vão pouco a pouco, com difficuldade e fé, custeando a construção daquêle cemitério, em que, izolados na morte como durante a vida, os corpos dos sentenciados repouzão no seio mizericordiôzo da terra, que, para acolhê los carinhózamente, não quer sabêr se os seus crimes a manchárão...

Por fim, as ruas de Antonio Dias, tortuozas, estreitas, rasgadas e edificadas ao cazo, á proporção que as correntes colonizadôras afluião á povoação fundada pelo chefe da bandeira paulista. Vistas de cima, algumas cazas que se sustêem a custo, pequênas, com o arcabouço roído aparecendo no desmantelamento do barro esburacado, — parecem, descendo juntas e invalidas as ladeiras, uma procissão déssas velhinhas trôpegas e trémulas, que as romarias atráem aos adros, em dias de festa, dando-se amparo mutuo, na solidariedade do infortunio e do mêdo das quedas...

E foi quando tôda a minh'alma estava cheia das lembranças de outro tempo, deante daquêles despójos de que um cheiro de sepultura saia, — que vi pela primeira vês a caza em que morou a Marilia de Dirceu, e em cujas janelas o seu vulto, na brancura ofuscante das madrugadas nevoentas ou ao esplendôr sanguineo dos ocazos de fôgo, costumava mostrar-se de lonje aos olhos apaixonados do Ouvidôr-poeta, a quem a paixão obrigava a trocar a toga soléne de juis pela túnica de pano grôsso de um pastôr da Arcadia.

Caza nobre, que emerge de entre as vizinhas quazi como um palacio, ôje toda azul, olhando para o bairro de Ouro Preto por oito janelas, — foi néla que D. Dorotéa de Seixas apareceu pela primeira vês ao poeta, e néla que a Muza, emquanto o seu cantôr no degrêdo barbaro enlouquecia e morria, viveu, monotonamente, até os oitenta e quatro ânos.

Ainda quando o inconfidente encarcerado alimentava a esperança de que a tirania o restituisse á liberdade, n'aquéla casa tranquila, ôje toda azul, de oito janélas rasgadas para o bairro de Ouro Preto, é que devem ter chegado aos olhos lacrimozos de Marilia os versos em que o poeta cristalizava os seus desejos e a sua confiança aluzória nas justiças de Maria a Louca. As mesmas colinas que ouvirão as eglogas do pastôr da Arcadia Mineira repetidas pela vós da sua Musa, devem ter ouvido por essa mêsma vós repetidas as rimas doloridas, de anceio e de amôr, com que Dirceu arquitetáva no sônho um futuro que não veio:

«Aí minha béla! se a fortuna volta,
Se o bem que já perdi, alcanço e provo,
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascêr um ómem novo:
Romper a nuvem que os meus olhos cerra,
Amar a Deus no céo e ati na terra...
Nas noites de verão nos sentaremos,
Com os filhos, se os tivermos, á fogueira;
Entre as falsas istorias que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira...
Pasmados te ouvirão: e eu, entretanto,
Ainda os olhos banharei de pranto...»

Em um de seus livros, Lopes de Mendonça, falando incidêntemente de Gonzaga, revolta-se contra a apatia em que D. Maria Joaquina Dorotéa de Seixas se deixou envelhecer burguêsmente até á caducidade, na sua caza de Vila Rica.

A alma de Lopes de Mendonça, tomada de orrôr deante dêsse envelhecimento pacáto, se rebéla contra o espétáculo da decrepitude da Muza, de face enjelháda, boceta de rapé em punho, babando-se toda de gosto ao revêr-se nos nétos, batendo chinélas pela cáza triste, e arrastando através déssa vida sem poezia os seus achaques, as suas saudades e o seu tedio.

Na trajédia de Shakespeare, Hamlet, fóra de si, pergunta a Laertes, que se desgrenha em contorsõis trajicas e lamentaçõis rétoricas á beira da sepultura da formóza Ofelia: «Que mais queres tu fazêr, ipocrita, para ostentar o teu dezespero? queres arrojar-te do alto do Ossa? queres engulir um crocodilo?»

Naturalmente, o autôr das *Recordações da Italia* não desgostaria de vêr a Marilia, dezesperada pelo apartamênto do seu cantôr, cometêr um dêsses átos de prodijióza superexcitação. Queria o escritôr português que D. Dorotéa de Seixas se precipitasse, como uma Safo, na cascata do Tombadouro? que tragásse alucinadamente um *caitetú* vivo? que, com o volume das *Liras* na mão, se despenhasse do pincaro do Itacolomi?

A mim, confésso, deixão-me sem entuziásmo todas éssas possiveis soluçõis estardalhaçantes para aquêle idilio. Mais que o espetáculo de um fim trájico qualquer, — o suicidio da Muza ou a sua mórte fulminantemênte causada pela dôr da despedida — encanta-me êsse modo, umano e sinjelo, porque Marilia se deixou morrêr na sua caza engastada no fundo do vale, vendo, pelas colinas que a cercavão, a descida dos rebanhos brancos qoe a sanfonina pastoril do seu Gonzaga celebrara.

Um certo misterio cérca ainda ôje a istória dêsses amôres. O que paréce

provado é que êles não forão uma dêsas paixões que alucinão quando se não satisfazem, e em que a alma entra de parceria com a carne, ambas anciosas, ambas exijêntes, ambas umanamente excitadas.

Ainda nos mais apaixonádos versos de Gonzága, não palpita éssa febre, éssa ancia de gozo e de pósse, nem aparéce uma nóta qualquer capás de provar que uma aproximação de sexos tenha naturalmente consagrado o idilio encantador a que a nossa poezia deve tantas pajinas deliciosas.

Para o poeta que, depois de ouvidas as partes cujos interésses pendião do seu juizo, se desbruçava á janela devaneando deante da naturêza,—Marília era apenas, talvês, a figura encarregada de dar a nóta umana á paizajem arrebatadôra. Quando se lêem os versos de Gonzaga, nóta-se que o que quazi ecluzivamente os inspira é a beleza do campo, a serenidade da vida rustica, a bemaventurança suprêma da existencia ao ar livre, mais perto de Deus porque mais perto das couzas e dos costumes simples.

Aqui, é uma ave que o filho aquece entre as azas. Ali, uma vacca que o novilho tenro lambe e afága. Mais lonje, árvores que bracejão sacudindo o orvalho que as molha. Adeante, escravos que cércão o rio, cavão a terra, colhem no fundo da bateia o cascalho rico em que o ouro vivo fulgura; capoeiras ainda novas que se queimão, ardendo nas quebradas; terras que se adubão, misturadas com cinzas, á espera dos grãos; caçadas alegres em que a vara envisgada espera o passaro incauto; pescarias á óra da sesta; e campos cheios de papoulas, e cêrcas emaranhádas de rósas silvestres, e pedras d'onde salta a rama bruta das gamaleiras robustas... Tudo isso não seria umano, não cantaria com tanta vida, não se abrazaria em tanta lús, se uma figura de mulher não pairásse sobre o canto, se um pouco de amôr não viésse dár um pouco de perfume novo de poezia ás descrições.

Olavo Bilac.

Banda do 23

Oje das 5 ás 7 da tarde, a banda do 23 executará no corêto do cais o programa seguinte:

1.ª párte

Passo ordinario.
El Cabo 1.º, Zarzuéla—Cabalêro
Cantiga ao desafio, da op. *Serrana*—Alfredo Keil.
Os Ursos, polka caracteristica—Galiano.
Uma noite em Venéza, pout pourri—Strauss.

2.ª párte

Marcha de la Zarzuéla Jigantes e Cabezudos—Cabalêro,
Pout pourri da Zarzuéla, El anilo de iérro—Marqués.
Roulette, polka—Becúci.
Ino nacional.

MANOEL DE SOUSA PINTO

A UNICA VERDADE

Drama em 2 átos

CAMPEONATO DE TIRO

O programa elaborádo pela União dos atiradôres civis portuguêzes e aprovádo pela Direcção Jerál dos Serviços de Infanteria, para disputa da *Taça D. Carlos 1.º*, instituida pela revista *Tiro e Spórt*, concurso, a que ultimamente nos referimos é feito nas seguintes

CONDIÇÕIS

O Campeonato terá logár anualmente (no último domingo de outubro no corrente áno na Carreira de tiro da guarnição de Lisboa, em Pedrouços) e pódem concorrêr todos os atiradôres matriculádos nas carreiras de tiro do país.

Arma—Espingarda ou carabina de qualquêr modêlo adotádo no exército.

Numero de tiros—50.

Alvos—Alvo de zônas circuláres de 0,m15, 0,m30, 0m.45, 0m,60, 0m,75, 0m,90, 1m,05 e 1m,20 de diametro valendo respétivamente 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2 e 1 pontos.

Alvo elétrico, figura de joélhos, dividido em 4 zônas, valendo 4, 3, 2 e 1.

Posição—Para o alvo de zônas circuláres, 10 tiros de pé, a bráços; 10 tiros de joêlhos; 10 tiros á vontade.

Para o alvo elétrico 20 tiros á vontade.

Distancias—Do alvo de zônas circuláres 300 métros. Do alvo elétrico 250 métros.

Classificação—Pelo maior número de pontos obtidos. 1.ª preferencia: o maior número de pontos obtidos em fôgo de pé; 2.ª preferencia: o maior número de pontos obtidos em fôgo de joélhos; 3.ª preferencia: o maior número de bálas acertádas.

Inscrição: 2$500 réis, munições não compreendidas.

PREMIOS

Taça de Onra D. Carlos I

Que ficará propriedade do atiradôr que a vencêr três vêzes, medalha de ouro e Inscrição do dôme do vencedôr na referida Taça.

10 MEDALHAS, sendo 4 de *prata* e 6 de *bronze*.

Estas medálhas terão no vérso a inscrição d'ordem e o âno do *Campeonáto*, e serão acompanhádas do respétivo certificádo.

O *Campeonáto* no corrente âno será no último domingo de Outubro; a classificação será aprezentáda no primeiro domingo de Novembro e a entrêga dos prémios no domingo imediáto, salvo se S. M. El Rei, dignando-se distribui-los, dezignar dia.

Aprovádos em sessão do Conselho Jerente de 29 de Agôsto de 1904.

O Secretário,
Eduardo de Noronha.

Aprovádo pela Diréção Jerál dos Serviços d'Infantaria.

União dos Atiradôres Civis Portuguêzes

Tornetos de outubro, em armonia com o programa aprovádo pela Diréção Jerál dos Serviços d'Infantaria em 7 de Janeiro de 1904.

Realizaveis na Carreira de tiro da guarnição de Lisboa, em Pedrouços, em todos os domingos de outubro, das 12 ás 3 óras da tarde, podendo concorrêr todos os atiradôres matriculádos nas carreiras de tiro do país.

CONDIÇÕIS

Alvo Portugal

Alvo de zônas circuláres de 0,20, 0,40, 0,60, 0,80, 1,0 e 1,20 de diametro, valendo respétivamente 6, 5, 4, 3, 2 e 1 pontos.

Arma—Espingarda de 8mm K^{m}/86. *Distancia* 300m. *Posição* á vontade. *Número de tiros* 10.

Classificação: Por clásses e pelo maior número de pontos obtidos por cada atiradôr; 1.ª preferencia: o maior número de bálas; 2.ª preferencia: sêr sócio da União. Dezempate por um tiro e em cazo de novo empate por outro tiro.

Alvo Lisboa

(ELECTRICO)

Figúra de joélhos, dividida em zônas valendo 1, 2, 3 e 4 pontos. Para todos os atiradôres sem distinção de classe.

Arma—Espingarda ou carabina de qualquêr modêlo de guerra. *Distancia*, 250m. *Número de tiros*. Até 10 séries de 10 tiros cada uma.

Classificação: Pelas 3 melhóres séries de cada atiradôr, avaliadas em pontos. 1.ª preferencia pelo maior número de séries feitas; 2.ª preferencia: pelo maior número de pontos obtidos em todas as séries.

PREMIOS

Para o alvo de zônas circulares

Para atiradôres de 1.ª clásse: réis 30$000 e 70 % a dividir proporcionalmente por 10 % dos inscritos. Medálhas com diplômas na proporção de 1 1/10.

Para atiradôres de 2.ª clásse: réis 20$000 e 70 % da inscrição a dividir proporcionalmente por 10 % dos inscritos.

Para a 3.ª clásse: 10$000 réis e 70 da inscrição, idem.

Para o alvo elétrico

3 prémios de 5$000 réis ás melhóres séries de 38 pontos; 6 ditos de réis 3$000 ás séries de imediatamente inferiôres; 12 ditos de 1$500 réis ás melhores séries de 30 pontos.

CONDIÇÕIS JERAIS

Inscrição para os torneios do alvo de zônas circulares: 500 réis. Gratuita para socios da União.

Idem para os torneios ao alvo elétrico: 500 réis cada minúta. Socios da União 100 réis.

Munições. A' custa dos atiradôres.

Aprovádo em sessão do Conselho Jerente, de 28 de Julho de 1904.

O Secretario,
Eduardo de Noronha.

Aprovádo pela Diréção Jerál dos serviços d'infantaria.

TEIXEIRA DE PASCOAES

Para a lús

FIGUEIRINHAS JUNIOR
Livraria editóra—Lisbôa

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias—Publicação semanal

Diretóra: D. LEONOR MALDONADO

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e colloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras de bordados, 1$300 réis

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Echo de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada*, a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor—Antiga Casa Bertrand José Bastos—rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

Vv. Ex.as quérem vestir bem?
Quérem vestir economicamente?
Quérem vestir como estando em Paris?

É assinár a *Móda Universal* que apênas custa 480 réis, por âno, quantia que déve sêr remetida para a Ajencia Nacional, rua Aurea, 178, Lisbôa.

A *Móda Universal* referida a Setembro trás numerozas gravuras na fórma do costumo, tôdas élas de novidade, o que não é milagre, e de utilidade, o que é máis ráro.

Têmos presente o número de que estamos falando e por isso continuamos de assombro, por vêr que se póde vendêr por dois vintens 8 pájinas cheias de figurinos vários.

Do número que se trata rezulta que vái operar-se uma revolução completa nas mangas das nossas muito gentis leitôras.

Não esquecêr que a importancia da assinatura póde sêr remetida em estampilhas, ou vale de correio.

TEIXEIRA DE PASCHOAES

Jesus e Pan

PREÇO 400 REIS

Pedidos á livraria editora de José Figueirinhas Junior—Rua das Oliveiras 75—Porto.

O producto deste livro reverterá a favor duma *Assistencia de creanças doentes* que se vae fundar em Amarante.

ANUNCIOS

Nova loja de sola e cabedais

Os proprietários désta lója pédem a todos os artistas de Coimbra, nêste jénero, que vizitem o seu estabelecimênto, sito na rua dos Sapateiros, 7 á 11, onde encontrarão completo sortido, em sola, tanto como em cabedais.

DE 3 A 4 CONTOS

Compra-se propriedade rustica ou urbana até êste prêço, desde que seja bem localizáda, e tenha bom rendimênto garantido, ou se emprestão sôbre ipotéca bem garantida.

Carta á administração dêste jornal com as iniciais A. B. C.

GUARDA SOL

Entrêga se um a quem provar pertencer lhe. Foi encontrado no dia 25 do corrente, no trafnway que sai de Coimbra ás 6 da manhã para a Figueira.

Nésta redação se dis.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua do Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

JARDINEIRO

MANUEL CALDEIRA, de 37 annos de edade, de Sernache dos Alhos, ofere-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nésta cidáde ou imediações.

Tem longa pratica daquêle serviço, pois estêve durante 16 ânos, efétivos, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr póde procura-lo de Sernache dos Alhos.

MARCELINO MESQUITA

LEONOR TELES

(ROMANCE HISTÓRICO)

Grande edição de luxo profuzamente ilustráda com gravuras de pájina a 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impréssa em magnifico papél.

Cadernêta semanal de 24 páginas e 1 crómo ou 32 pájinas de têxto—60 réis.—Tômo mensal, 320 réis.

Brinde a tôdos os srs. assignantes—Um exemplár grátis a quem enviár a importancia de 10 cadernêtas, tômos ou volúmes.

Em publicação na

A EDITORA, *largo Conde Barão, 60*
Lisboa

(46) Folhetim da "REZISTENCIA,,

O EXCOMUNGÁDO

XIV

O campo dos boémios

Por todos os lados se vião o pótes a brilhar no meio de grupos sem numero; a caça fumegáva á lús dos archótes, e o lar atuáva para o céo uma colúna de chámas crepitantes e alégres; tudo revelava o projéto duma orjia dezenfreáda.

O barão deixou se dezarmar para ficar mais á vontáde; depois, tendo calçádo chinélas brilhantes de lantejoulas, embrulhou-se num amplo *cafetan* e estendeu-se alégremente junto do seu ospedeiro, na primeira esteira que encontrou debaixo dos pés.

Emquanto satisfazia um apetite digno das primeiras edades, o barão deitáva os ólhos em vólta e parecia preocupádo; Jehan percebeu isso mesmo, e o seu sorrizo maliciózo quázi que atrapalhou o barão que sentia, sem talvês o confessar, que a sua curiozidade não era inocente; durante algum tempo retêve uma pergunta que estáva préstes a escapár lhe; mas, pouco abituádo a combatêr as suas impressões, perguntou a Rechin, num tom que forcejou por tornar indiferente, se a fáda ou o gnomo, que lhe servira de guia, tardaria muito tempo ainda a saír da terra, ou a caír das nuvens.

Ao acabar de dizer estas palávras ergueu a cabêça para Rechin; mas não poude ouvir a respósta do chéfe nem vêr a expressão sardónica que animou naquêle momento o seu rôstode cóbre; porque duas mãos, que os seus sentidos reconhecêrão, se baixárão de repente sôbre os seus ólhos, e uma vós femínina lhe murmurou ao ouvido:

—Adivinha!

Ombert adivinhou sem dúvida, porque não poude falár. Quando abriu os ólhos, Réchin tinha dezaparecido: no seu logar, estáva, de pé, num embaráço graciózo, uma creatúra em que reconheceu o tálhe da rapariga que tinha libertádo e o perfil do rapás, que lhe servira de guia; mas naquêle momento se decipára toda a indicizão e Ombert contempláva uma muohér.

A boémia infeitára-se com o que tinha de mais preciózo e de mais ráro. Os seus cabêlos compridos estávão ornados com uma infinidáde de moédas de todos os tempos e de todos os paizes, que soávão á volta da sua cabêça; pérolas, pédras preciózas, grãos d'ambár, fios de corál brilhávão no meio das suas tranças prêtas; uma grande safira deitáva reflêxos sombrios no meio da tésta dêla, o tronco era estreitádo por um colête de setim azul, bordádo a práta; um vestido largo e comprido de cachemira, fazenda desconhecida então na Europa, rodeáva as suas âncas nevózas, e, abrindo-se na extremidáde do colête, deixáva vêr as pérnas finas e redondas, envolvidas por um calção de sêda branca, riscáda de azul; o cólo, o peito, os ombros e os pés estávão núa e a péle escura parecia não sentir impressão alguma com o ar da noite.

Cruzou as pérnas, e assentou-se á móda dos orientais, córando de prazêr sob os olháres que lhe deitáva Ombert; falou e mostrou os dentes nêgros e luzidios como vidrilhos; a bôca exaláva o perfúme do benjoim.

Ombert não se admirou de coiza alguma; são assim, pensava, os uzos da Boémia.

—Châmo-me Zêa, disse a rapariga, nasci á trêze ânos nésta florésta, minha mãi está enterráda debaixo de um carrasqueiro de quátro ânos; fis-lhe um sinál na cásca. Uma filha da Boémia não conhéce o pai; mas áchão que eu me parêço com o chéfe, e sintoqu e o amo, como amáva minha mãi. Tu és Ombert; na tua tribu châmão-te barão, o que quér dizêr chéfe e filho de chéfe; só tens uma mulhér, não te âma e tu âma-la porque é branca; eu âmo te, e tu não me achas; porque eu sou trigueira. Assim é a vida. Assim m'o ensinou minha mãi.

Ao pronunciar estas palávras, Zêa deitou para os bráços polidos e para o ombro doirádo um olhar que levantou lógo com garridice para Ombert; mas avia despertádo recordações cuja fôrça ignoráva.

Os ólhos de Ombert tinhão-se enchido de lágrimas, conservává-os baixos para encobrir sua fraquêza, e levává lentamente a comida á bôca, emquanto Zêa continuáva com o seu chilrear de creança.

De repente interrompeu a para lhe dizer:

—Zês, Réchin, que te falou de Catarina, disse-te porque éla me não amáva?

—Não, respondeu a boémia com doçura, mas adivinhei-o eu....

—Então?... disse Ombert com ternura pegándo-lhe na mão.

Lêa pensou um instante e disse, olhando para êle:

—De dia os teus ólhos procúrão os déla, e de noite os teus lábios não espérão pelos seus.... Ao pé déla. suspiras como a rôla nos bósques, e jémes como os mortais que têem ferido o coração.... Quando o seu olhar pouza sobre ti, sentes-te comovido até ao intimo, e a tremúra da tua vós, denuncia a perturbação do teu coração.... Quando lhe fálas, páras ás vezes de repente, e trémes com mêdo de lhe têres dezagradádo.... Aqui está porque éla te não âma.

Estas palávras érão acompanhádas duma pantomina tão tocante, e a boémia, ao dizê las, atribuía tanto a éla todo o mal que censuráva a Ombert, que êste, vencido por aquêle testimunho enjenhózo duma ternúra umilde e submetida, não quis dar-lhe a ingratidão com que tinha sido paga a sua; conhecia muito bem os tormentos do amôr desprezádo para querer cauzalos, e, cedendo aos movimentos impetuózos do coração, julgou que obedecia só ás inspirações da piedáde.

—Não! exclamou puxando a boémia para o peito, não quéro acreditar no que tu dizes! Não, querida filha, coração nóbre não póde ser insensivel a tanta paixão. Deixa-me crêr que o amôr atrai o amôr, e deixa-me provár-to.

Emquanto assim faláva, apertáva Zêa contra o peito; mas, antes que os lábios podéssem roçar pelas da boémia, esta, escorregando como uma cóbra entre seus bráços, deu um salto por cima da cabêça dêle.

(Continúa.)

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influeza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jeuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental — S. Lazaro — Porto.

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Oficial de relojoeiro

Preciza-se dum, na relojoaria Araujo. Rua do Visconde da Luz — Coimbra.

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Téte d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saueisses. Pudings de diversas qualidades, visto samente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos** e **licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — Rua Ferreira Borges — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómem e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estranjeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanélas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Luz — 103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestações e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONOGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande coléção de cilindros, com lindas óperas, canconetas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazênão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.os 34 e 35. —Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Água da Curía (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curía não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 reis

Deposito em Coimbra — **PHARMACIA DONATO**

4, Rua Ferreira Borges, 6

GUÍA PRÁTICO

DE

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDÁDE

COMERCIÁL, BANCÁRIA, AGRÍCOLA E FABRIL

Pelo professôr e perito comerciál **Joaquim Enríques da Silveira Pássos**

Diplomádo pela Escóla do Comércio de Lisboa

No dia 1 do corrente mês de Setembro começou a publicação semanal, em fascículos, désta importante e útil óbra, destinada a abilitár, sem auxílio doutros estúdos e **sem méstre,** a organizar, seguir ou balançar a escrituração de qualquér cáza comerciál, bancária, agrícola ou industrial, a exercêr ábilmênte qualquér logár de carteira e a concorrêr com a precíza abilitação aos concúrsos de bancos e repartições públicas.

O *Guia prático* ensina a rezolvêr cêrca de mil problêmas vários sôbre escrituração e contabilidáde e é dividido em dois volumes.

1.º volume — Cálculo

Compreênde o ensino prático das operações sôbre: Números inteiros, decimais, quebrádos, compléxos, elevação a potencias, extráção de raízes, divizibilidáde, sistêma métrico, régras de três símples e compóstas, régra de conjunta, régras de companhia, de liga, de avarias, percentájens, juros, descontos, prázo médio, juros reciprocos ou juros de contas correntes pelos métodos diréto, indirécto e amortizações, câmbios, juros compóstos, anuidádes, fundos públicos, papeis de crédito de arbitrájens.

2.º volume — Escrituração

Compreênde cinco modêlos completos com tôdos os livros principais e auxiliares, sendo tôdos os problêmas acompanhados das mais cláras e precizas explicações: 1.º modêlo, uma escrita pelo sistêma de partidas sinjélas; 2.º, uma escrita duma cáza comercial, contendo oito mêzes de operações divérsas pelo sistêma de partidas dobrádas, com três balanços; 3.º, uma escrita duma cáza de comissõis e consignações; 4.º, uma escrita duma indústria explorada por uma sociedáde anónima; 5 º, uma escrita agrícola.

Prêço de cada fasciculo em Lisbôa e na provincia 100 réis.

As assinatúras pódem ser feitas por bilhête postal dirijido á empreza da publicação désta óbra a Afonso d'Oliveira, rua do Arsenal, 108, ou ao ajênte em Coimbra — **Moura Márques** — LIVRARÍA.

PROGREDI ET PRODESSE

ADEGA REGIONAL DE ENTRE DOURO E LIZ

COIMBRA

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miudo

Installação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda a miudo (20 de abril de 1904)

Marcas	Garrafão de 5 litros	Garrafa de litro	Garrafa bordaleza
Tinto GRANADA	600	120	80
» CORAL	600	120	80
» AMETHYSTA	500	—	—
Branco AMBAR	660	—	100
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — *Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.*

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12 — Rua da Moeda — 14

N.º 943 | COIMBRA — Domingo, 9 de outubro de 1904 | 10.º ANO

O CASTIGO

E' a palavra de passe da imprensa monarquica. Castiguem-se agora os cuanhamas e depois se apurarão responsabilidades. Depois, todos compreendem, após expedições dispendiózas, porque as vantajens que o nêgro alcançou farão lavrar a insurreição, quiçá ao retorno das tropas vitoriózas, só mos de triunfo e discursos pompózos, vazios e sonóros, soarão na rua e na tribuna. E do dezastre inicial, e dos dezastres provaveis, não curão os politicos. Do primeiro, porque os mortos, mortos são, dos segundos, porque *prever* não faz parte da bagajem dos nossos estadistas.

Sejamos serenos. Sufoque-se momentaneamente a amargura, o travor de fel que os sucessos d'Africa fazem subir á garganta e discutamos.

Na camara dos pares, segundo as *Novidades*, orgão governamental, Gorjão falou:

«A sórte não nos quis favorecêr no inicio da ocupação do país dos cuanhamas. Paciencia. E' bom tambem que nos abituémos aos azáres da guérra.»

Ainda bem que, a frio, lemos estes frazes, como friamente a camara as escutou sem se revoltar, sem indignaçóis, sem que escarrasse sôbre quem as proferiu! Justificar a derrota «para nos abituar aos azares da guerra» é uma idiotice de jénio, assombroza, se não fôra proferida sôbre um montão de cadaveres! Desde esse momento, torna-se dum odiózo infamissimo. Quem a proferiu não é nem póde ser um oficial do exército, não é nem póde ser um português, não é nem póde ser sequer um ómem.

Sim, é necessario um castigo que deve recair sobre o individuo que acha as carnificinas justificaveis «para nos abituar aos azares da guerra».

*

«Paciencia. A sorte não nos quís favorecer.» A esse dezonesto que só serve para cumplice de roubos ao Estado, não se lhe póde dizer, que um ómem de quem dependem as vidas de outros ómens, não é á sorte que confia os destinos deles. A sorte entra na equação que o estadista formúla ao organizar um empreendimento. Submete-se a calculos, ponderão-se as probabilidades.

Por certo que, na guerra, a imprevidencia dum comandante, o próprio arrojo doutro, uma ordem interceptada, dezenas de cauzas secundárias muitas vêzes impossiveis de superar, acarrétão um dezastre onde a vitória tinha, por seu lado, fortes probabilidades. Mas enviar 1:500 ou 1:800 ómens contra quarenta, 50:000 ou mais, e ficar-se depois a invocar o azar quando o rezultado inevitavel e necessario até para cégos é vizivel, só um ministro português e no parlamento português!

Desde janeiro dêste âno que a Alemanha se vê a braços com uma revolução que não póde dominar. Os revezes que a têem assoberbado na Damaralandia, proseguem. Da Alemanha viérão ordens terminantes para que Portugal combatêsse os povos fronteiriços á rejião em armas. Ordens terminantes, sim, por isso que ela está abituada a alterar leis portuguezas, votadas em cortes e sancionadas pelo chefe de Estado, como o sr. Dias Ferreira declarou em letra redonda, sem contestação.

Quando o ministro da marinha obedeceu, os papeis que sustentão o ministerio achárão boas razões para apoiar a chancelaria de Berlim. Então, sem que o ministro se importasse do que se passava na bacia do Cunene, organiza a expedição com o pequenissimo nucleo de verdadeira força e confiança de 700 europeus. Não rememorou sequer dezastres anteriores sofridos naquele distrito.

Já depois da expedição em marcha, o ministro recébe notícias de que os cuanhamas, numa incursão destemida em Cassinga, avião saqueado e devastado o que bem lhes aprouve, forçando a guarnição portugueza a refujiar-se no forte! Ele o sabia, êle o ocultou á imprensa, mas como êle professa que as derrotas são boas para nos abituar aos azares da guerra, ia sorrindo de contente, por ver que a sorte conduzia á chacina um punhado de ómens de corajem, enerjia e arrojo.

Esse calculo entrava nos seus planos providenciais. O que não se percebe, é a razão pela qual êle profere a palavra — paciencia! Paciencia para que o suportem mais tempo?...

«Não foi uma aventura, não. Foi uma coiza estudada» — refere ainda o *Diario de Noticias*, que o sr. Gorjão dissera. Por certo. Foi calculada a catastrofe. Tão estudada e tão calculada que o ministro telegrafou a perguntar se o jentio era belicozo e a quanto montávão as forças dos selvajens! Tão estudada que, essa primeira banalidade indispensavel — saber o numero aproximado do inimigo, o ministro o ignorava, ignóra-o ainda, o que não impede que êle, com a mesma consciencia do que dís e do que fás, afirma que não são precizas muitas mais tropas.

Á um governante que assim procede friamente, e quem a frio o escuta!

*

Urje, conseguintemente, o castigo que aqui, friamente tambem, reclamamos. Em nome da lojica apenas. Não apelamos, no lance, para os sentimentos da umanidade. Esse castigo deve recair sobre o ministro, fautor do dezastre. E já, já, afastá-lo do poder.

Porque esse imbecil continuará a dirijir, como até aqui governou. Amanhã, se as circumstancias o exijirem, 3 ou 4:000 portuguezes terão de partir para o campo da guerra. Com esse ministro, equivale a remete-los, como rezes ao açougue. Quando o país exije ómens para jogar a vida, eles acorrem prestes e decididos. Mas o que não póde continuar, é pôr essas vidas entre mãos dum governante que, reconhecida a sua incapacidade fundamental, não se peja de vir a público apresentar razóis que são um insulto á nação, e um escarneo para os mortos numa aventura ingloria, em proveito do estranjeiro.

De resto, a demora na publicação de todas as noticias relativas ao dezastre, é uma crueldade requintada. Acazo este Gorjão não terá filhos ou irmãos? O sentimento terá baixado, neste individuo, aos derradeiros estadios da animalidade? Estupido e mau? Então é completo.

Que sorte a deste Portugal, submetido a preversissimas bestas.

*

Ontem, num sobresalto dolorôzo, os relatos extensos dos jornais de Lisbôa érão lidos com sofreguidão. Interrogávão-se pela sorte dum amigo, dum parente. Avia azedume e lagrimas, e entre os rebates indignados pezava um acabrunhamento morno, depressivo.

E' qué se olhava para outras vidas, para outros sacrificios que a aventura vai custar, para os milhares de ómens que estão sujeitos á idiotia dum ministro sem cerébro, nem alma. E eis que ao finalizar a leitura das longas colunas referentes ao cazo num dos diarios de Lisboa, depara-se-nos um punhado de noticias em contraste com a anciedade doloroza da nação. E erão elas:

El-rei distraiu-se de manhã a cavalo, á tarde, de carruajem, e a bórdo do *yacht* Amelia.

A rainha andou pela manhã, á pesca na baia de Cascais, e á noite de carruajem, a apreciar tristezas.

O principe real e o infante D. Manuel jogárão ó *tennis* no paço da cidadela.

E a rainha viuva espaireceu no pinhal do sr. Moser «passeio muito do seu agrado» esclarece o jórnal.

...O castigo averá de parar no ministro, porque os outros são irresponsaveis... por letra da lei.

Natal

Têve um parto felis a sr.ª D. Rachél Teixeira de Queirós, mulher do nósso amigo dr. João de Barros e filha do nosso correligionário Teixeira de Queirós.

O filho de João de Barros começa onradamente a sua vida por não fazêr mentir a imprênsa, nem as vózes dos amigos: é forte e robusto sem favôr nenhum.

Parabens aos pais e aos avós.

Já se encontrão em Coimbra os nossos prezados correligionários srs. dr. Fausto de Quadros e Jozé Marques Bátista.

Recebêmos o 1.º numero d'*A Crítica*, semanario ilustrado, critico, sportivo, literario, teatral, noticiózo e annunciadór, que se publica em Lisboa.

Publica os retratos dos srs. Silva Graça, Albérto Béssa e Virjilio Soares.

Longa vida.

No sul de Angola

Na sessão da camara dos deputados, ô'ôntem, o sr. ministro da marinha comunicou novas noticias sobre o revês que as nossas tropas sofrêrão no Comato.

Tôda a colúna d'operaçóis tinha passado o rio Cunéne em 20 de setembro e o dezástre deu-se num destacamento que operava um reconhecimento ofensivo, o qual foi atacado de dia e não surpreendido de noite como a princípio se disse.

Ouve pois um combate em que o negro levou a melhor, custando-nos muitas vidas e perdas materiais, afóra o abalo moral de têr a colúna, que á poucos dias tinha atravessádo o Cunéne, de o reatravessár, derrotada em parte, para recolhêr ao Umbe.

A formação de combate que os nossos tomárão foi o quadrado, e uma das faces, não se sabe bem porquê, — pois a falta de muniçóis ou a sua economia tendo o destacamento levado todas as muniçóis da colúna, como disse o sr. ministro da marinha, não podia sêr, — carregou á baionêta inoportunamente, dando logar ao dezástre.

A sêr assim, peréce que ouve da parte da nossa fôrça um grande êrro de tática de combate, principalmente tendo-se realizado êste numa clareira coberta de *salalé* o que avia de embaraçar a carga, dando azo ao indijena para se cobrir.

Parece que uma nova fôrça foi destacada da coluna para socorrêr o destacamento, mas já chegou tarde, podendo apênas salvar alguns feridos.

A coluna retirou para o Humbe, passando o Cunéne sem novidade, o que não nos parece cazo para grandes louvôres, visto que os comatas a não perseguirão nem ela mêsmo os chegou a vêr,

Depois disto devêmos talvês concluir que a ocupação do Comato, por agora, é operação para pôr de parte; a época é má, pois as chuvas já principiárão e por uma fórma tal que o govêrno estêve sem notícias, por avaria nas linhas telegráficas.

Alem disso, como as pêrdas fôrão importantes, a coluna tem de se recompôr.

Pareceu-nos sempre que esta operação devia têr sido feita no alto *cacimbo* e não no tempo das chuvas.

Mas no meio de tudo isto, que papel reprezenta o governadór jeral de Angola, sr. Custodio Borja, jeneralissimo desta campanha que até mudou o seu quartel jeneral para Mossamedes, a Cintra da Africa?

Estará veraneando?

Á quem mêta a ridiculo o avêr entre os indijenas 5:000 espingardas aperfeiçoadas; e se á 5:000 ou só 500 não o sabêmos nós, mas que em tôdos os grupos de cuanhamas ou comatas que se encontrão lá por aquêles sitios se vêem algumas Martini-Henry ou Mauser, isso é que é verdade.

Mas afinal o que é que nós querêmos ocupár?

E' o Cuanhama ou o Comato?

Continuarêmos informando os nossos leitôres, nésta sécção, do que fôrmos sabêndo e em chegando os primeiros correios é que cértamente se ão de sabêr coizas bonitas.

Prometêmos acima de tudo, sêr patriótas; não explorarêmos o dezástre mas tambem não pouparêmos seja quem fôr que nêle tenha responsabilidádes.

NO DOURO

O TENENTE DE MELHUNDOS

A quinta onde ultimamente, no Douro, passei uns béos dias, pertenceu e foi cáza de rezidencia do tenente de Melhundos, guerrilheiro miguelista, que por ali fês das suas, e se tornou célebre. Era um ómem curiózo, e excêntrico, este tenente, de quem Camilo falou num romance, cujo nôme agóra me não recórdo.

Por várias vêzes, nêstes dias da minha estação em Melhundos, em noites de luar, e junto ao grande repucho do jardim, ouvi a uma santa senhôra, filha do afamádo guerrilheiro istórico, muitas istórias curiózas da vida de seu pai. Aí vão duas para dezenfastiar:

Quinze ânos estêve prêzo, nas cadeias da Relação do Pôrto, o tenente de Melhundos. Ora, uma vês, durante o seu cativeiro, foi a cadeia vizitáda pelo sr. D. Pêdro V. Depois de percorrêr várias sálas, D. Pêdro, chegou áquéla em que se encontráva o ferrenho e inconvertivel miguelista. Bórjes de Carváiho, o tenente de Melhundos, sentádo a um canto, nem olhou, nem se levantou.

Aproximou-se o rei, que sabia que se tratáva de um prêzo político, e batendo-lhe num ômbro, perguntou-lhe:

— *Porque estais aqui, bom vélho?*

— *Porque combati contra o govêrno de vóssa Mãi, Senhór.*

— *Pois bem. Sabeis que vos perdôo, e que dentro em bréve, saireis daqui.*

— *Nunca, Senhor, respondeu o vélho, receberei favores doutrem que não seja o meu Rei.*

— *Tomára eu têr seis amigos tão dedicádos como tu,* retorquiu-lhe então D. Pêdro, e entretanto disse a um dos dignatários que o acompanhávão, que tomásse nóta do nôme do vélho, para tratar-se da sua libertação.

Pouco tempo depois, um dia de manhã, entrou o carcereiro na sála, em que estáva o tenente de Melhundos, e anunciáva-lhe que lhe ia ser dáda a liberdáde, mas que antes de sair, avia de vir o barbeiro aparar-lhe as barbas, que á muitos ânos se não aparávão. Levantou-se o velho trémulo e irádo, tal qual o pai de D. Jaime de Aguilar, e furiózo investiu para o carcereiro, clamando:

— *Já daqui para fóra, biltre, e atrevido. As minhas barbas, estas barbas que já vão quazi no joêlho, nunca as cortarei; nem tu, nem ninguem (ouviste?), m'as cortará antes da vinda do meu Rei. Elas contárão os ânos que estive prêzo. E mais fiza sabendo que não saio daqui.*

Pegárão-se de razóis tenente e carcereiro, e dentro em bréve entrava na sála, para manter a ordem, o capitão da guarda.

Barafustante e impertigado, o capitão avançou para o prêzo, de espada dezembainhada, gritando-lhe:

— *Não queres que te cortem as barbas? Pois bem. Cortar-te-ei a cabéça.*

Soltou então o velho uma grande gargalhada, pareceu que um vento de felicidade, lhe passou pelo olhar, e palido, arrancando o colarinho e a gravata, e oferecendo a nevada cabêça, disse-lhe:

— *Assim, sim. Cortai m'a vilão, e qaanto antes.*

Escuzádo será dizêr-vos, que não lh'a cortárão, mas que lhe pespegárão em cima, mais tres ânos de prizão.

Agóra outra istória.

Saíra já da cadeia o tenente de Melhundos, e vivia livre, em Lisbôa, em caza de seu filho, o fallecido prior da Lapa.

Com êle estava então, um criado antigo, miguelista ferrenho tambem, e fiel companheiro de luta, que nunca o abandonára.

Todas as manhãs, o criado ia buscar a *Nação*, e ambos, patrão e criado, lião com o maior interésse a gazeta do seu partido.

Começárão a vir noticias da doença que depois victimou D. Miguel. Borges de Carvalho, lia e calava-se. Mas o criado, êsse lamentava-se, e pronunciava, dezanimado e triste, a morte proxima do seu rei. Quando o via assim, enfurecia se o tenente de Melhundos e dizia-lhe:

— *Bruto, três vêzes Bruto. O nosso rei não morre. Já te disse que não morre* (e tremia-lhe a vós). *Ainda o ás de vêr aqui......, aqui......*, e apontava-lhe para as cazas da cidade,

Um dia o vélho criado demorou se mais, e quando voltou trazia a *Nação*, toda tarjada de preto, e os olhos marejados de lagrimas. D. Miguel morrera. Ao vê-lo, o tenente de Melhundos empallideceu, e firmando-se na sua velha bengala encastoada, retezando a sobrecazaca, bradou do alto da escada:

— *Quem é que aqui chora, porque um homem morre? Quem? Tu, bruto. Cala-te, e ouve-me.*

E tirando o chapeu, rodeado da familia, que accorrêra, ao ouvir os seus brados, gritou:

— *Real, Real, Real, por D. Miguel segundo, rei de Portugal.*

Não se rião, curvem-se.

C. F.

Covilhã e Guarda

Por a noticia nos têr chegado quando o nósso jornal estava para entrar na máquina não podemos referir-nos ôje aos acontecimentos da Covilhã.

Fa-lo-êmos no proximo numero.

Manga d'alpaca

A' volta do impedimento por doênça grave dum professôr duma das escólas normais désta cidade, batem as azas, com alvorôço, varios pretendêntes, que dezejão a interenidáde. Até militares graduados preférem o conchêgo dos 250 mil réis a um recôntro com os cuanhamas...

No entanto, para tranquilidade das almas, nós vamas citar a lei que fúra a pretensão dos politiqueiros,

Réza assim o regulamênto de ensino primário no seu artigo 24.º § 3.º:

— «Na falta ou impedimento dos professôres do quadro o govêrno poderá nomear para a rejência interina das respétivas disciplinas outro professôr da respétiva escóla, e, se êste não quizér acumulár, um professôr de instrução primária com seis ânos de efétivo e distincto serviço.»

E na diréção jerál de instrução publica não se desrespeita a lei com duas razõis. Não!

O sr. conselheiro Abél d'Andrade não é dêsses!...

O'larila!

Chegárão no domingo a Coimbra 14 operarios dos que, em tempos, a companhia dos tabacos licenciára no Porto e que vão em viajem para Lisbôa a pedir a sua admissão ao serviço visto terem sido já admittidas as mulhéres dispençadas tambem na occazião do seu licenceamênto.

Tinhão partido 50 do Porto, mas só chegárão 14 a Coimbra por os outros têrem abandonado a viajem de cançados.

Dormirão nas esquadras e pretendião que pelo governadôr civil lhe fôsse abonada passajem no caminho de ferro, o que conseguirão, por intermédio do sr. dr. Bernardino Machado, seguindo para ali na quinta feira.

O sr. Bispo Conde prezidiu á inauguração da escóla movel agricola Conde de Sucêna que se realizou em Agueda no dia 2 do corrênte mês de Outubro.

S. ex.ª abriu a sessão com um discurso sobre as vantajens do ensino agricola, tecendo os mais merecidos elojios á iniciativa do sr. Conde de Sucêna que fundou a escóla organizada pelo *Comércio do Porto*.

Depois da primeira lição dada pelo sr. Bento Carqueija aos lavradôres, lá foi o inevitavel telegrâma a el-rei que continua fazêndo uma concorrência ferós a D. Diniz o lavradôr.

Se êle até é protétôr da Universidade...

EM OBRAS!

Coimbra finje limpar-se.

Coimbra caia-se.

E' uma invazão de caiadôres em tôdas as ruas, cobrindo as frontarias sujas das cazas com camadas de cal que lhe dão a aparencia de lavadas.

Ás primeiras chuvas, aos primeiros frios, tudo se irá embora.

Se é para louvar esta azáfama agora, não deixa por isso de sêr para censurar o estado de abandôno vergonhôzo em que se deixão os edificios publicos durante o verão.

Nada mais dezagradavel, para quem tenha em alguma conta os interesses de Coimbra, do que têr de mostrar a um forasteiro a Universidade, suja e abandonada, num desprêzo que acentúa a ideia de velhice, que é de bom tom ligar a êste estabelecimento.

As aulas cheias de pó, em dezalinho do peor efeito.

Nas portas abertas estendem se teias de aranha, que encobrem os caixilhos das bandeiras, cheios de vidros partidos.

A galeria que corre ao longo das aulas está suja, a caza dos exames privados com o pavimento arrancado; mais adeante um detestavel retrato de D. João terceiro coberto de pó em parêlha com outro rasgado de D Afonso Enriques, no mais vergonhôzo abandôno.

Por tôda a Universidade a atmosféra úmida, o cheiro a ratos das cázas abandonadas, o pó e as aranhas das ruinas.

E êste abandôno contrasta com a pretensão a mostrar se, a deixar-se vêr como coiza grande e precióza.

A Universidade com a frontaria vergonhóza que lhes fás a porta férrea e a fachada do coléjio de S. Pedro, manda limpar o largo para que se veja dezafogádamente a sua mizéria.

Mizéria duplamênte vergonhóza porque indica desmazêlo antigo, e por sêr facil de reparár.

Nada mais facil do que modificar com pequêno custo aquéla aparencia mesquinha do vélho solar de provincia abandonado

As janélas ábrem sôbre um corredôr que corre ao longo da frontaria em toda a sua extensão. Pódem por isso alterár se a fórma e numero das janélas sem ter de lutar com as dificuldades das divizõis intérnas.

O que á a fazêr é entregar o projéto a um arquitéto que o levará a cábo sem dificuldade.

Ao abandôno se vai desfazendo tambem a porta da Bibliotéca, cuja ruina é segura e próxima se lhe não válem já.

Na Universidade paréce ignorar-se que Coimbra é vizitada por milháres de forasteiros no verão.

Como em cáza de morgádos arruinádos, conta-se de mais com o respeito do nôme antigo.

Ora o respeito já não é grande, nem para os de ao pé, quanto mais para os de lonje.

Alem disso os edificios abonão pouco a antiguidade da instituição.

O pouco que á do seculo XV e XVI fica advogado nas edificaçõis do seculo XVIII.

A sala das festas que podia impressionar pela severidade e grandêza, perdeu com as restauraçõis modernas o seu ar de gravidade e fausto antigo, e, com o seu ladrilho de cavalariça e os doutorais envernizados, tem o aspéto dum solar antigo, reparado e mobilado por um brazileiro de tórna-viajem.

Na reitoria, á a mesma impressão penóza ao vêr os damáscos da sála do trôno caindo de pôdres aos pedáços, ao olhar para os retratos dos reitôres, mostrando tanta ignorancia e tanta falta de escrupulo em quem pagou aquélas vergonhózas télas, ao encontrar, ao lado de réstos de magnifico mobililário antigo, um mobiliário modérno, feito custózamente, sem arte, ridiculo de pretensão a grandêza e sabêr.

E tem a jênte de cançar se a explicar que em Coimbra á artistas, e que os móveis orriveis indicão apenas a ignorancia de quem os mandou sabêr, e a *disciplina* universitaria de quem os executou.

O! A disciplina.....

Tomou pósse do comando de infantaria 23 o sr. coronel Ribeiro Viâna, antigo comandante da Escola Prática de Infantaria.

A camara enviou para aprovação superior o seu segundo orçamento suplementar na importancia de 21:241$199 réis.

Muzeu de antiguidádes

No mês de setembro foi este muzeu vizitado por 333 forasteiros.

Vai aumentando dia a dia o interésse que desperta este muzeu, que é por tôdos os vizitantes considerado como uma verdadeira necessidáde para esta cidade que deveria ter tambem um muzeu de árte modérna, para educação dos seus abitantes.

Em França, não á pequêna cidade que não tenha o seu muzeu de béias ártes, onde tem sido recolhidas todas as preciozidades artisticas que se deteriorávão em igrejas ou edificios do estado, e onde se não admira uma ou mais télas dos artistas que mais têanhão ilostrádo a França, séjão ou não daquéla rejião.

Em Coimbra á apenas o muzeu de arqueolojia, e o tezouro da Sé.

Bom seria que todos os esfórços se reunissem para ajudar a bôa vontade dos atuais dirétôres da secção de arqueolojia do Instituto que dotárão a cidade com um estabelecimênto, que onra a sua ilustração e póde servir de modêlo aos outros do país.

O sr. Antonio Augusto Gonçalves vai tratar de dezenvolvêr a secção de quadros que por óra é reprezentada por um pequeno numero, comquanto ainda se podésse reunir um nucleo interessante, apezar do saque jeral que durante quazi todo o seculo passado tivérão as preciozidades artisticas de Coimbra.

A camara municipal deu um exemplo da compreensão dos deveres que lhe impõe a confiança dos municipes, depozitando no muzeu os objétos de valôr artistico que possuia.

A coléção istórica dos seus padrõis de pêzos e medidas é uma das melhores do país e póde ser ôje admirada por todos os que vizitão Coimbra.

A campainha é uma curióza obra de ourivezaria, digna de sêr conhecida por aquêles a quem interéssa a evolução artistica do nosso país.

Este exemplo da camara devia sêr seguido pelas corporaçõis e abitantes, que deverião concorrêr para o engrandecimênto do muzeu, que tanto ônra a illustração dos que o iniciárão e teem promovido o seu dezenvolvimento e progrésso.

RELATÓRIO

Da Associação de classe dos empregados do comércio de Vizeu acabamos de recebêr o relatorio do primeiro âno social (1903 1904), que agradecemos.

Esta associação que dáta apênas de 12 de julho de 1903 está, pelo que se vê do relatório, em plêno dezenvolvimento, sêndo de agourar-lhe um futuro próspero se continuar, com a mesma orientação, promovendo a elevação do nivel instrutivo da classe.

Não deixárão de dar-se os conflitos a que lévão fatálmente em Portugal os que desconhécem a ideia modérna do principio associativo e pautão tudo pela organização rançóza das irmandades.

Conta assim o cázo o relatório:

«Todavia, forçôzo é confessá-lo, ainda um mês não éra passado quando uma questão, aparentemente sem importancia, veiu abruptamente destruir a solidariedade enthuziástica que tanto brilhára no áto da inauguração, motivando a saida de bastantes consocios e com éla um desvio de fôrças que, moral e materialmente, muito prejuizo cauzou na união da classe e nos interésses désta Associação. Referimo nos á questão da benção da bandeira, provocada por um oficio que 10 socios aprezentárão á Assembleia Jeral de 7 de agôsto, pedindo que o supracitado distintivo fôsse solénemente benzido e bazeando o seu dezêjo em motivos que os restantes membros da colétividade não quizérão aceitar e depois repelírão com argumentos divérsos, rezultando dêste chóque de ideias um conflito devéras lamentavel sob tôdos os pontos de vista porque podésse sêr encarádo. Estabelecido o tumulto, impossivel foi lavrar áta désta sessão, ficando comtudo o cazo devidamente registrado na áta de 6 de março e acompanhado de consideraçõis que a assembleia aprovou unanimemente. Despedirão-se em virtude dêste fácto, todos os signatários do oficio convocatório e outros; mas a Diréção, que sempre teve em vista os interésses colétivos e pessoais dos colégas, rezolveu em sessão de 16 do dito mês readmitir, sem mais formalidades e encargos, todos os que manifestá sem êste dezêjo por escrito, vantájem da qual ainda alguns, felismênte se aproveitárão».

Vencida a dificuldade, a diréção organizou cursos de *Portuguès* e *Aritmética*, que têve mais tarde de fechar pelas razõis que expênde no relatório:

«Por um lado, imperou a falta de tempo, que não permittia a muitos dos alunos, especialmente aos dos estabelecimentos de pânos, o descanço suficiente para estudárem as liçõis marcadas; por outro, a pouca vontade de fazer um cérto sacrificio em prol dos encargos escolares, sem o qual, como é bem evidênte, nada se póde conseguir de util e prático.

E, se o primeiro motivo nos veiu comprovar mais uma vês a necessidade do immediato estabelecimento do descanço ebedomadario por lei, a fim de os caixeiros gozárem o tempo suficiênte para estudar e instruir se, o segundo revelou que êles muito necessitão tambem de se campenetrárem um pouco mais do sagrado devêr que lhes assiste de removêrem, ainda que isso péze ao seu bem estar individual, todas as dificuldades, sêjão élas quais fôrem, que lhes proibem mais ou mênos a educação literária, de que todos andão tão necessitados».

Do relatório cujas partes jerais transcrevêmos, por nos parecêr que tem um pouco aplicação a todo o país, se vê que a diréção tratou zelozamente do mandato que recebêra, promovêndo o dezenvolvimento e progrésso da associação.

O relatório vem acompanhado pela mensájem que o sr. A. Campos aprezentou, como reprezentante da associação, no segundo congrésso nacional dos caixeiros portuguêzes.

O CASTIGO

É do nosso coléga *A Vós publica* o artigo do fundo, que ôje publicamos com êste titulo.

Advóga êle, de uma fórma brilhante, a ideia que expozêmos no nosso ultimo numero.

Á um castigo que se impõe, o dos que atraiçôão a patria para satisfazêr levianamente as impoziçõis do extranjeiro, que póde comprometêr-lhes a exploração lucrativa do país.

Voto de louvor

A camara municipal de Coimbra aprovou por aclamação na sua sessão de quinta feira a' proposta seguinte, aprezentada pelo vereadôr sr. Antonio Augusto Neves:

«A camara municipal de Coimbra, julgando bem interpretar o sentimento de todos os municipes, reconhecendo o o grandissimo serviço prestado pelo seu prezidente na acquizição da fabrica do gás, municipalizando o respétivo serviço, rezolve consignar-lhe na áta da sessão de ôje um vóto de agradecimento e louvôr.»

A *Livraria Academica — Editóra*, do Pôrto, acaba de pôr á venda o discurso que Combes pronunciou em Auxerre e sôbre as congregaçõis relijiózas em França.

O discurso de Combes é precedido por um artigo do nosso ilustre correlijionário dr. Jozé de Arriaga sôbre a questão relijióza.

A mêsma emprêza publicará brevemente a coleção dos discursos de Combes contra as congregaçõis relijiózas, acompanhadas do seu retrato e das mensajens dirijidas a êste estadista pelos estudantes do Pôrto, e Associação do Rejisto Civil de Lisbôa, assim como duma conferencia de Heliodóro Salgado sôbre o mêsmo assunto.

A banda de infantaria 23 não tocou tocou quinta-feira no cais, como manifestação de sentimento pelos nossos maus sucessos em Africa.

Retirou de Santa Marinha da Gandra (Oliveira d'Azemeis) para a sua cáza do Porto o sr. dr. Antonio Luis Gômes.

Partiu ôntem para a sua cáza de Amarante o nósso amigo e ilustre correlijionário sr. dr. Antonio Augusto Cerqueira Coimbra.

Bôa viájem.

Medalheiro

O sr. dr. Mendes dos Remed[ios] anda procedendo á catalogação [d]as moédas da Bibliotéca da Universida[de] cuja istória vai escrevêr.

A coléção abranje muitas moé[das] mais do que as expostas, mas que [não] tem sido estudadas nem catalogad[as].

Ignóra-se a orijem do nucleo da [co]léção, que existia com outras curi[osi]dades no muzêu de istória natura[l] que de lá veio para a bibliotéca [por] ordem do reitôr que, nêste ponto, [imi]tou a pratica do estranjeiro em que [as] coléçõis de moédas e sêlos estão [jun]to das bibliotécas.

O monetário foi muito aument[ado] por João Pedro Ribeiro que só de u[ma] vês ofereceu oitocentas moédas. T[endo] além dêstes outros donativos.

O sr. dr. Mirabeau, que era [um] apaixonado colécionadôr de numism[áti]ca, foi o dirétôr que olhou com m[ais] cuidado para a coléção que, por ab[an]donada, se não acha intacta.

Os outros dirétôres pouco se imp[or]tárão com a coléção e o sr. dr. Ma[...] chegou mêsmo a removêr do fundo [da] bibliotéca o móvel de péssimo gô[sto] que o dr. Mirabeau mandára fazêr, p[on]do porém a coléção a bom recato.

Comquanto então se empregass[em] esfórços para a fazêr ir para o mu[zeu] de antiguidades, nada se poude co[nse]guir.

O atual dirétôr sr. dr. Mendes [dos] Remédios fês acquizição de moédas [no]vas e tem tido cuidado muito para [le]var com o monetário, como com a bibliotéca entregues ao seu cuidado.

A nóssa opinião era que o mone[tá]rio deveria ser depozitado no mu[zeu] de arqueolojia.

Ai éra o seu logar.

A universidade, se tal fizésse, n[ão] mais faria do que fês já a diréçã[o da] sécção de arqueolojia do Instituto, [en]tregando ao muzeu de Antropolo[jia a] coleção que tinha de antiguidades p[ré]istóricas e colaborando assim no [au]mento das coléçõis universitárias.

Têem continuado com activid[ade] as óbras nos terrênos da associ[ação] académica e obsérva-se nélas uma [di]recção cuidadóza e intelijênte.

A pédra encontrada nas demol[ições] tem sido aparteda com cuidado e a[pro]veitada na execução da obra.

Não se tem encontrado pédra[s de] lavôr antigo, a não ser bazes e fu[stes] de colunas romanicas, identicos a[os] existêntes no muzeu de arqueoloj[ia] que lá fôrão depozitados, quando [se] procedeu á demolição da antiga c[aza] da associação academica.

No proprio local, encontrárão [a] flôr da térra, a rócha, ruiva com[o a] pedra de Bordálo, e em tudo idênti[ca] que de lonje viéra para a parte e[...] cáda da construcção projétada [por] Bigaglia Nicola.

Tem-se explorado esta pedr[a] que tem fornecido pédra magn[ifica] para os muros de supórte dos terre[nos] em que deverá delinear-se o jar[dim] que a Providencia queira sêja m[enos] abandonado do que o sapientissimo [jar]dim do pátio das Escólas.

Nóta curióza: uma obra rec[ente] sobre Portugal, o *Portugal von Guadiana zum Minho*, estudo sob[re o] nosso país e a nóssa jênte, por R C[...]raio, pseudónimo de R. Kessler, [tem] a pajinas 251, como atualidade, [a] antiga vista do pátio da Universid[ade] quando ainda não avia o jardim, [e no] o cêntro estava a aroucária pequen[a] protejida por uma gaióla da voracid[ade] dum burro do sr. reitôr que por [ali] costumáva pastár, dijerindo na sol[idão] propicia ao estudo.

O mal não é só dos estranjeiro[s. No] nume de 31 de Julho, da *Mala da* [Eu]*ropa* trás uma fotografia de um *tr*[echo] *do Bussaco* que custa a reconhec[er].

Paréce o Bussáco do sr. D. Luis [...]róte.

Desta vês o roubado não é p[...] o sr. dr. Simõis de Castro.

O nosso bom amigo não reco[nhe]ceria nesta paizájem o seu Bussaco querido.

Partiu para Rôma, a dar con[ta ao] pápa, infórmão, da sua diocéze o António Sebastião Valênte, arceb[ispo] de Gôa.

Santo zêlo...

Foi prêzo em Evora o soldado [que] dezertou do 23, abandonando o f[ar]dam[ento] pérto do mercado de D. Pedr[o].

A Evora foi buscá-lo uma forç[a de] infantaria 23.

Por despacho de 1 do corrente, o ministro do reino pôs têrmo ao litijio entre a camara municipal de Coimbra e o sr. Antonio Juzarte Pascoal, conformando-se com o acôrdo a que avião chegado as duas partes e pelo qual o sr. Pascoal pagou á camara 3:412$800 réis, importancia do capital em divida de rendas, e mais 35$634, diferença entre as custas em que fôra condenado e as do processo de arresto, que no mêsmo fôra julgado improcedente, e não 4:369$917 réis importancia que pediu a camara.

A temperatnra, que éra imprópria da quadra que atravessamos, tem-se elevado nos ultimos dias, fazêndo o tempo magnifico que o povo consagrou na fraze popular de veranito dos marmêllos.

O pôvo, quanto a verão, está como a Figueira com o S. João; tem um para cada mês: o verão dos marmêllos e o verão de S. Martinho que êste ano á de ser mais festejado do que o S. João na Figueira, que passou de móda, apezar do cuidado do sr. priôr em dar lustre nôvo á fésta imprimindo-lhe o caráter relijiôzo que, esta pouco nas tradiçõis dequéla laborióza cidade.

Banda do 23

Oje das 5 ás 7 hóras da tarde, a banda do 23 executará no corêto do Cais o programa seguinte:

1.ª parte

Passo ordinario.
Côro de repartriados da zarzuella *Gigantes e Cabezudos* — Caballero.
Le Venditori di Ucceili, fautasia — Zeller.
Os Ursos, polka caracteristica — Raul Galiano.
Sene Pittore che, (n.º 2 e 3) — Messenet.
Florentina, mazurka — F. Peixoto.

2.ª parte

Cantiga ao desafio da op. *Serrana* — A. Keil.
El Anillo di Hierro, pout-pourri — Marques.
Butterfly, pizicatto — Moraes.
Hino Nacional.

Está publicádo o n.º 9 do quarto volume do *Arquivo Bibliográfico.*

Além das publicaçõis, que ultimamênte entrárão na bibliotéca, insére a continuação do catálogo dos manuscriptos, trabalho consciênciôzo do sr. dr. Augusto Mêndes Simõis de Castro que continua revelando nêle a sua conhecida erudição, e as poezias inéditas de Fr. Agostinho da Crús.

Pormenór curiôzo: o governo não autorizou a tirajem da separáta das poezias do Fr A. da Crús, apezar da insignificancia em que importaria e do valôr literario do orijinal.

Pela direcção jeral de instrução pública fôrão concedidas portarias especiais autorizando a mataicularem-se no quinto âno de direito os srs. Alvaro Ribeiro da Costa Sampaio e Jeronimo Gonçalves d'Abreu.

A camara municipal foi autorizada a vendêr, por 360 réis o metro quadrado, ao sr. Manoel Lopes de Quadros, um terrêno municipal na posse dêste senhôr.

ORARIO DOS COMBOIOS

Desde 1 de Junho de 1904

SERVIÇO NO RAMAL DE COIMBRA

PARTIDAS

MANHÃ

6,0 — Tramwai: Figueira.
3,15 — Porto, Minho e Douro, Beira Alta até Mangualde; ás segundas, quartas, sextas e sábados até Guarda.
6,11 — Porto, Minho e Douro (até Tua) Beira Alta, Beira Baixa (por Pampilhosa) Ramal de Vizeu.
8,25 — Lisboa, Beira Baixa (por Abrantes) Leste e Caceres e Sul e Sueste. Os passageiros de 1.ª e 2.ª: para Santarem, Setel e Lisboa R. passam no entroncamento ao rapido.
9,30 — Tramwai; Figueira.

TARDE

12,41 — Sud Express: Lisboa e Paris, ás segundas, quartas e sábados.
1,25 — Tramwai: Figueira.
2,35 — Porto e Ramal da Figueira (por Pampilhosa).
3,35 — Lisboa (pela linha do Oeste) e Figueira.
6,20 — Porto e Beira Alta (até Mangualde) ás terças quintas e sábados, tem ligação por Vizeu. Este comboio leva os passageiros para o rapido para Lisboa.
6,50 — Lisboa, Figueira, Oeste e Leste, Ramal de Caceres e Beira Baixa.
7,25 — Sud Express: Paris e Lisboa, aos domingos, terças e quintas feiras.
9,7 — Rapido: Porto.
11,30 — Correio: Lisboa, Sul e Sueste.

CHEGADAS

Correspondencia em Coimbra B

MANHÃ

12,5 — Porto, Minho e Douro, Beira Alta desde Mangualde; ás segundas, quartas, sextas e sábados desde a Guarda, segundas, terças e sabados Vizeu.
3,50 — Lisboa, Beira Baixa Leste, Caceres, Sul, Sueste, Oeste e Figueira (1.ª e 2.ª classe.)
5,40 — Lisboa, Beira Baixa, Leste, Caceres, Sul, Sueste, Oeste e Figueira (todas as classes.)
7,36 — Tramwai diréto da Figueira (só no dia 23 de cada mês.)
8,49 — Porto, Beira Alta e Figueira (por Pampilhosa), ás quartas Vizeu.
9,20 — Tramwai: Figueira.

TARDE

12,6 — Tramwai directo da Figueira.
1,5 — Sud-Express ás segundas, quartas e sabados.
3,10 — Tramwai de Alfarelos e mixto de Lisboa por Oeste e Figueira.
4,15 — Tramwai do Porto.
6,40 — Lisboa, Beira Baixa, Leste, Caceres e Figueira. Porto, Minho e Douro, 1.ª e 2.ª classes (rapido).
7,15 — Pampilhosa, Beira Alta, Figueira e Vizeu (todas as classes).
7,50 — Sud-Express: Paris, aos domingos, terças e sextas.
9,30 — Lisboa e Figueira (rapido).
11,40 — Tramwai, directo da Figueira.

Vv. Ex.as quérem vestir bem?
Quérem vestir economicamente?
Quérem vestir como estando em Paris?

É assinár a *Móda Universal* que apênas custa 480 réis, por âno, quantia que déve sêr remetida para a Ajencia Nacional, rua Aurea, 178, Lisbôa.

A *Móda Universal* referida a Setembro trás numerozas gravuras na fórma do costume, tôdas élas de novidade, o que não é milagre, e de utilidade, o que é máis ráro.

Têmos presente o número de que estamos falando e por isso continuamos de assombro, por vêr que se póde vendêr por dois vintens 8 pájinas cheias de figurinos vários.

Do número que se trata rezulta que vái operar-se uma revolução completa nas mangas das nossas muito gentis leitôras.

Não esquecêr que a importancia da assinatura póde sêr remetida em estampilha, ou vale de correio.

MARCELINO MESQUITA

LEONOR TELES

(ROMANCE HISTÓRICO)

Grande edição de luxo profuzamente ilustráda com gravuras de pájina a 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impréssa em magnifico papél.

Cadernêta semanal de 24 páginas e 1 crómo ou 32 pájinas de têxto — 60 réis. — Tômo mensal, 320 réis.

Brinde a tôdos os srs. assignantes — Um exemplár grátis a quem enviár a importancia de 10 cadernêtas, tômos ou volúmes.

Em publicação na

A EDITORA, *largo Conde Barão, 60*

Lisboa

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

Partidas

Do largo das Ameias		Da rua Infante D. Augusto	
8h 30m	manhã	9h	manhã
9 ,30	»	10	»
10 ,30	»	11	»
11	»	11 ,30	»
11 ,30	»	12	»
12	»	12 ,30	tarde
12 ,30	»	1	»
1	tarde	1 ,30	»
1 ,30	»	2	»
2	»	2 ,30	»
2 ,30	»	3	»
3 ,30	»	4	»
4 ,30	»	5	»
5 ,30	»	6	»
6 ,30	»	7	»
7 ,30	»	8	noite
8 ,30	noite	9	»
9	»	9 ,30	»
9 ,30	»	10	»
10	»	10 ,30	»

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Do largo das Ameias		Da estação *B*
3h ,10m	manhã	As partidas desta estação, são logo depois das chegadas dos comboios.
5 ,55	»	
8 ,10	»	
2 ,30	tarde	
3 ,36	»	
5 ,55	»	
6	»	
6 ,45	»	
8 ,58	noite	
11 ,22	»	

Bilhetes de ida e volta

Largo de D. Carlos (Ferreira Borges) á Rua Infante D. Augusto (Universidade) — 70 réis.

Sahidas do Theatro

Do Theatro para cima até á Rua do Infante D. Augusto — 80 reis.

Do Theatro para baixo até ás Ameias ou Casa do Sal — 60 réis.

Recebem-se annuncios para sêrem fixados no interiôr de tôdos os carros em circulação pelo prêço annual de réis 12$000, sendo os annuncios e sêllos por conta do annunciante.

CORES DOS FAROIS

Verde, indica a Alta; *vermelho*, estação *B*; *branco*, Casa do Sal; *amarello escuro*, reservado.

ANUNCIOS

CAZA

Arrenda-se o primeiro andar, rua Fernandes Tomás, ponto central da cidade, muitas e boas acomodaçõis, lindas vistas sobre o Mondêgo, agua e gás.

Tráta-se na Praça do Comércio, n.º 14, 1.º

Vende-se uma cáza na rua do Rêgo d'Agua n.os 5 a 7. Bairro Alto.

Para tractar João Favas, Largo de S. João.

OUTONO DE 1904

Raizes de Rainunculos, Jacintos, Tulipas, Anémonas, Narcizos, etc.

Sementes de Amôres perfeitos francêzes, semente d'ortaliças nacionais e estranjeiras.

Rua Visconde da Lús, 12

Vende-se uma cáza no Bairro Oriental de Montarroio com os n.os 25 e 27. Quem pretendêr comprar dirija-se ao seu proprietario Alipio Leite, de Gavinhos de Penacóva.

EDITAL

João da Fonseca Barata, Vice ministro servindo de Ministro da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de S. Francisco, de Coimbra:

Faço sabêr que, para cumprimento do dispôsto no artigo 68 dos Estatutos, cuja aprovação foi comunicáda por oficio do ex.mo sr. Administradôr do Concélho, de 14 de Setembro findo, eleição do Definitório, que, nos termos do artigo 69 á de servir até á pósse do que fôr eleito na primeira eleição ordinária, será feita no dia 16 do corrente, pelas 10 óras da manhã, na igreja do Carmo, observando-se o que é determinado no capitulo XVI, artigo 50 e seguintes.

E para que chegue ao conhecimento de todos os irmãos se passa o prezente que vai sêr afixádo á porta da igreja do Carmo, e publicádo em dois jornais de Coimbra, e nas pautas a distribuir pelos irmãos.

Coimbra, Secretaria da Venerável Ordem Terceira da Penitencia de S. Francisco, 8 de outubro de 1904.

O Vice Ministro,

João da Fonseca Barata.

Arrendamento de azeitona

No dia 23 do corrente mês de outubro, na secreteria da Santa Cáza da Mizericórdia desta cidade de Coimbra, pela meia óra depois do meio dia, se dará de arrendamento, a quem maior lanço oferecêr a azeitona do olival da Quinta da Conchada, pertencente á mesma Santa Caza.

Coimbra, 8 de outubro de 1904.

O 1.º Cartorario,

Jozé Maria Ferreira Roque.

(47) Folhetim da "REZISTENCIA,,

O EXCOMUNGÁDO

XIV

O campo dos boémios

Ombert espantado procurou Zêa com o olhar, e viu a a alguns passos de distancia sentada sobre os joelhos dum rapás da tribu, a quem prodigava as suas caricias mais térnas.

Sentiu um frio mortal no coração, apertou convulsivamente os punhos, e deitando a mão a um frásco de vinho, que estava pérto, esvaziou o dum trágo, chamando a embriaguês em auxilio do seu póbre coração a desfalecêr.

Naquêle momento um ruido léve fês-lhe voltar a cabêça, e leu nos olhos de Jehan Rechin a sentença fatal: — Nunca espéres duma sáia senão perfidia e traição!

O barão irritado com a superioridade que as circunstâncias dávão tão frequentemente a um ómem duma órdem tão inferiôr á sua, tratou o boémio com altivês.

Jehan deixou o exalar o máo umôr durante alguns instantes; por fim retomou a palavra:

— Quando o doente se zanga com médiço, disse sorrindo, é um sinal de cura bréve; quando o viajante começa a impacientar-se e a maltratar o guia, é que vê ao lonje o campanário da cidade onde é esperado. Oxalá que o meu óspede, iniciádo nos segrêdos do amôr e na sciencia da vida, póssa esquécêr em repouzo profundo as próvas passajeiras, a que deverá a sabedoria!

Ombert não compreendeu o sentido daquélas palavras misteriózas, mas ficou impressionado pelo tom afectuôzo que as acompanhou; fês sinál ao boémio para se sentar ao lado dêle; e entregou-se com abandôno á alegria que as palavras alégres do seu óspede lhe dérão bem depréssa, e que um vinho jenerôzo contribuiu para entretêr.

Entretanto a orjia bramia em volta dêle como uma tempestade; gritos roucos, ou estridentes, dezafios insensátos cançõis alégres, confidencias lacrimózas estrujião em volta dêle no meio dum rancôr confuzo, todos os sons erão discordantes, toda a fórma se alterava; já os ólhos saião das órbitas, todas as bôcas estávão contraídas; os jestos avinhádos, as posturas indecentes cruzávão-se, confundião-se aos olhos de Ombert, num caos que os fumos do vinho lhe roubávão de tempos a tempos, e no meio daquêle quadro movimentado, que a lús das tóchas mal alumiava, surjia de instante a instante uma forma suáve que lançava em volta déla uma viva lús; mas essa vizão fujitiva como um relampago, deixava a alma de Ombert numa noite profunda que se dissipava lentamente e que êle quereria prolongar.

Apezar disso os olhos dêle ficávão abértos, e os sentidos recebião de todos os objétos exteriôres percéções confuzas, incomplétas e falsas; alterava-se gradualmente nêle o sentimento da realidade, a vida aproximáva-se do sonho e quebrava-se nêle, reflétindo-se, como a marjem que se vê alongar tremendo na superficie da agua corrente.

De repente, os grupos de bebedôres abálão, confundem-se, uma fôrça desconhecida leva-os numa dança imensa, á róda, como o vento da tempestade fás voltear, nos bósques as folhas sêcas.

Ombert levanta-se e quér fujir, mas busca debalde uma saída. Umas vêzes é uma serpente enórme de escâmas de fúria côres que dezenróla á roda dêle as suas escâmas faiscantes sem fim, outras, debruçado sobre uma torrente rápida, vê passar as ondas e sente-se prêzo pela vertijem; mas, eis que das aguas sái uma mulher béla e núa; a espuma do rio brilha no meio dos seus cabêlos prêtos, e gôtas brilhantes escorrem e saltão dos seus ombros sobre os seios nús e escuros; estende os bráços sorrindo com os seusdentes d'ébano: — Vem, dis éla.

Ombert atira-se, mas a corrente leva o para lonje da márjem.

Rolando entre duas ondas, uma das quais vai quebando sempre adeante dêle, emquanto a outra se precipita furiózamente sobre êle, Ombert sonha que é embaládo pelo vasto oceano, cuja vós sôa aos seus ouvidos.

Não quér lutar contra as ondas, que brincão com êle, abandona se ao capricho délas; mas das profundêzas do abismo sobe até êle uma vós, estremece, e a sua vista mergulha por baixo das vagas.

Lá, no meio de animais sem nôme, entre criações insensatas que a natuêza abandonou lonje do sol, a pérfida Zêa entréga a bôca aos beijos dum vélho insolente que Ombert já encontrou debaixo das ondas douradas do Loire.

O vélho máo ri das ameáças dum rival desprezado; Ombert transportado pelo furôr, forceja em vão por chegar ao pé dêle, as ondas mujindo, repelem-no, lévão no, levantão no até ao céo e atirão com êle inanimado para a praia.

Quando Ombert voltou a si, encontrou se molemente estendido a alguns pássos da tenda sobre um leito de urze fresca; os palidos raios da lua escorregávão através das folhas dum salgueiro e iluminávão uma figura dôce, que se desbruçava sobre êle e o contemplava com o ar de uma mãi inquieta; uma bôca frêsca, pôs-se a sorrir sobre a dêle.

— Apérta me ao teu nóbre coração, meu valente Ombert, lhe dis Zêa, vencêste-me; não tenhas mêdo de me vêr fujir dos teus braços.

XV

Mau encontro

Ao rompêr do dia, Ombert foi despertado pelo relinchar de Gibby, que viu a alguns pássos de distancia, selado e arreado.

Zêa tinha o caválo á mão.

A boémia revestira um fáto que se compunha dum vestão de velúdo azul pálido curto, e de umas calças de lã, de riscas vermêlhas e prêtas, que, muito estreito ao longo das pérnas, alargáva em cima escandalo em prégas tufádas dã sêda vrmelha, e que saía pelos golpeádos a curva das ancas da rapariga.

Bertram prendera o caválo a uma arvore, e aprezentáva ao barão as divérsas péças da armadúra, que brilhávão aos primeiros raios do sol.

Custou bastante a Ombert a voltar a si; deitava olhares espantados para toda a parte sem se lembrar de nada.

O sôno da manhã, depois de uma noite de felicidade, é profundo e dificil de sacudir.

Quando o barão deu com Zêa, que sorria maliciózamente, e cujos ólhos brilhávão na sombra do chapéo de feltro pardo, ornado com algumas pênas de gálo, córou e apressou-se a montar a caválo.

Zêa pôs lhe as espóras e saltou para a garúpa, depois de lhe têr ido indicado a diréção que devia tomár para saír do desfiladeiro dos lôbos.

Flint ladrava e saltava doidamente deante de Gibby e Bertram seguiu silenciózamente o dôno.

Numa volta, que formava a entrada do desfiladeiro, apareceu deante d'Ombert, que o tinha esquécido complétamente, ou antes que se não recordára dêle, a figúra de Jehan le Rechin.

(Continúa.)

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...
Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influeza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Forncedor da Companhia Real
dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para eclesiasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600
Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TÉLLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nêsta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta natuêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saucisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margarido.

Especialidade em **vinhos generozos** e **licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito: medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoal mais habilitado para construcção e solidez de telhões, manilhas, sifões para retretes casas para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, taches para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — Rua Ferreira Borges — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e mucicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómem e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estranjeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanélas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

— Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Luz — 103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vêndem-se a prestações e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONOGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande coléção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazêão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.ºs 34 e 35. —Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borgês

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:
Das 10 1/2 ás 12 da manhã
e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Água da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 reis

Deposito em Coimbra — **PHARMACIA DONATO**

4, Rua Ferreira Borges, 6

GUÍA PRÁTICO

DE

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDÁDE

COMERCIÁL, BANCÁRIA, AGRÍCOLA E FABRIL

Pelo professór e perito comerciál Joaquim Enríques da Silveira Péssos

Diplomádo pela Escóla do Comércio de Lisboa

No dia 1 do corrente mês de Setembro começou a publicação semanal, em fasciculos, désta importante e útil óbra, destinádа a abilitár, sem auxílio doutros estúdos e **sem méstre,** a organizar, segoir ou balançar a escrituração de qualquér cáza comerciál, bancária, agricola ou industrial, a exercêr ábilmênte qualquér logár de carteira e a concorrêr com a precisa abilitação aos concúrsos de bancos e repartições públicas.

O *Guia prático* ensina a rezolvêr cêrca de mil problêmas vários sôbre escrituração e contabilidáde e é dividido em dois volumes.

1.º volume — Cálculo

Compreênde o ensino prático das operações sôbre: Números inteiros, decimais, quebrádos, complêxos, elevação a potencias, extração de raizes, divizibilidáde, sistêma métrico, régras de três simples e compóstas, régra de conjunto, régras de companhia, de liga, de avarias, percentájens, juros, descontos, prázo médio, juros reciprocos ou juros de contas correntes pelos métodos diréto, indirécto e amarguês, câmbios, juros compóstos, annuidades, fundos públicos, papeis de crédito d arbitrájens.

2.º volume — Escrituração

Compreênde cinco modêlos compléto com tôdos os livros principais e auxiliares, sendo tôdos os problêmas acompanhados das mais cláras e precizas explicações: 1.º modêlo, uma escrita pelo sistêma de partidas singélas; 2.º, um escrita duma cáza comercial, contendo oito mêzes de operações divérsas pelo sistêma de partidas dobrádas, com três balanços; 3.º, uma escrita duma cáza d comissões e consignações; 4.º, uma escrit duma indústria explorada por uma sociedáde anónima; 5.º, uma escrita agrícola

Prêço de cada fasciculo em Lisbôa e na provincia 100 réis.

As assinatúras pódem ser feitas por bilhête postal dirijido á emprêza da publicação désta óbra a Afónso d'Oliveira, rua do Arsenal, 108, ou ao ajênte em Coimbra — **Moura Márques** — LIVRARÍA.

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

COIMBRA

Installação provisoria: Rua da Sota, n.º 8

Vendas por junto e a miudo

Tabella de preços de venda a miudo (20 de abril de 1904

Marcas	Garrafão de 5 litros	Garrafa de litro	Garrafa Lordaleza
Tinto GRANADA	600	120	80
» CORAL	800	120	80
» AMETHYSTA	500	—	—
Branco AMBAR	660	—	100
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — *Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.*

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12 — Rua da Moeda — 14

N.º 944 | COIMBRA — Quinta-feira, 13 de outubro de 1904 | 10.º ANO

A OPINIÃO

Nada mais triste do que o estado da opinião publica em Portugal.

Raras são as vêzes em que éla se levanta num movimento fórte e duradouro a uma crize da patria.

Não á movimento que não seja irrefletido, exajerado e, como tal, sem duração capás de o convertêr em utilidade patriotica e social.

E' triste verificá-lo ainda agora.

Tirando a imprensa republicana que continua insistindo pelo castigo dos criminózos, cujo atentádo de leza nação é evidente, a imprensa monárquica estende se em perguiçóza indolencia, por lôngos artigos, sem enerjia, sem enthuziasmo e sem fé patriótica, na pormenorizada e fastidióza reportajem dos crimes sensacionais, escritos mercantilmente para a exploração da ignorancia crédula da jênte sem instrução.

Nada naquêles artigos sem vida indica uma crença, o batêr dum coração.

E todavia as revelações são das mais fulminantes para o govêrno por mostrarem o desleixo com que foi organizada a expedição, apezar dos avizos que de toda a parte vinhão sobre a fôrça do inimigo a vencêr.

Porque é necessario dizê-lo, os póvos que nos batêrão são fórtes e aguerridos na guerra, mas deverião sucumbir fatalmente a uma expedição bem organizada que, pelos primeiros sucéssos, se impozésse, inutilizando pelo terrôr a aliança provavel com povos vizinhos, mas inimigos da raça que combatêmos, e prontos a manifestar-se contra éla, logo que o nosso apoio lhes désse probabilidades de vitória.

Não avia nenhum oficial que não soubésse, e não o indicasse por isso a necessidade de marchar cautelózamente e não ferir o primeiro golpe sem a certêza da vitória para as armas portuguezas. Não avia nenhum oficial que não julgasse necessario o emprego nos combates de tropas disciplinadas, bem municiadas, e bem alimentadas, aguerridas para a luta.

E nada disto se fês!

Os documentos são publicados dia a dia pela imprensa e todos dezoladôramente unifórmes em afirmar que a expedição era péssimamente organizáda, que os soldados estávão desmoralizádos e caminhávão para o inimigo em manifésta insoburdinação, rindo e folgando, ouvindo as ordens dos superiores desdenhózamente, e não as executando.

Onde érão necessarios soldados disciplinados, enfileirárão-se corrécionais, ómens saídos do crime e prontos para lá voltar.

Onde éra necessario combatêr com patriotismo, assoldadárão-se indijenas que viérão para a expedição para arranjar transporte gratuito para as terras da sua naturalidade, e, mal lá chegárão, fujirão abandonando a expedição

E ião enfraquecendo as fôrças, onde era necessário impôr-se pelo numero e pela naturêza dos soldados.

As armas alemãs tinhão por fim conseguido vitória contra os herreros.

O sucésso das armas portuguezas podia pacificar rápidamente Angola dezunindo os povos selvájens, que não vêem com bons olhos os triunfos que têem engrandecido os seus rivais na luta contra os brancos, e se conservarião neutrais ou entrarião francamente em lucta contra o inimigo enfraquecido se o sucésso das armas portuguêzas lhes dé-sse probabilidades de uma vitória.

Tudo exijia pois que se preparasse com todas as precauções o primeiro recontro, e tudo se deixou ao acazo da guerra que até agora fôra a unica salvaguarda da corájem portuguêza!

O sucésso era tambem necessario para restabelecer a força moral dos soldados portuguezes, que reconhecendo bem o inimigo forte, com que lutávão, mostrávão, pela primeira vês, receio de um dezástre.

Porque é êsse o facto que sái bem claro de todas as cartas que a imprensa tem publicado, e em que os soldados portuguêzes conféssão aos seus intimos os receios com que vão, por dever, para uma campanha mal organizáda.

O soldado ia com a certêza duma derrota.

Era necessário preparar-lhe uma vitória. Só assim se restabeleria a confiança abalada na propria corajem.

Preparou-se pelo contrario uma derrota.

E a imprensa monarquica escréve-o friamente no abandono criminozo dos indiferentes, e discute-o a sangue frio como um oriental supersticiózo que descobre mais uma vês o fatalismo das coizas.

Ao primeiro impulso irrefletido, sucedeu-se a indiferença criminóza.

E' necessario pelo contrario liquidar responsabilidades.

E' indispensavel despertar a consciencia pública adormecida na mais criminóza indiferença.

Esse acordar é necessário, senão estâmos dispóstos a morrêr.

«O Combate»

E' o titulo de um jornal democratico, que começa a publicar-se na Guarda, sob a direcção do sr. Jozé Augusto de Castro, e se aprezênta excelêntemente redijido e cheio de dezassombro e altivês.

O *Combate* vem na ocasião necessária, e mostra-se galhardamente, levantando alto o pregão das ideias democraticas.

A' sua frente está um caráter, que tem afirmado o seu talênto na defêza dos mais elevados ideais, espirito de lutadôr modérno, cheio de altruismo e de entuziásmo.

Está confiada a boas mãos a defêza dos interésses democráticos.

A *Rezistência* aúda o novo colégа e fás vótos de longa vida e prosperidade.

Antiguidades áricas

O sr. Vasconcellos Abreu, distinto professôr do curso superior de letras, continua este âno com o curso de lingua e antiguidades áricas, iniciado á dois ânos.

Acába de dar entrada na secretaria da Universidade o programa das lições dêste âno.

O curso de lingua e literatúra P'ali terá duas aulas por semana de óra e meia cada uma, e compôr-se-á de uma parte pratica e outra teórica.

A parte pratica abranjerá: leitura, análize gramatical e tradução do texto canónico búdico *O Dhammapada* — Dhammapadã — espécie de Imitação de Cristo, e comparação da morfolojia pálica com a sanscrita.

A parte istórica e literária abranjerá O Budismo: lenda búdica; filozofia ortodocsa da Antiga India; doutrina e doutrinamento búdico; relijião e literatúra búdica; os játacas, contos, apólogos, parábolas e fábulas; a igreja búdica.

Ernesto Loureiro

Faleceu em Lisboa o sr. Ernesto Loureiro, empregado superior das alfandegas.

Noticiando o seu falecimento, não se esquecem os jornais de dizer que a êle se déve a compilação das *Cartas de D. Pedro V ao jeneral Jorje Loureiro*, sem uma só palávra de referencia ao sr. dr. Mendes dos Remédios, diréiôr da Bibliotéca da Universidáde.

Ora, se são para louvôr os elojios aos mórtos, não é menos de devêr a justiça aos vivos.

A publicação das cartas foi única e excluzivamente dirijida pelo sr. dr. Mendes dos Remédios, que as coordenou, anotou, revendo as próvas durante toda a laboração da óbra, sem que nisso interviésse para nada o sr. Ernesto Loureiro.

Para muitos o trabalho do sr. dr. Mendes dos Remedios póde parecêr pequêno; mas, por isso mesmo, não devia passar esquecido por os que profissionalmente sábem o valôr dêsse trabalho concienciôzo e que, nas óbras, pássa perfeitamente ignorado do maior número.

Mas, alem da organização da óbra e da sua revizão, o sr. dr. Mendes dos Remédios antecedeu-a dum largo prólogo estudo consciôzo, de espozição criteriôza dos fáctos a que éssas cartas se referem, pondo em toda a evidencia o caráter de D Pedro V, e fês seguir a publicação das cartas de nótas elucidativas.

Esse prólogo, escrito com o dezassombro que carateriza todas as óbras do sr. Mendes dos Remédios, é o verdadeiro comentário aquélas cartas simples, que revélão o interésse que tinha pelo país, que governava, o discipulo de Alexandre Erculâno.

O sr. Ernésto Loureiro escreveu apenas o escôrço psicolójico que acompanha a óbra, oferecido ao falecido conselheiro Carrilho, e que é interessante pelo trabálho que revéla da parte do autôr, a quem tal assunto não éra familiar, que desconhecia, na quázi totalidade até a bibliografia dos estudos modérnos da mesma natureza, e o fês por isso sem este valiôzo auxilio e pelo impulso duma leitura do acazo.

Esquécem tambem os biógrafos a oférta jeneróza que o sr. Ernésto Loureiro fês á bibliotéca da Universidade dos orijinais das cartas de D. Pedro V, a pedido de seu irmão o sr. Ricardo Loureiro, muito digno ajente do Banco de Portugal em Coimbra.

E não é essa oférta dos átos para esquecer na biografia do ilústre extinto.

Sentidos pezames a sua extremóza familia.

No sul de Angola

Sobre o dezastre da expedição no Cuanhama, a única coiza que paréce saber-se ao cérto, é a perda que a coluna teve em ómens mórtos ou extraviados e é éla: 16 oficiais, 14 sarjentos, 84 cabos e soldádos europeus e 145 indijenas, ou seja um total de 259 ómens!

Já á três versões sobre a cauza do dezastre:

1.ª — emboscáda noturna;
2.ª — Uma face do quadrado com falta ou necessidade de poupar munições, recorreu ao ataque á baionêta;
3.ª — a pouca disciplina do fogo fês com que o quadrado em pouco tempo, gastásse o seu municiamento e o inimigo percebendo-o, caiu sobre êle em *tromba*, e, o panico dos indijenas, fês o résto.

As admirações que por ai vão sobre o estado do armamento Snyder, e seu cartuchame cauzão rizo, pois desde o mais infimo porteiro do ministério da marinha, fazendo a volta pelo ultramar, ao ministro ninguem o ignora.

Averá quem finja não o sabêr... Quem anda em Africa, com olhos de querêr vêr, e não pense só em *cabéças de gado, bolas de borracha* e *muleques*, ao vizitar uma senzala, entrando na cubata dum qualquer prêto mais ou mênos *guerreiro* vê o cuidado com que êste conserva as suas munições e a sua espingarda.

Ao entrar na cubáta dum soldádo indijina, é um dó dalma, vêr como está o seu municiamento, espingarda e equipamento.

A' armas e cartuchos que têem tomado vários banhos em rios e pântanos, sem que jámais dêles se cuidasse; isto deve constar dos relatórios dos *iróis e não iróis*.

Alguns africanistas das *Portas de Santo Antão*, no furôr de quererem cobrir os responsaveis pelo dezastre, métem a ridiculo a cavalaria e o armamento dos cuanhamas, perguntando onde ficou a sua famoza cavalaria e o seu formidavel armamento; não vendo que assim mais triste tornão a situação da força que foi derrotada, por se defrontar com indijenas mal armádos, talvês com *lazarinas!*

Ninguem disse nem dis, que conheça os cuanhamas, que êles tem famóza cavalaria nem formidaveis armamentos mas sim bastantes cavalos e muitas armas de sistêma aperfeiçoado.

Principião a aparecêr cartas de varias procedencias dando a expedição como mal organizada na qualidade e quantidade das fôrças que a compúnhão.

Mas porque não foi isso dito alto e claramente, antes de se entrar em operações?!

Mas á mais e muito grave: na camara um deputado, disse que o sr. Aguiar, em Lisboa, antes de partir para a Africa avia confessado *as apreensões que tinha sobre o exito da expedição.*

O sr. ministro da marinha disse não acreditar em tal; logo o sr. Aguiar não manifestou éssas apreensões ao sr. ministro da marinha. Porquê?

As responsabilidades até'gora teem sido lançadas sobre o sr. ministro da marinha pelas faltas cometidas na organização da expedição e meios com que foi dotada; teem sido lançadas sobre o sr. Aguiar, pelos erros do comando, e quem parece ir-se escapando pela *tanjente* é o sr. Custodio Borja, governador jeral d'Angola e jeneralissimo da campanha, que pela sua pozição e situação, nada devia ignorar como nada devia encobrir.

Mas conseguirá êle fazêr o seu joguinho? Talvês!

Será êle o *tertius gaudet?*

Porque seria que o sr. major Eduardo Costa, governadôr interino da provincia d'Angola, carater acima de todo o elojio, foi substituido pelo sr. Custodio Borja, já muito conhecido desde os seus govêrnos em Macau?

Tal governo, tal governadôr.

A cades ambo.

Algumas coizas extraordinárias ditas em cartas e entrevistas são erros palmares ou de quem nunca foi á Africa ou de quem tendo lá ido, ao passar novamente, a *linha* se desmemoriou por completo.

Já lêmos não sei onde: a expedição marchou tarde, quazi na época das chuvas pois que estas principião nos *meados de novembro* e terminam em *fim de fevereiro!*

Pois lá vai o principio e o fim da época das chuvas num dos ânos já do corrente século, nas alturas do paralélo 15° e próximo do rio Cunéne:

1.º dia de chuva — 3 de setembro;
1.º dia de grande trovoada acompanhada já, de chuvas torrenciais — 14 do mesmo mez; ultimo dia de chuva — 11 de abril.

Em jeral as chuvas principião na 1.ª quinzêna de setembro e durão até á segunda d'abril ou mesmo primeira de maio.

Grandes africanistas, como se déve dar credito ao que êles dizem! Se é por êles que os dirijentes orientão a sua opinião, não são tão culpados como á primeira vista parece.

Protesto liberal da Covilhã

As festas feitas na Covilhã ao reácionário bispo da Guarda pretendião sêr uma manifestação de fôrça, e ao mesmo tempo a glorificação da óbra do prelado, que tanto se tem distinguido pelo seu espirito de intolerancia e pela afirmação aberta das suas opiniões ultramontanas.

Não fôrão, nem uma, nem outra coiza.

Se alguma coiza mostrárão as festas da Covilhã é a fraquêza dos elementos ultramontanos, que, com quanto tênhão dominado parte do cléro da rejião, não tem tido ação clara e evidente nas outras classes.

O pôvo manifestou-se indiferênte ou ostil, seguindo as fázes da manifestação com os rizos com que se recébem as farças mal ensaiadas dos barracões de feira.

O operariado, que a reação pretende explorar e que esperava levar a uma manifestação, que embóra se esperásse sêr pouco intensa, e não ligar todos os elementos, se imajináva ser bastante para aparentar fôrça e aplauzo, fês pelo contrario um brilhante acolhimento ao protésto que publicâmos, e que teve o maior sucésso no publico.

Com prazer trancrevêmos o onrôzo documento.

Concidadãos: — Os liberais não se propõem destruir o sentimento relijiôzo; propõem-se unicamente combatêr as superstições que perturbão, aviltando-o, êsse sentimento e rezistir a tôdas as tentativas absorventes duma tenebroza politica, que de relijióza se mascára, e a que em tôdo o mundo cristão tem sido dado o nôme de *clericalismo.*

O *clericalismo* não é o cristianismo: é o partido que se propõi, por suas tendencias odientamente reacionárias, a rasgar fôlha a fôlha, na prática, o Evanjelho de Jezus e os direitos que a sociedade saída da Revolução nos garantiu.

Jezus dissera: «o meu reino não é dêste mundo». E os ómens dêsse partido aspirão a dirijir as sociedades, impondo-se ao podêr civil, e subordinando se ás prescrições contidas no *Syllabus*, que é a *magna carta* dos inimigos da Liberdade.

Jezus dissera: «mizericordia quero e não sacrificio». E os ómens dêsse par-

tido, depois de terem proclamado impudentemente que «o liberalismo é pecado», porque o liberalismo parte do reconhecimento da liberdade relijióza no individuo e do indiferentismo relijiôzo no Estado, reclamão a abolição de tôdas as leis protétôras da liberdade do pensamento, e chêgão ao impudôr de reclamar para a Igrêja o podêr de punir materialmente os pecados contra a fé, como se a fé pudesse sêr obra de violencia e não obra de persuázão.

S. Paulo ensinára: «onde está o espirito de Deus, aí está a liberdade». E os ómens dêsse partido, na ancia de estrangularem tôdas as liberdades conquistadas e legadas por nossos páis, declárão petulantemente que «o pontifice romano não póde nem deve reconliar-se ou conformar-se com o liberalismo, o progresso e a civilização moderna».

S. Paulo proclamára: «examinái tudo; adótái o que é bom». E os ómens dêsse partido vizão a tornar prática civilmente a intolerancia dogmatica do catolicismo, recuzando-nos o direito de exame de critica, negando nos a liberdade de imprensa; a liberdade de ensino, a liberdade de associação e de reunião, e sôbretudo a liberdade da eleição da doutrina a que o nosso inteléto dê adezão, como expressão da Verdade.

Jezus dissera: «eu destruirei o templo» pois, que, «Deus, sendo espirito, é em espirito e verdade que deve ser adorádo». E, confórmes com esta doutrina, os primeiros apolojistas do cristianismo chasqueávão dos deuzes pagãos que precizávão de cázas para se abrigárem das intemperies do ar e do céo». E os ómens dêsse partido, incapázes de se elevárem espiritualmente até Deus, porque apênas o conhecem para em seu nôme explorárem a injenuidáde dos póvos, os ómens dêsse partido súgão as mágras aljibeiras do proletariádo, extorquindo-lhes esmólas para a manutenção e edificação de santuários que repúgnão á espiritualidade cristã.

Jezus disséra: «quando quizérdes orár, não façáis como os publicânos e farizeus que para isso procúrão os logáres onde sêjão vistos; fechai-vos no quárto onde só Deus vos verá, e orái.» E os ómens dêsse partido em nada mais pênsão do que em ritos espétaculózos, féstas de egreja, procissôis faustózas caraterizádamente pagãs, concios de que assim captarão a jente incúlta, a quem tantas aparencias fascinão, sem a converterem nem moralizárem.

Jezus disséra: «Andai descalços e sem alforjes; não queiráis ouro nem prata nos vóssos cintos». Pois olhai e vêde como os ómens dêsse partido trazem os seus bispos ricamente ajaezados, cobertos de ouro e de pedrarias, insultando com a insolencia do seu luxo, roubando ás lágrimas do póbre, a indijencia do Filho do Ómem que se lamentava de não têr «sequér uma pédra onde repouzar a cabêça».

A um ómem cumpridôr dos mandamentos, que perguntava o que podia faltar-lhe para ser perfeito, respondeu Jezus: «Vende o que tens e dá-o aos póbres.» E os ómens dêsse partido viérão dizer aos póbres que se despójem do que têem, para o darem a êles, que são ricos.

É a estes ómens, que de bom grádo verião restaurada a inquizição, que os liberais combátem: não é ao sentimento relijiôzo.

Emquanto na naturêza, na vida, na consciencia e na Istória, ouver um mistério, seja o que fôr de indecifrável, emquanto o ómem, traçando uma interrogação de fôgo no meio das trévas que de toda a párte o rodeião, não encontrar respósta a éssa interrogação; emquanto para trás de nós o infinito e para diante de nós o infinito nos alçapremárem a alma na continjencia duma existencia efémera: existirá o sentimento relijiôzo no coração do ómem. Porque a relijião náda mais é do que esta espécie de piedóza anciedade com que procurâmos decifrar o Univérso, e nele a incógnita da nóssa própria existencia.

Mas o que tem isto, este subir constante da alma para a sua orijem desconhecida, com a politica desses omens sem piedade, que apenas respirão ódio ás conquistas do direito modérno e a avidês de se locupletárem á custa da nossa ignorancia?

Procurão ôje explorar a vossa credulidade piedóza, aprezentando vos como bandeira a Virjem Imaculada...

Tôdas as relijiôis antigas tivérão a sua virjem imaculada. Não primão pela orijinalidade êsses infelizes plajiários. Mas no christianismo de Jesus e dos apostolos podia existir êsse culto?...

S. Paulo ensinou categoricamente que de todos os filhos de Adão um só foi izênto de mácula: Jesus Christo. Como se atrévem êsses apostátas do Evanjélho a contradizêr S. Paulo, inventando, ou antes, dezenterrando do muzeu das relijiôis êsse exemplár archeolôjico da *Imaculada*?...

A razão é simples.

Quando a Internacional Nêgra de Santo Inácio previu que éra chegada a óra da derrocada do podêr temporal do papa, quís que éssa pêrda fôsse resarcida mediante um aumênto de autoridáde e de fôrça espiritual. Como?...

A' duas fórmas distintas, incompativeis, inconciliaveis, de soberania na sociedade civil.

Ou a soberania rezide tôda, omnipotênte, nas mãos dum omem, e têmos o rejimen absolutista; ou a soberania rezide no pôvo, anteriôr e por isso superiôr ás dinastias, e o povo govérna por meio dos seus delegados, e têmos o rejimen reprezentativo.

Verdadeira republica comunitária, o Christianismo gozou por largo têmpo do rejimen reprezentativo. Os bispos érão eleitos pelo pôvo; e os concilios érão os parlamentos livres da Egreja.

O clericalismo afastou o pôvo. Os bispos são creados pelo papa, e, por isso mesmo, cumplices de tôdas as suas maquinaçôis contra a liberdade dos povos. Éra porém pouco para os dezêjos da Internacional Nêgra. E então os jezuitas fizérão do papádo uma ditadura espiritual permanênte. O rejimen reprezentativo foi abolido na Igreja. Para que mais concilios, se gouve um concilio que teve a abjéção colétiva de abdicar nas mãos omnípotêntes do papa, proclamando-o infalivel?...

O papa infalivel não preciza de consultas nem discussôis. Decide de ciência cérta e podêr absoluto como os reis da edade média.

Ora o primeiro áto désta ditadura ostensíva de Pio IX foi exatamente a proclamação da *imaculada Conceição de Maria*, devoção superstizióza tendênte a lizonjear o espirito da mulher E os Jezuitas, solénizando com tanto brilho o jubileu déssa impiedade, pretendem implicitamente exaltar a memória odióza do auctór do *Syllabus*, ultimo algôs de Rôma, e sobretudo cousagrar a vitória do espirito absolutista da seita sôbre a vélha democracia cristã.

Éstas manifestaçôis aparentemente relijiózas são, pois, de fácto, manifestaçôis politicas — e da peior politica: a que, interiôrmênte procura impulsionar uma óbra de retrocésso juridico, que, reprezentando a fuzão ibrida do trôno e do altar, seja uma especie de *realéza teocrática*, de absolutismo ao serviço dos padres; e a que, internacionalmênte, jéra um conflito permanente com a Italia liberal, afrontando-a, na proclamação inépta da lejitimidade do podêr temporal dos papas»,—felismente para sempre quebrádo.

Se o povo da Covilhã vive satisfeito na obscuridade de espirito que lhe tem creado a matilha clerical; se está contente com a exploração sobre ele constantemente exercida em nome de Deus por uns presumidos reprezentantes do Cristo que nem nos aprezentão mandáto nem procuração em fórma; nós é que têmos o devêr moral de lhe sacudir as enerjias civicas, gritando-lhe que saia dêsse torpôr que o máta

E' indecorôzo que um povo, em plêno seculo XX, se deixe ludibriar e roubar por uns ómens, cuja intelijência fossilizou na idade média.

Não pedimos aos covilhanênses quaesquer áctos de intolerância contra tais ómens. Mas, porque nos é impossivel, sem desdouro para omens do nosso têmpo, acceitar as suas doutrinas, afastêmo nos dêles. Desprezêmos as suas féstas. E quando êles nos chamárem ao têmplo, digamos-lhes como Santo Agostinho, que o trabalho é a melhor das oraçôis, e digamos-lhe por nossa conta que a instrução é o mais vivificante dos páis eucaristicos, porque nos pôi em comunhão com o progrésso e com todos os apostolos da causa da Umanidade.

Viva a liberdade!

Os liberais da Covilhã.

As festas da Guarda tivérão um rezultado inesperádo assim: dérão orijem a uma manifestação que móstra o progrésso das ideias democraticas em Portugal, e demonstrárão pelo seu confronto com as festas passadas a D. Tomás Gomes d'Almeida, festas que andão na memória de tôdos pelo seu extraordinário brilhantismo, que o ultramontanismo perdeu, na Covilhã, a simpatia que o cléro liberal soubéra conquistar e mantêr.

O progresso das ideias liberáis é incontestado, convem não o deixar afrouxar na sua marcha, e empenhar com mais vigôr a luta a que á-de vir fatalmente agora o partido reácionário, que têve uma demonstração tão clara da sua falta de fôrça, da antipatia manifesta com que são recebidas as ideias ultramontanas, da ostilidade que despértão os manêjos dos jezuitas que se descobrirão por confiar de mais na sua jente, por se julgarem já em país conquistado.

Foi sempre de bôa tática de guerra aproveitar as primeirás vantajens sôbre o inimigo,

Agora é a ocazião para ativar a propaganda das ideias democraticas, que tão brilhantemente se afirmárão nas chamadas festas da Covilhã.

Louvôr

O diretôr dos correios de Coimbra, sr. Antonio Maria Pimenta foi louvado superiôrmente pela direção dos serviços telegrapho-postais em Luzo e no Bussaco durante as ultimas manóbras.

Por o mesmo motivo forão louvados os srs. Ruben Dias da Conceição, Antonio Dias Simôis de Carvalho, Enrique Dias da Conceição, aspirantes auxiliares, e Antonio Bátista Ferreira da Costa e Miguel Nunes Esteves encarregados das estaçôis de Luzo e Bussaco.

O serviço foi na verdade exemplar, não avendo reclamaçôis, apezar da sua violencia que obrigou alguns dos empregados a passárem mais de uma noite sem dormir, sendo, apezar disso, contra o bom costume português, da maior corréção com todos os que pedião os seus serviços.

«O Povo de Guimarãis»

Suspendeu a sua publicação este nósso prezado coléga, que tanto se distinguiu na defêza das ideias republicanas.

Cai na luta por não ter sacrificádo as suas ideias ás exijências dum industrial gananciôzo.

Dezaparéce onrózamente.

Aborto

Foi enviada para juizo Maria Victoria, natural de Taveiro, pelo crime de abôrto, com cumplicidade de sua irmã Virginia Vitória.

Esta foi pósta, porém, em liberdade por se verificar não ter tomado diréta, ou indiretamente, parte no crime.

O crime fôra participado á autoridade policial pelo sr. dr. Jacinto de Freitas Morna, médico municipal, que no mesmo oficio de parte acuzava Domingos Cenáculo, barbeiro no Ameal, como tendo receitado os medicamentos abortivos.

A mãe confessou o crime, aprezentando-se na esquadra com o filho môrto, dizendo que nascêra sem vida e que, com mêdo do pai, que ignorava o seu estado, o deitara sobre umas palhas, á espéra que o seu Manuel, o pai da criança, o levasse a enterrar escondidamente ao cemiterio.

A policia porém vizitando o curral, antes de ter ouvido a Maria, encontrou uma cóva recente, dizendo-lhe a irmã dela que éla o tinha enterrado ali.

A Maria Vitória néga dezembaraçadamente o crime.

Está de luto pelo falecimento de sua espôza o sr. Manoel Ferreira Lopes, conceituado negociante desta cidade.

José Vás Romeiro, da Nazaré, queixou-se á policia de uma paulada que lhe atirára á cabeça Antonio Dias Boneco e seu irmão José Dias Boneco.

A Bibliotéca da Universidade aderiu ao congrésso orientalista que vai realizar se na Arjélia.

DESPEDIDA

Alberto Machado de Figueiredo, despede-se por esta fórma dos seus amigos, por não o podêr fazer pessoalmente e oferéce os seus prestimos em Manaus.

Literatúra e Árte

A MÓRTE DE UM ERÓI

Entre tôdos os que lá ficárão, vitimas do devêr, nêsse lonjinquo país dos cuanhamas, a minha saudade extrêma essa linda figura, romantica e cavalheirêsca, do tenente Roby Se a minha mágua não distingue os oficiais dos soldados, nessa centêna de valentes, trucidados á zagaia pelas órdas ferózes dos cunenes, é sôbre o côrpo do meu pobre João — o mais nôvo de tôdos! — que eu os choro A mocidade tem os seus privilejios na morte, como os tem a velhice na vida.

João Faria Machado Pinto Roby de Miranda Pereira, tenente da armada rial, cavaleiro e oficial da Tôrre e Espada, cavaleiro da Ordem do Merito Naval de Espanha, antigo chefe do estado maior da divizão naval do Indico e da coluna expedicionaria de Gaza, sub-chefe do estado maior na campanha do Barué, antigo comandante militar do Zumbo, capitão dos portos de S. Tomé e Principe, intendente do governo e ajudante consular no Niassa, comandante da esquadrilha do Zambeze, condecorado com a medalha da rainha D. Amélia, era filho do dr. Jozé Borjes de Faria, da familia dos Borjes Pachecos Pereiras, da caza de Infias, em Braga, pertencendo lhe ainda os apelidos de Bourbon e Menezes pelo cazamênto de seu avô na caza das Órtas. Na ascendencia do seu sangue ilustrissimo estava Duarte Pacheco,

«O grão Pacheco Aquiles luzitano»

o vencedor gloriôzo dos Naires, no passo Cambalão, a quem Camôis dedicou nos *Luziadas* quatorze estrófes, comparando-o a Alexandre e Quinto Fabio.

O neto do *grão Pacheco* morre com vinte e nove ânos, tendo combatido em *sete campanhas*, vitima dêsse ereditario ardôr belicôzo, que o levava a suplicar a cada campanha de Africa — por não as avêr na Europa! — um posto na colúna de guerra. Companheiro de Mouzinho de Albuquérque e de Azevedo Coutinho nas operaçôis dos Namarrais e do Barué, êle era um verdadeiro cazo patolojiço de retrocésso atávico, reproduzindo, com as variantes do meio e da época, o tipo nóbre, aventureiro, vagabundo e eroico dos capitãis do século XV e XVI. A vida contemporanea é pouco propicia aos erois e entretanto êle conseguiu vivêr, mercê das guerras de Africa, uma existencia cavalheiresca e varonil, pelejando desde os vinte ânos e concorrendo para restaurar o prestijio fidalgo da carreira das armas com os seus impetos temerarios e romanescos. Ele foi sempre, desde o coléjio um D. Quichote, na acéção nobilissima da imajem.

Mas um D. Quichote que encontrou mais do que moinhos para combater e que morreu com todas as onras militares da guerra; um D. Quichote que soube ainda encontrar, no seculo XX, o país esvaido dos cavaleiros andantes; um D. Quichote que conseguiu sêr valente como Brás Garcia, poéta como D. Francisco Manoel de Mélo, e infelis como o seu antepassádo Duarte Pachêco! Ele foi a ultima flôr da cavalaria, abrindo miraculózamente no Portugal utilitário do nosso tempo. Essas almas anacronicas e extraviadas pássão sempre, no seu caminhar apressado para o tumulo, através o espanto das jeraçôis.

Esses omens desrelacionados com o seu tempo, são verdadeiros fenomenos sociais. João Robi foi uma déssas criaturas anacronicas, não porque fês a guetra mas porque amava a guerra; não porque era valente, mas porque o sabia sêr com galhardia! Ele viveu mais com as almas dos avós do que com a sua. Ele foi mais do que um omem: foi uma familia. João Roby reprezentava em linha viril uma das cazas mais nobres e mais turbulentas do Minho. Os Infias fôrão sempre romanescos e estroinas, valentes e pródigos, vivendo éssa vida de dissipaçôis e violencias, apanajio das grandes cázas morgadias da provincia.

Ainda durante todo o seculo XVIII e o principio do seculo XIX, a cáza dos Pachecos Pereiras, de Infias, era em Braga, sobre as cazas rivais das Ortas, dos Biscainhos, e dos Falcôis, a dominante. Os arcebispos primazes considerávão na a sua diocezana de maior jerarquia. Em 1807, as mulhéres dos Pachecos ofereciáo as suas joias alfaias e baixélas ao país para custear a guerra, como agora o seu neto — na flôr da edade — lhe ofereceu a vida! Se a morte é apenas o vestibulo escuro de uma outra existencia mais clára, a estas óras éssas avós jenerózas e aguerridas, que tirárão do pescôço as suas gargantilhas de diamantes, ás primeiras noticias da invazão do exército de Baiona, dévem estar abraçadas ao neto jentilissimo, a êsse môço oficial da Torre e Espada, môrto nas lonjinguas parajens da Africa, massacrado pelos guerreiros cuamatas. Se a caza de Infias se continuasse no céu, o môço erói devia a éstas óras estar contando ao seu antepassado Duarte Pacheco os seus feitos de guerra e o seu bizavô Pedro, com a sua peruca empoada e a sua cazaca vermelha, apoiado ao bastão de punho de ouro lavrado, devia sorrir com vaidade para o bisnéto eroico, que lhe conservou as tradiçôis belicózas da cáza!

Mas á sempre um tumulo onde os mortos vivem é na istoria. E tu viverás, meu pobre João, apezar de morto num sitio desconhecido de Africa, com essa vida imortal, de que ainda vive o teu avô, vencedôr de Samorim, morto num ospital pela ingratidão do seu rei! A minha saudade evoca te desde êsses lonjinquos tempos do Coléjio da Glória — vai bem á istoria da tua vida o nome do teu coléjio! — quando tu eras um rapazinho franzino e pálido, de pescôço comprido, as pérnas magras, o olhar inquieto e vivo, e vinhas para a varanda do meu quarto declamar os *Doze de Inglaterra*! Vagamente me recordo de que ambos escrevemos os primeiros capitulos abominaveis de um romance terrivel e de que uma tarde nos batemos á pedra, na Pasteleira, contra um rancho de garôtos!

*

João Roby morava então na rua de Cedofeita, entre a Boavista e a Torrinha, e estava fazendo, como eu, o curso dos liceus. Estudava muito. Desde criança que lhe conheci êsse orgulho, que foi um dos distintivos da sua linda figura moral, e êsse instrútivo terror da umilhação, que lhe punha lagrimas nos olhos, se tinha de calar uma resposta a professôr. A' noute, á lús de um candieiro de *abat jour*, e sob a vijilancia amorável da mãi, que se revia, embevecida, nêsse filho idolatrado, êle passava óras curvado sobre os livros. Da mãi erdou êle o sentimento delicado de poeta. Porque no peito dêsse soldado avia um coração lirico, com sensibilidades femininas. Os versos dêsse guerreiro juvenil érão quazi piégas! Já então, no fundo do seu temperamento, sussurrava a audacia. A aventura já lhe falava ao coração com a sua vós de sereia. Prediléções atavicas chamávão no para o mar.

O curso da Escola Naval trouxe lhe a felicidade de uma lua de mél.

Depois, um navio de guerra levou-o para a Africa. Separamo nos. Durante muitos ânos, não nos vimos. O amôr conseguiu demora-lo, no intervalo de duas campanhas, apenas uns mêzes no Porto, servindo sob o comando de Ferreira de Almeida, na corvêta *Estefania*. E é então que nos encontramos, por ocazião da ultima vizita de el-rei e da rainha. Inaugurava-se a estatua do infante D. Enrique. O pôvo enchia a grande praça declivóza, numa onda escúra, que engrossava na rua dos Inglêzes e em frente da igreja de S. Francisco. Os rejimentos da guarnição tinhão formado na rua Mouzinho da Silveira e mercado de Ferreira Borjes até á rua das Flôres, ladeando o edificio da Bolsa e do Banco Comercial.

Um borborinho impaciente elevava-se até ás varandas, onde pendião colchas de damasco. E, de repente, para os lados da Alfandega, sôão vózes ásperas e metálicas de cornêtas e os grumetes da *Estefania* aparécem, marchando em cadencia, sob o comando de João Roby. O povo, diante desse rejimento de crianças, não se afásta. Estabeléce-se a dezordem nas companhias. O môço tenente grita e ajita a espada. O povo perziste em opôr uma muralha a esses marujos imberbes, comandados por um tenente imberbe. O guerreiro aparece então de repente, chamado pela afronta, nesse côrpo frájil de erói. E á frente dos seus marujos, êle só, transfigurado pela cólera, fás fáce á multidão, abre passájem á cutilada pelo povoléu e fórma os grumetes numa clareira de pánico. E foi assim que pela ultíma vês o vi.

Pobre João! Essa fortuna, que te seguiu, como uma mulher apaixonada e seduzida, nas campanhas dos Namar

rais, do Barué, de Maganja, de G za, de Macatorre e de Saggi, depress te abandonou! O' môço comandante militar do Zumbo, chefe do estado-maior da divizão do Indico, neto eroico do vencedôr dos Naires, nunca mais, á frente dos teus gumetes da *Estefania*, acutilarás o povo desrespeitôzo como um lião ofendido! Nunca mais, nos bailes do Club Portuense, ostentarás os teus colares da Torre e Espada, as tuas medalhas de campanha, as tuas dragonas doiro, a tua farda de gála! Nunca mais, nas avenidas do Passeio Alegre, caminharás, sorrindo, ao lado da tua noiva!

E as minhas lagrimas cáem, uma a uma, sobre esse *nunca mais*...

Carlos Malheiro Dias.

No jardim Botanico, o gás da iluminação infiltrou-se por uma rotura da canalização em um cano dagua, que atravessa o pequeno larho em que está a estatua de Brotéro, levantando com explozão as lajes que o cobrião superiormente, sem porém cazar dano algum á estatua.

Falleceu vitimado pela tuberculóze o sr. Jozé Vicente da Piedade Siqueira, que fazia a sua formatúra em direito na Universidade.

MANOEL DE SOUSA PINTO

A UNICA VERDADE

Drama em 2 átos

Preço 300 réis

Editor—Moura Marques

Acaba de saír:

PÃO NÓSSO

ou

Leitúras Elemementáres e Enciclopédicas

por TRINDADE COELHO

Um vol. de mais de 500 pájinas, adornádo de inúmeras e admiráveis estampas, em ótimo papel, contendo noçóis elementares sobre variádos ramos de conhecimento, e o rezumo de todas as disciplinas que se estúdão na escóla primária. E o livro *post escolar* por excelencia, indispensável a todos, por ser formádo daquéla série de conhecimentos, que é imperdoável — vergonhôzo até! — não possuír.

Preço... | BROCHADO... 500 réis | CARTONADO. 600 »

Do mesmo autor:

PARA AS CRIANÇAS

A B C do Povo, para aprendêr a lêr brochado. 50
O Primeiro Livro de Leitura cart. 150
O Segundo Livro de Leitura » 250
O Terceiro Livro de Leitura » 350

Todos estes livros, editorádos em Paris, são arecióżas lições de coizas, ilustradas com admiráveis gravuras.

LIVRARÍA AILÁUD

Rua do Ouro, 242 1.º

LISBOA

E em todas as livrarias

EDUARDO DE NORONHA

A ambição dum rei

Obra ilustrada com numerózas gravuras coloridas por Manuel de Macêdo e Roque Gameiro, impressa em magnifico papel.

Cadernêta semanal de 16 pájinas, 40 réis. Tômo mensal, 200 réis.

Um exemplar grátis a quem remetêr adiantadamente a ésta emprêza a importancia de dés cadernêtas ou tômos.

Brinde a tôdos os assinantes

Aceitão-se pedidos de qualquer número de cadernêtas e tômos.

A EDITORA, *largo Conde Barão, 50*

Lisbôa

Precizão-se ajentes em tôdas as terras do continente colónias e Brazil.

Aceitão-se correspondentes em todas as terras do reino.

ORARIO DOS COMBOIOS

Desde 1 de Junho de 1904

SERVIÇO NO RAMAL DE COIMBRA

PARTIDAS

MANHÃ

6,0 — Tramwai: Figueira.
3,15 — Porto, Minho e Douro, Beira Alta até Mangualde; ás segundas, quartas, sextas e sábados até Guarda.
6,11 — Porto, Minho e Douro (até Tua) Beira Alta, Beira Baixa (por Pampilhosa) Ramal de Vizeu.
8,25 — Lisboa, Beira Baixa (por Abrantes) Leste e Caceres e Sul e Sueste. Os passageiros de 1.ª e 2.ª: para Santarem, Setel e Lisboa R. passam no entroncamento ao rapido.
9,30 — Tramwai; Figueira.

TARDE

12,41 — Sud Express: Lisboa e Paris, ás segundas, quartas e sábados.
1,25 — Tramwai: Figueira.
2,35 — Porto e Ramal da Figueira (por Pampilhosa)
3,35 — Lisboa (pela linha do Oeste) e Figueira.
6,20 — Porto e Beira Alta (até Mangualde) ás terças quintas e sábados, tem ligação por Vizeu. Este comboio leva os passageiros para o rapido para Lisboa.
6,50 — Lisboa, Figueira, Oeste e Leste, Ramal de Caceres e Beira Baixa.
7,25 — Sud Express: Paris e Lisboa, aos domingos, terças e quintas feiras.
9,7 — Rapido: Porto.
11,30 — Correio: Lisboa, Sul e Sueste.

CHEGADAS

Correspondencia em Coimbra B

MANHÃ

12,5 — Porto, Minho e Douro, Beira Alta desde Mangualde; ás segundas, quartas, sextas e sábados desde a Guarda, segundas, terças e sabados Vizeu.
3,50 — Lisboa, Beira Baixa Leste, Caceres, Sul, Sueste, Oeste e Figueira (1.ª e 2.ª classe.)

TARDE

12,6 — Tramwai directo da Figueira.
1,5 — Sud-Express ás segundas, quartas e sabados.
3,10 — Tramwai de Alfarelos e mixto de Lisboa por Oeste e Figueira.
4,15 — Tramwai do Porto.
6,40 — Lisboa, Beira Baixa, Leste, Caceres e Figueira. Porto, Minho e Douro, 1.ª e 2.ª classes (rapido).
7,15 — Pampilhosa, Beira Alta, Figueira e Vizeu (todas as classes).
7,50 — Sud-Express: Paris, aos domingos, terças e sextas.
9,30 — Lisboa e Figueira (rapido).
11,40 — Tramwai, directo da Figueira.

ANUNCIOS

CAZA

Arrenda-se o primeiro andar, rua Fernandes Tomás, ponto central da cidade, muitas e boas acomodações, lindas vistas sobre o Mondêgo, agua e gás.

Tráta-se na Praça do Comércio, n.º 14, 1.º

OUTONO DE 1904

Raízes de Rainunculos, Jacintos, Tulipas, Anémonas, Narcizos, etc.

Sementes de Amôres perfeitos francêzes, semente d'ortaliças nacionais e estranjeiras.

Rua Visconde da Lús, 12

Vende-se uma cáza no Bairro Oriental de Montarroio com os n.os 25 e 27. Quem pretendêr comprar dirija-se ao seu proprietario Alipio Leite, de Gavinhos de Penacóva.

Vende-se uma cáza na rua do Rêgo d'Agua n.os 5 a 7 Bairro Alto.

Para tractar João Favas, Largo de S. João,

Venda de bens

No dia 30 do corrente mez de outubro, pelas 10 horas da manhã, em Pereira e casa do Ex.mo Sr. dr. Abilio Mendes Pinheiro de Magalhães Mexia, vender-se-hão, convindo o preço, os bens abaixo descriptos e confrontados, pertencentes á Ex.ma Sr.ª D. Maria Eduarda Seabra Couceiro de Freitas, de Formozelha. Os preços das arrematações são livres para acredora. Os arrematantes depositarão no acto da arrematação 20 % do preço dos predios arrematados.

N.º 1

10 aguilhadas ou 5400m² de terra lavradía no campo de Formozelha, a confrontar do norte com a valla da ínsua, sul com a linha ferrea, nascente com D. Emilia Sarmento da Costa, poente com Antonio Rodrigues Pinto. Foreiro á confraría do Santissimo, de Santo Varão em 900 réis annuaes.

N.º 2

14 aguilhadas ou 7560m² de terra lavradía, no campo d'Ourique e sitio do Batafal, a confrontar do norte com a estrada da Mondeguinha, sul com o rio Velho, nascente com José Simões das Lapas e poente com Manoel Gonçalves d'Azevedo.

N.º 3

7 aguilhadas, ou 3780m² de terra lavradía no dito campo, e sitio da Agreira ou Silveirinha, a confrontar do norte com a estrada da Mondeguinha, sul com o rio Velho, nascente com Diogo Barata e poente com a mizericordia de Montemór-o Velho.

N.º 4

12 aguilhadas ou 6480m² de terra lavradía no campo da Carapinheira e sitio de Treixedo, a confrontar do norte com dr. José d'Ornellas sul e nascente com os herdeiros de Antonio Pedro Couceiro e poente com o padre Simões Dias.

N.º 5

12 aguilhadas ou 6580m² de terra lavradía no dito campo e sitio da Vagem da Cova; confrontam do norte com dr. Roxanes, sul com dr. Tavares Lebre, nascente com Algiva da Camara e poente com a estrada do Campo.

N.º 6

6 aguilhadas ou 3240m² de terra lavradía no dito campo e sitio do Seiçal ou Mata Lobos; confrontam do norte com a valla do norte, sul com Vagem da Ponte da Cóva, nascente com Antonio Augusto de Oliveira e poente com Luiz Antonio de Souza.

N.º 7

3 aguilhadas ou 1620m² de terra lavradía no dito campo e sitio do Cadaval ou estau do Rolho, a confrontar do norte com os herdeiros de Fructuozo José da Silva, sul com os herdeiros de Joaquim Urbano Sampaio, nascente com Gervazio de Vasconcellos e poente com Antonio Mendes Laranjeira.

N.º 8

3 aguilhadas ou 1620m² de terra lavradía no dito campo e sitio dos Redemoinhos, confrontam do norte com os herdeiros de Fructuozo José da Silva, sul com a ínsua do Delegado, nascente com José Brandão de Mello e poente com Viscondessa de Maiorca.

N.º 9

3 aguilhadas ou 1620m² de terra lavradía no campo do marachão e sitio das travessas, confrontam do norte com João Maria Sant'lago, sul com Antonio Tavares, nascente e poente com a estrada do Paul.

N.º 10

3 aguilhadas ou 1620m² de terra no dito campo e sitio a confrontar do norte com Antonio Rodrigues Pinto, nascente e poente com a estrada do Paul.

N.º 11

3/5.as partes ou 2 hectares de terra lavradía no Monte de Santo Varão e sitio do Coelhal a confrontar do norte com João Maria Baptista e Alfredo Barjona de Freitas, sul com José Lopes, nascente com a estrada publica e poente com os herdeiros de Luiz Soares. Tem este predio 157 oliveiras.

N.º 12

Um olival de terra lavradía no dito monte e sitio das Relvas, com 56 oliveiras, confronta do norte com Carvalhos, do Sebal, sul com Manuel Jorge Martinho, nascente com a estrada publica e poente com João Miranda.

N.º 13

Um olival com terra lavradía, ribeira d'arros e com 40 oliveiras em Santo Varão, a confrontar do norte com Antonio Coelho de Seabra, sul com José Joaquim Pereira e poente com João Maria Sant'lago.

N.º 14

Uma matta com matto e pinheiros, no sitio do Parizól, freguezia d'Arazede, que mede 264 aguilhadas ou 142:560m² a confrontar do nascente com Francisco Breda e Visconde de Seabra, sul com Jeronymo Magdaleno e herdeiros da viuva Pinheiro, nascente com os herdeiros de Fernando de Souza e poente com Visconde de Seabra e a estrada da Gandara.

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...
Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influeza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600
Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saueisses. Pudings de diversas qualidades, visto samente enfeitados. **Pão de lo,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos** e **licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito: medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para ladrilhos do fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — Rua Ferreira Borges — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómem e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estranjeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanélas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vêndem-se a prestações e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONOGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.os 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda é grande colécção de cilindros, com lindas óperas, canconetas, canconetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazênão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.os 34 e 35. —Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:
Das 10 1/2 ás 12 da manhã
e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Água da Curía (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curía não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro—Preço 200 reis

Deposito em Coimbra—PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

GUÍA PRÁTICO

DE

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDÁDE

COMERCIÁL, BANCÁRIA, AGRÍCOLA E FÁBRIL

Pelo professór e perito comerciál Joaquim Enríques da Silveira Pássos

Diplomádo pela Escóla do Comércio de Lisboa

No dia 1 do corrente mês de Setembro começou a publicação semanal, em fascículos, désta importante e útil óbra, destináda a abilitár, sem auxílio doutros estúdos e **sem méstre,** a organizar, seguir ou balançar a escrituração de qualquér cáza comerciál, bancária, agrícola ou industrial, a exercêr ábilmênte qualquér logár de carteira e a concorrêr com a precíza abilitação aos concúrsos de bancos e repartições públicas.

O *Guia prático* ensina a rezolvêr cêrca de mil problêmas vários sôbre escrituração e contabilidáde e é dividido em dois volumes.

1.º volume—Cálculo

Compreênde o ensino prático das operações sôbre: Números inteiros, decimais, quebrádos, compléxos, elevação a potencias, extráção de raízes, divizibilidáde, sistêma métrico, régras de três simples e compóstas, régra de conjunta, régras de companhia, de liga, de avarias, percentájens, juros, descontos, prázo médio, juros reciprocos ou juros de contas correntes pelos métodos diréto, indirécto e amuarguês, câmbios, juros compóstos, anuidades, fundos públicos, papeis de crédito d arbitrájens.

2.º volume—Escrituração

Compreênde cinco modêlos compléto, com tôdos os livros principais e auxiliares, sendo tôdos os problêmas acompanhados das mais cláras e precizas explicações: 1.º modêlo, uma escrita pelo sistêma de partidas sinjélas; 2.º, uma escrita duma cáza comercial, contendo oito mêzes de operações divérsas pelo sistêma de partidas dobrádas, com três balanços; 3.º, uma escrita duma cáza de comissões e consignações; 4.º, uma escrita duma indústria explorada por uma sociedáde anónima; 5.º, uma escrita agrícola.

Prêço de cada fascículo em Lisbôa e na província 100 réis.

As assinatúras pódem ser feitas por bilhête postal dirijido á emprêza da publicação désta óbra a Afónso d'Oliveira, rua do Arsenal, 108, ou ao ajênte em Coimbra — **Moura Márques** — LIVRARÍA.

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

COIMBRA

Vendas por junto e a miudo

Installação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda a miudo (20 de abril de 1904.

Marcas	Garrafão de 5 litros	Garrafa de litro	Garrafa bordaleza
Tinto GRANADA	600	120	80
» CORAL	600	120	80
» AMETHYSTA	500	—	—
Branco AMBAR	660	—	100
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — *Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.*

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12 — Rua da Moeda — 14

N.º 945 | COIMBRA — Domingo, 16 de outubro de 1904 | 10.º ANO

A Universidade e a Nação

Oração inaugural do anno lectivo de 1904-1905, recitada na sala dos actos grandes da Universidade de Coimbra no dia 16 de outubro de 1904

Ex.mo Prelado!
Minhas Senhoras e meus Senhores!

A tristeza que sinto, quando penso no nosso ensino!

Professor, ambicionei consagrar-me sobretudo á causa da educação nacional.

E foi, cheio de esperanças, que fiz por ella as minhas primeiras armas, crendo assegurados os seus triumphos pelo ardor com que os mais estrenuos caudilhos de todos os partidos acudiam, á porfia, a sustental-a nos seus escudos.

Luctava-se então, mas de esforços para bem a servir.

Dentro em pouco, porém, o scenario da nossa vida publica mudou.

A governos liberaes, amantes da instrucção, seguiram-se, quasi sem interrupção, governos reaccionarios apostados a extermina-la.

Com a abolição do pariato electivo, desapparecia a representação parlamentar dos estabelecimentos de ensino.

Extinguiu se o ministerio da instrucção publica.

O corpo docente deixou de ter um conselho de sua eleição junto ao ministro.

Centralizou-se o ensino primario, monopolizou-se o ensino secundario, e até as regalias do ensino superior se foram cerceando, ao ponto de se reformar dictatorialmente a nossa Universidade, sem consulta sequer do seu magisterio.

Não se atacavam só as franquias do ensino, feria-se rudemente a sua existencia: fecharam-se escholas primarias tanto de instrucção geral como de instrucção profissional, acabou-se com os museus agricola, industriaes e commerciaes, supprimiram-sa, quasi por toda a parte, as aulas de instrucção complementar, inicio da educacão geral da classe media, não se abriram os lyceus femininos, mal sorteados logo ao nascer, e regatearam-se aos institutos de instrucção, de todos os graus, os mais indispensaveis meios de acção.

E todos estes agravos á causa do ensino foram feitos por diplomados das nossas principaes escholas, e todos se fizeram, não só sem que d'ellas se levantasse o minimo protesto collectivo, mas até mesmo, por vezes, com a sua expressa adhesão. Eis porque a nação, apartando-se dos poderes publicos que a opprimiam, se foi apartando tambem de nós, tornando-nos grandemente responsaveis por essa oppressão.

E com razão.

A reacção não provém só da fórma de governo, mas tambem da fórma de ensino.

Ai! eu sei dolorosamente, por crua experiencia, o pernicioso influxo que o mau governo tem no ensino, e como é difficil e arido proclamar principios na aula, quando, fóra d'ella, reina o arbitrio.

Num paiz onde a selecção se não opera pelo saber e pelo merito, como se ha de amar e desenvolver a instrucção?

A propria corrupção governativa instilla-se pela aula, e vai-a dissolvendo.

Mas a reciproca não é, comtudo, menos verdadeira: o ensino exerce incontestavel influencia no governo.

Ensinar é governar.

Pelas ideias se affeiçoam costumes e instituições.

Por isso, quando um povo quer cimentar a integridade da patria, faz o que nós fizemos, implanta nella uma Universidade; e, se intenta firmar sobre outro o seu predominio, procura apoderar-se da sua educação, é como sempre se tem feito.

Assim o comprehendem com plena lucidez a Allemanha, enviando professores a toda a parte do estrangeiro onde conte uma colonia, e a Suissa, que até para os filhos de estrangeiros domiciliados no seu territorio cria, a expensas suas, escholas.

Quanto o ensino decide do governo e do destino das nações, diga-o agora mesmo o tremendo duello travado entre duas d'ellas, que personificam relevantemente nos ultimos tempos o carinho e o descaramento educativo, entre a Russia, que excommunga o pensamento em Tolstoi e açoita e deporta os alumnos das suas Universidades, e o Japão, que espalha e subsidia a sua juventude estudiosa pelas primeiras Universidades do mundo para que de lá tragam para o torrão natal as sementes civilizadoras de maior preço.

O que é necessario, é um bom ensino.

Desde a eschola se fazem monarchias ou republicas, erguem-se ou aluem-se imperios.

Ensino despotico: governo despotico; e o despotismo, ainda que seja o despotismo maternal do amor, produz fatalmente o enfraquecimento e a ruina das familias e dos estados.

Só ha uma educação salvadora, e para a qual nos cumpre urgentemente apellar, para transformarmos este apoucado Portugal d'hoje no grande Portugal d'amanhã, digno herdeiro e continuador do heroico Portugal d'outr'ora, honra e gloria da humanidade: é a educação liberal.

Uma Universidade deve ser eschola de tudo, mas sobretudo de liberdade.

Nem o professor é um pontifice, nem o discipulo um catechumeno.

Quem, como estudante, andou sempre de rastos, curvando a cada momento a intelligencia, a copiar, decorar e a repetir as idéas e até as palavras do mestre, para acarear as suas boas graças no precario exame final, que admira que, concluido o seu curso de servidão, com um falso diploma que o não habilita para emprehender nada por por si, vá engrossar a nossa miseravel turba de pedintes que estendem humildemente a mão a todos os potentados do dia, por mais ignobeis que elles sejam?

Na obediencia passiva ninguem se prepara para as varonis resoluções da vida.

Por mais maravilhosa que seja uma machina pensante, não passa de uma machina: ella precisará sempre de um conductor que a ponha em movimento.

Nós temos de aprender as leis do universo, não automaticamente, para executarmos espectaculosos prodigios de acrobatismo mental, ao mando de ninguem, mas, como homens e não como manequins, para briosamente nos dirigirmos por nós mesmos, pela força viva que tambem somos, pela nossa vontade. Ser instruido é ser livre. Uma nação sem originalidade, que nada cria, inventa e descobre, e apenas vive de emprestimos materiaes ou espirituaes, se, pelo prestigio do nome herdado, ainda conserva a sua autonomia, não está longe de perdê-la. O que enaltece os individuos como as nações, é a grandeza de caracter, é o vigor e o rasgo da sua iniciativa, a sua perseverança inquebrantavel, o seu desassombro, a sua hombridade. Taes são as molas profundas que é mister, vigilantemente e discretamente, não deixar amortecer nunca nas gerações novas. Como todo o bom governante, o bom professor disciplina, mas não paralysa as vontades, não escraviza, emancipa.

O liberalismo da eschola cristalliza no discipulo. Assim como ella não deve formar servos, tão pouco deve formar despotas.

A instrucção não representa um meio novo de aristocratização.

A verdade é accessivel a todos.

Ninguem, ainda os mais incultos, o povo, as multidões, deixa de possuir uma parcella de saber, quando não são mesmo quasi só esses que o possuem, como succede hoje entre nós, que de raros espiritos cultos contemporaneos podemos timbrar, e a cada passo ahi topamos com documentos que authenticamente attestam a valia da arte, da industria, e até da sciencia popular.

Quem mais sabe em Portugal, não são os seus dirigentes ociosos e egoistas, é o seu bom povo trabalhador, são os analphabetos.

O despotismo aniquila o proprio despota.

Por isso nos cumpre proclamar bem alto aos nossos estudantes que elles não frequentão as aulas para, fidalgos já pelos dons da natureza e da fortuna, que vão dissipando senhorialmente, se investirem dentro d'ellas, sem ser mesmo em premio da sua proficiencia, nas prosapias da fidalguia do talento, não menos vã e ruinosa.

Nada de super-homens, que ás antigas tyrannias clericaes e plutocratas venham accrescentar outra, egualmente revoltante, a dos intellectuaes, que tudo se julgam permittido, a titulo da sua supremacia doutoral, até o mais escarnento desdem pelos ignorantes, e todos os preitos de vassalagem exigem, sem que jámais prestem a alguem o minimo auxilio por que se não paguem logo leoninamente.

Com taes oligarchas, a sociedade não dispende só uma, mas muitas listas civis.

Eduquemos cidadãos, não principes.

Busque-se a verdade, não para a fechar e deter como um mysterio, um monopolio, um privilegio, para a converter, em summa, numa autocracia, mas para enriquecer com ella o patrimonio commum, derramando-a a flux por todos os espiritos.

Lastimosa pedagogia a que, para encurtar caminhos do saber, alonga os da virtude.

Nós não estudamos a physica, a chimica, a biologia, as sciencias da materia e as sciencias do espirito, senão para, atravez das suas leis, como atravez de lentes cada dia mais poderosas, irmos concentrando em nossa alma o calor e a luz da lei moral.

Esta é que é o fecho, o coroamento de todas as outras.

Quem a ignora, por mais que presuma saber, fica na peor de todas as ignorancias, na do dever, e infringindo-a, perde a liberdade a que o homem mais aspira, a de fazer o bem e por elle sobreviver perduravelmente na sua obra, porque o laço que nos une aos nossos contemporaneos, é o mesmo que nos ha de ligar á posteridade.

Na inacção moral, todas as faculdades se estiolam e atrophiam: a imbecilidade é sobretudo do caracter. E, na aberração ou na alienação do dever, que é para o mundo moral o mesmo que a gravitação para o mundo physico, ninguem edifica nada para a eternidade, nada duradoiro.

A grande revolução a fazer no ensino, em toda a parte, mas muito especialmente no nosso paiz, é identificar o estudo com o trabalho, de tal modo que a sociedade se não divida em duas castas, uma que só estuda e quazi nada produz, outra que só trabalha e quazi nada consome.

Como é que aquelle que passou annos e annos nas escholas, parasitariamente, — todos a amarem no e elle a ninguem, todos a servirem-no e elle a ninguem, todos a pensarem nelle e elle em ninguem —, como é que ha de, ao sahir d'ellas para a sua profissão, transfigurar-se de subito num cidadão exemplar?

Que preparatorio!

Difficilmente o virá a ser nunca.

Uma Universidade é um laboratorio, uma officina modelo, onde professores e discipulos, como verdadeiros operarios e aprendizes não têem por occupação consumir idéas, mas produzil-as.

E uns e outros não se pertencem só mutuamente a si mesmos, não labutam exclusivamente pelo seu bem-estar e progresso, não produzem apenas para o seu proprio consumo; devem-se a todos, e, mais que a ninguem, aos mais entrevecidos na ignorancia e superstição.

Como o proprietario soberbo e avaro, que prefere que lhe caiam no chão e apodreçam os fructos que lhe sobram, a colhê-los e a reparti-los com quantos careçam d'elles, não deixemos corromper-se em nós o nosso saber.

Que cada conhecimento nosso, seja um serviço publico, franco, desinteressado.

Nenhuma sciencia cerra magicamente os seus cultores num palacio encantado, acima de toda a realidade, em tamanha abstracção, que elles vivam na terra como viveriam na lua, em Portugal como na China.

Pelo contrario, nem uma unica que se não haja de aprender concretamente, chãmente no convivio e na intimidade dos seres familiares, que não precise de um berço e de uma patria, até para poder crescer e alar-se a todo o mundo.

E quanto nos falta o conhecimento do que é nosso, desde o solo até ás almas!

Quem sabe como vive entre nós o cavador, o mineiro, o proletario, como vivem os nossos doentes, e, de todos os mais desventurados, os nossos criminosos, como vivem ou antes como vão morrendo de corpo e de espirito?

Estude-se a mathematica, fazendo estatistica de tudo, calculando todos os tesoiros que se encerram sob este ceu, nesta nossa terra, na nossa raça e no nosso genio nacional, avaliando bem todas as nossas forças e todos os nossos recursos, e proporcionando-lhes exactamente os nossos commettimentos e aspirações, quando não medindo mesmo os sacrificios que nos sejam necessarios, e são-nos tantos!

Estudem-se todas as sciencias e todos os seus capitulos, como, registrando o barometro dos nossos observatorios metereologicos, lançamos um aviso que, bem aproveitado, poderá acudir ás populações ribeirinhas dos nossos rios e do nosso mar, a revêzes injuriadas e dizimadas pelos assaltos de improviso das cheias e tempestades.

Que todas as Faculdades da nossa Universidade communguem sagradamente com a nação, como ainda este anno a de Medicina, celebrando aqui mesmo neste historico solar, pela iniciativa de alguns dos seus preclaros membros, e, salientemente, sem deslusimento para ninguem, do grande clinico e grande philantropo dr. Daniel de Mattos, o 3.º Congresso da benemerita Liga nacional contra a tuberculose; e, como ella tambem, que dispensa a toda a hora soccorros no seu banco do hospital, ponha cada uma das outras Faculdades, ao lado das suas aulas, uma banca permanente de consultas, principalmente para os pobres.

Mais!

Nenhuma se quede no seu recinto academico, mas vão, umas e outras, em fervorosa emulação, por toda a parte, ás cidades e aos campos, á fabrica e á mina, onde estejam as nossas creanças, as nossas mulheres e o nosso povo, instruindo, missionando, apostolando a verdade, a liberdade.

Numa palavra, socialize-se a eschola e que de dentro d'ella irradie por sobre todo o paiz um direito novo, fulgente e audaz, o direito dos humildes e dos fracos.

Não é facil á campanha, oh não!

A verdade não encontra adeante de si sómente o erro, que baste denunciar-se para logo se rebater em placidas discussões, encontra tambem interesses, muitos d'elles ponderosos, encontra tambem paixões, uma mentidas e hypocritas, sinceras outras, que reagem, e em todos os campos tem de luctar.

E que não precisa para vencer, para se elevar da simples verdade scientifica a toda a alteza da verdade moral, da justiça, supremo ideal, onde ella então, no auge do seu poderio, inquebrantavel e pura como o diamante, domina todas as paixões e interesses, porque funde harmonicamente em si todo o amor e todo o bem!

Cavalleiros da verdade, até para a servirmos, temos de o ser tembem da justiça.

Não só aos que d'entre nós professam o direito, incumbe defendê-lo, mas a todos nós.

Todos somos mais do que homens de sciencia, somos cidadãos, membros d'esta triplice cidade, religiosa, economica, politica, que começou na familia constitue já a nação e cada dia mais vai vingando abranger a humanidade inteira.

Professores e alumnos, declaremo-lo primeiro de tudo, nós temos uma religião.

A intelligencia não se desenvolve á custa do coração, empedernindo-o. Repercutam sympathicamente na nossa alma todos os soluços, todos os gritos de dôr.

Levemos com a nossa palavra a todos que soffrem, o conforto, a esperança.

Que não haja entre nós grosseiros, devassos, mas demos sempre o exemplo, a lição, da cortezia, da delicadeza de sentimentos, da bondade.

Amemos ternamente os pequenos, os necessitados.

Quanto mais rotos e sujos os virmos, mais nos aproximemos d'elles, não sentindo senão só uma repugnancia, pelo mal.

E ainda, atacando de rijo o mal, demonstraremos o nosso humanismo até na nossa piedade pelos maus.

Tome egualmente cada um de nós o seu posto em meio das contenções economicas da sociedade.

O saber não confere direito a ser perdulario, nem venal.

Trabalhadores, esforcemo nos tenazmente, com o mais fiel cooperativismo, por melhorar a sorte dos que trabalham, por alliviar-lhes as canceiras e as miserias, tamanhas ainda em nosso tempo.

Finalmente, que cada eschola pulse da mais intensa laboração politica.

O progrésso vai-se tornando irresistivelmente uma conquista, um dom, d'este supremo poder social, o poder civil, de seculo a seculo, mais livre, maior e melhor, que, se tantas vezes tem sido destruidor, em lances mesmo tragicos, bem merece todavia a nossa dedicação e os nossos sacrificios, porque ampara e guarnece, penosamente mas indefessamente, como nenhum outro, a nossa fragilidade individual.

A indifferença por elle não significa um requinte de intellectualismo, mas uma uma cumplicidade tanto mais culposa, quanto mais alto collocado, em logar mais proeminente para a acção e defesa social, está quem se lhe entrega negligentemente.

Uma Universidade póde lá deixar de ser politica?

Não é dentro d'ella que se ministra o mais alto ensino de direito publico?

Se os pensadores não governarem, governam os interesses e as paixões, sem o freio da razão.

Infelizmente, quantos dos nossos homens de sciencia, para se esquivarem aos descommodos e contrariedades, aos riscos, da vida publica, que é e tem de ser sempre afinal uma lucta accesa, se não dedignam de accorrentar-se á sorte dos aventureiros politicos de peor fama, á espera de que tudo lhes chegue sem custo um dia com a victoria cortezã dos magnates que os capitaneiam!

Desempenhemo-nos de todos os nossos deveres civicos, com energia, com coragem, com denodo, militantemente, sem que nada jámais nos quebre ao entorpeça sequer o animo, nem o asco que nos causem os vicios cynicos de tantos dos nossos homens publicos.

E, fazendo-o, não receemos aquecer demais a mocidade escholar, já de si tão ardente, convertendo as escholas em fócos perigosos de revolução.

Não!

Um discipulo é naturalmente um correligionario, no professor está aconselhá-lo com perfeito tácto, dirigi-lo para bem.

Hoje o ensino, cheio de desconfiança por elle, como se elle encerrasse em si os subversivos germens do pecado original, enclausura-o, sequestra-o á sociedade, e portanto á disciplina que só no lume vivo da sociedade lhe póde ser incutida, até para que elle desinteressadamente, altruistamente, se vote com seria applicação ao estudo.

Toda a vida de libertinagem lhe é dado levar: estragar a saude, contrahir dividas, requestar empenhos e favores, seduzir.

Iniciar a vida livre e nobre de cidadão, isso é que não.

Se tal ousa, descarregam-se sobre a sua cabeça criminosa os mais severos golpes.

Perdão! um direito lhe permittem exercer, o de petição: poder pedir os feriados que quizer... Porque?

Porque é ainda um menor, porque os rapazes ainda estão verdes para os graves encargos e cuidados da vida publica?

Pois por isso mesmo é preciso que a façam; para amadurecerem.

Não pretendemos confiar ás suas mãos inexperientes o leme da governança; mas não faltam serviços de guarnição em que á sua tenra edade seja dado intervir, e em que elles vão desde logo destramente preparando o o seu noviciado civico.

Vejam a Inglaterra e os Estados Unidos, o desvelo com que os seus professores assistem e presidem ás *debating societies*, torneios oratorios, que são verdadeiros comicios dos seus alumnos, onde se têem estreado notavelmente muitos dos seus principaes estadistas.

Emquanto, entre nós, se demoliu, para não mais se reconstruir, o Theatro Academico de Coimbra, (*) — de sobre cujo tablado, a capa galhardamente traçada, como uma toga pretexta, foram avultando para a tribuna nacional contemporanea quasi todas as suas primaciaes figuras, — lá são as proprias Universidades que protectoramente offerecem os seus mais vastos salões para liça de tão auspiciosos certames.

Assim, e só assim, nestas intimas requestas, é que, contrapondo se idéas, combatendo-as e defendendo-as rijamente, com a vivacidade e a flamma dos seus annos, mas sem exaltação que não seja ainda generosa, discutindo tudo, mas amando-se sempre, perdendo o cego fanatismo da propria opinião, e, com elle, a superstição, entre nós arreigada que diriamos quasi atavica, de que todo adversario é um hereje, um energumeno, que merece, com a excommunhão, os maiores doestos, as maiores torturas e todas as penas perpetuas e eternas, a mocidade escholar aprendará a coordenar se, a moderar-se, a ser justa para com todos, a praticar a tolerancia, que é a virtude social, por excellencia, e é e deve ser a grande virtude universitaria.

Numa Universidade até os proprios que professam da cathedra os dogmas do passado, procuram argumentos para os sustentar.

E, por isso, ainda os mais conservadores dos membros do seu corpo docente, por mais provas a que se submettam de orthodoxia, são sempre suspeitos de sacrilegio aos olhos torvos da reacção, das oligarchias absolutistas.

Assim, e só assim, neste tirocinio fraternal, é que na alma das novas gerações se irá tecendo atravez de todas as divergencias e contrastes individuaes, o liame indissoluvel da unidade da patria.

E como é mesmo exequivel isolar socialmente a eschola?

Onde a muralha estanque que não deixe lá penetrar as correntes da historia, os rumores da rua, as noticias dos desastres nacionaes, o brado angustioso dos vexames e das indignações populares?

Só ha um meio de romper essa estreita solidariedade, é fechar a eschola.

A elle effectivamente tem recorrido a cada passo a tyrannia.

Levantemos a voz perante o paiz e os poderes constituidos, exerçamos, juntos, a nossa soberania de cidadãos e eleitores, até para revindicarmos os direitos augustos do ensino, intervindo sem subserviencia e desaire no seu governo.

As mesmas questões agitam a sociedade e a eschola, e reverberam de uma á outra.

Ambas têem uma questão religiosa, uma questão economica e uma questão politica, e no fundo, uma questão de trabalho, que é identica para ambas.

A theocracia alça lá fóra o seu pendão, tentando imperar, mesmo contra a legislação estatuida?

Tambem aqui dentro da nossa Universidade tenta ainda impôr, contra a civilisação, resas e juramento religioso, velha liturgia já abolida por toda a parte, até na visinha Espanha, a que a nossa inercia commodista e transigente não liga importancia, mas que importa na realidade uma affronta flagrante á liberdade de consciencia e o prejurio e a exauctoração aviltante de todos os que têem por officio precisamente oppôr ás abusões, aos preconceitos, ao erro, a verdade, á fé no milagre a fé na lei.

Secularisar a sociedade e secularisar a eschola é tudo um e o mesmo problema, que ha que resolver egualmente, isto é, com a mesma equanimidade, com o mais largo respeito por todas as crenças, e respeito filial por aquella que tão intimamente se entrelaça aos epicos feitos da nossa linhagem, e que, na pureza da sua doutrina, tanto tem contribuido para o saneamento moral da humanidade.

Lá fóra vai a derrocada financeira? dissipam-se improductivamente os impostos, accumulam-se só deficits sobre deficits no tesoiro, e o dinheiro não chega para o mais pequeno melhoramento, para acudir ás necessidades publicas mais instantes, nem sequer á indigencia, á orphandade, como o deve fazer toda a nação, em massa, e como o exigem os sentimentos compassivos do coração português, que, por mais paciente que seja, não póde ver desperdiçados os nossos bens e em perigo a saude e o futuro de nossos filhos sem que o atravessem irreprimivelmente os rebates da revolta e da raiva?

Pois tão pouco ha cá dentro dinheiro bastante para nada, e bibliotheca, gabinetes e museus, laboratorios, observatorios, jardim botanico, hospital da nossa Universidade debatem-se, quando mesmo não agonizam, na mais tormentosa penuria.

E, assim como nada acorda a nossa classe dirigente para o governo economico da nação, e nem pontualmente o parlamento se reune para discutir e votar o orçamento geral do estado, assim tambem, nós, professores, descuidosamente, nos não reunimos anno por anno em congregação e em claustro pleno para elaborarmos e propormos o nosso orçamento universitario.

As dotações, dicta-as a secretaria do reino, e nos contentamo-nos de repartir em cada Faculdade, solicitando timidamente, de onde a onde, o seu augmento.

A centralização financeira campeia cá dentro como lá fóra.

Na esphera politica, egual parallelismo: a dictadura vem da sociedade até á eschola.

A nação não elege os seus governantes?

Tambem nós não elegemos o nosso reitor, nem os nossos funccionarios administrativos, que, aliás até ao menor deviam ser sempre recrutados por nós ou pelo reitor nosso eleito, e de preferencia, entre os antigos servidores do ensino, desde os mais modestos.

Tudo, de nomeação regia.

No governo propriamente docente, a Universidade, tem, sim, direito de eleger os seus professores; nem d'esse porém usa com toda a liberdade, e, accrescentarei, com toda a justiça e proveito, escolhendo os entre as mais provadas competencias do paiz, sem privilegio algum para os seus filhos, ou para os filhos das outras eschoias superiores, onde quer que essas competencias se encontrem, que não pode ser, senão excepcionalmente, no esperançoso moço imberbe que, ainda na vespera, frequentava as aulas como discipulo, que ainda não fez obra sua, pessoal, de sciencia, nem tempo teve de provar a sua tempera de cidadão, que mal poderá ser de prompto governante, porque apenas agora começa a governar-se de per si só.

Mas é a mesma vertigem de ascenção, que eleva de repente os felizes em Portugal aos logares mais culminantes da nação, perturbando-os capitosamente tanta vez.

E, se elegemos os nossos professores, já não temos o direito de constituir livremente o nosso governo interior, elegendo dentre elles os nossos decanos; ainda acatamos na familia universitaria a prerogativa morganatica, o vinculo de primogenitura, como se mantem lá fóra para a familia real.

E o mesmo poder que lá é discricionario, edicta penalidades contra a liberdade de exame e de discussão, declarando-a um delicto e illegaes os partidos que a revindiquem, conta para a ordem social só nente com o terror dos castigos, supprime as garantias do processo judicial, e persegue, ás pranchadas, os manifestantes pacificos, cá dentro brande sobre a Universidade a férula do foro academico, ameaça com a expulsão e perda d'anno os seus alumnos, acutila-os, e já se atreveu a demittir o seu secretario e a retardar a devida promoção de um dos seus lentes para os punir das opiniões democraticas honradamente expendidas por um e outro.

E fê-lo exactamente, quando o empolgavam na sua mão os mesmos auctores da lei de 13 de fevereiro de 1896.

A falta de espirito publico é tamanha nos nossos dirigentes, que nem dentro de cada classe se encontra.

E assim estão tambem, em grande numero, dissociados, sem calor e sem incentivo mutuo, os nossos professores

Apenas os de instrucção primaria, comprovando eloquentemente quanto podem e valem os pequenos e como é d'elles que parte quasi sempre o exemplo das iniciativas salutares, têem reunido congressos, constituiram se em associação de soccorros mutuos, e crearam, por muita parte já, caixas de assistencia dos proprios alumnos ás suas escholas.

Mas são uma excepção.

Nem ao menos os institutos de ensino superior de Lisboa e Porto se acham organizados em centros universitarios, nem na nossa unica Universidade o magisterio estreitas relações entre si e com os seus discipulos.

Se pouquissimos dos seus membros se dedicam esforçadamente á causa publica, ao povo, como esse, cujo nome, por imposição de reconhecimento, resalta para nós nesta occasião em que elle está prestes a findar a sua gerencia tão intelligente e infatigavel e tão profícua, o actual presidente do municipio conimbricense, dr. Manuel Dias da Silva, quão mais raros não são os que se possam apontar como o sabio botanico abalizado lente tambem da nossa Universidade, dr. Julio Augusto Henriques que, presidindo paternalmente á Sociedade Philantroprico-Academica, tem sido nos ultimos annos a providencia dos estudantes desvalidos?

Em Portugal, o povo e a juventude vêem-se muito sós.

E, não obstante,—admiravel condão da nossa raça, feita e humanada nos trabalhos e nos perigos!—em ninguem palpitam tanto os sentimentos de camaradagem entre nós, e são o povo e a juventude portuguêsa que nos vão mesmo effusivamente internacionalizando, approximando-se do povo e da juventude da nação nossa irmã, a Espanha, d'onde, em jovial competencia de affectos, já revoam de vez em quando até nós os cantantes bandos das suas donosas estudantinas.

O que disse das liberdades publicas, digo da liberdade do trabalho, que todas as liberdades individuaes resume, a de viver e a de pensar, sentir e agir: ella soffre as mesmas attribulações do regimen social e do regimem educativo Faltam officinas do paiz?

Não faltam menos ao ensino aulas, escholas, Faculdades, Universidades.

Faltam tanto, que, assim como temos ahi legiões de famintos de pão, que emigram para longe em demanda de trabalho remunerador, temo-las de famintos de instrucção, que, pudessem muitos d'elles, e emigrariam tambem para melhores terras á busca de estudos e cultura.

O trabalho é excessivo?

Não dá diariamente, nem semanalmente, descanço bastante ao corpo e ao espirito do operario?

Tão pouco o tempo tomado pelas aulas o dá ao estudante para elle viver, espairecer, avigorar se, polir-se, e, robusto e gentil, desempenhar-se para com a familia e a sociedade do tributo commum de serventia e de affabilidade, de que ninguem deve isentar-se, e que até a uma creança é tão facil pagar nos bizarramente, porque basta para isso que a deixem sorrir nos.

O lemma dos tres 8 veiu mesmo da propaganda da moderna pedagogia para as recentes procissões annuaes do operariado no 1.º de maio.

O trabalho, além do excessivo, é, em si mesmo, mecanico, forçado? faz-se policialmente, com um livro de inscripção de faltas e ao toque da sineta na officina?

Tambem na escola.

Numa o chefe talha a tarefa, na outra o mestre marca a lição.

Numa impõe-se o modelo, o padrão; na outra o texto.

Numa e noutra, operario e alumno, estão, a cada momento, submettidos á pressão de uma regra uniforme, que aperta, tortura e esmaga, com rigidez de ferro, a variedade fecunda dos livres movimentos e aptidões das suas faculdades.

Na officina, a repetição invariavel do mesmo trabalho, que hypnotiza e amputa o espirito.

Na eschola, uma prolixidade, uma pulverização de cada programma, que pouca differença faz da repetição hypnotizante do mesmo estudo; e, passada a eschola elementar e passado o lyceu, onde ha já differenciação dos estudos, mas contrafeita e tumultuaria, no ensino superior, na nossa Universidade, uma estreitura de plano, muito parecida com a invariabilidade do trabalho na officina, que tem por effeito mutilar, como elle, o espirito, separando os estudos inultrapassivalmente por annos, quando não é mesmo por Faculdades, como se uma sciencia não se podesse aprofundar especialmente, antes de outra, e não houvesse mas é, com a autonomia de cada uma, uma perfeita solidariedade e interdependencia entre todas ellas, de tal modo que o que mais aproveite, por exemplo, a um geologo para se perfazer idoneamente na sua especialidade, póde ser a philologia, ou reciprocamente.

Por causa d'esta erronea e funesta idéa da subordinação dos estudos e cadeiras, o nosso mathematico despreza a physica, que applica a mathematica, o nosso physico, a mineralogia e a biologia, que applicam a physica, e o nosso homem de sciencia a arte e a industria, que applicam a sciencia.

Pois até a arte e a industria não se applicam, por sua parte, menos á sciencia, e em todas ellas, numa como noutras, se elabora e depura o calculo, a mathematica, que não é senão a mais perfeita, a mais lucida, a mais rigorosa e mais subtil linguagem do raciocinio.

De certo que entre os diversos ramos da actividade humana ha classificação, mas reversivel, á semelhança do que acontece com a propria arvore natural, onde até os ramos se podem transmudar em raizes e as raizes em ramos.

O que não ha, é subordinação deprimente, de superior para inferior; como a não ha, de um para outro ramo, entre os profissionaes que os cultivam.

Todos homologos, todos irmãos.

E e a mesma fraternidade devia reinar entre os membros de cada profissão.

Mas não; e é ainda a eschola a consectaria da sociedade nesta tyrannia: uma distribue desegualmente o capital; a outra, a instrucção.

Se não existe uma escala de accesso francamente aberta a todos, por onde cada official suba a mestre e cada mestre a director de fabrica ou empreza, é mesmo, em grande parte, porque tambem os graus de ensino, primario, medio e superior, não estão liberalmente, democraticamente, hierarchizados.

Ha categorias fechadas de estudantes, como trabalhadores.

Em tudo, eu identifico, no meu pensamento e no meu coração, a imagem da eschóla com a imagem da patria, em tudo, nas minhas tristezas pelos seus revézes e decadencia, como na minha inextinguivel confiança no seu resurgimento.

E a ambas, confundidas no mesmo amor, dirijo d'este logar as mais votivas saudações, muito especialmente a esta minha muito querida Universidade, aos seus professores, aos seus professores, aos seus alumnos, e ás suas alumnas, que lhe vieram trazer, com o encanto educativo das suas graças, o delicado realce dos talentos e virtudes do seu sexo, e a esta saudosissima Coimbra, nossa sempre sorridente hospedeira, que, agora mesmo, ao reabrir das nossas aulas, nos acolhe tão festivamente, espargindo sobre nossas cabeças as folhas d'oiro dos seus lendarios choupos.

Bernardino Machado.

EROÍSMO

Conta o *Novidades:*

E' no sabado proximo que se efétua no parque de *Sporting Club*, em Cascais, o torneio de automoveis que tanto está entuziasmando os frequentadôres da elegante praia.

As provas são tôdas de destrêza, como bem se compreênde, não se admitindo como *chauffeurs* senão amadôres. A' premios de El Rei, do Senhor Infante D. Afonso, conde de Paçô Vieira, conde de Molina, Rodrigo Peixoto e Bleck. Os carros são ornamentados com verdura e flôres, levando tres senhoras cada um, e avendo um premio para o que se aprezentar mais elegante no seu conjunto. O prezidente do juri é Sua Majestade El-Rei.

Estão já inscritos dés automoveis, guiados pelos seguintes srs.:

Sua Altêsa o Infante D. Afonso, conde de Molina, Manuel de Castro Guimarãis, Erédia, Jorje de Mendonça, Eduardo de Mendonça, Luiz O'neill, Jozé Perestrêlo de Vasconcélos, Rodrigo Peixoto e Jorje Bleck.

Calcula-se em mais de 20 a totalidade dos carros que tómão parte no volteio.

Está o sr. infante crismado em amadôr.

E nunca ouve mais bem pôsto nôme.

Quadra-lhe como a ninguem a designação popular de *furiôzo!...*

Resta sabêr o nome eroico das jentis damas que se atrévem a montar o automovel do sr. infante D. Afonso.

E' uma corajem só comparavel á das damas russas da crús vermelha.

Arréda...

No dia 21 terá logar nesta cidade a conferencia anual dos dirétôres dos observatorios, devendo reunir-se o sr. dr. Santos Viegas, dirétôr do observatorio da Universidade; os srs. conselheiro Pina Vidal, dirétôr do observatório da Escóla Politécnica, Paulo Azevedo, dirétôr do observatório do Porto e Afonso Chaves, dirétôr do observatório de Ponta Delgada.

(*) Inaugurado pela mocidade liberal de 1834 com a representação do *Catão*, de Garrett.

No sul de Angola

Do dezastre no Cuamato nada mais tem sabido.

Na camara, o sr. presidente do conselho respondendo ao deputado sr. Lourenço Caiola, fês uma dissertação sobre o sul de Angola ácerca dos terrêmos compreêndidos pelos rios Cunene e Cubango a que sua ex.ª chamou Cuango!

Parece lingua de prêto, mas não, é lingua de principe!

*

Ontem o deputado sr. Antonio Cabral não foi mais felis com o sr. ministro da marinha.

Dis *O Mundo:*

«O sr. capitão Aguiar por requerimento entregue no ministério da marinha, pediu a sua exoneração do comando da expedição por julgá la insuficiente para o fim destinado.

«O sr. capitão Aguiar foi forçado pelo governo a retirar o seu requerimento e por um dever moral marchou para Angola.»

Então com que o sr. ministro da marinha disse, em plena camara, que ignorava que o sr. Aguiar tivesse preênsôis sôb o exito da expedição?

Toma, á certa, a responsabilidade desta e outras mentirolas...

*

Mais se dis: o ministerio da marinha ordenou á coluna expedicionaria para dar combate antes do dia 28 de setembro — aniversário dos reis — a fim de nesse dia, estar em Lisbôa telegrâma noticiando vitória!

Vitória para o dia de ânos, só de Janeires.

*

No *Século* de ante-ontem, lia-se:

«Segundo consta, os proprietarios das roças de S. Tomé, telegrafárão para Paris ao sr. conde de Val Flôr, pedindo-lhe que intercêda junto do govêrno, para continuar governando a provincia de Angola o sr. Custodio Borja.»

Isto dá certo com o seguinte facto passado á três dias em Coimbra, na rua da Sophia: ao encontrár um amigo seu, que contava estivesse aquéla óra em Africa, disse lhe: fazia-o nos Cuamas?!

Não, venho do Jerês, de concertar o figado, e fuji de Loanda com mêdo do Custodio Borja me prendêr e *contratar* como serviçal para S. Tomé.

O quê, perguntei, isso está lá assim?!

Esta! Depois que o Custodio Borja, o governadôr jeral de Angola, quazi que se prendem nas ruas de Loanda os prêtos que não têem dôno, a cordel, para os *contratár* para S. Tomé.

Talvês no proximo numero explicarêmos o que é uma *contráta* de prêto; verão que é uma coiza muito edificante.

?!

Tempo de milagres...

O anniversario do dogma da *Imaculada* começa a assinalar-se por verdadeiros milagres.

E' ver o rezultado dos exames nos liceus em Outubro,

Em Lisboa, em Coimbra, no Porto, por toda a parte uma verdadeira ecatombe.

Nem a degolação dos inocêntes de trajica memoria lhe iguala.

Em alguns liceus não escapou um!

Portalégre mesmo, que por um fenômeno inexplicado do clima, costuma sêr rejião favoravel a meninos ameaçados nos seus estudos, Portalégre mesmo êsse sanatório da instrucção secundaria, portou-se désta vês com rigôr inesperado.

Só Braga constitue uma excéção.

Em Braga ficárão aprovados todos os alunos que fizérão exames em Outubro.

Foi milagra da Virgem do Sameiro.

Coincidencia para notar: foi em Braga que fizérão exame os filhos do sr. conde de Sabugóza qne por lá tinhão ido, talvés, em peregrinação de caridade...

A empreza dos americânos, estabeleceu carreiras de ôje em diante, carreiras de meia em meia hora aos domingos e dias santificados para o bairro alto e carreiras extraordinarias no fim dos espetáculos.

ILHA DO PRINCIPE

Ex.mo sr. redatôr da *Rezistência* — Já que v. ex.ª com tanta independencia e tão jentilmente tem franqueádo as colunas do seu conceituado e altivo jornal, á minha modésta próza, noticiando o que se passa nesta pequena parcéla de terrêno português, cumpre-me agradecêr a jentiléza de v. ex.ª, e, sem querêr de módo algum abuzar déla, ainda me permito tomar-lhe mais algum espaço, para continuar a relatar as proêzas do já bastante célebre sr. Viégas Junior que, por fatalidade dos abitântes do Principe, ainda não se demittiu do cargo de governadôr do distrito. Bastante já disse de semelhante entidade, mas, muito á que dizer, e até seria um nunca acabar se merecêsse a pêna prolongar uma campanha contra quem, francamente, não meréce a pêna quebrar lanças. Mas, como das principais verdades, ainda nem metade está ao alcance do publico, não posso deixar de curar, pelo menos das que mais teem dado que falár.

Não me occorreu, um dos melhóres capitulos, que devia ter figurado na primeira carta, o qual ainda nos vem certificar das qualidades aguerridas e eroicas do sr. Viégas, pois que, no dia da eleição, passado que foi o mau bocádo em que teve de pôr a póstos tôdas as suas artimanhas, corajem e fôrça armáda, fartou-se de dar telegrâmas ao conselheiro Cabinda, perdão ao sr. governadôr jeral, dando a terra em estado sitio e pedindo um socôrro de 50 praças urjêntemente! O omemzinho, meteu-se-lhe na caixa vazia que os proprietários e roceiros da ilha o ião agredir e por ventura desprestijiar a pseudo-força armada; ideia que, pela orijinalidade, diga-se em abôno da verdade — não vimos pór cá ninguem que fôsse capás de a enjêndrar. Bem andou o sr. Cid, em não dar credito a tais receios, pois apênas enviou e com pouca urjência, 10 praças que faltávão ao destacamênto.

Consta de bôa fônte, que o sr. Viégas, está prevenido com duas peças de campanha, postadas no pavimento cimentado, por debaixo da varanda da sua rezidência. Para que será isto?!

Sua ex.ª pouco sai á rua, ou porque está de relações cortadas com o povo, ou porque tem receio de qualquer ataque á sua pessôa — e ésta ipóteze é a mais correntia — mania que lhe subiu á cabêça dêsde que os eleitôres dignos da ilha, que fôrão tôdos felismênte, lhe dissérão umas verdades em plêna assembléa eleitoral, onde o sr. Viégas, como governadôr, não devia têr aparecido, a não sêr para votár, o que omens com a devida linha não fázem. Começou ali o descalábro da sua fôrça morál — mas, rematando o fio, dirêmos, sempre que, se por acázo sai de vizita ao *Pension Agence*, vem guardado, e no regrésso fás se acompanhar por 4 *láchas*. E' manifésta e enraizáda, a ideia que o domina de que o perséguem, de que lhe quérem fazêr mal; e de noite, até mal pássa pelo sôno com receio de um assalto! Por êste motivo pessoas de toda a competência, teem motivos para supôr que o sr. Viégas venha a sêr um doênte com a monomania da perseguição. Fazêmos vótos, para que tal não sucêda, e sua ex.ª bem póde evitar êsse mal, retirando-se, que é o unico e natnral expediênte a tomar.

Para fazêr efeito, crêmos, fês-se espalhar, que o sr. Viégas fôra elojiádo num oficio da diréção jerál do Ultramar, pela fórma como tinha conseguido o bôm êxito da eleição do Principe; elojio que nos paréce inventádo, apezar de não ser a primeira vês que se elojiávão autoridades por motivos idênticos, o que náda altéra a nossa maneira de vêr sôbre a moralidade que lávra por êsses ministérios fóra. A sêr verdáde, é mais uma manifestação Cabralina, própria do sistêma que assambarcou o quéro, pósso e mando.

Já nas minhas anteriôres me referi ao vice-prezidênte do municipio de S. Tomé, fazêndo de prezidênte, muito bom rapás antes de o fazêrem politico, e ôje, vem a tálho de foice; agradecêr ao ilustre *Muzico* a classificação que nos deu, de garôtos, a tôdos nós, que uzámos livremente do direito que a lei nos concéde, de votar no cidadão da nossa confiança ou simpatia. Este epiteto, não se dis gratuitamente, ainda mesmo que se diga debaixo da impressão espirituóza duma respeitavel cervejite. Néssa mêsma ocazião o mêsmo *Muzico*, que apreciáva o sr. Viégas Juniór, em publico bilhar do Pirolito, a diante de quem quis ouvir, chamou ao sr. Viégas um simples rejedôr ás órdens do sr. Paula Cid! Isto, com quanto fôsse verdade, é impudico dizêr se, porque é mais uma afirmativa de que o sr. Paula Cid não foi de todo estranho aos abuzos praticados no Principe para se conseguir a eleição. E o sr. Miranda que o dis, é porque o sabe, visto êle ser muito chegádo á Caza dos 24 Isto de Cáza dos 24, caréce duma explicação, pois é obra do invento do sr. Castro e Morais; o qual lembrando-se da célebre cáza de artes e oficios criáda pelo imorredouro marquês de Pombal, caza onde funcionávão 24 oficiais diferêntes que dávão o tipo oficial do trabalho, e onde os candidatos a méstres fazião os exâmes — entendeu o sr. Morais, que em S. Tomé, numa certa caza muito frequentada por funccionários avia de tudo: puxava-se a lustro, engraxáva-se, cortávão-se cazácas, fazião-se barbas, pintávão-se alguns, frijia-se, etc., etc., entendeu pois e muito bem que bem podia ser a reedição da Cáza dos 24. E chegádos a ésta ilustre Caza á umas figuras cértas e sabidas, como D. Safú, dr. Breloque, D. Salustio, Muzico, Miopia Senior, dr. Rejistro e outros menóres cada um do seu oficio, onde tudo se fabrica visto avêr pessoal competênte.

— Já ésta vai um pouco longa, por isso vou rematar com algumas noticias lijeiras, tendo ainda de adiar o cázo da menor orfã, a que já me referi, para outro dia e varias outras couzas que forem occorrendo, porque, nem tudo lembra duma vês, nem a *Rezistência* tem espaço para lôngas cartas.

— O comércio e a agricultura, tem atravessado uma lônga crize, sendo o motivo principal o retraimento de crédito do Banco Ultramarino, e além disso as condições onerózas em que fás os seus empréstimos ipotecários, copiando mais ou mênos os vélhos procéssos da companhia do Crédito Predial, que, como se sabe, tem sido a ruina da agricultura na metropole. Com relação ao desconto de letras, ao juro de 7 1/2 % ao âno, é aumentádo de 7 1/2 para 11 1/2 % logo que se faça qualquer reforma! Eis como, sr. redatôr, por aqui se póde vivêr com dezafôgo, com tais juros, que não fazem invéis ao das afamadas cazas preguistas. Este assunto caréce ser tratado com vigôr, e para isso se torna necessaria a cooperação do alevantado e briôzo caráter de v. ex.ª.

— Tem-se dado, agora, como dantes, mas mais descabeladamente, roubos a bordo das lanchas de descarga, pertencentes ao ajênte da Emprêza Nacional.

— Terminamos por felicitar o nosso amigo sr. dr. Monoel Correia do Rêgo pela sua formatúra.

Principe, 21, Setembro.

Urbano.

P. S. A entidade Emprêza Nacional de Navegação, que tanto tem engordado á custa dos *moiros* que explórão a Cósta ocidental d'Africa, está, dêsde á muito, fazendo serviço sem contrato com o govêrno central, achando se portanto em tôda a sua plêna liberdade de impôr as tarifas que muito bem entendêr, porque, nem a isso se opõe o govêrno por não existir contrato, nem têm receio de concorrencia, que infelismente não á. Assim, vái fazendo serviço a seu belo capricho, sustentando uns prêços elevadissimos de cargas e passajens, sem que ninguem intervenha na audacióza marcha da opulenta emprêza. As passajens, fôrão aumentadas, á cêrca de quatro ânos, a titulo de carestia da ulha, e tendo esta voltado depois quázi ao antigo prêço, não mais pensou a emprêza em restabelecêr o antigo prêço das passajens, que elevou *apênas* com 15 por cento!

Porque não reclamão os principais carregadôres? Perguntarão as pessôas que nos derem razão. Mas a resposta é rapida e facil. Os grandes carregadôres, que por isso mêsmo são os grandes passajeiros, têem no fim de cada âno, um chorudo bonus com que a opulenta emprêza os brinda, não só para fazerem politica mansa, como para não pensarem em carregar noutros barcos que não sêjão os dela.

A emprêza, ôje, é um estado no estado impõe-se, põe, dispõe, manda e tudo consegue, visto sêr altamente protejida e têr o monopolio da navegação d'Africa.

Os seus reprezentantes no ultramar, por isso mêsmo, dão-se ares de absolutos, pouco ou nada atendem, como sucede no Principe, onde é tempoperdido reclamar contra quaesquer roubos praticados constantemente por tripulantes cabindas, ao serviço das lanchas do ajente sr. Jerónimo Carneiro.

M.

NOTA

Por erro de pajinação não entrou no ultimo número do nosso jornal a noticia que indicava que aviamos tirado o artigo — *A morte de um eroi*, do *Comercio do Porto*.

Pedimos desculpa da omissão involuntária, tanto mais que tivemos verdadeiro prazer em o transcrever, por sêrem das poucas palávras sentidas o que a imprensa publicou a propozito das póbres vitimas.

Está de passájem em Coimbra o nósso amigo e valiôzo correlijionário sr. dr. António Luís Gômes, que veio acompanhar um sobrinho á sua matrícula na Universidade.

Boas vindas.

Têve ante-ontem logar a congregação da Faculdade de matemática para a distribuição de cadeiras.

Foi distribuida a cadeira de Mecânica celéste ao sr. dr. Luciano Pereira da Silva e a de Cálculo, ao sr. dr. Sidónio Bernardino Cardôzo da Silva Páis.

Continua grassando a variola em Trouxemil, Vil de Mattos, Rios Frios, Costa de Rios Frios e Alcarraques.

Começou ontem a notar-se a animação, que dão á cidade os estudantes

Chegárão em grande numero nos comboios de ontem e de ôje.

A matricula na Universidade foi muito concorrida em Direito, notando-se porém diminuição sensivel no numero dos alunos que se aprezentárão para matricula em Mathematica e em Filozofia.

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias—Publicação semanal

Diretóra: D. Leonor Maldonado

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e colloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 1$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada*, a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand Jozé Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

MARCELINO MESQUITA

LEONOR TELES

(ROMANCE HISTÓRICO)

Grande edição de luxo profuzamente ilustráda com gravuras de pájina a 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impréssa em magnifico papél.

Cadernêta semanal de 24 páginas e 1 crómo ou 32 pájinas de têxto — 60 réis. — Tômo mensal, 320 réis.

Brinde a tôdos os srs. assignantes — Um exemplár grátis a quem enviár a importancia de 10 cadernêtas, tômos ou volúmes.

Em publicação na

A EDITORA, *largo Conde Barão, 60*

Lisboa

ANUNCIOS

Leilão de Penhores

A Cáza Auxiliar de Credito Industrial previne que: desde 15 a 30 de Novembro terá principio o costumado leilão, que durará até ao fim de Dezembro proximo futuro.

O Proprietario,

João Augusto S. Favas.

FARMACIA ASSIS

SERVIÇO PERMANENTE

Praça do Commercio—Coimbra

Esta caza depois das modificações que acaba de sofrer, é um dos melhores estabelecimentos desta cidade, no seu genero.

O seu proprietário fornecendo-se diretamente das principais fábricas de produtos quimicos e farmaceuticos, tanto nacionaes como estranjeiros; está a pár do dezenvolvimento que a quimica e a terapeutica dia a dia vão experimentando e por isso possue uma colléção variáda das mais modérnas substancias e produtos quimicos.

O aviamento de todo o receituario é feito por pessoal competentemente abilitado, sob a direção do seu administrador.

Esta caza encarrega-se de mandar os medicamentos a caza de seus freguezes, assim como de chamar qualquer dos clinicos desta cidade a toda a óra do dia ou da noute.

Analizes complétas

de urinas, expétoração, sangue, corrimentos ureteráis e vajinais, etc. etc. e bem como análizes d'aguas, vinhos, azeites, terrenos, etc., etc.

Preços absolutamente excécionais

JARDINEIRO

Manuel caldeira, de 37 annos de edade, de Sernache dos Alhos, oferece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nésta cidáde ou imediações.

Tem longa pratica daquêle serviço, pois estêue durante 16 ânos, efétivos, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr póde procura-lo de Sernache dos Alhos.

A CONSTRUTORA

ESTRADA DA BEIRA

COÍMBRA

Madeiras nacionais e estranjeiras: riga, flandres, mógno, vinhático, páu prêto, nogueira, castânho, plátano choupo, eucalipto e pinho em tôdas as dimensões. Têlha massalha e portuguêza, tijoulos, louza para coberturas e em tôdas as suas aplicações. Cimêntos de divérsas márcas, cál idraulica e jêsso. Louças sanitárias. Azulêjos. Manilhas de grés e bárro. Ferrájens para construções civis, pregaria, ferro, chúmbo, zinco, estânho e férro zincádo etc. *Láca Japonéza*, tinta de esmálte para férro e madeira. Óleos, tintas, vernizes, pinceis asfálto, etc.

Fabrico de ladrilhos pelos processos mais modérnos

Encarréga-se de construções completas ou pequenas reparações

Executam-se tôdos os trabálhos em carpintaria, marcenaria e serralharia, para o que tem sempre pessoál devidamente abilitado.

Alugão-se apparêlhos para elevár materiais até ao pêzo de 3:000 kilos.

Vigamênto de férro. Concêrtos em pulverizadôres. Tubos, discos, cónes, esféras e todos os artigos em borracha proprios para pulverizadôres de divérsos autôres. Mangueiras em lona e borracha de todas as dimensões.

Depózito de cófres á próva de fôgo e fogões de férro.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influeza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jeuuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600
Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicaçõis com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Téte d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saucisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito: medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — Rua Ferreira Borges — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómem e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estranjeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanélas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestaçõis e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condiçõis do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONOGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande coléção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazênão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.ºs 34 e 35. —Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

DE NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Água da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Litiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro—Preço 200 reis

Deposito em Coimbra—**PHARMACIA DONATO**

4, Rua Ferreira Borges, 6

GUIA PRÁTICO

DE

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDÁDE

COMERCIAL, BANCÁRIA, AGRÍCOLA E FÁBRIL

Pelo professór e perito comerciál Joaquim Enríques da Silveira Pássos

Diplomádo pela Escóla do Comércio de Lisboa

No dia 1 do corrente mês de Setembro começou a publicação semanal, em fasciculos, désta importante e útil óbra, destinada a abilitár, sem auxílio doutros estúdos e **sem méstre,** a organizar, seguir ou balançar a escrituração de qualquér cáza comerciál, bancária, agrícola ou industrial, a exercêr ábilmênte qualquér logár de carteira e a concorrêr com a preciza abilitação aos concúrsos de bancos e repartições públicas.

O *Guia prático* ensina a rezolvêr cêrca de mil problêmas vários sôbre escrituração e contabilidáde e é dividido em dois volumes.

1.º volume—Cálculo

Compreêndo o ensino prático das operaçõis sôbre: Números inteiros, decimais, quebrádos, compléxos, elevação a potencias, extráção de raízes, divizibilidáde, sistêma métrico, régras de três simples e compóstas, régra de conjunta, régras de companhia, de liga, de avarias, percentájens, juros, descontos, prázo médio, juros reciprocos ou juros de contas correntes pelos métodos diréto, indirécto e amarguês, câmbios, juros compóstos, anuidades, fundos públicos, papeis de crédito de arbitrájens.

2.º volume—Escrituração

Compreêndo cinco modêlos compléto, com tôdos os livros principais e auxiliares, sendo tôdos os problêmas acompanhados das mais cláras e precizas explicaçõis: 1.º modêlo, uma escrita pelo sistêma de partidas sinjélas; 2.º, uma escrita duma cáza comercial, contendo oito mêzes de operaçõis divérsas pelo sistêma de partidas dobrádas, com três balanços; 3.º, uma escrita duma cáza de comissõis e consignaçõis; 4.º, uma escrita duma indústria explorada por uma sociedáde anónima; 5.º, uma escrita agrícola

Prêço de cada fasciculo em Lisbôa e na provincia 100 réis.

As assinatúras pódem ser feitas por bilhête postal dirijido á emprêza da publicação désta óbra a Afônso d'Oliveira, rua do Arsenal, 108, ou ao ajênte em Coimbra — **Moura Márques** — LIVRARÍA.

PROGREDI ET PRODESSE

ADEGA REGIONAL DE ENIRE DOURO E LIZ

COIMBRA

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miudo

Installação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda a miudo (15 de outubro de 1904.

Marcas	Garrafão de 5 litros	Garrafa de litro	Garrafa bordaleza
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	550	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — *Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.*

Pedro Carqueja 14

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12 — Rua da Moeda — 14

N.º 946 | COIMBRA — Quinta-feira, 20 de outubro de 1904 | 10.º ANO

CONVERSANDO

Vão a sumir-se lentamente em Portugal as coizas vélhas; á como que o alvorocêr dum dia nôvo, povoado ainda das imájens vaporózas do passado, flutuando incértas e vágas, rompendo se á lús do sol nascente.

O que á de mais inalteravel se transfigura, e á nas coizas amadas um rizo nôvo.

Três vêzes a sála dos capêlos se alegrou em féstas da vida nova da sciencia, modérnas no sentir e na expressão.

Por três vêzes, aquêles damascos, em que paréce corrêr o brilho dos cirios acêzos, se abrirão num rizo nôvo á lús viva do sol entrando á vontade pelas janélas rasgadas, clarificando a atmosféra poeirenta daquéla sála dos capêlos de estilo bafiênto, na linha dura dum cerimonial de côrte de sacristía.

As féstas em ônra do dr. João Jacinto da Silva Corrêa, consagrando a fraternidade que une professôres e alunos, as sessôis do congrésso da Liga Nacional contra a tuberculóze, afirmando o caráter social da sciencia, a sessão de abertura dêste âno, proclamando a fôrça social do ensino, iniciárão uma éra nova na istória da Universidade, tão rica em exemplos de dedicação e patriotismo.

A continuidade, a successão dêstes fáctos, a sua fôrça progressiva alégrão-nos por mostrarem que não assistimos a uma manifestação esporadica do facil e irreflétido entuziasmo nacional, mas sim ao movimento progressivo do ensino em Portugal, que conségue evidenciar-se apezar de tôdos os estôrvos que lhe tem pôsto a ruinóza e desmoralizadôra administração dos govêrnos monarquicos.

A oração inaugural do sr. dr. Bernardino Machado faria a onra dum professôr em qualquer Universidade do mundo, pela elevação do conceito, pelos altos conhecimentos pedagójicos que afirma, pela clarêza com que foi expósta, pela independencia que revéla, e pelo sentimento com que foi escrita e pronunciada, indicando um espirito apaixonado pelo ensino e crente na sua força para o resurjimento da sua patria.

A resposta, que entendeu devêr dar-lhe o sr. dr. Avelino Calisto, mostrou a oportunidade da afirmação publica de ideias, que a pedagoj·a moderna afirma sêrem essenciais para o progrésso do ensino, fonte de toda a a fôrça nacional, e mostrou-o, não porque os argumentos do ilustre professôr de direito reprezentassem uma orientação que fôsse necessario abandonar; mas sim porque o sr. dr. Avelino Calixto é o exemplo mais frizante do que póde o mau ensino, mesmo nos individuos de maior intelijência, mêsmo nos de mais fôrça de caráter.

As ideias do sr. dr. Avelino Calisto não são ôje as de ninguem na Universidade.

Não! A' muito que perdêrão a fôrça.

O sr. dr. Avelino Calisto não é o chéfe dum movimento, o sr. dr. Avelino Calisto é apenas uma opinião, é apenas um *retardado* no movimento universitario contemporaneo.

Mas a sua intelijência, a fôrça do seu caráter independente, o amôr que ainda ôje mapifésta pela Universidade e que o prende aos estudantes, ainda os mais novos, num cuidado carinhôzo que encobre com aspereza apenas aparente, demonstrão a fôrça deprimente do velho ensino universitario que inutilizou tão brilhantes qualidades.

O sr. dr. Calisto não poderia responder ao sr. conselheiro Bernardino Machado; porque o sr. dr. Avelino Calisto é um exemplo da fôrça esterilizadôra do velho ensino universitário.

Para poder responder ao sr. dr. Bernardino Machado seria necessário conhecêr todo o problêma do ensino, e o sr. dr. Calisto ignóra o; porque a pedagojia é uma ciência modérna, e o sr. dr. Calisto é um exemplo vivo do professôr, como o descreveu o sr. dr. Bernardino Machado, começando a sua vida, môço, sem óbra sua, pessoal de ciencia, conhecido apenas pelos seus sucéssos de estudante.

E a afirmação da sua vida científica está ainda nos seus ruidózos sucéssos de estudante, porque a sua longa carreira de professôr correu sem a publicação de trabalhos científicos nóvos, embóra com a demonstração da mesma intelijencia brilhante nas discussôis das aulas e dos átos grandes, desdenhando de todas as descobértas modérnas, rindo alto de cada conquista nóva da ciencia, de que não móstra senão o conhecimento superficial que dá o acázo da convivência universitária.

O sr. dr. Calisto tem vivido apênas da sua intelijencia, dos deslumbramentos que éla produs, e, na sua cadeira, como no tribunal, vence deslumbrando pela intelijencia creatúras ignorantes.

Ainda désta vês o ilustre professôr na resposta ao sr. dr. Bernardino Machado confiou unicamente na sua intelijencia e entregou-se ao acazo duma improvização.

E atraiçoárão-no a sua intelijencia e a fôrça de improvização a que déve os seus sucéssos nos tribunais.

Assim devia sêr; por isso se apossou de todos um tão grande mal estar, quando o sr. dr. Calisto começou a falár: todos vião que ia acabar a iluzão no espétaculo de vélha e gasta rétórica universitaria, e éssa impressão ia-se acentuando á medida que, seguindo os vélhos ábitos, o sr. dr. Calisto lembrava os ânos da sr.ª D. Maria Pia e a sua inconsolavel viuvês, faláva na ternura paternal do fôro academico, proclamava a necessidade do juramento, garantia do cumprimento do devêr, elojiáva o primeiro estabelecimento scientifico do país que tinha dado tantos ómens conhecidos pela sua alta sabedoria, dominando as fôrças fizicas, afirmava a excelência do culto, chamando a Cristo o maior revolucionario.

Era um discurso môrto, sem a orijinalidade duma ideia, pobre de conceitos e de fórma, sem a fôrça sujestiva que dá á palávra uma convicção sentida.

Ao discurso do sr. dr. Bernardino Machado, estudado tão cuidadózamente, cheio de um espirito scientifico tão alto, concebido com tanto respeito de todas as opiniôis e de todas as crenças, falando em linguajem clara, sem encobrir-se com ideias de falsa jenerozidade ou delicadêza, oração modérna, vibrante de patriotismo sentido, o sr. dr. Avelino Calisto julgou-se na obrigação de contrapôr num improvizo, tôdos os logares comuns da vélha rétórica universitaria, desconceituada pelo ridiculo no espirito publico.

E os professôres não podião deixar de se sentir véxados por se vêrem pela rétórica universitária, transformados em eróis classicos reunidos ali para depôr as armas nas áras de Minerva.

E não avia nada nem na lei, nem nas praxes academicas, que obrigasse o sr. dr. Avelino Calisto a tomar a palavra, e quazi em ar de censúra, por ter avido a omissão dum cumprimento á realêza, por avêr esquecido na oração do sr. dr. Bernardino Machado a comemoração dos lentes falecidos.

Quem conhéce a alma enternecida do dr. Bernardino Machado, quem leia o *Instituto*, ou quem acompanhe os funerais dos lentes falecidos, sabe como êle levanta a sua vós no elojio das virtudes dos seus colégas da Universidade.

Nunca morreu nenhum do mais umilde ao mais elevado em distinções sociais, que o sr. dr. Bernardino Machado não tivésse palávras da mais enternecida saúdade e ao mais levantado elojio para o companheiro, que tantas vezes ia bem dezancompanhado para a sua ultima jazida.

Como o não faria agóra, quando lhe impunhão êsse dever as leis e as praxes academicas?

E' que nem leis, nem praxes academicas mandão acompanhar a oração de sapiencia de cumprimentos realengos e de prantos funebres.

Não foi um facto izolado a omissão do sr. conselheiro Bernardino Machado.

Tem-na avido mais vêzes sem reclamação dos reitores.

O sr. dr. Bernardino Machado mesmo, na oração de sapiencia que recitou no dia 16 de Outubro de 1883, não fês sombra de referencia nem aos ânos de sua majestade nem aos professôres mórtos.

Isto deu-se em 1883.

A oração veio publicada no arnuário sem merecêr reparos para ninguem, senão pela forma superior com que fôra escrita e pronunciada.

Isto em 1883!

O sr. dr. Bernardo de Serra Mirabeau, o mais devotado culiôr dos estudos istóricos universitarios, que nunca esqueceu o obreiro mais umilde, e que elaborou a memória istórica da faculdade de medicina, êle, a quem érão caras esta comemoraçõis, quando em 1886 lhe coube fazer a historia da Universidade, não aproveitou a ocazião azada de mostrar o seu sabêr numa comemoração dos lentes falecidos.

E o mesmo fazia em 1892.

E nêsse áno morrêra, após um padecimento cruciante, o dr. Fernando de Mélo, lente de medicina e um dos seus maiores amigos.

Nem uma palavra.

E' que não são da lei nem da praxe semelhantes comemoraçõis.

O sr. dr. Rocha Peixôto, começando a sua oração de sapiencia em 16 de Outubro de 1887 por se congratular por vêr vivo o seu colléga e amigo dr. Garret, não têve uma palávra para os professôres mórtos e, tecendo o elojio funebre de A. Augusto de Aguiar, não deixava de consignar que deveria parecer extravagante aos outros que êle deixasse o assunto forçado da oração da sapiencia para se deixar arrastar por o que julgava um devêr, como o tinha concebido na sinceridade da sua alma.

E tinhão morrido nêste âno dois lentes de prima.

Não fês tambem ésta comemoração, unica omissão que poderia extranhar-se no discurso do sr. dr. Bernardino Machado, o sr. dr. Antonio dos Santos Viégas em 1888.

E não fês o sr. dr. Viegas referencia á morte do professôr Albino Jeraldes, um dos vultos mais importantes da Faculdade de Filozofia.

Não o fês tambem em 1890 o sr. dr Luis Maria da Silva Ramos, apezar de não ter faltado aos cumprimentos elojiózos a s. m. a sr.ª D. Maria Pia.

E tinha, morrido nêsse âno, o dr. Antonio Bernardino de Menêzes, lente de prima da mêsma faculdade do sr. dr. Luis Maria da Silva Ramos.

Não! Nem na lei, nem nas praxes, o sr. dr. Calisto póde achar desculpa para a sua intervenção ilegal e inoportuna.

Falâmos sem espirito partidario. Nunca nos cegou.

O sr. dr. Avelino Calisto é um adversario politico pouco para temer.

Falamos sim contra o arbitrio a impôr-se aparentando de lei.

Não! Nem leis nem praxes autorizão tal procedimento.

A verdade é que, apezar de todo o tradicionalismo que ostenta, o sr. dr Avelino Calisto não está ao facto das praxes academicas.

A pag. XIII do *Anuario* da Universidade de 1901 a 1902, lê-se, na oração do sr. dr. Fernandes Vás: «A comemoração dos lentes falecidos durante o âno létivo costuma deixar se aos reitôres na solenidade academica da distribuição dos prémios».

E tanto assim é, que no *Anuario* do ultimo âno létivo a pag. 10, 11, 12 e 13 da alocução do reitôr da Universidade, sr. dr. Pereira Dias, proferida no ato da distribuição dos premios, a 8 de dezembro de 1903 se encontra a comemoração da morte do professôr Costa Simôis que, tão ao de leve, como em tudo o mais, foi novamente fazêr, o domingo passado, o sr. dr. Avelino Calisto.

Não á que discutir as opiniôis do sr. dr. Calisto no discurso pronunciado em opozição á oração inaugural do sr. dr. Bernardino Machado.

São argumentos vélhos que ôje ninguem perfilha.

Que objétar á sua convicção marcial de que dévem atacar-se á pranchada os manifestantes pacificos para evitar que éssas manifestaçõis dejenérem em tumultuárias e criminózas, ou á sua pitoresca teoria de que por cauza dos *ambientes da atmosféra* luminóza e quente em Portugal, fria e enevoada na Alemanha os nossos estudantes teem de ser necessariamente descuidados e os estudantes alemãis aplicados?

Ora tudo o que, com largo jésto, expôs sôbre o govêrno e sôbre o ensino orçou por isto.

O que se não póde deixar sem protésto são as arguições feitas ao carater e ao saber do dr. Bernardino Machado, dando a entendêr que na oração inaugural deixára de fazer a comemoração, que lhe cumpria, dos lentes da Universidade ultimamente falecidos, acuzando-o de ter alterado a verdade na expozição dos fáctos, negando-lhe a palavra para se defendêr de arguições tão graves.

Tôdos conhécem as sobejas próvas, que na situação de prezidente do Instituto, tem dado o dr Bernardino Machado, de respeito pelos colégas mórtos, que muitas vêzes tem encontrado só nêle uma palávra de respeito e de saúdade.

Não podemos deixar de protestar tambem contra a afirmação de que o sr. dr. Bernardino Machado fôra inexáto, quando declarou avêr-se feito a última reforma da Universidade, ditatorialmente, sem consulta do ministério.

O próprio relatório da reforma dís, com toda a impertinencia para a Universidade: «A comissão nomeáda pela Universidade para elaborar as bázes da reforma, dominada desde a sua constituição por irredutiveis questôis teóricas, não chegou a concluzôis práticas aproveitáveis.»

Só o que o relatório não dís é que um dos teóricos irredutíveis era o próprio diretôr jeral de instrução pública, seu autôr, ao tempo secretario da comissão eleita pela Universidade, e que, se a comissão não chegou a concluzôis aproveitáveis, não foi por cauza das suas discussôis, mas, ao contrário, por êlas terem sido suspensas pelo reitor da Universidade, delegado do governo, que, depois déla se reunir 2 ou 3 vezes, não mais a convocou.

A universidade não póde, pois, formular o seu projéto de reforma, não póde dar ao governo a consulta, que lhe competia, não, respondendo como uma criança aos quezitos, ás perguntas da diréção jeral de instrução publica, mas dezenvolvendo livremente o seu pensamento reformadôr, elaborando, como o relatório reconhéce justo, as próprias bázes da reforma.

O sr. dr. Bernardino Machado mantêve-se sempre dentro da lei e das nórmas universitárias; quem exorbitou foi o sr. dr. Avelino Calisto, intervindo na expozição livre das ideias que a lei do instituto universitário faculta aos professôres e que estão nas tradições gloriózas da istória da Universidade.

Este é o pensar jeral.

Este é o nosso modo de sentir e de pensar.

No sul de Angola

Sobre o dezástre no Cuamato não fôrão dadas ao conhecimento publico mais noticias.

As linhas telegraficas aérias e submarinas segundo paréce, estão avariádas. Como documento comprovativo da seriedade e lealdade com que o ex-ministro de marinha informava o pais, publicamos a carta do sr. major Eduardo Costa dirijida ao *Diario de Noticias:*

Sr. redatôr do *Diario de Noticias*

Em referencia á noticia dada pelo muito conceituado jornal de v. ácerca da expedição ao Cuanhama e na parte que me é atribuida na organização da coluna de operaçõis além Cunene, tenho a declarar o seguinte:

1.º — Que á data da entrega do governo jeral de Angola, por mim feita ao sr. conselheiro Custodio de Borja em 17 de março dêste âno, nada estava resolvido ácerca da ocupação de Cuanhama, Cuamata, etc., nem entre mim e o sr. Aguiar ouvéra qualquer combinação sobre tal assunto.

2.º — Que a resolução de ocupar o país além Cunéne foi tomada superiôrmente depois da minha chegada a Lisboa, não tendo eu sido chamado a dar qualquer opinião ácerca da organização da coluna expedicionaria ou de um plano de operaçõis.

Esta declaração tem, certamente, muito de superflua, pois não fazia sentido mandar á Africa o organizador da primeira expedição para, entre outras cousas, investigar os motivos porque este não poude cumprir a missão que lhe fôra designada.

Esperando dever a v. a fineza de publicar esta carta no proximo numero do seu tão apreciado jornal, e agradecendo as amaveis referencias ao meu nome, subscrevo-me com a mais alta consideração

De v. etc.

Eduardo Costa.

Lisboa, 14 d'outubro de 1904.

C.V. Campo dos Martires da Patria, 134, 2.º»

Na sessão da camara dos deputados do dia 7 do corrente mês, dizia o sr. Rafael Gorjão, ao tempo ministro da marinha «devo informar tambem a camara de que o sr. Eduardo Costa, é que foi de opinião de se entregar o comando das forças ao sr. Aguiar».

Quem falla verdade?

Disse mais o sr. Rafael Gorjão, que tomava e assumia as responsabilidades, caso lhe fossem exijidas.

Tendo s. ex.ª sahido de ministro como se poderão tornar agora efétivas taes responsabilidades?! Tudo *cantigas* e quem morreu morreu!

DR. EMÍDIO GARCIA

Ainda á pouco o vira cheio de vida, falando com enternecimento da sua vida de Coimbra.

Foi na sua quinta dos Malheiros, aonde viéra socegar da vida trabalhóza de Lisboa.

A quinta encantadora...

Fica perdida a meia encosta dum monte todo perfumado de pinheiros e urze.

A caza fôra mandada fazêr por êle, pequenina, para aconchegar a sua velhice tranquila, no calôr da mulher e dos filhos queridos.

As ruas cercadas de vinha nova correm docemente pelo monte, abertas no barro vermelho, alégres da verdura tenra das párras novas, vão direitas a uma fonte, que sai duma mina funda e fresca, ém que viceja a verdura macia dos fétos, e cai murmurando baixinho num tanque sobre que se debrúção as dalias a ver-se na agua tranquila, a flôr inclinada, como a escutar melhor os segredos que a agua trás da terra funda.

Vejo-o ainda debruçado sobre o chão levantando carinhózamente uma flôr que caira dobrada pelo vento que ajitáva numa caricia a sua barba branca de que as palavras saião docemente.

Foi um dia tranquilo e felis da minha vida o que passei, na quietitúde daquêle lar, admirando com saüdade o olhar de alégre pás da mulher do dr. Garcia revendo-se no filho e no marido, que a sua ternúra conseguira arrançar á vida fatigante e triste de Lisboa.

Conhecia bem aquêle olhar, do dôce olhar de minha mãi, sempre mais alégre e mais dôce, quando se via como os filhos no meio do alégre e são labutar do campo.

Foi no convivio daquéla familia modelar, que êle me contou a saüdade da sua vida académica, e com entuziasmo me disse a alegria do seu primeiro triunfo, quando num dos primeiros ânos, em pleno rejimen de universidade medieval, êle se levantou com toda a jenorizade e entuziasmo da mocidade defendendo a républica.

Eu conhecia o facto que andava ainda na tradição academica, ao tempo em que eu vim para Coimbra estudar.

Era então êle novo e forte, de olhar negro, intelijente e dôce, dum brilho e vivacidade que impressionávão. A sua cabêça grande, os traços fizionómicos fortemente acentuados, a sua cabeleira farta, revolteando em aneis negros em curvas Leoninas, dávão-lhe o prestijio dos fascinadôres das multidões.

Quando se levantáva nas aulas, calávão-se os condiscipulos a escutar atentos a sua palavra que começava arrastada e dôce, e se ánimáva gradualmente até adquirir volume e força para dizer alto as grandes ideias que bem cedo lhe dominárão o pensamento, e que fôrão a sua preocupação constante até ao ultimo momento.

Foi assim que, um dia, falou alto na républica, defendendo do seu logar de estudante a cauza do seu espirito contra a tão fossilidade do professor empoleirado na sua cátedra de doutor.

Mal pronunciou a palavra républica voltárão-se os olhos dos condiscipulos para o professor, esperando, por aquêle acto dezuzado de indisciplina contra ideais ieraticos, uma repressão pronta que mandasse sentar quem pelo fógo dos verdes ânos se deixára levar de imajinações perigózas; mas o professor ficára dominado por aquéla corájem jeneróza, e ouvia encantado como os seus discipulos mais novos.

Ao saír os condiscipulos abraçárão e levantárão nos braços aquêle rapás, cuja eloquencia os dominou durante toda a vida, tão pronto a combatêr por um ideal, como a ajudar um condiscipulo.

E sempre duma alegria sádia.

Fóra das aulas não avia ninguem mais despreocupado e alégre e a policia académica fujia a rir, quando, de noite, via aparecêr as carapúças vermelhas, daquêle alegre bando que se juntava na quinta dos Alpões, e que, na crónica alegre da vida academica, ficou com o titulo de *Bonnet Rouge*.

Fóra das aulas, não avia ninguem mais alegre e descuidado do que êle.

Quando entrava no palco do teatro academico, começava tudo a rir ao vêr a graça com que êle imitava jente que todos conhecião.

E ninguem lho levava a mal.

Era tão alegre e tão intelijente!

Lembrar-me-á muito tempo aquéla tarde, em que eu, ao ouvir a sua vida de lúta pela ideia républicana, me sentia com mais força para lutar, com mais alento para viver.

Formado, continuou fazendo cauza com os academicos, prezidindo o seu club, pondo-se abertamente a seu lado.

E sempre evanjelizando a républicã na cadeira de professor como na rua.

A todos ouvia, a todos aconselhava. A sua ação doutrinária fazia-se sentir em todas as corporações, e são grandes os serviços que prestou á associação commercial.

Creou e sustentou jornais, colaborou na imprensa de Coimbra e sempre defendendo o mesmo crédo.

E' do *Defensor do Povo*, que êle dirijia, que dátão as nossas relações.

Tinhão-me pedido um artigo e eu, percebendo que esperávão de mim uma coiza alegre ou um artigo cientifico sobre o mito relijiozo, rezolvi fazer um conto.

Eu, então, sabia só rir alto, e zangar-me.

Dáta dêsse numero a faze nova em que apareceu o meu enternecimento lirico, e a paixão pelo sentir injénuo das crianças que me tem valido a amizade devotada de tanta mãi.

Vi então como o ideal democratico o dominára complétamente, o cuidado com que fazia os seus artigos, o interésse com que os explicáva aos mais ignorantes.

Afastado da politica, seguia e animava os lutadores.

Nunca lhe vi um dezalento.

Ainda o âno passado, ao saber-me em Lisboa, aonde tinha ido a convite da diréção da Escóla 31 de Janeiro, veio vizitar-me e, por me não encontrar, escreveu me para Coimbra palavras de enternecimento, como se lhe ouvésse feito um serviço, obedecendo aos deveres que me impôi o patriotismo.

Como me lembra aquéla tarde alegre doutôno passada naquéla, quinta, que parece ter-se encondido, para se embeber á vontade na melancolía, sempre a subir do lago verde que fórma lá ao fundo a triste ramaria das oliveiras do vále, em que se érgue ao lonje o penedo da saüdade...

T. C.

Outro govêrno

Apezár de inesperáda, a quéda do ministério não deu logar na cidade a manifestações de alegria ruidóza.

E mais é âno de vinho...

Na Calçáda não se via nada de anormal e apenas parecia notár-se aumento de movimentação á porta do sr. Francisco Nazaré, o simpático vereadôr da instrução primária de limpêza.

Ninguem tal suporía. Imajináva se facilmente uma alegria doida, por ver finalmente acabar, depois de ânos longes de podêr, um govêrno que em tudo e por tudo véxára Coimbra e submetêra a uma tutéla deprimente a vereação eleita pela cidade.

É que nãomudárão as circunstancias.

Progressistas e rejeneradôres, que govérnem, são sempre o mesmo partido de corrução monárquica, sem diferença de ideias nem de processos.

Progressistas e rejeneradôres têem colaborádo na ruina do país do mesmo módo, e os dois partidos têem-se ligado sempre, atraçoando o pôvo, todas as vezes que tem sido necessário levar a cabo uma grande óbra de corrução.

O que dividiu os partidos, aparentemente, agóra, foi apenas o nôme do banqueiro que áde explorar o país para lhes garantir vida farta e regaláda.

A luta das camaras é um espéráculo para iludir o país, e o ministério retira-se tranquilamente, depois de convençido de atreiçoar a patria, quando devia cair ignominiózamente; sái com a confiança da corôa, altamente apregoáda, retira com todas as onras da guérra, quando devia fujir corrido deante da cólera que rebentára e conseguira finalmente triunfar.

E é substituido por quem?

Por aquêles mesmos que colaborárão na sua óbra de corrução criminóza, por os que, dizendo-se um partido de opozição, estivérão sempre ao lado desse governo, e o conservárão no podêr contra a ira popular, pondo-se abertamente ao seu lado contra o interésse da nação.

O governo caiu, mas até na quéda foi ajudádo pela opozição que lhe cobriu a retiráda vergonhóza.

No governo que se levanta, alguns nômes são ainda absolutamente desprestijiados, alguns nômes onéstos são indício provável para muitos de que este governo progressista não durará muito.

Engana se quem tal pensa.

Este govêrno áde durar o tempo que a corôa intendêr que é do seu interésse.

A'de durar o mêsmo que durou o outro, e áde acabar com a confiança da corôa, porque áde bem servi la.

Engana-se quem pensar o contrario. Os partidos politicos têem as próvas feitas em Portugal.

Não são partidos da nação. São partidos da monarquia, e os interésses da nação e da monarquia são separados e contrarios.

Todos se ligão, não por um dever de solidariedade respeitavel, quando esteja em risco grave a instituição que defendem, mas sim todas as vezes que é necessário fazer ato de ostentação de baixo servilismo, ou de vil bajulação.

Em Portugal, os partidos politicos do governo perdêrão á muito a atitude nóbre e firme que lhes impunhão os devêres da sua situação.

Em Portugal, os govêrnos monárquicos não ândão, rastêjão.

E tôdos têem o mêsmo ar servil, os que têem governado e os que se oferécem para governar, fazendo paráda do seu amôr entranhado á monarquia.

Perante a possibilidade da entrada d'alguns deputados républicanos na camara, os que se aprezentão como podendo garantir de futuro a salvaguarda da nação pelo respeito da lei, unirão-se com os que chamávão gáfos de corrução para impedir que a vontade popular impozésse a el-rei a entrada dos eleitos pelo partido democrático.

Nos governos monárquicos, os que estão, como os que ão-de vir, não diférem nem em procéssos nem em ideias, nem em intenções.

Ontem érão os progressistas e francáceos que ajudávão os rejeneradôres na exploração do país, ôje são os rejeneradôres e francáceos que estão em desponibilidade para encobrir as manóbras do governo na exploração do país.

Por óra á tempo para terçar armas, em torneios de rétórica.

As primeiras despêzas estão garantidas.

O governo saiu corrétamente, com a confiança da corôa...

BANQUÊTE

No dia 16, reuniu-se a camara no Hotel Avenida, num banquête em ônra do seu prezidente, sr. dr. Manoel Dias da Silva, afirmando a sua solidariedade com o ilustre professôr da Universidade que tão intelijênte mente e com tanta dedicação, sacrificára todo o seu sabêr e toda a sua atividade á administração municipal.

O *menú* era o seguinte:

POTAGE

Consommé de tortue au monte Carlo

HORS D'ŒUVRE

Petits patés á la portugaise

RELEVÉ

Poisson sauce normande

ENTRÉES

Filét de boeuf á la Godard
Veau glacée á la parisienne
Galantine de perdreau á la cardinal

LEGUMES

Asperges sauce mousseline

ROTI

Dindoneau truffé

ENTREMETS

Pouding au madère
Grande piece montée
Gateau á la napolitaine
Patisserie assortie

DESSERTS

Vins: Coral, Granada, Topasio; Ambar
Porto, Madeira, Champagne
Café et liqueurs

O jantar começou ás 7 óras, acabando perto da meia noite.

Ouve brindes cordeais ao sr. prezidente da camara, enaltecendo os seus serviços e manifestando o seu reconhecimento pela lealdade cavalheiróza com que o sr. dr. Dias da Silva os tratará durante os trabalhos da sua jerencia.

O sr. dr. Dias da Silva mostrou-se muito comovido durante tôdo o banquête.

Foi uma fésta alégre, em que parecia andar o espirito descuidado que domina as festas da mocidade em Coimbra; parecia um banquête de despedida de estudantes, a tróca da primeira saudade do tempo de luta que passou.

A entuou se esta nota, quando o sr. Aureliano Viegas propôs que tirassem um grupo fotografico como recordação da sua béla camaradajem.

Déve estar justamente satisfeito o sr. dr. Dias da Silva.

No mêsmo dia, em plena sessão universitaria, o sr. conselheiro Bernardino Machado o proclamava benemérito da Universidade pelos seus trabalhos na adminstração municipal, como o exemplo do que déve sêr um professôr moderno, cuja ação déve irradiar da sua cadeira de professôr para o meio social, convertendo-se em utilidade jeral, exercendo uma função patriotica.

Um facto, que se impõi, mostrando bem a união que prende indissoluvelmente a vida da cidade ao funcionamento da Universidade.

A nós alégra-nos vêr êste movimento de unanime aplauzo do sr. dr. Dias da Silva cuja intelijencia, capacidade de trabalho e dedicação pelos serviços publicos sempre louvamos.

CRECHE

A *Rezistencia* ofereceu á Creche o produto da venda da edição da oração inaugural do sr. conselheiro Bernardino Machado, que com a sua proverbial amabilidade acedeu ao pedido que, em nôme déste jornal, lhe foi feito pelo sr. dr. Teixeira de Carvalho.

A venda têve o mais lizonjeiro acolhimento e nós, agradecendo ôje ao sr. conselheiro Bernardino Machado, não podêmos deixar tambem de afirmar mais uma vêz o nosso respeito e a nóssa admiração por quem acaba de mostrar tão alto a sua intelijência e o seu caráter.

O sr. jeneral Almeida Pinheiro mandou celebrar ante-ontem, na Sé velha, uma missa de sufrájio pelas vitimas do recontro do Cunéne.

Assistiu a oficialidade do quartel jenerál e do rejimento de infantaria 23, uma fôrça de capitão do mesmo rejimento, e outra do destacamento de cavalaria.

A' missa, tocou a banda de infantaria 23. Terminada a missa ouve as descargas do estilo.

Literatúra e Árte

CAMINHO DO AMOR, *por* JOÃO DE BARROS.

João de Barros, o vigorôzo e acabado artista da *Canção das mulheres perdidas*, o môço apostolo das *Palavras sãs*, vem afirmar, com êste nôvo livro, que sôb o seu cérebro anciôzo de vida, á um coração repleto de seiva que tambem sabe tirar da guitarrilha enfestoada e cordiforme dos liricos, cançõis lijeiras em que por linhas de paixão o sentimento sóbe, galanteadamente e maciamente para essa mêsma aspiração sua — a vida.

O seu *Caminho do Amôr* é uma das mais sinceras e sadias obras que eu conhêço em verso português.

Sincera, porque á ali apênas e sinjelamente as ideias dum coração namorado que segredou em dôce rima, as notas da saudade, as impulsões do momento, os brados irrequietos duma paixão verdadeira.

Não é a lira dum artista exaltado, vibrando á viração que as saias femenas levantão ao passar. E' uma alma sentindo, querendo e dirijindo um sêr, para o fim sonhado, aceite e decidido.

Com êle não se deu o vulgar cazo do poeta que busca em qualquer rôsto, ôje morêno, ámanhã cláro, num olhar d'acázo, azulado ou cinzento, nêgro ou gárço, a narcótria picáda estimulante que lhe impulsióne a *vis amorósa*.

Prendidamente, numa escôlha definida, o poéta canta só *uma* que amou e quís, não na maneira requintáda e esteril dum decadente, mas na plêna e felís realização dum ideal.

E para confirmar êste acerto, divulgarei que êsse *caminho do amôr* fo-para êle o caminho da vida e que ôje, numa alegria exuberante, João de Barros póde erguêr ao ar o seu primeiro filho que, por uma coincidencia fortuitamente rizonha, beijou a lús do mesmo dia em que o seu livro d'amôr saiu, como se um feito eróico de májico désse bráços e côrpo ao seu vérso palpitante.

Disse eu tambem que ésta óbra é sádia e só quem a não lêr o poderá negar.

Fártos estamos da agoniáda, planjente múza que todos os dias transfórma a nóssos ólhos, mulhéres amádas em tormentos crueis e em capélas tristes, onde os poétas aspirão a ser crucificádos nos calvários dos cólos, nas crúzes dos bráços, a ser sepultádos nos olháres de suas dâmas a quem é uzo chamárem goivos e lírios, perpétuas e martírios e que jeralmente têem por ólhos contas de rezar, ave marias, e por cabêlos, baraços d'asfixia.

Abituádos como estamos a éssa furia satanica e postiça que dís a donzélas cazadoiras e inofensivas coizas acres de dôr, em que o coração fujindo ao sol, ao ar, á vida, busca apenas o banho... de lagrimas — môlho refervido e rançôzo déssas nénias em que a paixão semelha a colica e paréce, ás vezes, uma ventóza sarjada — devemos admirar como se ergue, nitido e forte — para lonje déssas almondegas indijestas que apodrécem nas *vitrines* — o verso claro e puro de João de Barros, despretenciôzo e calmo, como uma grande aza que bate confiada, na diréção do seu destino, a primeira palpitação, cantando o amor sensato e natural que vê na amada a aspiração alacre d'um futuro sereno e deleitado, que bebe em si o segredo da força, do equilibrio e da vitória, a iniciação glorióza que Jozé Anastacio da Cunha revelou:

A alma começa a conhecer que existe,
Que até agora sabia só que amava.

Em João de Basros, a ideia d'amôr está, como deve, mais perto da ideia de vida do que da de morte, como por razões ereditarias, educativas, variadas, sucéde na maior parte dos cerebros.

*

E' interessante que sendo ésta obra aquéla que o autôr fês mais em segredo, sem sequer pensar dá-la um dia ao publico — fôlhas confidenciózas de cartas, pajinas votadas ao sijilio mais completo — seja, segundo creio, a que mais agradará e se divulgará nesse publico que desconhecia a feição lirica de João de Barros, acostumado como está á sua poezia d'intuitos.

Mas ainda aqui, nos devaneios dum noivado, o poeta conseguiu impôr a sua orientação intranjiversa.

A' por vezes no seu livro maneiras

novas d'encarar a paixão que o domina:

E quando emfim morrer na enternecida
Lembrança d'este sonho e d'essa dôr,
Verei maior que a Morte a nossa vida,
E maior do que a Vida — o nosso amôr.

E' a consciencia de que pelo amôr se chega á felicidade, o enjeito que o poeta fás da dôr inutil que êle ensina a transformar em alegria, o equilibrado e simples dezfiar de coizas ternas, suaveis, amaveis, a dedicação pelo lar que vai nascêr, que fórmão dêste livro uma béla obra de simplicidade, de suavidade, de equilibrio.

Sem abundancia d'imajens — João de Barros é um temperamento pouco imajetico — sem tropos complicados, nem aleijõis de vocabulario, o *Caminho do amor* irá estimado e resguardado dormir á cabeceira de muita noiva triste. Oxalá que êle podésse integrar nos corações déssas futuras mãis axiomas tão lindos como êste:

Saber que um sonho egual vive em nós dois
— Que é esse o modo de nascer um lar.

que me fês lembrar êsses outros poderózos versos do citado Anastacio da Cunha:

Mesma vontade, mesmo pensamento,
Mesmos dezejos, mesmo terno ardôr;
Somos emfim (que gloria! que protento!)
Não dois amantes, mas um mesmo amor.

E seria êsse o mais merecido destino dêste livro exemplar: ensinar os que âmão.

Lisbôa, 1904. Out. 14.

Manoel de Sousa Pinto.

Jinázio Club

Começão no próximo sábado as diferente clásses de jinástica para adúltos e crianças do séxo masculino e feminino, sôb a diréção do professôr Augusto Martins.

O orário é o seguinte:

1.ª clásse para adúltos:

2.as, 4.as e sábados, das 7 ás 8 da noite.

2.ª clásse para crianças do séxo masculino:

3.as e 5.as, das 6 ás 7 da tarde. Domingos, de 1 ás 2 da tarde.

3.ª clásse para crianças do séxo feminino:

3.as e 5.as, das 7 ás 8 da tarde. Domingo, de 1 ás 2 da tárde.

A jinástica ministrada ás crianças nêste estabelecimento de educação, é exclusivamente a do sistêma Suéco.

Achão-se abértas as respétivas inscrições.

Em bréve serão inaugurádas as clásses de esgrima e dança.

A diréção rezolveu adquirir um campo próximo désta cidáde, para nêle estabelecêr jógos ao ar livre, para o que foi nomiáda uma comissão composta dos srs. Rodrigues da Silva (prendente), do diretôr Francisco Martins e do protessôr de jinástica Augusto Martins.

Foi autorizáda a permuta dos logáres de professôres de instrução primária entre os srs. Manuel Joaquim da Silva, de Lorvão e Manoel Rodrigue de Figueiredo, de Santo António dos Olivais.

Laboratório de microbiolojia

Movimento das analises no Laboratorio de Microbiolojia da Universidade durante o mês de setembro:

Urinas, 15; expétoraçõis, 20; corrimentos vajinais, 45; pulmão de boi, 1. Total das analises efétuadas, 81.

Pediu a sua demissão de governador civil o sr. dr. José de Matos Sobral Cid.

Indijita-se como seu sucessôr o sr. dr. Antonio de Pádua que é tambem professôr da faculdade de medicina, ou o sr. dr. Rocha Calisto, juis de direito désta comarca.

Incêndio

Na tárde do dia 18 deu-se um incendio nas trazeiras do prédio do sr. Aloizio de Pinho, a Sant'Ana, ardendo uns cazébres, e uma porção de lenha e de carqueja.

Na mercearia do sr. Manuel Fernandes Dias, estabelecida no mesmo prédio ouve alguns prejuizos devidos á remoção de fazendas que teve de fazer-se antes de debelado o incendio.

ANUNCIOS

EDITAL

João da Fonseca Barata, Vice-Ministro da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de S. Francisco, de Coimbra:

Faço saber que, não se tendo realizado ôje a eleição dos vogais do Definitorio, que, nos termos do art. 69.º dos estatutos, ão de servir até á posse dos que forem eleitos na primeira eleição ordinaria, por não aver concorrido á eleição a maioria dos irmãos com direito a votar, será esta repetida no proximo domingo, 23 do corrente, pelas 10 oras da manhã, na igreja do Carmo, observando-se o dispôsto no cap. XVI, artt. 5o e seguintes.

E para que chegue ao conhecimento dos interessados se passa o prezente que vai sêr afixado á porta da igreja do Carmo, e publicado em dois jornais de Coimbra.

Coimbra, secretaria da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de S. Francisco, 16 de outubro de 1904.

O Vice-Ministro,

João da Fonseca Barata.

Impressor

Precisa-se na Typ. França Amado.

Commensaes

Na rua do Loureiro n.º 13, recebem-se de cama e meza.

Predio em Coimbra

Vende-se um situado na rua do Corpo de Deus n.º 38, que consiste em magnifica casa de abitação com pára-raios, gás e agua de cistérna e da companhia, jardim e quintal com arvores de fructo.

Para tratar, em Coimbra, Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, n.º 156, e no Pôrto, na rua do Brugnor, n.º 148.

MOBILIA

Vende se um aparadôr, dois guarda-louças, duas secretárias uma estante para livros, uma cómoda, uma montra de cristal, e outras peças miudas.

Para tratar, na Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, 156.

CAZA

Arrenda-se o primeiro andar, rua Fernandes Tomás, ponto central da cidade, muitas e boas acomodaçõis, lindas vistas sobre o Mondêgo, agua e gás.

Tráta-se na Praça do Comércio, n.º 14, 1.º

OUTONO DE 1904

Raizes de Rainunculos, Jacintos, Tulipas, Anémonas, Narcizos, etc.

Sementes de Amôres perfeitos francêzes, semente d'ortaliças nacionais e estranjeiras.

Rua Visconde da Lús, 12

FARMACIA ASSIS

SERVIÇO PERMANENTE

Praça do Commercio—Coimbra

Esta caza depois das modificaçõis que acaba de sofrer, é um dos melhores estabelecimentos desta cidade, no seu genero.

O seu propriétario fornecendo-se diretamente das principais fábricas de produtos quimicos e farmaceuticos, tanto nacionaes como estranjeiros; está a pár do dezenvolvimento que a quimica e a terapeutica dia a dia vão experimentando e por isso possue uma colléção variáda das mais modérnas substancias e produtos quimicos.

O aviamento de todo o receituario é feito por pessoal competentemente abilitado, sob a direção do seu administrador.

Esta caza encarrega-se de mandar os medicamentos a caza de seus freguezes, assim como de chamar qualquer dos clinicos desta cidade a toda a óra do dia ou da noute.

Analizes complétas

de urinas, expétoraçõis, sangue, corrimentos ureteráis e vajinais, etc. etc. e bem como análizes d'aguas, vinhos, azeites, terrenos, etc., etc.

Preços absolutamente excécionais

Venda de bens

No dia 30 do corrente mez de cutubro, pelas 10 horas da manhã, em Pereira e casa do Ex.mo Sr. dr. Abilio Mendes Pinheiro de Magalhães Mexia, vender-se-hão, convindo o preço, os bens abaixo descriptos e confrontados, pertencentes á Ex.ma Sr.a D. Maria Eduarda Seabra Couceiro de Freitas, de Formozelha. Os preços das arrematações são livres para acredora. Os arrematantes depositarão no acto da arrematação 20 % do preço dos predios arrematados.

N.º 1

10 aguilhadas ou 5400m² de terra lavradia no campo de Formozelha, a confrontar do norte com a valla da insua, sul com a linha ferrea, nascente com D. Emilia Sarmento da Costa, poente com Antonio Rodrigues Pinto. Foreiro á confraria do Santissimo, de Santo Varão em 900 réis annuaes.

N.º 2

14 aguilhadas ou 7560m² de terra lavradia, no campo d'Ourique e sitio do Batafal, a confrontar do norte com a estrada da Mondeguinha, sul com o rio Velho, nascente com José Simões das Lapas e poente com Manoel Gonçalves d'Azevedo.

N.º 3

7 aguilhadas, ou 3780m² de terra lavradia no dito campo, e sitio da Agreira ou Silveirinha, a confrontar do norte com a estrada da Mondeguinha, sul com o rio Velho, nascente com Diogo Barata e poente com a mizericordia de Montemór o Velho.

N.º 4

12 aguilhadas ou 6480m² de terra lavradia no campo da Carapinheira e sitio de Treixedo, a confrontar do norte com dr. José d'Ornellas sul e nascente com os herdeiros de Antonio Pedro Couceiro e poente com o padre Simões Dias.

N.º 5

12 aguilhadas ou 6580m² de terra lavradia no dito campo e sitio da Vagem da Cova; confrontam do norte com dr. Roxanes, sul com dr. Tavares Lebre, nascente com Algiva da Camara e poente com a estrada do Campo.

N.º 6

6 aguilhadas ou 3240m² de terra lavradia no dito campo e sitio do Saiçal ou Mata Lobos; confrontam do norte com a valla do norte, sul com Vagem da Ponte da Cóva, nascente com Antonio Augusto de Oliveira e poente com Luiz Antonio de Souza.

N.º 7

3 aguilhadas ou 1620m² de terra lavradia no dito campo e sitio do Cadaval ou estau do Rolho, a confrontar do norte com os herdeiros de Fructuozo José da Silva, sul com os herdeiros de Joaquim Urbano Sampaio, nascente com Gervazio de Vasconcellos e poente com Antonio Mendes Laranjeira.

N.º 8

3 aguilhadas ou 1620m² de terra lavradia no dito campo e sitio dos Redemoinhos, confrontam do norte com os herdeiros de Fructuozo José da Silva, sul com a insua do Delegado, nascente com José Brandão de Mello e poente com Viscondessa de Maiorca.

N.º 9

3 aguilhadas ou 1620m² de terra lavradia no campo do marachão e sitio das travessas, confrontam do norte com João Maria Sant'Iago, sul com Antonio Tavares, nascente e poente com a estrada do Paul.

N.º 10

3 aguilhadas ou 1620m² de terra no dito campo e sitio a confrontar do norte com Antonio Rodrigues Pinto, nascente e poente com a estrada do Paul.

N.º 11

3/5.as partes ou 2 hectares de terra lavradia no Monte de Santo Varão e sitio do Coelhal a confrontar do norte com João Maria Baptista e Alfredo Barjona de Freitas, sul com José Lopes, nascente com a estrada publica e poente com os herdeiros de Luiz Soares. Tem este predio 157 oliveiras.

N.º 12

Um olival de terra lavradia no dito monte e sitio das Relvas, com 56 oliveiras, confronta do norte com Carvalhos, do Sebal, sul com Manuel Jorge Martinho, nascente com a estrada publica e poente com João Miranda.

N.º 13

Um olival com terra lavradia, ribeira d'arros e com 40 oliveiras em Santo Varão, a confrontar do norte com Antonio Coelho de Seabra, sul com José Joaquim Pereira e poente com João Maria Sant'Iago.

N.º 14

Uma matta com matto e pinheiros, no sitio do Parizól, freguezia d'Arazede, que mede 264 aguilhadas ou 142:560m² a confrontar do nascente com Francisco Breda e Visconde de Seabra, sul com Jeronymo Magdaleno e herdeiros da viuva Pinheiro, nascente com os herdeiros de Fernando de Souza e poente com Visconde de Seabra e a estrada da Gandara.

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara ... Lê ...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influeza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA„

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, descónto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicaçõis com cuja remessa este jorna fôr onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada ao jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Téte d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saucisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos** e **licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 52

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito: medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómem e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estranjeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanélas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de arvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Lús — 103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestaçõis e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condiçõis do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONOGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande coléção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, canções, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazênão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.ºs 34 e 35. — Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

DE NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Bórjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-calcic

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofor

Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronic Gotta, Litiase urica, Lithiase biliar, Engorgitament hepathicos, Catorrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermatoses*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor d Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 reis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges,

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias — Publicação semanal

Diretóra: D. LEONOR MALDONADO

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e colloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 1$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas de corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada,* a tradução em portuguêz daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand Jozé Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

CAZAS PARA ALUGAR

Arrêndão-se do S. Miguel em dea te os altos de duas moradas de caza uma na rua de S. Pedro n.º 10, co frênte para a rua da Trindade, e a o tra na rua da Trindade n.º 69.

Quem as pretendêr dirija-se a se dono Antonio dos Santos Fonseca, ru dos Gatos, n.ºs 7 a 17.

JARDINEIRO

MANUEL CALDEIRA, de 37 anno de edade, de Sernache dos Alhos, ofe rece-se a quem necessitar dos se serviços, como jardineiro, nésta cidad ou imediaçõis.

Tem longa pratica daquêle serviç pois estêve durante 16 ânos, efétivo nos jardins dos srs. condes do Ame onde ainda ôje se conserva a trabalh a dias.

Quem pretendêr póde procura-l de Sernache dos Alhos.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGURO

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilia e estabelecimentos contra o risco de in cendio.

PROGREDI ET PRODESSE

ADEGA REGIONAL DE ENTRE DOURO E LIZ

COIMBRA

Installação provisoria: rua da Sota, n.º 8

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miudo

Tabella de preços de venda a miudo (15 de outubro de 190

Marcas	Garrafão de 5 litros	Garrafa de litro	Garrafa bordaleza
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	550	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Nos preços indicados não vae in cluida a importancia do garrafão (36 réis) nem a das garrafas (60 réis pa a garrafa de litro, 50 réis para a bor daleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — *Os garrafõ levam o carimbo da Adega em lacr e nas rolhas das garrafas e garrafõ vae o emblema da Adega impresso fogo, ao lado e na parte superior.*

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12 — Rua da Moeda — 14

N.º 947 | COIMBRA — Domingo, 23 de outubro de 1904 | 10.º ANO

OS MESMOS

Progressistas e rejeneradores têem dado agora ao público manifestaçôis ostensivas do muito que se estímão.

O sr. Intze afirmou a sua amizade e a sua admiração pelo sr. Jozé Luciano em plena camara, como se fôra necessário fazê-lo para explicar a vida futura de tranzijencia e de comunhão de exploração, em que pretende entrar com este ministerio.

Progressistas e rejeneradores vão juntos ao paço, uns para se despedir da corôa, outros para lhe agradecer.

Progressistas e rejeneradores trocão nas camaras os mais efuzivos protestos de estima.

Os que entrão e os que sáem ostentão o mesmo desprezo pela administração dos dinheiros publicos.

Intze Ribeiro sái do ministerio, dizendo alto que pozéra de lado a velha praxe de corrução do testamento, e no dia imediato começão a aparecer as nomeaçôis rendózas com o maximo impudôr, desde o galopim até ao ministro de estado.

O sr. Jozé Luciano entra para corrijir desmandos economicos e fórça a nação a uma escuzada prezidencia sem pasta, e a toda uma nova organização dispendióza dentro do ministerio da fazenda, com a creação nova dum gabinete de prezidencia, com pessoal próprio com ramificaçôis com a séde na caza do proprio prezidente do conselho.

E' que, apezar de todas as concessôis do sr. Intze Ribeiro, os progressistas estivérão muito tempo lonje do poder, e virão-se na necessidade de irritar vaidades e adular ambiçôis para evitar a derrocada completa do partido.

A' muito ambiciôzo que é necessario fazer calar.

E' por isso que, apezar das apregoadas economias, se creou para o sr. Antonio Cabral o gabinete da prezidencia, é por isso que com tanta insistencia se fála na creação do ministerio do ultramar, e no desdobramento do ministerio das obras públicas.

Tem uma dupla vantajem: crear logares novos e permitir as acumulaçôis que por lei são defendidas dentro do mesmo ministerio.

A necessidade da creação do ministerio do ultramar á muito que se tornou evidente.

A grandêza das nossas colonias, cercadas por todos os lados de potencias rivais que nos levantão a cada passo dificuldades e conflitos, a complicação dos serviços administrativos, as necessidades multiplas do comércio e da colonização tórnão na verdade inadiavel a criação do ministério do ultramar; mas o que se não vê é a necessidade dum ministerio da marinha.

O ministério da marinha déve ficar fundido com o da guerra.

Não temos senão um vazo de guerra dificil de classificar.

A nossa marinha de guerra é ridicula, e não permitem os recursos do país que se aumente por fórma a dar serviço que não possa fazer-se no ministerio da guerra, e a justificar a existencia da pasta da guerra e da marinha em dois ministérios distintos.

Os desdobramentos, que por óra se anuncião de uma forma indeciza, ão-de fazer-se talvês, mas não no interésse público, antes para socegar animos irrequiétos para contentar vaidades que imprudentemente se despertárão.

A vida do podêr dos progressistas anuncia-se, como a quéda dos rejeneradôres, por dissipaçôis.

Entre os dois não á a escolher.

Averá esperança nos francáceos?

As dezerçôis, que por toda a parte se anuncião com a nova de lhe ter escapado o podêr, as filiaçôis no partido progressista indicão que os francáceos nunca fizérão diferença radical entre os srs. Intze Ribeiro, Jozé Luciano e João Franco.

COMO OS OUTROS

Respondendo ao sr. Dantas Baracho disse, segundo o relato do *Novidades*, o sr. ministro da fazenda:

Quanto ás reformas politicas, o governo progressista não renega o programa do seu partido. Basta estar á sua frente o grande liberal que é Jozé Luciano de Castro. Á, todavia, outras questôis mais instantes para que o governo solicitará, a atenção do parlamente pel importancia capital e pela indiscutivel urjencia que têem. Das reformas politicas a seu tempo se ocupará o gabinête, quando os outros assuntos momentózos estêjão liquidados e rezolvidos.

O sr. ministro do reino senta-se.

O sr. Dantas Baracho:

— E a lei de responsabilidade ministerial?

O sr. Pereira de Miranda:

— Fás párte das refórmas politicas.

Ficará por isso a lei da responsabilidade ministerial para mais tarde...

Para o tempo do sr. João Franco?

Talvês não.

Talvês sim, dirão em alégre ironia progressistas e regeneradôres, que arrematárão a fogaça da governação.

Fogáça e melhorada de âno para âno...

O Vintem das Escolas

A sr.ª D. Amelia Souza Lôbo, espôza dum ilustre oficial reformado da capital está em Coimbra recolhendo assignatúras para *O Vintem das Escólas*, cujo prodúto é, como todos sabem, destinado a subsidiar escólas para difuzão do ensino nos filhos dos proletarios, concorrendo assim para a obra de educação nacional tão descurada semprepelos governos portuguêses.

A ilustre propagandista, tão notavel pela sua devoção pelo ensino, como pela sua atividade jeneróza, tem tido o melhor acolhimento em Coimbra, que mais uma vês mostrou o seu interésse pelas emprêzas verdadeiramente utilitarias e nobres,

POLITICA LOCAL

Continuamos em plênos boátos.

Tudo flutúa entre acôrdo e dezacôrdo.

Para o lugar de governadôr civil coméça a falár-se com muita insistencia no sr. dr. João Maria da Rócha Calisto, juís de direito em Coimbra.

Temos assim dois pretendentes com o sr. dr. António de Pádua.

Para comissário de policia virá o sr. majór Lémos, antigo comissário em Coimbra, que foi exonerádo no rejimen de nomeaçôis *reparativas* da invenção do sr. Intze Ribeiro.

Quanto ao acôrdo camarário feito com os progressistas, á alguns dêstes que na época de prosperidades que coméça e que maus aruspices pretendem será bréve, áchão que bom sería rompê lo e o partido progressista ir á úrna só, quebrando o acôrdo feito.

Outros quérem que o partido progressista mantenha a fé dos contrátos, e vá á úrna em dôce aliança com os rejenéradôres.

Outros, mantendo a fé dos contrátos, fazem notar a necessidade da tutéla progressista, sobre a futura vereação e indicão carinhózamente aos rejenéradôres do acôrdo que o melhór será abandonar voluntáriamente a pretenção para evitar futuros dissabôres.

Do que se ouve salta porém a impressão de que o acôrdo será rôto, escolhendo o primeiro pretexto, para não desgostar os partidários que o podêr trás com o sangue a fervêr.

As eleiçôis camarárias serão feitas pela lei nóva e serão por isso adiádas.

Essa lei inutilizará, dizem, o sr. dr. Dias da Silva que não poderá ser reeleito, como pedião os interésses da cidade, e a viabilidáde dos problêmas administrativos que deixa em começo de dezenvolvimento e que tanto necessitávão da sua atividáde e do conhecimento que possue de todos os complicádos assuntos de administração municipal, para serem levados a bom termo.

Engâna-se quem imajine que o sr. dr. Dias da Silva possa ter ação profícua sobre a administração municipal, estando fóra da camara.

Neste país de competencias ráras as tutélas sófrem-se pouco tempo.

Outro prezidente áde sacudir fatalmente o sr. dr. Dias da Silva, ou áde desgostá lo por fórma a fazê lo dezinteressar da administração voluntária da camara.

O sr. dr. João Arroio disse uma grande verdáde, quando caraterizou o partido progressista pela sua ingratidão com os seus sectários.

Assim é.

Fóra da camara, a ação do sr. dr. Dias da Silva será núla.

E é bom pensar que se o sr. dr. Dias da Silva tem tido ultimamente dos progressistas militantes as próvas de maior estima e de maior respeito, nem sempre assim foi, e talvês não seja estranha semelhante atitúde ao fácto do sr. dr. Dias da Silva ter de abandonar a administração municipal.

O sr. dr. Dias da Silva tem a consideração pública, e os partidos monárquicos aproveitão sempre a força que lhes dá o valôr reconhecido dos partidários, com quanto muitas vêzes os ostilizem escondidamente na párte em que comprométem a sua marcha de corrução.

O sr. dr. Dias da Silva é um bom e onrado cidadão, mas como politico, na acéção uzual que a corrução monarquica deu ao termo, é pessimo.

O sr. dr. Dias da Silva não é capás de violentar o seu procedimento para satisfazer ódios politicos.

Ora, sem odio politico, não á politica monárquica possivel.

O sr. dr. Dias da Silva é pois um máo politico.

Assim tem sido considerado pelos próprios correlijionários a quem deve ter ouvido muitas palávras dezagradaveis, que a consciencia da sua missão lhe déve ter feito desprezar.

Fóra da camara, o sr. dr. Dias da Silva não é senão util para o partido pela consideração, que sôbre êle revérte do seu valôr intelétual e moral.

Fala-se no sr. dr. Ribeiro de Vasconcelos para prezidente tambem.

A nóva lei paréce exclui lo.

Aparéce ultimamente o nôme do sr. dr. Costa Lobo para o mesmo cargo.

Escolas primárias

O sr. dr. Alves dos Santos, inspétôr da 3.ª circunscrição escolár, empenha-se por fazer ministrar aos alúnos de instrução primaria o ensino e exercício da jinástica, como mandão os programas e o exije o dezenvolvimento regular das crianças.

Tem feito delijencias para obtêr a construção dum edificio especial, dotádo com todas as instalaçôis necessárias para que o ensino da jinástica se possa ministrar com ventájem e comodidade para mestres e discipulos.

Não querendo que as crianças fiquem, ainda êste âno, sem o ensino tão indispensavel á nossa população escolár, em que os vicios de dezenvolvimento são a regra, o sr. dr. Alves dos Santos pediu as salas do Jinázio Club para os exercicios de jinástica dos alúnos da escolas municipais de Coimbra.

São muito para louvar estes cuidados e delijencias do sr. dr. Alves dos Santos; porque o ensino da jinástica, indispensavel nas escolas primarias, tem sido sistemáticamente posto de lado e servido apenas para alárdo de erudição nos programas das escolas primarias.

No proximo mês de novembro, começará a publicação de uma nóva revista com o título *Arte e Vida*.

É dirijida pelo sr. dr. João de Barros e editáda pelo sr. Albino Caeiáno da Silva, cujas edições são sempre de tanto primôr, e a quem se deve a fórmula porque se editárão os nóvos.

Lêmbrão-se todos das bélas e orijinais edições das óbras de Eujénio de Cástro, Alberto de Oliveira, Manuel Gaio, cujo tipo foi depois seguido em edições de Lisboa e Porto.

No corpo da redáção da revista aparécem os nômes mais notádos no movimento literário português.

A diviza, ou emprêza, como lhe chamávão os antigos, da revista foi dezenhada por Antonio Augusto Gonçalves.

Tem continuado a montajem da linha telefónica e não têmos a congratular nos com os rezultados que está dando o futuro melhoramento.

As árvores dos passêios e ruas de Coimbra têem sido tratadas com um desprêzo notavel pelos empregados que andão montando as linhas.

No bairro de Santa Crús os plátanos fôrão tratados como coiza inutil e mórta e, alem da ponte, na estrada de Santa Clara, as bélas fáias marjináis não merecêrão maior respeito.

Bem sabêmos que utilidade e belêza não pódem muitas vêzes existir a par.

Em tôda a parte têem dezaparecido das ruas, pelas necessidades modernas, obras primas que vão encerrar-se nos muzeus.

Assim é precizo e assim se fás.

Aquí porém o cazo é diferente; um léve desvio evitava tôdo o mal.

O progresso não é incompativel com a belêza.

O culto da belêza é uma necessidade da alma contemporanea.

Não é apênas o lirismo ciôzo da primavéra que nos fás amar as flôres e as árvores.

As árvores são tão necessárias á ijiéne material das cidades, como á ijiéne do espirito,

Literatúra e Árte

A INQUIZIÇÃO

I

Avia duzentos ânos pouco mais ou mênos que a inquizição campeava em Portugal quando coube a vês de aumentar a galeria das suas vitimas a Antonio Jozé da Silva, antonomasticamente dezignado o *Judeu*.

E' no sinodo de Toloza, em 1229, em tempo de Gregorio IX, que se estabelecem os tribunais inquizitoriais propriamente ditos. A instituição foi lavrando pouco e pouco, levando a toda a parte onde chegava o sangue e o luto, e veiu implantar-se, passados dois seculos e meio, em Espanha, país em que atinjiu o maior e mais aperfeiçoado grau de ferocidade.

Em 1477 Fernando o Católico solicitou do Papa então reinante, Sixto IV, o direito de estabelecer a inquizição nos seus Estados. A bula de 1 de novembro de 1678 outorgou essa concessão, que foi larga e despoticamente aproveitada. Quatorze Tribunais do Santo Oficio, em Cordova, Jaen, Villa Real (depois em Toledo), Valladolid, Calahorra, Murcia, Cuenca, Çaragoça, Valencia, Barcelona, Mallorca e em varias cidades da Extremadura, quatro vezes por âno realizávão *autos de fé* em que desgraçados, ás centenas, érão vitimas das châmas. Só em Sevilha no âno do estabelecimento da inquizição se queimárão 2.000 pessoas, 17:000 fôrão penitenciadas (1) e a darmos credito a Zurita, istoriadôr do reino vizinho, entre vivos, mórtos e auzêntes fôrão condenádos como eréjes, que judaizávão, mais de 100:000 pessôas com as que se reconciliárão com a Igrêja (2).

O numero dos que sofrêrão o suplicio da fogueira durante a diréção de Torquemada foi de 8:800; 6:500 fôrão queimados em estatua; 90:000 fôrão condemnados á infamia, prizão perpétua, confiscação de bens e privação de cargos publicos (3). Estes dados são de Llorénte, mas a admitur-se que êles ájão de sofrêr qualquer corréção (4), o que résta é mais do que suficiênte para fazer cair sobre o principal ajênte déssa carniçaria, o ferós e insensivel Torquemada, toda a reprovação dos seculos. Foi precisa a intervenção dos Papas. A 29 de janeiro de 1482 Sixto IV dirijiu um bréve a Fernando e Isabel em que fála de vitimas inocêntes. A 23 de fevereiro de 1483 e a 2 de agôsto do mesmo âno de nôvo o mesmo Pontifice protestou contra a severidade do tribunal. O proprio Llorente mostra que no seculo XVII o tribunal abrandou a sua severidade, citando até numerózos cázos em que os Papas fizérão absolver secretamente eréjes e proibirão impôr-lhes qualquer pêna civil.

*

A expulsão dos judeus de Espanha pelo edito de 31 de março de 1492 e o estabeleçimento da inquizição naquêle país para perseguir os que ficassem determinárão medidas identicas em Portugal D. Manoel levado pelo amor duma mulher (5) expulsou os judeus do nosso país por decréto de 5 de dezembro de 1496 e, se não fundou a inquizição, foi porque não pôde. Ou a rezistencia a éssa medida partisse do Pontifice Leão X, aterrado com o uzo cruel e sanguinário que das armas espirituais e temporaes os inquizidô-

(1) Mariana, *Hist.*, l. xxiv, cap. xvii.
(2) Cit, por Lafuente, *Hist, gener. de España*,
(3) Cfr. a minha obra *Judeus em Portugal*, Coimbra França Amado, 1895, pag, 105 e seg.
(4) Hefele, *Le Cardinal Ximenes*, etc., Tours, 1856, 1 vol., especiamente no cap. xviii.
(5) Vej. o nosso livro *Os Judeus em Portugal*, cap. vi, e espcialmente o vii, «O decreto da expulsão».

res espanhois fazião, e temêsse por isso iguais abuzos no nosso país, ou éssa rezistencia saísse da influencia dos judeus que tinhão delegados em Rôma e que lá, para se salvarem, não deixarião de empregar todos os meios, desde a eloquencia da persuasão até á do dinheiro, sempre tão vitorióza, o que é certo é que até 1521, âno em que o Rei Venturôzo morreu, o Papa Leão X não accedeu ao pedido, que tinha levado a Roma e lá negociava o embaixador D. Miguel da Silva.

A glória déssa conquista estava rezervada para D. João III, que a obteve por bulla de Clemente VII de 17 de dezembro de 1531, confirmada por outra de Paulo III de 23 de maio de 1536.

Passados dezaseis âños, em 1552, o Cardeal D. Enrique organizava ou mandava pôr em pratica o primeiro Rejimento da Inquizição, a que se seguia em 1570 o segundo, tendo ficado ambos manuscriptos. Mas as suas dispoziçõis essenciais devião ter passado para os que viérão depois e existem impréssos e que são por sua ordem:

1.º Regimento do Santo Officio da Inquizição dos Reynos de Portugal, recopilado por mandado do Ill.mo e Revd.mo Sõr Dom Pedro de Castilho, Bispo Inquizidor Geral e Visorey dos reynos de Portugal. Impresso na Inquisição de Lisboa por Pedro Craesbeeck. Anno da Encarnação do Sõr de 1613.

2.º Regimento do Santo Officio da Inquisição dos Reynos de Portugal. Ordenado por mandado do Ill.mo e Rv.mo Sõr Bispo Dom Francisco de Castro, Inquisidor Geral do Conselho de Estado de Sua Magestade. Em Lisboa, nos Estaos. Por Manoel da Sylva. M.DC.XL.

3.º Regimento do Santo Officio da Inquisição dos Reynos de Portugal, ordenado com o real beneplacito, e regio auxilio, pelo Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal da Cunha dos Conselhos de Estado e gabinete de Sua Magestade, e Inquisidor Geral destes Reynos, e em todos os seus dominios. Impresso em Lisboa. Na Officina de Miguel Manescal da Costa. Anno MDCCLXXIV (1).

E' interessante a istória dêstes *Rejimentos* sob qualquer dos aspétos em que os consideremos — literario, lejislativo, istórico. De resto, feito o estudo para um dêles, feito está para os demais, visto as dispoziçõis estatuárias permanecêrem as mesmas em tôdos. O Rejimento de 1640 foi aquêle que vigorou durante maior periodo de tempo. Por êle podêmos suficientemente avaliar do que éra a vida, a ônra, a propriedade, a dignidade umana, para a inquizição que arvorava, como armas, a crús, simbolo do Deus da mizericordia, ao lado do ramo de oliveira — a pás, a mansidão, a piedade, e da espada — a justiça, que vinga o direito ofendido, aqui transformada numa arma sanguinaria e odienta!

Lá vinha a dispozição do segrêdó, elevada até ao juramento: «E porquanto o segrêdo é uma das couzas de maior importancia ao Santo Oficio, mandamos que todos o guardem com particular cuidado, não só nas matérias de que poderia rezultar prejuizo, se fossem descobértas, mas ainda naquélas que lhes parecerem de menos consideração, porque no Santo Oficio não á couza em que o segrêdo não seja necessário (2)».

Isso não obsta a que, com os documentos na mão, possamos aquilatar a iniquidade do piedôzo tribunal, para o que bastará apontar a circunstancia de que se omittia esclarecêr o desgraçado, que éra prêzo, das accuzaçõis que se lhe fazião. Uma vês caído nas garras de tais abutres, dificil lhe éra salvar-se. Interrogado uma e outra vês a que confessasse os seus êrros, instado e por fim torturado, se nada dizia, porque nada tinha a dizer, visto estar inocênte, — embóra! — éra condenádo como *negativo!*

Confessava tudo? — éra condenádo como *confitente!*

Mas confessava parte sómente, não tudo o que querião os seus algozes? — era ainda condenádo como *diminuto!*

A tortura arrancava-lhe confissõis de delitos, que ninca tinha praticado não concordando com os depoimentos das testemunhas? — ainda condenádo como *ficto* e *simulado!*

No meio da tortura dizia o que nunca avia praticado, e depois livre das dôres anulava as declaraçõis feitas? — condenádo éra ainda como *revogante!*

O'! e êsse suplicio da tortura, friamente praticado por *omens robustos, que bem podessem aturar o trabalho do seu oficio*, excedia, pela sistematização dos suplicios, tudo o que a cruéldade da lejislação civil tinha inventado e não encontra atenuante nem nos costumes, nem na lejislação dos tempos. Seria precizo transcrever aqui todo o titulo XIV — *De como se áde proceder com os réus que ouvérem de ser póstos a tormento, e da execução dêle* — para se vêr que nada exajerâmos. Mas preferimos pôr diante dos ólhos dos leitores alguns exemplos da execução déssas tremendas dispoziçõis. Eis um cázo em que se trata dum réu acuzádo pela *propria irmã* de judaizar, tão *bóa* irmã, como *bóa* filha, pois foi éla que tambem denunciára sua propria mãi do mesmo delito. Os reus négão. A 1 de março de 1627 um dos supóstos criminózos é posto a tormêntp. Dêmos agora a palavra ao notário:

«... foram chamados os ministros, e o reo despojado de seus vestidos e assentado no banquinho.

«Pelos senhores inquisidores foi protestado, que se elle reo no dito tormento morresse, quebrasse algum membro, ou perdesse algum sentido, a culpa fôsse delle réo, e não delles senhores inquisidores...

«E por os medicos e çurgião dizerem, vendo e apalpando pelas costas ao reo, que se queixava de dôr em huma espadoa direita de doença, que tivéra de annos a esta parte, e vendo que havia nella alguma lesão, disérão que convinha dar lhe tormento no *potro*, onde logo foi posto.

«E lhe pozérão os cordeis em todas as oito partes, onde de novo lhe foi feito o protesto pelo Senhor Inquisidor na forma acima dita, e admoestado de novo com muita caridade.

«E por dizer que não tinha culpas que confessar, lhe foram dando a *primeira* volta em todas aos oito partes, e o senhor Inquisidor o foi admoestando da parte Xpõ Nosso Senhor por muitas vezes confessasse suas culpas, e elle respondendo que não tinha que confessar, que éra christão, repetindo esta palavra e dizendo, quando o admoestavão *mas que morra! que era christão, que sobre os senhores Inquisidores havia de fiquar que não fizera tal cousa!*

«E sendo admoestado com caridade que confessasse, disse *que não queria confessar, que o matassem!*

«E cahindo no que tinha dito que não queria confessar, tornou a dizer que não tinha culpas que confessar.

«E tornou outra vez a dizer que não queria, que não tinha que confessar.

«E lhe deram *segunda* volta em todos os cordeis. E sendo admoestado, não disse palavra mais que *dar ais, misericordia de Deos me favoreça pois me não créem! ella me socorra! Jesus seja com a minha alma. Estou acabado!* dizendo estas palavras em tom como que cantava.

«E, sendo outra vez admoestado, respondeu *não me digão nada, que heide morrer pela fé de Christo!*

«E logo lhe foram dando a *terceira* volta em todas as oito partes, e elle dizendo *misericordia de Deus me valha! não tenho que confessar! sou christão! não me digão nada!*

«E logo lhe foram dando *quarta* volta e o foram admoestando com muita caridade, sem elle fallar nem dar um ai, só *que se callassem, que era christão!*

«E logo lhe foram dando *quinta* volta, e o tornou o senhor Inquisidor a admoestar com muita caridade da parte de Xpõ, que confessasse. Respondeo, *sou christão, não me digão mais nada!*

«E se lhe deo *sexta* volta, e *setima* volta, sem responder cousa nenhuma.

Sendo os cordeis grossos, quebrarão alguns.

«E foi visto pelos medicos e curgiães, que se lhe tinhão dado tractos muito expertos, e que até os cordeis delgados quebravão. E sendo admoestado com caridade, que pedisse tempo para cuidar suas culpas, respondeu que não tinha que confessar, que era bom christão, mas que o matassem e lhe não dissessem mais palavra. *Querem que diga mentira? Não o heide fazer!*

«E por dizerem os çurgiães e medicos que tinha levado todo o tormento, que podia levar e estar satisfeito ao assento, mandou o senhor Inquisidor o desatassem e o levassem ao seu carcere, de que fiz este este termo, que elle senhor Inquisidor assignou... (3)»

Quem era este senhor Inqusidor? Importa lá... Se eram todos iguaes (4). Era o *homo lupus*, era a féra, com requintes de crueldade apurados no mister regular e metodico duma fun-

(1) Dum processo existente na Toare do Tombo e largamente dado em extractos no *Conimbricense*, de 3 de novembro de 1869, n.º 2:324.

(2) O illustre professor da Universidade de Coimbra Pascoal Jozé de Mélo Freiro dos Reis († 1798), escreveu tambem um *Projeto dum novo Rejimento para o Santo Oficio*, que nunca obteve aprovação, certamente palas ideas umanitarias e tão contrarias às seguidas nos documentos similares anteriores, e que se conserva *manuscrito na Bibl. da Univ. de Coimbra.*

(3) Vejão-se sobre tais *Rejimentos*, Pereira Caldas, *Os Rejimentos da Inquisição em Portugal*, Braga, 1877, e J. Martins de Carvalho, no *Conimbricense*, na serie de folhetins a principiar em 9 de outubro de 1869 e a concluir em 6 de novembro do mesmo âno.

(4) Para conhecer do processo seguido em Espanha lêa-se o livro do sr. dr. Ernst Schäfer — *Beiträge zur Geschichte des spanischen Protestantismus und der Inquisition in sechzehnten Jahrhundert*, Gütersloh, 1902. cção que se acobertava com os titulos singulares de piedade e de mizericordia!

Mendes dos Remédios.

Os motins em Coimbra

Do *Relatorio* e Contas da jerencia de 1903 da Associação Comercial de lojistas de Lisboa, que acabamos de receber, e que mostra a atividade desta florescente associação, transcrevemos a parte que dis respeito ao motim popular de Março.

«Não será, com certeza, falta de propozito nem menos cabido logar, inserir aqui o extráto do relatorio feito pelo nosso delegado em sessão de Corpos Jerentes de 17 de março.

Esse delegado foi o nosso prezado consocio sr. Martins de Almeida, que dignamente se dezempenhou de missão tão delicada, prestando assim mais um serviço relevante á colétividade que o conta no numero dos seus membros prestimózos e dedicados.

No dia seguinte á sua chegada a Coimbra vizitou o mercado de jéneros alimenticios, tendo encontrado os logáres inteiramente dezértos, á excéção das padarias e açougues que se achávão guardados pela força pública.

Poude apreciar pela atitúde de divérsos grupos que viu nas ruas que percorreu, a grande excitação em que todos estávão contra as irreguláres exijencias do fisco.

Ouviu referencias á forma como o govêrno administrava os dinheiros públicos condenando ao mesmo tempo o exército dos fiscais do sêlo, espalhados por toda a parte, criticando ainda outros áctos e tudo com dezassombro.

Dirijindo-se ao prezidente da Associação Comercial de Coimbra, a fazêr a entrega do oficio de que avia sido portadôr, foi recebido com a maior cordealidade, e sendo imediatamente convocada a diréção para a sua recéção oficial, o nosso delegado foi alvo de demonstraçõis que vivamente o penhorárão, e que fôrão muito onrózas e significativas do grau de simpatia que existe entre as duas colétividades.

Entrando-se nos detalhes da cauza primordial que motivou a ajitação em Coimbra, foi declarado pelo prezidente da Associação Comerciál que essa perturbação se orijinára na inesperada exijencia do sêlo das licenças dos vendilhões do mercado público, e que estando nessa ocazião autuádos cêrca de duzentos comerciantes por falta de sêlo industrial apôsto nas licenças camararias, e tendo êstes tambem justificadas razões de queixa contra a fórma vexatória e irregular porque procedião os fiscais do sêlo, o comércio fizéra cauza comum com os vendedôres de jéneros, avolumando os protêstos e encerrando as suas lojas como adezão á cauza, fazendo notar a circumstancia de que nos acontecimentos fôra sempre alheia qualquer influencia partidaria, pois que érão jerais os protéstos contra o módo porque ali se estava exercendo a fiscalização do sêlo.

Descrevendo a atitúde do comércio conimbricense, acrescentou o nosso delegado que, apezar de terem já reaberto alguns estabelecimentos, a maior parte dos comerciantes se achávão no propózito de conservar as suas cázas fechadas até que o govêrno désse uma satisfação condigna ás suas reclamaçõis e que se, alguns estabelecimentos lá se encontrávão abértos, fôra em razão do chefe do distrito se têr comprometido a atendêr os interessados logo que se entrasse na normalidade.

Terminada a conferencia reiterárão os diretôres da Associação Comerciál de Coimbra os seus agradecimentos á Associação Comerciál de Lojistas de Lisboa, penhorando o nosso delegado com inumeros oferecimentos e, aprazando-se uma nova reunião no otél, onde êle se encontrava, compareceu ali, pouco antes da sua retirada para Lisboa, toda a Diréção da Associação Comerciál de Coimbra a fazêr-lhe entréga duma mensájem de agradecimento que era dirijida á nossa Associação, acompanhando até á *gare* o nosso reprezentante, onde lhe fôrão feitas as mais cativantes e cordiais despedidas.

Os fáctos que nosso delegado relatou levárão os Corpos Jerentes, que desde a promulgação da lei que avía estabelecido o novo rejime para a cobrança do sêlo da licença de indústria vinhão reclamando para que éla fôsse modificada, a conferenciar novamente com o digno inspétôr jerál dos impostos e, mostrando lhe que os acontecimentos de Coimbra tinhão vindo justificar ainda mais as suas anteriôres reclamaçõis, conseguirão obtêr que o sêlo de licença de industria voltasse a ser pago conjuntamente com a contribuição industrial.

Nêste sentido publicou o *Diario do Govêrno*, de 25 de agôsto, uma portaria elucidando as dispoziçõis do decreto de 27 de abril de 1903.

O relatorio pormenoriza os diversos factos desta laboriôza e intelijente jerencia, fechando com muitos mapas de dados estatisticos referentes ao movimento desta associação, uma das mais poderózas do país.

Agradecemos a amabilidade da oferta.

Novidade literária

Acábão de sair na béla edição das *Obras de Autores Portuguêses*, da caza editôra França Amado, duas joias da nossa literatura de poucas conhecidas, a não ser de nôme.

O grande espirito comico de Antonio Jozé da Silva é em Portugal pouco conhecido e estimado, apezar da voga que tem entre alemãis, inglezes e francêzes que o compárão a Moliére.

A Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança, e as *Guerras do Alecrim e Manjerona* são das mais orijinais e portuguêsas obras da nossa literatura, das que tem andado sempre na admiração dos melhóres espiritos.

De Bocaje se conta que fôra encontrado a rir perdidamente com a leitura da *Vida de D. Quixote*, dizendo a quem se admirava que o judeu tinha descoberto coizas que avião escapado a Cervantes.

O sr. dr. Mendes dos Remedios escreveu largos prefácios ás duas obras, com o são criterio, saber e dezassombro que nos tem feito sempre muito respeitar e muito admirar a obra deste trabalhadôr tão onésto como infatigavel

E' do prologo da *Vida de D. Quixote* o estudo sobre a inquizição, que ôje transcrevemos,

A vida e a obra de Antonio Jozé é estudada com conhecimeto perfeito da atmosféra de corrução e beatério que caraterizava a época de D. João V, aprezentando pontos de vista orijinais que mais uma vês afirmão o talento e o estudo do ilustre professôr.

A edição é como as outras da caza França Amado.

O sr. França Amado tem tido uma carreira de editor felis.

O diretôr das suas oficinas tipograficas, rodeiando de tão intelijentes cuidados as suas edições tem as feito notar, conhecer e estimar em todo o nósso meio de livraria.

A escolha que fês para diretor da sua coléção classica do sr. dr. Mendes dos Remedios é das que mais indicão a sua mão felis.

Ao autôr e editor agradecemos os exemplares enviados, com a jentilêza abitual, a esta redação.

Foi promovido a primeiro astrónomo do observatório da Universidade o sr. dr. Francisco Miranda da Cósta Lobo.

Cartas inéditas de el-rei D. Pêdro V

O *Novidades* publica no seu número de quinta-feira, a carta seguinte:

«Ainda mal arrefecido no leito da mórte o côrpo do meu chorado pái, vem um jornal de Coimbra no seu numero 944 de 13 de outubro corrente, intitulado *Rezistencia*, amesquinhar em ortografia sónica os méritos de escritôr que o falecido incontestavelmente possuia, e elevar por entre uma crítica póstuma e parcial o nôme dum vivo, o sr. dr. Mendes dos Remédios, ilustre diretôr da bibliotéca da Universidade e lente da faculdade de teolojia.

«Embora me não cumpra analizar o trabalho dêste senhôr, que não tenho a onra de conhecêr, não posso desconhecêr o talento que revela o prefácio da obra citada. Mas, mênos ainda, dêvo calar no íntimo, sem protésto veemente, o aproveitar-se o falecimento do autôr da aludida obra, que já não póde defendêr-se, para criticar com manifesta ignorancia o seu trabalho, e enaltecêr á custa da sua memória os méritos dum seu colaboradôr.

«Se o seu trabalho mereceu críticas, porque não se publicárão em sua vida? Ele se defenderia com a pêna, e estou certo que não muitos averá que o fáção tão brilhantemente. As ilaçõis que daqui podem deduzir-se deixo-as ao critério do leitôr, que por certo com justiça analizará o procedimento avido, sem precedentes.

«Para provar que a meu pái era mais do que *familiar* o assunto, que *não desconhecia* na quázi totalidade a bibliografia dos estudos modernos da mêsma naturêza; que o não fês simplesmente pelo impulso duma leitura do acazo, remêto o leitôr para a coléção dos jornáis a *Verdade*, de Tomar, *Portugal Velho, Vanguarda, Nação, Gazéta, Ecos da Avenida*, etc., onde por variadas vêzes publicou interessantes artigos sôbre psicolojia, questõis sociáis, etc.

Os seus amigos e admiradôres, que érão muitos, são ainda um testemunho da sua vasta ilustração e espirito superiôr. Chamávão lhe erudito. Mas achou a *Rezistencia*, ou alguem por ela, sêr o momento atual o mais oportuno para publicar a *revanche* da carta inserta nas *Novidades*, n.º 5:857, de 14 de maio de 1903.

Em concluzão: na bibliotéca do extinto encontrão-se cêrca de 60 a 70 volumes de vários autôres estranjeiros, sôbre os mêsmos assuntos; uma cárta autógrafa de M. Paulhan enaltecendo o trabalho da *Psicolojia do senhor D. Pêdro V* e vários jornáis apreciando com louvôr o mêsmo trabalho, etc.

Por julgar suficientemente demonstrada a falsidade das asserçõis da *Rezistencia*, termino pedindo a v. a publicação destas linhas nas *Novidades* e confessando-me por isso agradecido sou

Barreiro, 20 de outubro de 1904. De v. etc.,

Henrique Loureiro.»

As condiçõis particulares em que ésta cárta é escrita e o sentimento de piedade filial que a dita, opõi-se naturalmente a qualquer discussão.

Se escrevêmos sôbre ela é simplesmente para que ninguem por má interpretação do seu tento tome o sr. dr. Mendes dos Remédios como colaboradôr da *Rezistencia*.

O sr. dr. Mendes dos Remédios é diretôr do *Arquivo bibliografico da bibliotéca da Universidade*, e colaboradôr da *Fôlha de Coimbra*.

A *Rezistencia* fês apênas a rétificação, que achou justa, ás noticias publicadas, porque nêste jornal se não olha ás opiniõis politicas de ninguem, quando é necessário louvar a sua obra.

Quem dirije a *Rezistencia* é tambem pouco acessivel ás sujestõis da vaidade ou do interésse, próprios ou alheios.

Afirmou o valôr relativo de dois trabalhos, não imajinando que isso pudésse ir maguar cruelmente alguem.

Os trabalhos estão publicados, são do conhecimento de todos, cada um poderá ter opinião própria, sem necessidade de discussões inoportunas e estéreis.

Quanto á carta do n.º 5:857 do *Novidades*, se a lêmos, esquecêmo la já.

O *Novidades* é jornal, que lêmos muitas vêzes, mas não costumamos deixar para tarde a impressão que a sua leitura nos fás.

Nem nos parece que o *Novidades* sêja jornal para impressõis a longo prazo.

O assassino do Mano

Forão postos em liberdade os supóstos autôres do assassinato que a policia não tem sabido esclarecer.

Assim devia sêr.

O que se impõe, como um devêr, é entregar o cazo a quem tenha competencia para o levar a bom termo.

A policia de Coimbra não está abituada a esta ordem de averiguaçõis, nada póde por isso conseguir a não sêr por acázo.

O crime não paréce ter-se passado entre profissionais; apezar da existencia *provavel* de cumplices, não se trata de criminózos explorando o assassinato por interésse, e, se esta circumstancia pode tornar provavel a descoberta do criminôzo pela pouca idade e pela falta de endurecimento no crime, com que se conta, póde tambem dificulta-la pelo meio especial em que se deu.

Não se déve contar mais com as palavras de prostitutas. Se élas tivéssem o segrêdo do crime, á muito o terião revelado.

Esse meio é pouco para segredos.

O que averia a fazêr era mandar vir de Lisboa policias que se tenhão distinguido em investigaçõis désta ordem.

Se tal se fês, como se dis, o crime será brevemente descobérto.

O sr. dr. Luciano Pereira da Silva, lente catedraticio da Faculdade de matematica foi nomeado segundo astronomo do Observatorio astronomico da Universidade de Coimbra.

Pediu a sua demissão o sr. major Augusto Candido de Souza Araújo, comissário e polícia em Coimbra.

Previzão do tempo

O meteorolojista espanhól Escolástico fês as seguintes previzões acerca do tempo provável na segunda quinzêna de outubro:

Até 20 — Vento sudoeste na Andaluzia, Levante, Mancha. Uélva e Mediterrâneo. Bom tempo nas duas Castelas: céu nublado e predispozição para chuvas na Extremadura, Asturias e Galiza. Temporal no Atlantico com reflexão no estreito de Gibraltár.

De 21 a 24 — Vento suduéste em diversos pontos da peninsula: borrasca no Cantabrico: ambiente úmido e ceu nublado na Catalunha. Chuva ao norte e tempo frio nas rejiõis centrais da peninsula. Tempestádes e saraivadas no Levante, Andaluzia e Extremadura.

Nas Asturias chuva.

De 25 a 26 — Temporal no Cantabrico. Mar ajitado no Mediterrâneo. Frio nas rejiõis centrais de Espanha e noutes frêscas no Levante. Andaluzia, Exremadura e Catalunha.

De 27 a 31 — Temporal no Atlantico. Borrásca no Cantabrico e temporal no Mediterrâneo. Tempo frio com jeádas, nas rejiõis centrais da peninsula néve nas grandes cordilheiras e váles próximos. Tempo revolto na Andaluzia, Extremadura, Levante e Catalunha.

PUBLICAÇÕIS RECEBIDAS

Passatempo

O n.º 92 desta publicação é verdadeiramente interessante.

Nêle figúrão os nômes consagrados de dois escritôres, Campos Junior na Cronica e Gabriel Pereira na descrição do tumulo dos Perestrêlos em Tôrres Vedras.

O n.º 93 que saiu em 17 do corrente, inicia a publicação do romance istorico *Aguia morta* de Antonio Campos Junior. Este romance que é tôdo guarnecido de finissimas ilustraçõis, começa pela trájica derrocada de Napoleão, na noite sinistra de Waterloo. O escritôr arrasta e subjuga o leitôr fazendo-o assistir áquela luta de jigantes que, principiando ás 11 óras da manhã, acaba já de noite, o luar caindo a jórros sôbre aquêle campo de mórtos emquanto o último quadrado luta ainda como leõis e Napoleão com o seu estado maior abandônão o campo em que as suas aguias perecêrão. Tôdo o resto da obra é simplesmente sobêrbo.

O *Passatempo* que passa a sêr semanal, conta, entre outros colaboradôres, com os distintos e laureados poetas Bulhão Pato, Gomes Leal, D. João da Camara, Lopes de Mendonça, com o notavel poeta e umorista Alfrêdo Ribeiro (Rui Barbo) com o ilustre arqueólogo Gabriel Pereira, digno inspetôr das bibliotecas, e com Campos Junior que assume a diréção literária da revista.

Nunca em Portugal se fês uma publicação tão luxuóza, tão módica e que a par duma redação de *élite* aprezente um romance istórico tão empolgante como a *Aguia Morta*, devido ao talento dum romancista cujo nôme se consagrou no *Guerreiro e monje* e *Marquês de Pombal*.

Tôdos os pedidos a Grandéla & C.ª, rua do Ouro, Lisboa. Assinatura do *Passatempo*, incluindo o romance, custa apênas 750 réis por semestre.

Foi promovido definitivamente o professôr de instrução primária de Santa Crús sr. Jozé da Silva.

A junta de paróquia de S. João do Campo, solicitou da camara de Coimbra a permissão de elejer nas próximas eleiçõis cinco membros e não três, como até agóra, alegando que a sua população figura no recenseamento em mais de 1.200 abitantes.

O sr. Luís Duarte Videira foi aprezentado na igreja paroquial de S. João da Cumieira, e o sr. Avelino Domingues, paroco colado na igreja do Espirito Santo de Lamas de Miranda, na igreja paroquial de N. Senhora da Conceição de Podentes, ambas da diocéze de Coimbra.

O sr. Jozé António Lópes Ferreira, notario na comarca de Anadia, foi transferido para idêntico lugar na comarca de Coimbra.

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

Partidas

Do largo das Ameias		Da rua Infante D. Augusto	
8h 30m	manhã	9h	manhã
9 ,30	»	10	»
10 ,30	»	11	»
11	»	11 ,30	»
11 ,30	»	12	»
12	»	12 ,30	tarde
12 ,30	»	1	»
1	tarde	1 ,30	»
1 ,30	»	2	»
2	»	2 ,30	»
2 ,30	»	3	»
3 ,30	»	4	»
4 ,30	»	5	»
5 ,30	»	6	»
6 ,30	»	7	»
7 ,30	»	8	noite
8 ,30	noite	9	»
9	»	9 ,30	»
9 ,30	»	10	»
10	»	10 ,30	»

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Do largo das Ameias		Da estação *B*
3h,10m	manhã	As partidas desta estação, são logo depois das chegadas dos comboios.
5 ,55	»	
8 ,10	»	
2 ,30	tarde	
3 ,36	»	
5 ,55	»	
6	»	
6 ,45	»	
8 ,58	noite	
11 ,22	»	

—

Bilhetes de ida e volta

Largo de D. Carlos (Ferreira Borges) á Rua Infante D. Augusto (Universidade) — 70 réis.

Sahidas do Theatro

Do Theatro para cima até á Rua do Infante D. Augusto — 80 reis.

Do Theatro para baixo até ás Ameias ou Casa do Sal — 60 réis.

Recebem-se annuncios para sêrem fixados no interiôr de tôdos os carros em circulação pelo prêço annual de réis 12$000, sendo os annuncios e sêllos por conta do annunciante.

A assignatura para os bilhetes pessoaes está aberta pelos preços annuaes de 12$000 réis; e 9$000 réis para os menores de 14 annos e creados, sendo estes ultimos de logares na plantaforma dos carros.

Córtes de colêtes de fantazia, para o invérno, o que á de mais novidáde.

Machado — Alfaiate

Sofia, 58 a 62

TEIXEIRA DE PASCHOAES

Jesus e Pan

PREÇO 400 REIS

Pedidos á livraria editora de José Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras 75 — Porto.

O producto deste livro reverterá a favor duma *Assistencia de creanças doentes* que se vae fundar em Amarante.

MARCELINO MESQUITA

LEONOR TELES

(ROMANCE HISTÓRICO)

Grande edição de luxo profuzamente ilustráda com gravuras de pájina a 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impréssa em magnifico papél.

Cadernêta semanal de 24 páginas e 1 crómo ou 32 pájinas de têxto — 60 réis. — Tômo mensal, 320 réis.

Brinde a tôdos os srs. assignantes — Um exemplár grátis a quem enviár a importancia de 10 cadernêtas, tômos ou volúmes.

Em publicação na

A EDITORA, *largo Conde Barão, 60*

Lisboa

Cheviótes inglêzas, o que á de mais modérno.

Machado — Alfaiate

Sofia 58 a 62

ANUNCIOS

OUTONO DE 1904

Raízes de Ranunculos, Jacintos, Tulipas, Anémonas, Narcizos, etc.

Sementes de Amôres perfeitos francêzes, semente d'ortaliças nacionais e estranjeiras.

Rua Visconde da Luz, 12

CAZA

Arrenda-se o primeiro andar, rua Fernandes Tomás, ponto central da cidade, muitas e boas acomodaçõis, lindas vistas sobre o Mondêgo, agua e gás.

Tráta-se na Praça do Comércio, n.º 14, 1.º

COMARCA DE COIMBRA

(1.ª publicação)

Éditos de dés dias

Pelo juizo de direito désta comarca e cartório do escrivão do 4.º oficio, pende seus termos um procésso de execução de sentença, em que figúrão como exequente, Joaquim Carlos, cazádo, proprietario, do logar e freguezia de Brasfemes e como executado António Ferreira, viúvo, ferreiro, por si e como lejitimo reprezentante de seus filhos e como erdeiro de sua falecida filha Maria Jozé, rezidente tambem no dito logar e freguezia de Brasfemes, e pelo mesmo procésso córrem éditos de dés dias, a contar da última publicação do respétivo anúncio, citando nos termos do art. 931 do Código do Procésso Civil, os crédôres dos executados que pretenderem deduzir preferencias o fáção no prázo marcado no § 1.º do art. 932 do dito Código.

Verifiquei.

O juís de Direito,
Rócha Calisto.

O escrivão do 4.º officio,
Artur de Freitas Campos.

Impressor

Precisa-se na Typ. França Amado.

Commensaes

Na rua do Loureiro n.º 13, recebem-se de cama e meza.

FARMACIA ASSIS

SERVIÇO PERMANENTE

Praça do Commercio — Coimbra

Esta caza depois das modificaçõis que acaba de sofrer, é um dos melhores estabelecimentos desta cidade, no seu genero.

O seu propriétario fornecendo-se diretamente das principais fábricas de produtos quimicos e farmaceuticos, tanto nacionaes como estranjeiros; está a pár do dezenvolvimento que a quimica e a terapeutica dia a dia vão experimentando e por isso possue uma colléção variáda das mais modérnas substancias e produtos quimicos.

O aviamento de todo o receituario é feito por pessoal competentemente abilitado, sob a direção do seu administrador.

Esta caza encarrega-se de mandar os medicamentos a caza de seus freguezes, assim como de chamar qualquer dos clinicos desta cidade a toda a óra do dia ou da noute.

Analizes complétas

de urinas, expétoraçõis, sangue, corrimentos ureteráis e vajinais, etc. etc. e bem como análizes d'aguas, vinhos, azietes, terrenos, etc., etc.

Preços absolutamente excécionais

Vende-se uma cáza na rua do Rêgo d'Agua n.os 5 a 7. Bairro Alto.

Para tractar João Favas, Largo de S. João.

(48) Folhetim da "REZISTENCIA,,

O EXCOMUNGÁDO

XV

Mau encontro

O boémio tornára a vestir os farrapos com que Ombert o tinha visto a primeira vês. Deu-lhe as bôas vindas e indicou-lhe uma ospedaria, que lhe aconselhou preferisse a qualquer outra.

— Esta ospedaria, disse Ombert, convém sob todos os pontos de vista a um senhôr cuja jerarquia é elevada, e a situação um pouco baixa. Os boémios não o inquiétarão lá, e, apezar d'isso, não o perdêrão de vista, e servi-lo ão, sem o senhôr sabêr, como amigos umildes e fieis. Este consêlho é o unico que dêvo dar-lhe. Conhêço a mocidade e sei quanto é esquiva aos ensinamentos que lhe não vêem da experiência. A necessidade á de trazê-lo ao nosso grémio. Será recebido como irmão. Até êsse dia, guie-o o acázo! Muitas vêzes, protéje os ómens que se parécem com o senhôr; mas é necessario ajudá-lo nas ocaziõis; porque muitas vêzes a audácia é impotênte sem o consêlho.

Ombert, abituádo á linguájem misterióza e soléne do boémia, sorriu com doçura e disse lhe adeus com a mão; depois dirigiu-se, através da clareira, para um massiço que a boémia lhe indicou.

Éra necessario evitar a cidade de Fontainebleau, em que Ombert poderia ter um mau encontro: o duque de Orleans devia partir de manhã e seguir um caminho, que acompanhava a maior parte do tempo a marjem esquerda do Sêna, até uma aldeia em que o esperávão muitos barcos para o transportar a Paris com as principais personajens da sua côrte.

Tratava-se pois, para Ombert, de ganhar através da floresta, um ponto dêsse mesmo caminho que se encontrasse acima daquêle em que o duque devia deixá-lo.

Ombert confiou de nôvo á boémia as rédeas do caválo, e entregou-se, désta vés, com toda a confiança á sua amante, que meditava já talvês alguma nova traição.

Emquanto andávão, Ombert venceu o embaraço juvenil que o forçava ao silencio, e estabeleceu se uma conversação intima e fratérna entre êle e o seu guia.

Zêa contou-lhe a vida aventuróza e livre dos boémios; respondendo sempre com franquêza e injenuidade ás perguntas de Ombert, expôs lhe a lojica rigoróza e ferós, em que é bazeada toda a moral dêstes póvos indisciplinados que caião então sôbre o Ocidente como as nuvens de gafanhôtos de que fála a escritura; depois falou dos seus primeiros ânos, da mãi, uma criança como éla, da mãi que amava com tanta ternúra e que tinha matado.

Ao ouvir ésta palavra, que soava no chilrear infantil da rapariga como o piar do môcho no meio da canção do rouxinol, Ombert voltou a cabeça espantado para a boémia.

— O quê?! exclamou. Sem duvida por acázo...

— Não! disse Zêa suspirando. Foi assim: a violêta florésce antes dos lirios, e os botõis d'oiro dos prados antes das rózas. Aos dôze ânos, minha mãi tinha uma filha que chamava Zêa; aos vinte eu éra maior que minha mãi, e éramos ambas crianças. Um dia, que procuravamos morangos na florésta, chegámos ao cimo da Rocha que chóra. Naquêle momento Carlos VI, que então não estava *ocupado*, e que se divertia a caçar, passou com o seu séquito. Tôdos os senhôres que formávão a sua escólta nos dissérão, ao passar, palavras que érão ao mesmo tempo dôces e zombeteiras. Um dêles, que marchava á direita do rei, pareceu-me bélo e brilhante como Aldebaran em glória, olhou para nós com olhos faiscantes. O rei disse-lhe então: — Meu irmão, aí vão duas perdidas que dévem sêr do vosso gôsto... Aquêle a quem o rei dizia: meu irmão... corou e baixou os olhos. Não sei o que respondeu, mas demorou a andadura do caválo, e quando ficou um pouco atrás, tirou a banda, que éra toda bordada a ouro e atirou-ma a mim, porque estou certa que éra a mim; depois partiu a galópe gritando: Ao palacio de S. Pól, bélo amigo. Corri para a banda, que ficava dependurada num salgueiro-anão, e que minha mãi, cheia de inveja, forcejava já por avêr ás mãos. Lutamos muito tempo na descida escorregadia da rocha, mas eu fui a mais forte; a pobre Dlerride caiu e tentou arrastar-me; na quéda. Consegui agarrar-me aos ramos do salgueiro, e em dois saltos estava ao pé déla. Não avia remédio, a sua testa estava orrivelmente aberta: voltou os olhos para mim e sorriu-me com doçura; depois, mostrando-me com o dêdo a banda, fês sinál que a dezejava corri a busca-la, contemplou muito tempo os sinais que tinha bordados depois disse-me, mostrando me um escudête azul, em que brilhávão três flôres de lis d'ouro: — Zea é a banda dum principe... Fôrão as suas ultimas palavras. Eu encostára a a uma arvore, e, ajoelhada deante déla, chorava sôbre o seu coração. Durante êste tempo, minha póbre mãi fizéra me um turbante com a banda bordada, e os seus dêdos apoiárão-se ao meu rôsto até receber o seu ultimo suspiro com o seu ultimo beijo. Abri eu mesmo a sepultura, e plantei lhe um carrasqueiro que os falcõis deixárão crescêr. Mas não fui a S. Pol, e ganhei ódio áquêle irmão do rei que teria amado se me não tivésse custado a mãi.

— E é por isso sem dúvida, interrompeu Ombert, que ontem opunhas uma rezistencia tão ferós ao fornecedôr do principe? Aquela recordação só...

— Ó! exclamou Zea, que o tom azêdo do principe tornára doidamente alégre, não era a unica razão. Esquece-se de que eu não estava em *toilette* de côrte; tinha esquecido a minha banda e o principe têr-me-ia tomado por uma mulher de má vida ao vêr me saír da mão dos seus archeiros. Não é assim que o quero vêr, porque o amo e odeio ao mêsmo tempo. Ontem, creia, ao fujir-lhe, censurava a mim mêsma o ódio injusto que me privava de pertencêr, quando mais não fôsse entre dois sóis o mais nobre principe da terra.

(Continúa).

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os géneros, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Téte d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saueisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos** e **licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — Rua Ferreira Borges — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómem e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estranjeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanélas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Ernesto de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestações e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONÓGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande coléção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazênão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.ºs 34 e 35. —Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Água da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Litiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro—Preço 200 reis

Deposito em Coimbra—PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias—Publicação semanal

Diretóra: D. Leonor Maldonado

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 1$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada,* a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand Jozé Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

CAZAS PARA ALUGAR

Arrêndão-se do S. Miguel em deante os altos de duas moradas de cazas uma na rua de S. Pedro n.º 10, com frênte para a rua da Trindade, e a outra na rua da Trindade n.º 69.

Quem as pretendêr dirija-se a seu dono Antonio dos Santos Fonseca, rua dos Gatos, n.os 7 a 17.

JARDINEIRO

Manuel Caldeira, de 37 annos de edade, de Sernache dos Alhos, ofrece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nésta cidáde ou imediações.

Tem longa pratica daquêle serviço, pois estêve durante 16 ânos, efétivo, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr póde procura-lo em Sernache dos Alhos.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

PROGREDI ET PRODESSE

ADEGA REGIONAL DE ENTRE DOURO E LIZ

COIMBRA

Installação provisoria: rua da Sota, n.º 8

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miudo

Tabella de preços de venda a miudo (15 de outubro de 1904.

Marcas	Garrafão de 5 litros	Garrafa de litro	Garrafa bordaleza
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	550	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — *Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.*

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12—Rua da Moeda—14

N.º 948 | COIMBRA — Quinta-feira, 27 de outubro de 1904 | 10.º ANO

BOATOS

Entre afirmaçõis de ordem diversa, tem corrido o boato do aumento do ordenado dos ministros.

Para mostrar os esbanjamentos com que êste governo começa não é porém necessário dar fóros de verdadeiro ao boato que aparéce apenas como balão de ensaio.

Se o testamento do partido rejeradôr é ruinôzo, a acta de batismo do governo progressista não se lhe avantája em propózitos de moralidade e economia.

Os chefes dos gabinêtes, os secretários multiplos floréscem nesta situação por fórma a atestarem pouco favoravelmente dos intuitos economicos do novo ministério, e mostram-no tambem rezolvido a fazer prosperar as manhas do orçamento, com que ão de ser pagos êstes serviçais que não figúrão nêle.

Se o governo rejeneradôr deixou roendo no orçamento mais alguns dos seus partidários, inventando póstos e lugares com dezignaçõis ridiculas ou vagas, a imprensa começa já anunciando futuras nomeaçõis progressistas nem menos ridiculas nem menos vagas.

Começa-se já dizendo, como a garantir fidelidade futúra, que êste ou aquêle terá *qualquer coiza* nêste ou naquêle ministério ou repartição.

A moralidade e economia dos que entrão equivale bem á moralidade e economia dos que saem.

Quanto a nós a necessidade de aumento de ordenado dos ministros não se fazia sentir.

Não falta quem em Portugal queira ser ministro.

Não será um aumento de ordenado que os fará perder ábitos adquiridos de esbanjamentos.

O ordenado dos ministros é na verdade insignificante e não está em relação com as despêzas que fazem.

Poderia, porém, estar muito bem em relação com as despêzas a fazer

Os ministros fazem despêzas com que não pódem, que não são justificadas pelo ordenado, nem pela necessidade.

O ordenado dos ministros não é grande em Portugal, é até insignificante, mas a insolvencia dos ministros nunca veio do tempo que passárão nos consêlhos da corôa.

E ninguem terá a injénuidáde de acreditar que o cuidado com que no podêr prepárão a vida cómoda e regaláda do ostracismo na opozição, seja forçado pelas dividas contraídas pelas necessidades de reprezentação.

Não serão algumas centenas de mil réis a mais que farão com que os ministros de estado não favorêção as companhias para se garantir um logar de diretôr, não será um aumento no ordenádo que fará com que os logáres do estado sêjão distribuídos escandalózamente pelos seus amigos e pelos seus parentes.

O abúzo do podêr estabeleceu-se, como nórma governativa, o esbanjamento dos dinheiros públicos para conservar a fidelidade dos partidários e para fazer calar a ambição irrequiéta dos contrarios que incomódão é óje principio de todos os governos monárquicos em Portugal.

Quando o desperdicio está em ábito inveterado não é a facilidade de arranjar dinheiro que o fará parar.

Pelo contrario, isso só concorrerá para que o desperdicio continúe em mais alta escála.

E o govêrno atual, que tem no seu passádo tantos átos de desgovêrno e má administração, começa a vida da situação prezente onerando o tezouro com mais um ministro de estado, e com todo um pessoal complicádo, jenerózamente págo, afirmando assim o seu carácter perdulário, conservando-se dentro dos principios e norma da ruinóza administração, comum a todos os govêrnos de monarquía.

Antonio Jozé d'Almeida

O sr. Silva Viana, na béla conferencia feita ultimamente no Ateneu Comercial de Lisboa sôbre S. Tomé, mostrou a necessidade de combatêr a crize avassaladôra de trabalho, determinada pela emigração constante de europeus, aprezentando o alvitre de impedir a emigração aos que não justifiquem emprego certo, ou os recursos para poder alcança-lo.

Lembrou que o unico auxilio que os emigrantes portuguêzes tinhão, tão lonje da terra natal, era o que lhe poderia dar a umanitária instituição formáda pelo nosso brilhante correlijionario dr. Antonio Jozé d'Almeida com o titulo de *Pro Patria*, que tem por fim socorrêr os europeus e repatria-los.

O nome do nosso amigo foi muito aplaudido por todos os que bem conhecem os seus esforços para suavizar em S. Tomé a sorte dos umildes e desprotejidos da fortuna.

Antiguidades aricas

Este curso, abérto na universidade em 28 de fevereiro de 1903, pelo sr. Guilhérme de Vasconcélos Abreu, distinto professôr do curso superiôr de lêtras, vai abrir brévemente com o programa que já aqui noticiámos.

As aulas, que terão logar na sála da bibliotéca que sérve de gabinête de leitura noturna serão de óra e meia e terão logar duas vezes por semana.

O curso da relijião budica, que, pela sua analojia com o cristianismo. tem sido objéto de tão apaixonadas discussõis, fás o objéto das liçõis dêste âno que é, por isso, de crêr que os estudantes da faculdade de tiolojia não pércão ocazião de ouvir um profissional sôbre assunto que tanto lhes interéssa.

O curso da Universidade tem merecido as melhóres referencias a tôdos os orientalistas, e a imprensa ingleza referiu-se a êle no acolhimento mais lizonjeiro.

Depois de duas convocaçõis baldádas dos sócios da Associação Académica reunírão alguns estudantes determinando tomar uma deliberação em nôme do pequeno grupo que acedêra ao convite por se vêr impossibilidáde de reunir todos os estudantes.

A órdem do dia era contribuir para a subscrição pública aberta para um monumento ás vitimas do último dezastre de África.

Rezolvêrão aderir a este movimento patriótico.

Jerónimo Silva

Nunca vi rizo de tanta bondade, tão alégre e tão sadio, em côrpo tão fórte.

O rizo dêle éra uma tremura da vós, armoniózo, como o ritmo fórte da contráção dos seus músculos, e quem o ouvia rir, ria sem querêr, como as creaturas fracas reproduzem involuntáriamênte, no esbôço dum jêsto, o movimênto que os impressionou pela sua fôrça e pelo seu arrôjo.

O seu rizo éra o rizo dum fórte, soando claro como o rizo dos deuzes nóvos da antiga Grécia, que comunicávão a alegria e a fôrça do seu rizo ao vento que passava a murmurar, á agua dos ribeiros que saltava mais alégre sobre os seixos engastádos na areia dourada, sôbre que corria numa transparencia de esmalte a imájem azul do ceu sempre tranquilo.

Tinha o rizo pronto dos bons e dos fortes.

E era assim desde menino.

Nunca se esquéceu aquêle rizo de encobrir a bondade do seu coração jenerôzo.

Ria para não faiar, como as crianças.

E têve toda a vida a injenuidade duma criança bôa.

Era uma criança no carinho irreflétido com que protejia os mais fracos, na dedicação de todas as óras da sua afadigóza vida.

Emquanto estudante, era o seu rizo a alegria de todas as festas de estudantes.

Não avia jinázio que o não disputásse e êle a todos servia sem preferencias, a todos dava o seu rizo sem rancôres.

Na Universidade, conservou a altivês da sua vida livre de estudante.

Todas as violencias se quebrávão contra o suor cláro do seu rizo, ocultando a força da sua alma de lutador.

Era o seu rizo, que encantava mal começava a soar, cláro como o som do oiro fino, que fazia socegar os doentes, mal se abeiráva dêles, era a sua alma sempre a borbulhar ao cimo do seu rizo, que os dominava, dando-lhes a esperança, e que os ligava a êle como amigos antigos.

A sua intelijencia mostráva-se sem esfôrço; trabalháva despretenciózamente na alegria sã dos fórtes de pensamento.

Era o seu rizo claro qze dominára nas discussõis politicas e o fês atravessar a vida mostrando sempre as suas convicçõis republicânas.

Toda a jenerozidade da sua béla alma se mostráva então com ardôr, mas o seu rizo continuáva a soar sempre inalterável, tranquilo, fórte e bom como a resonancia forçada da sua alma de oiro.

A consciencia da sua fôrça nunca lhe deixou vêr o perigo.

Para a luta deitava sempre jenerózamente o côrpo fórte, a sua alma boa; empenháva-se todo num esfôrço irreflétido numa audácia jeneróza.

Assim deve ter morrido.

O seu rizo déve ter se levantado a socegar os que o vião em perigo.

Assim fôra toda a sua vida.

Assim déve ter morrido.

Bom e santo Jerónimo....

T. C.

Reaparição

Resparecêrão, depois de uma interrução na sua publicação os semanários de Lourenço Marques, *O Distrito* e o *Jornal do Comércio*.

Partido répub.icano

Reuniu ante-ontem, em caza do posso amigo e correlijionario sr. Cassiano Martins Ribeiro, a comissão central do partido républicano.

Comparecêrão os srs. Francisco Vilaça, Manoel Antonio da Costa, Cassiano Martins Ribeiro, dr. Fernandes Costa, Antonio Augusto Gonçalves e dr. Teixeira de Carvalho.

O sr. Cassiano Martins Ribeiro justificou a auzência dos srs. drs. Anjelo da Fonsêca, Costa Ferreira e Fausto de Quadros.

Por proposta do sr. Manoel António da Costa foi lançado na acta um vóto de sentimento pela mórte dos nossos cerrelijionários drs. Emidio Garcia e Jerónimo Silva.

O sr. António Augusto Gonçalves aprezentou um convite dos nóssos correlijionários de Vizeu para a inauguração do Centro Républicano daquéla cidade, rezolvendo-se agradecêr a comunicação e convite e a reprezentação naquêle áto por alguns dos seus membros.

Por fim deliberou-se convocar as commissõis paroquiais e municipal a uma assembleia para tratar de assuntos eleitorais.

Oração de sapiencia

Poucas vêzes se tem visto um exito de livraria como o da oração inaugural do corrente âno létivo, pronunciáda no dia 16, na sála grande dos átos, pelo sr. conselheiro Bernardino Machado.

O discurso que foi publicádo na integra pelo *Mundo*, *Vanguarda* e *Rezistencia*, teve, além disso, uma edição de 500 exemplares feita pelo sr. dr. Bernardino Machado, e outra de 1:000 exemplares feita pela *Rezistencia* e vendida a favôr da créche de Coimbra.

O sr. Moura Marques pôs ôje á venda uma nova edição, cujo produto revérte tambem, em grande parte, a favôr da créche; porque em Coimbra se não encontrava, á três dias, um unico exemplar á venda.

Poucas obras têem dispertado um interesse tão vivo, e merecido á imprensa análizes tão demoradas e referencias tão elojiózas e de tanta justiça ao seu autôr.

E' nos absolutamente impossivel transcrevêr d'uma vês só para aqui todas as referencias á primoróza oração, fa-lo-emos gradualmente e como no-lo consentir o espaço de que dispozérmos.

Oje publicamos a do nosso colégа *Povo de Aveiro*, feita por quem, tendo assistido á fésta academica, póde julgar com inteiro conhecimento dos factos.

Não podemos deixar de exprimir o nósso pezar por a modéstia do sr. dr. Bernardino nos não consentir que para aqui transcrevamos as cartas que tem recebido dos ómens de maior sabêr e ilustração do nósso país, e que são um testemunho unanime de aplauzo á sua oração inaugural, concebida no espirito filozófico modérno com tão alevantado sabêr e patriotismo.

A diréção da Adega Rejional de Entre Douro e Lis propôs ao governo para diretôr das suas adegas o seu consócio sr. Jacinto de Oliveira Zúquete, a quem não falta competência para bem exercêr este melindrôzo cárgo.

E' de supôr que brévemente seja deferido o pedido da diréção, que mais uma vês mostra o seu decidido empenho em vêr prosperar a nascente instituição.

Foi transferido para infantaria 16 o sr. Olimpio Pedro de Mélo, segundo sarjênto de infantaria 23.

UMA ORAÇÃO DE SAPIENCIA

O discurso inaugural do âno létivo de 1904-1905, na Universidade de Coimbra, foi este âno proferido pelo sr. dr. Bernardino Machado. E com o mais vivo prazer rejistâmos que foi uma oração profundamente democratica, onde, a pár da corréção e elegancia da fórma, se destácão as mais bélas e rasgadas afirmaçõis de principios.

Como sempre temos dito, sentimos pelo alto caráter e robusto talento do sr. dr. Bernardino Machado a maior admiração. Liga-nos a s. ex.ª uma sincéra, uma verdadeira estima. Não nos tem isso impedido de manifestár, em questõis de principios, o nosso dezacôrdo com o ilustre catedrático, quando êle existe. Fizémo lo, e não deixarêmos de o fazêr, quando seja necessário, porque é um devêr democrático. Mas não o fizémos, nem o farêmos nunca alégremente. A nossa maior alegria seria podêrmos estar sempre de acôrdo com o eminênte professôr. Por isso mêsmo, é com uma grande satisfação que ôje o aplaudimos calorózamente pelo radicalismo de opiniõis, que, com uma béla corájem civica, afirmou do alto da catedra, rompendo dignamente com vélhas uzanças, e pôndo de parte práxes estupidas.

E' precizo conhecêr-se o caráter obsoléto, despótico, impertínente nos seus fóros, afrontôzo nas suas prozápias, da Universidade de Coimbra, para se poder avaliar o valor civico com que o sr. Bernardino Machado foi ali combatêr a reação sob todas as suas fórmas.

Quereriamos podêr publicar na integra tôda éssa béla oração. Como não remos espaço para isso, vamos transcrever os periodos mais saliêntes:

«O que é necessário, é um bom ensino. Dêsde a escóla se fazem monarquias ou republicas, erguem-se ou aluem-se impérios. Ensino despótico: govêrno despótico; e o despotismo, ainda que seja o despotismo maternal do amôr, produs fatalmente o enfraquecimento e a ruina das familias e dos estados. Só á uma educação salvadôra, e para a qual nos cumpre urjentemente apelár, para transformarmos este apoucado Portugal de ôje no grande Portugal d'ámanhã, digno erdeiro e continuadôr do eroico Portugal d'outr'óra, ônra e glória da umanidade: é a educação liberal. Uma Universidade deve ser escola de tudo, mas sobretudo de liberdade. Nem o professôr é um pontifice, nem o discipulo um cateumeno. Quem, como estudante, andou sempre de rastos, curvando a cada momento a intelijencia, a copiar, a decorar e a repetir as idéas e até as palavras do méstre, para acariar as suas bôas gráças no precário exame final, que admira que, concluindo o seu curso de servidão, com um falso diplôma que o não abilita para empreênder nada por si, vá engrossar a mizeravel turba de pedintes que estendem umildemente a mão a todos os potentados do dia, por mais ignobeis que êles sêjão? Na obediencia passiva ninguem se prepara para as varonis rezoluçõis da vida.

Ser instruido é ser livre. Uma nação sem orijinalidade, que nada cria, inventa e descóbre, e apenas vive de emprésimos materiais uo espirituais, se, pelo prestijio do nôme erdádo, ainda consérva a sua autonomia, não está lonje de perdê-la. O que enaltéce os individuos como as naçõis, é a grandêza de caráter, é o vigor e o rásgo da sua iniciativa, a sua perseverança inquebrantável, o seu dezassombro, a a sua ômbridáde.

O despotismo aniquila o próprio déspota. Por isso nos cúmpre proclamar bem alto aos nóssos estudantes que êles não frequêntão as aulas para fidalgos já pelos dons da naturêza e da

fortuna, que vão dissipando senhorialmente, se investirem dentro délas, sem ser mesmo em prémio da sua proficiencia, na prozápia da fidalguia do talento, não menos vã e ruinóza. Nada de super-ómens, que ás antigas tiranías clericáis e plutócratas vênhão acrescentar outra, egualmente revoltante, a dos intelétuais, que tudo se júlgão permitido, a título da sua supermacia doutoral, até o mais escarnento desdem pelos ignorantes, e todos os preitos de vassalájem exijem, que jámais préstão a alguem o mínimo auxilio por que se não páguem lógo leoninamente. Com tais oligarquías, a sociedade não dispende só uma, mas muitas listas civís. Eduquêmos cidadãos, não príncipes. Búsque-se a verdade, não para a fechar e detêr como um ministério, um monopólio, um privilejio, para a convertêr, em súma, numa autocracía, mas para enriquecêr com éla o património comúm, derramando-a aflux por todos os espiritos.

Uma Universidáde póde lá deixar de ser politica? Não é dentro déla que se ministra o mais alto ensino de direito público? Se os pensadôres não governárem, govérnarão os interésses e as paixõis, sem o freio da razão. Infelismente, quantos dos nóssos ómens de sciência, para se esquivárem aos descómodos e contrariedádes, aos riscos, da vida pública, que é e tem de ser sempre afinal uma lúta acêza, se não dedígnão de acorrentar-se á sórte dos aventureiros politicos de peór fâma, á espéra de que tudo lhes chêgue sem cústo um dia com a vitória cortezã dos magnátes que os capitanéião!

Levantêmos a vós perante o país e os podêres constituidos, exerçamos, júntos, a nóssa soberanía de cidadãos e eleitôres, até para revindicármos os direitos augustos do ensino, intervindo sem subserviencia e dezaire no seu govêrno. As mesmas questõis ajitão a sociedáde e a escóla, e reverbérão duma á outra. Ambas têem uma questão relijióza, uma questão económica e uma questão política, e no fundo, uma questão de trabalho, que é idêntica para ambas.

Ateocracía alça lá fóra o seu pendão, tentando imperar, mesmo contra a lejislação estatuída? Tambem aqui dentro da nóssa Universidade tenta ainda impôr, contra a civilização, rezas e juramento relijiôzo, vélha liturjia já abolida por toda a párte até na vizinha Espanha, a que a nóssa inércia comodista e tranzijente não liga importancia, mas que impórta na realidade uma afronta flagrante á liberdade de consciência e o perjúrio, e a exautoração aviltante de todos os que têem por ofício precizamente opôr ás abuzõis, aos preconceitos, ao êrro, á verdade, á fé no milagre a fé na lei. Secularizar a sociedade e secularizar a escóla é tudo um e o mesmo problêma.

O mesmo poder que lá fóra é discrecionário, edicta penalidádes contra a liberdade de exame e de discussão, declarando-a um delito e ilegais os partidos que a reivindiquem, conta para a órdem social sómente com o terrôr dos castigos, suprime as garantias do procésso judicial, e perségue, ás pranchadas, os manifestantes pacificos, cá dentro brande sobre a Universidade a férula do fôro académico, ameáça com a expulsão e pêrda de âno os seus alúnos, acutila-os, e já se atreveu a demitir o seu secretário e a retardar a devida promoção de um dos seus lentes para os punir das opiniõis democráticas onradamente expendidas por um e outro. E fê lo exatamente, quando o empolgávão na sua mão os mesmos autôres da lei de 13 de fevereiro de 1896.»

Como estas, muitas outras afirmações rasgádamente democráticas.

Ao sr. dr. Bernardino Machado respondeu o sr. dr. Calixto, que está fazendo as vêzes de reitôr.

Dizem-nos que não é costume discutir a oração de sapiência. O sr. Calisto, porém, fês este âno uma excéção, por amôr das *instituiçõis* e da *órdem*. Pois mais lhe valera estar calado. Dizemos-lho sem nenhum espirito de *parti pris*, sem exaltação de partidário, sem paixão de séctário.

O sr. dr. Calisto não fála bem. Tem facilidáde de palávra. Mas a palávra fácil não básta. É precizo que éla seja apropriáda, e que fále á intelijência e ao coração, com toda a gradação de tons que a tórnão dominadôra ou sedutôra. Ora se o sr. dr. Calisto, além de não possuír o número precizo de têrmos para exprimir duma fôrma variáda a mesma ideia, fála sempre no mesmo tom, o tom clássico, com o correspondente jésto clássico, do véiho prégadôr d'aldeia. Ou eleve a vós, ou abaixe a vós, é canto-chão, coiza, sem vida, capaz de fazer as delicias dos rapazolas que chegam á Universidade, ou que saem déla como entrárão, mas detestavel para os ouvidos de pessoas cultas e aprimoradas.

No entanto, a incorréção da palávra, a auzencia de modalidades, a carência da fórma, não se fazem muitas vezes sentir diante da grandeza da idéa. Porém aquí, o dezástre do sr. dr. Calisto ainda foi maior. O sr. dr. Bernardino Machado não é lente de direito. Pois ao sr. dr. Bernardino Machado, que combateu as ditaduras, as violências, o arbitrio, ao sr. dr. Bernardino Machado que calorozamente defendeu a justiça, o direito, respondeu um lente de direito defendendo as ditaduras, justificando as violencias, aplaudindo o arbitrio, um lente de direito admitindo a injustiça e pondo de parte o direito!

Seria fantastico, se não fosse uma coiza muito real, que vem confirmar plenamente a asserção, por nós tantas vezes feita neste semanario, do desvairamento, da anarquia que domina a socidade portugueza.

Nós já vimos o professor de medicina legal da Universidade de Coimbra afirmar que todo o omem morto nas ruas pela tropa, que sáia a restabelecer a ordem publica, está, sem averiguaçõis de qualidade alguma, morto legalmente. Caiu um omem morto em rezultado d'um tiro disparado por um soldado? Cairão muitos, depois de uma descarga? Enterrárão-se. Não se áveriguase a tropa abuzou, se cometeu ou não cometeu um crime. Fôrão mórtos em nome da ordem? Estão bem mórtos. Agora um professor de direito defende as ditaduras e as violencias de toda a casta! Quer dizer, supôndo-se um omem *d'ordem*, julgando-se o defensor das instituiçõis, é apênas um ómem de dezordem, e um inimigo confésso do direito em que assentio éssas instituiçõis. O sr. Bernardino Machado podia dizer tudo quanto disse no espirito rigorôzo e na lêtra rigoróza da instituição. Até quando combateu a obrigação do juramento relijiôzo. Porque a verdade é que permitindo a lei outras relijiõis, além da relijião católica, admitindo o rejisto civil, se ámanhã entrar na Universidade, como estudante, ou como lente, um cidadão que ao abrigo da lei, não é católico, a mesma lei será contraditória, será despótica, obrigando ao juramento católico aquêle ao qual permittiu outra relijião, ou ao qual consentiu que não tivésse relijião nenhuma. O que fás nestas condiçõis, um *professór de direito?* Pede, em nôme do direito, que acabe o juramento relijiôzo obrigatorio, *por mais relijiózo que êle seja*. Ou então poderá ser tudo, menos *professor de direito*. Acabando o juramento relijiôzo obrigatório, não ouve a mínima ofênsa á consciência, á dignidade do do relijiôzo. Subsistindo êle, subsiste uma grave violência para tôdo aquêle que não professar a mêsma relijião, ou que não professar relijião nenhuma.

A suspensão das garantias, a ditatadura, só muito excecionalmente é admitida pela constituição. As pranchadas só muito excécionalmente, em cázos sérios, se pódem justificar. Mas não éra éssa excéção que o sr. Bernardino Machado combatia. Era a ditadura permanente em que vivemos, éra o desrespeito continuo e sistematico da lei que a toda a óra temos diante dos ólhos, éra a pranchada arbitraria, dezordenada, caprichóza, que se determina, e executa, contra a mais legal e ordeira das manifestaçõis.

Era o sr. Bernardino Machado, que não é lente de direito, éra o sr. Bernardino Machado, que é republicano, quem defendia o direito, a ordem legal, a constituição. Foi o sr. Calisto, que se dís monárquico, que se dís ómem d'ordem, que se dís *lente de direito*, quem combateu o direito, quem se pôs fóra da ordem, quem repeliu a lêtra e o espirito da constituição.

E dizião me que éra um ómem de talento!

Como o talênto é coiza rára, por mais que se abuze déssa palavra a cada passo!

Não. Não é um ómem de talênto. Nem na fórma, nem na essencia. Nem como artista, nem como pensadôr. E' um professôr como á muitos, nésta decadencia afliitiva em que nós vamos.

ANTÓNIO MANO

Os amigos dêste desventurádo rapás vão mandar colocar sobre o seu túmulo uma lapide, cuja execução artistica foi confiada ao sr. Jozé Baráta

A propózito diremos que se gorávão os esfórços do polícia amadôr que avia feito as declaraçõis que toda a jente se apressou em chamar fulminantes.

Não queremos com isto malsinar o procedimento dos que se têem empenhado em ajudar a autoridade.

O seu procedimento é pelo contrário muito para louvar, mas é necessário não perder de vista que, se não á probabilidades de vir a descobrir como autôr do assasináto, um ómem endurecido no crime, não é menos verdade que, a não admitir a auzencia do criminôzo seguidamente ao crime, quem o fês tem uma vontade fórte, e, aceitando as concluzõis do relatório médico legal como verdadeiras, o criminôzo é ómem fórte e corajôzo, sobre tudo se se não admitir a existencia de cúmplices.

Os cúmplices poderião bem ter faltado. António Mano era quázi uma criança, pequêno, de poucas cárnes, léve.

O que dezejamos mais uma vês acentuar é que a policia não déve descançar nos esfórços que fázem os particulares para descobrir o crime.

Pelo contrário, esses esfórços seguidos, a atitúde do público e da imprensa impõi-lhe a obrigação de dar á descoberta do criminôzo tôda a sua atividade.

Concordamos tambem que a rezérva da policia, quanto ás suas investigaçõis secrétas, e á vinda de Lisbôa de pessoál próprio e abilitado se impõi

Se alguma coiza á, fás bem em guardar segrêdo.

As declaraçõis do correspondente do *Primeiro de Janeiro* pa écem porém indicar que nada á, e que pelo contrário, na polícia se toma pouco interésse por êste crime que a sociedade quer vêr punido.

Nas ruas tem continuádo o movimento de *troupes* e tróças aos caloiros que o âno passado quázi se não déra.

Bom seria que a autoridade interviésse sobre o assunto.

As *troupes* têem sido oríjem de mais de um dezástre lamentável. Bom seria evitar a tempo o que mais tarde póde ser irremediável.

Não percebêmos tambem como a autoridade não proíbe que os estudantes ândem embuçádos pelas ruas.

Esta vélha práxe é oríjem de abúzos correntes.

As observaçõis que fazemos não são sem fundamento.

Tem avido já mais de uma questão em que se tem puxádo por revólvers.

Não denunciamos; avizamos apenas dum perigo eminente.

A dotação das óbras do cais que era, até ao fim do âno económico de 1:500$000 réis, foi elevada a réis 3:000$000.

Ésta medida económica estáva de á muito a ser pedida; porque a vérba destinádа a estas óbras, por dimiuúta, era em grande parte absorvida pelos serviços de fiscalização.

Chegar se-ia assim facilmente a gastar o dinheiro votádo para éla, sem a vêr terminada, apezar da sua urjência para a defêza e belêza da cidade.

Está concluída a inspéção dos prédios da fréguezia de Santa Crús, báze de uma futura remodelação da contribuição predial, que, como paréce demonstrar o inquérito, estava irregular e abuzivamente distribuida.

É fácto que se dá em Coimbra como em outras térras do país, na fréguezia de Santa Crús como nas outras.

Quem mais tem, menos pága. Os grandes prédios, os de maior rendimento, ândão qualificádos em rendas irrizórias.

Os prédios pequênos, os dos abandonados do favôr público ândão pelo valôr real ds renda, o que dá uma desporporção injústa na contribuição.

Se, além disso, atendermos a que o imposto é exajerádo e foi estabelecido evidentemente, contando com a falsificação prevista do cadástro predial, para estabelecêr uma renda determinada ao estado sem melindrar os grandes proprietários, resalta mais evidente a injústa tributação dos pequênos prédios.

Cartas inéditas de el-rei D. Pedro V

O nosso ilustre coléga a *Vanguarda* publica a êste respeito o seguinte:

O nosso prezado coléga *Rezistencia*, de Coimbra, publicou um artigo ácerca do nosso malogrado amigo, Ernesto Loureiro, que carece de sêr esclarecido. Torna se para isso indispensavel reproduzir uma carta daquêle distinto psicólogo que vem lançar muita lús sôbre a questão.

Eis a carta:

«As *Novidades*, n.º 5857, de quinta feira 14 de maio, (1903) publicaram a seguinte carta sobre a publicação do livro editado pela caza França Amado, de Coimbra:

Cartas de D. Pedro V

No *Século* de ôje lê-se a seguinte noticia:

O sr. dr. Mêndes dos Remédios, distinto lente da faculdáde de teolojia, acaba de publicar uma obra muito curióza, inserindo umas cartas inéditas de El-Rei D. Pedro V a Jozé Jorje Loureiro, seu ajudante de campo. Estas cartas são prefaciadas e anotadas pelo autôr. Divide-se esta publicação, que é uma edição da caza França Amado, em três partes: 1.º Em vésperas de reinar; 2.º Seis ânos de govêrno; 3.º A trajédia.

A noticia supra contêm inexátidõis, que é necessário esclarecêr: nem a publicação foi feita por intermédio do sr. dr. Mêndes dos Remédios, nem o conteúdo do livro publicado se limita aos assuntos acima referidos; para o que basta lêr o titulo da obra, que é o seguinte: *Cartas inéditas de El Rei D. Pedro V, prefaciadas e anotadas por Mendes dos Remédios e seguidas dum estudo psicolójico por Ernesto Loureiro.*

A istória da publicação é a seguinte:

Meu irmão Ricardo Loureiro, que vive em Coimbra, e eu, possuimos trinta cartas dirijidas pelo sr. D. Pedro V a nosso tio Jozé Jorje Loureiro. No principio do âno passado, vindo meu irmão a Lisbôa, disse-me que tencionava ir pedir a Sua Majestade El-Rei autorização para serem publicadas aquelas interessantissimas cartas. Eu aprovei calorózamênte a ideia, e com efeito, meu irmão Ricardo obteve audiência de S Majestade El-Rei, que prontamente concedeu a autorização pedida, depois de pessoalmênte as avêr lido.

Antes de meu irmão se retirar para Coimbra, combinámos ambos juntar á publicação das cartas um estudo meu ácerca da personalidade de Senhor D. Pedro V, a qual tem corrido desnaturada por aliás distintos escriptôres.,

Chegado meu irmão a Coimbra dirijiu-se pessoalmente ao conhecido editôr sr. França Amado, que se encarregou da publicação das cartas e do meu trabalho, ficando-lhe pertencendo a edição da obra, e dando-me um interesse na sua venda, o qual nunca foi discutido, e que ainda ôje ignóro qual venha a ser; sem que com o que digo pretenda por qualquer fórma desmerecer a bizarria e integridade de caráter do sr. França Amado.

Depois disto lembrei-me que o meu umilde trabalho muito ganharia no favôr do público sendo acompanhado por um prefácio escrito por mão esclarecida e douta, e por intermédio de meu irmão Ricardo mandei pedir ao sr. dr. Méndes dos Remédios o alto favor de que se trata.

O sr. dr. Mêndes dos Remédios benevolamênte acedeu ao nosso pedido, e em seguida meu irmão Ricardo fês-lhe entrega das preciózas cartas encerradas em elegante pasta, a fim de serem depositadas na Biblotéca da Universidade, de que o sr. dr. Mêndes dos Remédios é digno diretor.

Depois disto nos primeiros dias de Junho do âno passado, eu fui a Coimbra e pessoalmente agradeci ao sr. dr. Mêndes dos Remédio o favor do prefácio prometido, sem que até ôje eu e êle nos tornássemos a vêr, ou ouvéssemos trocado por escrito qualquer palavra em contrário do que avia combinado.

Já lhe agradeci por escrito o favôr do prefácio proficientissimo e vasto, como era de esperar de tão douto professôr.

Com toda a consideração, sou de v. etc. — *Ernesto Loureiro.*»

Aguardamos as reflexõis prometidas, parecendo-nos porém não avêr relação alguma entre esta carta e o nosso primeiro artigo.

Literatúra e Árte

Olavo Bilac — **CRITICA E FANTAZIA.** — 1 vol. Livraria classica editôra, Lisbôa, 1904.

Da Olavo Bilec, o primeiro dos poétas sul-americanos, publicou a cáza editôra A. M. Teixeira, na sua coléção de *Prozadores e poétas brazileiros*, um volume de crónicas e artigos, cobérto pelo titulo *Critica e Fantazia*.

Sagradamente garantido pelo nome poderôzo que o assina, êsse tômo tem, como éra de prevêr, pájinas magnificas.

Se é um livro dezigual, não é de maneira nenhuma, um livro inferiôr.

Tecido de trechos feitos ao acázo, ao sabôr da inspiração, na obrigação pontual do jornal apressádo, expontaneos uns, traçádos outros com evidente esfôrço, é comtudo um volume interessante.

Não conségue entuziasmar fortemente apenas porque, estando nós, acostumádos a vêr o poéta tocar familiarmente a perfeição nos seus vérsos jentilissimos, é com êsse mesmo esperançôzo dezejo de perfeição que abrimos o livro do jornalista. E' um êrro decérto mas é tambem o merecido preito a éssa alta individualidade da rima brazileira.

*

O livro compõe-se de quatro partes: *Em Minas — Crónicas Fluminenses — Notas diárias* e do discurso *Na academia*.

Os primeiros capitulos pertencem ao livro ôje exgotado — *Crónicas e Novélas*. São pedáços de descritivo vigorôzo de vélhas aldeias e recantos da rejião minense, lijeiras nótas istóricas sôbre a *Marilia de Dirceu*; *Fr. João Joseph*, o introdutôr das rifas no Brazil (patusco frade!), o *Triunfo Eucaristico* de Simão Machado, etc.

Devo destacar déstas noventa pajinas iniciais o primeiro retalho que se chama — *Os lazaros* — e que é realmente excelênte.

*

Na segunda e mais volumóza parte — *Crónicas Fluminenses* — Olavo Bilac dá-nos a sua colaboração da *Gazeta de Noticias* e d'*A Noticia*.

Agóra já não é o enternecido bucolico do principio, o solitário e pensativo vizitante das parajens vélhas do Ouro Preto, Ouro Fino e S. João d'El-Rei, embevecido na contemplação das ruinas, das cruzes dos altáres delidos, na vibração estremunhada dos sinos quiétos.

A sua proza que nas primeiras pajinas cantava enternecida com resaibos de poezia — *Sobre os rozais silvéstres abértos em flores, nas faixas de ouro dos últimos raios do sol, dança o voo léve das abelhas; e apenas o seu sususrro povoa a solidão déstes sitios ermos* — espaneja-se e simplifica-se ao contáto da vida da grande capital.

O bucolista de Minas transfórma-se no elegante cronista do Rio, afivéla as suas polainas, compõe a gravata, enflóra a lapéla e êle aí vai, mênos poéta e mais cidadão, surpreender aspétos, comentar noticias, censurar ridiculos, apreciár fáctos.

A crônica de abertura é um esplendido artigo, vivo e significante — *Bras Bocó* ou ssja o *Etérno Descontente*, o *Incontênte*, o *Naris Torcido*: o Brazil. E' para mim considerada sob a formula admittida e abitual, a melhor crónica do volume.

Muitas outras se lhe séguem criticando a politica, os costumes, os tipos.

E destacando néssa farta colheita, á alguns trechos em que o cronista se esquéce do jornal e vai para a poezia e para a novéla. E' um cônto de Natal maviôzo e térno em que á frázes lapidáres como ésta: *e o seio pequenino e timido da virjem palpitava pérto do seio sensual e cheiroso da meretris;* o ardente ino pagão, arrebatado e fogôzo — *Laus Veneris* — uma pajina de estilo candênte; *Um Fantasma* que com o *capitulo dos Mosquitos* traduzem tôda a *fantazia* do titulo.

Precizo ainda salientar os capitulos: *O Jogo dos Bichos*, *Caok*, *Republicas e a Rainha Draga*. Quanto a crónicas d'arte, muito ráras neste volume á as *Falsificaçõis* e como principal — *A Verdade no Theátro* — sobre Antoine. Olavo Bilac emite a seguinte opinião: *No TÉATRE CANIOINE, — o que vale o mesmo que dizer: em todo o teátro moderno, — o módo de reprezentar é definitivo; mas o teátro em si mesmo, o teátro ideia, — êsse é de tranzição. Se êsse teátro não fosse de tran*

ção, *a arte dramática estaria agonizando.*

Vê-se que o notavel artista da *Via Lactea*, enfileira ao lado dos inimigos do teátro modêrno com a atenuante de considerár magnifico o seu procésso scénico. Discórdo inteiramente das suas opiniões ai exarádas, nêssa curta citação, e apenas lamênto não têr espaço para formular cértas objécções contra a corrente contrária ao nôvo teátro que parece querêr regressar ao falso *combinacionismo* romantico.

*

As *Notas Diarias* são prezas muito rapidas em que se anotárão algumas impressões lijeiras.

O livro encérra-se pelo discurso de recéção de Afônso Arinos, que é moldado nas fórmulas do jénero, com cértas orijinalidádes, aqui e além.

*

Rejistáda assim a minha opinião sôbre o livro, que amávelmente recebí por intermédio da acreditada cáza Moura Marques, résta-me felicitar o editôr pela esmerada edição que apresentou e pelo empreêndimento louvabilissimo de divulgar em Portugal a literatura brazileira que quazi completamente ignorâmos pela auzência dos produtos livrescos americanos no nosso mercádo.

E' ótimo que se vá ensinando a tôdos os que maldizem sistemáticamente o Brazil, que á lá um nucleo de escritôres que fázem galhárdamente, inexcedivelmente, a campanha da arte.

Rompa-se éssa barreira criminóza que nos occulta toda a paizájem literária do Brazil e se tão dificil paréce têr a exibição periódica do movimento artistico brazileiro ao ménos que venha um editôr intelijênte e orientádo que edite para nós, o que por lá se fás de melhór.

Felismênte paréce que se vai rasgando êsse silencio a que os livreiros têem condenádo, em Portugal, as penas brazileiras. O âno passádo, *O Sertão* de Coêlho Neto, depois o *Padre Belchior de Pontes* de Julio Ribeiro, agóra o livro de Olavo Bilac, e a *Pastoral* de Coêlho Néto anunciáda por Tavares Cardôzo, fázem prevêr uma éra melhór para os brazileiros. Não falando já na grande edição projétáda das obras do poeta Fonseca Xavier.

Lisboa, 1904. Outubro, 26.

Manoel de Sousa Pinto.

Os professôres do liceu central de Coimbra enviárão uma reprezentação a el rei, pedindo o conservação do sr. dr. Luis dos Santos Viégas no seu logar de reitôr.

Esta deliberação, tomada por todos os professôres do liceu, muito onra o sr. dr. Santos Viégas, cuja atividade, e zêlo muito se tem feito notar na direção superior do liceu de Coimbra, promovendo o seu progressivo dezenvolvimento e atendendo a todas as reclamações dos professôres, no interésse do ensino.

Theatro Circo

Animárão-se por fim os espétaculos do teatro circo, e não fôrão baldados os esfórços que a emprêza fês por isso.

Os trabalhos da companhia érão bons mas corrião com uma corrécção monótona que é pouco do nósso temperamento.

Todos os trabalhos aprezentados são bons, com quanto não sejão novidade. E' dificil inventar ôje qualquer coiza em espétaculos de circo, por isso as companhias tem recorrido ao intermédio scientifico e á excentricidade.

Os cavalos adestrados passárão de móda. Oje os caválos do circo sabem lêr, escrever e contar. Tem todas as abilitações legais para ministro do estado.

Folgamos que o encanto das bailarinas e a animação da Feira de Sevilha nos garântão algumas noites alégres no aborrecido inverno de Coimbra.

Arte e Vida

Por erro de informação, cometemos no nosso ultimo numero algumas inexatidões a propózito desta revista, cuja impressão já começou.

A revista é dirijida pelos srs. João de Barros e Manuel de Souza Pinto.

A compozição e impressão é das oficinas do sr. Albino Caetano da Silva.

O editôr é o sr. Moura Marques.

Déve chegar depois de ámanhã a Coimbra o ilustre diplomata e fino literáto dr. Albérto de Oliveira.

Vem reunir-se aos seus condiscipulos numa fésta de saudade.

O sr. dr. Eujénio Sanches da Gama, que pertenceu tambem ao mesmo curso, e escreveu a sua récita de despedida, uma das poucas com valôr real, fês uma saudação aos seus condiscipulos para sêr distribuida durante o banquête.

E' dêste curso que dáta a *balláda de despedida* nas récitas do quinto âno juridico.

A primeira balada foi feita por Alberto de Oliveira.

As eleições do corpos jerentes da ordem terceira de Coimbra, fizérão-se no domingo, segundo os estatutos ultimamente aprovados, dando o seguinte rezultado:

Ministro, sr. dr. Manuel Joaquim de Castro; *vice ministro*, sr. Jozé Albino da Conceição Alves; *secretario*, sr. Augusto Gonçalves e Silva; *tezoureiro*, sr. Jozé Monteiro dos Santos; *definidores*, srs. dr. Antonio Maria de Souza, Augusto Leonardo de Carvalho Francisco Antonio dos Santos e Benjamim Ventura; *vigario de culto*, sr. Antonio Maria Pinto.

Jozé Lópes das Néves, condutôr de terceira clásse foi transferido da diréção dos serviços fluviais para a das óbras publicas de Coimbra.

O sr. Guilherme Augusto Victorio de Freitas começará no dia 18 a inspecção ao distrito de recrutamento e rezerva n.º 15.

O sr. conde do Ameal foi agraciádo com a comenda da Conceição, e o sr. visconde do Ameal com a comenda de Cristo.

As nóssas felicitações.

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

Partidas

Do largo das Ameias		Da rua Infante D. Augusto	
8h.30m	manhã	9h	manhã
9 ,30	»	10	»
10 ,30	»	11	»
11	»	11 ,30	»
11 ,30	»	12	»
12	»	12 ,30	tarde
12 ,30	»	1	»
1	tarde	1 ,30	»
1 ,30	»	2	»
2	»	2 ,30	»
2 ,30	»	3	»
3 ,30	»	4	»
4 ,30	»	5	»
5 ,30	»	6	»
6 ,30	»	7	»
7 ,30	»	8	noite
8 ,30	noite	9	»
9	»	9 ,30	»
9 ,30	»	10	»
10	»	10 ,30	»

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Do largo das Ameias		Da estação *B*
3h,10m	manhã	As partidas desta estação, são logo depois das chegadas dos comboios.
5 ,55	»	
8 ,10	»	
2 ,30	tarde	
3 ,36	»	
5 ,55	»	
6	»	
6 ,45	»	
8 ,58	noite	
11 ,22	»	

Sahidas do Theatro

Do Theatro para cima até á Rua do Infante D. Augusto — 80 reis.

Do Theatro para baixo até ás Ameias ou Casa do Sal — 60 réis.

Recebem-se annuncios para sêrem fixados no interiôr de tôdos os carros em circulação pelo prêço annual de réis 12$000, sendo os annuncios e sêllos por conta do annunciante.

EDUARDO DE NORONHA

A ambição dum rei

Obra ilustrada com numerózas gravuras coloridas por Manuel de Macêdo e Roque Gameiro, impressa em magnifico papel.

Cadernêta semanal de 16 pájinas, 40 réis. Tômo mensal, 200 réis.

Um exemplar grátis a quem remetêr adiantadamente a ésta emprêza a importancia de dés cadernêtas ou tômos.

Brinde a tôdos os assinantes

Aceitão-se pedidos de qualquer número de cadernêtas e tômos.

A EDITORA, *largo Conde Barão, 50*

Lisbôa

Precizão-se ajentes em tôdas as terras do continente colónias e Brazil.

Aceitão-se correspondentes em todas as terras do reino.

Córtes de colêtes de fantazia, para o invérno, o que á de mais novidáde.

Machado — Alfaiate

Sofia, 58 a 62

MARCELINO MESQUITA

LEONOR TELES

(ROMANCE HISTÓRICO)

Grande edição de luxo profuzamente ilustráda com gravuras de pájina a 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impréssa em magnifico papél.

Cadernêta semanal de 24 páginas e 1 crómo ou 32 pájinas de têxto — 60 réis. — Tômo mensal, 320 réis.

Brinde a tôdos os srs. assignantes — Um exemplár grátis a quem enviár a importancia de 10 cadernêtas, tômos ou volúmes.

Em publicação na

A EDITORA, *largo Conde Barão, 60*

Lisboa

ANUNCIOS

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES DA BEIRA ALTA

Avizo ao publico

A partir do dia 1.º de novembro proximo futuro, serão supprimidos os comboios n.os 25 e 26, do orario de 1 de Julho do corrente âno, que correspondião em Pampilhóza com os comboios n.º 55 *Expésso* e n.º 8 *Correio* da Companhia Real.

Lisbôa, 20 de outubro de 1904.

O enjenheiro diretôr da Companhia,

Marquês de Gouvêa.

EDITAL

O doutôr Jozé Pereira de Paiva Pita, provedôr da Santa Cáza da Mizericordia de Coimbra

Faço sabêr que até ás 3 óras da tarde do dia 16 do próximo mês de novembro, se recébem propóstas em carta fechada para o fornecimento dos seguintes jéneros para consumo dos Coléjios de orfãos e orfãs de S. Caetâno: 800 litros de feijão branco; 1:000 litros de feijão vermelho; 2:000 litros de feijão frade; e 1:000 litros de grão de bico.

As propóstas serão entrégues na secretaria da Santa Cáza, aonde se achão patêntes as amóstras e condições da arrematação, em todos os dias uteis desde as 10 óras da manhã até ás 3 óras da tarde.

Na sessão de Mêza dêsse dia abrir-se-ão as propóstas e adjudicar-se-á o fornecimento se os prêços conviérem á Santa Cáza.

Secretaria da Mizericordia de Coimbra, 21 de outubro de 1904.

O provedôr,

Jozé Pereira de Paiva Pita.

MOBILIA

Vende-se um aparadôr, dois guardas louças, duas secretárias uma estante para livros, uma cómoda, uma montra de cristal, e outras peças miudas.

Para tratar, na Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, 156.

Leilão de Penhores

A Cáza Auxiliar de Credito Industrial previne que: desde 15 a 30 de Novembro terá principio o costumado leilão, que durará até ao fim de Dezembro proximo futuro.

O Proprietario,

João Augusto S. Favas.

CAZA

Arrenda-se o primeiro andar, rua Fernandes Tomás, ponto central da cidade, muitas e boas acomodações, lindas vistas sobre o Mondêgo, agua e gás.

Tráta-se na Praça do Comércio, n.º 14, 1.º

Impressor

Precisa-se na Typ. França Amado.

Commensaes

Na rua do Loureiro n.º 13, recebem-se de cama e meza.

Predio em Coimbra

Vende-se um situado na rua do Corpo de Deus n.º 38, que consiste em magnifica casa de abitação com pára-raios, gás e agua de cistérna e da companhia, jardim e quintal com arvores de fructo.

Para tratar, em Coimbra, Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, n.º 156, e no Pôrto, na rua do Brugnor, n.º 148.

40) **Folhetim da "REZISTENCIA,,**

O EXCOMUNGÁDO

XV

Mau encontro

Ombert mordeu os labios e ficou calado.

Ao fim de alguns minutos, Zea continuou, com um tom scismadôr, e como se respondêsse aos proprios pensamentos:

— E, apezar disso é necessario que êle môrra... O sangue quer sangue... Pobre senhôr, tão nôvo! tão nobre e tão bonito...

Ombert enterrou as espóras nos flancos da inocente Gibby, que caracolou e rinchou dolorózamente.

Zêa acariciou com a mão a vitima da sua estouvada garridice e animou-a com um tom cheio de doçura.

Depois de uma pauza bastante comprida, Ombert, que não podia dissimular o seu despeito, exclamou repentinamente e como um ómem que se importa pouco com adoçar e preparar uma tranzição:

— E o amôr! o amôr afinal!... Porque esta manhã falou-me de tudo excéto do amôr. Tem, sem dúvida, a êste respeito, ideias tão estranhas como sobre relijião e sobre moral. O que é o amôr na Boémia?

— O amôr! respondeu Zea, abafando a muito custo o rizo que começava a apossar-se déla; e repetiu apertando fracamente Ombert contra o peito, e estreitando com os joelhos os joelhos do barão: O amôr.....

Parecia sonhar e apertava cada vês mais os laços magneticos com que enleáva o amante.

— O amôr dos lirios palidos da Touraine, disse por fim, é um sôpro passajeiro que os abáte e os levanta alternádamente, mas que jámais os párte. O amôr das rózas de Paris é um perfume suave e fujitivo que o vento leva e dispersa.

— Muito bem! disse Ombert com amargura, mas o perfume da violeta dos bosques não é nunca levado pela briza? Retem-no, ao passar, todas as sébes dos caminhos? E o botão douro dos campos recuza os sucos amargos do seu cális a todas as borboletas do ar? Mas deixemos esta linguájem oblíqua, em que é mais ábil do que eu e com que me sinto embaraçado, de se equivocar com imajens e de ocultar maus pensamentos sôb uma linguajem florida como o altar de S. Martinho na catedral de Tours. Responda-me, Zêa, e não me tire a corajem de lhe ralhar, apertando me assim contra o seu coração pérfido, cuja escuridão se esconde tambem sôb flôres. O que é o amôr de uma boémia? Diga...

— O amôr duma boémia, disse gravemente Zêa, é o reconhecimento pelo prazêr.

— O quê! Mais nada?

— Mais nada; mas não basta?

— Para si, talvês...

— E para o senhôr, então? exclamou Zêa, cujo acento se tornou de repente duro, bréve, e impetuôzo, para o sr., que me fala, não é de mais? Não repelirá ámanhã a recordação importuna désta noite de que já talvês se envergonha? Quando os encantos, que eu murmurei outem á sua volta, tivérem cessado de atuar, como o perfume, que se evóla, quando os meus braços que vos enlaçávão, não aquécêrem já o vosso sangue, que vos restará déssa noite de felicidade além do remórso e do cansáço do prazêr? Porque as noites de boémia, querido noviço do amôr, não são noites de Touraine. Eu sei bem o que me espéra, e a esperança é uma armadilha, cuja isca conhêço. Ontem amava-me porque eu éra a Zea, a castelã fôra vencida, jemia como uma criança timida, o seu olhar pedia mizericórdia, éra ao mesmo tempo meu senhôr e meu vassálo, éra o meu Ombert; e ámanhã, se a boémia acompanháda por um urso e por o anão, fôr fazêr as suas abilidades debaixo de uma varanda cheia de bélas damas e de nóbres senhôres, o sire de Roche Corbon voltará á cabêça córando, e fará afastar a béla castelã, cujos olhos azuis e languidos procurávão os do conde Adhemar.

Ombert teve um sobresalto vivo, mas contêve-se, esperando que Zea lhe dissésse mais. Zea, debruçada sôbre o flanco de Gibby, seguia o efeito das palávras no rôsto do barão; depois de uma curta pauza, continuou:

— Aí está o que êles nos oferécem, e exijem em tróca que o nosso pensamento os adóre e os siga de lonje, como dizem que êles adórão o seu deus, e que os nossos sentidos lhe sejão fieis até á morte. Nós, os filhos do Ejito, nascêmos muito perto do sol para não vêr mais cláras as coizas do mundo, e deixamos éssa relijião ás mulhéres do Occidênte, que tem tantas e tão diversas ao mesmo tempo. O amôr de uma boémia é uma longa recordação e uma térna benevolência; não se alimenta com proméssas e juramêntos, não inventou palávras vazias e sonóras para enfeitar os dons simples da naturêza; crê que o prazer é santo, e toma-o por Deus; se não tem outros, a este pelo menos sérve-o bem...

Ombert, que não ouvira éstas ultimas palavras, interrompeu a maligna prégadôra e disse-lhe:

— Talvês tenha razão, Zea, e fás-se mal, sem duvida, em exijir no amôr mais do que se póde dar... prometeu me a sua benevolencia, a minha segui-la-á por toda a parte. Quanto ao reconhecimento de que falou, sinto que lhe devo mais do que a qualquer outra... é uma confissão que tenho prazer em fazer-lhe. Mas Zea lembrou-me devêres e sentimentos que fôra a primeira a fazêr me esquecêr; não me queira mal por eu lhe fazer perguntas sobre um assunto de que paréce ter as luzes que eu não tenho. Não foi por acazo que pronunciou o nome do conde Adhemar e eu compreendi a aluzão que quiz fazêr, a o amôr que êle tem por Catarina. Acabe com uma brincadeira cruel e diga-me a verdade inteira: êsse amôr do conde é compartilhado?

— Não sei, respondeu Zea, e talvês que éla mesmo o ignóre tambem, mas eide sabê-lo. Quem poderá nunca compreendêr os sentimentos de toda a jênte? O senhôr embrulhou tudo com grandes frázes, talvês éla o ame como eu amo o duque de Orleans.

— Mas êsse conde de Adhemar, quem é, dônde vem o seu podêr misteriôzo?...

— Só do senhôr depende o sabê-lo dentro em pouco. Ouça...

O barão apurou o ouvido e ouviu um ruido confuzo de vózes, misturádo com o dos passos de muitos caválos.

(Continúa).

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA„

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Téte d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saueisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos** e **licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — Rua Ferreira Borges — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómem e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estranjeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanélas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestaçõis e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condiçõis do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONÓGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.° 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande coléção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazênão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.os 34 e 35. —Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

DE NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.° 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Agua da Curía (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno:—*Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Litiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo:—*Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curía não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro—Preço 200 reis

Deposito em Coimbra—**PHARMACIA DONATO**

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias—Publicação semanal

Diretôra: D. Leonor Maldonado

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 460 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 1$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada*, a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand José Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

CAZAS PARA ALUGAR

Arrêndão-se do S. Miguel em deante os altos de duas moradas de cazas uma na rua de S. Pedro n.° 10, com frênte para a rua da Trindade, e a outra na rua da Trindade n.° 69.

Quem as pretendêr dirija-se a seu dono Antonio dos Santos Fonseca, rua dos Gatos, n.os 7 a 17.

JARDINEIRO

Manuel Caldeira, de 37 annos de edade, de Sernache dos Alhos, ofereece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nésta cidáde ou imediações.

Tem longa pratica daquêle serviço, pois estêve durante 16 ânos, efétivo, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr póde procura-lo em Sernache dos Alhos.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.°

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

PROGREDI ET PRODESSE

ADEGA REGIONAL DE ENTRE DOURO E LIZ

COIMBRA

Installação provisoria: rua da Sota, n.° 8

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miudo

Tabella de preços de venda a miudo (15 de outubro de 1904

Marcas	Garrafão de 5 litros	Garrafa de litro	Garrafa bordaleza
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	550	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção.—*Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.*

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12 — Rua da Moeda — 14

N.º 949 | COIMBRA — Domingo, 30 de outubro de 1904 | 10.º ANO

INTZE-RESSANO

Deu-se o primeiro conflito, na camara dos deputados, e parece que éla se não tornará a reunir.

O govêrno progressista, tanto tempo lonje do poder, parece estar farto de tutelas e recuza a cooperação leal dos seus colégas rejeneradôres.

O sr. Ressano Garcia, o grande campeão da moralidade progressista, levantou o escarcéu da maioria com as suas pouco lizonjeiras referencias á administração do sr. Intze.

Á cólera da maioria que lançava em rôsto ao govêrno o maltratar quem prometêra não lhe levantar dificuldades e lhe prestára o seu apoio já, não discutindo propostas que se prestávão a discussão pouco favoravel para o novel govêrno, respondeu o sr. Pereira de Miranda dizendo que a maioria apoiára por não podêr fazêr outra coiza, respondeu a minoria com gritos pedindo a dissolução.

Desde que a *entente* dôce do sr. Intze e Jozé Luciano não pudéra obstar a que explodisse o escandalo dos fósforos, era de prezumir que a minoria progressista teria força para sacudir a tutela injustificavel da maioria rejeneradôra.

Nada se lucrará com a troca senão vêr, talvês, entrar na camara com côr de progressistas, alguns influentes politicos que ainda á bem pouco tempo érão partidários decididos do sr. João Franco.

Poderá o sr. João Franco consolar-se mais tarde, recebendo no seu grémio alguns vultos progressistas e intzaceos, que não deixarão de vir-lhe, se lhe chegar o podêr.

No entanto o cázo dos tabacos consérva-se cada vês mais obscuro. Os pretendentes á concessão aparécem e desaparécem sem ninguem saber porquê, como os concorrentes a uma adjudicação de grande interésse.

São os negocios em prespétiva que cauzão todas as diverjencias entre os partidos rotativistas.

A's perguntas anciózas da maioria da camara dos deputados que quér saber até onde lhe será permitida a *colaboração* com o govêrno, responde este com frazes dubias que pouca esperança pódem deixar aos *leais* colaboradores dêste ministério.

Não é a diferença de opiniôis que os sepára, não é a diferença de ideal que os divide.

Ainda á pouco trabalhávão a par na ruina do pais.

O poder passsou das mãos duns para as dos outros entre protéstos de amizade e cumprimentos cerimoniózos.

O que os divide é apenas o interésse.

Cada um tem o direito de se vender.

Chegou a vês aos progressistas.

Cái a imoralidade do sr. Intze, triunfa a moralidade do sr. Ressano Garcia!

Manhas reais

L'illustration, o grande jornal ilustrado francês conta no seu último número a seguinte curióza istória a propózito dos Humbert, tanto tempo considerados como reis da finança.

De quem é o quadro? — Frédéric Humbert, como é sabido, consagrava á pintura as óras vagas que lhe deixávão os embaraços financeiros; fazia, ou pelo mênos passáva por fazêr, quádros; expunha mêsmo alguns, e foi assim que obtêve no *Salon* de 1890 uma medalha com um quadro intitulado *Luis XIII e Mlle de Hautefort.*

Ora, á tempo, um amadôr comprava a um negociante dois Roybet: *Uma benção na córte de Luis XIII,* e um *Richelieu esperando o rei.* Alguns amigos avizados, tendo sido convidados a vir admirar a sua acquizição, notárão uma semelhança singular entre certas personájens destas compoziçôis e outras muito mais modernas, que o cazo dos cem milhôis tornára famózas.

Roybet tinha frequentado a familia Humbert...

Levantou-se uma dúvida terrivel sôbre a autenticidade da assinatura do méstre.

Como dissipá-la, senão consultando o próprio méstre?

— Essas duas télas, declára êste, são realmente obra minha. Primitivamente formávão o quadro único, que eu tinha auctorizádo Frédéric Humbert a expôr com a sua assinatura. Na venda Humbert, como me não tinhão pago, aproveitei a ocazião de readquirir o que era meu. Nada mais simples.

A anedóta é picante; a galeria divérte-se e os comentários correm Cada um aprecia a seu módo o desdobramento da téla e esta substituição de assinatura.

Como todas as realêzas se parecem...

CAMINHOS DE FERRO

Reuniu na quinta feira á noite, na séde da Associação Comercial de Coimbra, a grande comissão eleita para defendêr os interésses désta cidade, ameaçados com o projéto da rêde complementar ferro-viaria d'entre o Mondêgo e o Téjo.

Esta comissão não tinha á mais tempo tomado deliberaçôis sobre tão importante assunto, porque tem procurado obtêr esclarecimentos bastantes para se orientar convenientemente.

Rezolveu agora dirijir uma reprezentação ao sr. ministro das obras públicas, ponderando: Que Coimbra seja a tésta das seguintes linhas: de Coimbra á Covilhã, via larga, continuação do ramal de Coimbra a Arganil; de Coimbra a Porto de Mós para Soure ou Miranda do Corvo, via larga. Estas linhas terião um leito unico até Miranda do Corvo ou Louzã, como acontece com a linha do Minho e Douro até Ermezinde. Outra linha de via reduzida de Coimbra a Santa Comba Dão. Esta linha já está estudada e seria a continuação do ramal de Vizeu em ligação com a linha projétáda por Lamêgo a ligar com Trás-os-Montes.

Desta fórma, sem prejuizo d'outra qualquér térra, Coimbra seria compensáda em parte, de lhe avêrem tirádo o entroncamento da Beira Alta.

Coimbra, pela sua pozição topografica, pela sua importancia social e materíal estava naturalmente indicada para cêntro converjente dat linhas jerais do país. E' precizo pois, que de futuro se modifique a orientação seguida, fazendo aqui converjir todo o movimento das linhas a construir e que póssão ligar-se com os interésses désta térra.

Com o projéto atuálmente estudádo da rêde complementar d'entre o Mondêgo e Tejo, julga a comissão dsfendêr assim os interésses de Coimbra; mas no cázo dêsse projéto sêr abandonádo, como é natural, a comissão procederá de futuro como a defêza dos interésses da cidade o exijirem.

O *Jornal do Pôvo,* fôlha rejeneradôra da Guarda, de envolta com alguns insultos grosseiros á imprensa républicana, escréve a propózito da edição da oração inaugural do sr. dr. Bernardino Machado feita pela *Rezistencia:*

Achamos caro.

Mas, para bem se avaliar da *mercadoria,* não seria melhor, mais leal e bonito que no final inserissem tambem a resposta dada pelo ilustre e talentôzo lente dr. Calisto? E talvês o *negócio* da *Rezistencia* fôsse melhor...

O *Jornal do Pôvo* fala sem ter lido, naturalmente, por achar caro.

A edição da *Rezistencia* foi vendida a favôr da créche de Coimbra.

A *Rezistencia* não quis explorar o escandalo em beneficio de caridade, como teria feito talvês o *Jornal do Povo* em beneficio próprio,

Foi por isso que a *Rezistencia* não vendeu o seu numero á porta férrea, á saída da sessão inaugural, como pedia o seu interésse, explorando o escandalo que lhe asseguráva a venda.

Foi por isso que a *Rezistencia* não fês a venda da oração do sr. dr. Bernardino Machado senão no dia imediato ao da sessão inaugural, deixando passar a efervescencia do primeiro momento.

O *negócio* da *Rezistencia* limitou-se a auxiliar a créche, como tem feito sempre que se lhe oferéce ocazião.

A exploração da *Rezistencia* consistiu em não explorar um escandalo.

E nem por isso a edição deixou de se esgotar.

Quanto ao discurso do sr. dr. Avelino Calisto, não á ainda a sua edição oficial.

E' conhecido apenas pelas notas da *Rezistencia* e do *Povo de Aveiro.*

Quando sair, publique-o o *Jornal do Povo.*

A *Rezistencia* não lhe inveja o negocio.

Aos grupos

A academia êste âno não consegue reunir-se; tudo se fás em reprezentaçôis de grupos.

Um grupo de estudantes pediu a el-rei a conservação do comissário de policia.

Um grupo de estudantes rezolveu aderir á subscrição aberta em Lisbôa para o monumento aos mórtos de Africa.

Um grupo de estudantes telegrafou ao ministro do reino pedindo feriádo para segunda feira, ligando assim, como de justiça, o domingo, abuzivamente separado dos feriados dos santos por uma antipática segunda feira de aulas.

Já nem para pedir um feriado se arranja uma assembleia jeral concorrida!

O decadencia...

Dr. Bernardino Machado

Por êsse pais fóra — quér pelos jornais diários que reprezentão a imprensa civica portuguêza, quér pelo folhêto, em que se publicou para sêr pôsto á venda revertendo o seu prodúto em favôr de uma béla instituição — por êsse país fóra, diziamos, já quazi todos os que sabem lêr, e se preocupão com os interésses da pátria, conhécem o monumental discurso que o distinto lente dr. Bernardino Machado pronunciou como — «Oração inaugural do âno létivo de 1904 1905, na sala dos átos grandes da Universidade de Coimbra no dia 16 de outubro de 1904».

Monumental, êsse discurso.

Elegante na fórma, nobilissimo na doutrina, altivo como protésto, êsse discurso é um libélo formidavel contra um rejimen criminôzo, um punhado de verdades que andão na bôca de todos os que têem alma, um *latego de raios de lús* zurzido sôbre a notivaga carcássa oficial do país.

E com tanta fôrça foi zurzido que a carcássa doeu-se. O país oficial, reprezentado pelo dr. Calisto, repontou com veleidades de defêza, como se a verdade não estivésse aí patente a todos que têem ólhos para vêr e quérem vêr, como se ouvésse aí alguem capás de arrancar o tagante impiedôzo, mas justiceiro, da mão de um ómem da estatura de Bernardino Machado!

Não pódem, não. E se outras próvas não ouvésse, de sobêjo, para se mostrar o que é o país oficial, a sua fraquêza, o seu crime na nossa decadencia — evidente em todos os ramos da atividade social, — na nossa ruina vergonhóza, se outras próvas não ouvésse aí estava éssa, concludente, lójica, absoluta e esmagadôra — a de sêr negada a palavra ao dr. Bernardino Machado para replicar, a de êsse país oficial, reprezentado pelo dr. Calisto, se colocár ao abrigo de uma lei anacrónica, sofistica, adrede sancionáda para acobertar o módo, adrede invocáda para servir de refujio a quem não póde mantêr-se airózamente em campo abérto, combatendo, desde que não á enthuziásmo para a defêza de cauzas condenádas por injustas.

Porque, a cauza sôbre que o dr. Calisto tentou um lance de defeza, é uma cauza condenáda. Só póde têr defensôres por devêr de oficio, caráteres amoldaveis, almas onde o egoismo tóma o logar da consciencia. A verdáde não póde sempre encobrir-se com sofismas.

Mais tarde ou mais cêdo éla irrompe luminóza, como um raio de sól dentre uma nuvem que o vento esfarrápa.

E a verdáde estava aí na bôca de Bernardino Machado. O distinto professôr que tem levado a sua vida a evanjelizár a verdade, não podia agora fazer o contrario. Alma que paréce ter sido moldáda em lús, não póde têr logar para a mentira. A mentira é para os obsidiádos da verdade, para éssa órda famélica de exploradôres que tem feito do Portugal oficial uma cavérna de bandoleirismo! A mentira é para os lentes sem consciência, para os sacerdótes sem sentimento, para os militares sem civismo, para os politicos sem vergônha.

A mentira é para os que, como dís o distinto professôr, «não só atacávão as franquias do ensino mas ferião rudemênte a sua existencia: fechárão-se escólas primárias tanto de instrúção jeral como de instrucção profissional. acabou-se com os muzeus agricolas, industriais e comerciais, suprimirão-se quazi por toda a parte, as aulas de instrução complementar, inicio da educação jerál da classe média, não se abrirão os liceus femininos, mal sorteádos lógo ao nascêr, e regateárão-se aos institutos de instrução, de todos os graus, os mais indispensaveis meios de ação».

Este parágrafo só por si mostra-nos um quadro pavorôzo. Mostra-nos êsse rejime, em que vivêmos, de corruçôis e falsidades, a cauza principal da nossa decadencia. Um povo sem escolas de instrução e educação — e as poucas que possue ainda nas tristes e deprimentes circunstancias em que nol-as mostra a palavra justiceira de um dos primeiros professôres do país, pelo seu talento, pelo seu sentimento, pelo seu caráter — um povo assim não póde sêr senão o que está sendo e como lá por fóra já todos os povos o apontão.

Oxalá que as grandes almas, como a do Dr. Bernardino Machado, não esmorêção, se maniféstem, se pônhão em campo armádos e corajózos para a lúta, numa ancia nobilissima de erguêr êsre nosso Portugal do atascadeiro em que se encontra e onde mãos infames e protervas mais procúrão radica-lo!

Oxalá!... E ao expressar aqui o seu dezejo, *O Combate* envia ao mesmo tempo as suas mais sincéras felicitaçôis ao distinto professôr dr. Bernardino Machado, pelo seu brilhante discurso onde tão alto e tão nobremente fálão, um cerebro e um coração, de bondade de pás e de justiça.

Estão em Coimbra os bachareis formados em Direito no âno létivo de 1891 a 1892.

Pertencêrão, a este curso os srs. Artúr Montenêgro, deputado e lente da Universidade; conde de Penha Garcia, deputado; Alberto d'Oliveira, encarregado de negocios na Suissa: Agostinho de Campos, redatôr principal do *Ilustrado* e chefe da Caixa Geral dos Depózitos, António Pereira Reis e Manuel d'Azevêdo Ennes, advogado em Lisbôa; Jozé Ventura da Camara, auditôr administrativo em Lisbôa; Ernesto Leite de Vasconcélos, diretôr da Escola Penal Agricola de Vila Fernando; Guilhérme Quilinan, adido de legação; António Candido de Nogueira, prezidente da camara de Parêdes de Coura; Frederico dos Santos, deputado; Romano Santa Clara Gomes, antigo deputádo no Funchal; Manuel Galvão, comissário de policia repressiva de emigração clandestina; Paulo Falcão, advogádo no Porto; Eujenio Sanches da Gama, professôr do Liceu de Coimbra, Alberto David, delegado em Vila Nova d'Ourem; João Antunes, conservador em Condeixa, Neves Alvim, conservadôr em Ourem, etc., etc.

Ouvirão ôje pelas 11 óras da manhã uma missa de sufrájio pelos condiscipulos mórtos André Paulo de Sá, Daniel F. Pinto Guedes, Joaquim J. Sales Caldeira, Rui de Pina Macedo Ferrás, Francisco de Assis Godinho, Manuel Xavier Mourão Garcês Palha e Ruela Tavares.

Irão depois cumprimentar os antigos professôres do curso e vizitar a Lapa dos Esteios.

A' noite, reunirão no Otel Avenida, num jantar.

De *O Combate* que está justificando tão nobremente a sua diviza — *Pela Justiça. Pela Verdade. Pela Equidade,* recortamos ôje o belo artigo sôbre a oração inaugural do sr. dr. Bernardino Machado, publicado noutro logar.

Oférta

O sr. Antonio Joaquim Roza, atualmente em Coimbra em excursão de recreio, ofereceu uma moeda de ouro do reinado de D. Maria I, para o medalheiro da Universidade, onde não existia.

O sr. dr. Antonio de Mattos Cid, foi encarregado da rejencia da cadeira de istória e jeografia, ultimamente creada na Escóla industrial Brotero.

PENITENCIARIAS

Os jornais tem sido solicitos em proclemar aos quatro ventos a sensacionál noticia da saída de qualquer penitenciário — quando tal fácto se dá, pormenorizando bem o acontecimento.

Para exêmplo veja-se o que acaba de se dar com o ultimo cázo sucedido nesta ultima semana.

Óra é na esperança de que, se a minha vós encontrar éco, eu possa contribuir para se obviár a inconveniêntes que fluem daquéla condúta, que venho fazêr rapidas consideraçõis sôbre penitenciárias.

E parecerá que venho debater um assunto já gasto e todavia não é assim.

O que a propózito de penitenciária para ai se tem dito não pássa de mais ou menos bilis partidária, couza em que me não introméto, porque sempre me indignou que questõis momentózas de interésse publico fôssem desvirtuádas pelo prisma da chicana da fácção politica. Se por ventura a questão já foi debatida, olhada pelo lado que a considéro, nem por isso me paréce de mais o que vou dizêr.

As penitenciárias, rejidas com a proficiencia e luzes que sôbre élas já póde derramár a ciencia modérna nas suas ultimas afirmaçõis, serião inegável e incontestavelmente indispensaveis como meios terapeuticos na sociedáde. Terião por escôpo curár o que a escóla não podéra ou soubéra prevenir.

Práticamênte, porém, são um grosseiro arremêdo do que deverião sêr para merecêr o nôme com que se pavoneião. Opõi-se-lhe o grande obice da carencia de ilustração orientada em sólidos principios. O êrro é, como não póde deixar de sêr, o de conhecimento; porque não sou eu que venha acuzár os que sérvem ésta, como qualquér outra instituição, de obrárem de encôntro á própria consciência.

A consciência não é principio nem fim de cousa alguma. E' sim uma como que lênte que recébe o feixe de principios tirádos de várias cauzas, e, fazendo-os converjir sôbre êsta ou aquéla ácção, nos patenteia a relatividade entre ésta e aquélas.

E' um pônto luminôzo em a nóssa vida. Mas a lús não parte déla: éla sómente a fóca.

Óra se os ómens, a quem incumbe guiár a sociedáde pelos caminhos menos escabrózos, nem sempre se dezempenhão bem do seu mandáto, será não porque não queirão, senão porque lhes falta muita vês um faról de lús bem projétáda que ajude a ilnminar-lhes o caminho que tem a trilhar.

E é por tudo isto que eu mais uma vês insisto que quem tivér uma ideia a difunda.

Poderá não avêr entre éssa ideia e a verdade absoluta do objéto que éla reprezênta uma equação perfeita, mas, pelo mênos, será uma aproximação, ou melhór, — a expressão duma das inumeras fáces do poliédro a que equivále qualquér fácto ou o objéto por mais diminuto que parêça.

E evidênte é que quanto maior fôr o numero de faces reprezentadas, tanto mais próximo se estará de afirmar a verdade.

Pela minha parte, pois, falando jenéricamente paréce-me, e sem grande receio de errár, que a objétivação do obice dê que acima falei se póde rezolvêr em — *caducidade* e portanto *insuficiéncia* dos códigos na classificação dos delitos; *publica incompeténcia* dos individuos a cujo cargo está a jerência de taes estabelecimentos; e *condenável conduta* dos oráculos da opinião publica em cázos intimamente ligádos com aquéla instituição.

O código penál, assim como tôdos os outros, e como muitas outras coizas enférma do capital defeito de pretendêr insistente e inoportunamente limitar a dilatada e copada fronde no gômo ônde uma vês esteve. A ilustração, a educação, e as várias necessidádes em jeral evoluírão; a consciência de moralidade sofreu uma profunda revolução; quázi escapámos já ao preconceito relijiôzo, que não foi de módo algum estranho ao lejislar daquêles códigos; o ómem abandonou o reino, que se criára á parte, para entrar na armonia da naturêza: pois apezár de tudo isso, aquêles códigos não evoluirão de fórma a acompanhar *pari passu* a consciência colétiva que se fa libertando do dógmatismo que inspirára a jéneze dos mesmos.

São mais sentimentais que razoáveis. Mal constátão a calunia que assassina e punem escrupulózamênte a bofetáda que castigou.

Toda a vês que o áto é contrário á lei não tem senão uma classificação — é um crime. O remédio tambem é unico e preestabelecido — a pena.

E todavia o ómem que matou póde sêr onésto; e aquêle qne fére um animal que mal nenhum lhe fizéra, e de cujo áto interésse nenhum lhe advem; é com certeza um criminôzo. — E' um doente de sensação e de sentimento. Os ofrimento alheio puro e simples é para êle motivo de gôzo.

Roubar dés páis póde muito bem simplesmente indicar que outros tantos são os filhos a quem a fóme irá inexoravelmente vitimár, se não fôr êsse áto dezesperádo; roubar um lapis, um lênço, uma pequêna couza, classifica o seu ajênte na categoría daquêles para quem á fascinação na propriedáde alheia.

— E os códigos considérão e julgão tudo ao contrário.

Castigão quem caréce de rejenéração, e para quem o cárcere, portanto, não será mais do que ferós cultura áquélas más qualidádes, que talvês apênas fôssem a dezabrochar, e têntão muita vês rejenerar o que é normal, transformando-lhe, pois, a penitenciária em carcere desproporcional com o delito.

(Continúa).

Flóro Enriques.

Fôrão eleitos para prezidentes das mêzas, nas proximas eleiçõis camararias, em:

S. Bartolomeu — Jozé Antonio Lucas, efétivo e Miguel dos Santos e Silva, substituto;

Sé Nova — Perfirio Novais e Francisco Corrêa;

Santo Crus — António Nunes Corrêa e Aureliano Jozé dos Santos Viegas;

Santo Antonio dos Olivais — Miguel Jozé da Costa Braga e Jozé António do Vale;

Souzelas — Jozé Marques Pinto e Francisco Joaquim da Costa;

S. João do Campo — António Francisco e Jozé das Neves Carneiro;

Sernache — Francisco Maria de Souza Nazaré e Manuel Teixeira da Cunha;

Taveiro — João Gomes d'Oliveira Mendonça Cortês e Jozé Ferreira Barbedo Vieira;

Castêlo Viegas — António Maria Ferreira Malva e Vitor da Silva Feitor.

Reuniu ontem a congregação da Faculdade de Medicina para a distribuição das cadeiras vagas pela auzencia ou impedimento de alguns professôres.

As cadeiras que avia a distribuir érão a de Propedeutica, vaga pela nomeação do sr. dr. Padua para governadôr civil de Coimbra, a de clinica médica, vaga pela ida para Lisboa em comissão nos serviços sanitários do sr. dr. Jozé Mátos Sobral Cid e a de clinica médica vaga pelo impedimento do sr. dr. Adelino Vieira de Campos.

A cadeira de clinica médica foi distribuida ao sr. dr. Luís Viégas, e a de patolojia interna ao sr. dr. Elizio de Moura.

A cadeira de Propedeutica foi distribuida, em acumulação, ao sr. dr. Elizio de Moura.

E' ôje a ultima reprezentação da companhia equestre dirijida por Madame Majestrick.

A feira de Sevilha, as bailarinas espanholas, e os excentricos muzicais completárão ultimamente a companhia formando um excelente conjunto, que, se tivésse aprezentado de principio. talvês ouvesse garantido concurrencia mais regular ao Teátro Circo.

Tomou ôntem, qela 1 óra da tarde, posse do seu logar de governadôr civil deste districto o sr. dr. António de Pádua.

Ouve o cerimonial do costume: múzica, foguêtes e os capéos altos do estilo.

Por portaria da diréção jeral de instrução publica foi concedida, ao sr. Antonio Ejidio Quaresma Lopes de Vasconcelos, autorização para a matrícula no primeiro âno de Matemática, com dispensa do exame de alemão.

A diréção jeral de instrução pública autorizou o sr. Mario Coutinho de Figueirêdo a fazêr exame de farmácia em Coimbra,

Ijiéne escolar

De um estudo, firmado pelo distinto sub-delegado de saude, dr. Jozé Joice, e á tempo publicado, vamos respigar alguns trechos ácerca do modo e do criterio porque a ijiene — tão util nas suas aplicaçõis e tão benéfica nos seus rezultados praticos — é executada e dezenvolvida nas escolas da c pital.

E' mais uma «jirandola de foguêtes» gue sóbe ao ar em nra da-ô excelencias do nosso rejime ijiénico escolár.

«Dizer o que são as nossas escolas será trabalho supérfluo para quem por dever de oficio tenha obrigação de as conhecer.

Mas, sobretudo, um ponto para que dezejo chamar a atenção dos que me leem, é que a nossa ijiéne escolár é ainda perfeitamente primitiva, rudimentar e anacrónica, e que a maior parte das nossas escolas, sobretudo as primarias, num pais sabiamente dirijido, num pais em que as couzas de instrução fôssem tomadas a sério, deviam ser condenádas por perniciózas, como a antiteze dos fins que são destinadas a preenchêr.

Em cazas sem ar, sem lús, ao acazo perfeitamente da exploração particular, o mestre, ou a mestra da escola estabeléce uma ou mais aulas.

Colocáda a respétiva tabolêta, arma o réclame, inventa nóvas aptidõis, publíca mápas dos rezultádos nos exames, expõi diplômas e titulos de capacidade scientifica, e, como qualquér estabelecimento industrial, ábre as suas pórtas á concorrencia publica, anunciando instrução mais baráta e aproveitamento mais rapido dos alunos nas disciplinas que constituem o mápa em expozição.

E isto tanto se fás num quarto andar da Baixa como nos arredores da cidade.

A propózito me recordo que já vi anunciado, na rua da Bitesga, escolas infantins e jardins da infancia pelo sistêma Froebel.

Em Portugal, a lei que exije uma rigoróza inspeção médica ás cazas de malta, as ospedarias e óteis, com respeito a acumulrção e ijiéne das respétivas abitaçõis, com respeito ás escólas, permite que em quintos andares da cidade, em ruas escuras e sujas, junto de cazas duvidózas, e de ruas egualmente duvidózas, se estabelêção coléjios e cázas de educação.

Seja-me licito lembrar que numa das ruas do Bairro Alto se estabeleceu um coléjio de meninas no mesmo prédio em que existia uma cáza de meretrizes.

E não á maneira de tornar uniforme a fiscalização das escolas emquanto este assunto, e como este, muitos outros de ijiene e policia sanitaria não forem devidamente regulamentados.

Não á, em Lisbôa, escola alguma que seja modelo, que satisfaça complétamente a todas as prescriçõis da ijiéne.

O licêu, se agora funciona numa caza que tem «algumas» condiçõis para um estabelecimento dessa naturêza, está comtudo lonje de satisfazêr, pela falta de outras condiçõis importantissimas. ás necessidades e aos dictames de boa ijiéne.

O seu mobiliario é velho e digno de figurar num bazar pobre de antiguidades.

Estabelecêrão se aulas sem que do antemão fosse determinada a sua capacidade para o numero de alúnos que érão destinados a comportar.

Nos arredôres do edificio, a iniciativa particular, com a mira de especulação, estabeleceu cafés e lojas de bebidas com os respétivos bilhares, e, os estudantes, no interválo das aulas, veem para o largo, e para as ruas próximas, contender com os tranzeuntes e dirijir chalaças ás mulheres, em dôce convivio com os galêgos que se vão fornecer de agua ao chafaris próximo. A guarda municipal é a encarregada de manter a ordem e a disciplina.»

Dentão para cá, êsse estado de coizas pouco tem melhorádo.

A escóla é uma instituição preponderante nos nossos destinos, pois, embóra se lhe notem e se pônhão a tôda a lús os êrros, as imperfeiçõis e as falhas, incessantemênte cometidos em matéria ijiénica, as couzas não mudárão. E' farál e calamitôzo.

Pois valia bem a pêna considerár que na escóla primária, como um cêntro e um fóco, está um elemênto de fôrça, de duração, de prosperidade, de grandêza da pátria querida.

O conhecimento da ijiéne preciza sêr jeneralizádo pelo Estado, fazendo-o penetrár no seio de tôdas as clásses da sociedáde. Preciza-o porque a ijiéne ensina a conservar e a prolongar a vida e a evitar as doenças, porque prescréve o amor do devêr e do trabalho, e porque nos defende contra muitos êrros e prejuizos que embruscam o nosso espirito.

Ensinar esta sciencia «prezervadôra e salvadôra sómente nas universidades e nas escolas superiores especiais é dispozição tardeira que já não aproveita a tempo e na medida em que é necessário divulgal a.

A's mãis, aos parentes, aos mestres a todos que têem de dezenvolvêr as primeiras faculdades das crianças, corre o devêr de lhes inculcar os principios da ijiéne e o seu alto valôr. Por isso, sômos sincéramente de parecêr que o estudo da ijiéne déve figurar — como estudo jeral e facil — no prográma do ensino primário.

Esse tudo deve consistir em expôr os principios da ijiéne com clarêza, concizão, e por uma fórma agradavel e proporcionáda á edade e á evolução mental das creanças.

Não seria muito penôzo ensinar-lhes como devem olhár pela saude, como devem vestir-se e alimentar-se, como devem assear-se, e como pódem possuir um espirito integro e dois braços fórtes, laboriosos. E as universidades e as grandes escólas naturalmente, não terião ciumes.

Carta do Rio de Janeiro

Sr. Redátôr. — Deixárão os jornais de falár nas — *Manobras do Outóno* — para lamentar a triste nova que o telégrafo nos deu da catástrofe porque acaba de passar o nosso querido Portugal, cujo orgulho sempre tão altivo pelas armas, agora sófre um revês inesperado que tantas lagrimas tem arrancado a todos osque são portuguêzes, e a muitos ainda que afastádos da sua patria querida, mas cuja ideia e pensamento constantemente vôa para junto da Bandeira Glorióza da terra que lhes serviu de berço.

Tenho visto compatriotas nossos deixar deslizar sinceras lagrimas ao ouvir ler por mim os telegrâmas aqui recebidos dos correspondentes em Lisboa de divérsos jornais brazileiros: é dolorôzo bastante para um coração português ouvir a triste noticia da morte dos nossos briózos soldados nas marjens do Cúnéne! A' 15 dias apenas que recebo a fatal nova do falecimento de meu sempre chorado irmão com rezidencia na ilha do Principe, que me custou lágrimas das que poucas vêzes brilhão nos ólhos de quem como eu, está já um pouco com o coração frio e com indiferença pelas lágrimas; e eis que, quando ainda dominado pela surprêza, vejo caír as lágrimas ao saber da morte dêsses outros meus irmãos d'armas talvês mizeravelmente assassinados néssa terra que, se tantas glórias assinála na istória portuguêza, atésta tambem o sacrificio de muitas vidas que pela sua dedicação patriótica tem garantido ao nosso país a admiração de todos os povos cultos.

Não são só portugnêzes que, profundamente maguádos, lastimão a mórte no combáte, ou pelo assassináto, dos nossos soldados; tambem os filhos do Brazil tômão parte na dôr que nésta óra nos oprime, a nós soldados da bandeira portuguêza: o *Jornal do Brazil* de ôje, cujo numero envio, na sua primeira pajina encérra uma omenájem á memória dos portuguêzes massacrádos em Africa.

Numa igrêja désta capital é ámanhã rezada missa por alma dos que pela pátria portuguêza sucumbirão.

Foi aqui recebida com entuziásmo a noticia da simpática ofêrta dos voluntários para o dezagrávo das armas portuguêzas em Africa.

*

Queria podêr compreendêr como explicar qual o motivo porque só em março próximo póde seguir nova expedição para Africa, como aqui se dís em vista de telegramas vindos de Lisbôa; cinco mêzes, cênto e cincoênta dias!... Como explicar tanta demóra? Não tem o governo ómens? Mande os chamar ao estranjeiro; aqui tem êle muitos,—eu mesmo não me excétúo do número que o mesmo governo é cauza única de a maior parte dêles, abandonárem a sua pátria procurando assim meios de vida que o nosso governo nunca pensou facultar-lhes, antes os tem, e continua a dificultar. Não tem o nosso governo dinheiro? Menos viájens réjias, menos féstas... e mais ecconomias no funcionalismo publico. Tambem não tem soldados? Cure mais dos oficiais e faça com que procêdão de fórma que o soldado nunca póssa abominar a farda uma vês vestida.

Fáça sr. redátôr déstas minhas dezalinhadas, mas sincéras palavras, o uzo que entenda, ficando-lhe muito grato pela publicação das mesmas o seu assinante

Rio de Janeiro, 9—10—904.

P. V. Trindade.

Ultimas publicaçõis

Da acreditada *Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso* de Lisboa acabamos de receber:

Guerra a Guerra. *por Cezar do Inso* — 1 vol.

São as conferencias realizadas no Atheneu Comercial de Lisbôa sob a bandeira da *Liga da pás.*

As conferencias versão sobre os têmas — O duélo —, — A guerra —, — Os perigos da guerra —, — Os amigos da guerra, — A mulher e a guerra.

O autôr aprezenta como lema a fraze de Victor Hugo dezonremos a guerra, e a êle subordina toda a sua argumentação apaixonada e jeneróza.

OS AMIGOS DAS CRIANÇAS, *por Guilhérme Jozé Ennes.* — 1 vol.

Sob êste titulo trata da ácção que tem sôbre as crianças os parêntes e professôres, a escóla, e as colónias de férias.

E' uma óbra cuja leitura se impõe áquêles a quem interéssão os problêmas de puericultúra tão desprezádos entre nós.

A obra do sr. Guilhérme José Ennes é feita com cuidado e conhecimento das necessidades urjentes do nosso país.

Désta curióza óbra, cuja leitura recomendâmos, e a que terêmos mais de uma ocazião de nos referir, tiramos ôje o pequeno trêcho que publicâmos, sôbre ijiéne escolár.

No dia 3 do próximo, mês teremos o julgamento de duas cauzas comerciais: uma contra os erdeiros de Jozé Lópes Sénior, de Condeixa, por uma divida de 180$000 réis a António Jacob Júnior, e outra intentada contra Jozé da Cunha por divida de réis 129$920 a David Souza Gonçalves.

Fôrão admitidos á matricula do primeiro âno da faculdade de teolojia, depois do respétivo exame de abilitação, os srs. Bernardo Pedro e Francisco do Livramento Gonçalves Brandão que concluirão o seu curso no Seminário de Coimbra.

O sr. conselheiro Bernardino Machado, partiu ôje para a Figueira da Fós, aonde vai assistir á inauguração da aula de jeometria da associação de carpinteiros déssa cidade.

Ouve ontem duas audiencias jerais, respondendo na primeira, por ofensas corporais, o mendigo Antonio Simões de Magalhãis, da Cova do Ouro, e na segunda, por subtráção fraudulenta, Enrique Ribeiro, da Figueira da Fós.

Amanhã terá logar a ultima audiencia dêste trimestre, julgando-se uma tentativa de suhtráção com arrombamento.

E' advogado do réo o sr. dr. Frederico Guilhérme Nunes de Carvalho.

Estêve em Coimbra, de vizita a seu filho, o sr. Manuel Emidio da Silva, autôr dos interessantes artigos *Coizas e loizas* do *Diario de Noticias.*

MANOEL DE SOUSA PINTO

A UNICA VERDADE

Drama em 2 áto

Preço 300 réis

Editor—Moura Marques

TEIXEIRA DE PASCOAES

Para a lús

Figueirinhas Junior

Livraria editóra — Lisbôa

ORÁRIO DOS COMBÓIOS

SERVIÇO NO RAMAL DE COIMBRA

PARTIDAS

MANHÃ

6,0 — Tramwai: Figueira.
3,15 — Porto, Minho e Douro, Beira Alta até Mangualde; ás segundas, quartas, sextas e sábados até Guarda.
6,11 — Porto, Minho e Douro (até Tua) Beira Alta, Beira Baixa (por Pampilhosa) Ramal de Vizeu.
8,25 — Lisboa, Beira Baixa (por Abrantes) Leste e Caceres e Sul e Sueste. Os passageiros de 1.ª e 2.ª: para Santarem, Setel e Lisboa R. passam no entroncamento ao rapido.
9,30 — Tramwai; Figueira.

TARDE

12,41 — Sud Express: Lisboa e Paris, ás segundas, quartas e sábados.
1,25 — Tramwai: Figueira.
2,35 — Porto e Ramal da Figueira (por Pampilhosa).
3,35 — Lisboa (pela linha do Oeste) e Figueira.
6,20 — Porto e Beira Alta (até Mangualde) ás terças quintas e sábados, tem ligação por Vizeu. Este comboio leva os passageiros para o rapido para Lisboa.
6,50 — Lisboa, Figueira, Oeste e Leste, Ramal de Caceres e Beira Baixa.
7,25 — Sud Express: Paris e Lisboa, aos domingos, terças e quintas feiras.
9,7 — Rapido: Porto.
11,30 — Correio: Lisboa, Sul e Sueste.

CHEGADAS

Correspondencia em Coimbra B

MANHÁ

12,5 — Porto, Minho e Douro, Beira Alta desde Mangualde; ás segundas, quartas, sextas e sábados desde a Guarda, segundas, terças e sabados Vizeu.
3,50 — Lisboa, Beira Baixa Leste, Caceres, Sul, Sueste, Oeste e Figueira (1.ª e 2.ª classe.)

TARDE

12,6 — Tramwai directo da Figueira.
1,5 — Sud-Express ás segundas, quartas e sabados.
3,10 — Tramwai de Alfarelos e mixto de Lisboa por Oeste e Figueira.
4,15 — Tramwai do Porto.
6,40 — Lisboa, Beira Baixa, Leste, Caceres e Figueira. Porto, Minho e Douro, 1.ª e 2.ª classes (rapido).
7,15 — Pampilhosa, Beira Alta, Figueira e Vizeu (todas as classes).
7,50 — Sud-Express: Paris, aos domingos, terças e sextas.
9,30 — Lisboa e Figueira (rapido).
11,40 — Tramwai, directo da Figueira.

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

Partidas

Do largo das Ameias		Da rua Infante D. Augusto	
8h,30m	manhã	9h	manhã
9 ,30	»	10	»
10 ,30	»	11	»
11	»	11 ,30	»
11 ,30	»	12	»
12	»	12 ,30	tarde
12 ,30	»	1	»
1	tarde	1 ,30	»
1 ,30	»	2	»
2	»	2 ,30	»
2 ,30	»	3	»
3 ,30	»	4	»
4 ,30	»	5	»
5 ,30	»	6	»
6 ,30	»	7	»
7 ,30	»	8	noite
8 ,30	noite	9	»
9	»	9 ,30	»
9 ,30	»	10	»
10	»	10 ,30	»

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Do largo das Ameias		Da estação *B*
3h,10m	manhã	As partidas desta estação, são logo depois das chegadas dos comboios.
5 ,55	»	
8 ,10	»	
2 ,30	tarde	
3 ,36	»	
5 ,55	»	
6	»	
6 ,45	»	
8 ,58	noite	
11 ,22	»	

A assignatura para os bilhetes pessoaes está aberta pelos preços annuaes de 12$000 réis; e 9$000 réis para os menores de 14 annos e creados, sendo estes ultimos de logares na plantaforma dos carros.

Todo o serviço que fôr feito alem do indicado neste horario é considerado extraordinario.

Na estação da rua Infante D. Augusto recebem-se encommendas e fazem-se despachos para a grande e pequena velocidade nas estações do caminho de ferro, para o que haverá serviço especial de transporte.

Só se recebem volumes cujo peso maximo não seja muito superior a 100 kilos.

CORES DOS FAROIS

Verde, indica a Alta; *vermelho,* estação *B; branco,* Casa do Sal; *amarello escuro,* reservado.

Acaba de saír:

PÃO NÓSSO

ou

Leitúras Elementáres e Enciclopédicas

por TRINDADE COELHO

Um vol. de mais de 500 pájinas, adornádo de inúmeras e admiráveis estampas, em ótimo papel, contendo noções elementáres sobre variádos ramos de conhecimento, e o rezumo de todas as disciplinas que se estúdão na escóla primária. É o livro *post escolar* por excelencia, indispensável a todos, por ser formádo daquéla série de conhecimentos, que é imperdoável — vergonhôzo até! — não possuír.

Preço.... BROCHADO... 500 réis; CARTONADO. 600 »

Do mesmo autor:

PARA AS CRIANÇAS

A B C do Povo, para aprendêr a lêr brochádo. 50
O Primeiro Livro de Leitura cart. 150
O Segundo Livro de Leit ra » 250
O Terceiro Livro de Leitura » 350

Todos estes livros, editorádos em Paris, são preciózas lições de coizas, ilustradas com admiráveis gravuras.

LIVRARÍA AILÁUD

Rua do Ouro, 242 1.º

LISBOA

E em todas as livraría.

Córtes de colêtes de fantazia, para o invérno, o que á de mais novidáde.

Machado — Alfaiate

Sofia, 58 a 62

DUBUT DE LAFOREST

Os Ultimos Escandalos de París

Grande romance ilustrado de numerozissimas e esplendidas gravúras. Mais interessante que os *Mistérios de París* e *Rocambole*. Romance de acontecimentos sensacionais e veridicos ocorridos na atualidade.

Brinde a todos os assinantes: — Uma elegante capa de brochúra para cada volume, impréssa a duas côres e com dezênhos apropriádos ao assunto tratado no mesmo volume. Um premio da loteria da Santa Caza da Mizericórdia de Lisboa nas condições do prospéto me distribuição.

Cheviótes inglêzas, o que á de mais modérno.

Machado — Alfaiate

Sofia 58 a 62

ANUNCIOS

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES DA BEIRA ALTA

Avizo ao publico

A partir do dia 1.º de novembro proximo futuro, serão supprimidos os comboios n.os 25 e 26, do orario de 1 de Julho do corrente âno, que correspondião em Pampilhóza com os comboios n.º 55 *Expésso* e n.º 8 *Correio* da Companhia Real.

Lisbôa, 20 de outubro de 1904.

O enjenheiro diretôr da Companhia,
Marquês de Gouvêa.

A CONSTRUTORA

ESTRADA DA BEIRA

COÍMBRA

MADEIRAS nacionais e estranjeiras: riga, flandres, mógno, vinhático, páu prêto, nogueira, castânho, plátano choupo, eucalipto e pinho em tôdas as dimensões. Têlha masalha e portuguêza, tijoulos, louza para coberturas e em tôdas as suas aplicações. Cimêntos de divérsas márcas, cál idráulica e jêsso. Louças sanitárias. Azulêjos. Manilhas de grés e bárro. Ferrájens para construções civis, pregaria, ferro, chúmbo, zinco, estânho e férro zincádo etc. *Láca Japonéza*, tinta de esmálte para férro e madeira. Óleos, tintas, vernízes, pinceis, asfálto, etc.

Fabrico de ladrilhos pelos procéssos mais modérnos

Encarréga-se de construções completas ou pequenas reparações

Executam-se tôdos os trabálhos em carpintaría, marcenaria e serralharia, para o que tem sempre pessoál devidamente abilitado.

Alugão-se apparêlhos para elevár materiais até ao pêzo de 3:000 kilos.

Vigamênto de férro. Concêrtos em pulverizadôres. Tubos, discos, cónes, esféras e todos os artigos em borracha proprios para pulverizadôres de divérsos autôres. Mangueiras em lona e borracha de todas as dimensões.

Depózito de cófres á próva de fôgo e fogões de férro.

Vende-se uma cáza no Bairro Oriental de Montarroio com os n.os 25 e 27. Quem pretendêr comprar dirija-se ao sr. João Márques Mósca, rua Martins de Carvalho.

MOBILIA

Vende se um aparadôr, dois guardas louças, duas secretárias uma estante para livros, uma cómoda, uma montra de cristal, e outras peças miudas.

Para tratar, na Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, 156.

FARMACIA ASSIS

SERVIÇO PERMANENTE

Praça do Commercio—Coimbra

Esta caza depois das modificações que acaba de sofrer, é um dos melhores estabelecimentos desta cidade, no seu genero.

O seu propriétario fornecendo-se diretamente das principais fábricas de produtos quimicos e farmaceuticos, tanto nacionaes como estranjeiros; está a pár do dezenvolvimento que a quimica e a terapeutica dia a dia vão experimentando e por isso possue uma colléção variáda das mais modérnas substancias e produtos quimicos.

O aviamento de todo o receituario é feito por pessoal competentemente abilitado, sob a direção do seu administrador.

Esta caza encarrega-se de mandar os medicamentos a caza de seus freguezes, assim como de chamar qualquer dos clinicos desta cidade a toda a óra do dia ou da noute.

Analizes complétas

de urinas, expétoração, sangue, corrimentos ureteráis e vajinais, etc. etc. e bem como análizes d'aguas, vinhos, azietes, terrenos, etc., etc.

Preços absolutamente excécionais

Leilão de Penhores

A Cáza Auxiliar de Credito Industrial previne que: desde 15 a 30 de Novembro terá principio o costumado leilão, que durará até ao fim de Dezembro proximo futuro.

O Proprietario,
João Augusto S. Favas.

CAZA

Arrenda-se o primeiro andar, rua Fernandes Tomás, ponto central da cidade, muitas e boas acomodações, lindas vistas sobre o Mondêgo, agua e lgás

Tráta-se na Praça do Comércio, n.º 14, 1.º

Impressor

Precisa-se na Typ. França Amado.

Predio em Coimbra

Vende-se um situado na rua do Corpo de Deus n.º 38, que consiste em magnifica casa de abitação com pára-raios, gás e agua de cistérna e da companhia, jardim e quintal com arvores de fructo.

Para tratar, em Coimbra, Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, n.º 156, e no Pôrto, na rua do Brugnor, n.º 148.

DE 3 A 4 CONTOS

Compra-se propriedade rustica ou urbana até êste prêço, desde que seja bem localizada, e tenha bom rendimênto garantido, ou se emprestão sôbre ipotéca bem garantida.

Carta á administração dêste jornal com as iniciais A. B. C.

(41) Folhetim da "REZISTENCIA,,

O EXCOMUNGÁDO

XV

Mau encontro

A boémia continuou:

— Monsenhôr duque de Orleans vai passar acompanhado pelo conde Adhemar, agrada-lhe vê-los a ambos? Este encontro podêr-lhe-ía explicar bem mistérios, mas não será sem perigo para o senhôr.

Como Zea previra, o barão sorriu desdenhózamente.

Ombert, tirando as rédeas das mãos da boémia, transpôs rapidamente á órla dum caminho que o seu guia lhe fazia propozitádamente costear á uma quarto de óra, e viu a trinta pássos um cortejo de ómens de armas.

Para vêr de frente os cavaleiros, que compúnhão o bando, encostou o caválo á sébe marjinal, e fês sinal a Bertram, que o alcançára, para tomar a mesma atitúde, mas a alguns pássos á rétaguarda.

Entretanto apróximáva se o cortejo.

No meio de alguns ómens, compléamente armádos, Ombert viu dois cataleiros vestidos de túnicas compridas, yobértas de veludos e de péles.

Reconheceu logo Adhemar e o endiabrado Savoisi.

O primeiro tinha o chapéo ornamentado com uma pêna branca e flutuante, a banda era da mesma côr; estes dois senhôres marchávão á frente e conversávão familiarmente.

Os cavaleiros, que formávão a sua escolta, conservávão-se respeitózamente afastados.

Savoisy sorriu impercétivelmente, dando com o barão, mas o conde apênas pareceu reparar na boémia.

Passou de repente e debruçou-se sobre Savoisy, a quem disse algumas palavras a meia vós.

Entretanto Ombert, que não precizava saber mais nada, mas que não podia furtar-se a um cérto embaráço, voltou-se para Zea e disse-lhe em vós baixa:

— O conde de Adhemar vejo eu bem, mas onde está o dúque?

— O dúque de Orleans, respondeu Zea é um dos chéfes que vai falár-me.

Ao acabar de dizer estar palávras, Ombert viu que a boémia lançára em volta do pescôço uma banda branca semeáda de flôres de lís de oiro.

Entretanto o cavaleíro da pêna branca, deitando sobre a boémia um olhar cheio de desdem e de cólera, disse:

— Quem é o garôto que trás assim pelos campos as flôres de lís de França!

Zea deixou-se escorregar da garúpa do caválo e, pondo um joêlho em terra, disse com uma vós que se esforçou por tornar, ao mesmo tempo, trémula e máscula:

— Monsenhôr, este prezente veio-me duma irmã, a quem vossa altêza....

— Basta, exclamou o principe, cláramente abrandado, lembro-me confuzamente déssa istória; recordar-me-ás as particularidades, em Paris, para onde te ordéno que me sigas!

Acabando de dizer estas palavras, o principe dezignou á boémia o caválo dum dos seus ómens de armas. Esse cavaleiro éra precizamente o que Ombert avia desmontado na véspera.

O barão, apezar da cólera surda, que se erguia n'êle não poude deixar de sorrir do acazo daquela coincidencia.

O jentilómem do principe picou-se com a expressão de ironia que viu passar no rôsto do seu vencedôr e aproximou-se do dúque de Orleans, falando-lhe em vós baixa e mostrando lhe Ombert; mas a sua denuncia não têve como respósta mais de que um olhar desdenhôzo do principe, que pôs o caválo a tróte e se afastou rapidamente seguido pela escólta.

Ombert tinha o priviléjio das organizações felizes que consiste em uma cérta aptidão em deixar-se moldar pela sórte.

As suas faltas vinhão mais da sua inexperiencia do que da falta de senso. Devia enganar-se muitas vêzes ainda, mas nunca caír nos mesmos êrros.

Algumas óras de cavácо tinhão-no preparado para esperar tudo da boémia: por isso ficou mediocramente surpreendido com aquéla partida. Pensou imediatamente que a fuga de Zea ocultava algum projéto ligado ás manóbras secrétas de Réchin, e um résto de confiança, que por acázo foi justamente dado, fês-lhe dar fé ao olhar afétuôzo que a boémia lhe tinha deitado ao partir.

Mas um outro ponto o preocupava e inquietava mais.

Tinha no duque de Orleans um rival onrado de todas as seduções de que se julgava desprovido, e tudo lhe fazia pensar que Catarina amava o principe e talvês tambem o simples jentilómem.

Todos os seus projétos se achávão destruidos pela identidade do conde Adhemar e do duque de Oleans.

Avia encontrado no seu duplo papel o ómem nas mãos do qual a principio rezolvéra pôr a sua sórte, e, se a condúta digna e comedida do conde lhe dava ocazião de esperar muito da jenerozidade do principe, sentia-se muito mortalmente ofendido por ambos para nada pedir nem a um nem a outro.

Começava ao mesmo tempo a vêr claro nos seus negócios. A audácia inaudita dos monjes de Moustiers explicava-se pelo podêr do seu protétor, e o laço, que prendia o principe á abadía, deixava de ser um mistério desde que se tornava evidente que os interésses de um e de outro se servião mutuamente.

As menóres circunstancias, que para êle avião sido outros tantos pontos obscuros, recebião daquéla lús nóva uma solução natural.

A tentativa de rapto, de que Catarina estivéra para ser vitima, talvês rezignada, não contribuiu pouco para o pôr na verdadeira diréção.

Debaixo do capús do monje audaciôzo que tinha perseguido, via transparecer a pena branca do duque de Orleans. Érão estas as ideias que assaltávão o barão, emquanto tomáva uma refeição frugal numa taverna izolada.

Espantáva-se de que o sangue real tivéssa estado para corrêr na sua adága já por duas vêzes, e não podia deixar de estremecer pensando que estivéra duas vêzes para tropeçar nas táboas do cadafalso.

Cada descobérta trazia muitas mais, e a memória excitada figuráva-lhe os menóres detalhes do combate que tinha dado, de ólhos vendados, contra tantos inimigos encarniçados para o perder. E na tempestade de ipótezes que o assaltávão, como vagas, todos os avizos misteriózos de Jean Réchin lhe aparecião, como faróis que iluminávão tudo de repente. A esta lús súbita, via de todas as pártes recifes, dscólhos, mas debalde o porto. *(Continúa).*

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmasia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saueisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos** e **licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — Rua Ferreira Borges — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómem e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estranjeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanélas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vêndem-se a prestações e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza-acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONÓGRAFOS

Manoel José Têles, Rua Ferreira Borges, n.° 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande coléção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazênão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.os 34 e 35. —Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

DE NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.° 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Litiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 reis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias — Publicação semanal

Diretôra: D. Leonor Maldonado

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 1$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada,* a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand José Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

CAZAS PARA ALUGAR

Arrêndão-se do S. Miguel em deante os altos de duas moradas de cazas: uma na rua de S. Pedro n.° 10, com frênte para a rua da Trindade, e a outra na rua da Trindade n.° 69.

Quem as pretendêr dirija-se a seu dono Antonio dos Santos Fonseca, rua dos Gatos, n.os 7 a 17.

JARDINEIRO

Manuel Caldeira, de 37 annos de edade, de Sernache dos Alhos, ofere-ce-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nésta cidáde ou imediações.

Tem longa pratica daquêle serviço, pois estêve durante 16 ânos, efétivo, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr póde procura-lo em Sernache dos Alhos.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.°

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

PROGREDI ET PRODESSE

ADEGA REGIONAL DE ENIRE DOURO E LIZ

COIMBRA

Installação provisoria: rua da Sota, n.° 8

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miudo

Tabella de preços de venda a miudo (15 de outubro de 1904.

Marcas	Garrafão de 5 litros	Garrafa de litro	Garrafa bordaleza
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	550	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — *Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.*

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12 — Rua da Moeda — 14

N.º 950 | COIMBRA — Quinta-feira, 3 de novembro de 1904 | 10.º ANO

"A Universidade e a Nação"

O subito, e quázi diriamos burlêsco epizódio politico, de que rezultou a recente e pitorêsca aparição do atual ministério progressista, ministério que os graciozos, nem sempre dados á piedade, fôrão alcunhando logo de *ministério sem pés nem cabêça;* tal aparição, verdadeiramente simptomática e caraterística de uma sociedade sem talentos e sem vergonha — sôbre tudo *sem vergonha* — fês com que tivesse na imprensa uma repercussão de mediano interesse, muito abaixo por certo da sua altissima significação moral, essa scêna estupendissima, nova e surpreendente mêsmo para os próprios que já tudo espérão dos atuáis costumes portuguêzes, e que tivéra logar em Coimbra, no dia 16 dêste mês, adentro da vetusta, istórica, e como que disséramos tambem ierática *sala-dos-capêlos* da nossa Universidade.

Não á memória de um tão lastimôzo dezastre.

São as amplas e venerandas parêdes daquêle templo da Sciencia, testemunhas silenciózas e incorrutiveis de discussõis ardentissimas, de átos de um sabêr estranho, de rasgos oratórios dignos dos bons tempos da Rôma antiga — dos dias de Tullo Hostillio, de Cicero, e de Appio Claudio —; e bem assim de tempestades de justiça, como essa que a mocidade académica de 1857 ali dezencadeára, á vós potente e prodijióza de Vieira de Castro.

Tudo naquêle Areopago do sabêr nacional se terá dito, com subtilêza ou com crueldade, com ironia ou com irreverente paixão.

Tudo! Mênos o que ali, no dia 16 dêste mês, disse o sr. dr. Calisto quando, como um Inquizidôr extraviádo, se permitiu fazêr calar; em nôme de uma obediencia monástica, a vós verdadeiramente sagrada de uma das primaciáis figuras daquêle Instituto, o sr. dr. Bernardino Machado!

Scribantur hæc in generatione altera! — como se dis no Psaltério.

Aquilo nunca entre nós se vira; e com assegurada esperança crêmos que jámais se verá.

Jámais.

Foi assim:

O sr. dr. Bernardino Machado, antigo e respeitadissimo catedratico da faculdade de Filozofia da Universidade fôra incumbido de recitar êste âno a classica *Oração de Sapiencia*. Esta *Oração* constitue uma das práticas mais antigas da nossa sciencia oficial. Chamou-se-lhe, nos séculos XV e XVI *o principio no Estudo*, e como tal anda consignada já no testamento da infante D. Henrique (1460). Lia a nos primeiros tempos um Lente de Teolojia; no seculo XV era pronunciada por um mestre-de artes.

Estas alocuçõis revião, em regra, tôda a orientação mental do seu tempo.

Valião como espêlhos do sabêr colétivo, oficial, de uma idade.

As Universidades, quer pela vós dos seus teologos, quer dos seus prezentados, quer ainda dos seus mestres-de-artes fazião as suas afirmaçõis de caráter inteletivo, educativo e critico, táis como o estado dos espiritos e o cabedal da sciencia lho consentião, mas sempre, é claro de uma fórma eminentemente didática.

Por um tão alto motivo, não avia tipo clássico, estático e improgressivo, para impôr a estas *oraçõis*. Na Universidade de Paris, por exemplo, a versatilidade do seu criterio durante a idade média, em questõis de astrolojia, é patente.

No século XIII (1296) não condêna os astrólogos; no seculo XV (1494) pronuncia-se pelo suplicio da fogueira, como o unico castigo proprio a punir os sectários da astrolojia.

O mêsmo se dá nas universidades de Bolonha e Pádua, quando sôbreveio a luta entre *averroistas* e *lulistas*.

Em Padua o *averroismo* impéra dêsde Pêdro de Albano (1246 a 1312) até plêno século XVII — precizamente o século de Bacon e de Descartes — e já quando, dêsde Dante, o materialismo epicuriano, reprezentado nos seus mais atrevidos sequazes, se achava naquela parte do Inferno onde se agrupão os que «fazem morrêr a alma com o côrpo».

> Suo cimitero da questa parte hanno
> Con Epicuro tutti i suoi seguaci
> Che l'anima col corpo morta fanno

Quando a Renascença, como precursora da Reférma, vem crear o conflito pedagojico, como uma das mais potentes afirmaçõis do livre-exame, conflito cuja grandêza e vastidão de orizontes só póde sêr comparado ao dos *nominalistas* e *realistas* dos séculos escolasticos, o criterio das *oraçõis doutorais* renova-se, rompendo de vês, com o ciclo acanhádo e estreito dos convencionalismos eruditos, falsamente chamados *majistrais*. Foi o que, desde lógo, as Universidades inglêzas e alemãs, Witemberg e Oxford, principalmente, experimentárão na crize mental do seculo XVI, movimento de reação indomita contra o automatismo idealista dos *factos consagrados*, em que figúras como Pedro-Martir de Vermigli se apartão para sempre da comunhão de Rôma. Esta independencia vem até os nóssos dias, sendo d'ela, ainda agóra, um modelo eterno os discursos pronunciádos por Michelet, á setenta âños, na abertura da faculdade de letras em Paris, discursos, cujas sintezes juridicas e filozoficas levantarião ôje, em Coimbra, do Inquisidor Calisto, verdadeiros gritos do mais atrabiliario protésto!

Claro, que foi, cedendo a estas altas e eternas sujestõis do seu espirito, quando tratou de atualizar quanto posivel, a *oratio sapientiæ* do seculo XVII com a dignidade mental dos nossos dias, que o sr. dr. Bernardino Machado orou na sala dos capellos, no dia 16 de outubro.

Omem de uma probidade transcendênte, que em muitos pontos atinje os dominios do ascetismo; intelijencia de uma lucidés etérea, que alía á bondade ináta de um santo a suprêma faculdade de percepção mais prônta e mais integrai, o dr. Bernardino Machado orou como um sábio, como um méstre, como um patrióta, como um portugués, e sobre tudo, como uma consciência do seu tempo.

Por isso em vês de fixar-se pela diviza clássica, monastico-académica do seculo XVII, deu á sua oração inaugural o titulo intensamente umâno de *A Universidade e a Nação*.

Este discurso é um documento unico na modérna istória da psicolojia portuguêza. Moldádo num estilo de uma plasticidade rára, envolve-o a sômbra de uma melancolia suprêma. Basta lêr o introito, de uma candura e de uma simplicidade patriarcal: — «A tristêza que sinto, quando pênso no nosso ensino! Professôr, ambicionei consagrár-me sobre tudo á causa da educação nacional. E foi, cheio de esperança, que fis por éla as minhas primeiras ármas, crêndo assegurados os seus triunfos pelo ardôr com que os mais estrenuos caudilhos de todos os partidos acudião, á porfia, a sustenta-la nos seus escudos.

Este é o têma.

No proseguimento da sua paléstra, á qual o futuro istoriadôr da nossa desgraçada patria á de ir procurar os elemêntos da nóssa ruina mental, da dezonróza bancarrôta do nosso ensino, trata o dr. Bernardino Machado de justificar o seu dolorôzo acêrto. Nada falta á majistralissima lição. Um rejimen de tiranías mânsas, absorve em seu proveito tôdas as enerjias nacionaes compativeis com a aviltadôra mo-ral do mêsmo rejimen. Não á instrução nacional, do mesmo modo que não á defêza nacional.

Não á ensino, como não á exército; e não á exercito, como não á liberdade. Sômos, neste momento, o fantásma de um pôvo: — de um povo docil e fatalista, que se lamenta, e que aceita, amaldiçoando-a em seu intimo, éssa mesma tirania que, expoliando-o, o conspurca. «Em tudo, eu identifico — conclue o sr. dr. Bernardino Machado — no meu pensamento e no meu coração, a imajem da escóla com a imajem da Patria...»

Não á memória, entre nós, de uma oração tão eloquente, tão impregnada de profundissimas verdades, nem tão sinceramente sentida.

Recorda, ao nosso espirito, alguma coiza de sagrádo, de apostólico, dos dias da Reférma. Éra se assim ómem no seculo XVI. Por um momento a *sála dos capêlos* aparéce-nos, numa transfiguração estranha, na sala istórica de Poissy, em que o sr. dr. Bernardino Machado, tendo deixado a comunhão monarquica como Vermigli deixára a comunhão de Rôma, por um alto impulso da sua consciencia, fála para o futuro como Theodóro de Beze. São os primeiros rumôres de um desmoronamênto, que a istória mais tarde celebrará. O mundo das ficçõis arcaicas derruindo, para dar passajem á nova Umanidade, que, por em quanto, só dêntro das almas alvoréce.

Com uma differença, e éssa importantissima: — é que á oração de Theodóro de Bèze, em Poissy, a Inquisição Papal, reprezentada ali na figura estranha e odióza do cardeal da Lorêna — o Farnesio francês — não opôs mais que esta adversativa: — «*Il eût été à souhaiter que Bèze fût muet, ou que nous fussions sourds?*»

Isto em 1561.

Trezêntos e quarenta e tres ânos depois, em 1904, o Inquizidor monárquico de Coimbra, menos sanguinário por cérto, mas muito mênos crente sem duvida na monarquia que o cardeal lorêno, permite-se apênas a liberdade de opôr aos evanjelhos da Sciência Nova, a facundia, sensivel e deploravelmente retardada, da sua profissão. Isto é: a Theodóro de Béze redarguiu o Padre Theodoro de Almeida, da Congregação do Oratório. A Savonarola, responde o conselheiro Acacio!

E, em seguida, quando o supôsto eretico da casuistica azul-e-branca péde a este novo Inquisidor da Arcada, a êste Cujas da Ajudá, licença para lhe corrijir os dezacertos, ou sequér, como fizérão os bispos espanhoes em Trento, para opôr anatema a anatema — *anathma vos estis* — o sr. dr. Calisto, o Lainez da *pórta-ferrea*, nega-lhe a devida licença! Em technica inquizitorial chama-se a esta negativa — «*não concedêr mêsa.*»

Isto num templo de Sciencia, aonde a discussão como meio de apurar verdades, constitue não só um procésso de critica, como tambem uma faculdade para a prática de um seguro exame!

Espantozo!

Tal a escandalóza novidade que no dia 16 d'este mês, e a dentro da *sala dos capêlos*, se perpetrou em Coimbra. Novidade que em bôa razão se desdóbra em duas, visto que não só se inaugurou o sistema de se discutir ali, como em ácto de concluzõis magnas, a *Oração de Sapiencia*, mas tambem se inovou o principio da intolerancia mais odioza e mais céga, qual a que assenta no dogmatismo indiscutivel, irritante e impertinente, de uma sciencia politica, juridica, istórica e pedagojica, que apênas se nos impõe pela alvura dos seus cabêlos.

Que bélo documento para a Istória da Universidade de Coimbra; e mais que isso, que corrosivo exemplo que a mocidade academica recebe de alguns dos seus professôres!

No sul de Angola

Ainda não chegárão os relatórios sôbre o dezastre do Cuamata e paréce que só por êles o govêrno rezolverá o que á a fazêr.

Dis-se que foi acceita a demissão do governadôr jeral de Angola, sr. Custódio de Borja, e que será nomeado para aquêle logar, o sr. Ramada Curto.

Este cavalheiro é um chefe de repartição do ministerio da marinha e medico reformado do ultramar, que fês toda a sua carreira ou grande parte, na provincia de Angola.

Dizem-nos ser um funcionário sério, pouco dado a aventuras e bom administrador a principiar pelo que é seu.

Sendo governador jeral de Angóla no último ministério progressista, paréce que fês elevar o seu ordenado de 6 a 9 contos de réis.

Conhéce os ómens e ás coizas de Angóla como poucos.

É muito amigo do comandante da colúna dos Cuamátas o sr. capitão Aguiar, tendo sido quem o nomeou governador do distrito de Mossâmedes de onde depois passou para o da Huila.

O sr. Ramada Curto não tem comparação possivel com o atual governador sr. Custódio de Barja,

Mais se dis que os distritos de Mossâmedes e Huila formarão um território autónomo, debaixo da diréção do sr. major Eduardo Costa, que será o organizador e comandante da nova expedição.

Parece que tudo isto são boátos; porque o ministro, comom édico que é, ainda está tateando o púlso ao cázo.

Governador civil

Diz-se com insistencia que será brevemente nomeádo governadôr civil substituto de Coimbra o sr. dr. Anibal Ferreira da Costa Maia.

O sr. dr. Maia é digno a todos os titulos desto logar pela sua onestidade, pelo conhecimento que tem do meio coimbrão em que se criou, pelo seu espirito conciliadôr e pela sua atividade que todos conhécem tão prestadia e jeneróza.

Para nós, a atividade do sr. dr. Anibal Maia teria aplicação mais util na administração camararia.

O sr. dr. Maia tem qualidades de administradôr que são conhecidas por todos com louvôr; sabe administrar com zêlo e com economia, tem um decidido amor pela sua terra, onde conta com o respeito de todos.

O seu logar éra naturalmente na administração do municipio de Coimbra.

No que deixamos dito, em nada vai a amizade que á muito liga o diretôr da *Rezistencia* ao sr. dr. Maia de quem tem sido companheiro de trabalho.

Se a nossa amizade falasse, éla nos aconselharia a afastar o sr. dr. Anibal Maia do governo civil e da administração municipal; porque de mais sabemos que a sensibilidade e o primôr do seu caráter ão de sofrêr no meio de mesquinha luta politica monárquica em que vai empregar a sua grande e intelijente atividade.

Registo civil

Na segunda-feira, foi rejistado, com o nome de Enrique, o filho do nosso correlijionario sr. dr. João de Barros.

Fôrão testemunhas os srs. dr. Jozé Carlos de Barros e Enrique Raimundo de Barros, irmãos do nosso amigo.

Parte ámanhã para Lisbôa o sr. conselheiro dr. Bernardino Machado.

Festa de trabalho

Foi no domingo a inauguração do retráto do sr. Martins fundadôr da associação dos carpinteiros figueirenses, unica que atésta a vida do movimento associativo dos operarios figueirenses.

Ao mesmo tempo se inaugurava tambem para os aasociádos a aula de jeometria, rejida por um operario o sr. Cezar Caniceiro.

O sr. conselheiro Bernardino Machado fôra convidado por esta prestante associação para assistir a ésta fésta, convite que aceitou como em tempo noticiámos.

O sr. dr. Bernardino Machado era aguardado na estação pelo prezidente e delegados da Associação dos Carpinteiros e pelos nóssos amigos e correlijionários srs. Manoel Gaspar de Lemos e drs. Cruz e Cortezão.

Dali se dirijirão todos para a caza da associação, tomando o sr. dr. Bernardino Machado e as pessoas que o acompanhávão lugar no palco, sendo recebidos com vivas, ao som do ino da associação, tocado por uma banda composta de associados.

Abriu a sessão o sr. Cezar Caniceiro da Costa, empregado das obras da barra e professôr da aula de jeometria, que se inaugurava.

O sr. Caniceiro fês notar mais aquêle melhoramento nôvo que ia atestar no livro das atas a vitalidade e o progresso da associação dos carpinteiros.

Mostrou a necessidade que tinhão os associados de se instruir e convidou a inscrevêr-se até quarta feira próxima os associados que dezejassem frequentar a escóla e que ainda o não tivéssem feito.

Dirijindo-se depois ao sr. conselheiro Bernardino Machado agradeceu-lhe o ter acedido ao convite da associação, dizendo que este se onrava por o vêr ali, no meio dos operarios e propondo o para prezidente da sessão daquêle dia.

Estas palavras fôrão recebidas com uma prolongada salva de palmas, tomando o sr. conselheiro Bernardino Machado o logar da prezidencia.

Ofereceu em seguida o sr. dr. Bernardino Machado a palavra a quem quizésse fazer uzo déla, e, não a pedindo ninguem, tomou a êle dizendo numa lingoájem simples, mas elegante e cheia de côr e vida, as palavras que as nóssas nótas não podem deixar de dar apagádas e sem brilho:

Meus senhôres!

A minha prezença aqui significa a muita simpatia, que tenho, pelas classes trabalhadôras da Figueira, por todas as classes, e direi mesmo por os ómens de todos os partidos politicos da Figueira.

E sobre tudo pela classe dos contructôres civis da Figueira, que nos afirma nesta fésta o seu extraordinário dezenvolvimento e valôr.

Fáço justiça a todos os partidos que se tem empenhado pelos progréssos materiais desta boa terra, mas não pósso por isso tambem deixar de acentuar e pôr em evidencia os esfórços do partido democrata pelo dezenvolvimento e progréssos morais do pôvo da Figueira, dezenvolvendo o formentando o princípio associativo nas classes trabalhadôras, dando assim um exemplo de quanto pódem os pequenos, de quanto vale o pôvo.

E' agora comum vêr arvorar a luta como dominando a sociedade, vêr afirmar como principio social a lei da luta pela existencia.

Esta associação é uma prova cabal de quanto é falsa tal assersão.

Seria um contrasenso que a lei de atração que é a lei dominante dos cór-

pos brutos, não fôsse tambem a dos que pênsão e sentem.

Felismente que não á acto das classes trabalhadôras que o não atéste.

As classes dirijentes, pelo contrário, afirmão em toda a parte o prestijio e a força dominadôra da lei da luta pela existencia.

Essa luta afirmão-na élas no campo relijiôzo, no campo economico e no campo social.

E' éla que domina os clericais que com as suas paixões e ódios, alterando uma relijião de pás e de justiça produzem a divizão na familia e de lá a lévão para a sociedade.

Para os arjentários é ainda a luta o principio dominante da vida.

Os plutocratas vivem em luta acêza e cruel, e déla temos nm exemplo, agora mesmo, entre nós.

Os partidos politicos que só vivem de subserviencia aos chéfes ou ao chéfe... não têem outro principio para impôr a sua subserviencia.

Vão até á luta ferós na rua ou na praça publica contra os direitos superiôres do pôvo e da patria.

A lei de 13 de Fevereiro d 1896 é a prova mais frizante da ação dos dirijentes que quérem na sociedade a divizão e a luta.

Pois é a concórdia e a pás o principio dominante da sociedade, como mostra este exemplo d'ôje, como mostra ésta classe dos construtôres civis associando-se para o trabalho.

Não póde deixar de encarecer os seus esforços, dando uma memória especial ao sr. Martins seu benemérito fundadôr, cujo retrato se inaugura ôje.

Esta associação que ainda até á pouco tempo éra simples associação para o trabalho, coméça ôje num movimento associativo para a instrução, para o ensino.

E' o mesmo em toda a parte.

Em toda a parte o povo trabalhadôr se une para fazer as suas reivindicações em nôme do trabalho.

No primeiro de maio, nas suas procissões civicas, nos grandes centros, o operario lavanta-se pedindo as oito óras de trabalho, reivindicando assim o seu direito ao descanço; associão se as classes trabalhadôras, para, unidas, terem a fôrça necessária para defendêr o trabalho, a sua vida.

Unem-se tambem as classes trabalhalhadôras para a instrução.

Assim se fórmão as universidades populares, cada dia mais numerózas, onde vão ensinar os intelétuais, ônde ensinão tambem os filhos do pôvo.

E' o que se dá aqui.

E' um trabalhadôr, é um operário que vem ensinar os filhos dos operários e dos trabalhadôres.

Onra seja ao trabalhadôr, que assim se distingue.

(Prolongada salva de palmas.)

Meus senhores!

Esta vida nova social é auspicióza e prometedôra de melhóres dias para Portugal.

Associando-se para o trabalho o povo melhóra as suas condições economicas e envidará mais tarde os seus esfórços para a prosperidade da sua terra, acabando por intervir diretamente nos negocios do seu pais.

Assim se fás o aprendizado da vida publica, no seu multiplo aspéto relijiôzo, económico e social.

Não se póde sêr verdadeiramente um ómem sem a vida relijióza.

Não se é verdadeiramente ómem sem a associação para o bem.

E dessa associação estão dando os melhóres exemplos ás classes trabalhadôras.

O pôvo fês dos seus *sports* obras de utilidade publica.

Os *sports* populares são as suas corporações de bombeiros voluntarios, as suas corporações de socórros a naufragos.

Emquanto que os *sports* das classes aristrocaticas são uma maneira elegante de matar o tempo, os sports populares são obra de altruismo e da utilidade social.

E' esta a verdadeira relijião, a necessária.

Uma relijião que enlace e prenda corações, a relijião da vida e do amôr, bem contrária déssa outra de trévas e da mórte.

Palmas e aplauzos prolongados.

As classes populares, reunindo pelo espirito associativo os seus esfórços, e multiplicando-os subirão por tal fórma na escála economica que o capital opressôr de enerjias, satisfás as necessidades de familia, e se aproveita no interésse da patria.

Assim vão cumprindo as classes populares todos os seus devêres civicos, todos os seus devêres politicos, tomando parte cada vês mais átiva na governação.

O pôvo tem direito a elejer quem o govérne.

E' êle que fás os comicios. E' êle a grande fôrça. E' êle o que mais ama a sua terra.

Aprenda a encorporar-se; a unir-se, a mostrar a sua vsntade.

Vá a todas as eleições, sejão élas quais fôrem. Não abdique dos seus direitos.

Espére tudo; que tudo tem direito a esperar.

E com fé!

Os dirijentes dos partidos politicos não são os que mais prométem.

As divizões que os sepárão, as lutas e os ódios aniquilão todos os esfórços.

O pôvo, o pôvo sim, êsse é que é a garantia do futuro do país.

Nêle á o coração, o braço e a vontade, que tão jenerózamente se tem mostrado já na istória politica do nósso país.

Êle, e só êle, é que vále.

Êle, e só êle é que trabalha.

Quem fás crescêr no sul as seáras que pouco a pouco nos vão fazendo mênos tributários do estranjeiro?

São os grandes capitalistas, os possuidôres de grandes terrênos?

Não! São os rendeiros, o pequêno proprietário, o pôvo.

No norte, quem renova a vinha?

E' ainda o pôvo.

Quem mais se socializa?

E' ainda o pôvo.

Quem ama os filhos mais, quem os fás compartilhar do trabalho de cada dia, quem os leva para o pé do arado, quem espera cheio de ancedade a óra em que a mulher lhos traga, quando vái levar-lhe as refeições?

E' o pôvo trabalhadôr.

Esse é o verdadeiro chéfe de familia.

O dirijente é aristocrata, entréga o filho ao coléjio que o eduque.

Quem sérve a sua ráça são os filhos do pôvo.

E os da Figueira são muito meus dilétos, onra desta terra, esperança para êste país e pricipalmente para mim que tanto confio nos seus ómens.

O final do discurso do sr. dr. Bernardino Machado foi recebido com uma calorósa manifestação de simpatia, rompendo os vivas ao ilustre professôr no meio das palmas mais entuziásticas emquanto a orquestra executava o ino da associação.

Tomou depois a palavra o prezidente da associação que agradeceu penhoradissimo a aita consideração que o sr. dr. Beruardino Machado viéra dar com a sua prezença á Associação que êle prezidia, tendo palavras de enternecimento para o grande professôr, o grande méstre das lêtras, o grande amigo das classes trabalhadôras, terminando por dezejar lhe em seu nôme e no dos outros sócios uma vida longa e de prosperidades.

O prezidente da Associação terminou com mais calorózos aplauzos, tocando de nôvo a múzica.

O sr. conselheiro ofereceu de nôvo a palavra a quem quizésse fazêr uzo déla, e, como ninguem a pedisse, o sr. prezidente da Associação dos carpinteiros tomou-a de nôvo, e numa linguájem despertencióza, com tôda a simplicidade da verdade e tôdo o calôr da convicção, disse que não poderia êle calar-se ainda, apezar da fraquêza dos seus dótes oratórios e da sua falta de principios.

Que era grande a sua alegria por aquéla festa, que se sentia bem ali naquela caza, vendo aquilo tudo, feito pelos carpinteiros, á sua custa, e com o seu trabalho, roubando óras ao descanço do lidar quotidiano, trabalhando alégremente naquêle palco que avia de poupar aos associados mais de uma óra de umilhação, e serviria de socôrro pronto aos sócios.

Quem tem experimentado a amargúra da vida sabe que não é nos outros, na lója que se encontra o auxilio nas ocazições de crize.

Só quem trabalha a par tem caridade com os que não tem trabalho.

A lója vive de vendêr.

Aquêle teatro que êles tinhão construido com tanto entuziasmo, avia de enchugar muitas lágrimas.

Quándo algum percizasse de ser socorrido fazia-se naquêle palco uma reprezentação.

A ninguem custa a dar dinheiro pelo prazer, e o vintem dum o pataco d'outro dáva os mil reis que ajudarião a livrar da crize o operario trabalhadôr.

Mas éra necessário que todos trabalhassem para qué a sociedade continuásse a prosperar.

A' quatro ânos, não avia nada d'aquilo, e ninguem avia de dizer que êles, só, podéssem têr feito tanto em tão pouco tempo.

Isto é vontade de trabalhar.

A aula que se inauguráva éra um grande melhoramento.

O artista que trabálha sem sabêr, trabálha sem consciencia, não póde fazê-lo bem.

Só o estudo dá uma consciencia ao ómem.

E só o operario que tem a consciencia de que sábe póde dizêr de cára levantada: sou artista!

Venhão frequentár a aula, reunão-se todos.

Esta associação éra, á quatro ânos, nada, daqui a seis, á vontade com que trabalhamos todos, póde sêr uma grande coiza, e muito poderóza.

Trabalhêmos todos por fazêr a fôrça desta associação.

A estas ultimas palavras, soou por toda a sála uma salva de palmas, levantando se vivas ao prezidente, á associação dos carpinteiros e ao sr. conselheiro Bernardino Machado.

O sr. dr. Bernardino Machado encerrou então a sessão, agradecendo o afétuôzo acolhimento que lhe tinhão dispensado, exprimindo o seu vóto pelo progrésso da associação, o seu desejo pela felicidade de todos.

Assim terminou esta fésta tão simpática pela alegria que se notáva em tódos os associados, como pelo alto fim social a que viza.

No fim foi distribuida a seguinte poezia oferecida ao sr. dr. Bernardino Machado.

SAUDAÇÃO

Nas lutas colossais da liberdade
A vulta, como facho da verdade,
A luz da instrução,
Dos cerebros as trévas dissipando
E nélas, jeneróza, derramando
Seu intenso clarão.

Mais do que a vóz orrenda dos canhões,
Mais que o rijo vigor dos esquadrões
Impondo seus direitos,
Nos brada a vóz angusta da Sciencia
Chamando-nos á grata obediencia
Dos seus doutos preceitos.

Rasgádos orizontes de ventura
Desvendão-se da tetrica negrura
Que a instrução redime.
O ómem compreende só então
A sua nobilissima missão,
Tão santa, tão sublime.

Méstres: Sois vós os livros conscientes!
Das vóssas preléções elequentes
Provém nósso valor.
Por isso, a vós, que mestre sois eleito,
A omenajem rude do meu peito
Vos venho aqui depôr.

E. V.

O sr. dr. Bernardino Machado partiu no rapido da noute para Coimbra, tendo na estação uma despedida afétuóza dos operarios figueirenses, e dos nossos amigos e correlijionários daquéla cidade.

Tèatro Circo

Terá ôje lugar nesta elegante caza de espetáculos a segunda aprezentação do artista transformista catalão sr. Toreski.

A estreia deste artista fês-se na terça feira com o *Relampago*, imitações de personajens célebres, e *Escritório de teatro.*

Toreski foi muito aplaudido e bem merecia sê-lo.

Tem uma aprezentação insinuante e modésta, dís com naturalidade, e em cada papel, ou transformação encontra meio de sublinhar um ridiculo com espirito.

Toreski dominou o publico que mostráva dezejos de o vêr imitar alguns dos nossos ómens publicos.

E' na verdade surprendente a forma como modifica o rosto, dando ao mesmo tempo um jésto ao côrpo, e alterando o jésto por fórma a dar-nos completo a presonajem, em que se transfigura.

A aprezentação das presonajens é acompanhada da recitação de textos caratcristicos, feita elegantemente e com finúra de espírito.

Espéra-se, com verdadeiro interése a sua reaparição de ôje.

CRÓNICA

Terra de eterna mocidade.

O outôno morre lentamente com o encanto de perfume e côr dum alvorecêr de primavéra, e na alegria dos que coméção a estudar, soa mais alto o rizo alácre dos que viérão na saudade das óras sem cuidados da sua despreocupada mocidade.

E parecião êles os mais rapázes na sua alegria sã.

Com êles se ia säudôzo o nósso olhar, vendo-os passar a rir, os braços enlaçados num abraço, á móda antiga, como antigamente era de uzo andarem estudantes nas ruas da cidade e nos atalhos pequeninos dos campos em que paréce ouvir-se nas moitas vêrdes dos salgueirais a frauta pastoril do velho Anacreonte.

E'rão êles os verdadeiros estudantes, pela alegria com que sorrião a todos, pelo cuidado com que espreitávão em cada olhar a ocazião de fazer soar o rizo de mocidade, que aqui rirão pela primeira vês, e que julgávão perdido na vida amarga que lhes torcêra os lábios e lho fizéra fujir do rôsto.

Após a estranhêza de encontrárem tão diferente a cidade que avião deixado á dôze ânos, veio a alegria, ao reconhecêrem os lugáres em que passárão mais a rir e a amar do que a estudar.

Ao vê-los, aparecia em rostos velhos a expressão de alegria que á muito andava lonje dêles, e as tricânas que envelhécem tão cêdo, como se ou véssem sido fadadas para a alegria e amôr duma jeração só, corrião aos abraços dêles a lembrárem istórias que de todo não tinhão ainda esquecido.

E os filhos dos amigos que lhe lembrávão, ao voltar das ruas, os rostos que á tanto não vião, e o rizo que conhecião de tão alégre e que, á muito, os pais já não sábem rir...

Terra de amôr e de saudade.

Parecia um jantar de rapazes aquêle jantar em que se reunia outra vês quem andava tanto tempo separádo.

A alegria com que dizião alto o *menu.*

POTAGE
Saint-Germain
Consommé á la Victoire
HORS D'OEUVRE
Pétits friands
RELEVÉ
Poison sauce crevettes
ENTREES
Filets de boeuf a la godard
Medaillons de veau á la fummiére
Croustades de foie gras é la gelée
LEGUMES
Asperges au sauce blanc
ROTI
Dindon au cresson
ENTREMETS
Puding á lá parisienne
Bombe glacée á Panánás
Patisserie assortie
VINS
Coral, Granada, Ambar topasio, Porto, Madeira
Champagne et liqueurs

A alegria com que todos ouvião o Sanches da Gama explicar o simbolo da duzia como opozição ao sistêma decimal de uzo em féstas e comemorações.

Como todos seguião a expressão daquêle rôsto cheio de alegria sã, de clamando as suas declarações reacionárias; que opõem a duzia á decim e que exijirião a remodelação das crónicas da India de João de Barros, como manifestação antecipáda do espirito da renascença, ofensa á tradicional duzia portuguêza, de tanto encanto em multiplos e submultiplos na moéda da prata e ouro!

E, como em nôme da sciência, êle citava eruditamente, o velho Spencer, de tão tristes noites no seu passado de estudante, figura a quem tudo se podia perdoar por têr morrido em plêna luta contra o sistema decimal.

O seu côrpo pequêno como que se encolhia para dar mais valôr á ironia alégre, que os amigos juntos lhe trazião á flôr do rôsto.

E as imprecações que se levantárão de toda a parte num protésto, quando êle anunciou que ia lêr uma poezia que fizéra em onra do seu curso, e em sua onra?!

Puzéra-lhe o titulo de *Cabélos brancos*, e confessava que os primeiros cabêlos brancos lhos fizéra nascêr o curso.

Quando? Quando?!· interrompião de todos os ládos.

Quando, dizia com falso agastamento Sanches da Gama, encolhendo os ombros, nas guérras do alecrim e de manjerona da nossa récita de despedida.

E deixava serenar as rizadas que rebentárão alégres á evocação daquéla fésta, e que rompêrão em aluzões ao Antunes a mais léve e delicáda bailarina que tem alegrádo os ólhos de estudantes, a gráça do par, um espanhol que, na redução da jentilêza, lembrava um capricho de biscuit.

E a sórte que dérão os futricas com o grémio sentimental, *charge* tão alégre do bom umôr de Sanches da Gama!...

Por fim tudo serenou e êle poude lêr, na sua dição alégre, vibrante do seu mordênte espirito, a sua poezia ouvida com tanta atenção, sublinháda de sorrizos.

CABELOS BRANCOS

Aos meus condiscipulos, na reunião do curso de 91-92.

Passou o tempo dos rizos francos,
Das mil loucuras da mocidade,
Cabelos brancos! Cabelos brancos!
Porque me vindes lembrar a edade?

Todos alégres, sonhando planos,
Entre mil rizos, tudo éra graça;
E assim passárão «os cinco annos»...
Tudo que é bélo bem cêdo pássa...

Anos de estudo?! erão seméstres.
(Tirando as férias e a quinta-feira...
Odios?—apenas aos nossos mestres,
Mas érão «ódios de bricadeira!...»

«Alguns» dos nossos, mortos na estrada...
Não mais lhe ouvimos a vós amigal...
Mas a saudade angustiada
Mórtos e vivos a todos liga!

Deixêmos isto, e recordemos
A «vida airada» que aqui passámos,
«Rapaziádas» que aqui fizémos,
Tudo que vimos, tudo que amámos...

Longas conversas sôbre o ideal,
Almas injenuas buscando a lus!...
Lindos passeios pelo Choupai,
«Jogos da malha» em Santa Crus...

E as «cavaqueiras», depois da ceia,
Sôbre aventuras que fazem rir...
E as serenátas á lua cheia
Que os passarinhos vinhão ouvir!

Sonhando sempre coizas etereas
Dos mil castélos feitos no ar...
Vindas de férias, vindas de férias,
Ai que romances para contár!...

A mocidáde de agora é triste,
Ou finje sêl-o não sei porquê...
Intimidade—já não existe—
Trátão-se agóra só «por você»!...

Nunca passeião pelas estrádas,
Não vale a pena... tudo os atérra...
Não fálão nunca das namorádas,
Nem contão cazos da sua terra...

Teem vergonha, que exquizitice!
De ser alégres na mocidade...
Cabêlos brancos... ai a vélhice!...
Só gabo os moços da minha edade...

Mas gosto ainda dos rizos francos
E da sincéra viva expansão...
Cabêlos brancos! cabelos brancos!
Mas não os sinto no coração!...

Coimbra. 30—10—904.

A. Sanches da Gama.

E quando Agostinho de Campos, outro minusculo, se levantou a falár como móstre, no espirito modérno, sem o prejuizo da linguajem da cabeleira, e do respeito tradicional dos exemplares fósseis da instrução oficial?...

E o Albérto de Oliveira, outro peús, com aquêles comovidos vérsos, recitádos na sua vós dolente, acentuando o ritmo e a armonía.

Alégre fésta de rapázes...

Quando entrárão no teátro os estudantes aplaudirão-nos, como a irmãos mais vélhos, e o Pais, o muzico tão querido das antigas jeraçõis academicas, julgou-se novo tambem e em pleno teátro academico, deu o sinál á sua muzica e começou o ino academico, que parecia mais novo e mais alégre.

E êles começárão a rir e a gracejar como se fôssem rapazes.

O Pais lembrou-se da alegria da sua despedida e começou a *baláda* que êles cantárão em côro.

Lembrávão-se bem...

Alberto de Oliveira verificava admirado que não errávão os versos, como na récita.

Ensinára-lhes a armonia daquêles versos a experiencia amárga, que lhes deu a vida o encanto da saüdade...

T. C.

Cartas de el-rei D. Pedro V

O nosso coléga de Tomár—*A Verdade* publica a êste respeito o artigo que a seguir transcrevêmos:

Meu caro amigo Mario

Péço-lhe o favôr de fazêr publicar no seu semanário as seguintes linhas:

A' pouco veiu-nos á mão um numero do periódico de Coimbra, intitulado *A Rezistencia*, onde lêmos um artigo cujo autôr classifica de injustos os amigos e os admiradôres do sr. Ernésto Loureiro. que, após a sua morte, apreciárão o seu talênto e o seu sabêr e nésta apreciação ás referirão ás *Cartas inéditas de D. Pedro V*, que êle fês publicar, seguidas de um estudo psicolójico sôbre a personalidade do mesmo rei. Entende o ilustre articulista que é faltar a um devêr de justiça falar daquéla óbra e omitir o nôme do sr. dr. Mendes dos Remédios, que a prefaciou e anotou.

No numero dêsses injustos entramos nós, que neste semanário publicámos um sinjélo e umilde artigo no qual nos referimos ás *Cartas inéditas* e não falámos no sr. dr. Mendes dos Remedios, que muito respeitamos. Isto ainda em vida do autôr, quando fizémos a apreciação do seu trabalho. Depois sintetizámos tôdas as suas admiraveis produções; colijimos éssas perolas dispérsas para as engastar na sua corôa de glória. E que nos importava que algumas délas se encontrassem de mistura com outras alheias, tambem de subido valôr? Estremamos o que lhe pertencia e não tinhamos que bolir no que não éra dêle.

Mas eis que lá na Lusa Athenas se alevanta sevéro juís a incriminar-nos porque omitimos o nôme de um douto professôr a quem devemos respeito e admiração pelo seu sabêr, mas que nada tem com os merecimentos literários da sr. Loureiro, que só a si deveu a gloria que alcançou. E faltamos a um devêr de justiça! Em que?

A um dever de justiça e até de umanidade e de respeito pelos mórtos fáltão, por cérto, aquêles que deprecião os que já passárão désta vida, porque atacão sem piedade quem já não pode defender-se.

Os escritos do sr. Ernesto Loureiro fôrão sempre apreciados e tidos em grande conta na imprensa de Lisboa, o até, em outros tempos, nêste semanario, que com êles floresceu e primou como periodico de provincia. Todos lhe admirávão a belêza do estilo, a fluencia da linguajem e a vastidão de conhecimentos. Era um erudito. O sr. Loureiro dedicou-se com afinco ao estudo da filozofia moderna; possuia uma magnifica bibliotéca dos melhores autôres, cujas doutrinas consubstanciou, porque facil era na sua robusta intelijencia compreendêr e assimilar as mais transcendentes questôis filozóficas, e disso deu provas em artigos, que escreveu em vários jornais da capital. O seu trabalho sôbre a psicolojía da personalidade de D. Pedro V, em que fês aplicação das doutrinas de Paulhan, foi elojiádo pelo próprio Paulhan em carta que lhe dirijiu e que talvês ainda exista em podêr da familia. E' ésta carta uma irrefutavel prova da lucidês do seu espirito e do quanto estava a par dos estudos modérnos daquéla naturêze.

Como vem agora alguem dizêr que ao sr. Ernesto Louroiro nãa éra familiar tal assunto, que desconhecia na quazi totalidade até a bibliografia dos estudos modernos da mesma naturêza e o fês, por isso, sem êste valiôzo auxilio e pelo impulso duma leitura do acázo! E' espantôzo.

Como amigo intimo que fômos do ilustre finádo, não podemos deixar passar sem reparo éstas asserções gratuitas e tão mal cabidás depois do seu passamento. Porque é que logo em seguida á publicação do livro, quando em varios jornais aparecêrão elojios ao sr. Ernésto Loureiro, o autôr do citádo artigo não veiu dizêr o que dís agóra e esperou que a morte cerrasse os labios e paralizásse a mão de quem cabalmente lhe podia mostrar se éra ou não ignorante das modérnas doutrinas? E acuza os outros de faltárem a um devêr de justiça quem tão injustamente deprecia um morto! Mas, se o côrpo exanime desceu ao tumulo, onde vai sumir-se para sempre éssa porção de matéria e fórma, que constituia o ómem fizico, o talênto e o sabêr, que em vida o distinguirão, ficárão cá reproduzidos nos seus escritos para clamarem bem alto: é injusta a arguição.

Tomar.

João Maria de Sousa.

Continuamos acentuando que na pequena local escrita na *Rezistencia* não censurámos, nem podiamos censurar, louvôres excessivos a um môrto ilustre, da parte dos seus amigos ou das pessoas de sua familia.

Exajêro, se o ouvésse, seria respeitavel.

A *Rezistencia* não pretendeu tirar o valôr a ninguem, nem podia fazê lo.

As cartas estão publicadas, os trabalhos de Loureiro e Mendes dos Remedios são conhecidos de tôdos, cada um poderá têr sôbre êles opinião própria.

A *Rezistencia* irá arquivando nas suas pájinas tôdos os documentos publicados, e responderá a tôdos êles.

E a respóta é bem facil. A *Rezistencia* referia-se a um artigo especial, a sua nota sublinha palavras dum unico artigo.

Poderia dizêr já qual é, mas prefére responder a tôdos os que sôbre este assunto se publicárem.

E como não obedéce a paixôis, respeitaveis ou não, aguarda, com tôda a serenidade de consciencia, a ocazião de respondêr.

«Os Serôis»

Está em Coimbra o sr. Albérto de Oliveira, a quem a arte portuguêza déve os mais relevantes serviços.

E' do sr. Alberto de Oliveira a iniciativa do gremio artistico de Lisboa, que começou com o modesto titulo de *Grupo do Leão*, aluzão ao café em que de preferencia se reunião os artistas, e a que dérão com os seus notaveis quadros a decoração artistica, unica em Lisboa.

Foi ainda Alberto de Oliveira o organizadôr dos catálogos ilustrados das expoziçôis anuais, outra inovação tão auspiciózamente iniciádo no nosso pequêno meio literário.

Alberto de Oliveira veio a Coimbra estudar quais as ilustraçôis que deverão acompanhar o artigo que o sr. Manoel Gaio está escrevendo para a revista *Os serôis*.

Os serôis vão continuar a sua publicação, que ultimamente se fizéra com tanta irregularidade e que acabára por se interromper.

Comprou a propriedade o sr. Augusto de Oliveira, o editôr bem conhecido pelo seu arrôjo, pelo conhecimento dos assuntos de livraria, e pelos cuidados com que véste as suas edições, que ficarião bem, mesmo aos melhóres editôres estranjeiros.

O livro de vérsos de António Corrêa de Oliveira — *Ára* — poderia ter a marca, mêsmo dum editôr inglês.

Augusto de Oliveira, comprando *Os serôis*, propõe-se a melhorá-los, e quem conhéce o intelijênte editôr, cheio de audacias modérnas, conta com uma publicação que nos á de onrar, e assinalará mais um progrésso na arte do livro, tão descuráda em Portugal.

Alberto de Oliveira tem vizitado os muzeus e móstra-se tão encantádo com as belêzas da excécional paizájem Coimbrã, como com o movimento artistico da nossa terra que em grande parte desconhecia.

Os nômes do editôr e diretôr dos *Serôis* são garantia segura de que ésta publicação será em tudo uma publicação util e modérna.

O primeiro numero déve apparecêr em principios de janeiro com data de Dezembro.

Bombeiros voluntários

Por absoluta falta de espaço não podêmos referir-nos ôje á inauguração da associação dos bombeiros voluntários da Louzão, o que farêmos devidamente no próximo numero.

Está sendo construido ao cáis um barracão para nêle reprezentar uma companhia d'operêta que em bréves dias deve chegar a Coimbra, tendo-se feito ouvir em várias térras do país e ultimamente na Figueira da Fós.

E' dirijida pelo atôr Vitor Tainha que fazia parte da companhia do *Teátro lisbonense* que no âno passado estêve na rua Sá da Bandeira em frente da manutenção militar.

Tomou posse do lugar de agrónomo do distrito de Coimbra, exercido até agora comulativamente pelo sr. Albano Nogueira Pereira Lobo, agrónomo do distrito de Aveiro, o sr. Alexandre Nogueira do Couto e Almeida que á pouco foi transferido para Coimbra.

PENITENCIARIAS

Sendo o individuo o produto de vários fatôres, qual o mais intanjivel: — antecedentes fizio-psicolójicos e concomitantes morais e fizicos — antecedentes a crança nervóza dos antepassados, e concomitantes as relaçôis com o mundo contemporaneo, o cunho impésso no organismo pela especialização do labôr, pela abastança ou pela fóme, pelo clima glacial, temperado ou tórrido, tem necessariameme que se diferenciár, porque aquélas quantidades entrão diversas e de varios modos na constituição do seu tôdo.

Daqui a razão porque uns são intelijentes mais, outros ménos; uns justos, outros injustos; uns bons outros maus.

Umas vêzes influirá a quantidade, outras o arranjo das quantidades ou a constituição do tôdo. O que é intelijente e fiziolójicamente bem constituido será bom.

O estupido nunca poderá sêr rigorózamente bom (pôsto que dêles seja o reino do ceu), o intelijente e o estupido fiziolójicament deformes serão, com muita probabilidade, maus.

Um ómem de pouca firmêza intelétual — bom de caracter — perseguido pelos outros ómens e, injustamente apodádo de prevérso, virá, com muita probabilidade, a tornar-se naquilo de que o acuzão. Quantos não terão devido a sua criminalidade a factos désta ordem?

Quando, pois, um agressôr da ordem, da justiça e do bem se manifésta urje izolá lo para prevenir o contájio: — a maldade é contajióza — e curá lo, porque a maldade é uma doença, ou melhór, — rezultado de doença.

Para curar êstes estados mórbidos é que, paréce-me, se instituirão as penitenciárias. Se emprégo a dubitativa é porque encontro flagrante antagonismo entre o espirito que deveria ter prezidido á sua instituição e a praxe seguida no seu funcionamento.

Quem réje tais estabelecimentos é um encartado em direito.

Ora, publicamente pelo menos, a competencia de tais funcionários não pássa além da interpretação da lei, função que ali é inteiramente descabida.

A respeito de tôdos os que ali estão internados a lei já foi interpretada. Erro se o ouve foi de diagnóstico.

Uma vês ali dêntro a questão é rejenera-los.

Penitenciária é o logar onde fás penitencia, penitencia é sinónimo de arrependimento e para avêr arrependimento caréce-se de suficiente consideração entre o que se fês e a régra do justo e do bem que prescrevia o que se deveria ter feito, caréce se de educação da intelijencia para intendêr e da vontáde para querêr; caréce-se dum *sacerdóte que depure a consciencia do pecadór*. Nos séculos passados seria isto munus do padre, ôje, porém, que a psicolojia se subordinou em provincia da fiziolojía, terá que incumbir a a quem, á similhança do que fazia o padre que perscrutava a alma do penitente, póssa e saiba observar e corrijir o organismo do penitenciário. Ao médico, pois tão meticulóza missão. Mas ainda não será todo e qualquer médico competente. Terá que sêr um que, dotado de faculdades de bom observadôr, se saiba especializar naquéla tão delicáda como árdua taréfa.

Todavia, apezar de todos os defeitos, ainda muito se póde conseguir.

Com tôdas as suas imperfeições é preferivel ao carcere, para não falár já na estulta e barbara deportação.

Um e outra transformarão o infelis, que um êrro judicial para lá ája arremessádo, em criminôzo, e refinarão as más qualidades do delinquente.

São um triste legádo que, através das edades, chegou até nós para macular a civilização odiérna.

Podêmos guiar-nos e com segurança, na computação da liberdade dum pôvo culto, pela maiór ou menór facilidade com êle depórta.

Óra não é suficiênte que a peniten ciária rejenére, porque a obra não fica acabada — á de completár-se ou fenecer na prova que se lhe segue no mundo.

(Continúa).

O número de pessôas que vizitárão o *Muzeu de Antiguidades do Instituto* durante o mês de outubro último, foi de 192.

Americanos

Fôrão alterádos os orários dos americanos, confórme a tabéla que publicamos noutro logar e para que chamamos a atenção dos nossos leitôres.

A propózito dirêmos que o concessionário continua envidando os seus esfórços para que Coimbra tenha em bréve a tráção elétrica, e que se estão elaborando os respétivos projétos para serem aprezentádos ás companhias estranjeiras que pódem encarregár-se da montájem dêste serviço em Coimbra.

Além das linhas já existêntes, está em estudos a volta pela Feira e Largo do Muzeu e o prolongamento até Célas.

Os trabalhos não têem andádo com rapidês que éra para dezejar; porque as companhias são minuciózas nas indicaçôis que pédem para estabelecer o seu orçamento definitivo.

A despêza com a montajem é relativamente grande, mas o sr. Andrade está convencido de que éla se fará e que não faltarão capitais.

A montájem da linha é que constitue a grande despeza, e néla é que está a dificuldade da execução do projéto.

Montada a linha as despêzas são menóres, do que com a tráção animal, e a empreza não poderá deixar de dar lucro; porque o publico está praticamente convencido das vantajens mêsmo do sistema da tráção atual, apezar de tôdos os seus defeitos, em que avulta a morozidade do serviço.

E' transcrito do nosso coléga *Norte* o brilhante artigo de Jozé Caldas sobre a oração inaugural que oje publicamos.

FALLECIMENTO

Faleceu ôje o sr. Jorge Loureiro, filho do sr. Ricardo Loureiro, diréto da filial do Banco de Portugal em Coimbra.

Sucumbiu a uma tuberculóze, de marcha fulminante, que não foi possivel debelar, apezar de toda a sciencia dos médicos, e de todos os extremos da familia amantissima. Era um rapás nóvo, ainda á pouco, cheio de saúde e vigôr; via a vida a sorir, sempre no carinho amorôzo dos seus.

O funeral terá lugar amanhã, 4, pelas 3 óras da tarde, saindo o préstito fúnebre da sua rezidencia na rua dos Loios.

A' familia enlutada sentidos pézames.

Cursô de 1891-92

Comparecêrão a esta simpática festa os seguintes bachareis:

Agostinho Celso d'Azevedo Campos, Alberto Tomás David, Alvaro d'Azevedo Leme Pinto e Mélo, António Cabral da Silva Torres, António Jozé Curádo, António Pereira Reis, António Vicente Leal Sampaio, Aires de Castro e Almeida, Ernesto Leite de Vasconcélos, Eujénio d'Albuquerque Sanches da Gama, Francisco Jozé de Faria, Guilhérme Quilinan da Silva Machado, João Augusto Antunes, Joaquim Alberto Martins de Carvalho, Joaquim d'Almeida Dias, Joaquim Nunes Mexia, Jozé Capêlo Franco Frazão (conde Penha Garcia) Manoel Mouzinho d'Albuquerque, Mascarenhas Galvão, Nuno Freire d'Andrade, Pedro Gorjão Maia Salazár, Alberto d'Oliveira, Luis Nêto Ferreira, Romano Santa Clara Gomes, Jozé António d'Almeida.

Enviárão telegramas e cartas de saudações, manifestando ao mesmo tempo grande magua por não comparecêrem, os srs. Adelino Adelio dos Santos, Adelino Soares Rodrigues, Afonso Coutinho de Souza Caldeira, António Augusto Cardoso Alves, António Candido Nogueira, António Jozé Pereira da Silva, António Pereira de Sá Soto Maior, Artur Pinto de Miranda Montenêgro, Francisco Ferreira Monteiro, João Duarte de Carvalho e Souza, João Lopes Carneiro de Moura; Joaquim Alves Torres, Joaquim da Silva Neves de Souza e Alvim, Jozé António de Faria Velôzo, José Maria Nogueira, D. Luís de Souza e Olsitein, Quirino Avelino de Jesus, Artur Jozé Soares, Paulo Jozé Falcão, Manuel Borjes d'Azevêdo Enes e Joaquim Alvares da Silva.

Não respondêrão ao convite 16 e falecêrão 8.

Jorge de Loureiro

(Falleceu)

Maria Alexandrina Silvão Loureiro, Ricardo Loureiro, Beatriz Loureiro de Lima, Domingos Silvão Briffa, Raul Loureiro e sua mulher Maria Emilia Valdez de Loureiro, Maria Piedade Valdez Briffa, Jayme do Espirito Santo Lima, comprem o doloroso dever de participar a todos os seus parentes e pessoas das suas relações o falecimento de seu muito querido filho, irmão e cunhado Jorge de Loureiro, cujo funeral se deve realisar amanhã, 4, pelas 3 horas da tarde, saindo o prestito funeral da casa da sua residencia, na Rua dos Loyos, para o cemiterio da Conchada.

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

(Desde 6 de novembro de 1904)

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

Partidas

Do largo das Ameias		Da rua Infante D. Augusto	
8h,30m	manhã	9h	manhã
9	»	9 ,30	»
9 ,30	»	10	»
10	»	10 ,30	»
10 ,30	»	11	»
11	»	11 ,30	»
11 ,30	»	12	»
12	»	12 ,30	tarde
12 ,30	tarde	1	»
1	»	1 ,30	»
1 ,30	»	2	»
2	»	2 ,30	»
2 ,30	»	3	»
3	»	3 ,30	»
3 ,30	»	4	»
4	»	4 ,30	»
4 ,30	»	5	»
5	»	5 ,30	»
5 ,30	»	6	»
6	»	6 ,30	»
6 ,30	»	7	»
7	»	7 ,30	»
7 ,30	»	8	noite
8	noite	8 ,30	»
8 ,30	»	9	»
9	»	9 ,30	»

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Do largo das Ameias		Da estação *B*
3h, 8m	manhã	Depois da chegada dos comboios excepto nos rapidos em que as partidas são logo depois das d'estes.
5 ,51	»	
8 ,13	»	
2 ,30	tarde	
3 ,45	»	
5 ,50	»	
6 ,15	»	
6 ,35	»	
7 ,50	»	
11 ,17	noite	

Aos domingos e dias santificados são suprimidas as carreiras das 9 e 10 horas das manhã, das Ameias, e das 9,30 e 10,30 da rua do infante D. Augusto.

Nos dias santificados e nas vesperas de feriado são prolongadas as carreiras até ás 10 horas da noite.

CORES DOS FAROIS

Verde, indica a Alta; *vermelho*, estação *B*; *branco*, Casa do Sal; *amarello escuro*, reservado.

Sahidas do Theatro

Do Theatro para cima até á Rua do Infante D. Augusto — 80 reis.

Do Theatro para baixo até ás Ameias ou Casa do Sal — 60 réis.

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...
Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confecções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA„

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicaçõis com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Téte d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saueisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos** e **licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — Rua Ferreira Borges — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómem e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estranjeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanélas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Luz — 103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestaçõis e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condiçõis do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONÓGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.° 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coléção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazênão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.os 34 e 35. —Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

DE NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.° 97

CONSULTAS:
Das 10 1/2 ás 12 da manhã
e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Litiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 reis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias — Publicação semanal

Diretôra: D. Leonor Maldonado

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 1$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada,* a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand José Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

CAZAS PARA ALUGAR

Arrêndão-se do S. Miguel em deante os altos de duas moradas de cazas: uma na rua de S. Pedro n.° 10, com frênte para a rua da Trindade, e a outra na rua da Trindade n.° 69.

Quem as pretendêr dirija-se a seu dono Antonio dos Santos Fonseca, rua dos Gatos, n.os 7 a 17.

JARDINEIRO

Manuel caldeira, de 37 anno de edade, de Sernache dos Alhos, ofe rece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nésta cidáde ou imediaçõis.

Tem longa pratica daquêle serviço, pois estêve durante 16 ânos, efétivo, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr póde procura-lo em Sernache dos Alhos.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.°

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

PROGREDI ET PRODESSE

ADEGA REGIONAL DE ENIRE DOURO E LIZ

COIMBRA

Installação provisoria: rua da Sota, n.° 8

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miudo

Tabella de preços de venda a miudo (15 de outubro de 1904

Marcas	Garrafão de 5 litros	Garrafa de litro	Garrafa bordaleza
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	550	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — *Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.*

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12—Rua da Moeda—14

N.º 951 | COIMBRA — Domingo, 6 de novembro de 1904 | 10.º ANO

INTOLERANCIA

Na sua oração inaugural do âno léctivo de 1904-1905, recitáda ultimamente na sála grande da Universidade de Coimbra, Bernardino Machado pronuncia-se contra o que êle chama «a superstição, êntre nós tão arreigada que diriamos quasi atávica, de que tôdo o adversário é um eréje, um energumeno, que meréce, com a excomunhão, os maióres doéstos, as maiores torturas e tôdas as pênas perpétuas e etérnas».

Bernardino Machado assinála, em suma, a intolerancia no caráter português.

Existe éssa intolerancia?

Existe. E como não seria intolerante o espirito de um pôvo educado por jezuitas! A intolerancia está no nosso caráter e está nos nossos costumes. O nosso inimigo é aquêle que não é da nossa opinião. Diverjir simplesmente não direi já na escôlha de um principio mas na escôlha de uma gravata é, entre nós, motivo de discórdia. E' vêr a istória das nossas lutas liberais, desde as que precedêrão a implantação do liberalismo até ás que o ajitárão num periodo de quazi vinte ânos. Êla é filha da mais ferós, da mais bárbara, da mais cruel intolerancia. Se a intolerancia miguelina foi levada aos ultimos extrêmos, a intolerancia liberal não o foi mênos. A liberdade tem o seu advento — e o que vêmos? Os liberais ortodóxos perseguindo os liberais scismáticos. Até á reconciliação de 51, em quanto o radicalismo liberal não capitulou, não ouve socêgo em Portugal. Os principios odiárão os principios, os ómens odiárão os ómens.

Se dissérmos que a intolerancia é o stigma de tôdas as civilizaçõis de caráter sacerdotal e católico, não estamos lonje da verdade. A Espanha, como a Italia, como a mesma França, sofrêrão dêsse mal. Em Portugal, no entanto, o mal da intolerancia paréce têr lançado raizes tão fundas no espirito nacional que, por assim dizer, como que lhe ficou pertencêndo e é uma das suas caraterísticas. Por isso e com razão, Bernardino Machado a supôi um mal atávico. Nós têmos a intolerancia no sangue.

Passou-se pelo menos meio século depois que as nossas lutas politicas terminárão. A partir de Gramido, a nação póde dizêr-se, vive numa rejência de acôrdo. Algumas diverjências individuais fôrão-se, pouco a pouco, dissipando, ou pela morte, ou pela conciliação. Sem as necessidades do sistêma parlamentar não averia sequér partidos. Assim, á dois partidos, mas sem diferenças essenciais e existindo apênas para dezempenhar uma função mecânica. Rejenéradôres e progressistas estão tão pouco separádos pelos principios que não pódem razoavelmente odiar-se. Pois bem! odeião-se, senão os que estão no podêr e nas funçõis parlamentares, os que por todo o pais reprezentão a sua influencia e a sua fôrça. Rejeneradôres e progressistas, na provincia, são ainda inimigos, e não ráro vêem ás mãos.

Mas o fácto caracteristico da intolerancia dos nossos costumes é a situação dos partidos avançados para com os partidos conservadôres.

Em tôdas as naçõis rejidas pelo sistema parlamentar, os partidos chamados avançados, como o partido republicano e o socialista, têem o seu logar fazem a propaganda das suas ideias ao abrigo da lei comum, disputão os sufrajios da opinião com as mesmas armas de que se sérvem os seus adversários, finalmente tem assento nos parlamentos, tómão parte nos negócios publicos, intervem na vida do Estado.

A Espanha é o Estado liberal mais reácionário de tôda a Europa. A liberdade de imprensa, por exêmplo, não góza ainda nêsse pais retrógado dos beneficios de uma lei especial e está sob a acção do direito comum. Pois nêsse país retrógrado o partido republicano tem direitos e funçõis em tudo similhantes ás dos partidos conservadôres. Só lhe falta estar no podêr, porque está em tôda a parte: na imprensa, no parlamento, nas reuniõis, nos comicios, na praça publica, nos costumes e até no orçamento. A Espanha atribue, com efeito, aos seus ministros onorarios uma pága vitalicia, de que não izentou os ministros republicanos de 73, que só não a recebem porque a recuzárão. Castelar, no entanto, recebeu-a.

A monarquia italiana é por ventura em toda a Europa aquéla que está mais cercada de adversários. Comtudo, o Estado reconhece por tal fórma a existencia dos partidos anti-dinásticos que não ezita mesmo em apelár para o seu concurso. A democracia italiana, como a democracia espanhóla são factos perante os quais se inclinão os partidos conservadôres dos dois paizes.

Em Portugal, o triúnfo da democracia em toda a parte não conseguiu ainda, não direi já dar-lhe uma situação legal dos partidos conservadores, mas sequer familiarizá-los com éla, até ao ponto de a reconhecerem tão sómente para a chamarem pelo seu nome. Á pouco tempo, na camara, o prezidente do consêlho do último govêrno viu-se em gráves embaráços para dezignar o partido républicano, não querendo evidentemente servir-se da palávra — *república,* que lhe queimava os lábios, e mais tarde, no decurso de uma entrevista que têve com o jornalista espanhol Moróte, aludiu ao fácto de aver républicanos em Portugal englobanbo-os numa fráze vaga e assinalando-os pela dezignação de *utopistas*. Era o nôme que se dava no tempo de Saint-Simon aos socialistas d'ôje.

Não me quéro já referir, por não ser este o logar próprio para estas discussõis, á situação extra-legal dos partidos anti-dinásticos, absolutamente banidos da vida pública. Na política portuguêza os républicanos, por exemplo, são verdadeiros párias. O Estado não os tráta como adversários: tráta-os como eréjes. Êles não têem entrada no parlamento, êles não têem logar na administração pública, mas — o que é peór! êles não têem logar nos costumes. A intolerancia ferós dos portuguêzes estabeleceu que, assim como á infermidades, assim á ideias contajiózas. A democracia foi izoláda como a fébre tifoide. A ortodoxia conservadôra só mantem relaçõis com os partidos avançados, com a condição déssas relaçõis serem clandestinas.

Mas — ó funda — ó arreigada! ó indebelável intolerancia! — os partidos avançados, por sua vês, banirão da sua vizinhança não só os fáctos, mas os ómens. Estabelecêrão uma divizoria que sepára os principios e sepára tambem os individuos e que não se póde simplesmente transpôr para apertar a mão a um amigo. Ai daquêle que o fizer! Êsse é um transfúga.

A intolerancia, no entanto, não está apenas nos costumes politicos. Está numa vásta órdem de ideias. Em régra, discordar é indispôr-se. Ter uma opinião é quázi sempre têr um inimigo, que corresponde áquêle que não a tem.

O que é próprio da intolerancia não é a discussão: é uma mudês rancoróza. Discutir é aceitar em principio a ideia do acôrdo. A nossa intolerancia ereditária não discúte: embezérra. Discúte? Ah! então é terrivel! Não é discussão, não é controversia, não é contradita: é cólera. Quando dois ómens em Portugal têem duas opiniõis diferentes e as debátem, as suas intençõis são jeralmente omicidas. O tipo da polémica portuguêza é a injúria. O polemista caraterístico de Portugal é Jozé Agostinho de Macedo. Não se conhéce nada mais odiento e desbocado em todas as literatúras do mundo. O outro é Camilo. Fôrão ráros os seus adversários que êle não condecorou com o epíteto de — búrros. O nósso espírito de intolerancia é tal que mesmo os mais jenerózos interesses da intelijencia engalfinhão os ómens.

João Chagas.

CAMARA MUNICIPAL

Realizão-se ôje as eleiçõis e até á óra se tem conservado secreta a lista propósta por rejeneradores e progressistas,

Nessa lista não está o nome do sr. dr. Dias da Silva.

Sentimos,

E sentimos tanto mais que é o unico áto da sua jerência que temos a censurar.

Era agora que o sr. dr. Dias da Silva podia trabalhar afoitamente para bem da administração municipal, organizando os serviços com a competencia excecional que lhe dava a sua intelijência, o seu saber, e o conhecimento de todas as necessidades desta cidade.

Não devia, porisso, fazer-se riscar da lista dos seus partidários politicos.

O sr. dr. Dias da Silva soubéra conquistar a confiança pública, administrava á vontade, sem rivalidade e ódios poiíticos.

O sr. dr. Dias da Silva devia ficar. Retirando-se, o sr. dr. Dias da Silva entrega ao seu sucessôr uma missão espinhóza — a de completar o que apenas deixa esboçado e a caminho de realização.

E o sr. dr. Marnôco é um nôvo cheio de talento e de bôa vontade, mas que desconhéce completamênte o meio de Coimbra, e que por feitio e caráter não póde contar nos nômes indicados senão com a cooporação leal de bem poucos.

E o sr. dr. Marnôco terá apenas a missão dificil, mas de glória pouco aparênte, de realizar os planos que o sr. dr. Dias deixa apenas esboçados, mas que absorverão todos os rendimentos do municipio.

O sr. dr. Marnôco tem apênas a sua béla vida de professôr.

A sua dedicação pelo estudo é um exemplo a tôdo o professorado.

Se nas cadeiras universitárias á professôres que se lhe avantájão noutras qualidádes, nenhum lhe é egual na atividade produtiva de trabalhos scientificos, reveladôres de ráro estudo e intelijencia.

O sr. dr. Marnôco tem sabido conquistar nôme que o onra e á faculdade em que ensina, contra a má vontade que dentro e fóra da universidade lhe granjeára a sua excessiva sensibilidade, bem própria do seu espirito de eleição, mas que lhe imprimiu sempre um feitio de rezérva pouco proprio a granjeár-lhe simpatias.

O que fês na Universidade fa-lo-á no meio politico de Coimbra o sr. dr. Marnôco e Souza, estamos cértos disso.

Mas têr-se-á de afastár do ensino, em que está dando um exemplo ráro de atividade no meio português, e terá de dispender inutilmente a sua enerjia num meio ostil que não poderá ser nunca o que quereriamos para o seu caráter e para a sua intelijencia sempre em trabalhos tão nóbres e alevantados.

O sr. dr. Dias da Silva não devia impôr-lhe não dúro sacrificio.

E não o devia impôr tambem ao seu partido.

Foi o nôme do sr. dr. Marnôco e Souza que obstou a que, contra a vontáde do sr. dr. Dias da Silva, os seus partidários não rompêssem o acôrdo para o fazêrem continuar á frênte da administração municipal.

Se o sr. dr. Dias da Silva tivésse deixado figurar o seu nôme na lista propósta, não teria avido necessidade do acôrdo.

A lista triunfaría.

O sr. dr. Dias da Silva devia têr por isso aceite a propósta em nôme dos interésses politicos de seu partido, em nôme dos interésses da cidade.

E nunca se deveria formar com aquêles nômes a lista de uma vereação que déve ter uma administração dificil e de pouco brilho politico.

Poucos se salvão naquéla lista de nômes, sem passádo politico, sem dedicação e sem vontade, lista que foi necessário trazer em segrêdo para não têr de cair no ridiculo publico.

Não! O sr. dr. Dias da Silva acabou com um mau áto politico a sua jerência, não servindo nem os interésses do seu partido nem os do municipio.

Dizemos-lho com a mesma sinceridade com que louvámos tantos átos da sua administração municipal de tão rára atividade, intelijencia, orientação e amôr do bem publico.

Descanço dominical

A comissão iniciadora do encerramento das lojas de barbeiro ao domingo acaba de ver satisfeitos os seus dezejos pela anuência dos proprietários dos referidos estabelecimentos aos dezejos dos seus empregados.

A partir do dia 13 do mês corrente as barbearias de Coimbra fecharão ás 3 óras da tarde.

Assim se fáça par muito tempo!

Este número 13 é de enguiço...

Tuna académica

Nésta associação continúão abértos os concursos para sócios executantes, que se realizão todos os dias depois das 6 óras da tarde.

Sport-Club

No salão désta associação realizou-se ontem um espétaculo, cujo produto reverteu a favor de um grupo de artistas que fazião parte da companhia Mejstrick.

NA LOUZÃ

A multidão que viéra esperar á entrada da povoação o sr. conselheiro Bernardino Machado não dispersára apezar da chuva, e aguardava, ao abrigo dos portais a sua chegada, espreitando curiózamente.

No teatro ornamentado de colgaduras de damasco, prêzas em prégas elegantes, apinháva-se a multidão, vendo-se nos camarotes muitas senhôras.

A luz corria profuzamente dos lustres, dando alegria e viço ás flôres.

Um pequenito arvorava acima da multidão um grande e bélo ramo de flôres prêzo na estremidade dum páo com um laço de fita.

Começou por falár o sr. Bernardino Padilha, a alma da associação dos bombeiros voluntários, espirito intelijente e empreendedôr, estrenuo propagandista das ideias democráticas.

Annunciando a inauguração duma corporação de salvação publica, o sr. Bernardino Padilha disse que se tratáva tambem já da formação duma caixa de socórros, do estabelecimento duma aula noturna, e de uma caza de reunião e prazêr para os associados.

Agradeceu ao sr. dr. Bernardino Machado a sua anuencia ao convite, que lhe avião feito, e propo-lo para prezidente, proposta que foi recebida com uma salva de palmas.

Terminou levantando vivas ás classes trabalhadôras, aos louzanenses, e aos cooperadôres daquéla festa.

Ao terminar teve uma ruidóza salva de palmas.

O sr. conselheiro Bernardino Machado, ocupando o logar da prezidencia agradeceu o acolhimento que lhe avião feito e propôs para secretarios os srs. drs. Carlos Sacadura e João dos Santos.

A seguir, o sr. dr. Bernaraino Machado deu a palavra ao sr. dr. Carlos Sacadura.

O sr. dr. Carlos Sacadura pede que lhe relévem arrôjo tão grande. Viéra alegre e satisfeito como simples espétadôr, e, mal chegára, vira-se a braços com pedidos e instancias de pessoas a quem nada podia recuzar.

Tinha de falar de improvizo a uma assembleia ilustrada e seléta, ia falar em competencia com oradôres experimentados. Estava porém na sua terra, tudo lhe relevarião porque sabião que falava do coração.

Traça um quadro colorido dos orrôres do incendio nas populaçõis abandonadas de socórros e fás avultar os que, desprezando o interésse, se sacrificárão para lhes valêr.

Terminou brilhantemente fazendo notar que o povo associando-se para os perigos, contra a doença, e para a instrução abandonáva o caminho antigo que tudo esperáva dum poder superior não se sabia qual.

O orador foi muito cumprimentado e aplaudido.

Tomou a seguir a palavra o sr. dr. João Santos que, em lingoájem levantada, se referiu á ancia de saber e de progrésso que é a preocupação de todos desde as cidades mais populózas ás aldeias mais umildes.

Em Portugal não fáltão embaráços as mais jenerózas iniciativas, por isso êle louvava mais a inauguração que se fazia e era reveladôra de tão boa vontade.

A seguir viria a escóla nocturna e no fim a associação para oprazer, e em tudo isto se encontrava muito boa vontade e dedicação.

Referindo-se ao sr. dr. Bernardino Machado disse que éra, foi e á de ser sempre um caráter, louva o seu amôr pelas classes trabalhadôras, admira o seu talento previlejiado.

Termina felicitando os filhos da Louzã que tem dado tantas provas de abnegação e altruísmo, ôje em dia em que élas são o apanájio de raros espiritos.

Ao acabar de falar rompeu de todos os lados uma grande ovação ao sr. dr. João Santos.

O sr. dr. Fernandes Costa levantou-se então e começou falando na sua lingoájem fluente, com grande sentimento e entuziasmo.

Louva aquéla que éra a sua terra; descreveu-a em lingoajem apaixonada, indicando o seu dezemvolvimento progressivo, falando com calôr dos melhoramentos que se anunciávão.

Para o sr. Bernardino Padilha e para a sua iniciativa, têve palavras do mais comovido aféto, exaltando-a utilidade do principio da associação. Citou a propózito a istória da estriga do linho do oradôr sagrado Palhares.

Terminou por uma invocação ás senhôras, exaltando a relijião nova da dedicação e do amôr.

O nósso amigo, cujo discurso foi cortado de aplauzos, têve no fim uma manifestação do muito que é querido e respeitado pelos seus patrícios.

A seguir levantou-se o sr. Teixeira de Carvalho e disse:

Senhôr prezidente, minhas senhôras, meus senhôres:

Vou falár-vos; porque o acázo me fês encontrar ésta manhã o sr. dr. Bernardino Machado.

Vinha para aqui. Antecipadamênte sabia eu que o trazia o devêr; falou-me em vir com êle e eu vim.

Vim sem preparação, nem sabêr para o que vinha, disso péço as desculpas, que dêvo, á consideração que me mereceis, ao respeito pelo prezidente e pela mêza que elejêstes.

E estou satisfeito por ter vindo; porque mais uma vês vêjo quão enganádos andávão os que dirijirão os meus primeiros passos na vida e que me ensinárão que o mundo morria na luta de todos os egoismos.

Não, senhôres!

Estamos no principio de uma éra nóva, vejo-o bem, éra de pás e de amôr.

Segui a relijião nova e não vos enganeis com aparências.

Numa luta ferós batem-se agóra dois póvos. Não vos enganeis, sêde umanos amai russos e japonêzes.

A tôdos nos liga a solidariedade umana.

Os russos amigos da nóssa ráça, bátem-se pelo preconceito do podêr, os japonêzes, uma raça estranha, bátem se pela cauza da pátria e do progrésso.

Um pôvo agoniza nas mãos dum autócrata, outro cóbra nova vída pelo patriotismo.

Não tenhais inimigos nem parcialidades.

A ambos deveis amôr.

Ao Japão déve a Europa a renovação da sua arte agonizante, á Russia devemos o grito que soltamos nos combates pela cauza da umanidade.

Tolstoï e Dostoiewski são dois russos.

Começamos uma éra de pás e de amôr.

Éra que ninguem sonhára.

Por isso me encanta esta festa de solidariedade umana.

Era nóva. Vêde-o bem.

Aqui achais trabalhando ao ládo do pôvo os que tão lonje andávão dêle.

Vêdes nésta sessão, aplaudindo o pôvo, as aristocracias da ráça e do talênto.

Aqui vêdes os reprezentantes dos jenerais gloriózos que combatêrão ao lado dos umildes e fizérão grande, na istória, o nôme português.

A trabalhar com o pôvo vêdes a aristocracia do pensamento, os que ainda á pouco se izolávão na tôrre de marfim da iluzão e da quiméra.

Senhôres, mais do que a jenerozidade dêste grupo de ómens que sem mira no lucro se móstrão prontos a sacrificar a vida na luta contra o fôgo, me interéssa o verificar mais uma vês, aqui, a existencia do principio associativo, o grande orientadôr da sociedade contemporanea.

Quem principiou a ligár-se contra o incendio, pensa já em ligar-se para a instrução, pensa já em unir-se para o prazêr como para a dôr.

Assim se fás a aprendizájem da yida civica.

Assim aprende o pôvo a conhecêr a sua fôrça.

Assim aprenderá a combatêr, e a triunfar.

A' pouco o meu amigo e correligionário, dr. Fernandes Costa falou-vos de Palháres, o grande oradôr sagrado.

E' uma figura simpática da nóssa istória.

Chamávão-lhe o *apostólico* Palháres; porque a sua vós nunca soubéra mentir e dizia a verdade a tôdos na linguajem franca e rude dos apóstolos.

Anda na tradição que os ministros lhe fizérão sabêr um dia, que o afastarião do pulpito, se tornásse a falar mal dos govêrnos deante de el-rei.

Calou-se êle, e, na primeira fésta em que têve de subir ao pulpito deante do rei, disse na sua vós fórte e clára: Senhôr, proibem me que fále contra os govêrnos, dóra avante não falarei senão contra os desgovêrnos.

E continuou censurando o ministério.

Se agóra vivêsse, teria muito de que falár contra os desgovêrnos o apostólico Palháres.

Não averia porém, talvês, quem soubésse ouví-lo.

Lembra-me a istória, que dêle vos contou Fernandes Cósta, a parábola das váras de Jezus.

Eu não sei bem se é de Jezus...

Ao fim da minha longa vida, eu confundo muito, e não pósso assegurar-vos se o que vos vou contar é de Jezus ou de um escravo grêgo a quem chamávão Esôpo.

E' sempre a mêsma a vós dos bons quér êles sejão deuzes ou escrávos.

Não estranheis que vos fále em deuzes quem tem passádo a vida em preoccupaçõis tão divérsas, na lida da sciencia, não estranheis que vos fále em relijião quem pássa, justamente, por avêsso a todos os preconceitos.

Não sei se o que vou contar-vos é de Deus ou do escravo, mas aparéce-me agóra como do Cristo, na lembrança de relijião do amôr que me ensinou minha mãi.

Ia o Cristo por um caminho estreito.

As sébes floridas afagávão-lhe o rôsto, na caricia léve em que as trazia o vênto perfumádo da primavéra.

Falávão os apóstolos da inutilidade dos seus esfórços: tão poucos e tantos e tão poderózos os contrários!

E Cristo, sem dar palávra, ia cortando das sébes astes pequeninas que limpáva de flôres e fôlhas nóvas.

Por fim, quando os apóstolos se calárão, Cristo saiu do dôce alheamento em que andáva sempre sôbre a terra, e estendêndo uma aste ao mais nôvo disse-lhe: vê se és capás de a partir.

S. João partiu o raminho a sorrir.

Voltou-se então para S. Pedro e estendendo lhe as outras, que reunira num feixe, disse-lhe: parte éssas sem as separar!...

E debalde S. Pedro torceu os musculos, o feixe ficou inteiro.

Sêde bem unidos, concluiu Christo, e triunfareis.

Já vêdes, senhôres, que é bem velho o santo principio da união das classes, que fás a garantia do progrésso da umanidade.

Éra muito antigo, mas a umanidade esquéceu-o.

E são os esfórços dos frácos e dos umildes que o fizérão revivêr.

É dos pequênos esfórços que se levanta a óbra grande.

Da umilhação da éra que começa virá a glória do futuro triunfante.

Senhôres

Deixai-me contar-vos...

Perdoai: eu sou um vélho que já não sabe senão contar istórias.

Tenho passádo a vida como os pedintes; chego ao fim da vida com a sacóla cheia.

Na estrada longa, em que tenho andado, tenho batido a muita porta.

Em poucas cázas me tem deixado entrar, mas tôdos me tem dado alguma coiza: no mundo dão esmóla, mesmo aquêles a quem o não péde o coração, para não fazer falar os outros.

De todos tenho recebido alguma coiza: trago a sacóla cheia.

Na vida, que me tornou amarga o ódio e a ingratidão, eu aprendi o que só ensina o sofrimento; eu aprendi a amar.

Tenho a sacóla cheia, para todos tenho a palavra que abranda o sofrimento, tenho cheio o coração.

Deixai-me tirar dêle uma parábola e esta pósso dizer-vos que é de Cristo.

Era pela manhã cedo; Cristo caminhava apressado, porque aquêle dia seria sem descanço.

No silencio dos apóstolos, soou de repente, numa jura, a vós de S. Pedro que ia á frente de todos, e, quando Cristo lhe perguntava o que éra, respondia: a ferradúra dum asno! e atiráva para lonje um bocádo de ferro, sem fórma, ruido pelo tempo.

Cristo debruçou-se sobre o chão e apanhou a ferradúra, limpando-a ao seu manto.

S. Pedro resmungou, encolhendo os ombros.

Na terra, que tinhão de atravessar. Cristo vendeu a ferradura e comprou cerejas que escondeu numa dóbra do seu manto.

Levantou-se o sol, os apóstolos continuávão caminhando.

Apertou o calôr; S. Pedro, o mais impaciente, começou a queixar-se.

Cristo tirou da abáda duas das cerejas que leváva escondidas e deixou-as cair com uma benção.

Ao vê-las caír no chão, S. Pedro baixou-se e apanhou-as para matar a sêde.

Continuárão andando. S. Pedro continuava queixando-se, e, a cada queixa, Cristo deixava caír sôbre a terra algumas cerejas que S. Pedro apanháva, bemdizendo o milagre.

Era o calôr sufocante.

Da area, levantava-se o sol a ardêr, e a cidade distante oscilava na tremulação quente do ar, deixando a todos na duvida de que fôsse a iluzão duma mirájem.

S. Pedro sentou se sobre uma pedra a escaldar e disse que não podia andar mais.

Cristo parou e deixou caír da abáda as cerejas todas.

S. Pedro debruçou-se sobre o chão e começou comendo ávidamente.

No fim ergueu-se, com uma fôrça nóva e ia já andando, quando se lembrou de que não agradecêra a Cristo.

Voltou-se, e Cristo, abençoando-o, disse-lhe a sorrir: Vês Pedro, se te tivesses baixado uma vês só para apanhar a ferradúra, poderias ter comprado as cerejas como eu, e não terias de te abaixar com umilhação, tantas vêzes, sobre a terra do caminho.

Assim é, senhôres, por nos querermos poupar a pequenos esfórços no principio da vida, por não nos baixarmos por orgulho, andamos depois a vida inteira a curvar-nos com umilhação, e procuramos justificar-nos com dizermos que temos necessidade de comêr!

Não desprezeis os esfórços por umildes, êles vos poderão poupar a umilhação da vida inteira.

Senhôres

Desculpai-me o ter abuzado tanto das vossas atenções.

Não sei falar, tenho sempre bem pouco para dizer, e, se aquêles que tendes sempre na vossa estima e no vosso respeito, me trazem consigo quando os chamais, não é pelo meu saber, nem porque lhes possa angariar a simpatia para a cauza que defendem.

Não! Trazem-me; porque eu sou como os rochêdos abandonados, em que nem a urze médra; mas que dão um encanto nôvo á vós potente do mar.

E eu venho sempre contente, porque, por experiencia da minha longa vida, sei já que, ao pé das multidões, me encho de uma enerjia nóva.

Ao pé de vós, nas vossas alegrias, como nas vóssas dôres, o meu ser fraco vibra todo das aspirações da vossa vida fórte.

Como os rochedos das praias dezértas, que tirão do rúde bramir das ondas o encanto da vós armonióza do mar...

Quantas vêzes não andamos nós á beira mar a querer entender a vós que se levanta das ondas.

Mal élas se formão ao lonje, páréce-nos ouvir uma vós que óra fala d'amôr, ora se ergue em cóleras, e que por vêzes nos fás olhar anciados, como se nos gritásse por socôrro alguem que esteja para morrêr afogádo.

Aproxima-se a onda, a vós do Mar torna se mais clara; mas quando julgamos que vamos ouvi-la bem, a onda québra e aquéla vós mórre num jemido, abafado nos beijos do murmurar da onda que recólhe.

Assim andamos sem a compreêndêr, muito tempo; até que um dia, o acázo do caminhar nos léva ao pé dum rochêdo desconhecido e abandonádo que o mar roeu de muito lutar com êle, e ficão-nos os ouvidos prêzos da vós encantada com que nêle sôa o éco tão confuzo do falár aspero do mar.

Eu chêgo ao fim da vida como êsses rochêdos aridos e abandonádos, só conhecidos dos que andão lonje dos caminhos em que tôdos pássão a rir e a folgar.

Estou bem lonje já do meio do caminho da vida, vêjo formáda já a onda que á de levar-me, mas mórro contênte porque eu sinto que tôdo o meu sêr vibrará da vóssa vida, e que, até ao meu ultimo momênto, até ao fim, a minha vós se á de levantar, sem eu querêr, no grito que condênsa tôdas as vossas aspiraçõis e que os outros não ouvem no vósso tumultuar revôlto, e mórro contênte, porque sei que até ao ultimo momênto a vóssa vós fórte me fará gritar, como agóra, por um impulso de tôdo o meu sêr, que não pósso reprimir nem escondêr, o que anunciais, sem os outros entendêrem, o triunfo próximo da democracia!...

Disse.

Serenada a manifestação de benévolo acolhimento que tivérão as palavras do sr. dr. Teixeira de Carvalho, levantou-se o sr. dr. Bernardino Machado que falou na mais elegante simplicidade referindo-se com louvôres calorózos á fésta.

Depois de agradecêr as deferencias que lhe fôrão dispensadas, acentuou o carater altruista, verdadeiramente relijiôzo, da associação que em tão luzida festa cívica se inaugurava, sôb os olháres benévolos das senhôras, sempre prontos a animar e a aplaudir as ações nobres e jenerózas.

O partido liberal e democrático, a massa trabalhadôra que fundamentalmente o constitue, atésta por as suas iniciativas valorózas, quanto é capás de tôdas as mortificaçõis e sacrificios, não egoistamente, sectariamente, para se salvar a si, mas, umanamente para salvar os outros. A sua relijião é uma relijião de vida e de amôr.

Se á ainda reacionários fanáticos que intentão, restaurando ominózos tempos, acendêr fogueiras para nelas lançar os liberáis, por êles, culpados de crezia, nós liberáis devêmos dar pelo contrário, em tôda a parte, o exemplo de que sômos capázes de afrontar os maiores perigos associando-nos, organizando-nos mêsmo em corporações como aquela de bombeiros voluntários para nos lançarmos, se tanto fôr precizo, ao meio dos incendios e arrancármos ás suas chamas amigos ou inimigos, sêja quem fôr, tenhão ou não as nossas opiniões e as nossas crenças.

E é, lutando contra o mal na naturêza, que nos disciplinarêmos e irêmos, aguerrindo para lutar contra o mal na sociedade, os vicios, a corrução, a tirania.

Os que um dia, em breve, manejarem destramente o machado e a agulhêta da mangueira para dominarem o fôgo estarão no dia seguinte, aptos para empunharem uma espada e apontarem uma espingarda em defêza da familia e da pátria contra os inimigos externos ou internos.

Não era ocazião para desdobrar o quadro dos sofrimentos e vexames que atribulão a alma nacional. O dia era de radiózas esperanças. Via-se ali quanto se póde confiar no futuro, graças ao esfôrço e abnegação do nosso bom pôvo trabalhadôr.

O cô·po de bombeiros voluntários da Louzã, nos exercicios a que ia entregar-se, nos átos de eroismo, que certamente avia de praticar, quando os seus patricios necessitassem de apelar para o seu auxilio, o que, mais que tudo, fortificaria, era o seu coração. Pelo aumento pois de cordealidades que os seus benemeritos membros trarião áquela tão simpática povoação, êle os cumprimentava, e especialmente ao seu incansavel prezidente o sr. dr. Bernardino Padilha.

O sr. Carlos Sacadura fechou a sessão agradecendo em seu nôme e no de tôdos os louzanenses a onra que o sr. dr. Bernardino Machado lhes déra aceitando o convite que lhe avião feito.

Evacuou se então o teatro, no meio dos vivas, e a multidão foi inaugurar a caza da Associação.

*

No teátro ouve a seguir um profuzo e delicado cópo de água.

O primeiro brinde foi levantado pelo sr. dr. Bernardino Machado a Bernardino Padilha e seus colégas, ás autoridádes locáis e aos dignos reprezentantes ali prezentes, dos diversos partidos politicos, que tão simpáticamente tinhão compreendido o alcance da nova instituição.

Trocárão se depois os brindes de maior cordealidade entre todos, com referencias elojiózas ao nucleo republicano, que agora começa a sua vida politica na Louzã.

O sr. conselheiro Bernardino Machado fês vótos porque o nosso partido républicano na Louzã fôsse o que êle sempre mais dezeja ser na sociedade portuguêza, um centro de atração de forças, e de dedicações de todos os que pugnão pelo bem da nossa querida pátria.

Foi um bélo dia, que se é de muita alegria para o sr. dr. Bernardino Machado e para os seus amigos que, dia a dia, verifição o prestijio do ilustre caudilho républicano, não o déve ser menos para o sr. Bernardino Padilha que viu inaugurada com tanto brilho a óbra que lhe déve tantas canceiras e cuidados.

Com aquêle fino tácto que paréce marcar o auje da eloquência de s. ex.ª reverendissima, o sr. bispo de Coimbra e conde de Arganil, senhôr de Coja e Alcaide mór de Avô, fês um discurso monumental sobre a deficiencia das congruas.

Deus fê lo grande no corpo. Os ómens fizérão-no grande nas onrarias.

Ele fês-se grande no discurso grande...

E' um discurso istórico.

S. ex.ª ofereceu o seu vóto para a chefatura do sr. Jozé de Alpoim!...

O sr. Alpoim agradeceu e fês o elojio do sr. bispo conde.

Foi o contácto politico de duas grandêzas.

Tinha o quér que fôsse duma cêna preistórica.

O sr. bispo conde foi térno, sem brandura.

Mostrou-se senhôr de Coja, com alguma coiza da ameaça como alcaide mór que é de Avô·

Com o talênto litérario de que dão sobejas próvas os seus discursos, em que tão onrózamente figúra o que recitou no Bussaco por ocazião das manóbras, o sr. bispo conde traçou o quadro negro da mizéria dos póbres curas, que andão gordos e anafados pela graça de Deus, e alguns dos quais conséguem dar dinheiro a juros, porque o senhor dos exércitos lhe multiplica as batatas do passal com a mesma maravilha com que multiplicou os pãis e os peixes.

Com a autoridade que lhe dá a sua longa vida politica, o sr. bispo conde sagrou futuro chéfe do partido progressista ao sr. dr. Jozé de Alpoim.

E foi pedindo o aumento da congrua...

Excelênte ómem e excelênte politico.

Por fim ameaçou o govêrno com a cólera dos seus curas que por óra tem sofrido tudo, mas que um dia se poderão levantar contra o govêrno!

Pobre alcaide mór de Avô...

Ofêrta

O sr. Jozé da Rocha Brito oferececeu para o medalheiro da bibliotéca da Universidade varias moedas antigas, nacionais e extranjeiras, de prata e ouro.

Até ao ultimo momênto póde avêr uma surprêza.

Para a camara propôi-se a seguinte lista:

Dr. Marnoco e Souza, *prezidente.*

Vereadores progressistas:

Dr. Silvio Pélico, *vice-prezidente.*

Dr. Pereira Jil, Miguel Braga e Vítor Feitor.

Rejenéradores:

Francisco Vieira de Carvalho, João António da Cunha, Serafim Gomes Ferreira e dr. Jozé Falcão Ribeiro ! !

E' êste o esforço maximo da ligação de dois partidos monarquicos.

Foi necessario reunirem-se para constituir ésta lista em que poucos nomes á de jente de valor.

Ao que chegárão os partidos monarquicos...

PENITENCIARIAS

(Conclusão)

Se o ómem, compelido por motivos de ordem moral e de ordem economica, não tivésse de viver em sociedade, e não dependêsse désta como a parte do seu todo, sêr-lhe-ia suficiente a virtude para satisfação da sua moralidade. Ao ómem, porém, já pela necessidade de cambiar afétos, produzindo-se a simpática e mutua corrente de sentimentos: já pela enormidade da luta que êle, abandonado a si, teria de sustentar com os elementos, em que careceria de pujantes faculdades para simplesmente se manter, é-lhe forçôzo aliar-se com os seus semelhantes; conjugar com êles seus esforços, compartilhar as suas dôres e fruir em comum os prazêres para com a maxima probabilidade d'exito conseguir o seu fim:—viver felis e constituir um élo ferás entre os antepassados e os vindouros.

Ora em sociedade não é bastante que em nosso intimo reconheçâmos a conveniencia de nossos actos com a propria regra. Exije-se-nos que dêmos satisfação aos outros membros da comunidade do *quantum* de onestidade em nós cabe: — carecemos de ser onrados daquéla vaga qualidade que se chama onradês.

E onradês e virtude não são a mesma couza. A virtude reconhecemo-la nós, a onradês tem de ser afirmada pelos outros.

Se praticamos o bem, apezar de tudo e com intenções puras, sômos virtuózos, se esta virtude nos é reconhecida pelos nossos semelhantes, áparte mesmo as nossas intenções, sômos onrados.

Mas a opinião nem sempre espera pela análize de nossos átos para á vista dêles nos julgar. Guia-se, a maior parte das vêzes, para proferir o seu temivel *veredictum* por uma simples aparencia — por um áto anteriôr que nos fôra imputado e que não praticáramos, ou que praticado já sôbre êle reflétimos o suficiente para nos conduzirmos de modo diverso.

A opinião julga-se abilitáda a rotular moralmente um ómem logo que de posse de improba tradição a respeito dêste.

Parece que aquêla fráze do Bispo d'Hipona — *«pelo pecádo o ómem tornou-se em maná de perdição»* se inoculou em todos os cerebros e cristalizou em substráto de convicção, de fórma que na avaliação dum caráter se parte sempre, ou quazi sempre, da ipóteze de que seja um mau!

Uma vês impressa a nota d infamia num ómem, êste está perdido. Outros que vênhão júlgão-se dispensados de investigar os factos anteriôres determinantes de tal *veredictum*.

Como é para o mal, assinão de crus.

E todavia é bem dificil esquadrinhar as notas que constituem um caráter.

A onradês da pobre vitima é uma coiza tristemente afundada e irremediavelmente talvês. De nada lhe valerá a mais inconcussa onestidade. Os que com êle trátão não a vêem, e se a vêem, como são lojicos e é impossivel a coezistencia no mesmo individuo de onestidade e dezonestidade, concluem lejitimamente que o mesquinho tambem é ipócrita!

Eis como uma consciencia se pode submerjir.

A dignidade é mola cuja elasticidade tem limites.

Não é em vão que as nossas rétas intenções são desvirtuadas uma e outra vês.

Assim como o ingrato nordeste, precipitando-se jelado sobre os pomáres floridos, lhes emurchéce as tenras florinhas, esvaindo-se a esperança dos apetitórios frutos, assim a calúnia invadindo a purêza duma alma lhe vai fanar as mais elevadas faculdades e com estas a efétuação de átos jenerózos.

E a calúnia não consiste só na imputação doutros que se não praticárão. E' sim tambem a exajeração da maldade do que se fês, é o conceito de que perdura no espirito ao ajente a propensão a fazer o que uma vês cometeu, ou era capás de cometêr, e de cujo estado de alma já se lhe operou a rejeneração.

«Na própria térra ninguem é profêta» é prolóquio popular e mui verdadeiro: A razão é porque os patricios em vês de ponderar a moralidade de cada um pela qualidade d'átos que efétúa, estabelecem primeiro um juizo bazeado em coizas passadas sem escôlho nem critério, e depois não avalião o ómem pelos átos, senão os átos pelo ómem.

Terá o penitenciário que recear sossobrar em tão nefasto baixio? Aqui providenciou a lei que evita que os recluzos se conhêção mutuamente e isso é bem. O penitenciário não terá mais do que ir vivêr para térra onde antes não fôsse conhecido. — Seria assim...

Mas á sua frente vái um pregoeiro clamando o seu nôme, estadeando-lhe o crime que lhe fôra imputado, aprezentando-o á sociedade como um ómem que vem da penitenciária que para a opinião pública equivále o cárcere.

Este pregoeiro é a imprensa periódica — essa colossal alavanca que umas vêzes se eléva a fuljentissima estrêla de progrésso, propulsôra de todas as liberdades, para outras descambár em vorájem onde se submérjem carateres.

E assuntos não fáltão, empolgantes, atraêntes.

Eu levanto, pois, a minha vós, indignádo com esse procedimento, leviano nas intenções, mas funésto nas consequencias, da imprensa em patentear todo o passado, tristemente memorável, dum ómem que talvês esteja rejenerado, mas cuja onestidáde perecerá perante o *passaporte amarélo* que éla lhe concéde. E, quando não procêda por um módo pozitivo, ao menos, poderá cooperar com o seu silencio na elevação de muitos caratéres a quem os preconceitos alheios, mais do que os próprios vicios, degradárem para as ínfimas raias da dignidade umâna.

Coímbra, 24 de outubro de 1904.

Flóro Enriques.

GABÕES D'AVEIRO

Machado — Alfaiate

R. da Sophia, 58 a 62

COIMBRA

A tinta de escrevêr póde matar?

Dis a êste respeito *L'illustration*:

A' tres ânos, um jornal médico suisso lançava uma cérta comoção no publico, fazendo-lhe sabêr que, segundo as experiencias que acabávão de se realizar, a tinta dos tinteiros descobertos — como é a dos estudantes e das pessôas que tem de escrevêr muita vês — contem uma quantidade consideravel de báctérias patojénicas e que, assim, as pessoas — sobretudo as crianças — que tem o máu ábito de levar a pena á bôca, para a enxugar ou limpar, ou ainda o de lamber as nódoas de tinta para limpar o papel em que cáem, se arriscão a envenenar-se introduzindo nas vias dijestivas microbios maléficos. A tinta parecia pois constituir um perigo publico, atendendo á falta da limpéza abitual nas crianças. E' na verdadd tão perigóza? Tal é a pergunta que fês a si mesmo B. Heymann, de Breslau.

Heymann começóu por observar a compozição jerál das tintas, e isso começou por o socegar: é na verdade muito pouco propria para servir de liquido de cultura a micróbios,

Depois estudou a flóra microbiana da tinta. E, ainda neste ponto, tève a satisfação de demonstrar que é muito restricta e consiste unicamente em alguns bolóres banais.

Por fim, quis vêr se os micróbios pódem viver na tinta, e introduzindo culturas dêles no liquido incriminado, procurou qual éra a sua sórte. E' simplesmente deploravel; para êles, não para nós.

Porque a tinta se mostrou bactericida, máta os micróbios, em lugar de os fazer viver.

Os spóros do *penicillium* morrem no fim de dôze óras de banho; as bactérias patojéneas morrem mais depréssa ainda, ao cabo de uma óra.

Não á micróbios que rezistão a um banho de tinta.

Não póde por isso éla constituir um perigo publico.

E a concluzão a tirar é que, se convem por limpéza que as crianças não lambão os pingos da tinta, não mêtão as pênas na bôca, a sua saúde não tem nada a sofrêr em tal pratica. A tinta não introduzirá nos sens córpos nenhum jérmen infeciôzo, ou se o introduzir será sob a forma de cadaveres inofensivos.

E' necessario ser limpo por simples amôr da limpêza e não por mêdo da mórte.

Carta do Rio de Janeiro

17—X—904.

Mandadas celebrar pelo conselheiro sr. Camêlo Lampreia, nosso ministro aqui, realizárão-se no dia 12, pelas 10 óras da manhã na matris da Candelaria, nesta cidade, com a assistencia do que á de mais distinto no comércio, nas finanças e na administração pública desta capital, as exéquias dos nossos soldádos assassinados na emboscada preparada pelo jentio do sul de Angola. Os jornáis desta capital referem-se tôdos a êste ato que foi dos mais imponentes que se tem realizádo nos templos brazileiros, achando-se a igrêja ampla, repleta dos que chorávão a pátria ferida.

Durante a cerimónia tocou no côro a banda do côrpo de marinheiros.

Na lista das pesseas prezentes á cerimónia, entre centenares de nômes, nótão-se os seguintes:

Conselgeiro C. Lampreia e senhôra; dr. A. Penna, vice prezidente da República; almirante Julio de Noro, ministro da marinha; comendadôr Palma, consul jeral dos Paizes Baixos; dr. Albérto Fialho, ministro do Brazil em Portugal; comissôis do Monte-pio dos empregados das repartições do govêrno português; Liceu literário português; Real Associação beneficiente dos artistas portuguêzes; Real A B Condes de Matozinhos S. Cosmedo Valle; deputado Oliveira Figueirêdo; reprezentantes do Banco união do comércio e Companhia de seguros «Mercurio»; Dirétoria do gabinête português de leitura e comissão do Centro beneficente da colónia portuguêza.

*

Continúa sendo o assunto de tôdos as convérsas o revés sofrido por Portugal; os jornáis são arrebatados das mãos dos vendedôres por tôdos os que se interéssão pela pátria portuguêza, ávidos de lêrem os telegramas enviados de Lisbôa pelos correspondentes dos jornáis.

O *Portugal Moderno* em seu numero de 8 do corrente, fês um apêlo á colónia portuguêza, nesta cidade, solicitando o seu auxílio em favôr das familias dezamparadas dos nossos soldados mórtos pela Patria; e agora acaba de distribuir umas listas por diversas cázas comerciáis, e sociedades portuguêzas, para angariar donativos para tão levantado quanto simpático fim.

P. V. Trindade.

Avizo

A comissão iniciadôra do encerramento das barbearias aos domingos, participa aos ex.mos freguêzes que foi rezolvido de comum acordo com os dignos proprietarios dos referidos estabelecimentos, a encerrárem-se todos os domingos, ás 3 óras da tarde, a principiar no dia 13 do corrente.

Coimbra, 3 de novembro de 1904.

Acaba de saír:

PÃO NÓSSO

ou

Leitúras Elementáres e Enciclopédicas

por TRINDADE COELHO

Um vol. de mais de 500 pájinas, adornádo de inúmeras e admiráveis estampas, em ótimo papel, contendo nocões elementáres sobre variádos ramos de conhecimento, e o rezumo de todas as disciplinas que se estúdão na escóla primária. E o livro *post escolar* por excelencia, indispensável a todos, por ser formádo daquéla série de conhecimentos, que é imperdoável — vergonhôzo até! — não possuir.

Preço... BROCHADO... 500 réis; CARTONADO. 600 »

Do mesmo autor:

PARA AS CRIANÇAS

A B C do Povo, para aprendêr a lêr brochado. 50
O Primeiro Livro de Leitura cart. 150
O Segundo Livro de Leit ra » 250
O Terceiro Livro de Leitura » 350

Todos estes livros, editorádos em Paris, são preciózas lições de coizas, ilustradas com admiráveis gravuras.

LIVRARÍA AILÁUD

Rua do Ouro, 242 1.º

LISBOA

E em todas as livrarias.

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

ORARIO

(Desde 6 de novembro de 1904)

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

Partidas

Do largo das Ameias		Da rua Infante D. Augusto	
8h 30m	manhã	9h	manhã
9	»	9 ,30	»
9 ,30	»	10	»
10	»	10 ,30	»
10 ,30	»	11	»
11	»	11 ,30	»
11 ,30	»	12	»
12	»	12 ,30	tarde
12 ,30	tarde	1	»
1	»	1 ,30	»
1 ,30	»	2	»
2	»	2 ,30	»
2 ,30	»	3	»
3	»	3 ,30	»
3 ,30	»	4	»
4	»	4 ,30	»
4 ,30	»	5	»
5	»	5 ,30	»
5 ,30	»	6	»
6	»	6 ,30	»
6 ,30	»	7	»
7	»	7 ,30	»
7 ,30	»	8	noite
8	noite	8 ,30	»
8 ,30	»	9	»
9	»	9 ,30	»

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Do largo das Ameias		Da estação *B*
3h, 8m	manhã	Depois da chegada dos comboios excepto nos rapidos em que as partidas são logo depois das d'estes.
5 ,51	»	
8 ,13	»	
2 ,30	tarde	
3 ,45	»	
5 ,50	»	
6 ,15	»	
6 ,35	»	
7 ,50	»	
11 ,17	noite	

Aos domingos e dias santificados são suprimidas as carreiras das 9 e 10 horas das manhã, das Ameias, e das 9,30 e 10,30 da rua do infante D. Augusto.

Nos dias santificados e nas vesperas de feriado são prolongadas as carreiras até ás 10 horas da noite.

PREÇOS DAS PASAGENS ENTRE OS DIFFENTES PONTOS

Estação *B* dos Caminhos de ferro a Rua do Infante D. Augusto (Universidade) — 80 réis.

Estação *B* dos Caminhos de ferro ao Largo das Ameias ou Mercado (Manutenção Militar) — 50 réis.

Largo das Ameias ou Casa do Sal (Choupal) á Rua do Infante D. Augusto (Universidade) — 40 réis.

Casa do Sal (Choupal) as Ameias — 40 réis.

Largo das Ameias, Casa do Sal (Choupal) ao Largo de D. Luiz — 40 réis.

Gazometro á Estação *B* dos Caminhos de ferro — 40 réis.

Largo das Ameias, Casa do Sal (Choupal) ou Infante D. Augusto (Universidade) ao Mercado (Manutenção Militar) — 30 réis.

Largo de D. Carlos (Ferreira Borges) ou Gazometro ao Largo de D. Luiz — 30 réis

Gazometro ao Largo das Ameias — 30 réis.

Casa do Sal (Choupal) á Estação *B* — 30 reis.

Gazometro ao Largo de D. Carlos (Ferreira Borges) — 20 reis.

Gazometro ou Largo de D. Carlos ao Mercado (Manutenção Militar) — 20 réis.

Gazometro á Casa do Sal (Choupal) — 20 réis.

Praça 8 de Maio (Samsão) ás Ameias — 20 réis.

Arcos do Jardim á Rua Infante D. Augusto (Universidade) — 20 réis.

CORES DOS FAROIS

Verde, indica a Alta; *vermelho*, estação *B*; *branco*, Casa do Sal; *amarello escuro*, reservado.

ANUNCIOS

Bolacha Bernardino Machado

A *Fábrica Progrésso* de bolachas e biscoitos, na rua da Moeda, acába de expôr á venda uma nova marca de bolacha em Omenajem ao Conselheiro Bernardino Machado.

Esta nova marca de bolacha encontra-se á venda em todas as mercearias d'esta cidade.

Joaquim Miranda & Filho.

CARVÃO DE KÓQUE

Vende-se ao fundo do Bêco do Castilho, cuja cáza tambem tem entrada pelo antigo Quintal do Prior, ao prêço de 150 réis cada 15 kilos.

Póde sêr partido no local da venda onde existem os instrumentos necessários para tal fim.

Moveis antigos

Vende-se duas cadeiras de coiro, um contador, uma mezita de custura de pau prêto com pés torneados e uma cama antiga de pau de caixão que pertencêrão ao Convento de Lorvão.

Quem pertendêr póde dirijir-se a Clementina Ribeiro dos Reis, rua do Visconde da Luz; que está encarregada da venda.

Antonio Ferreira Pereira, previne os seus amigos, e freguezes, de que mudou o seu estabelecimento, que estava situado na Avenida Navarro, para a rua de Ferreira Borges n.os 151 e 153.

— Cheviótes inglêzes, o que á de mais modérno.

Machado — Alfaiate

Sofia 58 a 62

Leilão de Penhores

A Cáza Auxiliar de Credito Industrial previne que: desde 15 a 30 de Novembro terá principio o costumado leilão, que durará até ao fim de Dezembro proximo futuro.

O Proprietario,
João Augusto S. Favas.

Impressor

Precisa-se na Typ. França Amado.

FARMACIA ASSIS

SERVIÇO PERMANENTE

Praça do Commercio — Coimbra

Esta caza depois das modificações que acaba de sofrer, é um dos melhores estabelecimentos desta cidade, no seu genero.

O seu propriétario fornecendo-se diretamente das principais fábricas de produtos quimicos e farmaceuticos, tanto nacionaes como estranjeiros; está a pár do dezenvolvimento que a quimica e a terapeutica dia a dia vão experimentando e por isso possue uma colléção variáda das mais modérnas substancias e produtos quimicos.

O aviamento de todo o receituario é feito por pessoal competentemente abilitado, sob a direção do seu administrador.

Esta caza encarrega-se de mandar os medicamentos a caza de seus freguezes, assim como de chamar qualquer dos clinicos desta cidade a toda a óra do dia ou da noute.

Analizes complétas

de urinas, expétoração, sangue, corrimentos ureteráis e vajinais, etc. etc. e bem como análizes d'aguas, vinhos, azietes, terrenos, etc., etc.

Preços absolutamente excécionais

Córtes de colêtes de fantazia, para o invérno, o que á de mais novidáde.

Machado — Alfaiate

Sofia, 58 a 62

DE 3 A 4 CONTOS

Compra-se propriedade rustica ou urbana até êste prêço, desde que seja bem localizada, e tenha bom rendimênto garantido, ou se emprestão sôbre ipotéca bem garantida.

Carta á administração dêste jornal com as iniciais A. B. C.

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600
Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Téte d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saucisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 52

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para fadrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — Rua Ferreira Borges — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómem e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estranjeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanélas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Luz — 103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestações e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONÓGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande coléção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazênão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.os 34 e 35, —Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

DE NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Litiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 reis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias — Publicação semanal

Diretôra: D. Leonor Maldonado

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 1$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada,* a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand Jozé Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

CAZAS PARA ALUGAR

Arrêndão-se do S. Miguel em deante os altos de duas moradas de cazas uma na rua de S. Pedro n.º 10, com frênte para a rua da Trindade, e a outra na rua da Trindade n.º 69.

Quem as pretendêr dirija-se a seu dono Antonio dos Santos Fonseca, rua dos Gatos, n.os 7 a 17.

JARDINEIRO

Manuel caldeira, de 37 annos de edade, de Sernache dos Alhos, ofe-rece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nésta cidáde ou imediações.

Tem longa pratica daquêle serviço, pois estêve durante 16 ânos, efétivo nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr póde procura-lo em Sernache dos Alhos.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

PROGREDI ET PRODESSE

ADEGA REGIONAL DE ENTRE DOURO E LIZ

COIMBRA

Installação provisoria: rua da Sota, n.º 8

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miudo

Tabella de preços de venda a miudo (15 de outubro de 1904)

Marcas	Garrafão de 5 litros	Garrafa de litro	Garrafa bordaleza
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	550	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — *Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.*

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12 — Rua da Moeda — 14

N.º 952 | COIMBRA — Quinta-feira, 10 de novembro de 1904 | 10.º ANO

REORGANIZAÇÃO

Vemos com entuziasmo levantar-se uma vida nóva no partido républicano português.

O facto é tanto mais para sentir e louvar que não á actualmente motivo extraordinário que, impulsionando a nossa atividáde irreflétida de portuguêzes, póssa levar a admitir nêste movimento uma duração bréve e fugás.

Nada apareceu de anormal na politica portuguêza.

A um ministerio corrúto séguese outro ministerio que está estadeando já a norma de corrução em que tenta viver.

A exploradôres eméritos seguirão-se exploradôres de manhas conhecidas.

As distinçôis dão-se nos ómens do partido partido progressista como nos do partido rejenérador pela força de corrução.

Para sucessôr do sr. Jozé Luciano indica-se já aquêle que pelo seu talento e vaidade, pela dissipação e pelo orgulho, á de ser o exemplo alto da corrução com que se sustenta a monarquia em Portugal.

O movimento do partido républicano não corresponde a uma crize nóva da monarquia, déve por isso ser considerado como manifestação de força da vida propria do partido.

Por isso nos alegra.

A' frente estão os nóvos, e os mais vélhos acorrêrão á primeira chamada, cheios do entuziasmo antigo vendo a jeneróza iniciativa dos nóvos com o enternecimento que só dá a experiencia duma vida longa e amárga de desgostos e deziluzôis.

E' assim um movimento colétivo de todas as forças do partido républicano, não o movimento irreflétido e perigôzo dum grupo indisciplinado, que trabalha por necessidade de revólta.

E' um trabalho de reorganização que quer ser serêno e que os seus promotores pozérão com aplauzos de todo o partido lonje das preocupaçôis da vida corrente.

Não é um movimento de vaidózos; prova-o o cuidado com que apenas dão á imprensa as nótas das suas decizôis sem os reclames das discussôis muito pormenorizadas no cuidado esteril de fortalecer vaidades, de lizonjear orgúlhos.

Os que se aprezentão prontos a combater e pedindo apenas a ordem do combate, fúrtão os seus nomes ao reconhecimento popular com o mesmo cuidado com que iniciárão os seus trabalhos, modéstamente, no interesse da pátria, lonje da luta de corrução e de encarniçamento ferós em que definhão os outros partidos politicos do nosso país.

O partido republicano português afirma assim a sua vida que para muitos é desconéxa, e tem sido inútil para a evolução das ideias politicas em Portugal.

Errádamente anda quem tal julga e afirma.

Não á partido politico a quem a nação mais dêva.

Foi o trabalho dos que nos precedêrão que está dando os frútos que agóra cólhe o nósso partido.

Ao seu trabalho deve Portugal o que não tinha — uma opinião républicana.

A républica não foi já mais de uma vês um facto por não aver no país opinião republicana.

Oje á em Portugal não só republicanos combatentes, mas uma opinião republicana.

E só quem conhéce bem quão fundo tenha lavrado a corrúção monárquica, desnaturando os fáctos, perseguindo os ómens de mais alevantado patriotismo, póde compreender bem o esforço enórme que esse trabalho de propaganda reprezenta num país em que a máxima parte da população não sabe ler.

Abuzando do patriotismo do nosso pôvo ignorante a monarquía creou o orrôr e o ódio contra as ideias que os espiritos mais cultos tentávão importar de França.

E os patriótas fôrão perseguidos em nome da relijião, inutilizando o esfórços dos que trabalhávão por livrar o seu país do júgo deprimente da monarquía e das congregaçôis relijiózas.

Durante a invazão franceza e depois déla, a monarquía, falando em nome do patriotismo perseguiu ferósmente os que só trabalhávão para o resurjimento da pátria.

Ser republicano, ser liberal, era odiar a pátria era trabalhar d'acordo com o inimigo da ráça.

Quando a instrução tornou inútil a arma, a monarquia não mudou de procésso.

Foi ainda em nome do patriotismo que falou ao povo.

Os republicanos portuguezes érão para os partidos monárquicos um grupo de exaltados prontos a vender a sua pátria á Espanha contanto que triunfássem ideias perigózas para o país.

E quando esta arma dezapareceu deante do progrésso da instrução, os republicanos portuguêzes fôrão indijitados pelos monárquicos como perigózos para a segurança pública.

E em nome do bem comum, fês-se a ominóza lei de 13 de Fevereiro, que só aos républicanos vizáva.

Um partido que tem podido vencer odios quazi irredutiveis e que trabalha ôje serenamente para o bem da sua pátria é um partido fórte.

A sua atitúde onra.

Temos justo orgulho em o escrevêr.

Os agrómonos distritais recebêrão ordem para ajudárem os serviços da fiscalização de vinhos e azeites.

No sul de Angola

Sobre a futura expedição dos cuanhamas, o sr. majór Eduardo Costa, publicou uma carta em que fás as seguintes declaraçôis:

«Cumpre-me dizer que eu só me ocuparei da nova expedição, no cázo de ser nomeádo seu comandante e, ao mesmo tempo, governador «autonomo» dos distritos reunidos, em Huilla e Mossamedes, condição ésta que o governo não aceita, por motivos que não conhecêmos — mas que respeito — embóra esteja pronto a demonstrar que semelhante condição se não filiáva em questôis de simples orgulho ou de pessoal dignidade, mas sim no conhecimento experiente das exijencias do assunto.

Por ultimo, permitir-me-á V. que observe ainda o fácto de á mais de 20 dias andar a imprensa do país a ocupar-se da minha insignificante pessoa, em termos que muito me penhórão e que reconhecidamente agradêço, mas, ao mesmo tempo, com uma insistencia que me aflije, porque, óra préstão aos srs. ministros, passados e prezentes, intensôis — que nunca tivérão — de me empregar em altos cargos, óra me atribuem propózitos — nunca avidos — de aceitar poziçôis que se não coadunão com os logares que tenho dezempenhado em Africa, se não com aprazimento de todos, ao menos com o louvor de muitos.

Declaro, pois, que assim como nada tive com a anterior expedição, nada terei, tambem, com a que se organizar depois.»

Chegárão pelo ultimo paquete algumas noticias de Mossamedes e Loanda, sobre o dezastre de Cuamato, mas parece que o relatório oficial só chegará no dia 11.

Das correspondencias chegadas vamos extratár algumas noticias:

E' ponto assênte que o dezástre se deu no dia 25 de setembro, numa fôrça compósta de 2 pelotôis de dragôis, 1 companhia de infantaria europeia e 2 peças d'artilharia com 255 europeus e 63 solipedes e 4 poletôis indijenas com 244 praças, que comandada pelo capitão de artilheria Pinto de Almeida fazia um reconhecimento ofensivo.

O dezastre custou as duas peças de artilharia, solipedes, 16 oficiais, 12 sarjentos, 97 praças brancas e 145 indijenas.

Acompanhávão o reconhecimento 10 oficiais dos quais escapárão 3 sendo um ferido.

Diz se que a fôrça em reconhecimento avançou para a frente do grosso da colúna cêrca de 12 kilómetros.

Escréve um correspondente que depois de passádo o Cunéne, na márcha de avanço, o comandante de coluna propôs o adiamento das operaçôis para maio!

O dezastre foi devido não á falta de muniçôis como a principio se disse, mas sim a um atáque mais impetuózo dos Cuamatas ao qual os nossos soldádos indijenas, não podérão rezistir, e cedêndo, estabelecêrão a dezórdem, não podêndo ser novamente organizáda a rezistencia pelas fôrças brancas e algumas indijenas que muito rezistirão sendo, então, inevitavel o dezastre.

As fôrças escapádas fôrão depois chegando ao grôsso da coluna, a qual deixou entrégues á sua sórte as praças e oficiais ferídos ou extraviádos sem lhe prestar o menór socôrro repassando o Cunene e estabelecendo-se a coberto no Humbe! Pois a coluna ainda éra fórte de 1:300 praças!

A noticia do dezastre chegou a Mossamedes no dia 26, onde se achava o governadôr jerál e certamênte este não deixou de a comunicar lógo, para o reino ao ministro da marinha.

Concluindo nós que no dia 28 de setembro, ânos das Majestades e no dia 29, abertura do parlamênto, pelo menos, o rei, o chêfe do govêrno e o ministro da marinha conhecião o dezástre.

Mas aguardêmos as informaçôis oficiais.

O sr. ministro da marinha comunicou á camara dos pares, um telegrâma de Angóla, em que se desmentiu os boatos de uma revolta em Libolo.

Consta mais que o soba grande do Cuanhama, Julo, foi môrto por seu irmão Nane, que é muito contrario a tudo quanto seja branco.

D'aqui a facil ligação dos Cuanhamos com os Cuamatas, o que torna bem mais dificil a missão da futura expedição além do Cunéne.

PARTIDO REPUBLICANO

Com este titulo escreve *O Mundo* o belo artigo que transcrevemos e cujas opiniôis absolutamente perfilhamos.

«Em armonia com as deliberaçôis tomadas, domingo ultimo, na reunião do Centro Eleitoral da rua da Madalena, a que assistirão correligionários de varios pontos do país, vão sêr convidadas as comissôis paroquiais e municipal de Lisboa a comparecerem em nova reunião que deverá efetuár-se brevemente, no mesmo Centro, em dia e óra que serão oportunamente marcados. Trata-se de promover a reorganização do Partido, e nêsse empenho colabórão com alguns dos nossos mais dedicados correligionários de Lisboa, Porto e Coimbra, os membros do Diretório. Será eleita uma comissão de sete membros, sendo três eleitos por Lisboa, três pelo Porto e um por Coimbra, que se entenderá com os córpos eleitos no ultimo congrésso e comissôis paroquiais. Ficárão encarregados de iniciar e dirijir os trabalhos preparatórios para a eleição déssa comissão, por voto exprésso da assembleia de domingo, por Lisboa o dr. Antonio Jozé de Almeida, pelo Porto o dr. Luis Gomes, por Coimbra o dr. Bernardino Machado.

Tambem serão convidadas a fazerem-se reprezentar com as comissôis de Lisboa, as comissôis e grupos républicanos do sul.

A nóta que publicamos foi-nos enviada pela mesa da assembleia jeral, e dispensa comentários. Vamos entrar, decididamente, num periodo de vida nova, numa fáze de trabalho util que se reclamava de toda a parte. O que é precizo é que todos se congréguem no mesmo pensamento, que todos os esfórços convirjão para o mesmo fim, evitando se uma dispersão de enerjias, altamente prejudicial.

Não basta, no momento atual ter boa vontade. E' sobretudo necessário têr bom sênso, e uma firmêza inquebrantavel. Quem não se sentir com fôrças para ir para diante, que se deixe ficar onde está. O momento é decizivo e toda a ezitação é perigoza. A agonia da Patria, infelismente, já não é uma fráze de retórica. O Partido Republicano tem se mostrar unido como um só ómem, e ir para a frente como um eróe. Confiamos absolutamente em que tôdos saberão cumprir o seu devêr. Cada qual tomará o logar que lhe compéte. Todos os onéstos têem o seu pôsto de combate, e todos saberão ocupá lo. Cada um na esféra das suas aptidôis, e todos na plêna consciencia das suas responsabilidades, saberão evitar a catástrofe, á fôrça de civismo de abnegação e de audacia.

Consideremos o passado e tiremos d'ai um estimulo; olhemos o futuro e fixemos ai uma esperança.

«A Universidade e a Nação»

«O sr. Machado, professôr em Coimbra, de quem Morote nos falou em uma das suas interessantes crónicas do ultimo verão, é, sem duvida, um dos maiores e insignes pedagogos da Peninsula Iberica. Omem cultissimo, espirito fino, e, além disto omem de acção, Machado foi um governante de iniciativas fecundas. De vários dos seus livros constão algumas reformas por êle realizadas no Poder, e nas quais não teriamos nós outros pouco que aprendêr.

Mas eu não vou agora falar do labôr politico do sábio professôr português. Móve-me a escrevêr estas linhas um folhêto de poucas pajinas, elegantemente imprésso, e que um dêstes dias chegou ás minhas mãos, dando-me um verdadeiro prazêr a sua leitura.

O titulo é na realidade sujestivo *A Universidade e a Nação*. Formôzo têma para inaugurar cursos não só em Coimbra como em outra qualquer parte.

A Universidade e a Nação, intimamente compenetradas, ou antes fundidas uma na outra, influenciando-se mutuamente, ajudando-se, numa palavra, eis como as concebe o professôr português Machado.

Vibrante, cheio de calôr e vida, duma eloquencia sincéra e sã, como a que bróta dum espirito entuziásta e convicto, eloquencia sem retórica, o discurso do sr. Machado, lido no dia 16 de outubro ultimo ao inaugurar os seus trabalhos na Universidade de Coimbra, fás lembrar aquêles discursos á hação alemã do grande Fichte. E oxalá constituisse, como êsses, um formôzo anuncio do resurjimento nacional do vizinho reino!

Mais do que um discurso, a oração de Machado é um *acto* de politica pedagójica, no mais alto, nóbre e patriótico sentido, e além disso, um ácto de nóbre e viril independencia.

O professôr de Coimbra, o antigo ministro, aparéce neste discurso académico, ante a Universidade e ante o país, como um acuzadôr severo dos vicios actuais e como guia esclarecido e serêno na reforma possivel. A' nêle critica e programa, censura e ideal, condenação e orientação clára e fixa.

A reação! A reação politica e pedagójica! Eis o inimigo para Bernardino Machado, como defensôr que é da cultura liberal e progressiva.

Porque éssa reação que máta suave e silenciózamente ás vêzes, não provém, «sómente da fórma de governo mas tambem da fórma de ensino.»

«Ensinar acrescenta, é governar. Pelas ideias se afeiçoam costumes e instituições.

Por isso, quando um povo quer cimentar a integridade da patria, faz o que nós fizemos, implanta nella uma Universidade; e, se intenta firmar sobre outro o seu predominio, procura apoderar-se da sua educação, é como sempre se tem feito.

Assim o comprehendem com plena lucidez a Allemanha, enviando profesores a toda a parte do estrangeiro onde conde uma colonia, e a Suissa, que até para os filhos de estrangeiros domiciliados no seu territorio cria, a expensas suas, escholas.»

«Não seria possivel seguir aqui passo a passo a dissertação do dr. Machado; o seu fundamento capital, como já indicámos, rezume-se na afirmação da estreita relação que déve existir, que necessáriamente existe, entre a Universidade e a Nação, êntre a pátria e a escóla.

Esta relação de intimidade reconhéce-se em muitas manifestaçôis, por exemplo, entre o ensino e a politica. «Do que se necessita é de um bom ensino, — dis êle. — «Desde a escóla se

fázem monarquias ou Republicas. Ensino despótico, governo despótico, e o despotismo, ainda que seja o despotismo maternal do amôr, produs fatalmente o empobrecimento e a ruina das familias e dos Estados.»

E tem além disso tal relação um alcance moral e social muito maior do que á primeira vista paréce. Quantos vicios da vida publica têem a sua rais na cátedra!

«Nem o professor é um pontificie, escréve Machado, nem o discipulo um catechumeno.

Quem, como estudante, andou sempre de rastos, curvando a cada momento a intelligencia, a copiar, decorar e a repetir as idéas e até a palavras do mestre, para acarear as suas boas graças no precario exame final, que admira que, concluido o seu curso de servidão, com um falso diploma que o não habilita para emprehender nada por si, vá engrossar a nossa miseravel turba de pedintes que estendem humildamente a mão a todos os potentados do dia, por mais ignobeis que elles sejam?

Na obediencia passiva ninguem se prepara para as varonis resoluções da vida.

Por mais maravilhoso que seja uma machina pensante, não passa de uma machina: ella precisará sempre de um conductor que a ponha em movimento...

Ser instruido é ser livre...

«O que enaltece os individuos como as nações, é a grandeza de caracter, é o vigor e o rasgo da sua iniciativa, a sua preseverança inquebrantavel...»

Não devemos esquecer que «o liberalismo da eschola cristalliza no discipulo.»

«O discurso do professôr português, pro vêzes rude e fórte, provocou discussão em Portugal, e protéstos iniciados pelo próprio reitôr da Universidade, no acto da inauguração dos cursos universitarios. Numa palavra: fês efeito.

Antes assim; porque, afinal de contas, pôvo que reáje, que sênte o látego, é pôvo que ainda tem vida.»

Adolfo Posada.

Concerto

Óscar da Silva, o insigne compozitor de múzica, realiza no próximo sábado, no salão nóbre do Instituto um grande concerto.

É a primeira vês que tóca em Coimbra, tendo já um nome de compozitor e de executante tanto em Portugal como no estranjeiro.

Óscar da Silva é uma alma rára de artista com todo o virtuozismo dum executante ráro.

O seu concerto será um verdadeiro acontecimento no nosso pequeno meio de elegancia e de árte.

Adolfo Loureiro

Estêve nesta cidade, este ilustre enjenheiro que fás parte de comissão encarregáda de estudar o pôrto de abrigo de Buarcos.

Na sua paasájem rápida por esta cidade o sr. conselheiro Adolfo Loureiro têve mais uma vês ocazião de verificar as simpatias que á muito lhe granjeárão o respeito pela sua intelijencia, a admiração pela sua bondade sempre junto a interessar-se com entuziasmo pelos filhos desta terra.

Com a estiájem que se tem mantido, estão sêcas grande numero de fontes que de longa dáta se não tinhão visto secar.

A fonte publica de Célas secou e os abitantes tem de recorrer á do Azilo dos Cegos que não basta para as necessidades da povoação.

Será escuzado recomendar este assunto ao sr. dr. Silvio Pélico que tem sempre manifestado tanto interésse pelos melhoramentos daquéla pitorêsca povoação em que abita.

E' por isso para crêr que a camara alongará, o pequeno espaço de uma óra que dá ao pôvo para ir abastecer se de água.

Do contrario morrerão á sêde os póvos de Celas tão injustamente qualificados pelo adájio popular que tão mal os tráta a êles e élas.

A não sêr que lhes válha N. Sr.ª da Piedade, que é senhôra de grandes milagres...

Não é bom porém fiar na Virjem.

O melhór é correr para cáza do sr. Silvio Pélico.

GARÇÃO

A' justamente 132 ânos que faleceu em Lisboa o inspirado autôr da *Cantata de Dido*, Pedro Antonio Correia Garção de quem Garrétt disse: — Averá noutros mais fogo, outros ferverão em mais entuziasmo, crearão acazo mais; porém a delicadêza de Garção só tem rival na antiguidade.»

Morreu, e ôje, dia do aniversário da sua morte, ninguem se lembra dêle. Ai dos que morrem!

Pedro Antonio Correia Garção nasceu em Lisboa a 29 de abril de 1724, filho de Filipe Correia da Silva e de Luiza Maria da Vizitação d'Orgier Garção. Cursou umanidades em Lisboa passando em seguida para a faculdade de leis na Universidade que abandonava pouco depois por motivos que ignoramos.

Encontramo lo em 1750 em Lisboa e nêsse ano aí cazou com D. Maria Ana Xavier Fróes Mascarênhas de Sande Salema para cuja cáza, á Fonte Santa, foi rezidir.

Fês parte da Arcadia de Lisboa a partir de 1757 (?) adotando aí o nome e sobrenome pastoris de Coridon Erymantheo.

Na noite de 9 de abril de 1771 foi Garção prêzo em sua caza, á Fonte Santa, «*por virtude de um avizo da secretaria do Reino expedido ao rejedór das justiças.*» V. Inocencio Dic. Vol. VI. paj. 386.

Levado para a cadeia da côrte e pôsto *de segrêdo* aí permaneceu oito mêzes.

A dedicada espôza do desditôzo poeta conseguiu ao fim de alguns mêzes de constantes suplicas que seu marido fôsse mudado para a chamada *sála livre*, mas, como as suplicas conunuassem foi passada ordem de soltura que só chegou á cadeira no momento em que o poeta menos precizão tinha déla.

Chegou no dia 10 de novembro de 1773 e na tarde dêsse dia o poeta expirava.

Inocencio explica do seguinte modo a prizão:

«Defronte da cáza de Garção vivia um intendente de artilharia Macbean, escossês ao serviço de Portugal. Uma filha de Macbean, formóza e elegante segundo a tradição, era cortejada por um tal Avila, amigo de Garção e sua vizita quotidiana. Um dia êste D. Juan pediu a Garção para que êste lhe traduzisse para a linguájem da menina uma carta que tencionava enviar-lhe. Garção acedeu e a carta escrita pelo proprio punho de Garção seguiu o destino que só devia seguir a tua copia.

Nessa carta Avila ou Garção convidava a menina para a fuga, pois já néssa altura éla se encontrava em adeantado estado de gravidês.

E' admiravel o modo como as relaçõis se mantivérão tanto tempo sem que Avila entendesse a linguájem da sua Juliêta.

Esta carta foi ter as mãos de Macbean que indignado *contra Garção* se foi queixar ao marquês de Pombal, Sebastião Jozé de Carvalho e Mélo.»

Eis na opinião de Inocencio o motivo da prizão de Pedro Antonio Correia Garção que tão bem podia apropriar-se o epitafio que Gombervile compôs para si próprio:

Ma naissance fut fort obscure
Et ma mort l'est encore plus!

Coimbra, 10-11-1904.

C. C. Branco.

Lista républicana

A este respeito escréve o *Conimbricense*, as palavras que agradecemos:

Em Coimbra alguns dos nomes da lista républicana obtivérão cerca de 160 vótos, facto tanto mais para admirar, quanto o partido républicano avia deliberádo não ir á urna, reprezentando a lista organizáda á ultima óra apenas o protésto dum grupo de républicanos contra o acordo rotativo. A lista républicana têve a aprovação jeral, e se fôsse conhecida com antecedencia, ou o partido républicano a tivésse aprezentado ao sufrájio dos eleitores do concelho de Coimbra com a devida recomendação e antecedencia, teria com certêza uma importantissima votação.

Curso de Antiguidades Áricas na Universidade de Coimbra

1004-1905

O Budismo

I CONFERENCIA EM 1904-5

Idéa sumária de
O que seja o Budismo

O Budismo é o objéto da conferência êste âno.
Não fazêmos nenhuma referência ao Budismo corrúto da fórma orijinal.
Assunto especial désta conferência,
O Budismo repudía as «óbras (culto externo)» e funda-se no «conhecimênto» filozófico da India, de uns seis séculos antes da nossa éra.
Distingue-se entre «relijião» e filosofia, mas não se definem.
Contradição nas definiçõis dádas por Broglie e por Max Müller e o uzo que êles fizérão da palávra relijião.
S. Tomás de Aquino; Jastrow.
Esclaréce o conferênte o seu módo de vêr. Fôrças criadôras da relijião.
Henoteismo. Concepção de ente-supremo.
Elementos de que se compõi a rejilião. O fatôr dêstes elementos.
Relijião teolójica, relijião filozófica. A moral. Majia. O sôbre-umâno e o sôbre-natural.
Como se póde considerár, na máxima jeneralidade, a relijião filozófica.
O Budismo evolução do Bramanismo por impulso pessoal do fundadôr. Quem êle foi.
Na biografia dêste prepondéra o mito naturalista, mas conhece-se esfôrço individual. Transformação do Bramanismo, relijião particularista de uma casta a favôr da mesma casta, em relijião universal.
Separar para imperar. Unir para salvar. Buda, S. Francisco de Assis. Apostolado búdico, conversos, aderentes; moral búdica. Fórmula da conversão e de assentimento.
Téorias vélhas e efeitos novos.
Os três margas, ou vias bramanicas da salvação. Como o Budismo foi revolucionário.
O Budismo não inquire de Deus, nem da jéneze do Univérso; não conhéce revelação. «Relijio» na idade-média européa; «relijiózos».
Um játaca búdico no qual se móstra a excelência da bôa doutrina de Buda.
Como prégou o Méstre a doutrina. Báze filozófica déla.
Livros em que se prezérva a doutrina do Méstre. Dátão de uns séculos antes da nóssa éra.

Ésta conferencia déve sêr feita ôje no gabinête nóturno de leitura, ás 2 e meia óras da tarde.

O programa jeral do curso nêste âno létivo está afixado no claustro dêsde 12 de outubro.

O sr. comissário de policia mandou afixar um edital declarando que serão mórtos todos os cãis que fôrem encontrados sem açamo a qualquer óra do dia ou da noite.

O motivo désta ordem, que aprovamos, foi o ter sido mordida por um cão danado uma rapariga, que partiu para Lisboa para sêr tratada pelo méto do de Pasteur.

A êste propózito diremos o que, mais de uma vês, temos aqui escrito.

Este e outros factos móstrão a necessidade de estabelecer em Coimbra um laboratório que seria de maximo interesse para a cidade e para o ensino.

Não falta no laboratório de microbiolojia da Universidade, quem tenha competencia, e quem tenha dado por mais de uma vês prova do seu dezinterésse e de amôr ao trabalho.

O estabelecimento dum instituto modesto para tratamento de raiva e preparação do sôro antidiftérico não é dispendiôzo em excesso e bem andaria a camara, seguindo nêste ponto a orientação do sr. dr. Dias da Silva que procurou mosrrar sempre na sua administração que considerava os interésses da cidade intimamente ligados aos do progrésso do ensino.

LITERATURA E ARTE

CAMINHO DO AMOR

Olha, repara nesse fim de tarde:
Sob a vermelha paz do Sol poente
Toda a paizajem, carinhozamente,
Ensina a vida a ser menos covarde.

Dos sulcos fundos que o arado abriu,
E em que se esconde agora a sementeira,
Vem a certeza de que a flor primeira,
Só por Maio vir lonje, não floriu.

De que uma força livre — e insubmissa,
Sob o campo amanhado, com vagar
Prepara a gloria que é frutificar
No tempo do calor e da preguiça...

Já nas arvores nuas, desfolhadas,
Um ramo novo, ou o trepar da era,
Dizem que á-de chegar a Primavera
Apezar dos trovões e das geadas...

Dizem que a seiva, que o Inverno tinha
Gelado, sobe novamente agora
Nos troncos altos, onde o Sol descóra,
E até nas cepas rijidas da vinha...

Sinto-a crecer e é como se, profundo,
Um mar submerso e num combate obscuro
Quebrasse as ondas contra o solo duro
Buscando a luz que é para todo o mundo.

Sinto-a subir, impetuoza e certa,
E ao inchar a semente pequenina
Vence e triunfa, e ao triunfar, domina
A Natureza que o bom Sol disperta!

E de tal modo e tão segura expande
O seu dezejo de viver, que nesta
Ora crepuscular triste e modesta,
Tudo é, como ela, vigorozo e grande.

Tudo ela abranje: até nos cavadores,
Cavando sem descanço e com corajem,
Surje-me o ritmo largo da paizajem
Nos seus fecundos mezes creadores.

E' quando a enxada rasga a terra bem
Que esta lhe dá a força compássada
De se erguer e cair, numa enxadada
Forte e serena — para a fazer Mãe!

E vê: ao pé do ómem que trabalha,
Cada cova, em que a luz dezapareça,
Mostra o vigor da terra úmida e espessa,
E deita fumo — como uma fornalha!

O mundo inteiro vive no abandono
Á seiva que subindo triunfando,
Faz esquecer os mezes tristes — quando
O sol tentava disfarçar o outono.

Ela é senhora desta aldeia: e trouxe
A toda jente uma loucura tal,
Que a mulher, só de o ser, é sensual,
E a rudeza dos ómens suavisou-se...

Em tudo se ergue, em tudo é infinita:
— Nos bois, puxando o pêzo da charrua,
— Nos cães, á espera do nascer da lua
Para uivar a ancia que os ajita...

E na esvaída paz crepuscular
A jente e as coizas, tendo mais um dia,
Vão numa igual pacífica armonia,
Ao seu destino — que é viver, lutar.

E é seguindo os destinos necessarios
— Sem consciencia nem libertação —
Que elas gástão, na mesma vibração,
As enerjias dos esfórços vários.

Leva-as a audacia desta seiva ardente
Que no socego do caír da tarde,
Ensina a vida a ser menos covarde,
E trás-lhe força, carinhozamente...

João de Barros.

OFÉRTAS

gâmos de rejistar as que fôrão o medalheiro da Bibliotéca da idáde pelos srs Frederico Mol-r. Julio Enriques.

sr. Moller distinto jardineiro do Jardim Botanico da Univer- ofereceu uma medálha de bron- primeira expozição universal ndres em 1851.

anverso tem o retrato do prin-lberto e a lejenda—H: R: H: Albert President Of The Royal ission; e no reverso o mundo duma corôa de louros, encimado na pomba voando e cortado por a com a palávra *exhibitor*.

volta a lejenda: Exhibition Of Works Of Industry Of All Na- MDCCCLI

sr. dr. Júlio Enriques ofereceu tro medalhas seguintes:

dalha de prata da expozição la de Braga, tendo no anverso as de Portugal e do Brazil en- s por uma estrêla; e no verso da—Ao Merito—no meio de corôa formada por um ramo de ho e outro de oliveira.

volta a inscrição: Expozição la De Braga. 1868.

edalha da espozição universal de rpia tendo, no anverso, o re- do rei Leopoldo e a inscrição— d. II. Roi. Des. Belges. Prote- De. Z'Exposition—e no reverso a sentada sobre o mundo, ro- de atributos industriais, indi- o caminho a um jénio que vai uma roda alada a distribuir co- palmas, com a lejenda em volta position. Universelle. Anvers.

edalha da festa jubilar do bota- Fredrich Traugott. No anverso o do professor, num baixo relevo ficamente executado e a lejenda: rich Traugott Kützing, e no re- no meio de uma corôa de folhas veira a inscrição—Ad Algas Pro Est Laurum Deportavit. Die Mens. Decembris MDCCC XVII

edalha comemorativa do centena- Universidade do Montpelier. anverso um jénio rodeado de nas de estudo, escrevendo numa apoiada entre dois ramos de as datas 1279 1889.

vólta a lejenda Praeteriti Me- Futuri Secura. 23 Mai 1890.

reverso a lejenda: Ano CCXC Universitas Montispessu lemoriam Conditi Septimo Ante lo Studii Generalis Solemni Celebravit.

---

egressárão de Lisboa, aonde ti ido assistir á reunião do partido licano os nóssos amigos e corre rios srs. Cassiano Martins Ribeiro, rnandes Costa e Teixeira de Car-

---

LÃO DA MODA

COIMBRA

egantes chapéos modelos.
ços sem egual em barateza.

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

ORARIO

(Desde 6 de novembro de 1904)

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

Partidas

Do largo das Ameias		Da rua Infante D. Augusto	
8h.3om	manhã	9h	manhã
9	»	9 ,3o	»
9 ,3o	»	10	»
10	»	10 ,3o	»
10 ,3o	»	11	»
11	»	11 ,3o	»
11 ,3o	»	12	»
12	»	12 ,3o	tarde
12 ,3o	tarde	1	»
1	»	1 ,3o	»
1 ,3o	»	2	»
2	»	2 ,3o	»
2 ,3o	»	3	»
3	»	3 ,3o	»
3 ,3o	»	4	»
4	»	4 ,3o	»
4 ,3o	»	5	»
5	»	5 ,3o	»
5 ,3o	»	6	»
6	»	6 ,3o	»
6 ,3o	»	7	»
7	»	7 ,3o	»
7 ,3o	»	8	noite
8	noite	8 ,3o	»
8 ,3o	»	9	»
9	»	9 ,3o	»

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Do largo das Ameias		Da estação *B*
3h, 8m	manhã	Depois da chegada dos comboios excepto nos rapidos em que as partidas são logo depois das d'estes.
5 ,51	»	
8 ,13	»	
2 ,3o	tarde	
3 ,45	»	
5 ,55	»	
6 ,20	»	
6 ,35	»	
7 ,50	»	
11 ,17	noite	

CORES DOS FAROIS

Verde, indica a Alta; *vermelho*, estação *B*; *branco*, Casa do Sal; *amarello escuro*, reservado.

Associação de socorros mutuos Monte-pio Conimbricense Martins de Carvalho

2.º avizo

Por ordem do ex.mo sr. prezidente são novamente avizados os socios d'este Monte-Pio para reunir no proximo domingo, 20 do corrente, pelas 10 óras da manhã, na sala do Monte-Pio.

ORDEM DO DIA

Eleição dos corpos jerentes para o âno de 1905.

Coimbra 14 de novembro de 1904.

O Secretario da Assembleia Jeral,
Carlos Ribeiro.

DUBUT DE LAFOREST

Os Ultimos Escandalos de París

Grande romance ilustrado de numerozissimas e esplendidas gravúras. Mais interessante que os *Mistérios de París* e *Rocambole*. Romance de acontecimentos sensacionais e veridicos ocorridos na atualidade.

Brinde a todos os assinantes:—Uma elegante capa de brochúra para cada volume, impréssa a duas côres e com dezênhos apropriádos ao assunto tratado no mesmo volume. Um premio da loteria da Santa Caza da Mizericórdia de Lisboa nas condiçõis do prospéto me distribuição.

EDUARDO DE NORONHA

A ambição dum rei

Obra ilustrada com numerózas gravuras coloridas por Manuel de Macêdo e Roque Gameiro, impressa em magnifico papel.

Cadernêta semanal de 16 pájinas, 40 réis. Tômo mensal, 200 réis.

Um exemplar grátis a quem remetêr adiantadamente a ésta emprêza a importancia de dés cadernêtas ou tômos.

Brinde a tôdos os assinantes

Aceitão-se pedidos de qualquer número de cadernêtas e tômos.

A EDITORA, *largo Conde Barão, 50*

Lisbôa

Precizão-se ajentes em tôdas as terras do continente colónias e Brazil.

Aceitão-se correspondentes em todas as terras do reino.

MARCELINO MESQUITA

LEONOR TELES

(ROMANCE HISTÓRICO)

Grande edição de luxo profuzamente ilustráda com gravuras de pájina a 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impréssa em magnifico papél.

Cadernêta semanal de 24 páginas e 1 crómo ou 32 pájinas de têxto—60 réis.—Tômo mensal, 320 réis.

Brinde a tôdos os srs. assignantes—Um exemplár grátis a quem enviár a importancia de 10 cadernêtas, tômos ou volúmes.

Em publicação na

A EDITORA, *largo Conde Barão, 60*

Lisboa

SALÃO DA MODA

COIMBRA

Fazendas, novidade para vestidos de inverno.

Grandes reduçõis de preços em todos os artigos désta cáza.

Liga das Associaçõis de Socórros Mutuos de Coimbra

2.º Aviso

Por ordem do Ex.mo Sr. Presidente, é convocada a assembléa jeral da Liga das Associaçõis de Socórros Mutuos de Coimbra, a reunir no domingo, 13 do corrente, pelas 11 horas da manhã, na sala do Monte-pio Conimbricense Martins de Carvalho, sita no Pateo da Inquisição para lhe sêr prezente o relatorio, contas e parecêr do Consêlho Fiscal da gerencia de 1903.

Coimbra, 8 de Novembro de 1904.

O 1.º secretario,
Olympio Cerveira da Costa

ANUNCIOS

COMARCA DE COIMBRA

(1.ª publicação)

Éditos de dés dias

Pelo juizo de direito désta comarca e cartório do escrivão do 4.º oficio, pende seus termos um procésso de execução de sentença, em que figúrão como exequente, Joaquim Carlos, cazádo, proprietario, do logar e freguezia de Brasfemes e como executado Antonio Ferreira, viúvo, ferreiro, por si e como lejitimo reprezentante de seus filhos e como erdeiro de sua falecida filha Maria Jozé, rezidente tambem no dito logar e freguezia de Brasfemes, e pelo mesmo procésso córrem éditos de dés dias, a contar da ultima publicação do respétivo anúncio, citando nos termos do art. 931 do Código do Procésso Civil, os crédôres dos executados que pretenderem deduzir preferencias o fáção no prázo marcado no § 1.º do art. 932 do dito Código.

Verifiquei.

O juís de Direito,
Rócha Calisto.

O escrivão do 4.º oficio,
Artúr de Freitas Campos.

Macario da Silva E *José Falcão Ribeiro*

ADVOGADOS

Praça 8 de Maio, 37

(Em frente ao tribunal)

SALÃO DA MODA

COIMBRA

ATELIER

Vestidos elegantemente feitos de bonitas *Hungrias* pura lã a 9$000 e 10$000 réis.

Um vestido pronto a vestir por 9$000 réis feito no *Salão da Moda* é dificil de acreditar mas é verdade!

Jozé Marques Ladeira & Filho

4. PRAÇA 8 DE MAIO. 5

COIMBRA

Canalizaçõis para agua e gás

ACYTILENE—instalaçõis completas.

Tubos de ferro, chumbo, latão e lôna.

Lústres de cristál e bronze, candieiros e lanternas para gás. Retrétes, tinas, lavatórios e urinóis.

BICOS D'INCANDESCENCIA, *sistéma Auér.*

Máquinas para aquecêr agua para banho.

Autoclismos, torneiras e agulhêtas.

Fogõis de cozinha e sála.

Fogareiros a gás, acetiléne, petróleo e alcool.

Bombas de todos os sistêmas.

Preços rezumidos em bombas de relójio.

Aparélhos elétricos: Cartão e corda d'amianto, borrácha e folha.

Filtros sistêma Pasteur.

Toma-se conta de qualquer encomenda e executa-se qualquer obra por mais importante que seja, tanto na cidade como fóra, tomando os seus proprietarios inteira responsabilidade.

GABÕES D'AVEIRO

Machado—Alfaiate

R. da Sophia, 58 a 62

COIMBRA

A's ex.mas damas elegantes de Coimbra

Já regressou a esta cidade, vinda da capital onde foi fazer o seu colosal sortido para a presente estação, abem conheicda **Modista de Lisboa,** que tem a honra de apresentar ás damas Conimbricenses, um deslumbrante sortido em **Chapeus modelos** da mais alta novidade e finisimo gosto para todos os preços.

Traz tambem grande sortido de cascos, casacos, cabeções e outros artigos de novidades em confecções para chapeus, que vende por preços excesivamente baratos.

Pede ás Ex.mas Damas a fineza de não comprarem sem primeiro verem o seu enorme sortido e visitar a sua exposição.

Rua Ferreira Borges, entrada pelo Arco de Almedina, 6-2.º

COIMBRA

DE 3 A 4 CONTOS

Compra-se propriedade rustica ou urbana até êste prêço, desde que seja bem localizáda, e tenha bom rendimênto garantido, ou se emprestão sôbre ipotéca bem garantida.

Carta á administração dêste jornal com as iniciais A. B. C.

QUEM AHOU?

Uma cadéla Setér, raça pequêna, castânha, pêlo encarapinhado, que se perdeu á 5 dias.

Dão alviçaras a quem a entregar a seu dôno Paulino Evaristo Ferreira Camõis nésta cidade.

Folhetim da "REZISTENCIA,,

EXCOMUNGÁDO

XV

Mau encontro

Quando se pôs a caminho, tinha prendido em suma que a sua po- não se agravára com êste fácto, que sómente se esclarecêra; e se menos com a vêr tão má, do se alegráva por a entendêr bem, no ento em que ia trabalhar para a rar sériamente.

Rezolveu todavia passar em revista as tropas e deitar um golpe de para o exército dos adversários de dar combate; para esse efeito ou Bertram que encarregou de a relação das suas tropas.

O escudeiro aceitou respeitóza- a nóva dignidade a que o ele- o seu senhôr.

—Monsenhôr, disse-lhe, a revista as trópas não levará muito têm- A elite compõi-se de Bertram e do Flint que viu já bem em acção.

Este pequeno exército, que se impõi ménos pelo numero do que pela sua atitude e pelo seu valôr experimentádo, será sustentádo por um côrpo de auxiliáres, cujo acampamênto inexpugnavel, e a maravilhóza disciplina pôde admirar ainda ésta manhã. Quéro falar dos ejipcios e boémios que comanda o alégre Jean Réchin.

Depois de têr faládo assim, Bertram começou a fazêr desfilar deante do barão o estádo maior do exército inimigo.

Aprezentárão-se em primeiro logar o pápa e antipápa montádos em duas acanêas brancas, que trotávão socegadamente a pár; érão seguidos pelo Sacro Colégio, que se dividia em duas filas.

Depois vinha tôdo o alto cléro da Europa: no meio dos bispos, que caminhávão no fim, Bertram fês notar ao barão o bispo de Tours cuja atitude não éra das menos marciais.

Os chéfes das ordens relijiózas vinhão a seguir; entre êles distinguía-se pelo seu bom ar o abade D. Elias, de cápa e mitra.

Este ultimo cortêjo deslumbrante e colorido não levou ménos de uma óra a desfilar em paráda deante do barão que se portou corrétamente, á parte dois ou três bocêjos com que saudou aquêle grande inimigo.

Quando chegou a vês do chéfe da ordem dos capuchinhos que vinha no fim, Bertram tomou a palavra nestes têrmos:

—Entendêmos que deviamos poupar a vóssa senhoría a relação do miúdo do exército inimigo no que tóca á parte ecleziástica, atendêndo a que os diáconos, subdiáconos, curas, vigários, cónegos, relijiózos de todas as ordens, chantres, bedeis, sineiros, meninos do côro e os mais que compõem a jênte miuda, se elévão só na Touraine ao numero de setênta e séte mil e quinhentos, pelo censo do ultimo âno que éra o de mil quatro cêntos e seis, o que dá para o prezênte âno, atendendo ao dezenvolvimento sempre crescente da nóssa relijião, uma cifra de oitenta mil.

Tendo dito éstas palavras, Bertram respirou ofegante e fês notar ao barão uma segunda trópa que se adeantáva em bôa ordem.

Á frente caminhava o rei Carlos VI, armado de todas as armas, coberto pela corôa de França e ladeado á direita pelo duque de Orleans e á esquerda pelo duque de Borgonha.

Ombert observou, com secréta alegria, que os dois principes olhávão desconfiadamente um para o outro com cólera e tirou déssa observação um agouro favorável para a sua emprêza.

Depois dos jentis ómens da cáza do rei, que se compunha de duas mulhéres nóvas e bélas e de creados de cozinha sujos e feios, depois dos jentis-ómens familiares dos principes, que erão em grande numero, todos brazonados e armados de áço brilhante, ornamentado com damasquinaduras de ouro fino, e trazendo as insignias dos seus cargos, avançávão os grandes feudatários, todos os nomes nóbres da França, reprezentados por ómens de férro, largos e quadrados, fazendo dobrar sob o seu jugo os caválos de batalha.

Tudo o que as jornadas d'Azincourt, de Poitiers e de Crecy tinhão poupado de sangue nóbre estava ali, porque os grandes senhôres feudais iáo com os de sua dependencia.

Ombert, que só dependia da corôa de França, chorou de raiva quando viu o seu lugar vazio entre o senhor de Meulan e o barão de Montemoreney; e jurou morrer ou conquistar a sua jerarquia.

Entretanto a noite, que baixára, impediu o barão de gozar do esplendido golpe de vista que oferecíão os ómens d'armas, que continuárão a desfilar deante dêle, por muito tempo, á vós de Bertram que estava no céntro e não deixava de dezignar a seu senhor os diferentes córpos de que se compúnha o exército inimigo, e de lhe explicar o manejo das armas que tinha cada corpo, como tambem indicar-lhe o dos chefes mais considerados.

De repente levantou-se a lua larga e vermelha, mas chanfrada na báze por pontas pretas e agúdas que o barão reconheceu, pela indicação que lhe avião dado, como sendo a flécha rodeada de quatro campanários que encimáva a egreja de S. Vitor.

Esta igreja era a paróquia do mesmo nome.

Era ali que Ombert rezolvera passar a noite a fim de chegar no dia seguinte a Paris, de que estava distante apenas uma légoa.

Perto da ponte que atravessáva o Bièvre, encontrou Bertram uma ospedaria em que fês preparar camas e um jantar a que o barão fês pouca festa.

(Continúa.)

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...
Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzado, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600
Brasil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicaçõis com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

COIMBRA

Néata caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saueisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, taches para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómem e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estranjeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanélas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestaçõis e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condiçõis do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONÓGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande coléção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazênão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.os 34 e 35. —Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:
Das 10 1/2 ás 12 da manhã
e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Água da Curía (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calci

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofo Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chron Gotta, Litiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamen hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermato*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantag

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professo Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curía não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro—Preço 200 reis

Deposito em Coimbra—PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borge

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias—Publicação semanal

Diretôra: D. LEONOR MALDONADO

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 1$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada*, a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand Jozé Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

CAZAS PARA ALUGAR

Arrêndão-se do S. Miguel em d te os altos de duas moradas de c uma na rua de S. Pedro n.º 10, frênte para a rua da Trindade, e tra na rua da Trindade n.º 69.

Quem as pretendêr dirija-se dono Antonio dos Santos Fonseca dos Gatos, n.os 7 a 17.

JARDINEIRO

MANUEL CALDEIRA, de 37 de edade, de Sernache dos Alhos, rece-se a quem necessitar dos serviços, como jardineiro, nésta c ou imediaçõis.

Tem longa pratica daquêle se pois estêve durante 16 ânos, e nos jardins dos srs. condes do A onde ainda ôje se conserva a trab a dias.

Quem pretendêr póde procu em Sernache dos Alhos.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGU

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribe

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.

Tomam-se seguros de predios m e estabelecimentos contra o risco d cendio.

PROGREDI ET PRODESSE

ADEGA REGIONAL DE ENTRE DOURO E LIZ

COIMBRA

Installaçao provisoria: rua da Sota, n.º 8

VINHOS DE PAS

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportaç

Vendas por junto e a mindo

Tabella de preços de venda a miudo (15 de outubro de

Marcas	Garrafão de 5 litros	Garrafa de litro	Garrafa bordalesa
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	550	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Nos preços indicados não v cluida a importancia do garrafão réis) nem a das garrafas (60 réis a garrafa de litro, 50 réis para daleza), que se recebem pelo cus

Prevenção. — *Os garr levam o carimbo da Adega em e nas rolhas das garrafas e garr vae o emblema da Adega impr fogo, ao lado e na parte superio*

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12 — Rua da Moeda — 14

N.º 953 | COIMBRA — Domingo, 13 de novembro de 1904 | 10.º ANO

Convite

O abaixo assinádo, em dezempenho da missão que lhe foi confiada pela assembleia de republicanos de diferentes pontos do país, reunida em Lisbôa no dia 6 do corrente mês, tem a onra de convidar as commissõis municipais e paroquiais republicanas, os centros republicanos, e, em geral, todos os seus correlijionários desta circunscrição, a enviarem reprezentantes, no dia 20 proximo, ao largo da Freiria, ao Centro republicano, pelo meio dia, a fim de se procedêr á eleição dos vogais que, por esta circunscrição, ão de fazêr parte da comissão promotôra da organização do Partido Republicano Portuguêz.

Coimbra, 13 de novembro de 1904.

Bernardino Machado.

CARTA
Ao dr. Bernardino Machado

(Agradecendo a ofêrta da sua Oração Inaugural)

Meu bom amigo

Èstas rápidas e sincerissimas felicitaçõis, que de lônje lhe envio, são o meu puro sentimento perante a nobilissima ação que é ésta sua *Oração Inaugural*.

E tão fundo me tocou a sua exemplar sinceridade que eu não pósso, acabáda a leitura, deixar de lhe dizer como o admirei.

Julgo que muitos outros, nas minhas circunstancias, lh'o averão de ter dito tambem.

Com efeito, todos nós, antigos alunos da Universidade, lhe ficamos devendo, meu bom amigo, uma gratidão muito comovida. Porque tudo o que confuzamente (e revoltadamente, ás vezes) pensámos e dissémos uns aos outros; a consciencia da tára imperecivel com que d'aí viémos para a vida — os mais felizes trazendo-a na intelijencia, nésta conhecida auzencia de todo o método por onde apenas se chega, depois, a saber estudar — os outros, os menos fórtes, nos caratéres... — tudo isto, que é tanto, porque de tudo isto depende a educação de jeraçõis de ómens, a sua vós justa soube dizer e se atreveu a explicar. Não me móvem quaisquer intuitos de ataque a antigos mestres meus, nem é em vista de resentimentos pessoais — que não existem — que eu estou a escrever-lhe estas sentidas palavras.

Resentimentos, quando os ája, costumão para sempre olvidar-se pelas alturas do Entroncamento; e, tambem, pelo nosso rejimen universitário, — que fás dos alunos creanças sem responsabilidades de maior, e, dos professores, ao mesmo tempo tutores e amas espirituais déstas crianças de buço, que é precizo obrigar a estudar a lição, nós devemos aos nossos mestres a gratidão que éssa solicita amizade, apenas um pouco excessivamente interessada pelo aproveitamento das noites, tem de perduravelmente impôr ao nosso espirito.

Não vem para aqui tambem fazer o drama, que reclama um filósofo, um panfletário e um caricaturista, da vida interiôr da Universidade, esse Diu dos jezuitas vitoriózos, e que, inexpugnavel até agóra, pelos tempos fóra tem vindo sustentando uma das linhas mais lójicas que é possivel manter dentro dum país cuja incoerencia esbandálha tudo: ou seja excomungando o padre Antonio Vieira, ou seja recuzando o dr. Teófilo Braga.

Não são resentimentos E' a grande pena que isto fás á jente: não podermos amar aquilo que averiamos de evocar com simpatia enternecida: a Escóla do nosso tempo, onde nos deveriamos ter feito ómens conscientes e puros cidadãos, e em cujo tempo de frequencia escrevemos os primeiros livros, ou amámos as primeiras mulhéres, ou nos morrerão os primeiros sônhos. Não! Nós não podêmos amá-la...

E é forçôzo que o tempo, êsse grande Lente de capêlo e foice, desgaste aréstas vivas da memória, para que os bachareis, — não entrevendo já a Escóla, mas sim passadas mocidades, — regréssem á linda via Latina com o amor que sempre lhes faltou quando por éla em moços passeárão.

Ainda á poucos mêzes, assistindo eu, em Genebra, á festa do *Dies Academicus* — data da fundação da Universidade jenebreza por Calvino — senti aquéla tristissima tristeza que nos assálta, a nós portuguezes, quando nos é dado conhecer de perto a organização das escólas estranjeiras, a camaradajem que lá estreita, tão natural e profunda, os professôres e os discipulos, a sagrada *alegria de aprender* com que êstes aprendem — os seus cursos e a sêr ómens Então, recordando-me, do meu tempo de estudante, das manhãs amarélas dos nossos *átos*, das astucias infantis com que enganámos e fomos enganádos, ah! devia de sêr bem triste a minha figura bacharelada por Coimbra, prezenceando, na Universidade em fésta, tôda cheia de flôres e de bandeiras, com a assistência dos reprezentantes da Cidade e do cantão, aquéla cerimónia espiritual e democratica, aberta por um salmo de Beethoven entoado por um coral de cem escolares, e ouvindo o discurso do reitor — *messieurs les Etudiants, mesdames les Etudiantes...* — em que este professôr, ainda moço e já illustre, lembrou que «*les meilleurs moments que passe un professeur sont ceux dans lesquels il est en relation directe avec la jeunesse universitaire, en dehors des examens...*»

Devia de ser bem triste, sim, comparando a indiferença ironica a que sempre nos reporta a lembrança da nossa Universidade, com a comoção que a êstes alégres e fortes discipulos, não mais áptos, nem mais intelijentes que nós, mas muito mais culta e umanamente conduzidos, ha de dar sempre pela vida fóra a lembrança da Escóla bemfazeja!

E logo outro professôr, subindo ao estrado encimado pelas armas gloriózas da cáza, explicou como éla foi, nos dias acidentados da luta pela independencia, o reducto espiritual, o verdadeiro lar do povo; como éla para suprêma onra sua, foi a liberal educadora daquêles moços olandezes seus alunos, que, constituindo depois a celébre *Liga dos Maltrapilhos*, libertárão o seu país do jugo do inquizidor Filipe de Espanha, e aí estabelecêrão, com a revolução, a fecunda noção da liberdade elvetica. Avia um orgulho irmão, uma fraternal felicidade que a todos, rapazes, raparigas, professores, estranjeiros, dilatava suavemente a vida, para acudir aos olhos marejados. E toda a sala, num arranque quazi meridional de vitória e de aplauzo, explodiu a aclamar, quando o oradór leu um telegrama de antigos discipulos, que, de muito lonje, saudávão a vélha e querida Universidade: «*Vive l'Alma mater, l'Université! Vivent les Professeurs!*»

Eu recordava tambem uma *Alma madrasta*, e perguntava-me se teria sido certo avêr estudado Direito canónico em duas cadeiras, e ter sido discipulo de um ómem que apavorava os cursos em latim, de quem ainda oje, a ésta sceptica distancia, não consigo lembrar-me em um arrepêlo de repugnancia instintiva!...

Mas, meu bom amigo, a sua vós foi a *Dezejada*, e a sua consciencia primoróza, seria talvês mesmo a vós da turbáda consciencia colétiva.

Quando se póde falár verdade e fazer justiça numa sála como a *dos Capêlos*, e o ar arcaico dêste tribunal e dêste templo não desfaléce a corájem do justiceiro e a não dilue na vaga penumbra em que, como suspensos, boião os paineis das dinastias — a verdade e a justiça ão de frutificar!

Quando uma Escóla conta com uma bravura moral igual á sua, todos temos o dever de confiar, meu bom amigo.

Por éla o abraça, com uma grande admiração e uma grande simpatia.

Afonso Lopes Vieira.

PARTIDO REPUBLICANO

Com prazêr transcrevêmos as justas e entuziásticas palavras com que o *Mundo* recébe os trabálhos de reorganização do partido républicano, e os ómens a quem fôrão confiados os primeiros trabalhos.

Publicámos ontem a nota oficióza da reunião republicana, de domingo, prezidida pelo nosso querido amigo, dr. Manuel de Arriaga, o velho e austéro democrata sempre nôvo pela vivêza do sentimento — reliquia que com tanto orgulho póde aprezentar o Partido Republicano, dizendo com orgulho que almas como aquéla só á democracia podem prestar os seus serviços.

A nota, completando o que aí se dizia sôbre a rennião, ao passo que alarmou consciencias pouco seguras, deu vivo júbilo a tôdos que compreendem que a vida portuguêza só póde radicalmente modificar-se sôb um nôvo rejimen politico e que êsse rejimen é exclusivamente a Republica.

A reunião obedeceu ao firme e decidido dezêjo de trabalhar pela democracia e os têrmos da nota traduzem, com a devida rezerva, essa veemente dispozição dos espiritos.

A comissão encarregada de iniciar os trabalhos de reorganização não podia têr sido melhor escolhida; na conjuntura Bernardino Machado é aquêle bondôzo e nobre espirito, que, apreciado pelo país, merece, em especial, sêr adorado pelo Partido Republicano, ao serviço do qual colocou tôdo o prestijio do seu talento e do seu nôme, rendendo-lhe o maior beneficio que êle tem recebido nos ultimos ânos.

Antonio Jozé de Almeida, que com uma austeridade, uma intranzijencia e uma dedicação sem limites, tem servido sempre a ideia republicana, junta, ao talento, o podêr de ação e de atração: a fórma como o acatou uma jeração coimbrã, das mais vivas e intelijentes, sem êle nunca querêr faculdades de mando, prova o que vale essa grande figura moral junto de quem se respira uma atmosféra de lealdade, franquêza e onradês.

O dr. Antonio Luís Gômes, um estudiôzo intelijente, em quem a vivacidade pensante se acompanha da prudencia de bom senso, completa distintamente êsse respeitavel triumvirato, que se impôi tanto pelas suas qualidádes inteletuáis, como pelos seus dótes morais.

Esses ómens não pódem, nem ão-de encontrar o menor obstaculo á sua missão.

Ante numerózos correlijionários, com a franca modestia própria duma grande alma, disse uma vês o sr. dr. Bernardino Machado que estava disposto da melhor vontade a servir o Partido Republicano — qualquer que fôsse a sua organização.

Identica declaração foi ouvida, pela mesma assembleia a um ómem que tem prestado especialissimos e inexcediveis serviços ao Partido Républicano e que, nas mais eloquentes palávras, disse que o tinha servido e averia de servir sempre — ouvésse o que ouvésse. Falamos de Afonso Costa, o fulgurante talento que leva mais que o seu amor á Republica — a mais extrema abnegação — a limites que só bem podem apreciar aquêles que, como nós, têem a ventura de o conhecer bem intimamente. O seu nome é, em toda a parte, um símbolo de Republica — tantos, tão permanentes e tão conhecidos são os seus serviços á cauza. Mas só quem o conhece muito de perto póde apreciar, com alguma justiça, de que sacrificios e de que izençõis êle é capás para servir o ideal que tanto nobilita.

Os sentimentos com sujestiva eloquencia traduzidos por êstes dois ómens são os da grande mássa republicana que se alastra pelo país.

Qualquer que seja a organização, corrijivel ou impecável, o que essa massa dezeja é ligar-se e trabalhar.

Não a sepárão caprichos, nem os aceita.

Não a dividem intrigas, nem as permite.

Quer á sua frente ómens com imputação e força moral, intranzijentes sem imprudencia, fortes sem exajêros de autoritarismo — e irá com êles.

A taréfa da comissão eleita no domingo mais que por unanimidade — com verdadeiro prazer da assembleia — á de ser levada a bom termo, embóra com trabalho porque o Partido Republicano não é um pequeno grupo de cidadão; mas a grande maioria dos cidadãos conscientes que fórmão a Patria Portuguêza.

O *Mundo*, jornal républicano que não foi, não é, nem nunca será orgão de *coteries* mas que tem estado sempre com todos os républicanos que trabálhão e querem trabalhar; o *Mundo* que com firmêza mas sem precipitaçõis, tem pugnado sempre pela união do Partido Républicano; — o *Mundo* saúda entuziástica e afetuózamente a comissão na qual vê mais que uma esperança — a garantia — das suas aspiraçõis democráticas e patrióticas.

S. Martinho

Noite animada, a noite de S. Martinho.

E' âno de vinho: não faltárão mórdômos e festeiros.

Avia além disso a animação ruidóza dum feriádo que se espéra.

Os cursos dos quintos ânos das faculdades tinhão telegrafado ao sr. ministro do reino pedindo um feriado.

Nada mais justo do que ligar o regozijo de S. Martinho com a tristêza da partida de suas majestádes para as téras inóspitas e frias da Gran-Bretanha.

Os cursos tinhão telegrafádo; nas ruas da álta caminháva tudo para a rua Larga a vêr se a *cábra* tocáva.

Ouve-se a primeira badalada do sino da Universidade, tudo se calou por encanto.

Sôa outro quarto, e outro e outro.

Tudo espéra impaciente.

Por fim lá cáem morózamente as óras.

Dá a ultima das seis e, logo a seguir, impertinente, a cábra começa a berrar fanhózamente.

Ouvem-se vivas de protésto ao feriádo e tôdos márchão para o correio gritando pelo feriádo.

De cada cáza sáem nóvos grupos que vão engrossando a multidão.

Chêgão ao correio. Aparéce um e dis que á feriádo.

Mas ninguem vê o telegrama e os grupos continuão animando dezuzádamente as ruas da báixa.

Coméção a passar os cortêjos a S. Martinho, num estrujir de assobios, cornêtas e campainhas de barro, e mais se anima tudo.

E até áltas óras se ouviu a extraordinária animação que não foi absolutamente inofensiva para os candieiros da iluminação pública.

E sempre a mêsma indecizão.

Quem se mostráva mais convencido com o feriádo érão os caloiros do liceu.

Pudéra! Tinhão telegrafádo a sua majestáde a rainha nóva, senhôra de mais milagres que a santa rainha velha.

E não se esquécêrão tambem de telegrafar ao sr. Conde de Arnôzo, espécie de Anjo Custódio dêstes reinos.

Afinal, sempre veio o feriádo.

Nunca foi mais verdadeira a fráze popular.

Tivérão o seu S. Martinho.

Agóra tóca a pagar os candieiros, meninos...

Passa 5-9/12 — Pagina 5

POLÍCIA

Consta que o sr. comissário de policia insiste pela sua exoneração. Sem embargo dos reparos que temos feito á sua administração, não se dúvida que êle prestou á cidade serviços que onrosamente testemúnhão o seu espirito disciplinadôr. E é um simples devêr de justiça reconhecê-lo.

Em Coimbra não se tem pensado na policia, tôdas vêzes que se tem mudado de comissário.

A nomeação do comissário de polícia de Coimbra tem sempre obedecido a móveis que pelo seu excluzivismo a tem tornado improficua, senão perigóza.

O comissário de policia tem sido escolhido apênas sôb dois pontos de vista; o de corrijir desmandos de estudantes, o de dominar manifestaçõis democraticas perigózas.

Dêste vicio de administração tem provindo a nomeação e exoneração de comissários sem proveito nem para a nação nem para a cidade.

O que é necessário não é exibir só desmandos de escoláres, o que é necessário não é pensar só em revoluçõis, o que é necessário é policiar.

E Coimbra tem estado sem policia.

Pódem-se corrêr de noite as ruas principais sem nélas encontrar um policia.

Os crimes sucédem-se e ficão impunes os criminózos; porque a policia não tem competencia para os descobrir, nem nisso emprega seguidamente a sua atividade.

Em Coimbra a policia trabalha na descoberta do crime por acazo, aos impulsos do diletantismo.

E por vêzes se tem acuzado a policia de Coimbra de vivêr do crime.

A cidade está por policiar.

E não é só por falta de policia, é por policia má e e mal dirijida.

Um comissário de policia déve têr aptidõis múltiplas, conhecêr a lei para a não violar e para a fazêr cumprir.

Um comissário, que tenha apênas em vista obstar aos desmandos dos estudantes, terá uma ação insignificante e poderá até sêr inconveniente para a cidade e para a segurança pública, como tem mostrado mais de um facto.

Um comissario que aceite o cargo apênas para obstar á marcha do partido républicano será um comissário inutil porque não fará a policia de Coimbra, e perigôzo porque o excesso de zêlo o póde levar a fantaziar conspiraçõis e movimentos revolucionários que terão apênas o inconveniente de fazêr corrêr o dinheiro dos cófres da policia secréta.

Um comissario de policia é nomeado para superintendêr, para dirijir.

Deve têr aptidõis multiplas.

Aptidõis excécionais e excluzivas justificam, quando muito, a nomeação de um chefe de esquadra.

Nomeie-se um chefe de esquadra capás de se entendêr com os rapazes a cujos movimentos se dá mais importancia do que realmente têem.

Os estudantes caminhão na apatia e indolencia dos senhôres seus pais. O que tem apenas de mais vida não é para reprimir, é pelo contrário para animar e dirijir.

E êles móstrão-se pouco resolvidos a sêr dirijidos pela intelétualidade dum chéfe de esquádra.

O que pensão dos comissarios que lhe têem mandado com a missão expressa de corrijir-lhe os desmandos, tôdos nós o sabêmos.

Nomeie-se um chefe de esquadra com o faro para descobrir revoluçõis, nomeie-se outro capás de dar caça a um criminôzo, nomeie-se até uma sopeira fiscal do aceio e limpêza da policia; mas pense-se de vês que um comissario não póde têr apênas as aptidõis de um chéfe de esquadra mediocre, embora corrijidos pela bôa educação.

Nomeie-se um comissario de policia que conhêça a lei, saiba respeitá-la e cumpri-la.

Ésta déve sêr a nórma de guia para a nomeação do nôvo comissario de policia que breve se espera para Coimbra.

«ALÉRTA»

E' o titulo duma revista mensal, de propaganda livre, que vai publicar-se em Barcélos no dia 25 de cada mês.

A *Alerta* será ilustráda e conta a colaboração dos mais devotádos propagandistas das teorias modérnas.

Aprezenta-se como o campeão das doutrinas sãs, prégadas por os mais esclarecidos e sensátos espiritos.

Que venha bréve.

Antiguidades Aricas

Abriu ás 12 óras e meia da tarde, no gabinete nóturno de leitura da Bibliotéca da Universidade, o curso de antiguidades áricas rejido pelo ilustre professor do Curso superior de lêtras, sr. Vasconcélos Abreu.

A' lição de abertúra assistírão os srs. conselheiro Bernardino Machado, dr. Mendes dos Remedios diréter da bibliotéca da Universidade, dr. Manoel da Silva Gaio secretário dd Universidade, Antonio Augusto Gonçalves, diréter da escola industrial Brotéro, dr. Araujo e Gama, lente de Teolojia na Universidade, Dinis de Carvalho, professôr da Escola Brotéro, Candido Guerreiro e Manuel Monteiro que quizérão com a sua prezença testemunhar ao distinto professôr o interésse que lhes inspira a sua iniciativa, e a consideração que tem pelo seu saber e dedicação por estudos tão desprezados entre nós e que nos impunha o respeito pelo nosso passado de conquistadôres.

As liçõis dêste ano, cujo programa está afixado na bibliotéca da Universidade e que já aqui publicamos, é particularmente interessante para os alúnos da faculdade de teolojia por versar o budismo que tantas analojias tem com a relijião cristã.

Folgamos de vêr continuar êste curso cujo inicio na Universidade foi recebido com palavras de tanto incitamento pela imprensa estranjeira.

A Universidade e a Nação

O artigo de Lopes Vieira, que ôje publicamos, é transcrito do *Novidades*.

São palavras de verdade, escritas, com grande sinceridade na próza enternecida que carateriza o môço poéta, um dos mais singulares espiritos da modérda jeração.

Muzeu de Antiguidades

Dérão entrada no muzeu de antiguidades do Instituto dois capitéis de granito, exemplares da escultura rúde do norte do país.

O sr. dr. Augusto Cezar da Silva Matos, juís da relação de Lisboa, ofereceu ao mesmo muzeu a carta de doutor em direito canonica pela Universidade de Bolonha passada a Alvaro Nunes da Costa, conego da Sé de Coimbra, em 1530.

Publicaçõis

Tem-nos sido impossivel noticiar as numerózas publicaçõis que se têm acumuládo nésta redação e cujo oferecimento muito agradecêmos aos auctôres.

No próximo numero começaremos faina tão agradavel; porque as ultimas publicaçõis são na verdade para elojiar quér pela sua utilidade educativa, quér pelo seu primôr istórico.

Até ao próximo numero.

Passatempo

Está publicádo o n.º 96 do *Passatempo* que, dia a dia, vai aprezentando nóvos melnoramentos tanto na parte tipográfica, como na redáção e nas gravuras.

E' realmente extraordinário para o nosso meio o preço de 20 réis por um nemero de 16 páginas, profuzamente ilustrado e redijido com cuidado.

A diviza do proprietário — ganhár pouco e vender muito — não tem mais brilhante aplicação do que a dêste jornal que tão bem aceite foi pelos leitôres e a que se póde prevêr um largo futuro.

O sumário dêste numero é o seguinte:

Portugal no estranjeiro,, Estatua de Vasco da Gama Amburgo; *Crónica*, por António Campos Juniór, A viájem real e aliança inglêza, com quatro retrátos; *Romance truncado*, Sonêto de Enribue Lópes de Mendonça; *Figuras antigas*, Artigo; *Cazengo, rua de palmeiras*, Fotogravura; *A caza portugueza*, Artigo e fotogravura; *Penteados extravagantes*, Fotógravuras; *Frázes e opiniõis*, Palávras de Afonso d'Albuquérque e de Phebus Monis, pequenos trechos de Guingret, Breton, Schlejel, Naylies, Montesquieu, Bontrow, Haupt e Engels; *Dr. Gonçalves de Freitas*, Retrato e artigo; *Mossamedes*, Fotogravura; *Aguia Mórta*, Continuação do romance de Antonio de Campos Junior, com duas ilustraçõis.

Oscar da Silva

Realizou-se ontem, com a colaboração das sr.as D. Amelia Janny, D. Beatris Pinheiro, D. Elvira Pinheiro, e dos srs. Mauricio Costa e Luís Ribeiro, o concerto que anunciámos.

Foi executado o seguinte

Programa

1.ª PARTE

1.º — *a) Romance*, Rubinstein; *b) Elevation*, Schumann; *c) Nocturne, d) Domingo de manhã em Glion*, Chopin; *e) Polonaise*, Paderewsky.—(Para piano), por Oscar da Silva.

2.º — *a) Melodie op.* 3, Oscar da Silva; *b) Andantino et polonaise*, Dancla. — (Para violino), pelo ex.mo sr. Mauricio Costa.

3.º — *Cofre*, poezia compósta e recitada pela ex.ma sr.ª D. Amelia Janny.

2.ª PARTE

1.º — *Réve*, Godefroid.—(Para árpa), pela ex.ma sr.ª D. Beatris da Fonsêca Pinheiro.

2.º — *Capriccio Spagnuolo*, Munier. — Para bandolim), pelo ex.mo sr. Luis Ribeiro.

3.º — *a) Nostalgia*; *b) Bólas de sabão*, (2 n.os); *c) Mazurka; d) Rapsódia portuguêza*, Oscar da Silva. — (Para piano), por Oscar da Silva.

Acompanhamento ao piano pela ex.ma sr.ª D. Elvira da Fonseca Pinheiro.

No proximo numero falarêmos mais dezenvolvimente sobre esta interessante fésta de arte.

O correspondente do *Século* muito versádo em ordens do qurtel-jeneral désta divizão, insinúa numa sua correspondencia que o fácto da banda de infantaria n.º 23 não ter tocado ultimamente na avenida Navárro, é devido a não se cumprirem as órdens do sr. jeneral Pinheiro. Ora fique o correspondente sabendo que se éla não tem tocado é porque o quartel-jeneral não tem mandado órdem para isso.

Fique-se com esta.

Oje já terá múzica porque o quartel-jeneral ôntem mandou a respétiva órdem.

Instituto

Ficou transferida para o dia 16 deste mês assembleia jéral que tinha sido convocada para ontem para a eleição de sócios outros assuntos.

Créche de Coimbra

Das ex.mas sr.as D. Emilia Leite, Concha Bárrio e sr. Leite Junior, recebeu a créche de Coimbra um valiôzo prezente de 6 vestidos de flanéla de algodão, 6 saias brancas e 6 camizas, em comemoração do dia 7 de novembro de 1904.

Salão da moda

COIMBRA

Enxovais completos para noivas.
Fazem-se com a maior elegancia no
Salão da Moda.

Consultório

Abriu o seu consultório medico-cirurjico para mulhéres e crianças a sr.ª D. Sofia Julia Dias, que se formou o âno passado na faculdade de medicina.

A sr.ª D. Sofia Julia Dias ábre jenerózamente o seu consultório da 1 e meia ás 3 óras da tarde para consultas grátis aos póbres.

Bem ája.

Mundo Elegante

Está publicádo o numero 20 desta publicação a mais luxuóza que, no seu jenero, se escréve em portuguêz, e que póde pôr-se a par das similáres do extranjeiro.

O ultimo numero, que temos á vista, distingue-se pela boa escolha e execução das gravúras, e pelo interésse dos seus artigos que nesta revista são sempre da máxima atualidade.

Literatúra e Árte

A ALMA DUM ARTISTA

Éstas noites tão cheias de luar viérão acordár no meu espirito a impressão que dois livros de António Corrêa d'Oliveira — *Auto de Junho* e *Ara* — me cauzárão quando me surpreênderão numa aldeia do Minho. E, por tal fórma me afeiçôo a êsses versos, novamente, que não consigo distinguir, se os estranhos segrêdos que me comóvem, nascem da alma da terra ou da alma do poéta. Não sei que esquizita analojia eu descubro entre a muzica natural e bréve, com tremuras de beijos e arroubos de ideias, da sua arte e a serenidade lucida e profunda do luar que arranca ás sombras uma trajédia convulsa e atraênte.

Recórdo me bem ainda. A meio da encósta avía um vélho e amigo castanheiro que se erguia para o céu numa majestáde altiva de fôrça. Abriguei me á sua sômbra e pauzadamente, estendido na terra, deixei-me dominár por aquéla poezia tão cásta, tão despretencióza, que me reveláva o misterio da seiva fecundante e criáva á vólta de mim uma paizájem bíblica de amôr e belêza. E, nos vérsos de Corrêa de Oliveira, eu escutáva as camponêzas que murmurão, á óra do meio dia, por entre os milheirais, a lênda da sua dôr e da sua onestidáde, revivia a alma nacional no que éla tem de atavicamente romanêsco e relembráva, com prazêr e devoção, o nome querido de Gil Vicente e, esquecendo máguas, calando mizérias, bom português, apaixonádo e alégre, ria nas desfolhádas, amava o sól, revolvia a terra, a alma dezenvolta como numa esquécida manhã de S. João. Parecia me que ouvira já aquéla mesma vós, cantando pelos váles, cantando nas arvores, cantando nas fôntes, cantando no vênto.

O *Auto de Junho* é um pedáço do coração popular, é a natureza sempre poderóza, sempre nóva, a fecundidade das flôres, o encanto do noivado.

Numa noite de fésta, três santos convérsão num prezépio e recórdão a terra, o lar, os caminhos da sua aldeia, as suas namoradas. As suas almas iluminão-se numa grande saudade, numa saudade sem remédio porque andão perdidos pelo céu. Envergonhão se da sua fraquêza e tentão, receiózos, blasfemár da naturêza, procurão convencêr-se de que a vida é passajeira e taful, uma árvore que séca e mórre para nunca mais renascêr.

«E coração gásto e vélho
Não tórna mais a menino.»

Têr saudades de quê, se a alma e o mundo envelhecem?

Toda a alegria acabará na dôr, depois do dia virá logo a noite.

«Alma e Estrêlas, envelhécem
Como qualquér coração:
Tanto cança a lús ao sangue
Como o sangue á lús...»

Mas, a invéja perségue-os... Fálão, outra vês, dos vélhos tempos, dos nádas que perdêrão e que tudo darião para alcançarem. No ultimo esfôrço da sua ironia rabujênta teimão, é mais um alivio! que as coizas vão para peiór. As flôres descórão, os frutos apodrécem.

Loucura! póbres vélhos. Um pár de namorados trouxéra lhes de prezente um ramo de cravos e um ninho de rôla. Não são tão frêscos os cravos? Tão lindos nas suas côres? O vermêlho, o branco.

«E aquêle amarélo, ardênte,
Estoirado, tôdo abérto...
Paréce a roza do sol
Abrindo pelo nascênte,
Lá nas manhãs do desérto!»

A vida continúa, é bem verdade, inalteravel, pura, môça como as rozas.

«Temôr da Mórte? São mêdos!
Morrerá a alma, quando
Se vêem rozas abrindo,
E as aves acaralando,
E tanta estrêla luzindo,
E tantas fôntes cantando?»

E o par de namorados caminha, pelo luar, as almas entrelaçádas num beijo louco.

No *Ara* acentua-se o salutar panteismo que emana désta óbra. O *Ara* é o poêma da terra. A' frutos loiros, á flôres que se espreguição, perfumadamente, numa louçania de côres, á canticos suáves das lágrimas da agua. Um nervôzo purissimo de vida infiltra-se pelas coizas, ajita a alma do infinito, soluça nos crepusculos de sangue e ri, em gargalhadas de oiro e sol, ás manchas, pelos troncos das arvores. Fios longos de prata serpeião pelas encóstas, um fremito alégre de saude derrama-se pelo ar. A' pórta duma cazita, uns garotitos nús brincão, rolando-se pelas verduras, os cabêlos cheios de pó, os ólhos claros de lús... E, na fônte perdida — quatro pédras antigas e nêgras com rugas de musgo, — um veio d'agua, muito tempo e muito umilde, réza brandamente, dôcemente, o evanjélho da Bondáde.

A' vólta da ermida, com pipas de vinho sôb as tôldas e exibiçõis pagãs, êntre a nuvem densa e pezáda, suando, berrando, o pôvo dança numa movimentação epilética e os sinos doidos, furiózos, badálão inos de fôrça, repiques de crença. Pelos campos, na lida da vindima, as lavradeiras de córpos sádios e tostádos, numa graça descompósta de roupas, um enxame de côres vivas, elévão a vós cristalina das suas máguas, das ideias lindas do seu amôr e, lá no tôpo das arvores, tão pérto do infinito, os camponêzes arrancão cáchos duvas que, esmagádas uma a uma, darão espumantemente, o vinho.

Depois, quando entardéce, os pastôres vão descendo das sérras, guiando os rebanhos, e pensando, inquiétos, sequiózos de beijos e de ternuras, no amôr que lhes espiritualizou o coração.

Um momento de agonia tranquila. Mórrem, na angustia suprêma dum beijo, os segrêdos das almas apaixonadas. O luar násce e sente-se mais o perfume das flôres.

Assim nos fála Corrêa d'Oliveira nêste seu livro que é uma mão cheia dos dramas desconhecidos das fôlhas e das aguas.

O sonêto em que se oferéce o *Ara* a D. Amelia d'Orleans é uma óbra d'arte e déve ésta senhôra guardá lo com o artigo — *A Rainha* — de Êça de Queirós, como as duas melhóres coizas que a sua vida criou na térra e que valem mais do que o seu trôno. A poezia — *A' janéla da Noite* — tem a consistência sentimental e filozófica dos monólogos shakesperianos.

«Entre as quatro parêdes dêste mundo
que cada vês se féchão mais e sempre,
sobre'o meu coração: eu vejo eu sinto
que a vida, para mim, é como a torre,
essa torre da sêde e nevoeiros,
da triste silvaninha do rimance.

Tenho sêde, — e lá fóra cântão fontes.

E então eu digo em mim: O alma! espera.
Vem a esta janéla: alonga a vista,
E tu verás a sombra do Invizivel;
Apura teus ouvidos, alma! e escuta
A vós inconfundível do Silencio...»

De todas as poëzias do livro, a — *corpo lindo* — afigúra se me como a que melhor tradús a alma do artista e onde éla mais cláramente se extazia.

«quatro vestidos tens, ó minha Terra,
com que vestes teu corpo airôzo e lindo...»

E, em todas essas fázes duma diversa psicolojia, a naturêza conserva e afirma eterna pujança da sua fôrça, da sua saúde, da sua mocidade.

O *Ara* tem o defeito de ser em verso solto, posto de parte pela sua insuficiencia para a completa realização, principalmente muzical, da intenção poética. Condénão-o todos os críticos modérnos e com razão. Todavía, Corrêa d'Oliveira consegue prendêr-nos porque se lhe falta a armonia das palávra, somos reduzidos pelo wagnerianismo das ideias.

Facilmente se conclue, agora, que Corrêa d'Oliveira realiza, na sua óbra orijinal, uma sã revolução na árte portuguêza. O momento istórico que atravéssa a umanidade não permite a inutilidade agradavel dos lirismos. Quer-se que a árte seja, totalmente, um dos meios mais eficázes e dirétos para o aperfeiçoamento revolucionário. A árte caréce, pois, duma execução de ideias que nos libértem de todos os preconceitos, que nos fázem compreender a castidade simples e a lús da justiça e do bem.

E cantar a terra, cantar o povo como êle córa na sua cega desgráça, adorar a terra, adorar a seiva, adorar as flores, adorar as árvores revolucióna, edúca e confórta.

Coimbra — 20, outubro.

Eduardo d'Almeida.

Carta do Rio de Janeiro

A Real Associação de Socórros Mutuos Memória D. Luiz I mandou no dia 18, na matris do Sacramento, rezár uma missa por alma do seu patrôno comemorando assim o aniversário do seu falecimento. Este áto relijiôzo esteve bastante concorrido.

— O *Jornal do Brazil*, em seu numero do dia 20 publica os retrátos de cinco novos ministros; são êles; Jozé L. de Castro, Eduardo Viláça, Antonio Augusto Pereira de Miranda, Sebastião Téles e Jozé d'Alpoim.

Touxe-nos pois o telégrafo a noticia da quéda do govêrno rejenéradôr. Morrêrão! *que pena...*

Mas que importa para Portugal a morte dos seus expoliadôres, se êles resuscitárão, os mesmos, avendo tão simplesmente a diferença de nomes? Diferença de nomes e nada mais; os ómens são os mesmos; uns, já conhecidos, e os que pela primeira vês vão aos consélhos da Corôa... dize me com quem lidas...

— Continua sendo bastante lamentada a catastrofe sofrida pelas nossas armas nas marjens do Cunéne; noticias vindas de Lisboa dizem que será nomeado um jenerál para comandar a nova expedição a Africa afim de bater os selvájens; lembro-me que essa nomeação seria muito acertada na pessôa do defunto ministro da guerra sr. Pimentel Pinto, e uma vês em Africa por certo lhe lembraria por mais do que uma vês o logar lonjinquo para onde ilegalmente e sem coração mandou cento e dezoito dos nossos soldados. Uma vês sob aquéle clima, ainda que com todas as comodidades possiveis a um jenerál, devia ter momentos de remórsos e não sei de que mais... pois que sob o seu comando podia encontrar algumas das suas vitimas de então.

— Volta na proxima sessão do Suprêmo Tribunal Federal, a ser discutido pela quarta vês a já tão célebre questão dos vinhos espanhois vendidos aqui como procedentes de Portugal. Este vinho apreêndido á tempos, foi pelo Suprêmo Tribunal em sua decizão mandado entregar aos seus dônos, depois de inutilizadas as marcas dos que fossem verificados sêr de falsa procedencia. O Juis Federal em dezacôrdo com o que mandava o Tribunal mandou entregár os vinhos aos seus proprietários a verificação indicada e raspájem das marcas, condenando tão sómente duas firmas que em petição jneta aos autos confessárão que os vinhos de sua propriedade como todos procedentes do mesmo fabricante, tinhão incidido nas dispozicôis proibitivas da Convenção de Madrid. As mesmas firmas e o procuradôr seccional da República, protestárão contra esta decizão, de que agravárão para o Suprêmo Tribunal; negado pelo juis o agravo, fôrão tiradas cartas testemunhaveis, que contraminutadas pelo juís, subirão ao mesmo tribunal no dia 22 do corrente.

— O *Jornal do Brazil* d'ôje, publica os retrátos dos oficiais portuguêzes mortos ou extraviados na embuscada preparada pelo jentio em Africa.

Trindade.

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

ORARIO

(Desde 6 de novembro de 1904)

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

Partidas

Do largo das Ameias		Da rua Infante D. Augusto	
8h 30m	manhã	9h	manhã
9	»	9 ,30	»
9 ,30	»	10	»
10	»	10 ,30	»
10 ,30	»	11	»
11	»	11 ,30	»
11 ,30	»	12	»
12	»	12 ,30	tarde
12 ,30	tarde	1	»
1	»	1 ,30	»
1 ,30	»	2	»
2	»	2 ,30	»
2 ,30	»	3	»
3	»	3 ,30	»
3 ,30	»	4	»
4	»	4 ,30	»
4 ,30	»	5	»
5	»	5 ,30	»
5 ,30	»	6	»
6	»	6 ,30	»
6 ,30	»	7	»
7	»	7 ,30	»
7 ,30	»	8	noite
8	noite	8 ,30	»
8 ,30	»	9	»
9	»	9 ,30	»

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Do largo das Ameias		Da estação *B*
3h, 8m	manhã	Depois da chegada dos comboios excepto nos rapidos em que as partidas são logo depois das d'estes.
5 ,51	»	
8 ,13	»	
2 ,30	tarde	
3 ,45	»	
5 ,55	»	
6 ,20	»	
6 ,35	»	
7 ,50	»	
11 ,17	noite	

CORES DOS FAROIS

Verde, indica a Alta; *vermelho*, estação *B*; *branco*, Casa do Sal; *amarello escuro*, reservado.

Aos domingos e dias santificados são suprimidas as carreiras das 9 e 10 horas das manhã, das Ameias, e das 9,30 e 10,30 da rua do infante D. Augusto.

Nos dias santificados e nas vesperas de feriado são prolongadas as carreiras até ás 10 horas da noite.

BILHETES DE IDA E VOLTA

Largo de D. Carlos (Ferreira Borges) á Rua Infante D. Augusto (Universidade)—70 réis.

GABÕES D'AVEIRO

Machado — Alfaiate

R. da Sophia, 58 a 62

COIMBRA

A's ex.mas damas elegantes de Coimbra

Já regressou a esta cidade, vinda da capital onde foi fazer o seu colosal sortido para a presente estação, abem conheicda **Modista de Lisboa,** que tem a honra de apresenter ás damas Conimbricenses, um deslumbrante sortido em **Chapeus modelos** da mais alta novidade e finissimo gosto para todos os preços.

Traz tambem grande sortido de cascos, casacos, cabeções e outros artigos de novidades em confecções para chapeus, que vende por preços excessivamente baratos.

Pede ás Ex.mas Damas a fineza de não comprarem sem primeiro verem o seu enorme sortido e visitar a sua exposição.

Rua Ferreira Borges, entrada pelo Arco de Almedina, 6 2.º

COIMBRA

Córtes de colêtes de fantazia, para o invérno, o que á de mais novidáde.

Machado — Alfaiate

Sofia, 58 a 62

MARCELINO MESQUITA

LEONOR TELES

(ROMANCE HISTÓRICO)

Grande edição de luxo profuzamente ilustráda com gravuras de pájina a 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impréssa em magnifico papél.

Cadernêta semanal de 24 páginas e 1 crómo ou 32 pájinas de têxto — 60 réis. — Tômo mensal, 320 réis.

Brinde a tôdos os srs. assignantes — Um exemplár grátis a quem enviár a importancia de 10 cadernêtas, tômos ou volúmes.

Em publicação na

A EDITORA, *largo Conde Barão, 60*

Lisboa

SALÃO DA MODA

COIMBRA

Fazendas, novidade para vestidos de inverno.

Grandes reduções de preços em todos os artigos désta cáza.

ANUNCIOS

COMARCA DE COIMBRA

(2.ª publicação)

Éditos de dés dias

Pelo juizo de direito désta comarca e cartório do escrivão do 4.º oficio, pende seus termos um procésso de execução de sentença, em que figúrão como exequente, Joaquim Carlos, cazádo, proprietario, do logar e freguezia de Brasfemes e como executado Antonio Ferreira, viúvo, ferreiro, por si e como lejitimo reprezentante de seus filhos e como erdeiro de sua falecida filha Maria Jozé, rezidente tambem no dito logar e freguezia de Brasfemes, e pelo mesmo procésso córrem éditos de dés dias, a contar da ultima publicação do respétivo anúncio, citando nos termos do art. 931 do Código do Procésso Civil, os crédôres dos executados que pretenderem deduzir preferencias o fáção no prázo marcado no § 1.º do art. 932 do dito Código.

Verifiquei.

O juís de Direito,

Rócha Calisto.

O escrivão do 4.º oficio,

Artúr de Freitas Campos.

CARVÃO DE KÓQUE

Vende-se ao fundo do Bêco do Castilho, cuja cáza tambem tem entrada pelo antigo Quintal do Prior, ao prêço de 150 réis cada 15 kilos.

Póde sêr partido no local da venda onde existem os instrumentos necessários para tal fim.

DE 3 A 4 CONTOS

Compra-se propriedade rustica ou urbana até êste prêço, desde que seja bem localizada, e tenha bom rendimênto garantido, ou se emprestão sôbre ipotéca bem garantida.

Carta á administração dêste jornal com as iniciais A. B. C.

Nova loja de sola e cabedais

Os proprietários désta lója pédem a todos os artistas de Coimbra, nêste jénero, que vizitem o seu estabelecimênto, sito na rua dos Sapateiros, e a 11, onde encontrarão completo sortido, em sola, tanto como em cabedais.

Vende-se uma cáza na rua do Rêgo d'Agua n.os 5 a 7. Bairro Alto.

Para tractar João Favas, Largo de S. João.

Predio em Coimbra

Vende se um situado na rua do Corpo de Deus n.º 38, que consiste em magnifica casa de abitação com pára-raios, gás e agua de cistérna e da companhia, jardim e quintal com arvores de fructo.

Para tratar, em Coimbra, Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, n.º 156, e no Pôrto, na rua do Brugnor, n.º 148.

Bolacha Bernardino Machado

A *Fábrica Progrésso* de bolachas e biscoitos, na rua da Moeda, acába de expôr á venda uma nova marca de bolacha em Omenajem ao Conselheiro Bernardino Machado.

Esta nova marca de bolacha encontra-se á venda em todas as mercearias d'esta cidade.

Joaquim Miranda & Filho.

A CONSTRUTORA

ESTRADA DA BEIRA

COÍMBRA

MADEIRAS nacionais e estranjeiras: riga, flandres, mógno, vinhático, páu prêto, nogueira, castânho, plátano choupo, eucalipto e pinho em tôdas as dimensôis. Têlha masalha e portuguêza, tijoulos, louza para coberturas e em tôdas as suas aplicações. Cimêntos de divérsas márcas, cál idráulica e jêsso. Louças sanitárias. Azulêjos. Manilhas de grés e bárro. Ferrájens para construções civis, pregaria, ferro, chúmbo, zinco, estânho e férro zincádo etc. *Láca Japonéza*, tinta de esmálte para férro e madeira. Óleos, tintas, vernízes, pinceis, asfálto, etc.

Fabrico de ladrilhos pelos procéssos mais modérnos

Encarréga-se de construções completas ou pequenas reparações

Executam-se tôdos os trabálhos em carpintaría, marcenaria e serralharia, para o que tem sempre pessoál devidamente abilitado.

Alugão-se apparêlhos para elevár materiais até ao pêzo de 3:000 kilos.

Vigamênto de férro. Concêrtos em pulverizadôres. Tubos, discos, cónes, esféras e todos os artigos em borracha proprios para pulverizadôres de divérsos autôres. Mangueiras em lona e borracha de todas as dimensôis.

Depózito de cófres á próva de fôgo e fogôis de férro.

Vende-se uma cáza no Bairro Oriental de Montarroio com os n.os 25 e 27. Quem pretendêr comprar dirija-se ao sr. João Márques Mósca, rua Martins de Carvalho.

MOBILIA

Vende-se um aparadôr, dois guardas louças, duas secretárias uma estante para livros, uma cómoda, uma montra de cristal, e outras peças miudas.

Para tratar, na Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, 156.

CAZA

Arrenda-se o primeiro andar, rua Fernandes Tomás, ponto central da cidade, muitas e boas acomodações, lindas vistas sobre o Mondêgo, agua e igás

Tráta-se na Praça do Comércio, n.º 14, 1.º

(43) Folhetim da "REZISTENCIA,,

O EXCOMUNGÁDO

XVI

A inspéção do campo de batalha

No dia seguinte, ao rompêr da madrugada, o barão pôs-se a caminho; só lhe faltava uma óra de viájem.

O sôno déra-lhe toda a enerjia e uma parte da confiança injénua que formáva a baze do seu caráter.

Dois pontos lhe deixávão o espirito tranquilo.

Primeiro, pensava, tenho razão, depois Catarina está agóra ao abrigo da perseguição daquêle danádo duque de Orleans.

O interésse, que podia ter em me não achar razão deve ter deixado de o cegar; já que abandonou a emprêza contra o mais caro dos meus bens, não á duvida que concorrerá ôje para me serem restituidos os outros.

E' facil de compreendêr que não tenha por mim uma amizade bem viva; mas a sua conduta próva que tem estima por mim e que não se esquéceu dos bons golpes com que gratifiquei alguma da sua jente.

Por o diabo! Não á de querer privar-se dum servidor que lhe valerá mais, se os inglézes voltarem a França do que esse rebanho de monjes mal cheirózos que me atirou ás pernas.

Mas á um ponto que me embaraça ainda: tráta se de saber se conseguiu ou não roubar-me o coração de Catarina.

— Ei de saber isso por Zêa.

No primeiro cazo, averá entre mim e êle uma guerra de morte; no segundo irei, apezar das inconvenientias que cometi com êle, pôr-me sob a salvaguárda da sua jenerozidade; porque me paréce ómem para sentir que um tal passo é de um jentilómem que tem o coração no seu lugar.

Depois de ter rezumido assim a sua pozição, Ombert firmou-se na séla como ómem que se prepára para sustentar o chóque do inimigo, e, fazendo tomar o tróte a Gibby, achou se em alguns minutos sob os muros de Paris.

Tendo chegado á vista da porta de S. Vitor, que estáva ainda fechada, tomou por um atalho que costeava a muralha de Carlos V, passou sem parar por deante da porta Bordelle e chegou á porta Papal, cuja barrájem se acabava de levantar-se.

Atravessou a ponte levadiça pelo meio das leiteiras, das vendedeiras de fruta que se acumulávão em turba multa e que olhávão para êle espantadas, porque a sua armadura e o seu cortejo tinhão um ar de cavalaria gótica, á muito passado de moda.

Levantárão se mesmo algumas graças timidas á sua passajem, que não tardárão, quando êle esteve a distancia, a mudar-se num concerto que soou dezagradávelmente aos seus ouvidos.

Tudo éra lição para Ombert.

— Ora aí está, pensou êle, como a jerarquia se impõi menos a êstes patifes do que aos onrados trabalhadôres da Touraine. Este povo déve custar a levar, e tudo nêste país déve ser diferente do que até agóra tenho visto. Trata a jente de se pôr em guarda.

Falando assim consigo, Ombert mête-se por um dédalo de ruas tortuózas e negras cujas cázas se agrúpão na vertente da montanha de S. Genoveva.

Esta parte da cidade oferéce aos olhos do barão um aspéto que não sabe como qualificar. A palavra *pitorésco* não estava ainda inventada nem pérto de o ser.

Ninguem tinha imajinado ainda que as cázas tivéssem por principal destino dar efeitos de pintura.

E, além disso, Ombert, desde que se puzéra a viajar, paréce ter adótado por principio o *nihil mirari* do sabio.

Tudo o que vê não paréce feito para o mudar de rezolução, e, depois, o barão não é um *ómem de arte*.

Abituado as grandes e altas sálas do seu castélo, ás abitações limpas, comodas, espaçózas da cidade de Tours, não gosta de vêr o terreno poupado como a fazenda dum pâno cujos retalhos são preciózos.

Passa por isso sem parar deante dos sujos e feios cazébres que se encóstão familiarmente a graciózos edificios.

Semelhante a um ómem ocupado que atravéssa rápidamente uma multidão em que se acotovélão elegantes jentizómens e malandros esguedelhados, não se demóra a observar nem os pórticos das egrejas mais raras, nem os portais dos coléjios, nem as ruinas da vélha cêrca de Filipe Augusto, nem as cázas burguêzas, cheias de músgo, remendadas, inchadas, unidas, crivádas de chaminés escúras, furádas por aguas furtadas floridas.

Tudo isto todavia grotêsco e bárbaro, vulgar em algumas partes, delicado, ornamentado, gráve, esplendido, alégre, sublime em algumas outras, tudo isto, em mássa, é estonteador; porque a Universidade é uma cidade que tem leis, língoa, árte, costumes á parte, é, por si só, uma cidade em que os archeiros do prevóste e os sarjentos da ronda se não aventúrão de vontáde, e donde não sáem nunca sem deixar alguma coiza, quando mais não fôsse uma orêlha; uma cidade que o rei chamava a *minha filha mais vélha*, filha um tanto irreverente e dissoluta; uma cidade em que se dão mais gólpes, se trócão mais ideias em um dia do que em todo o reino em um mês; cidade em que está mais segúro um barão excomungado, do que em qualquer outra parte do mundo, e em que, todavia, não anda senão com circunspéção com mêdo de acotovelar uma franquêza milindróza, ou de pizar um privelijiado demandista.

É, alem disso, uma cidade laborióza e ativa, uma cidade que se deita tarde e se levanta pela manhã cêdo.

Olhai. Ainda não apareceu o sol e já o moinho de Santa Jenovéva começa a esticar os bráços como um ómem que dispérta.

O coléjio de Navarra tem á muito tempo os ólhos abertos e tem cem ólhos, como Argus.

Um só está ainda fechado, é a abitação do rejente.

Saint-Jacques-du-Haut-Pas boceja com toda a largura do seu portal romano; o seu campanário ronca e vai cantar; o de Saint Magloire deu-lhe já o tom.

A abadia dórme profundamente, dórme tambem o mosteiro dos carmelitas.

(Continúa.)

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...
Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão; compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzado, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confecções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para eclesiasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA„

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600
Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicaçõis com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria êm todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Téte d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saueisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Jozé Marques Ladeira & Filho

4, PRAÇA 8 DE MAIO, 5

COIMBRA

Canalizaçõis para agua e gás ACYTILENE — instalaçõis completas.

Tubos de ferro, chumbo, latão e lôna.

Lústres de cristál e bronze, candieiros e lanternas para gás. Retrétes, tinas, lavatórios e urinóis.

BICOS D'INCANDESCENCIA, *sistéma Auér.*

Máquinas para aquecêr agua para banho.

Autoclismos, torneiras e agulhêtas.

Fogõis de cozinha e sála.

Fogareiros a gás, acetiléne, petróleo e alcool.

Bombas de todos os sistêmas.

Preços rezumidos em bombas de relójio.

Aparélhos elétricos: Cartão e corda d'amianto, borrácha e folha.

Filtros sistêma Pasteur.

Toma-se conta de qualquer encomenda e executa-se qualquer obra por mais importante que seja, tanto na cidade como fóra, tomando os seus proprietarios inteira responsabilidade.

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Luz — 103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestaçõis e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao públicó em melhores condiçõis do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONÓGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande colécção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã
e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 reis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias — Publicação semanal

Diretóra: D. LEONOR MALDONADO

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 1$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada*, a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand Jozé Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

Macario da Silva

E

José Falcão Ribeiro

ADVOGADOS

Praça 8 de Maio, 37

(Em frente ao tribunal)

JARDINEIRO

MANUEL CALDEIRA, de 37 annos de edade, de Sernache dos Alhos, oferece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nésta cidáde ou imediaçõis.

Tem longa pratica daquêle serviço, pois estêve durante 16 ânos, efétivo, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr póde procura-lo em Sernache dos Alhos.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

PROGREDI ET PRODESSE

ADEGA REGIONAL DE ENTRE DOURO E LIZ

COIMBRA

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a mindo

Installação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda a mindo (15 de outubro de 1904)

Marcas	Garrafão de 5 litros	Garrafa de litro	Garrafa bordaleza
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	550	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — *Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.*

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12 — Rua da Moeda — 14

N.º 954 | COIMBRA — Quinta-feira, 17 de novembro de 1904 | 10.º ANO

Convite

O abaixo assinádo, em dezempenho da missão que lhe foi confiada pela assembleia de republicanos de diferentes pontos do país, reunida em Lisbôa no dia 6 do corrente mês, tem a onra de convidar as commissõis municipais e paroquiais republicanas, os centros republicanos, e, em geral, todos os seus correlijionários desta circunscrição, a enviarem reprezentantes, no dia 20 proximo, ao largo da Freiria, ao Centro republicano, pelo meio dia, a fim de se procedêr á eleição dos vogais que, por esta circunscrição, ão de fazêr parte da comissão promotôra da organização do Partido Republicano Português.

Coimbra, 13 de novembro de 1904.

Bernardino Machado.

O EXÉRCITO

São de rigôr nos paladinos monarquicos os elojios ás instituiçóis que felismente nos rejem, todas as vêzes que se manifesta uma crize de moralização na Republica francêza.

Assim se compara estultamente um país que agoniza no marasmo politico, a um que se levanta e rejenéra na luta mais nóbre contra os inimigos da sua raça os fautôres da sua decadencia.

A todo o momento se compára a pás pôdre em que dijérem socegadamente os exploradôres do nosso país com a luta violenta que domina ôje os partidos politicos da França.

A pouco ainda o sr. Jozé d'Alpoim, que cultiva com furor este jenero de paralélos, alcunhava de rejimen de delação o do exército francês e comparava-o com a excelencia em que vive o nosso exército ao calôr benéfico do rejimen monarquico.

Ora é de saber que o rejimen de delação é de uzo constante no nosso exército, e que o sistema de espionajem é o mesmo com todos os ministérios.

A cada ministério muda-se apenas de pessoal.

É comum vêr nos jornais da opozição a denuncia de perseguiçóis feitas a oficiais, simplesmente por não estarem nas boas graças politicas do ministro da guerra.

O ministerio tranzacto do sr. Pimentel Pinto foi um exemplo recente deste vício que rói o exército português.

O sistêma de delação é corrente, e não á ministro da guerra em Portugal que não tenha recebido centenas de cartas anónimas, denunciando os oficiais dos diversos córpos, alem das denúncias que lhe fazem os oficiais da sua confiança.

O sistêma de delação não tem porem servido em Portugal senão para enfraquecer o exército.

Em França a delação e a espionájem érão de prática corrente dentro dos quarteis, e com este sistêma se fortalecera o clericalismo.

Os oficiais mais graduádos dávão exemplos públicos de sujeição ao ultramontanismo exibindo-se em todas as parádas das suas forças, e no afastamento dos quarteis tinhão organizado um inimigo poderôzo contra a República, o mesmo é que dizer contra a França.

Foi o castigo dos primeiros oficiais que se aprezentárão em manifestaçóis ostis contra a França, que, levantando opozição da parte do exército levou ao conhecimento do estado de profunda desmoralização que nêle lavrava.

O cázo Dreyfus, e as peripécias do seu longo procésso trouxérão a público a organização clandestina que condenáva e absolvia confórme aos seus interésses e que constituia um perigo grave para a França.

Os governos da república fizérão então o seu dever.

Combatêrão a razão de estado que falsamente se levantava para afastar o castigo dos criminózos, fizerão um inquerito rigorózo ao exercito, e mostrárão-no publicamente na sua profunda dezorganização, tentando remediar o mal que ameaçava a França.

O clericalismo dominava o exercito; oficiais e soldados estávão sob o rejimen da espionájem e da delação; os mais ardentes republicanos érão perseguidos tenásmente, e não podião rezistir á guérra que lhe fazião os elementos ligados ao ultramontanismo.

A republica fês o seu dever: protejeu os seus soldados.

A defeza dêles trouxe a revelação de toda a vida de sujeição mizerável em que se debatia o exército, inutilizando-o para a defeza da pátria

Désta depuração o exercito francês sairá mais fórte, e converter-se-á em verdadeiro apoio da nação.

Em Portugal, o ultramontanismo tem procurado tambem dominar o exercito.

Mais de um oficial deve a sua colocação á intervenção do clericalismo

E citão-se nomes de oficiais, que despertjiádos no exercito, conseguem manter-se no serviço átivo, contra o desprezo dos camaradas, pela alta protécção que devem ao ultramontanismo.

Devemos porem confessar que o ultramontanismo tem feito poucos progréssos no exercito português, apezar das altas protéçóis que o favorécem.

Os ministros portuguêzes são porem informados de tudo o que se dís ou fás nos quarteis em seu abono ou deterimento seu, com quanto a delação não tenha uma organização oficial.

Os ministros portuguêzes têem até mais duma vês procedido contra oficiais por palávras pronunciadas contra êles, em conversas particuláres, nas secretarías dos quarteis.

E tem-se feito tudo isto sem com isso ganhar nem a segurança da pátria nem o prestíjio do exército.

Reorganização Républicana

O *Norte* publica com este titulo o artigo que transcrevemos gostózamente por mostrar a uniformidade de pensar que orienta os trabalhos dos republicanos portuguezes:

Cabe repetir o que se escreveu ajustando-se á situação que atravessamos: «ser republicano não é entre nós unicamente professar principios democraticos; ser republicano, é ser patriota; a Republica é ôje mais que uma fórma de govêrno porque reprezenta a salvação do país».

A consequencia da veracidade da afirmativa, é que a existencia de um partido republicano forte e unido, equivale á existencia de uma patria, livre, independente, autonoma, vivendo no interiôr pelo dezenvolvimento e riquêza das fôrças productivas e no exteriôr afastáda de quaisquer alianças que se equiparem a um protetorado.

Reorganizar o partido republicano é pois uma obra do mais alto alcance nacional e os que pôem ombros á emprêza que merece o desdem soês da imprensa monarquica, além de servirem principios que a sua educação lhe mandou abraçar, servem acima de tudo o seu país que, numa crize assustadôra, avança para uma ruina que é inevitavel, a mantêr-se um rejimen que manifesta um desdem soberâno pelos interesses jerais e se circunscreve a defendêr-se do pôvo que selou o seu divorcio com êle na revolta republicana do Porto.

Se numa defêza do sólo pátrio cada cidadão esqueceria as suas conveniencias pessoais, a sua tranquilidade e a dos seus, para corrêr a opôr-se a um exercito invazôr, a reorganização do partido republicano como unica solução patriotica dos males publicos que nos afligem, impôi a todos quantos têem pôsto o seu trabalho, a sua corajem e a sua fé ao serviço dos seus ideais, uma grande abnegação para que o partido republicano, na mais perfeita coezão, possa realizar o fim que as circunstancias lhe impõem no momento atual.

O modo como na imprensa republicana foi acolhida a iniciativa que entendêrão devêr tomar os que nesta cidade se reunirão para assentar na escolha de individualidades partidárias cuja missão fôsse a de darem os primeiros passos no caminho da reorganização, significa quantos por dezaleito se alheiárão das altas questóis de interesse nacional, que os seus esforços vão encontrar concatenação, e que não sairá uma obra iluzoria e vã aquela a que vão dedicar-se os melhores espiritos do campo democrático, os que não tranzijindo com a imoralidade que domina constituem o escol da sociedade portuguêza.

A convicção de que a monarquia será sempre forte emquanto nos encontrarmos fracos e que só comnôsco têmos a contar para a emancipação e rejeneração do país, levar-nos-á enfim, a estabelecêr a corrente de solidariedade politica de que necessitamos, para sêrmos mais que inimigos do rejimen mantendo-nos num platonismo quazi improveitôzo, tomando a feição de partido nacional dentro do qual póssão cabêr quantos dezéjão a salvação do país e a proclamação da República.

Alexandre de Barros.

No sul de Angola

Sobre o dezastre além de Cunéne só chegou o relatório do Governadôr Jeral de Angola, que pouco ou nada adeanta do que é conhecido pelas noticias particulares.

Espéra-se o relatorio do comandante da colúna de operaçóis, para se rezolvêr o que ája a fazer.

Para isso já têem avido algumas conferencias entre o sr. ministro da marinha e o novo governador jerál sr. Ramada Curto, com a assistencia do sr. Dias Costa, diretôr jerál do Ultramar.

No ultimo paquête viérão algumas noticias paréce que já dignas de credito porque quem as manda, dis ter assistido e visto o dezastre. Vamos rezumir tanto quanto possivel, o que consta:

A colúna era composta de 16 pelotóis de varias unidades e 3 séccóis de artilharia com 8 péças de 7 e 4 péças Hotchkiss, sendo 8 pelotóis indijenas, 2 europeus, 3 disciplinares, 2 de caval aria montada e 1 de cavalaria apeada.

Vê-se logo que dos 16 pelotóis, fôrça total, 50 % são absolutamente indijenas e nos restantes, a não ser nos europeus, e na cavalaria montáda, alguns e não poucos indijenas, averia certamente.

A colúna com esta compozição saiu do Humbe e passou o rio Cunéne nos dias 19 e 20 e estabeleceu-se na márjem esquêrda daquêle rio, na formação de quadrádo.

Paréce que o dispozitivo do comboio no quadrado, já não foi bem estabelecido.

Pela topografia do terrêno: extensa planicie fechada no orizonte, por uma florésta de espinheiros, o campo de tiro era largo e dezembaraçádo.

O inimigo durante os dias 21, 22 e 23 não deixou de atacar a colúna com um continuado e nutrido fogo de guerrilhas.

O comandante da colúna que devia conhecêr a rejião pois é desde Janeiro de 1899 governadôr lá para o sul de Angola, só deu no dia 23, que a escacês de agua era grande na travessia de 100 kilometros, para o Cuanhama e propôs telegráficamente, adiar as operaçóis para maio e para não perdêr o *tempo e o feitio* ainda lembrava um derivativo: atacar o Magago, aringa do soba de Cuamato a 30 kilometros de Cunéne! Extraordinario se é verdadeiro! Mas é de crêr, porque no pequeno espaço de tempo que durárão as operaçóis désta curta expedição, não se vêem senão coizas extraordinárias.

Em 23 ou 24 foi feito um reconhecimento que deu bom rezultado e para 25 foi ordenado um outro comandado pelo capitão Pinto d'Almeida e composto de: um pelotão europeu, 2 do batalhão disciplinar, 4 indijenas, 3 de cavalaria sendo 2 montados e 1 apeado e uma séccão de artilharia com 2 péças de 7.

Isto é: cêrca de metade do efétivo de combate de colúna.

O destacamento abandonou a colúna pelas 5 e meia óras da manhã.

Depois de 5 ou 6 kilometros de marcha, dentro da florésta, encontrou o inimigo e serião 7 óras quando começou o combate.

Este travou-se numa clareira coberta de alto *capim*, tomando o destacamento, que marchava em colúna dupla, a formação de quadrado.

O inimigo em grande numero 10:000 ou 20:000 (!) envolveu o quadrado e sendo êste um alvo fixo e a distancia curta, o seu fôgo em atiradôres e a coberto, produziu nêle, grande numero de baixas; para dar um pouco de ar ao quadrado apertado por todos os lados, ordenou-se uma carga de cavalaria, mas que cavalaria é essa montada em machos?!

E quantos contos e contos de réis nos tem custado os solipedes para o ultramar?!

Rezultado? Este de agora!

As muáres não carrégão, négão-se á marcha e retirão em frente do fôgo inimigo, a quem êste malogro da carga augmentou a audacia.

As muniçóis de infantaria, 120 cartuchos por práça, esgotão-se porque não á disciplina de fôgo no indijena.

A artilheria poucos tiros deu, mas êsses de magnificos rezultados, porque o municiamento que o destacamento levava não era para aquélas bôcas de fogo! Então e esta?! O comandante da colúna era um capitão de artilharia que nem viu como a sua arma ia municiada!

Em vista do enfraquecimento do quadrado o inimigo lança-se ao assalto — os chéfes ainda quizérão manter a cohesão das fôrças, mas éstas completamente rôtas debalde lutárão em fráçóis, tentando retirar para o grosso da coluna.

Tudo estava perdido, o inimigo carregava á azagaia, fazendo uma mortandade enorme nos nossos, que já fujião em compléta debandada.

Quem morreu, morreu com ônra e de frente para o inimigo, fazendo-lhe custar caro a vitória.

Tinhão sido pedidos reforços á coluna, em ómens e muniçóis e déla chegárão a partir 60 praças com 4 cunhetes de polvora, que fôrão encontrar no caminho, os ultimos destroços da coluna, ficando por lá com êles. Uns tiros de *lanterneta* feitos pela coluna, dis-se, acabárão de destruir alguns réstos do destacamento, matando oficiais e praças que talvês chegassem á coluna!

A providencia nêsse dia tinha-os abandonado.

Porque é precizo dizêr-se: algumas das nossas glórias modérnas, em Africa, fôrão providenciais e tem sido isso que nos tem levado a tratar ainda as coizas mais sérias, no ar. Nêste revez como sempre, a ônra do nome português sobrenadou acima do dezástre.

A bravura de tôdos e sobre tudo dos oficiais, atésta bem alto a nossa valentia, mas lá ficão todos os detalhes de organização, preparação e de execução a mostrar — a nossa im-previdencia — e a nossa indisciplina organizadôra.

Que ao menos tudo isto nos sirva de lição.

A coluna de operaçóis retirou tornando a passar o Cunene, para o Humbe, onde se acha em segurança.

Paréce que á ultima óra está rezolvido em principio, que a nova coluna de operaçóis será de 5:000 ómens e organizada e comandada, com toda a independencia, pelo majór de estado maior sr. Eduardo Costa.

Está fazendo as vezes de governador civil o sr. dr. Anibal Ferreira da Costa Maia.

O sr. dr. Antonio de Padua, e o sr. comisário de policia continuão em em Lisboa, fazendo o sr. dr. Gaspar de Matos as vezes de comissario.

Começa-se a bichanar que o sr. major Lemos, antigo comissário de policia em Coimbra, e que se dizia seria nomeado em bréve para sucedêr ao sr. major Arauje, não será nomeado já.

Afirma-se mais que se não fara a nomeação de comissario de policia, ficando êsse logar a cargo do sr. dr. Gaspar de Matos.

ERCULANO DE CARVALHO

Este distinto especialista de molestias dos dentes retira-se por algum tempo de Coimbra, deixando o seu consultorio sob a direção do sr. Caldeira da Silva, que tão sólidos créditos de bom operadôr granjeou em Coimbra no mesmo consultório em que lhe sucedeu o sr. dr. Erculano de Carvalho.

A reorganização republicana.

Transmitem-nos as fôlhas da capital a grata notícia da reorganização do Partido Republicano.

Já não é sem tempo!...

Quando em 1899 se constituiu a tão decantada e memoravel *Concentração Democratica* que ao mênos têve o mérito de nos preparar uma estrondóza vitória eleitoral no Pôrto, tôdo o país julgou que o Partido Republicano ia entrar de vês numa fáze deciziva.

Mas a vitória eleitoral do Pôrto foi apênas um meteóro que momentaneamente fulgurou no calijinôzo firmamento da politica portuguêza; o entuziásmo para logo se extinguiu e tudo caiu na tradicional apatia nacionál que em má óra nos foi atávicamente transmitida pelos árabes e outras tribús de orijem semitica.

Em janeiro de 1902 realizáva-se nesta cidáde o IX congresso do Partido Republicano Português. Ali proferirão-se solénes discursos; declarou-se que a Pátria estava em perigo e por fim saiu eleito o atuál esfaceládo Diretório, désta vês convertido em triumvirato a reiteradas instancias dos républicanos do sul.

O sr. dr. Celestino d'Almeida aprezentou então o seu notabilissimo *Projéto de lei organica do Partido Republicano Português*, estabelecendo muito sensatamente as Juntas diretôras do norte, centro e sul.

Tão sensato, quanto bem elaboráda trabálho, têve o especificádo vóto dos nossos eminentes correlijionários srs. drs. Affonso Cósta e Augusto Barrêto, a que se associou o prestante cidadão Inácio de Magalhãis Basto.

Por declaração publicáda na *Vanguarda* de 9 do referido mês de janeiro, aderimos jubilózamente (e com que orgulho o afirmamos) ao aludido projéto de lei, felicitando por essa ocazião o sr. dr. Celestino.

Tôdos nós tivémos então a miraculóza iluzão de que emfim ia o Partido Républicano Português resgatar numa triunfal campanha contra a monarquia tantos érros acumulados em longos ânos de lastimóza inação, em perniciózos ânos de mizeras tranzijencias com o conselheirismo dos denominádos républicanos moderados.

Mas... a bréve trêcho de tempo... surje na *Vós Pública*, do Pôrto um protésto firmádo pelo sr. Sampaio (Bruno) em que êste publicista acoimáva a nóva *Lei organica do Partido Republicano Português*, de iniqua, depótica, centralista, anti republicana e faccióza, dando logar ao dezáirôzo conflito com o sr. dr. Afonso Costa.

Decorre em seguida um longo perio do de incertêza e ezitação!... Os républicanos da provincia começão a murmurar contra a inexplicavel inação dos chéfes; alguns passárão a engrossar as fileiras do partido rejeneradôr-liberal, outros ameaçárão (e mui sériamente) de seguirem tão perniciôzo exemplo, e por fim aparéce na *Democracia do Sul*, n.º 50, de 14 de março de 1903, um artigo sôb a epigrafe *O Partido Republicano*, por nós firmádo, e em que verberavamos com a maior indignação a inexplicavel atitude do Diretório.

Poucos dias depois da publicação d'este artigo recebiamos uma carta do nosso prestante correlijionario sr. dr. Jozé Estévão de Vasconcélos, em que s. ex.ª se justificava declinando a responsabilidade dos que se mostravão impacientes muito antes da realização do ultimo congresso de Coimbra, e, manifestando o seu descontentamento annunciava-nos e sua demissão de membro substituto do Diretório, verificando-se dest'arte a nenhuma culpa que lhe assistia no malôgro dos trabalhos preparatorios para a reorganização do Partido Republicano; procedimento nobilissimo que ônra o seu carater.

Foi grande a nossa surpreza e ainda maior o nosso profundo desgosto!... Não sabia como procedêr; ezitáva em adotar qualquer orientação politica, quando um dia (fins de março do aludido âno de 1903), recebêmos a visita dum dos nossos mais prezados amigos e distintos correlijionarios com quem tivemos uma longa conversação sôbre o lamentavel malôgro dos trabalhos preparátórios para a tão suspirada reorganização do nosso partido.

Foi então que por sua ex.ª tivemos a agradavel noticia de que o nosso devotado e simpático correlijionário — sr. dr. João de Menêzes — ia em bréves dias fundar um novo jornal republicano *O Debate*, folha de combate contra a monarquia e especialmente dedicada á discussão sobre bazilares principios de bôa e excelente orientação democrática; trabalhos estes que constituem a especial predilécção do sr. dr. Menêzes e em que o emérito publicista á sempre tido grato ensejo de manifestar as suas aptidôis.

A nossa longa expétativa foi depois recompensáda pela fecundissima ação do sr. dr. João de Menêzes.

Ao nosso distinto amigo se deve com efeito o inicio dos trabalhos para a reorganização do Partido Republicano.

A lamentável suspensão da publicação de *O Debate* em coiza alguma prejudicou a continuação dos trabalhos em que nós até certo ponto colaborámos com os nóssos modéstos artigos na *Vanguarda*, na *Democracia do Sul* e alguns nêste bi ébdomadário; artigos estes que apênas se relévão pela nossa muita dedicação á cauza republicana.

A fáusta adezão do sr. dr. Bernardino Machado ao Partido Republicano contribuiu enórmemente para acelerar o movimento de concentração de todas as forças da Democracia conjugadas num supremo exfôrço de libertação, num derradeiro apêlo ao reconhecido patriotismo de todos os portuguêzes, de todos os verdadeiros democrátas para se promover a redenção da Pátria.

O não menos faustôzo regrésso dos nossos simpáticos confrades srs. António Jozé d'Almeida e António Luis Gômes, veio por seu túrno despertar as enerjias e depurar os caratéres para a suprema lúta contra o rejímen.

Que os simpáticos eleitos de Lisboa, Porto e Coimbra para os ulteriores trabalhos de reorganização democrática do Partido Republicano consigão o bom éxito da sua missão, eis os nossos mais sincéros e ferverózos vótos!....

Fazénda Júnior.

AS PRAXES

Este âno, temos por mais de uma vês insistido na necessidade de acabar de vês contra o costume estupido das tróças noturnas aos caloiros, defendido como praxe disciplinar academica.

Os fáctos estão dando razão aos nossos sobresaltos e avizos.

As praxes tinhão caido em dezuzo, desde que as *troupes* começárão a ser perseguidas pela policia, e que foi prohibido aos estudantes andarem embuçados de noite.

Os segundanistas, que este âno resuscitárão as praxes, nada tinhão sofrido com élas.

Mas fês se mais. Como as praxse tinhão caido em dezuzo, consultárão-se os praxistas que fizérão obra de fantazia ou restaurárão praxes que á muito tinhão absolutamente dezaparecido.

E assim foi que este âno as *troupes* dérão bôlos num segundanista com o pretexto de que as praxes lhe não permitião andar na baixa depois das nove óras, a não ser depois das férias de páscoa.

Tal praxe, se alguma vês a ouve, tinha dezaparecido á mais de trinta ânos!

Os caloiros, cançados de tanta guérra, rezolvêrão formar *troupes* e dar cáça aos estudantes da Universidade.

Inventárão praxes nóvas com a mesma dezenvoltura com que os da Universidade.

Alguns graciosos têm inventado ataques de caloiros a veteranos, que têem dado logar a ocorrencias censuraveis.

E assim se vão armando conflictos que não terminarão sem que se dê algum acontecimento dezagradavel.

A autoridade académica continua a sorrir para tão inocente divertimento, espéra sem duvida cázo mais grave.

Fás bem...

De viájem

Encontra-se na capital, hospedado no Otel Franefort, vindo de S. Tomé e devendo retirar brevemente o nosso prezado assinante, sr. João Carlos Botelho Cordeiro.

D'aqui lhe damos as bôas vindas.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Os empregádos do comércio de Montemór-o Novo associárão se e andão organizando uma pequena bibliotéca para se instruirem.

O mesmo fizérão os de Tomar.

A ambas as associações enviamos, com as nossas felicitações, o nosso jornal.

Ernesto Oscar da Silva

Como prometemos no nosso numero anterior, vimos óje fazer uma referencia ao concerto que este artista realizou no salão do Instituto no proximo sábado passado.

Foi cumprido todo o programa anunciado, menos o n.º 2 da segunda parte, que deveria ser preenchido pelo r.s Luis Pinto d'Albuquerque, mas que por motivo superior não pôde dezempenhar.

Este programa era de molde a agradar a um auditorio intelijente mas sem cultura muzical.

E' para lamentar que não ája já em Coimbra um publico, ainda que limitado, que compreenda um artista como Oscar da Silva em toda a latitude do seu talento.

Dai rezulta o ter de se organizar um programa variado e movimentado para deixar agradavel impressão, com o que aconteceu na noite de sábado. O artista tranzijiu com o publico que o ouvia.

A critica no estranjeiro e no nosso país tem feito sempre as melhores referencias a Oscar da Silva e a isso tem direito o seu talento real A onestidade da sua obra é bem o fructo dum cerebro que olha o ceu sem impedir ao coração de amar a terra. E' por este equilibrio que o seu trabalho ficará, é um temperamento vigorôzo.

Uma coisa ainda mais nos aumenta a simpatia em favôr do artista, é o não fazer caso do que tem feito pelo muito que vê a fazer. O seu orizonte é vasto e não pensa que o mundo acabará quando a elle.

As suas melhores compoziçõis não nol-as fês ouvir. Das que compunhão o prográma destacarêmos a melodia op. 3 para violino. Um facto folgamos imenso de poder aqui rejistar, foi a ovação que teve ao findar o nocturno de Chopin. E ao mesmo tempo que folgamos, que tristêza nos invade! E' que pensamos o que pode dar a alma portugueza e como anda tratada.

Um pais onde o publico assim se impressiona com Chopin sem para isso estar preparado, nunca morrerá. Mas a alma não é planta bravia, preciza ser cuidada... Voltemos ao concerto. Este noturno é um dos mais sublimes da sua coléção. E' um adeus feito de *perdão e de ternura da nossa óra derradeira*, enviado á sua amada Polonia, com o coração trespassado de dór pela sua desdita, o corpo sem vida e o espirito já sem força para as revoltas... contra o destino. E' um adeus que o terno olhar da irmã emoldorou para maior grandeza e simplicidade do quadro. Óra tudo isto Oscar da Silva nos fês vêr.

A irmã teve a sua imajinação de a criar, quanto á patria desditóza... não sabemos o que ele pensou...

Mas tornemos ao prográma. Pela primeira vês ouvimos o sr. Mauricio Costa no seu violinó; impressionou-nos muito agradavelmente. Tem o sentimento de ritmo e da expressão e um *aplomb* pouco vulgar, Com estudo aturado, e num meio artistico deverá ser um violinista, pois está em boa idade de desfazer algumas incorrêçõis e de se assenhorear do instrumento; mas o sr. Mauricio Costa estuda Direito, e virá por isso a ser um violinista tôrto e, talvês, um bacharel obliquo. Pedimos ás autoridades competentes, providencias contra as infráçõis ás leis... naturais.

A sr.ª D. Amelia ofereceu-nos o seu *cofre* com a frescura e a graça dum espirito que sorri ao Tempo. O auditorio agradecendo-lhe a jentileza viu que ele não trazia a chave, o que sua excelencia não recuzou tambem entregar numa linda quadra em que, se a memoria nos não atraiçoa, se anda á procura da Gloria... in excelsis.

Foi chave d'oiro. Que a sr.ª D. Amelia nos desculpe a vulgaridade da fráze, mas não nos ocórre outra mais luzente.

Ouvimos pela segunda vês a sr.ª D. Beatris Pinheiro na sua árpa. Esta senhôra estava vizivelmente indisposta.

Foi um quadro de que apenas aproveitamos a moldura, se bem que de superior quilate, pois um veu para nós misteriózo nos impediu de vermos brilhar o seu espirito d'élite a sua feição e recursos artisticos.

Tivemos tambem ocazião de ouvir o sr. Luis Ribeiro no seu baudolim. Este instrumento compromete a sua pozição social; o bandolinista é mais ou menos galinha... porque esgravata. Além disso e instrumento fóra de uzo porque já se não gasta poezia em torneios e aventuras amorózas. Estimariamos vêr o gósto e a intelijencia do sr. Luis Ribeiro aplicada a um instrumento de mais ouestas qualidades... Acompanhou-o a ex.ma sr.ª D. Elvira Pinheiro, senhora duma natureza artistica que neste programa dezempenhou um modesto logar, mas que não nos foi por isso menos simpatico.

Fechou o concerto com uma parafraze da canção popular *Margarida vái á fonte*, que Oscar da Silva, a pedido do auditorio, improvizou e a que este achou muita graça.

E nós tambem.

A.

Muzeu de antiguidades

Dérão entrada neste muzeu dois capiteis de granito acompanhados do seguinte oficio:

Il.mo e Ex.mo Sr.

Fôrão despachados por êste Muzeu com destino á Secção Arqueolójica do Instituto, dois capiteis procedentes da antiga tráça do extinto mosteiro de S. Bento da Ave Maria do Porto, atuálmente demolido, para, no seu logar, ser ereta a nova Estação Central dos Caminhos de Férro. Constituem oférta do Muzeu Municipal do Porto que, dest'arte prosegue no tão grato e profícuo rejimen da mutualidade de serviços e permutas entre as duas instituições.

Deus Guarde a V. Ex.ª

Muzeu Municipal do Porto, 4 de outubro de 1904.

Il.mo e Ex.mo Sr. Prezidente da Sécção Arqueolójica do Instituto de Coimbra.

O conservador,
Rocha Peixoto.

O sr. Rocha Peixoto tem dado um grande dezenvolvimento ao muzeu municipal do Porto. que óje se recomenda pela sua instalação cuidadóza, e pelo espirito scientifico que preziáiu á escolha d catalogação dos objétos expóstos.

No muzeu de antiguidades á exemplares de vários azulejos, sobretudo do seculo XVII, que fôrão enviados pelo muzeu do Portó, onde os avia em duplicado.

O muzeu de antiguidades do Instituto tem retribuido éstas ofértas.

O sr. dr. Manuel de Oliveira Chaves e Castro offereceu ao muzeu uma moeda de cobre e uma medálha romana do mesmo metal.

Estes objétos fôrão encontrados em outubro de 1904 no dezaterro da sua caza para a rua de Québra Costas, por ocazião de colocar se junto da parede uma valeta para escoante das aguas pluviaes.

A batina

Por nunca nos parecer que fossem de grande interésse os artigos que aqui começámos a publicar com este titulo, aviamos interrompido a sua publicação,

Enganávamo-nos, como temos verificado pelo pedido dos numeros da *Rezistencia*, em que os publicamos e alguns dos quaes se áchão esgotados

Por este ultimo motivo reimprimimos o terceiro artigo, que nos é pedido por um nosso assinante de Lisboa, e no proximo numero continuaremos com este assunto até os nossos leitores dizêrem — basta!...

Ficão avizados. Depois não venhão chamar-nos massadôres.

Assim o quêrem, assim o fêmão...

Mudança de estabelecimento

O sr. João da Conceição estabelecido na rua do Sargento Mór, mudou o seu estabelecimento de miudezas e artigos de retrozeiro para a Praca do Comércio n.º 108 e 109.

O prázo para a entrega de requerimentos para o concurso dos logares de administrador de fizica, de quimica e de istória natural termina a 26 do corrente.

Vai estender se a canalização dos esgotos, conforme ao pedido, que em tempos noticiamos, á Cumeada, Arcas d'Agua, e Cellas.

BRIC-A-BRAC

A BATINA

III

Nem sempre os jezuitas mostrárão o seu desdem pelo trajo academico nas suas relações universitárias.

Em D. Gonçalo da Silveira o dezalinho e o desprêzo das coizas do mundo nascêrão de muito nôvo e conta a crónica da companhia um cazo que eu não saberia contar com tanta doçura e descrição.

Réza éla assim:

Tratava se tão mal no vestido, & com tam pouco cuydado de o limpar, que a muitos causava grande asco de o verem, nam alimpando de proposito os bichos, que necessariamente o haviam de molestar muyto: hum dia lhe estranhou isto o Conde seu irmãm, & como por graça lhe disse, que nam fosse tão cuydadoso pastor de tal gado; ao que o Padre Gonçalo respondeo logo, que mais estimava hum bichinho d'aquelles que o molestavam, que o seu Condado que elle prezava.

Fica a jênte sem percebêr como a rainha D. Catarina o mandava chamar ao paço para dar gôsto a duas primas que érão suas damas mui validas...

No principio, porém, os jezuitas esforçárão-se por se metêr entre os estudantes; disfarçando se e trajando como o mais loução.

Foi encarregado da execução o padre Manoel Godinho que...

O melhor é deixar a responsabilidade ao cronista.

Escréve assim de Manuel Godinho o bom Baltazar Téles:

... sabio tão alentado, & perfeito relijiózo, que se *fiou* (desculpe-nos o cronista o sublinharmos) dele o Padre mestre Simam mandalo logo em paregrinaçam a Sanctiago de Galiza, & que na volta ficasse em a Vniversidade de Coimbra, como por espia (á maneira que Josué antigamente mandou primeiro vigiar a terra de promissam) ordenándo lhe, q em trajos de secular andásse entre os estudantes, pera com seu exemplo os affeiçoar á virtude; & pera que depois não estranhassem aos da Companhia, quando os conhecessem, pois ja tinhãm conuersado desconhecidos. Partio o devoto mancebo cõ animo alegre, pés ao caminho, ólhos no céo, & o coraçam em Deos: adoeceo em Coimbra do cãçasso da jornada de tersãs, que totalmente lhe impediram continuar a peregrinaçam. Depois de sárar continuou com o sancto disfarce de estudante finjido no trajo, & religioso verdadeiro no trato....

O padre Baltazar Têles, para destruir escrúpulos que póssão nascêr a profanos nas sagradas letras, cita os exemplos de S. João Crizóstomo, S. Paulo, os anjos do vélho testamento e o próprio Jezus que apareceu a Madalena em trajos de jardineiro.

Voltemos porém ao padre Manoel Godinho e ao modo como se meteu com os estudantes, e arranjou os primeiros discipulos para a companhia de Jezus.

.....

pera que ao menos os estudantes perdessem o medo, que tinham de nós, & pera que os podessemos nós tratar a elles; mandoulhes deante, como dissemos, ao irman Manoel Godinho, vestido em trajos de estudante, pera que d'esta maneira o admitissem pelo habito, além de ser muito conhecido pela pessoa. Vivia elle, & tratava com os estudantes, era religioso; & mostravase secular; o exterior era de estudante polído & galhardo, o animo de religioso humilde, & composto: era Jacob verdadeiro, & mostravase Isau fingido: pera com estes sanctos enganos desenganar ao mundo, & com estes nóvos disfarces, desmentir seus enredos. Vinha muitas vezes a nossa casa a confessarse, & a commungar; trazia de quando em quando comsigo outros amigos, hora uns, hora outros, como melnor podia, para lhes tirar os medos, que dos nossos tinham: pello caminho, & nas praticas ordinarias, lhes persuadia o que neste particular entendia

dia & e elle o sabia fazer com mvy bem ordenadas palavras, & bem apontadas razoens.

E assim ia recrutando Manoel Godinho nóvos sectários; *porque*, dis injenuamente o cronista, *a companhia veio ao mundo não para viver encerrada só com Deos, no retiro das cél s; mas para tratar tambem com os homens, no publico das praças.*

Foi assim que os jézuitas se metêrão na Universidade.

O bom Baltazar Téles, lente de prima e de teolojia na companhia de Jezus, chama a esta pouca vergônha *huma sancta traça.*

Santo.... varão....

T. C.

Carta do Rio de Janeiro

30—X—904.

A incerteza de serem ou não aproveitados os meus pequenos escritos, pela *Rezistencia*, me obriga a abster de opiniões e a não ir de encontro a tantos fáctos que se dão nêste Rio de Janeiro, cidade de tanto trabalho, e, não esquecendo tambem, de tanto crime e absurdo. Guardarei, pois para mais tarde opiniões que profesSo, quando tenha adquirido a certeza de que os meus trabalhos ainda que insignificantes, sirvão de alguma coiza aos leitôres da *Rezistencia*, jornal de que me prezo ser assinante. Por emquanto limitar-me-ei a transmitir as impressões sentidas pelos que, embóra lonje, não esquécem a sua Pátria, interessando-lhes tudo que lhe diga respeito.

— A quéda do ministério do sr. Intze era aqui esperada, pelo que não ouve surpreza digna de menção; a, porém, quem diga que antes os defúntos ministros, do que o recem-nascido govêrno; eu por minha parte... nem uns nem outros.

Oxalá que melhóres dias não vênhão lonje...

— Cauzou profunda consternação a mórte de Róza Damascêno a encantadora atris tão estimada por todos os que a adorávão como artista.

— O *Jornal do Brazil*, em seu número de ôje, na sua primeira pájina, dedica omenajem aos mórtos em África e á glorióza atris portugueza Róza Damasceno.

— Em outro logar disse eu que não podia explicar como se deixávão só para março os trabalhos de organização de uma nova expedição para a dezafronta das nossas armas; porque, se é verdade que a quadra das chuvas em África é um inimigo para o soldado europeu, é um inimigo bastante fórte sobre tudo em travessias difíceis, por lamaçais que lhe dão pelos joêlhos; não é tambem menos verdade que o indijena, que eu conheço por com êle ter convivido durante dois ânos, não se tem e nem recúa perante as chuvas, e saberá aproveitar essa quadra difícil para o nosso soldado, continuando nas suas façanhas selvajens a aniquilar as nossas forças se o nosso governo não providenciar já, pelo menos para a proteção das mesmas.

O soldádo português nunca recuou no cumprimento dos seus devêres; demonstrou-o mais uma vês, quando nessa malográda expedição, deixando a barra de Lisboa, persentia que o seu destino era fatal, conforme carta escrita por um oficiál no momento da partida, em que dizia caminhar para a morte. Não recuará agora que vai em dezafronta da sua Bandeira, em defêza de seus irmãos em perigo, no castigo dos assassinos, dos seus irmãos massacrados!

— Na igreja de S. Francisco de Paula é amanhã rezada uma missa por alma dos mortos em Africa, mandada celebrar pelo negociante dêsta praça sr. Fran Alves Barrôzo, conjuntamente com seus amigos e freguêzes.

P. V. Trindade.

GABÕES D'AVEIRO

Machado—Alfaiate

R. da Sophia, 58 a 62

COIMBRA

Chalet Lisbonense

E' no sábado que abre ao publico ésta cáza de espetáculos, que se acha situáda ao principio da Estrada da Beira.

Estreia se a companhia, dirijida pelo atôr Caetano Pinto, com a operêta — *Ás mangas do ómem.*

Está de luto pelo falecimento de sua filha Maria da Conceição Fonsêca o estimado industrial désta cidade sr. Jozé Miguel da Fonsêca.

O Sport-Club rezolveu oferecêr aos bombeiros voluntarios e municipais a sua cáza e professôres para exercicios de jinástica.

Associação de socorros mutuos Monte-pio Conimbricense Martins de Carvalho

Por ordem do ex.mo sr. prezidente são novamente avizados os socios d'este Monte-Pio para reunir no proximo domingo, 20 do corrente, pelas 10 óras da manhã, na sala do Monte-Pio.

ORDEM DO DIA

Eleição dos corpos jerentes para o âno de 1905.

Coimbra 14 de novembro de 1904.

O Secretario da Assembleia Jeral,

Carlos Ribeiro.

SALÃO DA MODA

COIMBRA

Elegantes chapéos modelos.
Preços sem egual em barateza.

Acaba de saír:

PÃO NÓSSO

ou

Leitúras Elementáres e Enciclopédicas

por TRINDADE COELHO

Um vol. de mais de 500 pájinas, adornádo de inúmeras e admiráveis estampas, em ótimo papel, contendo noções elementáres sobre variádos ramos de conhecimento, e o rezumo de todas as disciplinas que se estúdão na escóla primária. É o livro *post escolar* por excelencia, indispensável a todos, por ser formádo daquéla série de conhecimentos, que é imperdoável — vergonhôzo até! — não possuir.

Preço.... BROCHADO... 500 réis
CARTONADO. 600 »

Do mesmo autor:

PARA AS CRIANÇAS

A B C do Povo, para aprendêr a lêr brochado. 50
O Primeiro Livro de Leitura cart. 150
O Segundo Livro de Leitura » 250
O Terceiro Livro de Leitura » 350

Todos estes livros, editorádos em Paris, são preciózas liçõs de coizas, ilustradas com admiráveis gravuras.

LIVRARÍA AILÁUD

Rua do Ouro, 242 1.º

LISBOA

Córtes de colêtes de fantazia, para o invérno, o que á de mais novidáde.

Machado — Alfaiate

Sofia, 58 a 62

MANOEL DE SOUSA PINTO

A UNICA VERDADE

Drama em 2 átos

Preço 300 réis

Editor—Moura Marques

TEIXEIRA DE PASCOAES

Para a lús

FIGUEIRINHAS JUNIOR

Livraria editóra — Lisbôa

ANUNCIOS

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

Pelo juízo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão do 1.º ofício, Almeida Campos, se anuncia que no dia 4 de dezembro dêste âno, pelas 11 óras da manhã, se ão de arrematar pelo maior prêço á porta do tribunal judicial désta comarca, sito na Práça 8 de Maio e em ásta pública, os bens infra dezignados e que são póstos em práça qelo prêço da avaliação, por deliberação do consêlho de familia no inventário orfanolójico por óbito de António Elizeu, morador que foi na cidade de Manáus, Estádos-Unidos do Brazil, e em que é inventariante a mulhér dêste, Maria Joâna, rezidente no Bordálo, désta comarca, cujos bens são os seguintes:

Uma cáza térrea com o seu logradouro, no logar de Bordálo, freguezia de Santa Clara, no valor de 110$000 réis.

Um pedáço de terrêno no sítio das Coitadinhas, na dita freguezia, no valor de 10$000 réis.

A contribuição de rejisto fica por inteiro a cargo dos arrematantes.

Pelo prezente são citados quaisquer crédôres incértos para vírem, querendo, deduzir seus direitos no prázo legal.

Coimbra, 14 de novembro de 1904.

Verifiquei a exatidão,

O juiz de direito,
R. Calisto.

O escrivão,
Alfredo da Costa Almeida Campos.

Clínica de mulhéres e crianças

Sofia Júlia Dias, médica pela Universidade de Coimbra abriu o seu consultório *médico cirúrjico*, nésta cidade, rua Sá da Bandeira, 59

Para os póbres, consúltas *grátis* da 1 ½ ás 3 da tarde.

CAZA

Vende-se uma casa no bairro Oriental de Mont'arroio com os n.os 25 e 27, quem pretender comprar dirija-se ao seu proprietario Alipio Leite, de Gavinhos de Penacova; ou com João Marques Mósca, em Coimbra

SANTA CASA

DA

MISERICORDIA DE LISBOA

150:000$000

Extracção a 22 de Dezembro de 1904

Bilhetes a 60$000 réis

Vijéssimos a 3$000 réis

A comissão administrativa da loteria, incumbe-se de remetêr qualquer encomenda de bilhetes ou vijéssimos, logo que éla seja acompanhada da sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Quem comprar 10 ou mais bilhêtes inteiros tem uma comissão de 30 %.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Remétem-se listas a todos os compradôres.

Lisboa, 9 de Novembro de 1904.

O secretario,
José Murimélo.

Moveis antigos

Vende se duas cadeiras de coiro, um contador, uma mezita de custura de pau prêto com pés torneados e uma cama antiga de pau de caixão que pertenciêrão ao Convento de Lorvão.

Quem pertendêr póde dirijir-se a Clementina Ribeiro dos Reis, rua do Visconde da Luz; que está encarregado da venda.

LEILÃO DE PENHORES

LARGO DE S. JOÃO

(EM FRENTE AO PAÇO DO BISPO)

Domingo, 20 do corrente, e durante 30 dias seguidos, vende-se em leilão, e particularmente, todos os objectos abandonados por seus donos, e que são os seguintes:

Um faqueiro.
Relójios de ouro e prata.
Cadeias de ouro e prata e diferentes joias.
Máquinas de costúra.
Uma máquina para fazer meia.
Uma máquina fotográfica com tripé, em bom uzo.
Quatro biciclétes e diferentes peças para as mesmas.
Três tornos e um fóle para serralheiro.
Ferrájem compléta para um torno de marceneiro.
Um balcão envidraçado, proprio para officina de sapateiro.
Espingardas, pistolas, espadas e revolvers, sendo um *Abadie.*
Um estôjo para barbiár.
Filtros.
Dois espélhos proprios para sála.
Cama de ferro e de madeira.
Um colchão de arame.
Um contador com bancada, um tremó, meia cómoda, tudo em pau preto antigo.
Doze cadeiras de sóla lavrada.
Duas aleatifas próprias para quarto grande ou sála.
Três tapêtes de Arraiólos.
Uma coberta rara de linho e seda, e outras mais vulgáres.
Louça antiga e modérna.
Uma mêza de pau preto, tendo os pés torneados.
Dois piânos.
Uma Imájem da Senhôra da Conceição e um Cristo de marfim.
Dois oratórios e diferentes imájens de madeiras.
Uma capéla compléta de rica talha grade de mau preto, orgão portatil e grandes quadros em téla.
Um retábulo com quatro colúnas torcidas com passarinhos e párra.
Cinco quádros em pergaminho, com rica moldura em talha.
Seis cadeiras com embutidos.
Dois relójios antigos, sendo um de sála e outro em ebano para cima de mêza.
Redomas de vidro.
Candieiros de metal.
Um fogão de sála, em bom uzo.
Um fogão de cozinha.
Flautas, flautins, guitárras, violas, bandolins e um violoncélo com caixa.
Grande quantidade e variedade de moedas antigas.
Uma porção de oleo para máquinas.
Um prélo litográfico.
Um manequim, proprio para alfaiate.
Baús de couro.
Diferentes livros.
Uma coléção de *Anuários da Universidade.*
Uma coléção de *Farmacopeias Portuguêzas.*
Um cofre á prova de fogo, e mais objétos.

ROUPAS

Grande quantidade de cazacos de agazálho, varinos, fatos completos, capa de senhôra, leeções, toalhas e diferentes roupas, lenços de seda e de lã, chales novos e uzados, cazimiras para fátos, castelêtas, pânos de algodão, cobertôres de lã e de algodão, cobertas novas e uzádas.

Esta CAZA continúa a fazer emprestimos sobre penhores e a comprar objectos antigos, bem como qualquer mobilia encarregando-se tambem de liquidações por conta dos seus donos.

O PROPRIETARIO,
João Favas.

A CONSTRUTORA

ESTRADA DA BEIRA

COÍMBRA

MADEIRAS nacionais e estranjeiras: riga, flandres, mógno, vinhático, páu prêto, nogueira, castânho, plátano choupo, eucalipto e pinho em tôdas as dimensões. Têlha masalha e portuguêza, tijoulos, louza para coberturas e em tôdas as suas aplicações. Cimêntos de divérsas marcas, cál idraulica e jêsso. Louças sanitárias. Azulêjos. Manilhas de grés e bárro. Ferrajens para construções civis, pregaria, ferro, chúmbo, zinco, estânho e férro zincádo etc. *Láca Japonéza*, tinta de esmálte para férro e madeira. Óleos, tintas, vernizes, pinceis, asfálto, etc.

Fabrico de ladrilhos pelos processos mais modérnos

Encarréga-se de construções completas ou pequenas reparações

Executam-se tôdos os trabálhos em carpintaría, marcenaria e serralharia, para o que tem sempre pessoál devidamente abilitado.

Alugão-se apparêlhos para elevár materiais até ao pézo de 3:000 kilos.

Vigamênto de ferro. Concêrtos em pulverizadôres. Tubos, discos, cónes, esféras e todos os artigos em borracha proprios para pulverizadôres de divérsos autôres. Mangueiras em lona e borracha de todas as dimensões.

Depózito de coires á próva de fôgo e fogões de férro.

Vende-se uma cáza no Bairro Oriental de Montarroio com os n.os 25 e 27. Quem pretendêr comprar dirija-se ao sr. João Márques Mósca, rua Martins de Carvalho.

Antonio Ferreira Pereira, previne os seus amigos, e freguezes, de que mudou o seu estabelecimento, que estava situado na Avenida Navarro, para a rua de Ferreira Borges n.os 151 e 153.

FARMACIA ASSIS

SERVIÇO PERMANENTE

Praça do Commercio—Coimbra

Esta caza depois das modificações que acaba de sofrer, é um dos melhores estabelecimentos desta cidade, no seu genero.

O seu propriétario fornecendo-se diretamente das principais fábricas de produtos quimicos e farmaceuticos, tanto nacionaes como estranjeiros; está a pár do dezenvolvimento que a quimica e a terapeutica dia a dia vão experimentando e por isso possue uma coléção variáda das mais modérnas subatancias e produtos quimicos.

O aviamento de todo o receituario é feito por pessoal competentemente abilitado, sob a direção do seu administrador.

Esta caza encarrega-se de mandar os medicamentos a caza de seus freguezes, assim como de chamar qualquer dos clinicos desta cidade a toda a óra do dia ou da noute.

Analizes complétas

de urinas, expétorações, sangue, corrimentos ureteráis e vajinais, etc. etc. e bem como análizes d'aguas, vinhos, azeites, terrenos, etc., etc.

Preços absolutamente excécionais

Bolacha Bernardino Machado

A *Fábrica Progrésso* de bolachas e biscoitos, na rua da Moeda, acába de expôr á venda uma nova marca de bolacha em Omenajem ao Conselheiro Bernardino Machado.

Esta nova marca de bolacha encontra-se á venda em todas as mercearias d'esta cidade.

Joaquim Miranda & Filho.

Predio em Coimbra

Vende-se um situado na rua do Corpo de Deus n.º 38, que consiste em magnifica casa de abitação com pára-raios, gás e agua de cisterna e da companhia, jardim e quintal com arvores de fructo.

Para tratar, em Coimbra, Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, n.º 156, e no Pôrto, na rua do Brugnor, n.º 148.

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...
Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de peseôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicaçõis com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Téte d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saueisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa. 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoal mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolo e grossos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Jozé Marques Ladeira & Filho

4, PRAÇA 8 DE MAIO, 5

COIMBRA

Canalizaçõis para agua e gás

ACYTILENE — instalaçõis completas.

Tubos de ferro, chumbo, latão e lôna.

Lústres de cristál e bronze, candieiros e lanternas para gás. Retrétes, tinas, lavatórios e urinóis.

BICOS D'INCANDESCENCIA, *sistéma Auér.*

Máquinas para aquecêr agua para banho.

Autoclismos, torneiras e agulhêtas.

Fogõis de cozinha e sála.

Fogareiros a gás, acetiléne, petróleo e alcool.

Bombas de todos os sistêmas.

Preços rezumidos em bombas de relójio.

Aparélhos elétricos: Cartão e corda d'amianto, borrácha e folha.

Filtros sistêma Pasteur.

Toma-se conta de qualquer encomenda e executa-se qualquer obra por mais importante que seja, tanto na cidade como fóra, tomando os seus proprietarios inteira responsabilidade.

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestaçõis e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condiçõis do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONÓGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.° 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande coléção de cilindros, com lindas óperas, canconetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.° 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro—Preço 200 reis

Deposito em Coimbra—PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias—Publicação semanal

Diretóra: D. Leonor Maldonado

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 1$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada,* a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand Jozé Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

Macario da Silva

E

José Falcão Ribeiro

ADVOGADOS

Praça 8 de Maio, 37

(Em frente ao tribunal)

JARDINEIRO

Manuel Caldeira, de 37 annos de edade, de Sernache dos Alhos, ofere-ce-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nésta cidáde ou imediaçõis.

Tem longa pratica daquêle serviço, pois estêve durante 16 ânos, efétivo, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr póde procura-lo em Sernache dos Alhos.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.°

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

PROGREDI ET PRODESSE

ADEGA REGIONAL DE ENTRE DOURO E LIZ

COIMBRA

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miudo

Installação provisoria: rua da Sota, n.° 8

Tabella de preços de venda a miudo (15 de outubro de 1904)

Marcas	Garrafão de 5 litros	Garrafa de litro	Garrafa bordaleza
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	550	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — *Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.*

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12 — na da Moeda — 14

N.º 955 | COIMBRA — Domingo, 20 de novembro de 1904 | 10.º ANO

Convite

O abaixo assinádo, em dezempenho da missão que lhe foi confiada pela assembleia de republicanos de diferentes pontos do país, reunida em Lisbôa no dia 6 do corrente mês, tem a onra de convidar as commissôis municipais s paroquiais republicanas, os centros republicanos, e, em geral, todos oe seus correlijionários desta circunscrição, a enviarem reprezentantes, ôje, 20, ao largo da Freiria, ao Centro republicano, pelo meio dia, a fim de se procedêr á eleição dos vogais que, por esta circunscrição, ão de fazêr parte da comissão promotôra da organização do Partido Republicano Português.

Coimbra, 13 de novembro de 1904.

Bernardino Machado.

Codificação das leis operárias

De muito que vimos lembrando a necessidade de sistematizar a lejislação operaria portuguêza, no sentido de a fazer realizar uma ação mais eficás e conforme aos fins que tem em vista. Vimos já como entre nós vigórão dispoziçõis dezordenadas e fragmentárias, sôbre o assunto; como tais leis são iludidas, mercê da circunstancialidade em que são chamadas a rejêr; sobretudo como é condemnavel a forma chaotica, incongruenta e insuficientissima que as domina — e isto, quer separadamente, quer em conjuncto.

E' pois facil derivar a razão do presente artigo — *a codificação das leis operarias*, codificação que por todos os motivos deve pedir-se, entre nós, aos poderes e instancias competentes, na certeza de que com a elaboração dum codigo operario, como elle deve ser feito, realizamos uma reforma indiscutivelmente necessária e momentóza. Pondo, por agora, de parte a questão das vantajens e desvantajens da codificação, no confronto das leis avulsas — questão que serviu apenas para entreter a dialética de á um seculo, temos de admitir ôje que o motivo que prevalece e prezide á pratica da lejislação solta é sobretudo a inercia que se apoderou dos costumes; e, por um lado, a *fatlidade* de refundir materia dispersa, para a armonizar e reduzir a sistêma.

Mas esta dificuldade está lonje de considerar-se insuperavel, como o têm demonstrado varios paizes. Assim, desde 1859 que a Austria incluiu toda a lejislação obreira num codigo, onde muito avizádamente se condensão preceitos de exercicio e protétorado profissional. O mesmo fês em 1869 a Allmanha do Norte pela compilação — *Gewerbeordnung*, — mais tarde extensa a todos os estados do Imperio, e depois reformada em 30 de junho de 1900. A Inglaterra publicou em 17 de maio de 1701 o — *Factory and Worskhop Act*, codigo em que refundiu a lejislação anterior. E desde 27 de novembro de 1901, que, por proposta de Millerand, se constituiu em França uma Comissão destinada a elaborar tambem um codigo operario, na mais extensa compreensão do seu possivel objétivo.

Não nos deteremos a versar de espaço a lejislação citada, a propozito da imperfeição ou valor de umas e outras dispoziçõis. Nem ao momento isso importa. Basta consignar que tal codificação foi já feita, com proveita, em varios paizes, e que ainda em alguns, em que a não á, se trabalha para a realizar, visto o conhecimento das suas vantajens.

Quanto ao programma a estabelecer entre nós, talvez pareça, por emquanto, de pouca oportunidade e cabimento, dada a falta de esforço que vimos rejistando. E, em verdade, em face de tal obra e no empenho dela, que poderá arquivar-se? Um ou outro brado izolado, em alguma revista — se o á. E, de resto, o dezalento de muitos, a boa vontade de poucos e a indiferença do maior numero. Admitindo, porém, como é possivel, que a reunião das dispoziçõis operarias venha a fazer-se num tempo que as condiçõis de classe podem tornar breve, intendemos que a sua codificação deve ter sempre um largo objetivo, abranjendo no conjunto tudo quanto pode intender com a vida do operariado. Concordamos plenamente com a proposta da Comissão franceza que pretende dar ao codigo em elaboração o latissimo emprego que se lhe infere do titulo: — *Code du Travail et de la Prévoyance sociale*.

Desta maneira realiza o lejislador francês uma série completa de medidas que provêem sobre o trabalho e a pessoa do operario. E simultaneamente póde, na verdade, tratar-se dos contrátos do trabalho, das suas condiçõis, das associaçõis de classe, da jurisdição e reprezentaçõis profissionais, das garantias, da previdencia e assistencia dos operarios.

Entre nós está a questão na falta de iniciativa e talvês, ainda, um pouco, na falta de vontade dos dirijentes, a quem as canceiras politicas estiólão e inutilizão. E' bem para lamentar a preterição constante do assunto De fáto a codificação operaria, sobre ser uma reforma de caráter social de suma necessidade, reprezenta uma simplificação igualmente justa e comoda: — justa pelas vantajens que reflete, especialmente na industria; comoda, pela sistematização que trás aos serviços obreiros.

Anjelo Fonseca.

A IMACULADA

Infórma o nósso colega *Correspondencia de Coimbra* que, por motivo independente da vontade do sr. bispo conde, se não realizará no dia 8 de dezembro a inauguração do monumento á imaculada Conceição, cuja subscrição está em dois contos de réis.

Pela mêsma noticia se vê que o apregoado monumento, planeado com grandes luxos de comissõis que devião garantir o seu caráter acentuádamente artistico, se limita a uma óbra de canteiro e que para a executar se preferirão os artistas do Pôrto aos de Coimbra.

Não sabêmos quáis os motivos que determinarão êste procedêr do sr. bispo conde, contrario a tôdo o seu passado, em que sempre tem feito esfórços por protejêr e auxiliar os artistas de Coimbra.

Percebia-se que para uma obra de grande escultura se preferisse um escultôr de fama, que teria forçózamente de ir buscar-se fóra de Coimbra, estando naturalmente indicado Teixeira Lopes (filho).

Mas para uma óbra de canteiro é que não se percébe que alguem de Coimbra, conhecendo os seus artistas, vá procurar nos imajinários do Pôrto um artista preferindo-o aos de Coimbra.

Em Portugal não á melhores canteiros do que os de Coimbra.

A tôdo o momento se verifica êste facto.

De Lisbôa e doutras partes vêem a Coimbra encomendar obras de canteiro, os que procurão dar ás suas construçõis um caráter artistico.

Só o sr. bispo conde, como um devóto pouco endinheirado, manda ao Pôrto, arvorando a direção de Teixeira Lópes para fazêr avultar o valôr da estatua aos ólhos de quem não sábe lêr, e ao mêsmo tempo vái passando um atestádo de falta de competencia aos artistas da sua diocéze.

A não sêr que a responsabilidade caiba á comissão que s. ex.ª nomeou para dar o seu parecêr sôbre as condiçõis estéticas do monumento...

Se assim é, perdôe-nos s. ex.ª, e tómе a comissão para si as palavras que deixamos escritas.

As imajens do Bussáco, os trabalhos feitos para Cintra, para Santarem, para Soure e para tantas terras do país mostrão quanto são considerados os ossos artistas.

E' verdade que a estas obras á a contrapôr as modernas do patio do Seminário, em que um bom artista fês uma obra deploravel por falta de direção competente, e por o tirarem para fóra das suas aptidõis.

O sr. bispo conde não póde, com efeito, louvar-se muito nesta obra.

Mas da obra e plano cabe toda a responsabilidade ao artista lisboêta que a delineou.

Bom é que isto se saiba.

Realizou-se no dia 14, pelas 4 óras da manhã, na igrêja de S. Tiágo, o cazamento do sr. João Correia Amado com a sr.ª D. Erminia Jezus Péres, filha do sr. Antonio de Oliveira Marques e da sr.ª D. Erminia da Saudade Peres.

Fôrão padrinhos do noivo o sr. Jozé Alves Anastácio, de Alcanêna, e a sr.ª D. Ludovina Guimarãis, do Pôrto, e da noiva o sr. Jozé do Nascimento Abreu e espôza do Pôrto.

As nossas felicitaçõis.

No sul de Angola

Numa conferencia ultimamente realizada entre os srs. ministro da marinha, conselheiros Ramada Curto, governadôr jeral de Angola e Dias Costa diretôr jeral do ultramar, o chéfe do gabinête Ernesto de Vasconcélos e major Eduardo Costa, assentou-se que o sr. major Eduardo Costa assumisse o comando e direção das futuras operaçõis alem do rio Cunene, com perfeita autonomia e inteira responsabilidade.

Aquêle oficial dezistiu por completo das suas pretensõis a governadôr autónomo dos distritos de Mossamedes e Huila.

O sr. Eduardo Costa ficou de formular o projeto da campanha e orçamentos da despêza a fazêr com o transporte de fôrças, seu municiamento e acquizição de material de guerra, até completa ocupação de tôda a rejião dos cuamatas e cuanhamas, ficando o territorio conquistado, convenientemente ocupado com póstos militares. O armamento portátil será para a infantaria, a espingarda Kropatschek, a cavalaria irá armada de lanças, as baterias serão providas de peças de 7 c.

A remonta de gado muar e cavalar será feita na metrópole, e para o serviço de cargas, serão empregados uma centêna de camêlos, comprados nas Canárias.

As unidades que farão parte da expedição terão instrução preciza nas respetivas escólas práticas e paréce que serão compóstas de fôrças dos rejimentos de artilharia 5, cavalaria 9 e infantaria 12 e 13.

Farão parte da expedição: de artilharia, os srs. capitãis Menano de Amorim e Jozé Mendonça, tenentes Almeida Teixeira, Amilcar Pinto e Carrilho e alféres Estêves; de cavalaria o tenente sr. Martins de Lima.

O sr. Ramada Curto vái encarregado de fazêr, sôbre as cauzas e responsabilidades do dezástre no Cuamata, um rigorôzo inquérito.

Este senhôr foi sempre um desvelado protétôr dos três Aguiares, que são para s. ex.ª *personas multo gratas*.

?

Por ordem do ministério da guerra fôrão sustadas tôdas as passajens á rezérva, que agóra devião têr logar.

Que será?

A instrução do soldado

SR. REDATOR:

Terminou ôje o prázo da lei para a incorporação dos recrutas. Portanto, deixe-me v. participar-lhe, já que as *Novidades* têem rejistado até agora todos meus trabalhos de ensino integral por companhia, que começo ámanhã a ministrar o 1.º curso da Escola Rejimental, na forma do costume, aos novos recrutas.

E, já agora, deixe-me participar lhe tambem que sou diretôr da Escola Rejimental desde 15 de setembro, e que matriculando ôje, nessa qualidade, os recrutas das outras companhias, alistados de 8 a 12 do corrente, tive ocazião de descobrir o milagre segundo o qual — no dizer do onrádo capelão da *Revista de Infantaria*, cujo artigo provocou as duas ultimas cartas que v. se dignou publicar — o professôr do 1.º curso «sem grande esfôrço, sem apregoar o seu mérito nem o seu trabalho, tendo como auxiliar um cabo apenas, que fazendo o serviço interno, como manda o regulamento, raras vêzes aparéce na escola» abilita cabos ás dezenas.

Fazendo o professôr do 1.º curso tanta coiza, auxiliado *apenas* por um cabo que *raras vézes* aparéce na aula, e não fazendo eu nem metade, auxiliado por um tenente, um 1.º sarjento e dois segundos, que *nunca fáltão*, julguei avêr no cázo inspiração do Sagrado Espirito Santo ou milágre da Senhôra de Lourdes. Pois não á. Restitua-se o crédito ao Divino. O que á é isto, simplesmente os ómens já sabem lêr, escrevêr e contar, quando se matricúlão.

Quer dizer: as escolas rejimentais sérvem de tão pouco que bem póde dizer que não sérvem para nada.

E êste é o fácto culminante, e grave, que ôje me leva a escrevêr-lhe. Mais batalhão, menos batalhão, mais majór, menos major, farda mais ou menos doirada, não importa grande coiza. Mas importa muitissimo, na febre de cultura que invadiu o mundo civilizado, a brutêza profunda do nosso soldádo. Dêem ao nosso exército todas as condiçõis materiais de um bom exército. Se mantivérem pezando sobre êle, a centralização que o esmaga, se não tornárem autónoma a companhia, pelo menos, se não introduzirem nos quadros um largo espirito de iniciativa com um rigorôzo principio de responsabilidade, se não o instruirem, desde o mais umilde ponto — é esta a grande reforma, a reforma urjente, a inadiavel — é um exercito vencido, deante de outro com melhor educação, de nivel inteléctual mais elevádo.

A maior força das sociedades modérnas não são os braços. E' a inteligencia. Mesmo no campo da batálha, onde as condiçõis fizicas, aliás, constituem um elemento de primeira ordem.

Pelo «Regulamento jerál das escólas para praças de pré», de 1896, a escóla rejimentál era destinada aos que sabião pouco e aos que não sabião nada. Oje, é destinada apenas aos que num curto prázo póssão fazêr exame do 1.º curso.

Dís, textualmente, a circular de 31 de outubro de 1900, «que a matricula no 1.º curso seja voluntária para os recrutas analfabétos e só obrigatória para os mancebos que possúão algumas noçõis de leitura, e que ája probabilidades de que durante o periodo de instrução de recruta adquirirão os conhecimentos necessários para podêrem ascendêr a 1.os cábos.»

Isto, praticamente, se não foi fechar a porta, complétamente, a todo o ensino foi fecha-la ao ensino mais util, pelo menos. As palavras «matricula voluntária para analfabétos e obrigatoria para os que possúão algumas noçõis de leitura» só se mantivérão na circular para evidentemente salvar o decôro.

De facto, quais fôrão os motivos déssa circular? Foi a falta de pessoal para ensinar individuos com conhecimentos muito deziguais, e a falta de cázas, para aula, com capacidade suficiente para os comportarem. Então, de que valia a *matricula voluntária*? Ninguem se matriculava voluntariamente. Já se contáva com isso. Mas, se se matriculásse, não poderia assim receber ensino, por isso que subsistião as razõis que tinhão levado á suspensão do regulamento.

Como devia de *ser obrigatoria* a matricula para os que possuisem *algumas noçõis de leitura*, se, nêste cázo, nenhum dêles tinha probabilidades de adquirir os conhecimentos necessários, durante o periodo de instrução de recruta, para ascender ao posto de 1.º cabo, e se o professôr, perdendo tempo com êles, não se podiá aplicar aos mais adeantados?

E' claro que os mais atrazados, e os que não soubessem nada, érão postos fóra da escóla, e que só se abria a porta, de par em par então, aos que déssem pouco trabalho, ou aos que não déssem trabalho nenhum, cuja matricula, diga-se, seria facilimo justificar. São rarissimos os que aparécem com conhecimento completo do programa do 1.º curso, embora não faltem os que

sabem lêr, escrevêr e contar. Não basta que não saibão sistêma métrico, ou que não digão o que é um angulo agudo, réto ou obtuzo, para que a matricula se impônha.

Atenda se a que eu não estou censurando a circular. Não. Até concordo com as razõis em que éla se funda. Mas o que é certo é que as escólas rejimentais estão *liquidadas*. De tal forma, que nem matriculando-se *só os que sabem* élas dão nada, porque a falta de cabos continua em todo o exercito.

Creio que esta *minha campanha* os tem estimulado um poucochinho. Não é a Senhora de Lourdes que fês o milágre. Sou eu. E vá lá mais esta, que nunca esperei chegar a santo milagreiro. E' mais uma que tenho para contar, e das mais célebres. Sou eu, que já fis surjir cabos ás duzias onde, na linguájem pitorêsca do redátôr do *Diario*, não avia *um para semente*. Mas como os milágres nésta terra dúrão pouco, não acho despropozitado chamar a atenção para o estado de completo abandôno em que caíu o ensino rejimental. Por força das circunstancias? Concordo. Mas para tudo á remedio.

Exército de analfabétos, exército sem instrução, exército sem educação, é um exército perdido. Não nos esqueçamos disto.

E com a maior consideração me declaro, como sempre,

De v., etc.

Francisco Manuel Homem Christo.

Coimbra, 13-11-1904.

Curso sanitario

O nósso amigo e correlijionário sr. dr. Anjelo Fonseca, que com tanta diligencia defendeu os interésses da Faculdade de Medicina na creação do curso sanitário, termina com éstas palávras a polémica com o professôr Miguel Bombarda, de Lisboa, encetada no *Movimento medico* e continuada na *Medicina Contemporanea*.

Chegou no ultimo numero da *Medicina Contemporanea* a descompostura inculcada e prometida a 11 de setembro. Não valeu o avizo prévio e os mêzes de chôco. Francamente, a não encontrar «fundo na questão» para responder-lhe, era melhor que o sr. Miguel Bombarda se deixasse de trabalhos. E era melhor porque lhe sobejão ânos para maior recato. Tem já uma idade em que fica muito mal andar a espiar as *porcarias* dos macacos para as celebrar nas gazetas.

Ao nosso artigo não tentou respondêr. E para quê? Pois se lhe éra mais facil metralhar as obscenidades que por lá o divertem e entretêm·. De resto, o etérno ignorante. Porque não conhéce a significação das palavras, embica no emprego que lhes dámos. E' o atrevimento natural e comum a todos os parvos.

E, na menção dos seus atrevimentos, vem de molde ver a maneira como ainda implica com a memoria de Augusto Rocha (*). E' a invéja a mordel-o, dis-nos alguem. Sim, deve sêr. E', sobretudo, a estatuomania a denunciar o. Dominado por ésta psicoze olha emfático as multidõis e espéra com avidês os aplauzos. A cada momento vemos o ómem de Rilhafóles exposto em almoéda ao serviço de qualquer cauza em trôca de mesquinhos elojios. Déspe então a severidade e rijidês ipócrita que lhe acobérta a ambição, mendiga de pórta em pôrta o alto relêvo do futuro monumento e exibe se na arêna tripudiante, cheio de requebros, afavel e rizônho.

Escuta depois o clarim da fama; e, se ouve so lonje a gargalhada franca que lhe recebe a sciencia maltrapilha, a oratoria de dentista, enfuréce-se deixando escorrer desbocadamente na sarjêta as imundicias do insulto.

Á, que de dezalentos nos fórça a confessar a circunstancia désta aparcelada travessia! A' aqui márjem a dezalentos, a tédios e até a um intimo desgôsto...

(*) Se no arquivo da familia á ainda todos os telegrámas recebidos á óra do fallecimento do grande professór, lá déve estar e poderá vêr-se, entre inumeras omenajens—um trapo do sujeito a bajular sentimentos—sentimentos falsos que depois teve a petulancia de reduzir a encomios no periodico que dirije! Que mal furia a este iscariote, de então para cá, o grande môrto para envolver o seu nome nésta questão?

São os dezalentos de quem se castiga respondendo a um sujeito que pretendeu velhacamente, e a todo o tranze, diminuir a memória, sempre grande, do professôr Augusto Rocha; intentando ainda e sobretudo deprimir-lhe a reputaçao pessoal, ante uma jirandola de torpissimos insultos. E' o desgosto de quem publicamente se culpa por ter aceitádo debáte, sem ver da decencia e estado do adversario.

Nunca as mãos lhe dôão, como dís a fráze popular.

O sr. Bombarda tem sido um dos maiores inimigos da Faculdade de Medicina, apezar de todas as palavras de falsa delicadêza com que costuma qualificar alguns dos seus professôres.

A sua opozição á creação do curso sanitário é clára, e se algum tempo se poude manter dentro dos limites da delicadeza, por fim o natural venceu e começou agóra o enxurro dos insultos,

O sr. dr. Anjelo Fonseca abandóna-lhe o campo e deixa-lhe a glória.

Fás bem.

Em rejencia

Em fim:

Sempre saiu, e desta vês em rejencia.

Mais uma vês a sr.ª D. Maria Pia mereceu o nome do anjo da caridade.

O *Diario do Góverno* publica:

Sua magestade a rainha rejente, a sr.ª D. Maria Pia, a quem fôrão prezentes, por certidão, os autos do côrpo de delito levantados no 1.º distrito criminal do Pôrto contra o chéfe de esquádra Francisco Manuel Anes e outros ajentes do côrpo de policia civil da mêsma cidáde, arguidos de, em 23 de junho ultimo, terem empregado violencias ilejitimas contra divérsas pessôas;

Vistas as investigaçõis e informaçõis oficiáis, assegurando que o mêsmo chefe e ajentes policiáis sómente cumprirão as instruçõis superiôres, tendo de empregar a fôrça para execução delas a fim de se coibirem quáisquer manifestaçõis ruidózas proibidas nas ruas públicas:

Ei por bem denegar, em nôme de el rei, a autorização exijida no art. 431.º do Codigo administrativo, para o seguimento do respétivo procésso.

E ficou a jente espantado.

O sr. governadôr civil não aprovára o acto dos seus subordinádos.

O sr. governadôr civil do Porto, mal soubéra do atentado contra os autôres pacificos da manifestação a Guerra Junqueiro corrêra ás redáçõis dos jornais a declarar que não autorizára semelhante sélvajeria, que os chéfes tinhão exorbitado e que as ordens que a policia recebêra tinhão sido as mesmas que déra para a recéção do sr. João Franco.

Agora vem sua majestade a rainha viuva e nos primeiros sorrizos da sua rejencia dizer que o chefe Anes só fês o que lhe mandárão.

O que dirá a isto o sr. conselheiro Pimentel duma distinção tão fidalga. Não desmentirá uma senhôra, êle que é tão cortês.

Desmentir a filha de Galant'nomo?

Depois o respeito aos mais vélhos...

E' todavia cérto que o sr. governadôr civil do Porto fês declaraçõis pozitivas aos jornais.

E' certo que tem comprometida a sua palavra.

S. Ex.ª disse que não déra outras ordens que as da manifestação ao sr. João Franco.

Agóra vem a rainha mãi e dís que o chéfe Anes não fês senão cumprir as ordens.

Logo o sr. Pimentel deu ordem para espadeirar o sr. João Franco...

O sr. João Franco que lho agradêça.

Agóra se explica tudo: o sr. João Franco sabendo da noticia fês de môrto, e d'aí a manifestação funebre com que entrou no Porto.

E toda a jente sem compreender...

Mas como explicar as declarações do sr. Governadôr civil do Porto aos jornais?

Não tem senão a pedir a demissão, sr. Pimentel!

Mas, é verdade, o sr. Pimentel pediu já a demissão.

Quérem ver que foi por isto?

BRIC-A-BRAC

A batina e o estudante

V

Por 1857 andávão os rapazes entuziasmádos com a ideia de substituir à nêgra cápa e batina por um uniforme vistôzo e colorido.

Foi então que saiu contra os uniformistas Vicente da Silveira, ao tempo novato de Direito.

Transcrevemos da *Ordem Publica* de Janeiro de 1857 o primeiro folhetim para se vêr o dezembaráço com que faláva o caloiro, e como analizáva a óbra dos veteranos.

O folhetim intituláva-se *A batina e o estudante*.

Argumentos os de sempre: permite que toda a jente ande suja, sem ninguem têr que lhe dizer.

Deixemos porém falár o Vicente.

'Numa epocha em que mais se têm manifestado no nosso paiz as tendencias para as reformas de toda a especie, até nos nossos costumes mais particulares, não parece muito fóra de proposito ao folhetinista, ou como nos quizerem chamar, o emittir a sua opinião ácerca do projectado uniforme academico, de que tanta gente se ocupa hôje, como devendo produzir um grande barulho—uma revolução completa no mundo elegante!

Um dos felizes partos da imaginação dos nossos *uniformistas*, e que tem produzido já um verdadeiro enthusiasmo, enthusiasmo louco... delirante, principalmente na *theologia*,—nos basta para fazer crer ao mundo inteiro, que ao menos quando inventamos—inventamos cousa, que luz, que faz morrer os outros de inveja, e de desejos....

Figure-se por exemplo o noso *Newton*, de botas até o joelho, calção côr de cereja, collete amarello, gravata branca, farda verde recamada de prata, com tres ou quatro galões azues no canhão, indicando a sua faculdade, os seus annos de frequencia; e em cima de tudo isto um chapeu de plumas brancas—*á camarista*,—e teremos dicto tudo, tudo quanto é possivel dizer-se do novo uniforme, e da cabeça onde póde engendrar-se tão soberbo pensamento!

¡Feliz Newton!¡ quem poderá assim resistir-te!¡ Como voltando ao Brazil, e penetrando nas vastas florestas do grande Amazonas, tu não conseguirás com o teu brilhante uniforme, o que aquelle imperio em tantos annos, e com tantas expedições não póde ainda conseguir!

Mas sériamente: custa-nos a acreditar em tanta extravagancia; custa-nos mesmo a acreditar que nos queiram tirar a batina para substituil-a por uma farda, de qualquer côr que ella seja: preferiamos antes o fato—*á futrica*,—posto que isto trouxesse ao estudante um sem numero de inconvenientes, como logo diremos.

E comtudo não vemos 'nesta mudança d'uniforme outra cousa, que não seja a influencia da epocha, essa influencia desastrada, que acaba de fazer do nosso exercito—um exercito de macacos—com todas as suas *casaquinhas* bordadas, com todos os seus *barretinhos* esquipaticos, com toda a sua *ridicularia* repugnante...

¡Attenderam elles em alguma cousa ás commodidades, ás circumstancias da maior parte dos estudantes?

Não...

Ha quatro annos, que vestimos batina; e antes de a vestirmos, haviamos vestido farda: não ignoramos por tanto nem as vantagens d'uma, nem nem as inconveniencias da outra.

Assim, se o que vamos escrever não agradar a alguns, é porque, como experimentados, nos inclinamos mais para a commodidade e economia do estudante, e para outras circumstancias muito attendiveis, que lhe dizem respeito; sem rejeitarmos comtudo certa elegancia, que, segundo muitos, parece ter só por si determinado á reforma; elegancia, que amamos, como um charater exquisito de educação, que não queremos confundir, e que só se adquire nos encantos que o sentimento vai descobrir na poesia d'um mundo mais ideal...

Occupemo-nos primeiro da batina: mas não vos zangueis, caros leitores, com o noseo estylo; elle segue fielmente a nossa imaginação, e dobra se com docilidade ante as mais ligeiras impressões da nossa alma, escarnecendo-se de certas fórmas fixas e invariaveis e pesadas, que não servem senão de torcer e incommodar o pensamento.

De qualquer modo pois que a consideremos, a batina é o facto mais commodo, mais util, mais decente, mais elegante, mais economico de que o estudante póde fazer uso.

Que heresias! dizeis vós; mas olhae, que vos enganais.

A *loba* deixa-nos livres todos os movimentos do nosso corpo: o estudante póde engordar tanto como um *Reis*, póde emmagrecer e crescer mais do que um *Pilatos*, sem que tenha de augméntar por isso as suas despezas com esta preciosa parte do seu vestuario: bem abotoada, d'inverno, a loba agasalha-nos do frio; no verão permitte-nos o alliviarnos de certas roupas, que não nos seria facil deixar d'usar com qualquer outro vestido, sem ouvirmos um dia uma bôa duzia de *interjeições* da modesta rapariga, sem alarmarmos horrivelmente os pobres pais de familias...

A loba serve-nos tambem de roupão em nossas casas, de casaco nos passeios, d'uniforme nas aulas: acompanha-nos aos soarés, aos bailes, ás funcções d'igreja, quer tristes, quer alegres, sempre convencida da sua dignidade: encobre-nos uma camisa mais que enxovalha, uma calça menos propria, uma ceroula... envergonhada: os seus bolsos são outras tantas *arrecadações*, que recebem indistincta e simultaneamente, ora o cigarro brejeiro, a mortalha, o charuto, o cachimbo, o tabaco; óra a sebenta, o lapis, a luneta, o relojo, ora a chave, o dinheiro, etc., etc. Fóra do corpo serve-nos de travesseiro, abafa-nos os pés, tapa as fendas da porta ou da janella em dias tempestuosos...

O *cabêção* tambem tem a sua importancia: o cabeção com toda a caridade, com toda a sanctidade, que lhe é propria, encobre-nos o collarinho postiço, poupa-nos o lenço e a gravata, disfarça-nos o nó da garganta e livra-nos das esquinencias no outono.

A *capa*, dizino manto da providencia, esconde-nos a meior parte dos nossos defeitos physicos, como a rachitis, etc.: serve-nos de tapete no campo, de cobertor na cama, de colchão em varias partes: no verão dispensa-nos do chapeu de sol, e do de chuva no inverno: *tapa-bocas* do estudante, não ha ar que o constipe, nem frio que lhe faça cieiro nos beiços, ou frieiras nas orelhas: no *Mondego* serve de véla á bateira, de toalha na *Lapa dos Esteios*, de cabeceira na *ponte*, no jogo de *cabeçalho;* de dia, nas ruas, esconde o roto do cotovelio, o buraco da meia preta, a sola do velho sapato, e a calça e a bota ao classico archeiro: de noite a capa—serve de *capa*...

A meia, que tanta cousa deixa adivinhar á ladina cachopa, dá barriga de perna a quem a tem e tira-a a quem a não tem; e, nisto parece se com muita gente 'neste mundo...: a meia finalmente poupa ao estudante metade das pernas das calças, e ao alfaiate o *incommodo* de as fazer.

O *sapato*, tão economico, como util como elegante, serve-nos de bota nas enxurradas, de patim nas lamas, de etiqueta na *via latina*, de dinheiro para o paliteiro.

O gorro finalmente, a corôa de todas as concepções uniformistas, a synthese do mundo carapuçal, serve de bolso á usada caixa do rapé, d'algibeira ao lenço tabaqueiro, de *indispensavel* ao compendio: nos passeios recebe a castanha assada, a laranja de *Formoselha*, os pastéis de *Sant'Anna*, a ameixa de *Sancta Clara*, o manjar branco de *Cellas:* por ultimo, o gorro na cabeça do estudante denuncia o seu character, revella as suas paixões, as suas tendencias mais particulares, a sua importancia mais intima...

E todos estes objectos, de que se compõe o velho uniforme do estudante de Coimbra, formam uma tal harmonia, accommodam-se tão bem á sua condição, auxiliam no tanto nas differentes situações, em que o collocam o prazer, a alegria, a tristeza ou a melancholia..., a dôr ou o despreso, a indignação ou a raiva, que ninguem póde olhar o estudante, sem que experimente todo o seu prazer, toda a sua alegria; sem que se sinta poderosamente influenciado por qualquer d'esses movimentos da sua alma gitada; sem que d'elle se apodére o mais profundo sentimento de respeito, de veneração, de receio ou de temor!

O estudante nunca vestirá um outro fato, que mais proprio seja para fazer resaltar toda a sua elegancia, toda a sua *coqueteria:* parincipalmente o gorro e a capa prestam-se de tal sorte aos caprichos da sua ardente imaginação, casam se d'um modo tão maravilhoso com a negligencia, ou a vivacidade dos seus movimentos, com a poesia da sua edade, que seria de balde o ir procurar nos faustos de todo o vestuario, que no universo se tem usado, desde a innocente parra de Adão até os nossos dias, um só trajo, que podesse competir um momento com toda a sua importancia, com todo o seu valimento, com toda a sua gloria, que mal ainda poderia ser decantada pelo mais habil e poetico *bocageano*.

¿E que dizeis a isto, srs. uniformistas? Onde ficam agora as vossas grandes botas, os vossos calções côr de cereja, o vosso colete amarello, a vossa gravata branca, a vossa farda verde, os vossos galões, os vossos bordados e o vosso grande chapeu de plumas brancas?

Confrontae se ousardes, o vosso fato de palhaço, a vossa libré de guarda-portão com a velha roupeta do estudante:—confrontae; e ponde em prática o vosso plano—e lá vos espera Rilhafolles... Isto é muito serio: não penseis, que estamos a fazer espirito á vóssa custa.

¿E sabeis o tempo que uma batina dura? ¿sabeis quanto ella custa ao estudante? Uma batina dura 3 ou 4 annos: custa 15 ou 17 mil reis.

Agora o novo uniforme, *uniforme-palhaço*.

Desviado o estudante de suas familias; entregue inexperiente aos cuidados de uma velha, nojenta e diabolica servente, que muda tantas vezes de casa no anno, quantos são os mezes d'esse mesmo anno, que diz bem d'élle quando póde roubal-o, e que o descompõe, quando é sufficientemente acautelado; o estudante, na edade dos prazeres, subjugado por mil paixões, que lhe fervem no peito, violentado ao estudo as mais das vezes, obedecendo ao lugubre toque da *cabra*, como o pobre soldado á corneta do seu batalhão, posto que saiba, que o castigo o espera; o estudante, atormentado pelas lições, pelas sabbatinas; sempre rodeado de livros que de bom grado entregára ás chamas do seu enfumado candieiro; envolto em theorias, que não comprehende, como as não compreheu muitas vezes o seu proprio auctor; o estudante, que perde noites inteiras debruçado sobre o charadesco compendio, a triste sebenta; sem outro companheiro mais do que o misero cigarro do estanco, bolorento e bichoso; o estudante, dizemos, que só deseja o dia do domingo, da quinta-feira para gozar um momento, um só momento de prazer de descanço—¡como poderá elle cuidar da sua farda bordada, do seu novo uniforme?

Uma farda é sempre uma farda; e uma batina será sempre uma *batina*.

Abstraindo-nos de tanta parvoice da parte dos uniformistds;—o que nos representará um estudante de farda, sem uma barba bem feita; uma camisa bem fina, bem lavada, bem engomada; sem um collete, uma gravata correspondente?! O que nos representará um estudante de farda, com uma calça chei de passagens, de nodoas, com umas botas enlameadas e rotas, com os seus livros debaixo do braço?—Um lacaio, sr. uniformista—um lacaio, que vae levar á eschola o filho do seu fidalgo...

Mas os inconvenientes do novo uniforme ainda aqui não estão na sua maior parte.

¿Quantos estudantes ha em Coimbra, que dada a possibilidade de fazerem todos estes arranjos, estejam em circumstancias de poder comprar e usar d'esse uniforme?

¿Quantas vezes quinze mil réis não seria preciso gastar-se durante uma formatura inteira?!

E' preciso não conhecer Coimbra...

¿Quantos *Newtons*, ou peores que Newtons, assim como nós, que já tivemos a pachorra de admirar-nos ao espelho, não viriam a ser o obejecto das mais estrepitosas gargalhadas, até dos mesmos desapiedados, dos mais *pobres de espirito?*

Sancto Deus! que crueldade! Mas eis-nos aqui outra vez no serio; e isto não vale assim: folhetim como folhetim,

E com certeza, só como folhetim

ra, se poderia ainda escrever alguma coisa, que valesse a pena, do que nos resta a dizer do fato á futrica, se um dia se lembrassem despojar nos da batina.

Mas não o faremos hoje, porque não queremos, que 'num puro gracejo alguem possa ver um ataque á sua posição menos favoravel, que aliás sabemos respeitar como ninguem; porque nos é preciso tambem trabalhar hoje, para termos para ámanhã. Basta pois dizer, que essa egualdade e quasi —fraternidade, que ainda existe no corpo academico, e que torna a vida do estudante mais *levadeira* longe de suas familias, desapparecia desde o momento, em que se nos tirasse o nosso velho uniforme.

¡Calae-vos, pois, srs. uniformistas! e deixae passar a *Batina* .....

.....

Tal e qual! Dêste tamanho...

E faláva assim um caloiro sem ninguem lhe cortar o cabêlo!

A'! que se fôsse agóra!

Óra! Se até eu lhe não cortei o artigo...

T. C.

Coisini

Como se dis no italiano do Solar dos Barrigas, *coisini* . . . .

Noticia a imprensa de Lisboa:

Constando no ministério do reino que alguns subditos estranjeiros novamente têem voltado a Portugal depois de terem d'aqui sido expulsos, foi pelo mêsmo ministério determinado que, de futuro, quando ája de se recorrêr áquela providencia de ordem e segurança pública, se advirtão os expulsados, de que, se voltarem a dar entrada em território português, serão detidos e processados pelo crime de dezobediencia.

Será o trompa do sr. Ressano Garcia ou o outro italiano? . . . .

SESSÕIS DE MUZICA DE CAMARA (*)

Com o fim de dezenvolvêr o gôsto por êste jénero de muzica, está organizádo um *quarteto* compôsto dos srs. Plinio Martins, violino; Ribeiro Alves, violeta; dr. Simõis Barbas, violencelo e Teófilo de Russell, piano.

E' um grupo sem pretensõis; poisque excéto o pianista que, como profissionál a critica não deve poupar, são todos amadôres a quem o tempo não sobeja para se entregarem ao estudo dos seus instrumentos, sem embargo das suas aptidõis e elevádo critério.

O sr. dr. Teixeira de Carvalho acedeu jentilmente ao convite que lhe foi feito pelo promotôr déstas sessõis para fazêr uma preléção ácerca da influencia da Arte na educação em jeral.

Os programas serão comentádos e o primeiro será dedicádo a Beethowen com um *quarteto,* um *trio* e uma *sonata* para piano.

A primeira sessão déve realizar-se ainda este mês e o local será oportunamente anunciádo, sendo a entráda por convites.

(*) *Muzique de chambre*, assim chamada porque sendo o mais sério jénoro désta Arte, só aos espiritos d'*élite* é accessivel, e por isso apreciáda em intimidade.

Vintem das Escólas

Recebemos o numero de 16 de Novembro desta interessante revista, tão notavel pela fórma superior porque é redijida, como pelo alto fim de benificencia, instrução e educação cívica que promóve.

Feio Terenas continua com o seu estudo s bre A *Escóla Laïa* e propõe que análogamente ao que Jian Macé fês em França, o *Vintem das Escólas,* fundado por um grupo de liberais e patriotas, se organize em federação sob a denominação de *Liga portuguêza do Ensino laico,* e aprezenta um projéto adaptando á federação portugueza os principios fundamentais da federação francêza.

Continua a publicação da Oração Inaugural do sr. dr. Bernardino Machado e uma conferencia de Paulo Bert sobre o ensino relijiózo das escólas.

PUBLICAÇÕIS RECEBIDAS

Noçõis sóbre cálculo das probabilidádes. teoria dos érros e método dos minimos quadrados por Rodólfo Guimarãis é o último volume da Bibliotéca do Pôvo e das Escolas, sem dúvida a publicação mais barata e uma das de mais bem comprehendida propaganda scientifica em Portugal.

Tinturaria, por Adalberto Veiga — Viuva Tavares Cardôzo, Lisbôa, largo de Camõis, editôra.

E' um grôsso volume tratando da tintura da lã, sêda, algodão, linho, juta, canhamo e dos chapéos de lã e pêlo; tintura numa e mais côres de tecidos mixtos algodão e lã, lã e sêda, algodão e sêda, tintura da pálha de chapéos, do couro; preparação das lacas, etc.

O autôr versa os melhores e mais perfeitos e recentes procéssos de tinturaria com conhecimento dos melhores tratados e ao corrente das descobertas mais modernas que lhe fôrão facultadas pelas cazas mais importantes do estranjeiro.

ANUNCIOS

ANÚNCIO

(2.ª publicação)

Pelo juízo de direito da comarca de Coimbra e cartório do escrivão do 1.º oficio, Almeida Campos, se anuncia que no dia 4 de dezembro dêste ano, pelas 11 óras da manhã, se ão de arrematar pelo maior prêço á porta do tribunal judicial désta comarca, sito nà Práça 8 de Maio e em ásta pública, os bens infra dezignados e que são póstos em práça pelo prêço da avaliação, por deliberação do consêlho de familia no inventário orfanolójico por óbito de António Elizeu, morador que foi na cidade de Manáus, Estádos-Unidos do Brazil, e em que é inventariante a mulhér dêste, Maria Joâna, rezidente no Bordálo, désta comarca, cujos bens são os seguintes:

Uma cáza térrea com o seu logradouro, no logar de Bordálo, freguezia de Santa Clara, no valor de 110$000 réis.

Um pedáço de terrêno no sítio das Coitadinhas, na dita freguezia, no valor de 10$000 réis.

A contribuição de rejisto fica por inteiro a cargo dos arrematantes.

Pelo prezente são citados quaisquer crédôres incértos para vírem, querendo, deduzir seus direitos no prázo legal.

Coimbra, 14 de novembro de 1904.

Verifiquei a exatidão,

O juiz de direito,
R. Calisto.

O escrivão,
Alfredo da Costa Almeida Campos.

Clínica de mulhéres e crianças

Sofia Júlia Dias, médica pela Universidade de Coimbra abriu o seu consultório *médico cirúrjico*, nésta cidade, rua Sá da Bandeira, 59

Para os póbres, consultas *grátis* da 1 ½ ás 3 da tarde.

Antonio Ferreira Pereira, previne os seus amigos, e freguezes, de que mudou o seu estabelecimento, que estava situado na Avenida Navarro, para a rua de Ferreira Borges n.os 151 e 153.

LEILÃO DE PENHORES
LARGO DE S. JOÃO

(Em frente ao Paço do Bispo)

HOJE, 20 do corrente, e durante 30 dias seguidos, vende-se em leilão, e particularmente, todos os objectos abandonados por seus donos, e que são os seguintes:

Um faqueiro.
Relójios de ouro e prata.
Cadeias de ouro e prata e diferentes joias.
Máquinas de costúra.
Uma máquina para fazer meia.
Uma máquina fotográfica com tripé, em bom uzo.
Quatro biciclétes e diferentes peças para as mesmas.
Três tornos e um fóle para serralheiro.
Ferrájem completa para um torno de marceneiro.
Um balcão envidraçado, proprio para officina de sapateiro.
Espingardas, pistolas, espadas e revolvers, sendo um *Abadie.*
Um estôjo para barbiár.
Filtros.
Dois espélhos proprios para sála.
Cama de ferro e de madeira.
Um colchão de arame.
Um contador com bancada, um tremó, meia cómoda, tudo em pau preto antigo.
Doze cadeiras de sóla lavrada.
Duas aleatifas próprias para quarto grande ou sála.
Três tapêtes de Arraiólos.
Uma coberta rara de linho e seda, e outras mais vulgáres.
Louça antiga e modérna.
Uma mêza de pau preto, tendo os pés torneados.
Dois piânos.
Uma Imájem da Senhôra da Conceição e um Cristo de marfim.
Dois oratórios e diferentes imájens de madeiras.
Uma capéla completa de rica talha grade de mau preto, orgão portatil e grandes quadros em téla.
Um retábulo com quatro colúnas torcidas com passarinhos e párra.
Cinco quádros em pergaminho, com rica moldura em talha.
Seis cadeiras com embutidos.
Dois relójios antigos, sendo um de sála e outro em ebano para cima de mêza.
Redomas de vidro.
Candieiros de metal.
Um fogão de sála, em bom uzo.
Um fogão de cozinha.
Flautas, flautins, guitárras, violas, bandolins e um violoncélo com caixa.
Grande quantidade e variedade de moedas antigas.
Uma porção de oleo para máquinas.
Um prélo litográfico.
Um manequim, proprio para alfaiate.
Baús de couro.
Diferentes livros.
Uma coléção de *Anuários da Universidade.*
Uma coléção de *Farmacopeias Portuguêzas.*
Um cofre á prova de fogo, e mais objétos.

ROUPAS

Grande quantidade de cazacos de agazálho, varinos, fatos completos, capa de senhôra, leeçõis, toalhas e diferentes roupas, lenços de seda e de lã, chales novos e uzados, cazimiras para fátos, castelêtas, pânos de algodão, cobertôres de lã e de algodão, cobertas novas e uzádas.

Esta CAZA continúa a fazer emprestimos sobre penhores e a comprar objectos antigos, bem como qualquer mobilia encarregando-se tambem de liquidaçõis por conta dos seus donos.

O proprietario,
João Favas.

MOBILIA

Vende se um aparadôr, dois guardas louças, duas secretárias uma estante para livros, uma cómoda, uma montra de cristal, e outras peças miudas.

Para tratar, na Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, 156.

10:000 eucaliptos

Em váras, vendem-se no estabelecimento de orticultura de A. M. Simõis de Castro, rua do visconde da Luz 14.

AJÊNCIA FUNERÁRIA
DE
Jórje da Silveira Morais
Coímbra

O proprietário désta cáza incúmbe-se de funerais complétos, tanto na cidade como fóra.

Ésta cáza tem uma importante variedade de

Urnas de mógno

em todos os tamanhos que vende pelos prêços de Lisbôa.

Grande variedade de corôas de todos as qualidades.

Especialidade em *boquets* fúnebres e de gála, banquêtas e ramos para altáres, toda a qualidade de flôres soltas e preparos para as mesmas, plantas para sálas, flôres para chapéos mais barátas do que em qualquer outra cáza.

PRÊÇOS CÓMODOS

CAZA

Arrenda-se o primeiro andar, rua Fernandes Tomás, ponto central da cidade, muitas e boas acomodaçõis, .indas vistas sobre o Mondêgo, agua e igás

Tráta-se na Praça do Comércio, n.º 14, 1.º

Predio em Coimbra

Vende se um situado na rua do Corpo de Deus n.º 38, que consiste em magnifica casa de abitação com pára-raios, gás e agua de cistérna e da companhia, jardim e quintal com arvores de fructo.

Para tratar, em Coimbra, Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, n.º 156 e, no Pôrto, na rua do Brugnor, n.º 148.

Bolacha Bernardino Machado

A *Fábrica Progrésso* de bolachas e biscoitos, na rua da Moeda, acába de expôr á venda uma nova marca de bolacha em Omenajem ao Conselheiro Bernardino Machado.

Esta nova marca de bolacha encontra-se á venda em todas as mercearias d'esta cidade.

Joaquim Miranda & Filho.

(44) Folhetim da "REZISTENCIA„

O EXCOMUNGÁDO

XVI

A inspéção do campo de batalha

O forno banal, ardente Ciclope, abre um olho remelôzo e vermelho.

Lá vai o sr. Nicolle Baudoyer, doutôr, lente de Decreto, que sai do covil pouco decente de Galtiére la Roche-Crouppe; da sua mansarda aberta a rapariga branca, meia nua, fás com uma mão uma figa ao chalhamaço de cabêlos brancos, com a outra envia um beijo da sua bôca vermelha a Bastien o canhôto, seu amante que a espreita da esquina da travéssa. O estudante caminha a assobiar para cáza da amante.

Mestre Nicolau vai de cabeça baixa e tão rente do muro que nem sombra fás.

D. Luís Rigault, o cónego, que sai ninguem sabe donde, encontra-o, examina-o de alto a baixo e dis-lhe com um tom grave:

— Mestre Nicolle, acaba de meter o pé na lema!

— D. Luis, responde o doutôr, depois de ter dado uma volta ao cónego, oude pôs ontem á noite a sua sotaina que vem tão cheia de cotão?

Entretanto Ombert dirije-se para a rua de Mauvais Garçons, que os tranzeuntes lhe ensinão de bom modo.

Lá estão os *Três Mouros* de rostos redondos, nêgros e luzidios, olhos de esmalte, lábios vermelhos, sangue de boi.

O ospedeiro, de pé no limiar da porta, dá com Ombert e descóbre-se respeitózamente; reconheceu o óspede que lhe avião anunciado. Adeanta-se logo e segura a rédea do barão, que pôi pé em terra, depois indica a Bertran uma pórta que vai direita ás cavalariças.

Os creados da ospedaria apréssão-se a oferecer os seus serviços ao escudeiro.

O varão atravéssa um páteo e um jardim, no fundo do qual, um corpo do edificio lhe oferece um apozento preparado com menos gosto que luxo.

Ombert reconhece uma protéção misterioza nos cuidados de que é objéto.

O ospedeiro, silenciózo, espera as órdens do barão, manda vir uma leve refeição de que Bertram comerá a sobremeza no quarto vizinho, e de que Flint apanha os melhóres bocádos.

Depois chama um judeu; mostra vestidos elegantes e explendidos.

Ombert escolhe um vestuario grave e rico, que paga sem regatear.

Ao judeu obliquo, umilde, silenciózo, discréto, ségue-se um barbeiro inevitavelmente falador e confiado.

O barão, obrigado a ouvir a istória das lo gas disputas dos barbeiros e cirurjiõis, que acábão de dar lugar a uma órdem real, deixa-se, sem querer, distrair pela narrativa dêstes divertidos debates; bem depréssa fás mais, interróga; então o barbeiro não pára, pôi o seu ouvinte ao corrente da situação, infórma o da volta do duque Orleans e de Borgonha, da sua reconciliação, que não engana ninguem; dos amôres escandalózos da rainha com o cunhado; das diferenças entre a Universidade e o prevóste de Paris, da simpatia, que inspirão ao povo as desgraças do rei Carlos o bem amado; do ódio que perségue o duque de Orleans e todos os seus partidários; do módo porque o duque de Borgonha arranjou o favor público.

Ombert escuta com interésse estes detalhes, emquanto a sua barba comprida, prêta e basta, cai a golpes de navalha de barbeiro, que não deixa senão o bigóde fino, e, por baixo do queixo um tufo que se alonga em ponta.

Já os cabêlos, cortados em linha réta, no meio da tésta, escondem as orelhas com duas toálhas luzidias, ou para falar a linguájem do tempo dois guarda-ventos.

O barão escólhe alguns perfumes, e quando o infatigavel discursador pássa das respóstas ás perguntas, decide-se o mandá lo embóra; mas Bertram vê-se obrigado a andar por cima dos pés do barão até êle chegar á pórta que o escudeiro fecha oruscamente.

Entretanto Ombert véste o fáto elegante e simples, que acaba de escolher; Bertram, por o seu lado, não perdeu o tempo, deixou a armadura vélha e envergou vestidos que deixão duvidóza a sua profissão; e Gybbi, com penacho novo e rédeas douradas, relincha orgulhózamente no páteo.

O barão, que se dispôi a saír do quarto, vê avançar para êle um ómem nôvo, de bom aspéto, esbelto, bem feito, elegantemente vestido e cuja pessôa o interéssa á primeira vista; mas córa de repente, reconhecendo a sua própria imájem reflétida por um espêlho d'áço polido, fica lhe todavia do engano uma impressão que o dispôi favoravelmente para todo o dia.

Em que passará o tempo? É já meio dia; conságra o résto do dia a meditar as operaçõis do dia seguinte e a percorrer a cidade.

Sai e os olháres dos tranzeuntes confirmão a boa opinião que acaba de formar de si mesmo.

Então abandona-se ao prazer infantil de se vêr elegantemente vestido, e de servir de ponto de mira ás olhadélas das raparigas; sabe que a criança se tornará ómem quando fôr precizo.

Educado num castélo solitário, sob as vistas dum pai grave e ciôzo da sua autoridade, Ombert, que nunca conheceu a mãi, passou quázi sem tranzição do jugo paterno ao jugo conjugal.

As grandes paixõis são, por sua natureza, austeras e melancólicas; a que Catarina lhe inspirou desde a infancia, sempre ensombrada de receios e desconfianças, abafou nêle orrôr de uma natureza ardente e louca.

Não á duvida de que, educado na côrte, o joven sire de Roche Corbon teria dado em alguns dos males da nobreza do século, mas a torrente, contida muito tempo, não saltará já agóra em inundaçõis perigózas; talvês que banhe aigumas vezes os prados vizinhos, talvês transporá algumas pontes e diques; mas que mal averá nisso? E, demais, não é a culpa da volúvel castelã.

Porque se não deixou estar ao alcance de reter o rio no seu leito, e de mudar, em proveito dos seus campos, as irrigaçõis beneficas?

(Continúa.)

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confecções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA„

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600
Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicaçõis com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saucisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos** e **licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Jozé Marques Ladeira & Filho

4. PRAÇA 8 DE MAIO, 5

COIMBRA

Canalizaçõis para agua e gás

ACYTILENE — instalaçõis completas.

Tubos de ferro, chumbo, latão e lôna.

Lústres de cristál e bronze, candieiros e lanternas para gás. Retrétes, tinas, lavatórios e urinóis.

BICOS D'INCANDESCENCIA, *sistéma Auér.*

Máquinas para aquecêr agua para banho.

Autoclismos, torneiras e agulhêtas.

Fogõis de cozinha e sála.

Fogareiros a gás, acetiléne, petróleo e alcool.

Bombas de todos os sistêmas.

Preços rezumidos em bombas de relójio.

Aparélhos elétricos: Cartão e corda d'amianto, borrácha e folha.

Filtros sistêma Pasteur.

Toma-se conta de qualquer encomenda e executa-se qualquer obra por mais importante que seja, tanto na cidade como fóra, tomando os seus proprietarios inteira responsabilidade.

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Luz — 103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestaçõis e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condiçõis do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONÓGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.° 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande coléção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Leonicio de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

DE NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clínicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.° 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuosas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Água da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 reis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias — Publicação semanal

Diretôra: D. Leonor Maldonado

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 1$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada,* a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand Jozé Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

Macario da Silva

E

José Falcão Ribeiro

ADVOGADOS

Praça 8 de Maio, 37

(Em frente ao tribunal)

JARDINEIRO

Manuel Caldeira, de 37 annos de edade, de Sernache dos Alhos, ofere-ce-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nésta cidáde ou imediaçõis.

Tem longa pratica daquêle serviço, pois estêve durante 16 ânos, efétivo, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr póde procura-lo em Sernache dos Alhos.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.°

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

PROGREDI ET PRODESSE

ADEGA REGIONAL DE ENTRE DOURO E LIZ

COIMBRA

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miudo

Installaçao provisoria: rua da Sota, n.° 8

Tabella de preços de venda a miudo (15 de outubro de 1904)

Marcas	Garrafão de 5 litros	Garrafa de litro	Garrafa bordaleza
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	550	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — *Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.*

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12—Rua da Moeda—14

N.º 956 | COIMBRA — Quinta-feira, 24 de novembro de 1904 | 10.º ANO

Partido Republicano

Na reunião do partido republicâno, realizada no dia 20 do corrente com o fim de elejer os membros que devião colaborar com os de Lisbôa e Porto na reorganização do partido républicâno português, fôrão eleitos os srs. Conselheiro Bernardino Machado, dr. Affonso Costa e Cassiano Martins Ribeiro, caindo a eleição do vogal suplente no nosso velho correlijionário sr. Albano Coutinho.

Não podia ser mais felis a escôlha.

O sr. conselheiro Bernardino Machado é um dos ómens mais notáveis do partido républicano pela sua intelijência, pelo seu caráter e pelo conhecimento que tem das necessidades do país, das dificuldades que se aprezêntão para as rezolver práticamênte.

Politico militante desde o principio da sua vida pública, o sr. conselheiro Bernardino Machado, conhéce, como poucos, os ómens e as coizas do nósso país.

A sua erudição excécional o seu espirito duma orientação moderna, sempre dirijido pelos principios da mais rigoróza sciência fazem do do sr. dr. Bernardino Machado um vulto politico duma grandêza rara na istória da nóssa vida pública.

O sr. dr. Afonso Costa, que encárna, como ninguem, o espirito de combatividade jeneróza da sua Beira, notado desde os bancos da Universidade, pelo brilho da sua intelligência, pela sua nobre independência, pelo ardôr com que advogava o seu ideal democrático, tem continuado na sua vida pública no mesmo ardôr de combate pelo seu ideal polifico, anda na admiração e no respeito de todos pelas suas ráras faculdades de intelijência e de trabalho jenerôzo.

Colocado, por acazo, no meio dissolvente da nossa politica, o sr. dr. Afonso Costa soube saír, limpo de consciencia e puro de reputação, daquele mar de lama.

Solicitado por todos os partidos monárquicos, que se curvárão admirados de tanta intelijencia e tanta audacia, o sr. dr. Afonso Costa manteve-se sempre lonje de ligaçôis perigozas não perdendo ocazião de acentuar a firmeza das suas opiniôis democraticas.

Pobre, Afonso Costa tem desde os mais tenros ânos ganho o pão de cada dia, que o seu trabalho continuado tem feito abundante.

A sua independencia de fortuna deve-a Afonso Costa tanto á sua intelijencia, como ao trabalho perzistente.

E todavia o dr. Afonso Costa é de uma saude periclitante, e apenas o entuziasmo jenerozo, com que trabalha, consegue fazer esquecer aos outros os cuidados que deve merecer-lhe a robustês abalada pela doença.

O dr. Afonso Costa tem sacrificado pela Republica a sua debil saude e ainda este âno teve de abandonar os trabalhos da advocacia, o seu sustento, o futuro da tranquilidade da mulher e dos filhos tão estremecidos, para nos ter acompanhado a todos no movimento de protesto contra as propostas de fazenda, com o seu entuziasmo ardente, com a sua dedicação jeneróza.

Cassiano Martins Ribeiro é o nome dum correlijionário conhecido pela atividade com que em toda a sua vida tem acompanhado as lutas do partido républicano em Portugal.

O seu nome está vinculado á istória do partido républicano em Coimbra que tem acompanhado sempre, trabalhando em comum com Manuel Emidio Garcia, José Falcão, Filomeno da Câmara e quantos se tem distinguido no movimento democrático de Coimbra, de tão nobre exemplo ás outras terras do país.

O seu senso prático, o conhecimento perfeito do meio em que vive, a consideração que góza nêle, fazem de Cassiano Martins Ribeiro um dos mais valiózos elementos do partido républicano de Coimbra, um dos que primeiro lembrão para o trabalho ativo nas circunstâncias dificeis da nossa vida politica, um dos que lembra tambem primeiro para a perseguição odióza dos rafeiros monárquicos.

Por isso o seu nome foi um dos primeiros apontados ás autoridades para a perseguição, quando se deu o apedrejamento do combóio á Bemcanta, apezar de todos conhecerem o seu espirito sensato, o seu caráter conciliador, que fazem do sr. Cassiano Martins Ribeiro um dos elementos mais produtivos na propaganda das ideias républicanas.

Albano Coutinho é um combatente antigo nas fileiras républicanas.

Tem trabalhado na nossa imprensa periódica, tem seguido apaixonadamente todos os incidentes da nossa vida politica, tem aparecido sempre nas óras de alegria, como nas de tristeza.

A sua intelijencia tem-a empregado sempre para aumento da sua terra para glória do seu partido.

O seu nome estava naturalmente indicado.

A *Rezistencia* felicitando os eleitos do partido em que milita, fa-lo com alegria e orgulho por saber que a dificil tarefa que lhes foi confiada, caiu em mãos experimentadas, que saberão vencer todas as dificuldades para bem da patria e onra do partido republicano.

Reorganização républicana

Na reunião realisada no Porto, no dia 20, fôrão eleitos por essa cidade para a comissão reorganizadôra do partido republicano os nossos correlijionários e amigos drs. Nunes da Ponte, Antonio Luis Gômes e José Ferreira Gonçalves e para suplente o sr. dr. Antão de Carvalho.

No proximo numero transcreverêmos o artigo publicado pelo *Norte* a êste propózito o que não podêmos fazêr ôje por falta absoluta de espaço.

A REUNIÃO DE LISBOA

Do nosso coléga da capital — *O Mundo*.

Conforme estava anunciádo efétuou-se ôntem uma reunião républicana no cêntro eleitoral da rua da Madaléna.

Comparecêrão delegádos das comissôis paroquiais, municipais e cêntros republicanos, em numero proximamente de trezentos.

Abriu a sessão o sr. dr. Antonio Jozé de Almeida.

Saudou a assembleia e disse que não éra aquéla a ocazião para largos debates, mas que julgava necessário dizer, no uzo da comissão que lhe fôra delegada, na assembleia do dia 6, qual éra o espirito da eleição a que se ia proceder. Explicou largamente esse pônto e fez a apreciação da lista que apontava fazendo largas referencias aos seus colégas néssa lista, congratulando-se por lhe sêr dado recomendar á assembleia correlijionarios tão prestijiózos. Pelo que respeitava á incluzão do seu nôme modésto e sem valôr disse que éla éra feita por impozição dos seus correlijionários. E como a óra não éra para glorias frivolas, mas para sacrificios, êle não trepidára em fazer entrar o seu nôme na referida lista.

Refére se ao estado do país, que é trájico e dezoladôr e á necessidade de o Partido Republicano assumir o logar que lhe compéte. O Jezuitismo como um abutre tem nos uma garra sôbre o coração e outra sôbre o cérebro; paraliza o nosso sentimento; estrangula a nossa intelijencia. Dezeja apenas transformar o nosso peito num tumulo sombrio, semelhanre a êsses tumulos ônde são sepultadas as mulhéres fanatizadas que éle fês professar na solidão lugubre dos seus claustros!

E' precizo libertar a consciencia nacional, dando respeito a todas as relijiôis mas garantindo a autonomia da nossa vida civil.

A questão colonial atinjiu o seu paroxismo com a situação do sul de Angóla. E' precizo que a nação faça, sôb êste pônto, uma politica sensáta e inérjica, estabelecendo alianças sem o servilismo de um pôvo de escravos, mas sem a preocupação fantazista de opiniôis antecipadas.

A defêza nacional, desprezada e mais que insuficiente, com as nossas fronteiras desprotejidas e as baterias dos nossos portos desguarnecidas representa um crime e uma traição. Tal estado não póde continuar, porque se a guerra é infame quando avassála e conquista, a guerra é nóbre, é justa, é sagrada quando feita para defendêr o território e a Liberdade.

A instrução publica é uma irrizão e uma tróça deixando na penumbra e na ignorancia o espirito nacional. Urje espalhar pelo país um vento de civilização audás e proficuo.

Descréve sôb outros aspétos ainda a decadencia nacional.

Tal estado de coizas não póde continuar. E' necessario e urjente pôr-lhe côbro.

A quem compéte éssa missão?

Os partidos monarquicos falirão. Só o Partido Republicano tem valôr e prestijio para metêr ômbros á indeclinavel empreza.

Apéla para o patriotismo de tôdos. E' precizo fazer entrar na sua vibração máxima a alma naciodal. Terminando, o oradôr, diz:

E' bem verdadeira a comparação que se tem feito dêste país quando se dis que êle é a imájem de Cristo caminhando para o seu calvario, levando ás costas a crús do seu martirio.

Mas a uma diferença que é consoladôra.

O Cristo de perfil suave e com a pura alma atribulada tinha fé numa outra vida, e, exalando o derradeiro suspiro, aceitou a implacavel situação que os acontecimentos determinárão. Rezignádo e dôce perdoou e morreu!...

Rezignádo e dôce perdoou e morreu!...

Mas nós queremos que a êste dezaventurado País, a meio do caminho trájico em que vai, outra couza lhe suceda. Queremos incutir-lhe corájem para que êle, deitando abaixo o seu madeiro, o despedace, porque ainda tem forças para tanto, e dê com os destróços do seu instrumento de expiação na cara de quem o tem dezonrado!

Declara, finalmente, que, no uso da comissão que lhe foi cometida na assembleia do dia 6, dezeja que ája a maior liberdade de voto para todas as comissôis, pare todos os cêntros, para todos os grupos, para tôdos os republicanos, emfim, que individualmente queirão votar.

Quando um ómem se apaixóna radicalmente por uma ideia, como êle se apaixonou pela ideia republicana e revolucionaria, êsse ómem só se sente bem, tendo clara, em face de si a opinião categórica e formal dos seus companheiros de armas.

Está-se, é certo, numa manifestação pacifica, mas déla nós procuraremos partir para outra mais séria, que não são as listas que a produzem, nem é da urna que á de sair.

Terminado o brilhante discurso do sr. dr. Antonio Jozé de Almeida, foi por êste oferecida a prezidencia ao nosso velho amigo e devotádo correlijionário dr. Manoel de Arriaga, que foi recebido com uma ovação tão entuziástica como poucas vezes temos visto, o que foi uma prova evidente de que o Partido Republica existe sempre fórte e vigorôzo, e pronto a acompanhar os que o queirão guiar para a conquista dos seus ideais.

O sr. dr. Arriaga escolheu para secretários os srs. dr. Augusto Barreto e Feio Terenas.

Procedeu-se em seguida á chamada dos correlijionarios prezentes, sendo admitidos a votar os membros do ultimo diretório, das comissôis municipais e paroquiais republicanas das rejião do sul, e bem assim os reprezentantes dos Centros, Gremios e Grupos Republicanos, bem como os correlijionarios que indivialmente quizéssem concorrer com o seu voto para aquêle solenissimo áto do partido.

O dr. Antonio Jozé d'Almeida, explicando o espirito de convocação que fôra feita pelos jornais, declarou que tinhão ali vóto tôdos os republicanos sincéros que ali estivessem e quizéssem votar.

O nosso ilustre correlijionário sr. Jozé de Souza Larcher, o venerando decano dos republicanos portuguêzes, e o nosso amigo Lobo de Miranda, distinto professôr a quem João de Deus com tanta justiça chamava *o cego luminózo*, fôrão recebidos com estrepitózas salvas de palmas no momento de serem chamados a votar.

Entrárão na urna 244 listas, dando o escrutinio o seguinte rezultado: dr. António Jozé de Almeida, médico, 244 vótos; dr. Celestino de Almeida, médico, 244 votos; Jozé Cupertino Ribeiro, comerciante, 243 votos; e, para suplentes, dr. Francisco Euzébio Leão, medico, 243 votos.

O rezultado da eleição, anunciádo pelo sr. dr. Manoel de Arriaga com um bréve e entuziástico discurso, foi aclamado com uma calorôza ovação, em que sucedêrão os vivas aos eleitos, ao Partido e aos nossos ideaes.

O dr. Antonio Jozé de Almeida agradéce em seu nôme e dos seus colégas e declára que a comissão escólhe para seu secretário o dr. João de Menezes. A assembleia aplaude com entuziasmo. Declára mais o dr. Almeida que a comissão vai iniciar uma série de conferencias sôbre assuntos divérsos, sendo a primeira feita pelo dr. Arriaga, no próximo dia 24, ali mesmo, seguindo-se uma outra de Brito Camácho, tambem em Lisboa, e outras na provincia — em Beja pelo dr. João de Menezes, em Santarem pelo dr. Alexandre Braga, e em Cuba pelo dr. Antonio Jozé de Almeida. Estas primeiras conferencias versárão sôbre organização partidária.

A mêza recebeu adezôis numerosas e valiosissimas de grupos republicanos do sul, e ainda de muitos correlijionários que não podérão neste momento vir a Lisboa.

Concluidos os trabalhos da assembleia, fôrão levantados numerosos vivas á comissão, ao dr. Arriaga, ao dr. Antonio José d'Almeida, á democracia portuguesa, sendo todos entusiasticamente correspondidos.

No sul de Angola

No ministério da marinha têem continuado as conferencias com o sr. majór Eduardo Cósta, ácerca da organização da nova expedição além do Cunene.

Os auxiliáres do sr. major Costa, na organização do plano de operaçôis, guardão a maior rezérva sôbre as deliberaçôis tomádas.

O que se sabe com certêza é que o numero de oficiais oferecidos voluntariamente, é grande e que o chefe de estado maior da coluna é o sr. tenente de estado maior Cunha Bátista.

Dis-se que as companhias de infantaria serão nomeadas izoladamente e não por batalhôis, sendo acompanhadas de séccôis de metralhadôras.

TEATRO

Com um tempo detestavel, e um publico numerôzo e animado tem-se realizado as récitas da companhia Rozas e Brazão no teátro Principe Real.

A *Zá-Zá*, primeira das recitas, foi já vista em Coimbra. Então dissémos da peça que se não recomenda como análize de tipos sociais, nem como intenção artistica.

E' uma *dama das camelias* barata, analizáda por quem não tem o talento de Dumas, filho.

Lucilia Simôis, de quem avia a esperar uma interpretação mais artistica que a de Anjela Pinto, quis saír das interpretaçôis já dadas ao papel, sublinhando de notas de naturalismo todo o seu jogo scenico.

D'aí a sua inferioridade, quando comparada com Anjela Pinto.

Madame Anáis, que fôra creada pela Falco, é agóra péssimamente reprezentado por uma atris sem nôme.

Dufresne, creado por João Roza, é feito sem brilho por Alves.

Augusto Roza mostrou-se nesta reprezentação distraído e fatigado.

Gil, como sempre, bem.

Os restantes na, fráze do costume, — não dezafinando no conjunto.

Gilberta é uma farça modérna, cheia de situaçôis inverozimeis, fazendo rir como o trabalho caricatural dos clowns.

E' peça dificil de reprezentar para nós que não temos, de raça, a distinção, a elegancia francêza.

Lucilia Simôis reprezentou bem o último áto, mas não soube dar á personajem de Gilberta a distinção que tornaria a péça tolerável.

Gilberta é de tão má educação, como os maridos, tanto o primeiro como o segundo, naquêles dois átos, cuja escabrozidade era acentuáda pela falta de disunção de dizer, de jésto e de atitude.

Augusto Róza muito bem no 2.º e 3.º atos e não foi muito mal no pri-

meiro, porque não póde sê-lo nunca o excelente artista.

No segundo e no terceiro, tivemos mais uma ocazião de admirar a excécional pormenorização do seu dizer, acentuando toda a finúra da sua creação artística.

Alves muito bem.

A Maria Pia começa a tardar-lhe a fála. As palávras pérdem-se na resonancia do seu falar cantádo.

Continúa a encantar pela belêza, em plena maturação, pelo tom dourado dos seus cabêlos, pela elegancia das suas toilétes.

A *Ressurreição* é uma péça monótona e má, extraída dum romance cheio de vida e de belêza artística.

E' de fazer chorar as pédras, o póbre drama.

E as pédras chorárão.

Chorárão, gostárão e aplaudirão com a injenuidade do costume.

A salvar-se de tudo aquilo a Adelina, o João Róza e o Brazão, num papel talhado á antiga, cheio de tiradas de que anda lonje o espirito de Tolstoï.

Para ôje anuncia-se a *Crús da esmola*.

Iremos, veremos, e contaremos.

Direito de Defêza

Os órgãos oficiais da monarquia portuguêza argúem o govêrno da Republica Francêza de ser um governo despótico, absorvente e intolerante.

E isto tudo a propózito da questão das congregaçõis.

Crêmos que não têem razão alguma, e mesmo, se alguma lhes assistisse, éla de por si só se destruiria, visto que a intolerancia católica é indispensável!...

O governo da Republica Francêza não fás mais do que defender-se da virolencia do atáque dos seus inimigos, e o seu procedimento rezulta útil e eficás para a moralidade politico-administrativa, para a pás social e para o prestijio do grande e jenerôzo País que proclamou os direitos do Ómem e do cidadão.

A Európa, a párte essencialmente monárquica e conservadora da Európa, tem a aprender no exemplo da grandióza e simpática Republica quanto de abnegação, de bondade e de cívica dedicação são capázes os seus mais prestijiózos e consagrados estadistas; os seus pensadôres; os seus sábios e os seus literátos de jénio, os seus artistas de talento e de profunda inspiração.

A Európa encontra ôje na França o verdadeiro esteio da pás universal, como eloquentemente no-lo demonstrou este sensacional incidente de Hull, em que chegou a estar iminente a guérra entre duas poderózas potencias como a Russia e a Inglaterra.

O sr. Delcassé, ministro dos negócios estranjeiros da onipotente Republica, é ôje o diplomáta de reconhecido prestijio que todo o mundo culto admira.

Um rejímen politico que em pouco mais de 30 ânos atinje um tão elevado apojeu, é um rejímen superior a todos os atáques dos seus mais encarniçados inimigos, um rejímen sobranceiro aos seus detrátôres.

Pois este rejímen é a Republica Franceza que em pouco mais dum quarto de século assombra o Mundo pela sua jigantesca óbra de Progrésso, de Justiça, de Liberdade e de Civilização, a maior que a Európa tem prezenciado depois dos Romanos.

Um rejímen que assim se tórna indispensavel á marcha progressiva da Umanidade, é um rejímen tão útil que apenas os faciózos sem onra, nem caráter, ou os inconscientes a podem malsinar e atacar.

Mas, a despeito da sua incontestável superioridade, e de se reconhecer muito sobranceira a semelhantes atáques, o rejímen republicano em França caréce de se defender *á outrance* do furiózo investimento dos seus inimigos coligádos: os nacionalistas e os cezáristas.

O incidente Syveton é de molde a provocar um sério sistêma de repressão contra os elementos dezordeiros que pretendem dezonrar a França no estranjeiro.

Não conseguirão de certo alcançar a méta de seus odiózos dezejos, porquanto todos os Francezes, verdadeiramente dignos dêste simpático e venerando nome, se colócão rezolutamente ao lado do seu Governo para que a grande Republica prosiga ovante na sua missão de Pás e Amôr.

A era das verdadeiras reivindicaçõis do progrésso scientifico da umanidade acaba de ser iniciada pelo gabinete Combes que — derruindo a muralha do preconceito dogmático imposto ao espirito pela intolerancia católica — cumpriu a sua missão politica, libertando o pensamento e recolocando a França na elevada esféra a que a Grande Nação se alcandorára pela promulgação da Constituição do âno III, déssa sublime Constituição filha do pensamento filozófico dos revolucionários da Convenção, dêsse jigantes da intelijencia e da ação que emancipárão o Mundo no próprio momento em que a tempestade de Terror se dezencadeáva furióza em torno da imorredoura Assembeia sem precedentes na Istória.

Onra e Glória á Republica Franceza, e que o seu sagrado direito de defeza seja um exemplo e um incentivo a todos os amigos do Progrésso e da Liberdade.

Fazênda Júnior.

Está já á frente da diréção dos serviços agronómicos do distrito de Coimbra o sr. Almeida Couto, que para esse fim foi transferido de Leiria.

O ilústre funcionário móstra-se animado dos melhóres dezejos de contribuir para o dezenvolvimento da riquêza agrícola dêste distrito o que é muito para louvar.

Júri comercial

No dia 25 do corrente, pelas 11 óras da manhã, á de proceder-se á eleição dêcte júri no tribunal comercial désta cidade.

MANIFÉSTO

Os nóssos correlijionários d'Alcantara acábão de distribuir profuzamente o manifesto que gostózamente transcrevemos:

No proximo dia 27 do corrente tem logar a eleição da junta de paróquia désta freguezia, e como na eleição tranzáta o partido républicano de Alcantara aprezenta a sua lista.

Necessário se torna dar a conhecer aor paroquianos da freguezia de Alcantara, eleitôres e não eleitôres, quais os serviços prestados pelos nossos correlijionários da junta que termina o seu mandato em 31 de Dezembro próximo ainda que mais não seja num breve rezumo.

Composta a junta atuál, nos seus membros eleitos por correlijionários nossos, os seu átos fôrão sempre pautados pelas boas regras da moralidade e da economia. Administrando segundo o espirito da lei que regula as juntas de paróquia, a junta soube armonizar os interésses da paróquia com o espirito liberal dos seus membros, sem faltar á coerencia dos seus principios e ao respeito devido á relijião do estado e da maioria dos seus paroquianos.

Tendo sido tiradas ás juntas pelas duas ultimas reformas administrativas, atribuiçõis que antigamente lhe érão confiadas e pelas quais, sobre contribuiçõis especiais podião promovêr melhoramentos locais, sendo especialmente vizáda, néssas reformss a Capital pelo espirito reacionário e centralizadôr dos govêrnos que têem estado á frente dos negocios publicos, ás juntas de paróquia da Capital apenas está conferido o devêr de administrar os rendimentos da paróquia e o *direito* de reclamar sobre assuntos de interesse dos seus paroquianos.

Sob êstes dois pontos versou o exercicio da junta républicana que breve termina o seu mandato e que será por certo continuado pelos membros que compõem a lista que esperamos seja eleita por vós.

Ao tomar posse em 2 de janeiro de 1902 do mandato para que foi eleita, a junta atuál tomou conhecimento do orçamento aprovádo para o exercicio dêsse âno, e com os recursos da paróquia satisfês todas as despêzas orçadas nêsse documento sem deixar *deficit* algum e ficando para o âno seguinte um saldo superiôr áquêle que lhe foi legado pela junta sua antecesôra.

Durante o seu trienio a junta promoveu e aumentou a receita da ermida de Santo Amaro chamando ali a concorrencia e satisfazendo assim aos dezejos do comércio local.

Requereu e foi atendida pela Camara Municipal numa reclamação para que fôssem melhoradas e iluminadas as escadinhas de Santo Amaro.

Empenhou-se colétiva e particularmente para que a Camara Municipal de Lisboa não consentisse numa edificação da rua da Escola Azilo, edificação que ia inutilizar o projéto do prolongamento da rua Conselheiro Pedro Franco, até á rua d'Alcantara, projéto de incontestavel belêza e interésse para a freguezia d'Alcantara e especialmente para o bairro da Créche.

Ao mesmo tempo solicitou pela vós do seu prezidente a realização da obra á ânos começada ao principio da calçada da Tapada e cuja realização será de grande vantájem para os moradôres déssa rua.

Para estas duas justissimas reclamaçõis votou já a Camara uma verba respeitavel e é de crêr que não demore a realização dêsses importantes melhoramentos.

Tambem não descuidou a junta por vós eleita em 24 de Novembro de 1901 o exercicio da beneficencia, aplicando a êsse altruista fim uma verba em armonia com os recursos da paróquia, pequena na verdade para as necessidades dos indijentes da nossa freguezia.

Sobre êste assunto, deliberou em tempo a junta, por proposta do nosso saudôzo amigo Jozé Sebastião Teixeira Junior, a creação duma comissão de beneficencia, para ocorrêr ás mais urjentes necessidades da pobrêza désta freguezia, por meio de subscritôres mensais com a quota minima de 50 réis.

O regulamento déssa comissão foi redijido e aprovádo em junta, mas carecendo da sanção oficiál, foi enviado para o Govêrno Civil onde ainda se encontra apezar dos esforços que oficial e particularmente têem sido empregados para dali ser arrancado.

Carecendo o cartorio da paróquia de obras imprescindiveis, a junta incluiu no seu orçamento do atuál âno as verbas necessárias para êsses melhoramentos, obras já realizadas e que dérão a essa dependencia da igreja paroquial um aspéto de edificação nova.

Dentro ainda dos recursos da paróquia, a junta fês durante o seu exercicio, acquizição de roupas e utensilios para uzo do culto, procedendo em todas essas compras e melhoramentos com o devido e indispensavel zelo.

A junta atuál lega ás suas sucessôras um inventario dos avêres da paróquia, confécionado logo que entrou no exercicio do seu mandato, e inventario que não era feito desde á bastantes ânos pelas juntas suas antecessôras.

De muitos outros assuntos de interesse publico e local a junta de paróquia da freguezia d'Alcantara que termina o seu mandato proximamente e que é compósta dos nossos amigos e correlijionários Augusto da Assunção Rodrigues, Eduardo Jozé da Silva, João d'Oliveira Miguens e Manoel Maria de Souza que foi chamado a efétividade pelo falecimento do nosso correlijionário Jozé Sebastião Teixeira Júnior, se ocupou, o que consta do seu livro de átas e o que levaria muito tempo a enumerar.

Deixa a junta atual esboçado o orçamento para o próximo âno de 1905, com o devido critério, de forma a poderem ser feitas bemfeitorias na egreja de Santo Amáro e cazas suas dependentes, além de verbas destinadas á acquizição de objétos necessários para úzo da paróquia e a respétiva vérba de beneficencia, sem recorrer nem precizar de votar encargos sobre os parochianos da sua freguezia, o que seria injusto, vistas as circunstancias em que todas as classes se encôntrão agravádas.

Assim o partido republicano móstra-se fiel ao seu programa de administração pelo que tem direito ao respeito e á confiança do País!

Por tais motivos a Comissão Paroquial Republicana d'Alcantara e a Comissão Eleitoral Republicana da mesma freguezia recomêndão ao sufrájio dos seus eleitôres os seguintes nomes:

Efétivos: — *Adelino Augusto Ferreira Bairrão*, farmaceutico; *Agostinho Indcio da Conceição Estrêla*, industrial; *António Augusto de Brito*, industrial; *António Joaquim d'Oliveira*, empregado no comércio.

Substitutos: — *António Filipe Ribeiro*, industrial; *Estácio Jozé de Bárros*, comerciante; *Francisco Lópes Estêves*, comerciante; *João Rodrigues Júnior*, empregado no comércio.

Lisbôa, 18 de Novembro de 1904.

A Comissão paroquial républicana d'Alcantara

A comissão eleitoral républicana d'Alcantara

Sessõis de muzica de camara

A *Rezistencia* começa ôje a publicar os prográmas-comentários déstas sessõis a que já fizémos referencia no nosso numero próximo passádo, estando a primeira marcada para o dia 30 do corrente no *Grémio Literário*.

Os três primeiros prográmas compõem-se da obra de Beethowen, correspondendo cada um respétivamente ás três maneiras em que é dividida a sua óbra.

Na primeira notando-se a influencia dos méstres, na segunda dezenvolvendo e mostrando a sua grandêza unica, na terceira afastando-se da terra depois de haver cumprido aqui uma relijióza missão, legando-lhe uma óbra que os ómens ainda não pódem traduzir por compléto.

BEETHOWEN

Antes de entrar nos comentários da sua óbra, julgo interessante fazêr-lhe um esbôço psicolójico.

Figura austéra e pensativa, olhar sombrio donde irradia um espirito que nunca conheceu o repouzo, fronte onde o trabalho incessante do pensamento cavou um profundo sulco, labios contraidos por um sorrizo amargo; no conjunto algo de forte, de poderózo camo Danton e Mirabeau purificádos pelo sentimento relijiózo e pelo jénio mais idialista que existiu.

(Beethow, sa vie e ses oeuvres. H. Barbedette.)

Beethowen, santo na Verdade, no Bello, no Bem e na Virtude, é por isso o arauto da civilização, um fantásma que nos atrai, um colôsso d'amôr.

O espetáculo que a Európa então aprezentou (a Alemanha dando ao mundo a liberdade do Pensamento e a França gritando a liberdade politica), a convivencia com jente de elevada cultura intelétuál, Gluck depois de dezembaraçáda a muzica das formulas e tradiçõis católicas, revolucionando a muzica dramatica, Haydn criando a sinfonía e o quartêto, Mozart assombrando o mundo por inumeras obras primas, tudo isto Beethowen prezenceou na sua juventude, o seu jénio condensou numa obra que entra pela Eternidade.

No emtanto, na sua grandêza como é bem possivel segui-lo!

E' porque Beethowen é a consciencia umâna em marcha passo a passo para o Ideal; *estuda-lo* é estudar a Umanidade, *senti lo* é sentir o Universo.

No seu testamento se vê a purêza dos seus pensamentos, a grandêza da sua alma, a Dôr que creou a sua obra.

A sua relijião superior aos dogmas, fazia-o pairar nas rejiões serenas do infinito.

As suas ideias républicanas traziãono a cuidar do destino dos ómens.

Sciencia e Virtude fôrão os guias que se propôs seguir e que seguiu.

Muito trabalho deu aos criticos a sua obra para ser colijida pois que além dumas cartas a Juliette, a Bettina, a Wegeler e a outros amigos, cartas intimas, e o seu testamento, nada deixou escrito de maneira a fazer-nos conhecer os segrêdos da sua vida ou a esclarecer-nos sobre a evolução do seu pensamento. O seu caráter austéro (incompativel com uma sociedade de titulos e etiquêtas e que por isso abandonou), o verdadeiro respeito de si mesmo, a sua verdadeira grandêza não lhe permitia fazer uma auto-biografia.

«Uma vês que num tribunal, onde fôra para defender um sobrinho, lhe mostrárão duvidar da nobrêza que a particula de parece mostrar êle, sorrindo, indicou a fronte e o coração como jeradôres déssa nobrêza.

Sómente a sua dôr é traduzida em obras imortais, como passamos a observar. Cristo mandou amar-nos; Beethowen impõe-nos o preceito.

(*Continúa.*)

T. de Russel.

Nomeação

Foi nomeado dirétôr da Escóla Nacional de Agricultura de Coimbra o sr. dr. Silva Róza, lente do Instituto de Agronomia, de cuja competencia muito á a esperar.

Aproveitamos esta ocazião para dirijir os justos louvôres ao sr. Jozé António Ochôa, que com a maior dedicação e capacidade tem dirijido aquêle estabelecimento, não tendo sido provido definitivamente a reiteradas instancias suas.

BRIC-A-BRAC

VI

A batina e o estudante

Vicente da Silveira, ou melhor Vicente Maximo da Silveira não era ómem para deixar ao abandono questão em que se metêsse.

Más linguas afirmávão que assinava os artigos V. da Silveira para que o tomassem pelo visconde da Silveira.

Não lhe ficaria mal, como ómem de espirito, o mesmo se contava de Coláço de Magalhãis que em Paris uzava no cartão de vizita *C. de Magalhãis* e folgava de que lhe chamassem *conde*.

V. da Silveira não largou a questão e, nos ócios das férias publicava mais dois folhetins um *A Ordem Publica* de 24 e 28 de Julho de 1857.

Transcrevemos ôje o primeiro em que êle canta o seu triumfo e fás a apolojia da batina.

Foi publicado com o titulo — *O estudante e a batina.*

Os nossos leitores hão de estar lembrados ainda do meu folhetim — *A Batina e o Estudante* — escripto 'numa época, em que mais se fallou das desvantagens, inconveniencias, jesuitismo, substiuição, reforma d'um habito, de que não tenho podido dizer se não bem desde o momento, em que experimentei as suas commodidades, os seus prazeres...

Os uniformistas, que proclamavam por toda a parte a quéda da batina, que passavam a melhor parte do seu tempo entregues a concepções mais ou menos extravagantes, mais ou menos ridiculos, creando em sua variegada phantasia novos trajos, novas côres, em vez de novas cabeças, novos miolos...; que pensavam transformar d'um dia para outro o corpo academico, num bando d'arlequins, ou de *pintalsilgos do Amazonas, com almas de macaco*, como disse com muito espirito o nosso inalteravel *Newton* que com tanta felicidade me serviu para fazer voltar ao seu juizo uma meia duzia de delirantes, que tanto nos importunavam com os seus improvisos de *furta côres*; — os uniformistas, digo, apenas tiveram depois forças para censurar-me com voz moribunda, lastimosa, o *prosaismo*, o *facilismo* das minhas ideias!...

E a batina passou, passou cheia de gravidade, de elegancia, de coqueteria, — coroada de recordações do passado, — radiante de esperanças fagueiras, —¡ orgulhosa, soberba de conquistas, de triumphos!

¡Oh! vós, leitores não uniformistas, que ainda não viestes a Coimbra; que ainda não assististes a uma abertura d'aulas, a uma prelecção; que não passastes pelo O' da ponte 'num dia de *recepção, de espera...*; que não atravessastes a *Calçada*, a *Sophia* 'numa tarde de *montaria*; que não penetrastes nos bilhares, nos botequins; que não viestes dar um grau solemne a um calouro; que não vos perdestes com os estudantes 'nesses sitios poeticos, tristes, melancholicos aqui, acolá alegres, risonhos, que fazem de Coimbra um quadro completo, vigoroso, da natureza: — vós, que só conseguis satisfazer a vossa curiosidade no *parterre* dos nossos jornaes, mal podeis figurar-vos o que é uma batina e a alegria, o delirio, o receio, o susto, o respeito, o amor, que ella inspira em qualquer d'estas circumstancias!

Se fosseis homens, desajarieis então pelo menos fazer-vos estudantes; se fosseis mulheres... quereríeis ser as ternas amantes d'esses filhos de Minerva, de quem infelizmente só conheceis talvez a qualidade, que lhes é menos propria, e todavia a mais exagerada...

Vem cá, minha véiha amiga, minha pobre batina¡ minha unica farpella!¡ como eu te amo, assim mesmo desbotada, cheia de rasgões.¡ Que bello tempo tu me não recordas!¡ que prazeres, que loucuras juvenis, que fadigas passadas, que receios, que perplexidades, que mysterios emfim se não traduzem em cada farpa, em cada nódoa, em cada fio gastado, polido, do teu grosseiro tecido!¡ Vem! predilecta filha da liberdade! recorda-me todos os teus triumphos alcançados sobre as importunas conveniencias d'essa sociedade grave, pesada, de lenço bran

co e caixa de rapé...: repete-me uma d'essas gargalhadas de escarneo, desabridas, delirantes, que desconcertam o mais frio diplomata, o hypocrita mais astucioso...

¡Vem! minha boa amiga! e assim mesmo sebenta, impregnada do denso fumo do vil cigarro do estanco, inspira-me, ajuda-me, protege-me no meu proposito; segue-me até o *vaporoso* budoar da mais *casta* donzella, até o fatidico quarto do rapaz da moda, até o gabinete silencioso do pae de familias; penetremos junctos em toda a parte aonde o *destino* nos conduzir deixando velhas formas, presumidas cortezias ao quinhentista, ou sevandija; e fallemos a todos com aquella altivez, com aquella independencia, que tão bem se causam com a tua propria natureza.

.....

Não me lembro de ter escripto para o publico — só por escrever: sempre tenho sido movido pelo desejo d'um melhoramento qualquer, d'uma utilidade, senão para todos pelo menos para uma grande parte, não havendo prejuizo para os outros.

Assim; posto que pareça a alguns de pouca monta ou nenhum interesse o meu folhetim, pelo modo porque tenho tractado a questão da batina, desde já declaro, que pela minha parte lhe dou muita importancia, como todos aquelles, que tambem como eu, tem sido testimunhas, e tem experimentado por si mesmos as incalculaveis vantagens do uso e conservação do nosso uniforme, que é *impossivel* poder ser substituido por outro melhor, mais commodo, e mais ao alcance de todos os que frequentam e se destinam a frequentar esta Universidade: a questão da batina, pois, vale bem uns poucos de contos de réis por anno, e uma prodigiosa economia de tempo, e de incommodos, para que não voltasse a ella, — e de *cheio*.

Os argumentos que apresentei na primeira occasião, posto que revestidos d'um ar *folhetinistico*, nem por isso deixaram de produzir a convicção, que eu quiz levar aos que com tanto afinco e sem fundamento guerreavam o seu proprio uniforme, e com elle todas as suas vantagens, a troco d'uma novidade qualquer, por mais absurda que ella nos parecesse.

Ninguem mais fallou na mudança do trajo academico; e a batina conservou-se, apezar das propostas de reforma anteriormente apresentadas por repetidas vezes, e mesmo acompanhadas, segundo nos consta, dos figurinos, que deveriam servir nos de modelo.

Lisonjeado por este feliz resultado, que pelo menos me deixou persuadido, de que tive razão em defender o nosso trajo classico dos golpes irreverentes dos inovadores, pensei em apresentar algumas idêas mais, que havia reservado para occasião opportuna, como esta se me affigura, idêas de modificação e de melhoramento, que a razão guiada pelas tendencias do tempo não póde deixar de admittir e reclamar.

Nenhum outro trajo, repito, póde com vantagem substituir a batina: ¿ mas poderá a batina ser com vantagem substituida pela mesma batina? E' o que vamos ver.

V. da Silveira.

No numero imediato da *Ordem Publica*, de 28 de Julho de 1857 voltava V. da Silveira com outro folhetim.

Um excelênte colaboradôr de verão....

T. C.

A' Pórta Férrea foi afixado o seguinte convite:

Conflitos académicos

Atendendo á necessidade de eliminar dos nóssos costumes as práxes brutais e exajerádos contrasensos sustentados por vinganças e mudando-se por vezes em assaltos á mão armada;

Atendendo a que nésta óbra se dévem unir os que sentem o tédio ou a revolta perante estas velharias que nos deprimem;

Temos a onra de convidar os anti-praxistas universitários a enviarem as suas adezões, podendo juntar-lhe algumas consideraçõis, consideraçõis estas que a seu tempo serão publicadas.

As adezões podem ser enviadas para a Tabacaria Transmontana — Couraça dos Apóstolos, 33.

O grupo anti-praxista.

ILHA DO PRINCIPE

Sr. redátôr da *Rezistencia*. — Vae mingoar assunto para as nossas cartas, visto ir dezaparecer da scena o principal figurante, o muito celebre tenente de infantaria Manoel Ferreira Viégas Junior, o eroi da memoravel eleição de 26 de Junho, porque, segundo noticias bem informadas, vamos ficar sem a *sabia* administração do Viegas, por ter sido exonerado do cargo de governador do districto e chamado ao ministerio! E' pena que retire tão depréssa, porque nos priva de o apreciar nas nossas crónicas. Vai saindo certo o rifão citado por elle em plena assembleia eleitoral: «As *coijas xão* o que *xão* e não o que *debiam* de *xer*», e tão certo é que a Verdade por seu lado é o que è, e descoberta que foi, êle eroi não podia deixar de ser exonerado.

Esta exoneração, segundo nos informão, tem cauzádo dôres de cabêça ao conselheiro amigo e protétôr dos átos desordenados do Viégas, que êste praticara por sua ordem, por isso que o conselheiro os acatou e protejeu como se fossem seus. Este desgôsto, da falta do Viégas no govêrno do conselheiro póde muito bem arrastar com sua ex.ª désta para Lisboa, livremente, antes que o chamem. O ómem déve sêr coerênte, além disso corre como certo que não póde governar sem um Viégas e um Salustio.

Dêste Salustio, já tivémos occazião de falár pelas eleiçõis, mas não nos custa repetir que êle é o interino administradôr do consêlho á falta de ómens capazes, logar que exérce com aprazimento da Caza dos 24 e com gaudio da ilaridade publica. Está sempre em pleno uzo das suas funçõis: não fás nada! E, quando pretende mostrar atividade, bota asneira, como claramente se vê nas correspondencias publicadas na *Vanguarda* de 16 e 17 de Setembro ultimo, subscritas pelo nosso amigo sr. Castro e Morais.

Essas correspondencias acuzão o administradôr Cazimiro Nogueira e o governadôr, um de têr praticado e outro de ter consentido rusgas violentas dentro da ária da cidade, violando os domicilios dos cidadãos e prendendo individuos a tôrto e a direito como se já não ouvésse garantias. Noutra terra que não fosse S. Tomé, o tal Nogueira Salustio Cazimiro, nunca mais tornaria a fazer rusgas, nem mesmo continuaria na paciente interinidade daquélla conezia administrativa; mas ali, naquéla ilha, estamos a ver que vão falhando as enerjias e vão medrando os engráxadôres.

— A respeito de administração de conselho, chegamos por cá, no Principe, a pensar que estavamos bem servidos, porém temos que penitenciarnos de ter feito tal presumpção, porque de principio o actual administradôr fês bastantes esfórços para captar simpatias, mas os maldizentes afirmão que êle fazia um joguinho manso com pau de dois bicos. Veremos e cá ficamos para comentar.

O que é fácto, é que do calaboiço administrativo, se evadiu á pouco um assassino natural da Guiné, que ali se achava prêzo para sêr entrégue ao podêr judicial, por crime de umicidio voluntario. Este criminôzo, de maus instintos, andou fujido cêrca de duas semanas pôndo em perigo a vida dos cidadãos, sendo afinal prêzo mas não pela policia administrativa!

Já depois disso, do mesmo calaboiço, se evadiu um soldado, que ali cumpria castigo disciplinar.

Resta dizer, que o criminôzo guiné, não só fujiu, como ainda teve a corajem de roubar e levar consigo o ferrolho da pórta da prizão! Tudo isto sr. redátôr, se passou a poucos passos donde jira uma sentinéla, o que ainda mais depõi contra quem superintende naquéla cáza de detenção.

— As óbras da ponte cais, óra em principio, vão corrêndo a passo de boi, sôb a *intelijente* diréção de um tal Jozé Gomes da Silva, 2.º sarjento de sapadôres, agóra guindado a condutôr auxiliar d'óbras publicas e encarregádo da 3.ª séccão que é no Principe. Este sr. condutôr feito á préssa, é ómem protejido pela Caza dos 24 e nem podia deixar de sêr, visto os seus merecimentos para engraxadôr; mas, fôsse lá o que fôsse, o que nós desejávamos é que êle trabalhásse e fizesse trabalhar os operarios que estão sôb as suas ordens, mas, é justamente isso o que não vimos nem pessoa alguma conségue vêr; porque sua ex.ª (já tem excelência!) aparéce raramente e por acázo no local da ponte, onde, depois de dar as suas ordens, retira, para o seu *gabinete de trabalho*, dizem. Nós pensávamos que as funçõis de condutôr auxiliár, fôssem assistir a tôdos os trabalhos da ponte e fazer cumprir as óras do trabalho, mas pelo visto, não *pescamos* nada d'óbras publicas e o sr. sapateiro, digo, sr. sapadôr é que tem razão. Três carpinteiros naquêle trabalho, vencem 9$500 réis diários os três, e os dias pássão-se e não vemos dezenvolvêr trabalho, e por este andar, gasta-se a dotação da ponte e ficamos sem ponte. Dizem nos que o sr. condutôr, no seu gabinête, fás plantas e que offeréce os seus serviços aos particulares, para levantar plantas de róças.

Para terminar, por agóra, sôbre o assunto, temos a acrescentar que o sr. *condutôr in-absentia*, se gabou algures de que fôra êle quem dirijira a pôntecáis da ilha de S. Tiágo, mas nós, com o devido respeito, vimos desmenti lo, porque o engenheiro e diretôr daquéla óbra, foi o sr. Jozé Claudino de Souza e Faro, ôje jeneral reformado e administradôr da róça Agua-Izé. E ficamos mais uma vês convencidos de que a ignorancia é realmente atrevida.

— Foi muito sentida, tanto em S. Tomé como aqui, a morte do desventurado dr. Jerónimo Silva, distinto médico, que ficou substituindo o nosso bom amigo sr. dr. Antonio Jozé de Almeida. O malográdo médico dr. Jerónimo, fôra vitima da sua temeridade, expôndo-se á passájem de um rio impetuôzo ao sul da ilha. O môrto éra muito estimádo por tôdos que o conhecião.

— Por telegrâma, soube se da quéda do ministério rejenéradôr e da subida do partido progressista. Assim é que é, ôje eu, ámanhã tu, para que se não diga que o rotativismo é palavra balôfa. Para nós, é tudo pouco mais ou mênos a mesma jênte, com as mêsmas manhas e expediêntes semelhantes. E se assim não fôrem... rua! Lá está quem *todo lo manda*.

Urbano.

Foi assinádo o contráto e feitas as escritúras para a exploração, pela Companhia Real, da linha férrea de Coimbra á Louzã, cuja construção está sendo feita pela companhia do caminho de férro do Mondego, devendo estar concluida dentro de dés mezes.

Reuniu-se no dia 21, no governo civil a sessão da comissão executiva do conselho distrital de agricultura, rezolvendo solicitar do govêrno tornar o mais eficás possivel a repressão das falsificaçõis das substancias alimentáres, e que a respétiva fiscalização seja concentrada no ministério das óbras públicas.

Este pedido foi imediatamente transmitido por telegrâma ao sr. prezidente do consêlho:

Consta que os sindicátos agrículas désta rejião vão reprezentar no mesmo sentido.

Rezolvêrão tambem estabelecer em vários pontos do distrito póstos de reprodução para gado suíno e ovino, devendo ser escolhido brévemente os respétivos locais.

Brévemente tambem se estabelecerão campos culturais de experiencia, especialmente destinados á seléção dos pástos mais vantajózos nésta rejião.

GABÕES D'AVEIRO

Machado — Alfaiate

R. da Sophia, 58 a 62

COIMBRA

SALÃO DA MODA

COIMBRA

Elegantes chapéos modelos.
Preços sem egual em barateza.

Córtes de colêtes de fantazia, para o invérno, o que á de mais novidáde.

Machado — Alfaiate

Sofia, 58 a 62

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

ORARIO

(Desde 6 de novembro de 1904)

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

Partidas

Do largo das Ameias		Da rua Infante D. Augusto	
8h,30m	manhã	9h	manhã
9	»	9 ,30	»
9 ,30	»	10	»
10	»	10 ,30	»
10 ,30	»	11	»
11	»	11 ,30	»
11 ,30	»	12	»
12	»	12 ,30	tarde
12 ,30	tarde	1	»
1	»	1 ,30	»
1 ,30	»	2	»
2	»	2 ,30	»
2 ,30	»	3	»
3	»	3 ,30	»
3 ,30	»	4	»
4	»	4 ,30	»
4 ,30	»	5	»
5	»	5 ,30	»
5 ,30	»	6	»
6	»	6 ,30	»
6 ,30	»	7	»
7	»	7 ,30	»
7 ,30	»	8	noite
8	noite	8 ,30	»
8 ,30	»	9	»
9	»	9 ,30	»

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Do largo das Ameias		Da estação *B*
3h, 8m	manhã	Depois da chegada dos comboios excepto nos rapidos em que as partidas são logo depois das d'estes.
5 ,51	»	
8 ,13	»	
2 ,30	tarde	
3 ,45	»	
5 ,55	»	
6 ,20	»	
6 ,35	»	
7 ,50	»	
11 ,17	noite	

CORES DOS FAROIS

Verde, indica a Alta; *vermelho*, estação *B*; *branco*, Casa do Sal; *amarello escuro*, reservado.

Aos domingos e dias santificados são suprimidas as carreiras das 9 e 10 horas das manhã, das Ameias, e das 9,30 e 10,30 da rua do infante D. Augusto.

Nos dias santificados e nas vesperas de feriado são prolongadas as carreiras até ás 10 horas da noite.

BILHETES DE IDA E VOLTA

Largo de D. Carlos (Ferreira Bores) á Rua Infante D. Augusto (Universidade) — 70 réis.

SAÍDAS DO TEÁTRO

Do teatro para cima até á rua Infante D. Augusto — 80 réis.

Do teatro para baixo até ás Ameias ou Casa do Sal — 60 réis.

A assignatura para os bilhetes pessoaes está aberta pelos preços annuaes de 12$000 réis; e 9$000 réis para os menores de 14 annos e creados, sendo estes ultimos de logares na plantaforma dos carros.

Todo o serviço que fôr feito alem do indicado neste horario é considerado extraordinario.

Na estação da rua Infante D. Augusto recebem-se encommendas e fazem se despachos para a grande e pequena velocidade nas estações do caminho de ferro, para o que haverá serviço especial de transporte.

Só se recebem volumes cujo peso maximo não seja muito superior a 100 kilos.

Recebem-se annuncios para sêrem fixados no interiôr de tôdos os carros em circulação pelo prêço annual de réis 12$000, sendo os annuncios e sêllos por conta do annunciante.

Enxovais completos para noivas.
Fazem-se com a maior elegancia no

Salão da Moda.

COIMBRA

ANUNCIOS

SANTA CASA

DA

MISERICORDIA DE LISBOA

150:000$000

Extracção a 22 de Dezembro de 1904

Bilhetes a 60$000 réis

Vijéssimos a 3$000 réis

A comissão administrativa da loteria, incumbe-se de remetêr qualquer encomenda de bilhetes ou vijéssimos, logo que éla seja acompanhada da sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Quem comprar 10 ou mais bilhêtes inteiros tem uma comissão de 3o %

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Remétem-se listas a todos os compradôres.

Lisboa, 9 de Novembro de 1904.

O secretario,

Jozé Murinélo.

10:000 eucalíptos

Em váras, vendem-se no estabelecimento de orticultura de A. M. Simões de Castro, rua do visconde da Luz 14.

Clínica de mulhéres e crianças

Sofia Júlia Dias, médica pela Universidade de Coimbra abriu o seu consultório *médico cirúrjico*, nésta cidade, rua Sá da Bandeira, 59

Para os póbres, consúltas *grátis* da 1 ½ ás 3 da tarde.

FARMACIA ASSIS

SERVIÇO PERMANENTE

Praça do Commercio — Coimbra

Esta caza depois das modificaçõis que acaba de sofrer, é um dos melhores estabelecimentos desta cidade, no seu genero.

O seu propriétario fornecendo-se diretamente das principais fábricas de produtos quimicos e farmaceuticos, tanto nacionaes como estranjeiros; está a pár do dezenvolvimento que a quimica e a terapeutica dia a dia vão experimentando e por isso possue uma colléção variáda das mais modérnas substancias e produtos quimicos.

O aviamento de todo o receituario é feito por pessoal competentemente abilitado, sob a direção do seu administrador.

Esta caza encarrega-se de mandar os medicamentos a caza de seus freguezes, assim como de chamar qualquer dos clinicos desta cidade a toda a óra do dia ou da noute.

Analizes complétas

de urinas, expétoraçõis, sangue, corrimentos ureteráis e vajinais, etc. etc. e bem como análizes d'aguas, vinhos, azietes, terrenos, etc., etc.

Preços absolutamente excécionais

AJÊNCIA FUNERÁRIA

DE

Jórje da Silveira Morais

Coímbra

O proprietário désta cáza incúmbe-se de funerais complétos, tanto na cidade como fóra.

Esta cáza tem uma importante variedade de

Úrnas de mógno

em todos os tamanhos que vende pelos prêços de Lisbôa.

Grande variedade de corôas de todos as qualidades.

Especialidade em *boquets* fúnebres e de gála, banquêtas e ramos para altáres, toda a qualidade de flôres soltas e prepáros para as mesmas, plantas para sálas, flôres para chapéos mais barátas do que em qualquer outra cáza.

PRÊÇOS CÓMODOS

Leilão de Penhores

A Cáza Auxiliar de Credito Industrial previne que: desde 15 a 30 de Novembro terá principio o costumado leilão, que durará até ao fim de Dezembro proximo futuro.

O Proprietario,

João Augusto S. Favas.

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...
Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cárão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzado, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600
Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicaçõis com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Téte d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saueisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos** e **licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Jozé Marques Ladeira & Filho

4, PRAÇA 8 DE MAIO, 5

COIMBRA

Canalizaçõis para agua e gás

ACYTILENE — instalaçõis completas.

Tubos de ferro, chumbo, latão e lôna.

Lústres de cristál e bronze, candieiros e lanternas para gás. Retrétes, tinas, lavatórios e urinóis.

BICOS D'INCANDESCENCIA, *sistéma Auér.*

Máquinas para aquecêr agua para banho.

Autoclismos, torneiras e agulhêtas.

Fogõis de cozinha e sála.

Fogareiros a gás, acetiléne, petróleo e alcool.

Bombas de todos os sistêmas.

Preços rezumidos em bombas de relójio.

Aparélhos elétricos: Cartão e corda d'amianto, borrácha e folha.

Filtros sistêma Pasteur.

Toma-se conta de qualquer encomenda e executa-se qualquer obra por mais importante que seja, tanto na cidade como fóra, tomando os seus proprietarios inteira responsabilidade.

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestações e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condiçõis do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONÓGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande coléção de cilindros, com lindas óperas, canconetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã
e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuosas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Água da Curía (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curía não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro—Preço 200 reis

Deposito em Coimbra—PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias—Publicação semanal

Diretóra: D. LEONOR MALDONADO

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 1$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada,* a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand Jozé Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

Macario da Silva

e

José Falcão Ribeiro

ADVOGADOS

Praça 8 de Maio, 37

(Em frente ao tribunal)

JARDINEIRO

MANUEL CALDEIRA, de 37 annos de edade, de Sernache dos Alhos, oférece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nésta cidáde ou imediaçõis.

Tem longa pratica daquêle serviço, pois estêve durante 16 ânos, efétivo, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr póde procura-lo em Sernache dos Alhos.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incéndio.

PROGREDI ET PROBESSE

ADEGA REGIONAL DE ENTRE DOURO E LIZ

COIMBRA

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miudo

Installação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda amiudo (15 de outubro de 1904)

Marcas	Garrafão de 5 litros	Garrafa de litro	Garrafa bordaleza
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	550	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — *Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.*

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12—Rua da Moeda—14

N.º 957 | COIMBRA — Domingo, 27 de novembro de 1904 | 10.º ANO

UNIVERSIDADE

Os jornais tem publicado a seguinte nota oficióza:

Veem amanhã publicádos no *Diario do Govêrno* os decretos exonerando, a seu pedido, de lentes da Faculdade de Direito, os srs. conselheiros Antonio Candido, João Arroio e Abel Andráde.

Estes lentes de Direito, desde que fôrão respétivamente nomeados para os logares que determinárão a incompatibilidade com o exercicio do seu cargo na Universidade, deixárão de ser abonádos com qualquer vencimento como professôres. Assim, o sr. conselheiro Antonio Candido deixou de recebêr qualquer vencimento como lente da Universidade desde 21 de abril de 1886 data da posse do logar de ajudante do procuradôr jerál da corôa; o sr. conselheiro João Arroio não vence como lente de Direito desde 25 de agosto de 1902 data da posse do logar de vogal do tribunal de contas; o sr. conselheiro Abel Andrade não recebe egualmente qualquer provento, como lente de Direito, desde 21 de janeiro de 1901, data da posse do logar de chefe da 1.ª repartição da diréção jeral de instrução publica.

O sr. conselheiro Antonio Candido, á cêrca de um âno, avia incumbido o sr. dr. Laranjo, lente de Direito, de comunicar ao lente substituto sr. dr. João Tavares a sua rezolução de deixar a Universidade, apenas êsse professôr dezejasse ser promovido a catedrático.

O sr. conselheiro João Arroio avía pedido a sua exoneração no dia 30 de junho de 1903. E o decreto que exonera o sr. conselheiro Abel Andrade data de 18 de outubro de 1904 e foi ainda referendado pelo sr. conselheiro Intze Ribeiro.

Os partidários da actual situação aprezentão esta rezolução governamental como mais um áto de sã moralidade, indicadôr seguro de uma éra nóva de moralidade e economia, e é vulgar ouvir dizer que o governo está disposto a fazer entrar no caminho, o caminho da instrução, os professôres que andão transviados dêle.

Oculta-se porem que esta providencia do governo rezultou de requerimentos dos srs. drs. Tavares e Reis, professores de direito, pedindo que se tomasse esta deliberação exigida pela lei; porque estávão sendo prejudicados nos seus interésses.

Assim desaparéce o cuidado pelo ensino, a iniciativa tão apregoada do actual governo.

E todavia não faltava já quem nos mostrásse o ministerio progressista como fazendo justiça, saindo de vês das normas do rotativismo, indo contra os interesses dum correligionario do valôr do sr. João Arroio que ainda á pouco tempo tinha feito ao sr. Jozé Luciano de Castro o favor que recuzára aos seus amigos politicos, e deixára de pronunciar na camara um discurso, cujo sucésso estava garantido já pelas passagens conhecidas pelas indiscriçôis dos amigos do ilustre orador, e a que a imprensa, ainda ultimamente fês referencias, quando elojiava o dótes de bom cortezão do sr. Marquês de Soveral.

O sr. Abel de Andrade passáva, na palavra entuziástica dos turiferários da átual situação, por um privilejiádo da corrução do sr. dr. Intze Ribeiro, cuja expiação começava.

E apezar de tais vózes, esta determinação governamental em nada prejudicava os exonerados.

E, apezar de tudo, esta determinação não passáva do despacho forçado a um requerimento.

E tanto assim é qne o sr. dr. Jozé Maria Rodrigues, que está no cázo dos exonerados, não teve ainda a sua exoneração.

A responsabilidade da não exoneração dos ilustres professôres pertence a todas as fáçôis politicas.

A situação que fês as nomeaçôis, era obrigada por lei a fazer as exoneraçôis.

Não o fês?

A responsabilidade pertence por isso a progressistas e rejeneradores que não olhárão, na ocazião do despacho, senão ao favor com que tratávão os seus correlijionários.

Apenas um partido politico está livre de responsabilidades — o do sr. Intze Ribeiro.

O decreto da exoneração do sr. Abel Andrade tem a data de 18 de Outubro de 1904...

Não é muito cedo, não; mas para o sr. Intze Ribeiro mais vale tarde do que nunca.

E' por isso muito para arquivar com louvôr

O que porém é forçôzo confessar é que o atual govêrno não recuou deante dum véxame inutil, mostrando o sr. dr. Antonio Candido, como a vitima rezignada do calvario.

Lá está com o sr. Abel Andrade e o sr. João Arroio, êle que, como informa o *Novidades*, avia incumbido o sr. dr. Laranjo, lente de direito, de comunicar ao lente substituto sr. dr. Tavares a sua rezolução de deixar a Universidade, apenas êsse professôr dezejasse ser promovido a catedratico.

E' de enternecer...

Custava-lhe a deixar a cátedra, êle que tem sacrificado a vida ao ensino.

*

Não! Este govêrno á-de continuar como os outros, olhando a instrução pelo prisma da politica.

Mostra-o bem a nomeação do sr. dr. Calisto para vice-reitor da Universidade.

Ninguem se ilude com tal nomeação: não teve por fim premiar serviços á instrução que os não avia, não teve por fim satisfazer uma necessidade administrativa; porque á muito que o sr. dr. Avelino Calisto estáva na vice-reitoria, e não mostrava dezejos de lá saír; não foi imposta pelo dezejo exprésso das faculdades.

A nomeação do sr. dr. Calisto é apenas a consagração oficial do procedimento e das doutrinas avidos pelo sr. dr. Calisto na sessão da inauguração dos trabalhos academidêste ano.

Este acto é a condenação da atitude dos professores que abertamente censurárão a intervenção fóra do propózito do sr. dr. Calisto.

Este áto é o aplauzo á orientação vélha e ridicula proclamada pela oreção enfática e vazia do ilustre professôr.

E é tanto mais censuravel esta nomeação que, segundo se affirma, o governo do sr. Intze Ribeiro se não atreveu a faze-la, apezar de lhe avêr sido propósta.

Este áto sim, este define bem a orientação do novo ministério sobre o ensino.

Este áto sim, este afirma sem duvida possivel a subordinação do ensino, que timbrou sempre de livre, ás ordens e conveniencias politicas dos governos monarquicos.

Este áto sim, mais uma vês afirma o principio da eleição para os cargos academicos, como absolutamente independente da vontade do pessoal universitario.

Não falte o résto, continuem de rástos.

Agóra, nas primeiras congregaçôis, não se esqueção, senhôres, da congratulação por se ter emfim procedido á nomeação do vice-reitor, cargo vago á tanto tempo, com prejuizo manifesto para o ensino...

Aí fica a formula.

Vá, de rástos!...

Ajardinamento

Anda-se procedendo ao ajardinamento do largo da Portajem, parecendo que ficará dividido em tres massiços de verdura, conservando ao centro o bebedouro.

O espaço é tão pequeno, que mais indicado nos pareceria não o dividir, fazendo do todo um massiço de relva, donde se levantasse ao centro um tufo decorativo de verdura que poderia ser formado por uma só palmeira.

O terreno arrelvado levantar-se-ia com uma inclinação suave até ao ponto onde parecesse indicado collocar a palmeira que devia constituir o motivo decorativo principal.

Espalhadas pela relva poder-se-iáo plantar izoladamente pequenas palmeiras ou arbustos que cortassem numa parte e noutra o tom uniforme da relva.

Contornando a parte ajardinada colocar-se-ia uma grade baixa de ferro.

O bebedouro dezapareceria, porque é feio, porque será a cauza de se não poder conservar o jardim, e porque o largo preciza de mais lus do que a daquêle pobre bico, perdido no meio do largo, sempre a tremêr de frio ao vento e á chuva.

Está aberta até ao dia 15 de Dezembro próximo a matricula para a escóla da companhia real dos caminhos de ferro, com séde na estação velha, para telegrafistas, fátôres e guardas freios da mesma companhia.

Comunicado

No logar competente publicamos o comunicado que nos foi enviado pelo conhecido e bemquisto industrial sr. Manoel da Costa Soares, e para o qual chamamos a atenção dos leitores.

Por absoluta falta de espaço não podemos acompanha-lo ôje das consideraçôis que o sr. Soares nos péde e que achamos de tôda a justiça.

Fá-lo-êmos no próximo numero.

Reorganização republicana no Porto

Os republicanos do norte do país reprezentados pelos membros das colétividades municipais, paroquiais, imprensa, individualidades que ocupárão cargos no partido e muitos dos nóssos prezadíssimos amigos, elejêrão domingo último os cidadãos a quem, em face duma deliberação tomada em Lisboa, cabia a missão elevada de reorganizar o partido republicano.

Esse três cidadãos são os srs. António Luis Gômes, doutor em direito; Jozé Ferreira Gonçalves, consideradissimo e intelijente membro do alto comércio désta cidade, Jozé Nunes da Ponte, médico, em quem o saber profissional se alía ao mais elevado carácter, e como substituto o dr. Antão de Carvalho, advogado na Régoa e nósso prezado amigo.

Dr. Luiz Gomes

Ómem de elevados dótes intelétuais, orador brilhante e eloquentissimo, que nos comícios contra as medidas de fazenda revelou quanto dêle tem a esperar o partido republicano, o dr. António Luis Gômes, independente pelo caráter e pelos meios de fortuna de que dispõi, e a par de um ómem átivo, de trabalho prático e bem orientado, um dos de arreigádas convicçôis e temperamento ardente de lutadôr.

A escolha do seu nome para a taréfa da reorganização partidária, foi um áto de reflexão que não podemos furtar-nos a louvar com entuziasmo. E' um crente que conquistou pelo seu dezinterésse e linha de condúta, a simpatia dos republicanos e o respeito dos adversários.

Pertencendo á pleiade brilhante de académicos que constituírão o grupo de lúta do *ultimátum*, nunca a fé na rejeneração da Pátria pela republica diminuiu ou foi empanada por qualquer motivo de órdem individual.

Onde estava ao doutorar-se em Direito, está ôje com o seu talento, e pelo conjunto de qualidades pessoais e civicas que em si reúne, pelo prestijio do seu nome que rápidamente se afirmou, é um dos poucos em que a missão de que foi investido pelo voto dos nóssos concidadãos, se encarna superiormente.

Ferreira Gonçalves

Jozé Ferreira Gonçalves, cujo nôme tem ao norte e sul do país as mais vivas simpatias, não é um republicano de ôje. Môço ainda, quando a profissão de um crédo politico avançado chama desgostos que só não dezanimão os espiritos fórtes, êle foi exemplo vivo das convicçôis mais arraigadas, da fé mais acrizolada na Republica.

Se então soube ser um propagandista incansavel levando aos pontos mais afastados do país palávras de esperança de resurjimento pátrio, a sua fortuna pessoal esteve sempre á dispozição do partido a quem servia com dedicação que se eguála mas não póde ultrapassar-se.

Auxiliou monetáriamente a vida dos jornais de propaganda, e quando no Porto se organizou o movimento revolucionário de janeiro que teve a virtude de mostrar a que descalabro a monarquia tinha levado o país, os seus avêres fornecêrão a sôma preciza para realização dos trabalhos revolucionários.

Foi membro de muitas das comissôis municipais republicanas désta cidade, o partido escolheu-o para fazer parte das listas sprezentadas ao municipio, e deu-lhe logar de merecido destáque em um dos passados diretórios.

Não conhecendo fraquêzas nem dezanimos ainda quando o seu estado de saude indicava a necessidade de repouzo, êle continuou auxiliando a imprensa republicana, á qual ainda presta ôje relevantes serviços fazendo parte do conselho de administração de *O Norte*.

Uma das páginas mais brilhantes do seu patriótico trabalho, é a luta contra as medidas de fazenda aprezentadas ao parlamento por um dos ministros da fazenda do último gabinete rejenerador.

Ráras vezes alguem terá dispendido tanta enerjia como aquéla de que Jozé Ferreira Gonçalves deu mostras néssa campanha em que poude evitar-se mais um atentádo contra a riqueza publica.

Fazendo parte de uma comissão onde se encontrávão ómens de valôr incontestado, êle levou aos povoados mais reconditos, com a sua palavra convincente, persuaziva e caloróza, o entuziasmo que parecia faltar no comércio depois de uma tão longa, tão prolongada atonia, revelando se um adversário temivel dos governos insensátos e da monarquia que sempre tem combatido com rara tenacidade. Nos comícios, êle que nunca uzára da palávra em público, flajelou com argumentos irredutiveis a deplorável administração do rejimen constitucional; e sendo, póde dizer-se sem desdouro para os que lhe fôrão companheiros lealissimos, a alma do movimento de protésto, a sua modestia egualou, se não transpôs o valor da sua ação intelijente.

É um ómem de rára tempera; e as simpatias de que se cercou em todo o país por ocazião da luta contra o aumento dos impóstos, tórnão-o um dos mais valiózos elementos da comissão reorganizadóra do partido republicano.

Votando nêle, soubérão os nóssos correlijionários dar uma próva de quanto aprecião as suas qualidades de trabalho e de caráter.

Dr. Nunes da Ponte

Falár do ómem de caráter superior que tem consagrado toda a sua vida á cauza républicana, não é tarefa facilmente realizavel.

Na tribuna, na imprensa, onde tem avido precizão do seu trabalho e da sua enerjia, o dr. Nunes da Ponte, clinico distintissimo e chefe de familia modelár, tem aparecido sempre, imprimindo vigôr e decizão ás rezoluçôis tomadas.

Conhece-o o país inteiro como um simbolo de lealdade partidária; tem-se êle imposto á consideração maxima dos que militão em campos opostos; e a administração onradissima que tem feito nos estabelecimentos de beneficencia e a jerencia de fortunas que lhe têem sido confiádas, bástão de per si a cimentar o respeito mais profundo pelo seu nome.

Nos logares onde o perigo é evidente ou onde as responsabilidades politicas se acumulão, êste ómem que todos venérão ainda quando numa amplissima liberdáde de pensar não perfilhem por completo as suas opiniôis sempre filhas de uma convicção respeitavel, encontra-se sempre a sua finura adivinha se, quando se noo veja, o seu perfil de cidadão que tem acima de todos os seus pontos de vista, o culto sagrado da Patria.

Uma das suas virtudes está em não ter recuado nunca. Elaborando friamente o modo de realizar um áto partidario, sabe caminhar até ao fim para sua realização; e os serviços que tem prestado á cidade do Porto na defêza dos interésses municipais, a sua orientação exposta em publico sobre a administração dos municipios, dizem da sua envergadura politica mais de que todas as nossas descoloridas palavras.

O partido républicano que o tem escolhido tantissimas vêzes para prezidir ás suas manifestaçôis publicas, soube sempre apreciar os dotes que o exórnão: Tem sido membro dos diretorios do partido, das comissôis municipais onde tem ocupádo cargos executivos, candidato ás vereaçôis municipais e ao parlamento ao qual os govêrnos da monarquia lhe têem cerrado

as portas, e mais que uma vês, nas pugnas eleitorais, a sua rijêza de temperamento tem impedido que os roubos mais escandalózos da votação républicana séjão consumádos.

A sua escolha para membro da comissão reorganizadôra do partido républicano, tem acêrto, merecendo como as demais o nosso incondicional apláuzo. Da sua ponderação, provádo merecimento e caráter conciliadôr, tem o partido républicano a esperár os mais assinaládos serviços, e do seu nome, que é dos melhores entre o dos que lutão intranzijentemente pelo triunfar das ideias que profêssa, nome qne é um exemplo, a esperança de que o sigão aquêles em quem a fraquêza no ataque á monarquia pode notar-se por um momento fujidio.

Dr. Antão de Carvalho

Advogado no fôro da Regoa, caráter diamantino que não permite a menor tranzijencia de principios nem a mais leve fraquêza perante a monarquia, a sua escolha para membro substituto da comissão reorganizadôra, prova que o não esquécem aquêles que ouvírão a sua vós quente de tribuno, proclamando, ao realizar-se o banquête républicano no teátro D. Afonso, a necessidade de congregar num só esforço todos os esforços tendentes a derribar um rejimen gasto e apodrecido.

Républicano de sempre, prestijiôzo como poucos, na rejião onde exerce a sua profissão de advogado com a lizura do seu nobilissimo caráter, é das individualidades que mais serviços póde prestar e prestará sem duvida, ao trabalho de reorganização républicana.

*

Os nomes cujo pérfil deixamos ao de leve traçado, definem a vitalidade do partido républicano. Móstrão como nos distanciamos dos serventuarios da monarquia, onde quando não falta o talento, fálhão as qualidades civicas dos nossos concidadãos.

Que por educação se seja ainda monárquico, ninguem já o acredita; que se continue por patriotismo amparando o desconjuntado edificio monárquico que se carateriza por uma manifésta opozição aos sentimentos patrioticos da nação, é ilójico. Estar dentro da monarquia, é mantêr o erro, é pretendêr que a ruina nos aniquile como povo livre, dezejar ou colaborar na morte próxima da nacionalidade.

Ses adversario do existente é viver como cidadão, como ómem livre; e porque como ómens patriotas e livres vivem os républicanos, reprezenta a nossa vitalidade a suprêma aspiração nacional.

O acto eleitoral — A votação

A mêza eleitoral ficou assim constituida:

Prezidente — Dr. Joaquim d'Azevedo Albuquerque.

Secretarios — Antonio dos Santos Pouzáda e Antonio Jozé Barbóza Pérre.

Escrutinadôres — Dr. Antonio Florido Toscâno e Joaquim Jozé Alves de Souza.

Suplentes — Antonio Amorim de Carvalho e Abel Candido Gonçalves.

Entrárão na urna 625 listas.

Ficárão eleitos: — Efétivos: Dr. Antonio Luis Gomes, advogado, com 625 votos; Jozé Ferreira Gonçalves, negociante, com 612 votos; dr. Jozé Nunes da Ponte, medico, com 611 votos.

Suplente — Dr. Antão Fernandes de Carvalho, com 623 votos.

De tudo fôrão afixádos os competentes editais, assinádos pelo prezidente e pelo primeiro secretário. A eleição durou apenas duas ôras, pelo que não pudérão votar centenáres de correlijionários, que comparecêrão depois de encerrado o áto.

Sarau

Tem ôje logar no *Ateneu Comercial de Coimbra* sarau dramático e balie.

O saráu, que começará ás 8 óras e meia prefixas, é dedicado ao prezidente da diréção sr. João Cardôzo e aos fundadôres do grupo dramatico srs. Francisco Trindade e Alberto Areóza.

Subirão á scena a comédia em 1 áto *Pantaleão & C.ª*, de A. Veras, *Hospedaria do Tio Anastacio*, comédia em 1 áto cuja acção se passa em Coimbra, pelas féstas da Rainha Santa e os dialogos *Omelete* parodia ao *Hamlet*, e *Atribulações dum atór*, terminando com um monólogo reprezentado pelo sr. Mario Temido.

Agradecemos a amabilidade do convite.

ELEIÇÕIS

Os nossos correlijionários da freguezia de S. Bartolomeu aprezentão-se disputando as eleições da junta de paroquia com a seguinte lista:

Efétivos — Manoel Antonio da Costa, negociante; Antonio d'Oliveira Marques, negociante; Zacarias Duarte Neves, negociante; Guilherme Barbóza, negociante.

Substitutos — Antonio Ferreira Pereira, negociante; Jozé Correia Amado, negociante; Francisco Miranda Assis, farmaceutico; Ventura Baptista d'Almeida, negociante.

Nêstes nômes avulta o do sr. Manoel Antonio da Costa, cujos serviços na vijencia de outra junta estão ainda na memória de tôdos.

Folgamos em vêr que os nossos correlijionários se empenhão em disputar tôdas as eleições, como é do devêr de tôdos os cidadãos.

Na freguezia de Santa Crús propõem-se os nossos correlijionários:

Efetivos — João Augusto Machado, canteiro; Evaristo Jozé Cerveira, correeiro; Joaquim Carvalho da Silva, negociante; Alexandre Severo, proprietario.

Substitutos — Antonio Brás dos Santos, proprietario; João Gomes Junior, serralheiro; Jozé Maria Enriques Junior, marchante; Antonio dos Santos e Sá, alfaiate.

Tem sido largamente distribuido o seguinte manifesto aos eleitôres da freguezia de Santa Clara:

Cidadãos!

Do norte ao sul do paiz, ainda na mais obscura charneca, impera livremente, dominando, esmagando nos seus perniciosissimos effeitos, a ignorancia crássa, na galopinagem eleiçoeira vil e abominavel, o arbitrio, a luta despropor cionada, cruel e perpetua do forte sobre o fraco.

A intriga e a ameaça são as mais formidaveis armas do combate eleitoral. Mas é tambem, sem duvida, da peor especie, a gente que as maneja.

Como porem o tempo tem conseguido quasi que eliminar o pundonor dentre os sentimentos do homem, fazendo-lhe esquecer o amor pela Patria, os sacrificios com que deve contribuir para o seu engrandecimento ou restauração, mercê do que nos apparece numa confusão indistrinçavel o egoismo e interesse individual com os interesses e necessidades communs; nada ha, pois, a admirar do actual estado do povo, e nada, absolutamente nada se pode esperar delle, attenta a indifferença com que olha os problemas mais fundamentaes dos seus direitos e interesses, isto é: a representação nas corporações publicas administrativas.

O pôvo embruteceu, *não raciocina;* emudeceu, *não falla;* insensibilisou-se, *não se queixa;* tudo supporta.

Para elle o torrão patrio nada merece, nada vale, ao passo que se veneram, quasi religiosamente certos *blocos: hintzaceos, lucianaceos, francaceos* e tantos outros seixos análogos, que não passam de nullidades parasitas, que se pavoneiam pelo paiz alem, numa inconsciencia febril e revoltante dos seus meritos e acções.

Mas o povo não reage... e na verdade, como o poderia fazer?

Saberá a maioria dos que se intitulam com emphase, *cidadãos portuguezes*, o verdadeiro significado dessas palavras, os deveres e direitos que lhes são inherentes? Decerto que não e os factos bem altamente o provam.

Esta attitude passiva e criminosa do pôvo é digna de lástima, mas de uma lastima onde não entre o desalento, mas sim a indignação de todos aquelles, ainda que poucos, que teem esperança no futuro e a quem interessam os destinos da Nação.

Cidadãos eleitores, é no proximo domingo, 27 do corrente, que terão logar as eleições da Junta de Parochia. E' portanto occasião de accordardes do longo somno que vindes fazendo, e depois de esfregados os olhos, examinardes conscienciosamente, quaes os individuos, que pela sua actividade, boa fé e imparcialidade, se recommendam para os cargos da referida Junta.

Sabeis, por certo os grandes beneficios que podem resultar de uma boa Junta de Parochia. Esses são muitos; mas atravez de toda a sua complexidade, destaca-se o direito que assiste á Junta, de fundar e administrar institutos de beneficencia e instrucção; mas para bem conseguir essa sublime missão educadora é preciso comprehendel-a em toda a sua extensão, é preciso desinteresse, é necessario dedicação e sacrificio. Urge portanto que terminem os *monopolios* da Junta e os torpes e vergonhosos processos da sua eleição, que d'ella sejam excluidos os que pela sua fanfarronada pessoal ou relações intimas com os *Santos*, imponham a sua vontade á dos outros convertendo assim a Junta numa corporação inutil, inconsciente e unicamente servidora dos seus interesses.

Não se escolha edade, porque muitas vezes, senão sempre, a maior energia e boa vontade residem nos novos. E eu proprio julgo que a *calvicie* não é digna de toda a consideração que lhe querem dispensar, porquanto em minha opinião a queda do cabello é fatalmente originada por falta de *adubo cerebral*, pois que os cerebros calvos são na sua maioria ôcos em absoluto. A pratica tem-nos ensinado os effeitos contraproducentes que resultam da permanencia demasiada dos mesmos individuos em corporações administrativas.

Acabam geralmente por se affeiçoar e identificar por tal maneira com os bens dessas corporações, dispondo de tudo e de todos, como se realmente fossem os seus proprietarios exclusivos e senhores absolutos!

E na actual Junta ha alguem que pela longa permanencia n'esses serviços está precisando de reforma. É necessario arranchal-o por caridade ao coração da Junta afim de o ar poder attenuar-lhe os effeitos do bafio de que virá minado!

E ainda quando o benefico ether da natureza tal não poder conseguir o *senhor dos Passos* fará o milagre... É indispensavel iniciar um protésto enérgico e practico contra o processo porque se elege no paiz.

E'egêr sem convicção, acorrentado, equivale a não elegêr, é um absurdo, é uma vergonha. Porisso eleitores, correi e desprezae todos os *galopins* com a indignação propria de o caracter independente e altivo, e ide á urna só depois de haverdes compulsado a vossa consciencia.

Cidadãos, reagi.

Um esforço, um sacrificio pelos vossos interesses.

Coimbra, 25 de novembro de 1904.

Um eleitor consciente.

A lista que se apresenta para substituição da carunchôsa Junta actual, é constituida pelos seguintes senhores:

EFFECTIVOS

Francisco Maria da Fonseca, proprietario.

Augusto d'Oliveira Peça, industrial.

Manuel Antunes da Costa Nazareth, pharmaceutico.

Augusto Monteiro, industrial.

SUBSTITUTOS

José Maria Vieira, industrial.

Antonio Martins, industrial.

José Maria Rito, industrial.

Adriano Ferreira da Costa Brandão, negociante.

«Combate»

A êste distinto coléga da Guarda que combate com tanto ardôr pela cauza républicana, e que se assinála na nossa imprensa por um cuidado literário que indica a superiôr competencia do seu diretôr, agradecêmos a transcrição que fás no seu ultimo numero, das palávras ditas pelo nosso diretôr dr. Teixeira de Carvalho na inauguração da sociedade de bombeiros voluntários, obra filantrópica da iniciativa dos nossos correlijionários da Louzã.

Agradecendo em seu nôme, e no do seu companheiro de trabalho, a *Rezistencia* aproveita a ocazião azada que se lhe oferéce para felicitar o *Combate* pela sua atitude que tão rapidamente lhe granjeou um logar tão brilhante na imprensa républicana do nosso país.

TEATRO

A última récita da Companhia Rozas & Brazão deu-se com a *Crús da esmóla*.

Tinhamos acabado a nossa noticia do numero passado: irêmos, verêmos e contarêmos.

Pois fômos, vimos e não dirêmos palavra para evitar desgôstos.

Que grande péça!

BRIC-A-BRAC

A BATINA

VII

Vicente da Silveira formulava as suas reclamações e apresentava tambem o seu projéto de modificação ao uniforme, no numero de 28 de Julho da *Ordem Publica*.

Queremos o gorro,— queremos o cabeção e a volta,— queremos a loba, — queremos a capa,— queremos as meias e os sapatos de fivella; — mas queremos alguma coisa de mais, alguma coisa de menos.

Queremos o gorro como hoje está, sem a mais leve modificação; porque tem todas as utilidades, que já lhe descobrimos, e que se não pódem encontrar em nenhum outro gorro ou chapéu.

Queremos o cabeção, pela facilidade em o pôr no pescoço, pela sua barateza, pela sua duração, pela sua uniformidade; mas queremos o cabeção modificado segundo as idéas dominantes, que não forem de todo despropositadas, e a que é preciso conceder alguma coisa, para que as outras, posto que melhores ás vezes, não venham a morrer *asphyxiadas*.

Ha um certo orgulho entre os rapazes por pertencer a este ou áquelle anno, a esta ou áquella faculdade, a que se dedicaram por vocação, que lhes alimenta um desejo constante por um distinctivo, e que nenhuma consideração póde destruir.

¿Em que deve consistir pois esta disuncção de faculdade, e que, segundo nos parece, tão pouco custava a conceder? No 5.º anno consiste na côr das pastas, egual á dos capellos; ¿ mas até o 4.º? Houve quem lembrasse o uso dos galões no canhão: é militar de mais... se não demasiadamente ridiculo.

Uma idéa pois me occorreu: os nossos cabeções são identicos dos que usam os padres; e alli, se não me engano, encontram-se cabeções de tres differentes côres: pretos, roxos, vermelhos. Pois bem; em harmonia com as côres distinctivas das faculdades, permitta se nos o uso, para a faculdade de direito, do cabeção forrado de seda *vermelha*; mathematica — *azul clara*, philosophia — *azul ferrete*; medicina — *amarella;* theologia — *preta;* e a competente volta para todos. Assim o cabeção não perderá nada da sua antiga commodidade, nem a batina da sua gravidade, se é que não ganha um poucachinho mais de estimulo e de *pacifica* elegancia: tal é o coração humano.

Quanto á distincção dos annos, lembra-me para as faculdades de direito, mathematica e philosophia:

1.º anno — um cordão de lã, da côr distinctiva das faculdades, que deveria usar-se por cima do cabeção, apertado na parte anterior do pescoço por um annel do tecido da mesma lã, e terminado em suas éxtremidades por uma pequena peça de madeira (1), de fórma oblonga, coberta do mesmo tecido, e pendente até o meio do peito.

2.º anno: — o mesmo cordão; mas de seda, e terminando como o do 1.º;

3.º anno: — o mesmo que o do 2.º, entretecido de fio de prata;

4.º anno: — o mesmo que o do 3.º; entretecido de fio d'ouro;

5.º anno: — o mesmo que o do 4.º, terminando em duas borlas;

6.º anno: — cordão de seda verde, terminando como o do 5.º;

Doutores: — o mesmo, entretecido de fio d'ouro.

Para theologia:

1.º anno: — cordão e borla branca, de fio de piteira;

2.º anno: — o mesmo cordão e borla preto do mesmo fio;

3.º anno: — o mesmo cordão, borla branca, e um passador preto na parte superior da mesma borla;

4.º anno: — cordão e borla de seda branca, entretecida de fio de ouro;

5.º anno: — o mesmo que o do 4.º, terminando em duas borlas;

6.º anno: — cordão e borlas de seda verde, como nas outras faculdades, distinguindo-se só pelo cabeção forrado de seda preta.

Quanto ao lyceu de Coimbra, lembraria para os professores: — cabeção forrado de seda roxa, cordão da mesma côr entretecido de fio de ouro, terminando em duas borlas.

Estudantes: — cabeção da mesma côr, cordão de lã e uma só borla.

Parecem me simples estas distincções, ao mesmo tempo que *bem visiveis*, e de bem poucas despezas; podendo na maior parte passar de uns estudantes para os outros, que houverem de succeder-lhes nos annos; e lastimaria, que um *espirito de superioridade* não admittisse o nosso projecto-de-modificações no logar, que, sem pretensão alguma, julgo pertencer-lhe.

Se a coisa é bôa¿ que importa o logar d'onde ella procede?

Se as modificações, que apresento, merecem ser acolhidas¿ que importa que ellas tenhão partido dos bons desejos d'um estudante, ou d'um individuo d'outra situação qualquer?

Queremos a loba; porque tem todas as vantagens, que ja descrevemos; mas queremol-a modificada segundo outras, que lhe presuppomos: falta lhe uma gollinha da altura d'uma polgada, pouco mais ou menos, que não deixe sair para fóra da golla da capa as abas do cabeção; deve chegar só até o joelho, para que não embarace os movimentos das pernas; deve ser aberta adiante, até á cintura, como temos visto muitas, para haver mais cautella em a trazer abotoada; deve finalmente ter por detraz o feitio de um casaco, para que, no caso de ser preciso tirar a capa, como é nas aulas de mathematica, o estudante fique decentemente composto.

Queremos a capa *tal qual* hoje se usa, pelas suas magnificas propriedades, que já mencionamos.

Queremos finalmente as mesmas meias e calção preto, os mesmos sapatos de fivella, mas só para de verão; — porque se casa elegantemente com o resto do nosso uniforme; — porque experimentamos mais fresco, do que se usassemos de calças caidas, ou botas. Todavia é força confessar, e as reiteradas convenções o provam todos os annos, que não são as meias, nem os sapatos de fivella os mais proprios para a estação invernosa, 'numa terra que se *inunda* de lodo com qualquer gota d'agua, e onde o frio é excessivo, e ás vezes insuportavel, causando-nos graves doenças. Devia-se portanto permittir nos no inverno o uso de polainas de panno irmão do da batina, que venham terminar por cima do joelho, que posto fossem mais caras do que as meias, seriam muito mais commodas, e excessivamente muito mais baratas, do que as botas de canhão, de que tanto se fallou, e que, alem de serem improprias, só poderiam livrar-nos as pernas da agua é do lodo; mas não do frio e das doenças.

Feitas estas pequenas modificações na batina, que a experiencia de longo tempo nos aconselha, e que em nada alteram a sua essencia, e em bem pouco o seu custo — seria com o maior empenho, com a maior convicção do bem, que iamos fazer, que pediriamos se nos concedesse o poder sahir de Coimbra com o nosso uniforme, e usar d'elle em toda a parte do reino onde nos encontrassemos por occasião de ferias.

Basta reflectir-se bem pouco para reconhecer o alcance ao mesmo tempo philantropico e economico d'esta medida. ¡Que despesas se não evitariam durante uma vida inteira de estudante! ¡De que vexames, de que humilhações se não isentariam aquelles, que sendo-lhes preciso apparecer em publico, não pudessem satisfazer sempre aos inconstantes caprichos da moda! ¡Que sacrificios em fim de menos para tantas familias, que muitas vezes se condemnaram a privações horrorosas — para educar e instruir seus filhos em Coimbra!

¿Quereis um exemplo, leitores? eisme aqui, a mim pobre estudante, 'numas ferias grandes, encerrado em Coimbra ¡*por não ter fato!*....

E' um *desproposito*, uma *vergonha*, gritará alguem, descobrir assim ao leitor desconhecido as minhas pequenas miserias; mas não sei o que me diz, que entre tantos e, quem sabe, tão ricos, não *póde* deixar de haver algum bom homem sufficientemente philantropico, ou mulher *deliciosamente* romantica, que venha em meu soccorro, que me salve do meu desespero...

¡Oh! ¡como eu lh'o agradeceria!...

— ¡Sai d'aqui! — me dirá elle, ou ella: — aqui tendes...: ide tomar ares á Figueira: deixai uma terra onde se não regam os passeios em dias calmosos; onde os *erres* tem *seus caprichos*, e os archeiros meia azul e chapeu armado...

E todas estas modificações, que acabo de apresentar, se conseguiriam

(1) Os sirgueiros dão-lhe o nome de *pera*: servir-me-hei da dicção mais generica *borla*, para designar este distinctivo.

com uma *simples* pennada!... Comtudo...

¡Ah! que se nós, os portuguezes não fossemos d'uma mandreice, d'uma ignorancia mais do que proverbi¡—muita cousa boa fariamos de novo; muitas modificariamos, reformariamos; muitas destruiriamos completamente neste paiz de caranguejos!...

Mas já que a tanto nos não ajudam a *natureza* e o *estimulo*, não pouco fazemos lembrando, propondo. — Aproveite quem quizer.

Acabo um poucachinho sério de mais para um folhetinista: mas a terrivel idéa de passar umas ferias grandes em Coimbra¡ com tanto calôr que faz! — desespera-me, desola-me (1).

Dêste folhetim parece deduzir-se que se censurava ao caloiro o intrometêr-se no unifórme do veterano.

Não deixa de ser para admirar tambem a audácia com que em nóta promete analizar a refórma do unifórme proposto pelo conselho de decanos para os professôres e a impertinencia com que termina — *se merecer a pena*

Que incuerencia...

T. C.

(1) Ao entrar no prelo este numero fu informado de que existe uma proposta do novo uniforme para os lentes, com o qual elles devem apresentar-se em actos mais solemnes Já que estou com as mãos na *maça*, lerei a exposição do auctor, e observarei o figurino, que a acompanha, a fim de informar tambem o leitor, se nos merecer a pena.

SESSÕES DE MUZICA DE CAMARA

A sessão marcada para o proximo dia 30 fica transferida para um dos primeiros dias do proximo mês.

No artigo sobre êste assunto publicado no nosso numero passado saiu, por lapso, *Sciencia* e *Virtude* como guias de Beethowen em vez de *Paciencia* e *Virtude*. Fica retificado.

Juri comercial

Efétuou-se na quinta feira no tribunal a eleição do juri comercial que ha de servir durante os dois primeiros trimestres do proximo âno de 1905, o qual ficou assim compôsto:

1.ª PAUTA

Afonso de Barros, Albino Godinho de Matos, Alvaro Esteves Castanheira, Antonio Augusto Neves, Antonio Fernandes, Aureliano Jozé dos Santos Viegas, Francisco Joaquim da Costa, Francisco Maria de Souza Nazaret, Jaime Lopes Lobo, João Lopes de Morais Silvano, João Nunes Vicente, Joaquim Augusto Borjes de Oliveira, Joaquim A. Simões, Jozé Antonio Dias Pereira, Jozé Marques Pinto, Manoel Joaquim Miranda, Manoel Joaquim Vilaça, Manoel Lopes Sêco, Miguel Jozé da Costa Braga e Paulo Antunes Ramos.

2.ª PAUTA

Albano Gomes Pais, Antonio Domingos Graça, Antonio Francisco do Vale, Antonio José Fernandes, Antonio Nunes Correia, Ernesto Lopes de Morais, Francisco Vieira de Carvalho, Francisco Viláça da Fonseca, João Antonio da Cunha, João Gomes de Oliveira Mendonça Cortês, João Mendes, João Simões da Fonsêca Barata, Joaquim Simões da Silva Junior, Julio Machado Feliciano, Luiz Manoel da Costa Dias, Lutario Lopes Martins Ganilho, Jozé Maria Mendes de Abreu, Manoel Carvalho dos Santos, Manoel Miranda, Miguel dos Santos e Silva, Valentim Jozé Rodrigues.

COMUNICADO

Ao sr. comissário de policia de Coimbra

... *Sr. redátôr.*

Rogo a v. . se digne permitir que, pelo seu conceituado jornal, eu oferêça á consideração do publico um estranho cázo de atropêlo a meus direitos, agravádo com uma incorrétissima falta de consideração, tida para comigo pelo comissário de policia sr. major Souza Araujo.

Ao ir com minha familia, na noite de terça feira, 22 do corrente, para ocupar no teátro-circo o camarote n.º 6 que comprára, encontrei o cheio de estudantes.

Surpreêndido com o abuzo, diriji-me ao camarote do mesmo sr. comissário, afim de aprezentar a minha reclamação

Batendo, apareceu-me ainda um estudante, a quem eu disse dezejáva falár ao sr. comissário, vindo sua ex.ª ouvir-me, á porta do camarote, depois de o estudante lhe ter comunicado o meu dezejo.

De chapéu na mão e com toda a delicadêza que a minha educação permite, aprezentei a sua ex.ª as senhas do referido camarote, informando o de que tendo comprado êsse camarote para o espétáculo daquéla noite, me via privado de ocupa-lo com minha familia, uma vês que o encontrára cheio de estudantes; pedia, pois, a sua ex.ª se dignasse determinar que os meus direitos ao mesmo camarote me fôssem garantidos.

Esperava, sr. redátôr, como esperária toda a jente, que o sr. major Souza Araujo me atendêsse urbanamente, fazendo a justiça de determinar que saisse do camarote quem lá estava indevidamente para me ser entregue, como seu unico e lejitimo possuidôr na referida noite; mas enganei me redondamente.

A resposta do sr. comissario, foi num sacudido tom de enfado: — *Não lhe possa faz-r nada; vendêram bilhétes a mais e eu mandei para êsse e outros camarótes as pessôas que não tinhão logáres lá em baixo. Vá á bilheteira recebér o seu d nheiro...*

E sem mais atenções nem delicadêza, ia a voltar me as costas quando lhe objétei:

— Mas, sr. comissario, tendo ai minha familia, ei de ir-me embóra com éla?

— *Já lhe disse, não posso fazér nada. Vá á bilheteira receber o seu dinheiro*, repetiu, recolhendo ao camaróte e fechando me dezabridamente a pórta na cara.

Estou vendo que muito grato lhe dêvo ficar ainda por me não prendêr e me não mandar, incomunicavel, para o peor calabouço das esquadras, por têr ouzado importuná-lo.

Não sei, sr. redátôr, o que mais espanto me provocou; — se o abuzo de autoridade que o sr. comissário praticou, mandando invadir e ocupar logares de que eu era, repito, o único e lejítimo possuidor, se a maneira com que me recebeu dezabrida e por demais indelicada, para um militar da sua patente.

Por um lado parece que se avia a mandar alguem á bilheteira receber o dinheiro por não ter logar, érão os portadôres dos bilhetes da jeral, e não eu que comprára e lhe aprezentei as sênhas dum camaróte; por outra, sua ex.ª é comissário de policia para dirijir os serviços da manutenção da órdem e dentro das atribuições do cargo defender e assegurar os lejitimos direitos de cada um, e nunca para abuzar da sua autoridade invadindo e negando êle proprio êsses direitos, nem tão pouco para se conduzir e responder — quando alguem se lhe dirija respeitóza e delicadamente como eu me diriji, a fazer reclamações — pela maneira absolutamente carecida dos mais rudimentares principios da delicadeza que no cazo narrado teve para comigo.

Enfim, sr. redátôr, expôsto o abuzo e desconsideração que o comissário de policia, sr. majór Souza Araujo houve por bem ter para comigo e minha familia, deixo a v. ex.ª o comentário que o cázo por ventura mereça, agradecendo-lhe penhorado a graça da sua anuência á publicação do que deixo escripto.

Coimbra, 25 de Novembro de 1904.

De v...

muito e muito grato

Manoel Jozé da Cósta Soares.

TEIXEIRA DE PASCOAES

Para a lús

FIGUEIRINHAS JUNIOR

Livraria editóra — Lisbôa

SALÃO DA MODA

COIMBRA

Elegantes chapéos modelos.
Preços sem egual em barateza.

ANUNCIOS

Escóla Nacional de Agricultura

Fás-se público que na quinta feira dia 15 do próximo mês de dezembro pelas 12 óras do dia na Escóla Nacional de Agricultura, em S. Martinho do Bispo, perante o Conselho de administração da referida Escóla, se procederá á arrematação, em ásta pública dos lótes de madeira de salgueiro abaixo enumerados e que lévão indicadas as respétivas bázes de licitação:

Lóte n.º 1. — Constituído por toda a madeira dos talhões 4, 5 e 7: — Báze de licitação — 9$500 réis.

Lóte n.º 2. — Constituído pela madeira do talhão 15: — Báze de licitação — 4$200.

Lóte n.º 3. — Constituído pela madeira da bordadura da márjem esquerda da vála de separação entre os talhões 13 e 14: — Báze de licitação — 15$800.

Lóte n.º 4. — Constituído pela madeira da bordadura da márjem direita da vála a que se refére o n.º 3: — Báze de licitação — 15$000.

O córte da madeira é feito por conta do arrematante, mas debaixo da fiscalização da Escóla e o prázo para o córte é de um mês, contado desde o dia da adjudicação.

A madeira que se propõi para venda pode ser examinada todos os dias úteis desde as 10 óras da manhã ás 4 da tarde, devendo os interessados dirijir-se á secretaría da Escóla para este fim ou para quaisquer outro esclarecimentos de que carêção.

Escóla Nacional de Agricultura, 24 de novembro de 1904

Pelo diretor interino.

Adolfo Augusto Bátista Ramires.

A's ex.mas damas elegantes de Coimbra

Já regressou a esta cidade, vinda da capital onde foi fazer o seu colosal sortido para a presente estação, abem conheicda **Modista de Lisboa,** que tem a honra de apresentar ás damas Conimbricenses, um deslumbrante sortido em **Chapeus modelos** da mais alta novidade e finisimo gosto para todos os preços.

Traz tambem grande sortido de cascos, casacos, cabeções e outros artigos de novidades em confecções para chapeus, que vende por preços excesivamente baratos.

Pede ás Ex.mas Damas a fineza de não comprarem sem primeiro verem o seu enorme sortido e visitar a sua exposição.

Rua Ferreira Borges, entrada pelo Arco de Almedina, 6 2.º

COIMBRA

Editos de 30 dias

Manuel Dinís Mendes, viuvo, proprietario, de Taveiro, propôs em audiencia de 10 de novembro de 1904 no juizo de direito e tribunal do commercio de Coimbra, ação especial contra Joaquim Sequeira, cazado, proprietario, de Fala, freguezia de S. Martinho do Bispo, para que este lhe pague a quantia de 57$500 réis, montante duma letra sacada em 31 de outubro de 1899, com vencimento em 30 de abril de 1900, devendo esta ação ser julgada procedente e provada e o réo condenado no pagamento da importancia da letra, das custas e procuradoria e do juro de 12 por cento ao âno desde o saque até real embolso. E porque consta que o réo se auzentou do seu domicilio e é ôje rezidente em parte incerta, correm editos de 30 dias, contados da ultima publicação dêste anuncio por meio dos quais é citado o mesmo Joaquim Sequeira, para na segunda audiencia dêste juizo, posterior aquele prazo, ver acusar a citação, e aí assinar termo de confissão ou negação da sua firma e obrigação, nos termos e para os efeitos do art. 100.º e seguintes do *Codigo do Processo Commercial;* e declara-se que as audiencias se fazem ás segundas e quintas feiras por dés óras da manhã no tribunal de justiça situado nos Paços do Concelho desta cidade de Coimbra, ou nos imediatos se aqueles forem santificados ou feriados.

Verifiquei a exatidão.

O Juís de Direito,

R. Calisto.

O escrivão,

Joaquim A. Rodrigues Nunes.

CARVÃO DE KÓQUE

Vende se ao fundo do Bêco do Castilho, cuja cáza tambem tem entrada pelo antigo Quintal do Prior, ao prêço de 150 réis cada 15 kilos.

Póde sêr partido no local da venda onde existem os instrumentos necessários para tal fim.

Bolacha Bernardino Machado

A *Fábrica Progrésso* de bolachas e biscoitos, na rua da Moeda, acába de expôr á venda uma nova marca de bolacha em Omenajem ao Conselheiro Bernardino Machado.

Esta nova marca de bolacha encontra-se á venda em todas as mercearias d'esta cidade.

Joaquim Miranda & Filho.

(45) Folhetim da "REZISTENCIA,,

O EXCOMUNGÁDO

XVI

A inspéção do campo de batalha

Quanto mais o barão penétra no coração de Paris, mais o comécão a interessar os incidentes duma aglomeração de ómens.

A sua preocupação céde deante da diversidade picante dos objétos e das scênas que férem a sua vista.

Bem depréssa, tendo chegado ao fundo da rua Saint-Jacques, vê o Sena e os cais ladeados de palacios, de que alguns, assim é forçado a confessar a si mesmo, lévão vantájem ao castélo de Roche-Corbon.

Toda a população se aprezenta a seus olhos sob um aspéto rizônho e favoravel: senhôres, burguezes, mercadores, estudantes, ómens d'ármas, a grande dama, a menina, a rapariga doida e a burgueza prudente, tudo se móstra em vestidos de festa, e os sinos que tócão ruidózamente, anuncião a Ombert que o dia santo do domingo não foi ainda festejado por êle.

Ao passar a Petit-Pont apéla para Deus do anátema que lhe lançárão, e, tendo parado no adro de Notre Dame, admira com recolhimento a grande catedral, e junta-se de coração aos fieis cujos cantos lhe recórdão tempos mais felizes; apróxima-se do edificio, e examina com interésse as esculturas dos três portais.

Entretanto acabára a missa, e as três pórtas vomitávão a multidão multicôr, que bem depressa enche o adro.

Ombert, que flutuáva naquêle mar movediço, a toda a altura do seu caválo, soube que a rainha não tardáva a sair da igreja, acompanhada pelo duque de Orleans e seguida pelas suas damas, rezolveu vêr passar o cortéjo real cuja têsta não tardou a aparecêr.

Uma cadeirinha de ródas, a primeira que se viu em França, esperáva pela rainha á porta principal da igreja; porque, em estado adeantado de gravidês, não podia montar a caválo.

Era a sexta gravidês, creio eu, tão prolifica era a ocupação de seu espôzo.

O duque de Orleans marchava á direita da carruájem e conversáva com a rainha, por fórma que Ombert a não viu; mas viu o principe voltar-se ás vêzes para a multidão que se afastáva murmurando á sua passájem, e deitar um olhar frio e desdenhôzo sôbre aquêle pôvo, cujo ódio azedava ainda mais com os sarcásmos insolentes e os rizos de zombaria dos senhôres nóvos do principe.

Entre estes últimos estava Savoisy, mais delicado, mais brilhante, mais fatuo do que nunca; pareceu não conhecer o barão, para quem olhou com ar distraído.

Vínhão em seguida as damas montadas em orças ou mulas ricamente ajaezadas.

Alguns rapázes, de plumas compridas, caracolávão á volta délas.

Uma délas pareceu maravilhózamente béla a Ombert, era loira e um ar de fraqueza e de indolencia aumentára o encanto espalhado por toda a sua pessoa.

Ao vêr o barão, córou, e o seu rôsto exprimiu uma grande surprêza, e, a seguir, alguma benevolencia, depois fês sinal a um pájem que, a algumas palávras murmuradas ao ouvido, atravessou a multidão e se dirijiu ao barão em nome de sua ama.

Ombert seguiu espantado; tendo chegado perto da dôna, informou-se nos têrmos mais cortêzes do que podia fazer para lhe ser agradável, assegurando lhe que estava ao seu serviço, mas que se não recordava de a ter visto até aquêle dia.

Entretanto éla córáva, fazia beicinho e não respondia, todo o seu côrpo pequêno, delicado e ájil, se ajitava muito jentilmente em sinal de impaciencia.

O barão, que começava a perder o sangue frio, balbuciáva algumas desculpas e fazia nóvas perguntas, quando, seguindo a diréção dos olhares da béla desconhecida, que tinha os ólhos baixados, viu que tinha só uma luva.

Não era tudo; na luva côr-de-róza e bordada, que éla lhe mostrava com uma mão branca e liza, reconheceu a irmã jémea da que tinha recebido duma dama mascaráda, penhôr dum reconhecimento duvidôzo por um serviço importuno.

Ao vêr isto, Ombert deixou escapar uma léve exclamação, a que a jóvem senhôra respondeu com um sorriso um pouco constranjido, depois lançou um olhar timido ao barão, e o seu rôsto cobriu-se dum rubôr mais vivo.

Ombert dissipou prontamente o embaraço da bonita aventureira; desfês-se em cumprimentos que fôrão graciózamente acolhidos, mas guardou se de fazer qualquer pergunta.

A jóvem senhora estranhou com espanto tão grande rezerva.

— Não á dúvida, senhor cavaleiro, disse a Ombert, que a vossa curiozidade deva estar um pouco excitada por dois encontros tão diversos. Se é a cortezia só, e não o desprêzo ou a indiferença, que vos impéde de me interrogar, irei eu mesmo adeante das vóssas perguntas; mas uma conversa mais demoráda aqui, não seria sem perigo para nós ambos. Esta noite estou de serviço a sua majestade a rainha; mas amanhã poder vos-ei receber no palácio de Saint Pol, em que abito, se não tendes mêdo de ouvir confidencias dolentes da maior pena de amôr que jamais ouve. Tenho alem disso muito que vos dizer, e um grande serviço a pedir-vos.

Ombert inclinou-se respeitózamente.

— Até á vista, continuou a dama; amanhã á óra da ceia, se tiver a fantazia de rondar perto da abitação de sua majestade, o meu pájem nos irá buscar sem duvida e vos levará onde eu estiver. Mas talvês vos espanteis com o que paréce uma entrevista d'amôr com uma dama tão falta de atrátivos como eu....

Ao terminar estas palavras, a desconhecida deu um longo suspiro e deixou caír a cabeça sobre o peito, depois, porque se afastára um pouco, picou a múla, que se pôs a tróte, e deixou o barão no meio dum comprimento bastante galantemente compôsto.

Ombert seguiu-a com a vista, devaneando, depois decidiu-se a alcançar outra vês, o cortéjo e a tomá-lo por guia até ao palácio Saint-Pol que só de nôme conhecia.

Encontrávão-se então na rua da Judiaria que não passava de ser o prolongamento da rua de Saint-Jacques e que atravessáva a cité.

Depois de passar a ponte Notre-Dame, seguiu o cais até á ponte dos Changeurs e penetrou na cidade pela rua Saint Denis.

Algumas travessas levárão-no até á praça em que estáva o palácio de Saint-Pol.

Deu a volta ao imenso edificio e fês com que lhe indicássem os principais alojamentos que lá avia.

Depois internou-se nas ruélas tortuózas que vazávão a multidão endomingada para as práças em que se levantávão os edificios públicos e os palácios reais e particuláres.

(Continúa.)

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidões, ásma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confecções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicaçõis com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Téte d'Achâr. Patè de Lievre e Foie.

Saucisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de mérito: medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Jozé Marques Ladeira & Filho

4, PRAÇA 8 DE MAIO, 5

COIMBRA

Canalizaçõis para agua e gás

ACYTILENE — instalaçõis completas.

Tubos de ferro, chumbo, latão e lôna.

Lústres de cristál e bronze, candieiros e lanternas para gás. Retrétes, tinas, lavatórios e urinóis.

BICOS D'INCANDESCENCIA, *sistéma Auér.*

Máquinas para aquecêr agua para banho.

Autoclismos, torneiras e agulhêtas.

Fogõis de cozinha e sála.

Fogareiros a gás, acetiléne, petróleo e alcool.

Bombas de todos os sistêmas.

Preços rezumidos em bombas de relójio.

Aparélhos elétricos: Cartão e corda d'amianto, borrácha e folha.

Filtros sistêma Pasteur.

Toma-se conta de qualquer encommenda e executa-se qualquer obra por mais importante que seja, tanto na cidade como fóra, tomando os seus proprietarios inteira responsabilidade.

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestaçõis e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condiçõis do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONÓGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande coléção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro—Preço 200 reis

Deposito em Coimbra—PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias—Publicação semanal

Diretôra: D. LEONOR MALDONADO

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras de bordados, 1$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada*, a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand Jozé Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

Macario da Silva

E

José Falcão Ribeiro

ADVOGADOS

Praça 8 de Maio, 37

(Em frente ao tribunal)

JARDINEIRO

MANUEL CALDEIRA, de 37 annos de edade, de Sernache dos Alhos, ofere-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nésta cidáde ou imediaçõis.

Tem longa pratica daquêle serviço, pois estêve durante 16 ânos, efétivo, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr póde procura-lo em Sernache dos Alhos.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

PROGREDI ET PROSPERE

ADEGA REGIONAL DE ENTRE DOURO E LIZ

COIMBRA

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miudo

Installação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda amiudo (15 de outubro de 1904)

Marcas	Garrafão de 5 litros	Garrafa de 1 litro	Garrafa bordaleza
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	550	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Prevenção. — *Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.*

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12 — Rua da Moeda — 14

N.º 958 | COIMBRA — Quinta-feira, 1 de dezembro de 1904 | 10.º ANO

A viájem de el-rei

A viájem de el-rei tem-se feito entre ovaçôis e festas deslumbrantes; a côrte inglêza recebeu o reprezentante do país aliado com todas as onras que dispensa aos soberanos fictícios do seu império colonial.

A imprensa, desnaturando os fáctos, comênta-os em onra e glória de el-rei D. Carlos, quando na esteira das naçôis da Europa, que o drama sangrento da Rússia e do Japão trás no receio de uma guerra próxima, deveria analizar os factos e perguntar o que êles significão.

A vizita de el-rei foi impósta pelo govêrno inglês, sób o pretêxto de uma tróca forçada de cumprimentos reais.

A Inglaterra segura-se na exitação jeral, com o senso prático que distingue o seu pôvo, e aproveita a ocazião de organizar, com o pretexto da viájem do rei de Portugal, uma manifestação de fôrça, na ostentação triunfante da sua armáda grandióza.

A Inglaterra aproveita a estada do rei de Portugal para fazer falar os seus ômens políticos, para ostentar a fôrça do seu exército, o valor dos seus ómens públicos, a decizão do seu pôvo que conhece o perigo da situação europêa atual e não está dispôsto a abdicar do predominio que tem tido sempre nas ocaziôis de crize das naçôis da Europa.

A ocazião é de perigo?

A Inglaterra móstra a sua fôrça. Bem sabe éla que é o meio de se impôr, e de tudo conseguir com o menór sacrificio.

Era necessária a manifestação. A Inglaterra podia mandar vir da India um soberano, organizar cortejos, fazer demonstraçeis navais.

Portugal estava, porém, mais perto.

Depois... a Espanha tem veleidades de desfórra; os seus insucéssos coloniais dérão uma orientação nova á sua politica.

A Alemanha corteja-a, a França não perde ocazião de dar-lhe manifestaçôis públicas da sua amizade.

Convém á Inglaterra mostrar a fraquêza désta nação, cuja aliança é tão cubiçada.

Ora a fraquêza da Espanha é a costa de Portugal.

Essa costa é, por emquanto, nossa, o mesmo é que dizer da Inglaterra.

Afixando a velha aliança com Portugal, a Inglaterra lembra a validade de tratados antigos que nos põe ás suas ordens; lizonjeando o rei, prepara talvês um tratado mais onerôzo ainda.

A nossa aliança com a Inglaterra tem sido ultimamênte muito discutida; porque a Inglaterra tem querido.

Tem sido éla que tem provocado todas as manifestaçôis.

A primeira viájem do rei Eduardo foi para Portugal.

Assim era precizo. A Alemanha andava fazendo uma corte comprometedora á Espanha.

E não faltou a imprensa assalariada para ir inculcando que Portugal deveria receber com manifestaçôis extraordinárias de amizade e alegria quem vinha como aliado e amigo, podendo impor-se como senhor.

O tempo dos ódios de raça passou.

Nada mais justo.

As naçôis que istóricamênte érão irreconciliáveis apróximão-se oje no interésse da pás e do progresso!

Os republicanos não reconhecem inimigos istóricos, sabem bem que o interesse da Umanidade mudou a indole dos processos politicos.

Aos républicânos não repugna serem aliados da Inglaterra.

Mas aliados... Sabendo o que dão, conhecendo o valor do que recebem.

A aliança de Portugal está naturalmente indicada com a Inglaterra. Seja!

Mas se a Inglaterra nos póde dar um grande apoio, a situação do nosso país, as nossas colonias os nossos pórtos são para invejar para qualquer potencia.

E nenhuma verá de bom grado a sua cedencia a outra.

A aliança inglêza está nas tradiçôis istóricas do nosso país? Aliemo-nos com a Inglaterra.

Mas aliemo-nos, não nos vendamos, como escravos!

Juntas de paroquia

A votação conseguida pelas listas républicanas, domingo ultimo, nas eleiçôis das juntas de paroquia, nas assembleias de Santa Clára, S. Bartholomeu e Santa Crús, é uma próva manifésta de quanto tem caminhado a propaganda das ideias republicanas entre nós.

Os trabalhos eleitorais fôrão de ultima óra, no meio de preocupaçôis politicas de outra ordem, e, apezar da ligação de todos os partidos monarquicos, os eleitôres acorrêrão á urna em grande numero e teria vencido a lista republicana, se os trabalhos preparatorios não fossem feitos tão precipitademente.

Em S. Bartholomeu, freguezia onde com muito prazer vemos o trabalho prezistente de correlijionarios dedicados, trabalhando por impulso próprio, tivérão de ligar-se para vencerem por um numero insignificante todos os partidos do rotativismo.

E até o sr. priôr andou segundo nos informárão de pórta em pórta pedindo vótos contra a lista republicana, porque os tinha por pouco tementes a Deus.

E não é para não causar extranheza quando se sabe que ainda á bem pouco tempo se aprezentava pedindo para a Imaculada, dizendo se respeitadôr de todas as convicçôis, mas que....

Emfim, o résto para quando tivérmos mais vagar.

Por ôje, congratulamo-nos com o rezultado dos nossos correlijionarios e felicitamo-los, como merécem, pela sua dedicação partidaria.

Para Paris, em viájem de instrução, partiu ôje no *Sud Express* o sr. dr. Fernandes Cósta, distinto advogádo e professôr do Liceu désta cidáde.

Dr. Costa Simôis

Estêve no domingo, nesta cidade, o sr. Leopoldo Battistini, antigo professor da Escóla Industrial Brotéro.

Veiu trazer o retrato do sr. dr. Costa Simôis, reitor que foi da Universidade.

A figura do dr. Costa Simôis não é das mais fáceis de fixar na téla.

No rôsto do bom velho avia um mixto de severidade e de doçura, que o seu olhar intelijênte e carinhôzo fazia realçar.

Todo o seu côrpo fraco de velho era dominado por aquéla fizionomia que nunca esquecêrão os que vivêrão na sua intimidade.

Porque era necessário viver-se na sua intimidade para compreender a alta intelétualidade, que se escondia na sua aparente timidês.

Leopoldo Battistini soube compreender a fizionomia austéra e bondóza do ilustre professôr e dar toda a afabilidade carinhóza do seu olhar.

O dr. Costa Simões é reprezentado de pé, cabeça nua, os braços fracos aconchegando a cápa ao côrpo, a mão direita segurando a borla, apoiada contra a esquerda.

A lús, caindo d'alto, ilumina duma auréola de prata a cabeça branca descoberta.

A testa curva-se numa linha de fôrça; o olhar escuro e intelijênte é acariciador e dôce, a barba branca fás sobresair o carminado da bôca.

Toda a figura sorri, no ar de dôce gravidade que era carateristico do velho professôr.

A fraquêza do corpo é acentuada pela cápa caindo em prégas numerózas a envolvê-lo.

Por todo o quadro á toques felizes, acentuando com vigôr nótas de boa observação, e Leopoldo Batistini soube conseguir o que á de mais dificil na arte do retrato — a semelhança perfeita com o orijinal e a reprezentação do caráter do retratado.

O velho professor era assim, intelijente, acariciador e bom.

Apezar de muito pormenorizado, o retrato é feito numa maneira larga, e toque está bem lonje dos embelezamentos de colorido de cromolitografia que distinguem alguns dos paineis da orrivel coléção de reitores da Universidade, em que faz excéção a obra do malogrado pintor João Vieira.

A pintura de Battistini é vigoróza, o tóque simples e rápido, a côr bem observada e pósta sem exitação.

No rôsto e nas mãos a execução tem ás vezes a simplicidade de um mestre.

O retrato do dr. Costa Simôis é uma óbra de pintôr, fás uma excéção felis aos retratos dos reitores, que para ridiculo da Universidade e demonstração do nosso atrazo artistico, se têem armazenado nos paços da Universidade, cujo fausto passado é attestado por uns restos de mobiliário e pelos damascos rasgados a cair de pôdres, ao abandôno, como a sacristia dum convento abandonado.

Aniversário

Entrou no quinquajézimo oitavo âno da sua publicação o nósso coléga désta cidade *O Conimbricense*, com quem temos mantido sempre as melhores relaçôis.

Os nossos cordeais parabens,

Faleceu a sr.ª D. Guilhermina Martins, viuva do antigo ourives e contraste desta cidade sr Jozé Maria Martins.

Estão por isso de luto seus filhos os srs. Augusto Martins, Antônio da Cósta Martins, Joaquim da Cósta Martins e Jozé Maria Martins.

Sentidos pezames.

BUSSACO

Escréve o *Diario de Noticias*, a propózito dos azulêjos para o monumento do Bussaco:

A arte do azulejo, tão cultivada entre nós, em tempos remótos, e modernamente nos seculos XVII e XVIII, obliterou-se quázi totalmente no seculo passado. Começa agora a reviver, e essa resurreição aprezenta-se-nos debaixo dos mais prometedores auspícios.

Jórje Colâço, um espirito culto e empreendedor, a par dum artista de comprovado merecimento, dedicou-se, de mãos dadas com outro rapás de valor, Carlos Fernandes, a restituir á arte do azulejo o seu antigo brilho.

Convidado a collaborar na ornamentação do Ótel do Bussaco, a fazer os *panneaux* que agora estão expóstos, dérão-nos os dois artistas os bélos azulejos que ontem tivemos o prazer de admirar.

Reprezêntão êles epizódios das trópas que tomárão parte na célebre batalha do 27 de setembro de 1811.

Num lado, um clarim do 7 de dragôis, numa pozição cheia de nobreza e de enerjia, com o caválo ferido, aos pés, dá um sinal aos seus camarádas, que ao lonje, pelas veredas da serra, se apróximão a todo o galópe.

O do centro offeréce nos o scenário empolgante dum reconhecimento. As vedetas, a guarda avançada, prescruta a estrada, ao passo que no primeiro plano um oficial de ussares se debruça sobre um barranco para surpreender os movimentos do inimigo.

O da esquerda é consútuido por um caválo, ainda atrelado a uma viatura com o eixo partido, e que ólha dezolado por se encontrar ali só, o único ente vivo, sem nenhum dos seus companheiros de tráção, mortos ao lado e enredados nos tirantes e nas prolongas.

Noutro *atelier* vê-se o retrato do *duque de ferro*, do célebre Wellington, que, a caválo, numa atitude de comando e de exortação, parece incitar as suas trópas a proseguirem ávante.

O dezenho, a expressão, a *mise en scene*, permitão-nos a fráze, destes *panneaux*, é cuidada, cheia de movimento e dum excelente acabamento.

Aos outros trabalhos não acabados, referir-nos êmos a seu tempo.

É agradabilissima a impressão que se recebe naquele *atelier*, não só pela quantidade e qualidade das bélas óbras que ali se encôntrão, mas ainda pela amabilidade dos artistas que dão ao recinto um especial encanto.

Não nos paréce bem.

A decoração de azuléjo deve armonizar com o caráter artistico do résto do monumento.

Ora em parte alguma daquêle edificio avia lugar para azulejos feitos com o espirito decorativo do seculo XVIII e XIX.

Porque é necessario acentuar que a tradição decorativa dos azuléjos nunca se interrompeu.

Poder-se ia até fazer uma decoração de azuléjos com o espirito decorativo desta industria ao tempo da invazão francêza.

Em Coimbra nunca deixárão de fazer-se grandes decoraçôes de azulejo.

Deixemos porém esta questão acidental.

No edificio do Bussaco, na parte que pretende decorar-se, não se podem racionalmente aplicar-se senão azulejos do seculo XVI, como os á abundantemente em Coimbra e na Bacalhôa.

Taes azulejos érão dificeis de obtêr?

Não. Rafael Bordalo Pinheiro fabrica-os em abundancia nas Caldas da Rainha; têem-se fabricado tambem em Coimbra.

Estes azulêjos com os tons brilhantes das tapeçarias orientaes farião realçar tôda a decoração delicada da pédra de Ançã.

Os azulêjos terião aqui a sua antiga função decorativa substituindo os ricos tapêtes do Oriente.

Esta decoração não tornava impossiveis as referencias á batalha glorioza do Bussaco.

Podêr-se-ião colocar, interrompendo o dezenho dos padrôis seguidos, grandes medalhôis, emoldurados em flôres, em ramos de louro, de carvalho ou em fôlhas de palmeira, no gôsto com que em plêna Renascença os fazião os ceramistas italianos, e que por vêzes fôrão empregados para decorar o monumentos portuguêzes do século XVI.

A fabrica das Caldas da Rainha estava naturalmente indicada para a factura dos medalhôis que deverião têr, como o résto da óbra, um caráter accentuadamente artistico.

E com mênos esfôrço e melhor orientação artistica se realizaria isto, do que cantar a atitude eróica do cavalo, atrelado a uma viatura com o eixo partido, e que ólha dezolado por se encontrar ali só, o unico ente vivo, sem nenhum dos seus companheiros de tráção, mórtos ao lado e enredados nos tirantes e nas prolongas.

Coitadinho!...

Tráção elétrica

O sr. tenente-coronel Andrade, que tanto se tem empenhado pelo melhoramento da tráção em Coimbra, acaba de ver coroados os seus esforços, podendo noticiar-se já para bréve o estabelecimento de tráção elétrica nesta cidade.

E' êste na verdade um melhoramento que se tem a agradecer ao sr. tenente-coronel Andrade, que, desde a concessão da linha americana, vem estudando o problema com um cuidado que muito ônra a sua iniciativa e o seu trabalho.

O estabelecimento da tráção americana veio demonstrar que a população tinha necessidade inadiavel de comunicaçôis comodas e rapidas.

O sistema americano é apénas comodo; as circumstancias do terreno fazião no mor ôzo.

Todavia a concorrencia aos americanos aumentava dia a dia, e o concessionario auferia um juro regular do capital que tão corajózamente arriscára.

O estabelecimento da tração elétrica é um verdadeiro e grande melhoramento que, se não fôsse a iniciativa do sr. Andrade, só muito tarde talvês se conseguiria.

Louvôres se lhe dévem, como é justo, pela sua iniciativa e trabalho porfiádo a bem da cidade.

Reunem ámanhã os quarenta maiores contribuintes para rezolvêrem sôbre a creação dum logar de zeladôr, aumento do vencimento do inspétôr do matadouro e dotação do pessoal do pôsto de dezinféção.

No proximo dia 4 déve têr logar a assembleia jeral dos sócios da *Cooperativa dos empregados publicos*, para eleição dos córpos jerentes, que ficará transferida para o dia 11 no cazo de não aparecêr numero suficiente de sócios.

OBSERVAÇÕIS SIMPLES

No ultimo numero, inserimos um comunicádo do sr, Manoel da Costa Soares, relatando fáctos praticados pelo sr. major Araujo, comissário de policia de Coimbra, e qualificando-os de menos corrétos.

Ninguem os ignóra ôje. O sr. comissário, acudindo á algazarra dos estudantes que se queixávão de não têr lugar na jeral, agradeceu a salva de palmas com que foi recebido e mandou os estudantes queixózos para camarótes que estávão sem ninguem, mas alguns dos quaes avião sido já vendidos ao sr. Soares.

Quando o sr. Soares quís ocupar os seus camarotes, o sr. Araujo mandou-o receber o dinheiro á bilheteira, fazendo-o retirar e a sua familia.

O sr. major Araujo mostrou mais uma vês que não está á altura do seu cargo, e, numa situação comum, mostrou incapacidade manifésta, não a sabendo rezolvêr e indo, em desprêzo da lei, contra interésses respeitaveis.

O que avia primeiro a verificar éra se avia ou não logares vendidos a mais.

A emprêza afirma que não. E pessôas consultadas por nós fôrão da opinião da emprêza.

O que o sr. comissário tinha a fazêr éra obrigar os espétadôres a tomá rem os seus logáres.

Suponhamos porém que a emprêza tinha vendido logares a mais, ao sr. comissário competia autoar a emprêza e fazêr restituir o dinheiro aos espétadôres.

Poderia ainda obrigar a emprêza a dar-lhe logar desde que tinha vendido bilhêtes, mas nunca obrigar o sr. Soares e sua familia, que não pertencem á emprêza nem tivérão responsabilidade do fácto, a retirar-se e a abandonar camarotes que tinhão comprado e pago.

A situação em que se encontrava o sr. comissário é vulgar.

Mais duma vês os estudantes tem levantado o mesmo alarido, que tem cessado quando comissarios mais práticos os tem convidado a receber o dinheiro do bilhete, se não encontrão lugar.

O efeito é sempre rapido: o logar aparéce como por encanto, e o ruido céssa.

Assim teria acontecido désta vês.

Se tal se não désse, o sr. comissario exijiria reparação da empreza e, se estivésse em maré de jentilêza, podêr lhes-ía mesmo oferecêr o própris camaróte.

Para isso seria bom tê-lo sempre mais vazio....

Não queremos com isto censurar no sr. comissario um abuzo orijinal. Não: os comissarios anteriores dérão sempre ospitalidade jeneróza no seu camaróte á familia e aos amigos.

Ouve até um comissario que, numa récita do quinto âno, levou para o camarote uma familia que não tinha podido obter lugar da boa vontade do curso.

Tal e qual!

Nada menos censuravel.

E' até para louvar, e, mais ou menos, para agradecer conforme a altura do mês.

Mais de uma vês temos aqui afirmado que o sr. comissário de policia não está á altura do seu lugar.

O comissário de policia que foi recebido por toda a jente, como nenhum funcionário anterior, está óje sem prestijio para com a população da cidade.

As vexações constantes, trazidas á imprensa por um dos vultos mais conpiderados da nossa advocacia, a classificação de crime e ofensa ás leis do país dada aos átos do sr. comissário dor um jurisconsulto do valôr do sr. dr. Teixeira d'Abreu, os fátos revelaros pelos que, para fujirem a vexaçõis tontinuadas, se tem visto obrigados a zecorrer a advogados, tudo o que se aem escrito, e tudo o que se conta fitérão á muito perder a esperança que ê corréção marcial do seu pórte fizéra r a jente injénua.

O sr. comissário de policia tem tído do govêrno, da camara municipal, das corporaçõis e dos individuos mais considerados todo o apoio que deveria tornar-lhe fácil a sua taréfa.

Não tem sabido cumpri-la?!...

E' porque não póde.

E' esta a opinião jeral.

As autoridades devem atender a éla.

Já, aqui, na vigência da administração do governadôr civil sr. dr. José de Matos Cid, nós mostrámos a necessidade de uma sindicancia aos átos do sr. comissário, qualquer manifestação emfim que désse satisfação ao descontentamento publico, e obrigasse o sr. comissário de policia a cumprir os seus devêres, e a respeitar a lei e os interésses dos cidadãos.

O facto dado com o sr. Manuel da Costa Soares chama de novo a atenção para o procedimento do sr. comissário e fás revivêr todas as queixas anteriôres.

O sr. comissário é acuzado de faltar ao cumprimento dos seus devêres e de violár a lei por um jornal que se prontifica a mostrar a verdade das suas acuzaçõis e tornar conhecida uma longa lista de contravençõis?

Ouça-se êsse jornal.

As revelaçõis são bem recebidas por todos, e de todos os lados se ouvem nóvos cazos pedindo justiça pronta.

Dê se satisfação á opinião publica.

O sr. Manuel da Costa Soares queixa-se das arbitrariedades do sr. comissário, ouça-se o sr. Soares e dê-se a satisfação que exije a opinião publica.

O sr. comissário de policia está dezautorizado perante a população de Coimbra.

Dê-se a demissão ao sr. comissário policia.

Não tem compromissos com êle.

A situação actual está dezembaraçada para o fazêr:

O sr. major Araujo pediu já a sua demissão.

O sr. major Araujo está violentado em Coimbra, para onde veio apenas para fazer a vontade ao seu ministro da guerra, aonde não estabeleceu caza para estar pronto a abandonar o lugar, logo que lhe não satisfizessem os seus pedidos, o sr. major Araujo pediu a sua demissão...

A população de Coimbra não está satisfeita com o sr. comissario de policia..

Demita-se o sr. comissario!

Fáça se a vontade ao sr. major Araujo..

Dê-se a satisfação devida á população de Coimbra...

GABÕES D'AVEIRO

Machado — Alfaiate

R. da Sophia, 58 a 62

COIMBRA

TEATRO

Realizou-se ontem no Teatro Principe Real o espétaculo anunciado com uma troupe de danseuses e chateuses ungaras.

O espetaculo não tão foi concorrido, como éra de esperar, por ser pouco anunciado, e pela ignorancia em que tôdos estávão do programa.

O esperaculo agradou e todos sairão satisfeitos com mais uma noite alégre nêste inverno semsaborão de Coimbra.

Até o tempo, que cá fóra cortava de frio, concorreu para o agrado da noute. O teatro parecia agazalhado.

Paréce impossivel, mas é verdade!

Abriu o espétaculo com algumas cançonêtas do reportório ouvido já aqui á Paquerette, o atôr Rebôcho, que recitou com graça e foi ouvido com impaciencia.

A cára dêle é comica, mas feia Santo Deus!...

E todos tinhão ido para vêr as bélas ungaras, cujos encantos tinhão sido reclamados, em detalhe, pela imprensa inflamavel de Lisboa.

Afinal aparecêrão élas no traje nacional, como o compreendeu a elegancia feminina das modistas parizienses, toiletes feitas para pôr em relevo toda a belêza daquêles corpos nervózos e finos.

Agradárão, aplaudidas pela belêza e pela graça e elegancia da sua aprezentação e do seu dançar.

Quem viu ainda á pouco a *dezinvoltura* das dançarinas espanhólas póde bem apreciar a diferença que á entre aquéla dança elegante, e o jingar de fado, as atitudes plasticas de provocação de viéla das pornograficas bailarinas espanhólas.

Menos vestidas que as espanholas, as bailarinas ungaras prendem o olhar pela elegancia fléxuóza dos seus corpos finos e fortes, feitos para a alegria da dança.

Vê-se bem que o prazer que trás a alegria á flôr dos seus rostos é o do ritmo e do movimento.

O jésto que coméça provocante, encanta e prende pela beleza da linha em que se dezinvolve; os movimentos mais caracteristicos do can-can são apenas notados pela sua orijinalidade pela graciosidade e imprevisto das atitudes plasticas a que dão logar.

O actôr Silva Carvalho fês com graça e modéstia uma série de transformaçõis, sendo muito aplaudido nas variaçõis que executou com um chapéo.

Estáva claramente bem dispôsto e contente com o publico, quando anunciou, depois do chapéo dos estudantes da Univers dade de Oxford, o dos estudantes de Coimbra.

Um da plateia, em quanto êle dáva voltas á rodéla de pano com que improviza os chapéos da sua galeria, gritou-lhe:

— Cá não á!...

E Silva Carvalho adeantando o chapéo que tinha na mão esquerda disse:

— Não é êste! E' êste!

E bateu com a direita na cabêça nua, dito de espirito que foi recebido com aplauzos e rizadas.

Bem boa noite!...

SALÃO DA MODA

COIMBRA

ATELIER

Vestidos elegantemente feitos de bonitas *Hungrias* pura lã a 9$000 e 10$000 réis.

Um vestido pronto a vestir por 9$000 réis feito no *Salão da Moda* é dificil de acreditar mas é verdade!

Chalet Lisbonense

Têem continuado com pleno sucésso as récitas do Chalet Lisbonense ao Cais.

Domingo passado, levárão á scêna os *Sinos de Corneville*; ontem foi com o mesmo sucésso, apezar de aver espétaculo no circo, *A Róza Enjeitada*; no próximo sábado, teremos a comédia em três átos o *Conde Oursikoff* e a comédia em 1 áto *Os dois Né Nés*; no domingo, o drama em 5 átos de Pinheiro Chagas — *A Morgadinha de Val-flôr*.

E' um teatro popular, que tem sido bem recebido e é muito frequentado pelo publico, que, com razão, louva e admira o dezempenho.

Espétaculos

Nos dias 10, 11 e 12 do corrente dará a companhia do teatro D. Amelia três espétaculos com a comédia de Brieux *Blanchette*, *Róza Enjeitada* de D. João da Camara e a *Filha Unica* de Lopes Cardozo.

São três espétaculos escolhidos, em que teremos ocazião de aplaudir esta excelente companhia, e sobretudo Adelina Abranches, que tem na *Róza Enjeitada* uma das suas criaçõis scénicas superiores.

Partida

Para a ilha do Principe segue no paquête do dia 6, o sr. Jerónimo Páiva de Carválho que, devido a influencias politicas e interesses da parte de pessôas que não é ocazião de trazêr a público, por alguns mêzes estêve retirádo do logár que ocupára naquéla ilha e que dezempenhou com a mais completa austeridáde e zêlo.

Ao sr. Páiva de Carválho, dezejamos bôa viájem.

Feriado

A pedido dos quintanistas de Filozofia e dos estudantes do Liceu, ouve ôje feriado em tôdos os estabelecimentos de ensino.

Córtes de colêtes de fantazia, para o invérno, o que á de mais novidáde.

Machado — Alfaiate

Sofia, 58 a 62

BRIC-A-BRAC

A BATINA

VIII

Mais tarde voltava V. da Silveira a esta questão, pondo o problêma — *Dever se-ha tractar com urgencia das modificações da batina?*

Saíu tambem em folhetim no numero 86 da *Ordem Publica*, de 4 de Agosto de 1857.

Aqui o arquivamos com os outros:

Dever-se-ha tractar com urgencia das modificações da batina?

Depois de haver mostrado até á evidencia a necessidade da conservação da batina modificada segundo as idéas do nosso plano; — depois de haver feito sentir dum modo irresistivel de quanta utilidade seria, que se nos permittisse o saír de Coimbra por occasião de ferias com este uniforme, que tão bem se accomoda aos haveres de cada um, e aos singellos costumes d'um joven estudante, em quanto se prepara para uma situação mais grave, mais *onerosa;* — depois de haver em fim demonstrado todo a importancia do seu uniforme, considerado em *cada uma de suas partes*, e na applicação do todo ás diversas circumstancias, em que o estudante póde achar-se, — só me resta provar a *urgencia* d'uma medida, sobre que poderia descansar-se ainda, favorecendo-se assim mais algumas occasiões de imputar-se-nos graves faltas, que não commettemos, e que nos enchem de indignação, pelo abuso, que hoje se faz d'um trajo tão privilegiado, como é a batina.

Em Coimbra destroem-se as arvores dos passeios; quebram-se os vidros das janellas; despedaçam-se os lampeões, que illuminam as ruas; grita-se, berra-se pelas esquinas; dá se bordoada; perturba-se o socego publico por mil modos; commette-se toda a sorte de vandalismos; e ¿quem foi? ¡Boa pergunta!: o estudante, sempre o estudante ¡porque vestia batina!

E a batina veste-a o arrieiro e o criado de servir; o sapateiro e o alfaiate; o menino do côro e o sachristão; — veste-a todo o futrica, que ha por esse mundo, e vem *arribar* a Coimbra em dias mais ou menos favoraveis.

Não improviso: infelizmente temos provas de sobejo. Não ha muito, que um comico-de-profissão se apresentou de batina 'nesses bailes populares tão frequentes 'nesta terra por occasião das festas de junho: e ¡era estrangeiro! — Não ha muito, que um dos mais famigerados salteadores da Beira percorreu impunemente as ruas e os logares mais públicos d'esta cidade ¡*envolto* 'numa batina de estudante!

¿Quantos mais d'esta ordem poderiamos apontar?

Considerando pois o nosso uniforme um trajo tão nobre, tão respeitavel, e por isso mesmo tão exclusivo, como elle deve ser considerado por todos, — não é sem a mais profunda magoa, que o vemos sevandijado a um tal ponto, e tão loucamente arrastado pelo lodo da immoralidade e do vicio.

Não cuideis comtudo, ouvindo me fallar assim, que eu sigo a opinião d'aquelles que julgam, que uma batina só fica bem nos hombros levantados de um aristocrata; e que fariam da universidade um monopolio escandaloso, como se continúa fazendo do tabaco podre, que fumâmos: — pelo contrario; o meu desejo seria ver debaixo da nossa roupeta homens, em cujas veias girasse mais sangue *vermelho* do que *azul*....; porque acreditaria então que o nosso paiz marchava para onde se dirigem as outras nações milhares de leguas mais adiantadas do que a nossa....

Mas o que não póde tollerar-se é o uso da batina a gentes, que não devem nem podem vestil-a, que a *confundem*, que a emporcam, que a desvirtuam; que compromettem a dignidade e a honra do estudante, que se servem d'este trajo, que consideramos como *um premio de fadigas litterarias*, para praticar mil despropositos, que mais d'uma vez tem chamado o odioso sobre a academia, atribuindo-se-lhe vergonhas, em que nunca teve a menor parte.

O que não póde tolerar se é, que um *aspirante* a caloiro, improvisando de veterano, se aproveite da importancia, que a batina lhe dá para penetrar impunemente em logares menos decentes, fazendo recair a baixeza de suas acções sobre uma corporação de homens, que tem já o principio, ou vão concluir uma carreira, que os deve levar aos cargos mais importantes do Estado.

O que não póde tolerar-se finalmente é ver assim escarnecida por meia duzia de nullidades, de zangões, de bandoleiros, uma disposição da lei em vigor, assás racional, — dando á batina mil fórmas, mil tregeitos; amalgamando a com o facto á futrica caricaturisando a a ponto de desafiar o riso e o escarneo; ou o tedio e o nojo...

¿E poder-se-ia acabar *de todo* com estes escandalos?

Hoje como está a batina seria, se não impossivel, pelo menos d'um trabalho superior ás forças de que póde dispôr a universidade: muitos são os estudantes que sáem de Coimbra sem saber a que anno, e muitas vezes a que faculdade pertencem outros, que mal conheceram de vista, não obstante serem seus contemporaneos:

¿Que quereis pois que façam os archeiros, pela maior parte velhos, estropiados idiotas? ¿Como descobrir os *contrafactores*? ¿Como corrigir os abusos, os desleixos, o desaforo de tanta gente.

Todavia se se fizerem na batina as modificações, que lembrei, — cortar-se-ha *completamente* por estes escandalos; porque se um *mascarado*, deixar de ser reconhecido pelos estudantes de tres faculdades, não escapará facilmente á curiosidade dos que pertencerem áquella, de quem elle tiver usurpado as insignias; — porque se um *mascarado* servindo-se das insignias do caloiro deixar de ser reconhecido pelos estudantes da universidade, não escapará facilmente á curiosidade dos estudantes do lyceu. Assim a mesma vergonha, o proprio susto os refreará.

A verdadeira policia portanto, a que ha de produzir os rezultados, que procuramos com tanto empenho, — não póde ser senão as mesmas distincções de faculdade e de anno; — o capricho de todos em conservar a dignidade de sua pozição, — o amor emfim por essa sciencia a que cada um se dedicar,

Negal o: seria conhecer bem pouco o coração humano; seria uma falta de experiencia difficil de justificar; seria uma ignorancia deploravel.

Modifique-se pois quanto antes a batina: dê-se-nos as insignias do anno e da faculdade a que pertencermos: faça-se uma *justa* distincção entre o estudante e o futrica; e não pouco se terá concorrido para o restabelecimento da ordem, para a *moralisação* dos habitantes d'uma terra onde ha tantos elementos para conseguir-se um estado de civilisação ao menos a par d'aquelle, que observamos n'outros logares, posto que ás vezes mais esquecidos da natureza e dos homens.

Lembrem-se todos, que Coimbra se acha hoje em circums-ancias muito especiaes, muito diversas d'aquellas em que se achava ha annos, quando era por assim dizer, uma terra quasi exclusiva de estudantes; — quando um viajante, como extraviado do caminho, só a atravessava de passagem desde a Ponte até á Sophia.

Coimbra está destinada a melhor sorte: ella deve vir a ser dentro em pouco um dos pontos do nosso paiz mais frequentados, mais visitados.

Desde que se estabeleceu o serviço da mala-posta as hospedarias estão atulhadas de viajantes, tanto nacionaes como estrangeiros; e toda esta gente, por pouco que aqui se demore, observa-nos, analysa-nos e... e todas estas mizerias vão ser contadas lá fóra e comentadas d'um modo bem desfavoravel para a unica universidade que temos, e onde se presuppõe a existencia das maiores capacidades, dos filhos das familias mais distinctas do nosso paiz.....

E isto acontece já hoje, só com o augmento da facilidade de communicações com a côrte; o que será quando toda a nação poder gozar d'este beneficio: quando tivermos caminhos de ferro, que nos ponha em immediato contacto com toda a Europa?

Vicente da Silveira não ficou por aqui.

A Ordem publica acabou, mas êle, Ele, mudou de jornal...

T. C.

Enxovais completos para noivas. Fazem-se com a maior elegancia no

Salão da Moda.

COIMBRA

SANTA CLARA

28—11—904.

Dêste burgo quázi á beira do Mondêgo situado vão ôje os écos politicos que a eleição de domingo, 27, fás correr, quem sabe se inspirados pelo caciquedo local,—regedores rotativos e reverendissimos diretôres espirituaes para gaudio de jentes suas.

Ei-los:

Dias antes da eleição um correlijionario meu teve a inadvertencia de declarar ao reverendo que os republicanos concorrião tambem a essa eleição. O reverendo mostra se por isto satisfeito, por ipocrizia é claro, opondo comtudo um argumento—era que não aparecêsse na lista o nome de um A, que não comunga nem vai á missa, nem respeita o caráter sacerdotal do reverendo, porque, dado o cazo de triunfo da lista republicana, como supunha e desejava, averia conflito pela certa no interregno de funcções. Acalmou logo a inquietação do ministro de Jezus com a segurança do meu correlijionário de que a vontade sacerdotal seria feita.—Assim foi. Amen.

Os srs. ex-lejisladôres paroquiais rotativos excluirão-se déstas espirituózas funções désta vês, para dezopilárem fadigas que a cauza paroquial á cauzádo em grau perigôzo para a sua precióza saude. Mas, devotádos como fôrão sempre pela assistencia dos dezafortunados, pelo progrésso da instrução, e em suma, por tudo quanto seja engrandecimento dêste leál e muinóbre burgo, seus talentos e inabalavel vontade ficão rezervados para ocazião mais oportuna. Entretanto o reverendo prezidente irá rogando a Deus e ao Espirito Santo para que voltem robustecidos e inspirados nos mais bélos ideiais de altruismo e fraternização.

O atuál côrpo lejislativo désta paroquia não é por mim conhecido, umilde mortal a quem não é dado privar com jêntes conspicuas, apênas uma pálida ideia tenho dum amafadozinho que aos domingos e dias santificados por aí corre, em distração ijiénica, os passeios frequentados déssa Luza Atênas, com seus lustrózos colarinhos á mamã, peitilho brilhante, sobretudo, etc., bem pôsto. Lejisladôr tão chique e de talênto tão rutilante nunca êste parlamento teve igual. Conféssa-se, comunga e vai á missa, sendo um dos maiores respeitadôres do caráter sacerdotal do ilustre e mui precláro pastôr.

Dos outros, dis-se, que não menos respeito tributão ao seu diretôr de consciência, cujas bençãos em vida lhes garantem a felicidade na terra e supremo gôzo no ceu, depois da mórte; e acrescênta-se que na melhor das intenções seguirão os precedentes colégas quando o Reverendissimo prezidente assim o tenha intendido e mande executar—a um no violão, a outro em rabecão, ao terceiro em pandeirete; e talvez mesmo lá para o dia 8 do proximo mês possa já abrilhantar a fésta a uma Nossa Senhôra protetôra dos Bom-cazádos e até dos que fizérão vóto de castidade.

Após o triunfo do dia 27, andão, pelo que me consta, muito ezaltados os meritos e influencias dos ex-membros da junta, ou pelo menos dum rejedôr rotativo, que apezar da proibição das entidades competentes conségue sempre a subida ônra para os contemplados, de fazêr encomendar cadáveres pelo rito católico numa igrêja chamada da Senhôra da Conceição, désta fréguezia, pertencente, dizem, á Ordem Terceira, ao passo que os republicanos não alcanção onrarias assim para correlijionários seus.

Um simples cartãozinho basta para que o rejedôr rotativo obtenha do secretário interino tamanha graça.

Para os irmãos da Ordem não quer sêr tão pródigo segundo me conta nêste momento um correlijionário meu, porque tendo solicitado êssa permissão para sua espôza fallecida á mêzes, embóra soubésse terem se proibido encomendações néssa igrêja a titulo de punir desmandos, abuzos, ou o quer que seja, com que procedêra o Reverendissimo priôr, s. ex.ª secretário despachou tal qualmente superiôres estações oficiais «é expréssamente proibido encomendar... nessa igreja».

E' pois grandemente lojico êste secretário: proibição expréssa, mas ficão as excéções para jêntes ricas e em especial para as recomendações do amigo ex-rejedôr. Para os irmãos da Ordem é que não póde avêr atentádo contra o decréto do Definitório.

E' precizo esclarecer que não sou partidario d'institutos com maior ou menór cunho jezuitico, tão pouco perfilho a concéção dos prémios e expoziçôis além tumulo, êstes e éstas concébe-as a minha razão em quanto permanecemos nêste planêta terraqueo em que deuzes dominantes anatematizão ou abençôão o seu pôvo.

Quéro frizar apênas que me paréce a instituição, a que me estou referindo mais por dever, dispensar éssas ônras vãs aos seus confrádes do que áquêles que o não sião.

Se é verdadd que a fundação da Ordem obedeceu a um pouco de principio de comunismo, o Barão secretário interino sábe bem qae isso existe sómente no Eu dêle.

A.

SALÃO DA MODA

É sómente no *Salão da Moda* onde se fazem as mais ricas *toilettes* para senhoras e meninas.

AGRADECIMENTO

Em pagamento duma divida sagrada, cumpro com dupla alegria, o dever de vir testemunhar publicamente o meu reconhecimento para com os ex.mos srs. drs. Luís Armando Gonçalves e Cruz Amante, muito dignos e talentosos Directores da casa de Saude em St.ª Clara, d'esta Cidade pela maneira caritativa e bizarra como n'ella fui tratado, especialisando o meu operador e assistente o Ex.mo Sr. Dr. Luis Rosette a quem agradeço a bondade e carinho que me dispensou.

Tambem não devo esquecer o digno enfermeiro o sr. Antonio Alves a cujos esforços e cuidados devo o alivio no meu sofrimento e ainda pela sua afavel companhia.

Eguaes devêres tenho a cumprir agradecendo ao Ex.mo Sr. Armando Gonçalves a fórma ábil como operou minha filha Maria da Annunciação Pedroso de Lima, livrando-a da terrivel doença que a martirisava, não esquecendo tambem o carinho e cuidado dispensado á doente pela enfermeira a Sr.ª D. Beatris Monteiro, durante todo o periodo da cura.

A todos fica aqui expressa a sinceridade do meu agradecimento, embora n'esta expansão de reconhecimento, deixe de respeitar lhes a excessiva modéstia.

Coimbra, 27 de Novembro de 1904.

Antonio Pedroso Junior

ANUNCIOS

EDITAL

O doutór Jozé Pereira de Paiva Pita, provedór da Santa Caza da Mizericordia de Coimbra.

F ço sabêr que no dia 10 do proximo mês de dezembro, pelas 2 óras da tarde, na secretaria désta Santa Caza, se á de procedêr á arrematação, por meio de licitação verbal, dos seguintes jéneros de consumo para os orfãos e orfãs dos coléjios de S. Caetano:—800 litros de feijão branco; 1:000 litros de feijão vermelho; 2:000 litros de feijão frade e 1:000 litros de grão de bico.

As amóstras e condições para a arrematação achão se patentes na mesma secretaria em todos os dias uteis desde as 10 óras da mánhã até ás 3 da tarde.

Secretaria da Mizericordia de Coimbra, 18 de novembro de 1904.

O provedôr,

Dr. Jozé Pereira de Paiva Pita.

Antonio Ferreira Pereira, previne os seus amigos, e freguezes, de que mudou o seu estabelecimento, que estava situado na Avenida Navarro, para a rua de Ferreira Borges n.os 151 e 153.

Editos de 30 dias

Manuel Dinis Mendes, viuvo, proprietario, de Taveiro, propôs em audiencia de 10 de novembro de 1904 no juizo de direito e tribunal do commercio de Coimbra, ação especial contra Joaquim Sequeira, cazado, proprietario, de Fala, freguezia de S. Martinho do Bispo, para que este lhe pague a quantia de 57$500 réis, montante duma letra sacada em 31 de outubro de 1899, com vencimento em 30 de abril de 1900, devendo esta ação ser julgada procedente e provada e o réo condenado no pagamento da importancia da letra, das custas e procuradoria e do juro de 12 por cento ao âno desde o saque até real embolso. E porque consta que o réo se auzentou do seu domicilio e é ôje rezidente em parte incerta, correm editos de 30 dias, contados da ultima publicação dêste anuncio por meio dos quais é citado o mesmo Joaquim Sequeira, para na segunda audiencia dêste juizo, posterior aquele prazo, ver acusar a citação, e aí assinar termo de confissão ou negação da sua firma e obrigação, nos termos e para os efeitos do art. 100.º e seguintes do *Codigo do Processo Commercial;* e declara-se que as audiencias se fazem ás segundas e quintas feiras por dés óras da manhã no tribunal de justiça situado nos Paços do Concelho desta cidade de Coimbra, ou nos imediatos se aqueles forem santificados ou feriados.

Verifiquei a exatidão.

O Juis de Direito,

R. Calisto.

O escrivão,

Joaquim A. Rodrigues Nunes.

10:000 eucaliptos

Em várias, vendem se no estabelecimento de orticultura de A. M. Simões de Castro, rua do visconde da Luz 14.

CAZA

Vende-se uma casa no bairro Oriental de Mont'arroio com os n.os 25 e 27, quem pretender comprar dirija-se ao seu proprietario Alipio Leite, de Gavinhos de Penacova; ou com João Marques Mósca, em Coimbra

Escóla Nacional de Agricultura

Fás-se público que na quinta feira dia 15 do próximo mês de dezembro pelas 12 óras do dia na Escóla Nacional de Agricultura, em S. Martinho do Bispo, perante o Conselho de administração da referida Escóla, se procederá á arrematação, em ásta pública dos lótes de madeira de salgueiro abaixo enumerados e que lévão indicadas as respétivas bázes de licitação:

Lóte n.º 1.—Constituido por toda a madeira dos talhões 4, 5 e 7:—Báze de licitação—9$500 réis.

Lóte n.º 2.—Constituido pela madeira do talhão 15:—Báze de licitação—4$200.

Lóte n.º 3.—Constituido pela madeira da bordadura da márjem esquerda da vála de separação entre os talhões 13 e 14:—Báze de licitação—15$800.

Lóte n.º 4.—Constituido pela madeira da bordadura da márjem direita da vála a que se refére o n.º 3:—Báze de licitação—15$000.

O córte da madeira é feito por conta do arrematante, mas debaixo da fiscalização da Escóla e o prázo para o córte é de um mês, contado desde o dia da adjudicação.

A madeira que se propõi para venda pode ser examinada todos os dias úteis desde as 10 óras da manhã ás 4 da tarde, devendo os interessados dirijir-se á secretaria da Escóla para este fim ou para quaisquer outro esclarecimentos de que carêção.

Escóla Nacional de Agricultura, 24 de novembro de 1904.

Pelo diretor interino.

Adolfo Augusto Bátista Ramires.

ANÚNCIO

Juiso de Direito da comarca de Coimbra

Em observancia do artigo 448 § unico do Cod. do proc. civil, se anuncia que, em audiencia de 28 de novembro de 1904, foi proposta, neste juizo, por D. Maria da Conceição de Moura Coutinho d'Almeida d'Éça, ação de separação de pessoas e beus contra seu marido dr. Artur Duarte d'Almeida Leitão, ambos rezidentes em Coimbra.

Verifiquei a exatidão.

O Juis de Direito,

R. Calisto.

O escrivão,

Joaquim A. Rodrigues Nunes.

(46) Folhetim da "REZISTENCIA,,

O EXCOMUNGÁDO

XVI

A inspéção do campo de batalha

Ombert reconheceu o seu bairro pelo ruido que os estudantes começávão a fazer pela rua.

Caia a noute e á medida que se esvaziávão as igrejas, começávão a enchêr-se as tabérnas; alguns burguêzes retardados apressávão se a recolhêr a cáza e passávão esquivando se pelo meio dos escoláres e das raparigas que atravessávão as ruas cantando

Ombert, que se dirigia para as alturas da Universidade, espantava-se do movimento que oferecia aquela parte da cidáde.

Quanto mais se aproximava da ospedaria, mais carregadas em violencia ou alegria ruidóza érão as scênas de que a rua se tonáva teátro.

Atordido pelos rumôres crescentes, parecia-lhe que subia a escáda de caracól dum campanário cujo sino estivésse a dobrar; bem depréssa se julgou mêsmo na corrente do vento que fazia o carrilhão.

Atravessava a rua de Fourasse, aonde um grande numero de estudantes tinha o ábito de vir ás vésperas de feriádo descançár dos dias de aula, a fim de tirar da rua e dos poucos burguêzes que a abitávão uma vingança semanal do aborrecimento quotidiano.

Por fim o barão chegou são e salvo á ospedaria dos Três-Mouros, em que peixou o cavál.o entrégue ao cuidado dos criados de cavalariça; porque Bertram não estáva já em estádo de têr cuidado mêsmo com a própria pessôa; depois, tendo mudado de fáto, para não sêr notádo pela populáça do coração de Paris em que queria entrar, foi tomar a refeição da tarde a uma tabérna obscura, a fim de continuar os estudos dos costumes de Paris que lhe importáva conhecêr.

Este exame divertiu o muito.

Reconheceu que os estudantes de Paris tinhão levado a orjia muito alem dos limites que tinha tomádo até então na Touraine.

No meio daquêle pandemónio, viu na penumbra das tabérnas mais dum rôsto amarélo que tinha visto já em qualquer parte.

Entre os gritos e blasfémias, reconheceu pelo timbre e pelo volume do som, como pela enerjia de linguajem, vózes que tinha ouvido berrar e blasfemar em qualquer parte.

Mais duma vês, no meio duma rixa que avia provocádo o seu ár de jentilómem, a sua modéstia, e a sua sobriedáde, viu os adversários metidos de repente em outra queréla e bem depréssa esmagádos ou em fuga.

Os auxiliáres, que o acázo parecia enviár-lhe no momento em que o seu vigôr estáva préstes a cedêr ao numero, parecião não o conhecêr e batêr-se por sua própria conta.

Indo para cáza, admiráva aquêle acázo protetôr, quando de repente lhe veiu á memória a Gorgea-ux-Loups.

Algumas óras mais tarde, Ombert, depois dum sôno léve, tomáva a sua refeição da manhã pensando no seu encontro da véspera e na entrevista daquêle dia, quando a pôrta se abriu bruscamente; levantou os ólhos e viu com espanto aparecêr no limiár o espétro do velho senhôr de Bourdaisière.

O vélho senhôr estáva quázi desconhecivel; o seu ventre caía sôbre os joêlhos, como um ôdre vazio.

Ombert estupéfácto só pôde dizêr:

—E Catarina?...

—Perdida! Roubada! Vou-te contar isto tudo; mas em nôme do céu, meu jenro, tem piedáde dum ómem que não cóme, á trinta e seis óras!

O Barão conhecia o sôgro, deu-lhe a cadeira em que estáva deante dum capão encertádo, deitou um cópo de vinho de Baune numa grande táça que pôs á direita do vélho; depois, cruzando os bráços sôbre o peito, pôs-se a andár de cá para lá no quárto com uma rezignação ferós.

Quando passou o primeiro furôr ao vélho barão, começou uma narrativa que interrompeu muitas vêzes para abafár os ultimos gritos dum apetite antes cançádo que satisfeito, como o de Messalina.

Esta narrativa, despida das interjeições, das exclamações, dos soluços, dos suspiros do vélho senhôr, fês sabêr a Ombert que Catarina tinha sido raptáno trajéto de Roche-Corbon para Bourdaisière.

O vélho senhôr, a principio atádo a uma árvore, depois livre por camponêzes pedira o cavál.o dum dos seus vassálos e ttnha seguido a tôda a brida a liteira, que lhe levava a filha.

Estava persuadido que Catarina fôra levada para Paris, mas tinha perdido o seu rastro um pouco antes de Melun, onde só o preço do cavál.o, moído e quazi a morrêr, o tinha impédido de morrer de fóme no caminho; porque se tinha arrastado a pé até a Paris, e êste trajáto levára-lhe dois dias.

Emfim, disse terminando, esgotado pela necessidade e pela fadiga, expulso como truão por todos os estalajadeiros, que farejávão a minha bolsa vazia, chêgo ontem ao fim do dia, á porta do palácio Saint-Pol, oferêndo ao diabo primeiro a vós, meu jenro, depois a minha filha, depois a minha parte da outra vida, tudo por um bocado de toucinho e uma fatia de pão...

Aqui o vélho senhôr levou a táça aos lábios e pôs-se a beber aos gólos.

—Então?! Então?! Então?!

Bourdaisière proseguiu:

—E um bocado de pão; porque a fóme, meu jenro é má conselheira; num banco de pedra, cisse eu.

De repente vejo sair do palacio um bando de cavaleiros nóvos, reconhêço os dois senhôres que dirijirão o rapto de Catarina; lanço-me adeante do primeiro, agarro-lhe o cavál.o pela rédea, péço-lhe, ameáço-o, digo-lhe que ou me á-de dar a filha ou cálcar-me aos pés do seu cavál.o.

—Que é isto? dis êle rindo. Cá está o espétro que fês endoidecêr o réi, meu irmão.

Ao ouvir éstas palávras reconhêço o duque de Orleans, que aproveitando-se do meu espanto, tira das minhas mãos a rédea do seu cavál.o e se pôi a galopar; um dos do séquito atira-me á lama, e teria sido calcádo aos pés dos cavál.os, se um pájem, saindo de repênte do palácio, não tivesse vindo ajudár-me a pôr-me em pé. Ia-lhe agradecer tantos cuidádos, e perguntar-lhe se por acázo éra da mêza do rei ou dalgum principe, quando me disse éstas bréves palávras:

—Que êste incidente, senhôr, vos ensine a uzar de prudencia; vóssa filha, saiba, está ôje em logar seguro e ao abrigo da perseguição do principe. Quanto a seu jenro, está ospedádo lá para os ládos da Universidade, na ospedaria dos tres mouros, onde a cozinha é excelente.

Ao terminar, disse uma palávra bárbara, que devia servir-me de passe e dár-me acésso até junto de ti e desapareceu.

Diriji-me então para a Universidade e cheguei á ospedaria dos Tres Mouros, que cheirava como um balsamo.

Érão seis óras da tarde. Tinhas entrádo, depois tornádo a sair; o felis Bertram já não estava em estado de me reconhecer; Flint que poderia reconhecer a minha identidade, estava no quarto onde o tinhas deixado fechado. Tinha esquécido a palávra de passe! O estalajadeiro foi infléxivel, fechou me a porta.

Dezesperádo, desci para o Sena revolvendo na cabêça projétos sinistros; mas parei na praça do Petit-Chatelet: lá, puz me a rondar em volta das cozinhas e dos assadôres, que, todos, nêste maldito país exijem pága adeantáda. De repente ouve se um tumulto em uma taverna. Entro e assento-me deante do prato dum ómem que eu vira levantar e sair precipitadamente e deitar a corrêr para a ponte Saint Michel. Não sabia que aquêle ómem acabáva de batêr no dôno da cáza; sou prêzo em seu logar pelos cavaleiros da ronda, antes de ter comido migálha, meu jenro! Em ferros, lembra-me a palávra de passe, qualquer coiza com *allahkerin*. Ia-me sendo fatal! Adormeci blasfemando. Esta manhã emfim, dão por o engano: sou pôsto em liberdade, arrasto-me até aqui, como pósso; e só uma coiza me espanta, ter readquirido tão depréssa o habito de comêr e bebêr que eu julgava perdido!...

(Continúa).

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...
Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicaçõis com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Téte d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saueisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Jozé Marques Ladeira & Filho

4, PRAÇA 8 DE MAIO, 5

COIMBRA

Canalizaçõis para agua e gás

ACYTILENE — instalaçõis completas.

Tubos de ferro, chumbo, latão e lôna.

Lústres de cristál e bronze, candieiros e lanternas para gás. Retrétes, tinas, lavatórios e urinóis.

BICOS D'INCANDESCENCIA, *sistéma Auér.*

Máquinas para aquecêr agua para banho.

Autoclismos, torneiras e agulhêtas.

Fogõis de cozinha e sála.

Fogareiros a gás, acetiléne, petróleo e alcool.

Bombas de todos os sistêmas.

Preços rezumidos em bombas de relójio.

Aparélhos elétricos: Cartão e corda d'amianto, borrácha e folha.

Filtros sistêma Pasteur.

Toma-se conta de qualquer encomenda e executa-se qualquer obra por mais importante que seja, tanto na cidade como fóra, tomando os seus proprietarios inteira responsabilidade.

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestaçõis e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condiçõis do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONÓGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande colécção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã
e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno:— *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo:— *Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro—Preço 200 reis

Deposito em Coimbra—PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias—Publicação semanal

Diretóra: D. LEONOR MALDONADO

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e colloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 1$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada,* a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand Jozé Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

Macario da Silva

E

José Falcão Ribeiro

ADVOGADOS

Praça 8 de Maio, 37

(Em frente ao tribunal)

JARDINEIRO

MANUEL CALDEIRA, de 37 annos de edade, de Sernache dos Alhos, oferece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nésta cidáde ou imediaçõis.

Tem longa pratica daquêle serviço, pois estêve durante 16 ânos, efétivo, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr póde procura-lo em Sernache dos Alhos.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

PROGREDI ET PRODESSE

ADEGA REGIONAL DE ENTRE DOURO E LIZ

COIMBRA

Installação provisoria: rua da Sota, n.º 8

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miudo

Tabella de preços de venda a miudo (15 de outubro de 1904)

Marcas	Garrafão de 5 litros	Garrafa de litro	Garrafa bordaleza
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	550	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção.— *Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.*

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12—Rua da Moeda—14

N.º 959 | COIMBRA — Domingo, 4 de dezembro de 1904 | 10.º ANO

A relijião e a república

E' vulgar ouvir a alguns galopins eleitoráis ecleziasticos, para justificar a sua intervenção vista com estranhêza nos logares em que a instrução do pôvo tem adquirido maior dezenvolvimento, palavras contra os républicanos que aprezentão como inimigos intranzijentes de qualquer relijião.

Não é assim. O partido républicano respeita, como deve, as ideias relijiózas de cada um, não atáca a relijião católica, como não combate a protestante, nem se levanta contra a relijião judaica ou de Mafoma.

O partido républicano respeita a liberdade de todas as consciencias.

O partido republicano não atáca nenhuma relijião, nem dá tão pouco a nenhuma priviléjios e garantias sôbre as outras.

O partido republicano quer a liberdade completa de consciencias, dezeja por isso a separação da Igreja e do Estado.

Só assim cada um póde ter inteira liberdade de consciencia.

Póde ser-se republicano e sêr-se relijiózo, não á porém nenhuma relijião que se imponha á republica como necessidade social.

Póde-se ser republicano e ser relijiózo, póde-se ser republicano e não ter relijião alguma, porque o ser-se républicano póde impôr-se á consciencia individual pelas razóis scientificas mais complicadas e transcendentes como pelos motivos da maior simplicidade demonstrativa.

Para se ser republicano não é necessário uma vida longa de estudo, nem a prática da luta politica, póde-se ser républicano não por exijéncia de grande desenvolvimento intelétual, não por determinação rezultante do conhecimento da vida politica dum país; póde-se ser républicano por uma simples impozição da dignidade umâna, da própria dignidade.

E é-se assim, consciêntemênte, um ótimo cidadão républicano.

Para ser républicano basta não querer passar por direito de erança para o dominio dum rei, como passão por erança de páis a filhos os bois da lavoira e os pórcos do chiqueiro.

Para alguns, ser républicano, é um fenómeno compléxo, em cuja jeneze figura o conhecimento perfeito da sciência, o conhecimento perfeito da vida.

Para alguns, ser républicano equivale apenas a uma manifestação izolada, dum único estado de espirito determinado pelo estudo e pelo saber, é uma fórmula apenas do ódio ao preconceito.

É-se então anti-monárquico, como se é anti-relijiózo.

Para alguns, o ser républicano é uma função patriótica dependente do conhecimento perfeito da organização dos sistêmas politicos. Muitos ignórão até a istória das relijiós que poderião robustecê-los na sua fé.

Os républicanos portuguêzes não trabálhão contra esta ou aquela relijião; porque trabálhão apênas pela República.

Se ás vêzes se tem aprezentado em atitude contrária á relijião do Estado, é porque querem a mesma liberdade para todas as consciencias.

Essa só poderá realizá-la a separação da Igreja e do Estado.

Só assim poderá avêr liberdade relijióza completa para todas as relijiós.

A necessidade politica da relijião não se fás sentir e o Estado não tem o direito de se impôr á consciencia de cada um, que no seu fôro intimo optará pela relijião que melhor lhe parecêr.

A relijião, dominando as consciências póde ser uma árma politica prejudicial ao progresso da umanidade, como demonstrão os grandes conflitos sociais.

A' por isso toda a vantájem em conservar distintos separados a Igreja e o Estado.

A fórmula — o trono e o altar o estado e a igreja não é a dos partidos de progresso; assinála na istória o último grito dos sistemas politicos que desaparécem.

As lutas relijiózas tem sido um dos maiores embaraços ao progresso, o partido républicano quer conservar-se lonje délas.

A separação da igreja e do estado é por isso um dos principios do partido républicano em Portugal.

DR. ANTONIO JOZÉ DE ALMEIDA

Esteve na sexta feira em Coimbra, de passajem para a sua terra natal, o nosso amigo dr. Antonio Jozé d'Almeida, mêmbro da comissão organizadora do partido republicano no sul do país.

O nósso amigo pouco se demorou, mas prometeu voltar no dia 8 a tomar parte na sessão de omenajem ao dr. Bernardino Machado.

Boa e felis viajem.

Muzeu de antiguidades

O numero de vizitantes a este muzeu no passado mês de Novembro foi de 165.

Como se vê, continua sendo vista com interésse esta instituição, uma das mais activas de Coimbra, e uma das que mais próva a favôr do dezenvolvimento que os estudos de istória da arte portugueza tem tido sempre nesta cidade.

Ultimamente deu entrada uma pedra, tendo dentro de uma tarja esculpida a inscripção — *Divitiae pauperis* — as riquêzas do pobre.

E' trabalho do principio do seculo XVII e assinalava na antiga caza da mizericordia, na rua do Visconde da Lús, o portão gradeado de ferro que abria para a caza do coire daquéla instituição.

Regressou de Lisboa o sr. conselheiro Pereira Dias, que veio, como de costume, propozitadamente para prezidir á festa da distribuição dos premios aos estudantes da Universidade.

O sr. reitôr dará na noite da distribuição dos premios, em onra dos estudantes classificados, o baile que na linguajem academica é conhecido pela pitorêsca dezignação de baile dos ursos.

No dia 9 averá feriado nas aulas da Universidade.

SESSÃO SOLÉNE

Por iniciativa dos estudantes, que fórmão o Grupo de livres pensadôres em Coimbra, no dia 8 realizar-se-á no teatro Principe Real, uma sessão de omenájem ao sr. conselheiro Bernardino Machado.

Reunem-se assim no mêsmo dia as féstas aos estudantes premiádos da Universidade, e a omenajem a um dos professôres que mais a onrão pela sua intelijencia e pela independencia do seu caráter.

O grupo que promóve esta manifestação, a terceira das grandes consagrações de estudantes a professôres que têmos visto na Universidade, acaba de dirijir aos lentes da Universidade a seguinte carta, em que claramente indica o espirito desta festa.

> Il.mo e Ex.mo Sr. — Tencionando o Grupo de Livre Pensamento, de Coimbra, realizar no dia 8 do corrente uma sessão de omenajem ao ex.mo sr. dr. Bernardino Machado, e dezejando que nessa sessão se destaque dum modo altivo e onrôzo a atitude de tôdos os lentes que apoião as ideias expendidas na oração de sapiencia feita êste âno na Universidade, vimos por êste meio convidar V. Ex.ª para — cazo V. Ex.ª seja daquêles que sentem como nós a verdade das palavras do ilustre catedrático pronunciadas na sala dos capêlos e estão comnôsco nesta obra de civismo e de ombridade moral, — assistir a essa sessão e assim afirmar com a sua prezença a sua adezão ao nosso áto.
>
> A sessão deverá realizar-se no teatro principe real, pelas 2 óras da tarde.

Manuel de Arriaga, Magalhãis de Lima, Antonio Jozé de Almeida e Afonso Costa, a quem a comissão se dirijira convidando-os para onrarem com a sua prezença a fésta ao dr. Bernardino Machado, respondêrão anuindo entuziasticamente ao pedido que lhe avião feito e manifestando tôdo o seu aplauzo pela patriótica festa.

Falará tambem o dr. Antonio Luís Gômes, ainda o âno passado tão aplaudido em Coimbra pelo seu sabêr e pela sua eloquencia quente e dominadôra, satisfazendo assim aos dezejos da comissão que muito se empenhava em obter a colaboração dum dos vultos mais importantes da democracia portuguêza.

Estão tambem inscritos para falar Anibal Soares e Lopes de Oliveira, cujo nôme é jé onrozamente conhecido no mundo literario português.

Alem da sessão soléne publicar-se-á um número unico de omenajem a Bernardino Machado, em que colaborarão os principáis vultos do nosso país, e alguns dos nômes mais conhecidos no estranjeiro pelos seus trabalhos sôbre pedagojia.

Este número não sairá no dia da sessão soléne, porque deverá trazêr a descrição da festa e os discursos pronunciados nela.

Espéra-se resposta ao pedido da comissão do grande poéta Guerra Junqueiro, Alexandre Braga, Jozé Caldas, Bazilio Téles, Nunes da Ponte e outros.

A sessão déve começar depois das duas óras da tarde.

Arco d'Almedina

Para construção de um novo café, andão-se fazendo no arco d'Almedina obras para que chamamos a atenção da autoridade competente.

O cunhal da antiga e istórica torre, onde estava colocádo antigamente o sino da cidade fica dentro da edificação, onde agora se realizão as obras, e que se fês com bem pouco cuidado na conservação e solidês dêste monumento.

A torre e porta d'Almedina são um monumento istórico conhecido, e andão dezenhados na edição de luxo da obra de Oliveira Martins — *A Vida de Nun'Alvares*.

Além do valôr como monumento da istória patriotica de Portugal, o arco e porta são um curiôzo documento para a istória do trabalho nacional.

Como de costume, tem sido dos mais perseguidos pelos construtôres modernos o pobre monumento. Abrirão-se-lhe portas novas, minárão-se as parêdes e a torre deu já um pouco de si.

Uma vês, um maniaco sonhou que por detrás da pedra que reprezentava a mulher nas antigas armas de Coimbra que estávão esculpidas por cima da porta, se ocultava um tezouro.

Pediu licença á camara para o procurar, e a camara deu-a.

Assim foi destruido em parte aquêle antigo documento do brazão da cidade de Coimbra.

Agóra andão roçando o cunhal; parte das pedras estão no ar, e não poderá ir-se mais adeante sem atentar contra a solidês da torre, que, a todo o custo, cumpre conservar.

Seria bom vêr mesmo se o proprietario deverá sêr obrigedo a fazer o cunhal para garantir a segurança da tôrre, ou se convira expropriar o predio para utilidade publica.

A obra que se está fazendo não póde deixar de sêr vistoriada pela camara.

Se alguma coiza chama jente a Coimbra não são os cafés ostentózos, nem naquéla pocilga se poderá fazer nada de jeito, o que dá interésse a Coimbra são os seus velhos e istóricos monumentos.

Urje olhar por êles, que não são êles tantos.

Reproduzimos noutro logar o artigo de Enrique de Vasconcélos no *Novidades* sobre os azulejos do Bussaco.

Continua na admiração do caválo épico que vae ficar imortalizado nos azulejos.

Com respeito á incoerencia de fazer azulejos com espirito dos seculos XVIII e XIX para decorar um edificio concebido no espirito da renascença, nem palávra.

E teria sido tão fácil fazer uma obra armónica!

E tão barato...

Sarjêntos novos

Fôrão nomeados aspirantes a facultativos do Ultramar com a graduação de sarjentos os srs. Antonio Corrêa dos Santos, Carlos Jozé Cardôzo Pereira Lapa, Jozé Pinto Meira e Viriato Borjes Pereira.

Tem continuado as experiencias das carruajens automotrizes vindas de Bordeus para a Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Espéra-se para breve a inauguração do serviço entre a Amieira, Figueira e Alfarélos.

De grande vantajem seria o estabelecimento de um serviço entre Coimbra e Luzo, sobre tudo no verão.

Com isso lucraria a Companhia e os excursionistas que vizitão Coimbra e que, muitas vezes, deixão de ir ao Bussaco por falta de comboio a óras cómodas.

Passou o primeiro de Dezembro sem mais festas que a iluminação na camara e Coléjio Mondêgo, e alvoradas e marchas pela filarmónica *Boa-União*, promovidas por êste coléjio.

Durante o dia o estourar monótono de foguetes espaçados de dinamite.

Uma semsaboria ruidóza.

BRIC-A-BRAC

¡AINDA A BATINA!

I

Quando acabou a *Ordem Publica*, Vicente da Silveira mudou para *O Conimbricense*.

Mudou e apurou-se....

O folhetim, que saiu no número 394, intitulava-se triunfantemente ¡A batina!

E' dificil encontrar nada tão pensádamente estúpido.

Lá vai:

Se observamos a marcha vagarosa e lenta da humanidade, tanto no seu progresso, como na sua decadencia, desde os tempos, em que a historia pondo de parte velhas superstições se costumou a ir buscar a verdade dos factos na propria natureza das coizas; se consultamos todos esses velhos monumentos expostos por tantos seculos ao rigor das estações, e que de geração em geração tem sido legados á posteridade, monumentos que fazem hoje o nosso espanto, a nossa vergonha...; se finalmente levados pelo mesmo espirito indagador formos ainda procurar nessas casas-museus uma testemunha material, que tenha assistido á transformação de todas essas epochas, que precederam aquéla em que nos achamos ¿que devemos concluir?

Que a humanidade de hoje é tão differente da humanidade d'aquelles tempos, como todas as suas instituições, como todos os seus habitos, os seus usos, os seus costumes.

¡Que grande descoberta! me direis vós. — Esperai.

O homem d'aquelles tempos era dotado de maior estatura; seus musculos eram mais vigorosos; suas fórmas mais variaveis; seu porte mais nobre; seus movimentos revelavam mais agilidade, mais vida; emfim, o homem era o *homem*.

Mas neste ser soberbo da creação não ha só materia: elle fórma um composto maravilhoso de duas substancias differentes, mas que se harmonisam, que se auxiliam, que se desinvolvem, que se aperfeiçoam, que se definham, que se *aniquilam* conjunctamente.

¿Que aconteceu pois? — Que o homem, tendo chegado á sua virilidade se encaminhou depois seguindo as leis d'uma providencia inevitavel, para a velhice, para a decrepitude; que a sua actividade foi deminuindo á medida que a sua materia, o seu espirito foram sendo abandonados por forças vivificantes da natureza, que o haviam levado ao apogeu da vida.

O que dantes era gigantesco — é hoje acanhado, rachitico: as grandes acções tem sido substituidas por *pequenos* signaes de existencia: as grandes ideias por pallidos clarões da imaginação; finalmente a razão movida hoje por molas desgastadas, deslocadas — perde-se, embaraça-se na sua propria debilidade e importancia, e apenas póde occupar-se do que existe.

Naquellas épocas o vestido do homem eram algumas arrobas de aço; hoje apenas elle póde supportar algumas onças e lã, de algodão, ou seda; naquellas épocas erguiam-se edificios, que vieram dez seculos depois dizer-nos: eu affrontei ou rezisti a todas as forças desencadeiadas da natureza para vos contar a historia das gerações passadas; hoje erguem-se edificios, que apenas nos podem recordar balbuciando a ignorancia; a debilidade dos nossos contemporaneos; naquellas épocas descobriam-se as leis, que regem o mundo physico, sulcavam-se mares procellosos, procuravam-se lá lonje novas rejiõis, novos mundos; hoje apenas se fazem algumas applicações, se previnem alguns perigos, e mal se conhece

o paiz, que nos viu nascer; 'naquellas epocas, emfim, havia gosto, havia poesia; hoje apenas ha exquisitisse, semsaboria...

Mas ¿ a que vem tudo? Para mostrar-vos em poucas linhas, que somos uns imbecis, quando nos occupamos com menos respeito dos nossos antepassados; e que deveramos esconder o rosto, que se nos cobre de pejo, quando fallamos em progresso.

II

A batina dis-nos o que foi, o que é, o que póde vir a ser o estudante; e quem diz estudante — diz *Universidade*, diz *Coimbra*. A questão pois da batina não e tão *mesquinha*, que não valha a pena conceder-lhe algumas horas *d'ocio*, para a esclarecer pela imprensa; e se quereis ainda mais uma prova, não tendes mais do que escutar os *uniformistas*, que d'ella se occupam ha annos, e que a tem tornado n'estes ultimos dias um objecto jeral de *discnssão*.

Os argumentos por menos fundados, que sejam, em quanto a imprensa se não apossa d'elles, podem seduzir, arrastar mesmo, se se tem a arte de os saber envolver numa pouca de *eloquencia*, de *popularidade;* e mesmo se se lhe póde dar um certo ar epigrammatico, que desafie a hilaridade dos ignorantes. Mas depois de gravados no papel, elles são o ridiculo, a morte de quem os formulou; e o effeito por conseguinte é inevitavemente contraditorio aos primeiros resultados.

A batina é, por assim dizer, um livro, .em que um homem de reflexão tem muito que aprender. Ella seguiu-se á creação da Universidade, que apesar de tudo, e sustentada no justo orgulho do seu antigo esplendôr, tem sabido resistir aos golpes mais terriveis da ignorancia, inoculada no cerebro de meia duzia de litteratos presumpçosos...

O *amor* da batina naquellas épocas, e o *odio*, a aversão, que hoje inspira, não prova senão o qne ha pouco dissemos: que a actividade do homem; isto é, o seu desenvolvimento intellectual e physico, tem decrescido consideravelmente com a sua materia, com o seu espirito... *

¡Santo Deus! gritará alguem: pareceis querer dizer-nos, que cada vez nos bestificamos mais e que já não ha progresso possivel!

Nem uma coisa, nem outra, se entendeis a bestificação pela ausencia do espirito, e o progresso pela civilisação. O espirito ha de ser acompanhar no homem as modificações da materia; mas ha de existir nelle, em quanto elle fôr homem. O *progresso* é o *adiantamento*; e a civilisação o *aperfeiçoamento*. Admitto este ultimo no estado actual das nossas forças; mas nego o primeiro pela apreciação logica dos factos.

E todavia vos quereis *progredir*, quando já vos custa *civilisar*; e inchados de orgulho — eis vos ahi todos dispostos a derrubar na vossa impotencia e irreflexão, o que os vossos antepassados elevaram em todo o seu vigor, e inquestionavel bom senso ¿ O que vos justificaria pois?

A batina é uma d'aquellas sabias concepções, que se produzem raras vezes, porque nem sempre apparecem homens como os que legislaram sobre as instituições da Universidade.

A batina é o unico trajo, que póde accommodar-se á indole, á posição, ás circumstancias do estudante; ella convém tanto ao pobre como ao rico: satisfaz a todas as condições.

A batina harmonisa-se admiravelmente com o caracter reflexivo e grave do homem de sciencia, ao mesmo tempo que se presta, favorece, auxilia, anima de certo modo o caracter desenvolto, livre do estudante: ella casa-se com o seu natural abandono, ou deixa lhe mil meios de ostentar um certo apuro, uma certa elegancia, que attrahe, que seduz pela sua simplicidade, pela sua modestia.

A batina faz desapparecer o desnivelamento entre o pobre e o rico; o aristocrata e o democrata: ella prende a todos nos mesmos laços; torna-os irmãos; porque a batina quer dizer estudante; e o estudante — *amor da sciencia, nobreza de sentimentos*.

Desafio-vos por tanto a que lanceis por terra *uma só* destas proposições; e se o conseguirdes confessarei que tendes razão em tudo o mais.

E o quereis dar em troca d'esse trajo, que tanto guerreaes?

Um bonnet de vivos, um casaco azul, umas calças pardas,

E ¿ que vedes ahi de commodidades pelo menos, que excedam as do nosso antigo uniforme? Se as ha — apontai-nol-as, que as não descobrimos; se as não ha — é uma purilidade o vosso projecto; se são inferiores — é o que já vos disse: o odio pela batina; e por conseguinte por tudo o que é velho.

Não sustentarei que a batina deva continuar a ser o que tem sido até hoje; e já vos dei disso uma prova apresentando um projecto de modificações, que conheceis. Se o sustentasse, não só negaria a possibilidade de civilisação que ha pouco vos concedi; mas iria dar ainda n'outra contradição, que vós me não desculparieis facilmente.

¡Pois que! desde essa idade viril tudo tendo vindo modificando se, decrescendo, materia e espirito; e só a batina tem podido e deve escapar á acção da fatalidade! — E terieis razão.

A batina precisa por tanto ser modificada; mas não deve ser substituida pela influencia d'um disparate. Os hombros, que sustentam hoje uma capa e uma loba não são tão *largos* tão *vigorosos*, como eram os dos que nos precederam; o espirito acompanhando esse quebramento da materia, mais *fraco*, mais *ligeiro* agora, não pode comprehender o gosto, a poesia d'aquellas epocas; é preciso pois, que essas modificações se harmonizem quanto possivel com a nossa constituição de hoje enferma e debil, com o gosto, com a poesia em fim do nosso actual espirito....

Modificae pois a batina; mas não a aniquileis; porque os que nos succederem vos anathematisarão: acreditai n'isto.

Se o meu projecto de modificações vos não agrada — apresentai outro melhor: não vos quererei mal por isso; poque nunca tive a presumpção de me julgar isento de erros, tomando muitas vezes o peor pelo melhor. Deixai-vos de epigrammas por *de traz da cortina;* porque os epigrammas não provam nada: vinde para a imprensa; e não estranguleis com um *abaixo assignado* a pobre batina — Só porque é *batina*.

394 — 3 de Novembro de 1857.

Que filozofia, perdão...

¡Que philosophia!

Isto até é mal empregado ôje.

Era peça para dia o 8 de Dezembro!

E' clássico.

E' universitário.

Está a pedir charanga....

T. C.

O sr. Jozé Patricio Fernandes, negociante uo Brazil, pôs ao dispôr do sr. inspétôr primário de Coimbra a quantia de 500$000 réis para a construção duma escóla em Trevõis.

AZULEJOS

Quando Jorje Coláço expôs na Sociedade Nacional de Belas Artes alguns *panneaux* em azulêjo, tive ocazião de assinalar, com o merecido elojio, essa tentativa de resurjimento dum processo e duma arte, que embora orijinarios de terras estranhas de tal fórma se divulgárão entre nós, que bem podêmos considerá-los como nacionáis.

Não era a primeira tentativa. Outras tinhão sido feitas por Rafael Bordalo Pinheiro, mas sem espirito de *suite*, um dos multiplos e fogózos brilhos dessa opulenta fantazia sempre a crear coizas nóvas para abandoná las, e seguir para deante, a abrir caminhos nóvos.

A tentativa do sr. Jorje Colaço foi coroada de exito. Tôdos admirárão o movimento e a armonia das composiçóis, sabia como recuava os planos, pondo nos derradeiros um vago de nevoa, um indefinido de sonho, que lhes aumentávão o encanto.

A obra dos srs. Jorje Colaço e Gômes Fernandes não tem apênas o aspéto duma tentativa. E' uma industria nova, creada com elementos fórtes de vida intelijentemente dirijida.

Uma encomenda do Estado para o Ótel do Bussaco veio dar o definitivo impulso. O sr. Jorje Coláço pôde fazêr grande.

Teve ocazião propicia para manifestar o seu talento e a sua orientação segura. Pensou e muito bem, que não deviamos continuar, parados, a copiar o azulejo antigo por mais bélo que fôsse; a arte moderna deve empregar todos os seus recursos; abdica de si, aniquila-se, se cruzar os braços na contemplação daquilo que foi o modo de sêr de outras épocas, manifestação de sentimentos diferentes e de diversa cultura. Não podêmos dezenhar do mesmo modo que os injénuos primitivos; êsses artistas candidos, desconhecedôres de perspétiva, que fazião corrêr caçadas nos azulejos antigos, não tinhão teorias estéticas, Dezenhávão assim, um pouco á maneira dos ejicios, sobrepondo os planos, porque não sabião fazêr de outra fórma.

O sr. Jorje Coláço nos seus quadros para o Bussaco fês verdadeira compozição. Os planos estão seguramente marcados por meio de degradaçóis perfeitas. Lembrou-se da teoria de Chavannes, de que a decoração não déve prejudicar a arquitétura e deixou nos seus *panneaux* os longiquos vaporózos, com ramádas léves de pinheiros mansos.

Fês paizájem portuguêza, com as nossas árvores, as nossas colinas, os nossos moinhos de vento, poéticos e injénuos. Os assuntos dizem a nossa glória passáda, bôa de lembrar na mizéria prezente, principálmente agóra que se rásga uma auróra nóva.

Em tôdos êsses quadros, até nos de batalha, até naquêle em que um cavalo de combate sem cavaleiro já, cái, á uma dôce poezia, que vem das paizájens, que o artista com uma fina emoção esfuma, como essas imajens que se nos dezenrólão, á noite, junto ao fogão, lijeiras e brilhantes como a chamma, mas vagas como a névoa que véla as árvores dos jardins fronteiros.

H. de V.

No sul de Angola

O sr. major Eduardo Costa, continua com o seu chefe de estado maior, a preparar o plano de operaçóis e organização de expedição além do Cunene.

Dis-se que a expedição será transportada em vapôres da Emprêza Nacional de Navegação, levando cada transporte 800 ómens.

Já partiu para Loanda, a fim de tomar pósse do logar de governadôr jeral de Angola, o sr. conselheiro Antonio Duarte Ramada Curto, acompanhado do chéfe de estado maior da provincia e dos seus ajudantes de campo.

O sr, Ramada Curto é um funcionário onésto, mas não nos paréce de grandes vistas e de largas iniciativas como pédem na atualidade, os problêmas coloniais.

O sr. ministro da marinha num dezêjo muito louvavel, de sabêr a quem cabem as responsabilídades do dezástre no Cuamato, publicou a seguinte portaria, que Deus queira dê rezultádos:

«Sêndo insuficientes para a apreciação compléta das cauzas do dezástre sofrido em 25 de setembro do ano corrente, por um destacamento da coluna de oper çóis na marjem esquerda do Cunene, os documentos oficiais atê ôje recebidos na Secretaría de Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar; e tornando-se indispensavel apurar, com a maior segurança e imparcialidade, tôdas as circumstancias que pôssão avêr influido, diréta ou indirétamente, sôbre um acontecimento que tão grande e justa mágua cauzou a tôdo o país: á por bem Sua Majestáde a Rainha Senhora D. Maria Pia, Rejênte em nôme do Rei, determinar que o governadôr jeral de Angóla, conselheiro Antonio Ramada Curto, logo que assuma as funcçóis do seu elevado cargo, mande proceder a um urjente e rigorôzo inquerito, ácerca das mencionadas circumstancias, e de quaesquer fáctos correlativos, tendo em vista, não só o que consta dos dítos documentos oficiais, como tambem o que sobre o lastimavel dezastre foi afirmado nas Côrtes, por alguns dos reprezentantes da nação, e na imprensa.

Outrosim á por bem determinar a mesma Augusta Senhôra que, findo o ordenádo inquérito, sêja lógo remetido á dita secretaria de Estádo, a fim do govêrno rezolver o que fôr de justiça.

O que se comunica ao governador jeral de Angóla, conselheiro Antonio Duarte Ramada Curto, para seu conhecimento e devidos efeitos.

Paço, em 24 de novembro de 1904. — *Manuel Antonio Moreira Junior.*»

O GOVERNO

Paréce que vão mosquitos por cordas no seio do gabinête. Os ministros não se entendem nem podem entender-se. E' certa uma próxima crize, que deve manifestár-se entre a chegada dos reis e a abertura do Parlamento, em 2 de janeiro.

O sr. Pereira de Miranda, que cometeu a baixêza de garantir a impunidade do chefe Anes, da policia do Porto, e que para isso recebeu imposiçóis muito do alto, cada vês se entende menos com os seus correlijionários. Pedem-lhe faciozismos, reclámão lhe meios incorrétos para garantir a vitória eleitoral em muitos circulos, e êle, atarantado, não se julga com envergadura para êsse papel odiôzo e mesquinho. Nem o sr. Jozé Luciano, que aliás parece estima-lo, se conforma com tantos escrupulos. E vai dizendo já que, decididamente—não serve para aquilo.

Com o sr. Miranda, está o sr. Moreira Junior, que todas as manhãs ou quázi todas, vai a cáza daquêle, na Avenida, para carpirem juntos as suas maguas. O sr. Moreira já se convenceu demaziadamente de que não nasceu para ser ministro partidario e de que ser medico, curar e salvar o proximo, é muito melhor que aturar os correlijionários. Mas lá foi mandando o sr. Verissimo para a comedia da Lunda, lá autorizou a compra de mais camêlos, e lá tem abafada a sindicancia á secretaria do respétivo govêrno.

O sr. Eduardo Jozé Coelho está animado das melhores intençóis de tirar a manjedoura a todos os regeneradores. Mas quer politica partidaria, quer favores para a clientela, e por isso não se entende muito bem com o sr. Miranda.

O sr. Alpoim está mais indignado que os proprios regeneradores com a devastação dos comissários réjios e outros parazitas, e cheio de odio contra o sr. Miranda por não fazer politica partidaria.

O sr. Espregueira acabou um pouco com a tutéla que sobre éle exercia o sr. Alpoim, está mais anti-rejenérador, dezinteréssa-se sobremaneira das questóis partidárias, mas não se confórma com o dedicado empenho que móstrão os srs. Jozé Luciano e Pereira de Miranda em querer, através de tudo, conceder o excluzivo dos tabacos á Companhia dos ditos.

O sr. Sebastião Téles mantém-se anti-rejeneradôr, pela simples razão de se encontrar ao lado do Ex-Traga Almirantes o sr. Pimentel Pinto.

Nestes termos, é fatal a crize, e proxima.

Mas com que solução? buscando os elementos mais onéstos ou os mais desconceituádos? A segunda ipóteze é a mais provavel. Os progressistas esfómeádos trabálhão afanózamente por preparar uma situação em que o sr. Alpoim tenha preponderancia. E assim é possivel que as eleiçóis se fáção com um governo que tenha por ministro do reino o sr Alpoim.

E' claro que achamos magnifica a solução, porque tanto menos cotados fôrem os governos da monarquia tanto melhor.

Iluminação

O sr. tenente-coronel Andrade concessionario da linha americana, e que, como noticiámos no nosso ultimo numero, conta montar em bréve nesta cidáde a tração elétrica, anda estudando tambem a iluminação do cáis, rua Ferreira Bórjes e Visconde da Lús pela elétricidade.

Seria na verdade cáminho aberto para o estabelecimento da iluminação pela lús elétrica em Coimbra, e os locáis para experiencia são bem escolhidos.

O cais, o grande largo da Portájem, são ôje duma falta de iluminação muito propicia ao amôr, mas muito fóra da comodidade publica.

Alem disso a iluminação pela elétricidade não póde nem deve substituir-se de repente á iluminação a gás.

Léva tempo a aprendizájem do pessoal, e nos primeiros tempos são frequentes as interruçóis de lús que deixarião a cidade ás escuras. Pouco a pouco se déve procedêr á substituição da iluminação que poderia não se fazêr, como em algumas cidades na totalidade da área da cidade.

Bom é que se faça qualquer coiza nêsse sentido e quanto ántes,

EDITAL

O Doutor Jozé Pereira de Paiva Pita, provedor da Santa Cáza da Mizericórdia de Coimbra:

Faço sabêr que tendo a Mêza da Santa Cáza da Mizericórdia de procedêr ao provimento de dótes a órfãs póbres do concêlho de Coimbra, na fórma do seu Compromisso e regulamento, rezolveu reunír-se em sessão especial no dia 31 do corrente mês, pela óra do meio dia, a fim de recebêr as petiçóis de dótes, que devem sêr entrégues pessoalmente á Mêza pelas próprias orfãs que pretendêrem sêr dotadas nos têrmos dos §§ unicos dos artigos 113.º e 118.º do dito regulamento.

Táis petiçóis devem sêr instruidas com os seguintes documentos:

1.º Certidão de idade;

2.º Certidão de óbito de pái;

3.º Atestádo de bom comportamento; e

4.º Certidão do competente juizo dos órfãos que móstre a sua pobrêza, e na sua falta atestádo do pároco.

E para constar se passou o prezente que será afixádo no logár do estilo.

Secretaría da Mizericórdia de Coimbra, 1 de dezembro de 1904.

O Provedor,

Dr. Jozé Pereira de Paiva Pita.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES DA BEIRA ALTA

Avizo ao público

Tarifa especial P. n.º 4 — Grande velocidade

Bilhetes de excursão

A partir de 7 de Dezembro próximo futuro e por exijencia da Companhia de Salamanca á Fronteira Portuguêza, deixarão de ser vendidos para as estaçóis daquéla linha os bilhetes da tarifa P n.º 4, combinada entre esta Companhia, as linhas da Companhia Real, do Sul e Sueste, Minho e Douro, Porto á Povoa e Famalicão, Companhia Nacional e de S. F. P., em vigôr desde 1 de Janeiro de 1892.

Lisboa, 29 de Novembro de 1904.

O Enjenheiro dirétôr da companhia,

Marquês de Gouveia.

Foi louvado em portaria do ministerio das obras publicas o sr. Jozé Antonio Ochôa pela fórma como se ouve na direcção da Escóla Nacional de Agricultura.

EDITAL

O Doutor Jozé Pereira de Paiva Pita, provedor da Santa Cáza da Mizericórdia de Coimbra:

Faço saber que, até ás 2 óras da tarde do corrente mês de dezembro, se recébem propóstas em carta fechada, para o fornecimento de cêra para as capélas desta Santa Caza, sendo: 24 vélas de cêra amaréla com o pêzo de 335 grâmas cada uma, 50 vélas de cêra branca com o pêzo de 450 grâmas cada uma: 325 vélas tambem, de cêra branca com o pêzo de 335 grâmas cada uma, e uma serpentina com o pêzo de 750 grâmas.

As propóstas serão entregues na secretaria da Santa Cáza, aonde se áchão patentes as condiçóis da arrematação, em todos os dias úteis, desde as 10 óras da manhã até ás 3 da tarde, sendo abertas perante a Mêza, em sessão desse mesmo dia, fazendo-se a adjudicação do fornecimento a quem por menor preço o fizer, convindo este á Santa Caza.

Secretaría da Mizericordia de Coimbra, 18 de novembro de 1904.

O Provedor,

Dr. Jozé Pereira de Paiva Pita.

SALÃO DA MODA

COIMBRA

Vestidos elegantemente feitos de bonitas *Hungrias* pura lã a 9$000 e 10$000 réis.

Um vestido pronto a vestir por 9$000 réis feito no *Salão da Moda* é dificil de acreditar mas é verdade!

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES DA BEIRA ALTA

Serviço combinado com as Companhias dos Caminhos de ferro de Salamanca á fronteira de Portugal, Medina del Campo a Salamanca e Norte de Espanha.

Avizo ao publico

A partir de 7 de Dezembro de 1904, fica anuláda a tarifa especial B. S. M. N. n.º 7 de grande velocidade, de 1 de fevereiro de 1889, transporte de peixe fresco da Figueira da Fós a Madrid.

Lisboa, 29 de Novembro de 1904.

O enjenheiro diretôr da Companhia,
Marquês de Gouveia.

MARCELINO MESQUITA

LEONOR TELES

(ROMANCE ISTÓRICO)

Grande edição de luxo profuzamente ilustráda com gravuras de pájina a 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impréssa em magnifico papél.

Cadernêta semanal de 24 páginas e 1 crómo ou 32 pájinas de têxto — 60 réis. — Tômo mensal, 320 réis.

Brinde a tôdos os srs. assignantes — Um exemplár grátis a quem enviár a importancia de 10 cadernêtas, tômos ou volúmes.

Em publicação na

A EDITORA, *largo Conde Barão, 60*
Lisboa

EDUARDO DE NORONHA

A ambição dum rei

Obra ilustrada com numerózas gravuras coloridas por Manuel de Macêdo e Roque Gameiro, impressa em magnifico papel.

Cadernêta semanal de 16 pájinas, 40 réis. Tômo mensal, 200 réis.

Um exemplar grátis a quem remetêr adiantadamente a ésta emprêza a importancia de dés cadernêtas ou tômos

Brinde a tôdos os assinantes

Aceitão-se pedidos de qualquer número de cadernêtas e tômos.

A EDITORA, *largo Conde Barão, 50*
Lisbôa

Precizão-se ajentes em tôdas as terras do continente colónias e Brazil.

Aceitão se correspondentes em todas as terras do reino.

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

ORARIO

(Desde 6 de novembro de 1904)

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

Partidas

Do largo das Ameias		Da rua Infante D. Augusto	
8h 30m	manhã	9h	manhã
9	»	9 ,30	»
9 ,30	»	10	»
10	»	10 ,30	»
10 ,30	»	11	»
11	»	11 ,30	»
11 ,30	»	12	»
12	»	12 ,30	tarde
12 ,30	tarde	1	»
1	»	1 ,30	»
1 ,30	»	2	»
2	»	2 ,30	»
2 ,30	»	3	»
3	»	3 ,30	»
3 ,30	»	4	»
4	»	4 ,30	»
4 ,30	»	5	»
5	»	5 ,30	»
5 ,30	»	6	»
6	»	6 ,30	»
6 ,30	»	7	»
7	»	7 ,30	»
7 ,30	»	8	noite
8	noite	8 ,30	»
8 ,30	»	9	»
9	»	9 ,30	»

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Do largo das Ameias		Da estação *B*
3h, 8m	manhã	Depois da chegada dos comboios excepto nos rapidos em que as partidas são logo depois das d'estes.
5 ,51	»	
8 ,13	»	
2 ,30	tarde	
3 ,45	»	
5 ,55	»	
6 ,20	»	
6 ,35	»	
7 ,50	»	
11 ,17	noite	

BILHETES DE IDA E VOLTA

Largo de D. Carlos (Ferreira Borges) á Rua Infante D. Augusto (Universidade) — 70 réis.

SAÍDAS DO TEATRO

Do teatro para cima até á rua Infante D. Augusto — 80 réis.

Do teatro para baixo até ás Ameias ou Casa do Sal — 60 réis.

TEIXEIRA DE PASCOAES

Para a lús

FIGUEIRINHAS JUNIOR
Livraria editóra — Lisbôa

Córtes de colêtes de fantazia, para o invérno, o que á de mais novidáde.

Machado — Alfaiate
Sofia, 58 a 62

Enxovais completos para noivas. Fazem-se com a maior elegancia no
Salão da Moda.
COIMBRA
ATELIER

GABÕES D'AVEIRO

Machado — Alfaiate
R. da Sophia, 58 a 62
COIMBRA

SALÃO DA MODA

COIMBRA

Fazendas, novidade para vestidos de inverno.

Grandes reducções de preços em todos os artigos désta cáza.

JOSE' SAMPAIO (Bruno)

O ENCOBERTO

1 volume, 700 reis

LIVRARIA MOREIRA — EDITORA
20, Praça dos Restauradores
PORTO

TEIXEIRA DE PASCHOAES

Jesus e Pan

Pedidos á livraria editora de José Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras 75 — Porto.

O producto deste livro reverterá a favor duma *Assistencia de creanças doentes* que se vae fundar em Amarante.

PREÇO 400 REIS

CHALET LISBONENSE

Para ôje
A Mórgadinha de Valflôr
Drama em cinco áctos, *do fallecido escriptor Pinheiro Chagas.*

ANUNCIOS

ANÚNCIO

Juiso de Direito da comarca de Coimbra

(2.ª publicação)

Em observancia do artigo 448 § unico do Cod. do proc. civil, se anuncia que, em audiencia de 28 de novembro de 1904, foi proposta, neste juizo, por D. Maria da Conceição de Moura Coutinho d'Almeida d'Éça, ácção de separação de pessoas e bens contra seu marido dr. Artur Duarte d'Almeida Leitão, ambos rezidentes em Coimbra.

Verifiquei a exatidão.

O Juís de Direito,
R. Calisto.

O escrivão,
Joaquim A. Rodrigues Nunes.

Antonio Ferreira Pereira, previne os seus amigos, e freguezes, de que mudou o seu estabelecimento, que estava situado na Avenida Navarro, para a rua de Ferreira Borges n.os 151 e 152.

MOBILIA

Vende se um aparadôr, dois guardas louças, duas secretárias uma estante para livros, uma cómoda, uma montra de cristal, e outras peças miudas.

Para tratar, na Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, 156.

Bolacha Bernardino Machado

A *Fábrica Progrésso* de bolachas e biscoitos, na rua da Moeda, acába de expôr á venda uma nova marca de bolacha em Omenajem ao Conselheiro Bernardino Machado.

Esta nova marca de bolacha encontra-se á venda em todas as mercearias d'esta cidade.

Joaquim Miranda & Filho

CAZA

Arrenda-se o primeiro andar, rua Fernandes Tomás, ponto central da cidade, muitas e boas acomodaçôis, lindas vistas sobre o Mondêgo, agua e gás.

Tráta-se na Praça do Comércio, n.º 14, 1.º

AJÊNCIA FUNERÁRIA
DE
Jórje da Silveira Morais
Coímbra

O proprietário désta cáza incúmbe-se de funerais complétos, tanto na cidade como fóra.

Esta cáza tem uma importante variedade de

Úrnas de mógno

em todos os tamanhos que vende pelos prêços de Lisbôa.

Grande variedade de corôas de todos as qualidades.

Especialidade em *boquets* fúnebres e de gála, banquêtas e ramos para altáres, toda a qualidade de flôres soltas e prepáros para as mesmas, plantas para sálas, flôres para chapéos mais barátas do que em qualquer outra cáza.

PRÊÇOS CÓMODOS

10:000 eucaliptos

Em váras, vendem-se no estabelecimento de orticultura de A. M. Simõis de Castro, rua do visconde da Luz 14.

CAZA

Vende-se uma casa no bairro Oriental de Mont'arroio com os n.os 25 e 27, quem pretender comprar dirija-se ao seu proprietario Alipio Leite, de Gavinhos de Penacova; ou com João Marques Mósca, em Coimbra.

Predio em Coimbra

Vende se um situado na rua do Corpo de Deus n.º 38, que consiste em magnifica casa de abitação com pára-raios, gás e agua de cistérna e da companhia, jardim e quintal com arvores de fructo.

Para tratar, em Coimbra, Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, n.º 156 e, no Pôrto, na rua do Brugnor, n.º 148.

Moveis antigos

Vende-se duas cadeiras de coiro, um contador, uma mezita de custura de pau prêto com pés torneados e uma cama antiga de pau de caixão que pertencêrão ao Convento de Lorvão.

Quem pertendêr póde dirijir-se a Clementina Ribeiro dos Reis, rua do Visconde da Luz; que está encarregado da venda.

DE 3 A 4 CONTOS

Compra-se propriedade rustica ou urbana até êste prêço, desde que seja bem localizáda, e tenha bom rendimênto garantido, ou se emprestão sôbre ipotéca bem garantida.

Carta á administração dêste jornal com as iniciais A. B. C.

(47) Folhetim da "REZISTENCIA,,

O EXCOMUNGÁDO

XVI

A inspéção do campo de batalha

A' muito tempo que Ombert não escutava já; de pé, em frente do velho senhor, a cabeça caída para o peito, as mãos juntas, ganhava paciencia com o ar dum ómem que, de rosto colado á vidraça, espera que césse a chuva para saír. Por fim exclamou:

— Pobre velho! Como a dôr o emagreceu e o envelheceu!.. Que crueis provas! e quando penso que ontem, sem o pájem que o salvou....

Ombert sabia que o sôgro nunca respondia dirétamente ás perguntas que lhe fazião, e tratava de pôr o velho no caminho dos esclarecimentos, sem deixar vêr a sua impaciencia e a sua curiozidade.

O bom jentilómem respondeu primeiro á exclamação que mais o avia impressionado.

— Emagrecido... a dôr... sim! a dôr sem duvida, mas tambem a diéta, meu jenro!...

— Com certeza; mas não posso deixar de estremecer quando penso que sem aquêle pájem....

— A propózito, exclamou Bourdaisière, esse pájem!...

A mina tinha sido bem dirijida, só faltava deitar-lhe o fogo.

— Mas, de facto, como póde esse pájem conhecer tão bem a nossa vida que me désse a tua diréção?

— Ora! disse Ombert que queria saber os sinais do pájem, naturalmente o senhor pôs-se a falar alto na sua dôr e algum bicho de cozinha apanhou na passájem o seu nome e o meu; o jejum tinha sem duvida enfraquecido a sua cabeça e portanto a sua vista.

— Irra! Um bicho de cozinha! Queira Deus!...

Desta vês o forte ia saltar. O velho continuou:

— Falo-lhe dum pájem com o brazão de França, dum rapás nôvo, fino como uma vêspa, bélo como uma rapariga. Se não fosse êle...

— Ora! Não divaguemos. Tudo isso são vizôis, apostemos, meu sogro, que nem viu se esse rapás era loiro ou castanho.

— Se não fosse êle, já disse, estáva eu morto; quanto ao duque de Orleans é um principe de ar real e que monta muito bem a caválo, alem disso ...

— A'! Sim, fale me do duque de Orleans, disse Ombert ranjendo os dentes, e deixemos esse criádo novo. Dizia então que o principe é um bom cavaleiro?

— Castanho ou loiro? Castanho ou loiro, murmurava Bourdaisière.

Ombert mal respirava.

Louro como a penújem da garra de Satan, com olhos azuis como o meu cinturão, quando está bem limpo.

O velho fidalgo era demonstrativo, como meu tio Tobias, e, ao dizer estas palávras, esfregava o boldrié.

Ombert olhou para aquéla péça do vestuário do sôgro e ficou alégre ao vê-la preta como vidrilho preto.

Um moço de cozinha, continuáva Bourdaisière, um moço de cozinha que fála ejipcio e fenicio como um sérvo de majia.

A explozão era completa, e o injenheiro estava srtisfeito.

— Nêsse cázo, disse Ombert que tinha reconhecido Zéa nas comparaçôis elegantes do velho fidalgo, não compreendo absolutamente nada; e, a falar a verdade, tudo isso me paréce misteriózo e inexplicavel; a não ser que, desde que Cristo me renegou, Mafoma tenha rezolvido metêr-se com a minha vida.

O barão não queria meter o sôgro no segredo das suas relaçôis com os boémios; sobre esse ponto ficou mudo, mas deixou falar o seu ódio contra o duque de Orleans, que era evidentemente o raptadôr de Catarina, e meteu o velho nos projétos de vingança que meditava.

As poucas palavras que Zêa disséra dávão lhe uma segurança mediocre.

Compreendia muito bem que Catarina estava livre do poder do principe, mas não cairia nas mãos dêle mais dia menos dia?

Este pensamento torturáva-o; ardía em dezéjos de vêr a boémia e de a interrogar. Mas, qualquer que fôsse a solução daquêle grave problema, em que a sua onra, o seu amôr, a sua vida estávão empenhados, juráva um ódio eterno ao duque de Orleans, e prometia no duélo com inimigo tão poderózo, não recuar deante de nenhum meio que podésse assegurar-lhe a vingança.

A perda dos seus bens e jerarquia tinhão deixado de o preocupar, e teria de boa vontade trocado a certêza de não os recuperar jámais pela de ferir no coração o ómem que por duas vêzes se atrevêra a pôr as mãos em Catarina.

Entretanto Bourdaisière não acabáva, Ombert colhia na narração confuza do velho, aqui e ali, alguns detalhes interessantes e deixava passar o resto, como um lavradôr fás voar os réstos livres do cazúlo misturados com os grãos mais pezados que são os unicos a ficar na joeira.

XVII

O ultimo golpe

Passárão algumas óras, e o barão conseguiu entretanto algum socêgo.

Mandou arranjar um apozento para o sôgro, que deixou entre as mãos do judeu e do barbeiro, encarregados de arranjar ao velho o fato e o ar dum jentilómem; encarregou além disso o ospedeiro, que éra um ómem grave e sensáto, de vijiar o barbeiro e de o pôr no ôlho da rua logo que tivésse acabado a sua tarefa; depois montou a caválo e dirijiu-se para um estabelecimento de banhos.

Tantos motivos nóvos de preocupação não lhe tinhão feito esquecêr a óra da entrevista.

Tinha-se prevenido com a luva côr de róza, que devia entregar á dama desconhecida, e pôsto de lado os cuidados, que se tinhão barricado em qualquer canto do seu cérebro.

Tendo chegado ao estabelecimento de banhos, que estava a alguns passos de distancia apenas do palacio de Saint-Pol, Ombert despedin Bertram, a quem ordenou que fôsse têr com o senhôr de Bourdaisiére, depois entregou-se ás delicias do banho.

Uma óra depois, saiu dum mar de perfumes e dessencias, ájil, môço, côr de róza, e começou a passear á roda do palácio de Saint-Pol.

O vento engolfáva-se ás vezes no seu sobretudo de veludo prêto, forrado de marta zibelina, luxo de vestuário excessivo para o tempo, e descobria o seu peléte de damasco, batido a oiro.

Ao vê-lo tão preparado e lambido, como se dizia então, de orelha côr de róza, pluma ao vento como uma chama, bigode bravamente erguido, ninguem desconfiaria da situação desgraçada e dos projétos do barão.

Facto éra, que avia posto os cuidádos de lado, e que tinha adiado para o outro dia todos os negócios sérios.

O seu ódio éra daquêles, que se pódem deixar dormir, porque se sábe que despertarão, quando fôr necessario e Ombert não tinha mêdo de vêr esfriar a sua corájem.

Não tardou a aparecêr o pájem da véspera; pôs misteriózamente um dedo na bôca, e fês sinál a Ombert para o seguir.

(Continúa.)

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma rêvendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600
Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicaçõis com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

GAZ ACETILENE

Officina a vapor para a fabricação de gazómetros de novo sistêma de toda a segurança, simplicidade e asseio. **Candieiros** portatis com regulador d'agua. lustres simples de 2 e 3 braços, liras, braços de parede simples e de movimento, bicos, torneiras, chumbo e mais pertences.

Montajens e instalações completas absolutamente garantidas.

A' RIVIERE -- Lisboa, rua de S. Paulo, n.° 9, 1.°

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE CARBORETO DE CALCIO

Não comprar sem pedir preços e catalogos ilustrados

Preços sem competencia

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Téte d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saueisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

Jozé Marques Ladeira & Filho

4, PRAÇA 8 DE MAIO, 5

COIMBRA

CANALIZAÇÕES

para

Agua e Gás

ACETILENE

Instalações completas

Tubos de ferro, chumbo, latão e lôna.

Lústres de cristál e bronze, candieiros e lanternas para gás. Retrétes, tinas, lavatórios e urinóis.

BICOS D'INCANDESCENCIA, *sistéma Auér.*

Máquinas para aquecêr agua para banho.

Autoclismos, torneiras e agulhêtas.

Fogõis de cozinha e sála.

Fogareiros a gás, acetiléne, petróleo e alcool.

Bombas de todos os sistêmas.

Preços rezumidos em bombas de relójio.

Aparélhos elétricos: Cartão e corda d'amianto, borrácha e folha.

Filtros sistêma Pasteur.

Toma-se conta de qualquer encomenda e executa-se qualquer obra por mais importante que seja, tanto na cidade como fóra, tomando os seus proprietarios inteira responsabilidade.

Macario da Silva

E

José Falcão Ribeiro

ADVOGADOS

Praça 8 de Maio, 37

(Em frente ao tribunal)

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.°

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

FONÓGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.° 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande colécção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.° 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

Agua da Curía (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores

Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curía não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro—Preço 200 reis

Deposito em Coimbra—PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias—Publicação semanal

Diretóra: D. Leonor Maldonado

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 1$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada*, a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand Jozé Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Lús—103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestaçõis e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condiçõis do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para jugar,

SANTA CASA

DA

MISERICORDIA DE LISBOA

150:000$000

Extracção a 22 de Dezembro de 1904

Bilhetes a 60$000 réis

Vijéssimos a 3$000 réis

A comissão administrativa da loteria, incumbe-se de remetêr qualquer encomenda de bilhetes ou vijéssimos, logo que éla seja acompanhada da sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Quem comprar 10 ou mais bilhêtes inteiros tem uma comissão de 30 %.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Remétem se listas a todos os compradôres.

Lisboa, 9 de Novembro de 1904.

O secretario,

Jozé Murinélo.

A's ex.mas damas elegantes de Coimbra

Já regressou a esta cidade, vinda da capital onde foi fazer o seu colosal sortido para a presente estação, abem conheicda **Modista de Lisboa,** que tem a honra de apresentar ás damas Conimbricenses, um deslumbrante sortido em **Chapeus modelos** da mais alta novidade e finisimo gosto para todos os preços.

Traz tambem grande sortido de cascos, casacos, cabeções e outros artigos de novidades em confecções para chapeus, que vende por preços excesivamente baratos.

Pede ás Ex.mas Damas a fineza de não comprarem sem primeiro verem o seu enorme sortido e visitar a sua exposição.

Rua Ferreira Borges, entrada pelo Arco de Almedina, 6-2.°

COIMBRA

CARVÃO DE KÓQUE

Vende-se ao fundo do Bêco do Castilho, cuja cáza rambem tem entrada pelo antigo Quintal do Prior, ao prêço de 150 réis cada 15 kilos.

Póde sêr partido no local da venda onde existem os instrumentos necessários para tal fim.

COIMBRA

Clínica de mulhéres e crianças

Sofia Júlia Dias, médica pela Universidade de Coimbra abriu o seu consultório *médico cirúrjico*, nésta cidade, rua Sá da Bandeira, 59

Para os pobres, consúltas *grátis* da 1 1/2 ás 3 da tarde.

REZISTENCIA

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12 — Rua da Moeda — 14

N.º 960 | COIMBRA — Quinta-feira, 8 de dezembro de 1904 | 10.º ANO

FACTOS

O intempestivo discurso do sr. dr. Calisto, a finjir de resposta á *Oração de Sapiencia* que o sr. dr. Bernardino Machado pronunciou êste âno, no dia 16 de outubro — sob os pesados téctos da Sála dos Capêlos e entre a imobilidade sonsa dos retratos reais — deveria ter determinado um duplo movimento de protésto, da párte dos professôres e da parte dos estudantes; movimento que, significando uma aspiração de liberdade e mostrando a amôr e a compreensão das modérnas teorias pedagójicas, fôsse um desmentido, cláro e franco, á retórica balôfa e reácionária do sr. dr. Calisto.

Dos professôres, só um deu sinál de si: o sr. dr. Souza Refoios que, num artigo vibrante e ponderado, sereno e lójico, publicado no n.º 13 do *Movimento Medico*, defendeu o seu direito e o dos seus colégas; os outros calárão-se, depois do vago anuncio de um *claustro pleno* — anuncio em que pouca jente acreditou; e os estudantes continuárão a exibir pelas ruas de Coimbra a elegancia das suas gravatas e a serenidade de quem, não tendo consciencia, não lhe dá pela falta. E no [illegible] — os professores tinham a absoluta necessidade de mostrar publicamente que a ninguem admitirião a condenação das suas doutrinas pedagójicas, quando alguma vês as viéssem proclamar daquéla mesma tribuna dônde o dr. Bernardino Machado nos disse a sua opinião sôbre o Ensino Português; e os discipulos bem podião ter reparado em que a *Oração de Sapiencia* defendia, mais do que tudo, os seus interesses.

Mas ninguem viu nada, ninguem quís mostrar que prezava a sua dignidade. E isto prova, de meneira flagrante e significativa, a ignorancia, o rebaixamento, a indifferença do espirito publico por tudo que diga respeito ás questóis de instrução e de educação. E em Coimbra, onde parece natural que élas preocupássem a maior parte da jente — nem levantadas pela vós persuaziva dêsse professôr ilustre, que sempre as estudou com tanto interésse, conséguem apaixonar o côrpo docente da Universidade que, aproveitando a ocazião, magnifica e talvês unica, que se lhe lhe ofereceu, devia ter promovido uma afirmação de principios e métodos pedagojicos, e uma divizão, sincéra e livre, de opiniôis.

A verdade, porém, é que se não manifestou.

Francamente — chego a julgar que toda a poeira dos Jerais, das aulas e da Sála dos Capêlos, caindo sobre os professores durante os ânos precizos para alcançar a cátedra, os imobilizou naquêles mesmos jêstos que tão ridiculos érão para os seus olhos de estudantes!

Ouve exceçóis, é claro. Mas o sr. dr. Souza Refoios constitue a unica excéção publica. E ainda que ouvésse mais conhecidas, o fácto é que a coletividade ficaría do mesmo módo numa situação deprimente.

E não me queirão agora persuadir de que a *Oração de Sapiencia* foi um discurso politico, como tantos me declarárão, ofendidos.

Não o foi. As ideias que defendeu o dr. Bernardino Machado são méras ideias pedagójicas, já realizádas na Inglaterra e na Alemanha e que muito preocúpão a França modérna. São ideias conhecidas e defendidas pelos maiores pedagojistas. E os senhores que são tão reácionarios, sabem onde é que a independencia dos estabelecimentos de ensino em relação ao Estado, que o dr. Bernardino Machado proclamou encontra mais seguras provas de que é justa e boa? Nas Escolas Congreganistas francezas, como o podêm ver na *Psychologie de l'Education* de Gustave Le Bon!

*

Antes de acabar — e por cauza da imbecilidade com más intençóis que por ai enxameia —: — não se julgue que eu, dizendo que o sr. dr. Bernardino Machado não espalhou senão ideias conhecidas lá fóra, acho ás suas palavras menos mere [illegible] de do que é as têm. Ele mostrou que sabia adaptar ao seu país os procéssos pedagójicos que no estranjeiro provárão sobejamente a sua eficacia; quér dizer, mostrou que os sentira de novo, como português que ama o seu país e o quér ver engrandecido. E eu penso que o sentimento é mais que bastante para dar novidade e belêza ás obras dos ómens.

E depois o que é mais para louvar nessa *Oração de Sapiencia*, não são propriamente as ideias que éla expandiu, mas o dezassombro, a serenidade com que foi dita, num meio de jente que lhe era ostil, por temperamento e por educação. Jente que, num vizivel contraste com o orador, mostrou que não éra português, nem sequer *jente:* são todos de pedra, como a estátua da rua dos Grilos; e, como éla, têem sempre aberto na mesma pajina o mesmo livro que nunca lêem.

João de Barros.

O artigo que ôje publicamos na sécção *Bric-a brac*, fás parte da omenájem a D. Francisco Codera na sua jubilação do professorádo.

Pareceu nos particularmente interessante para nós pelas referencias a Paio Gutérres, que morreu cónego de Santa Crús de Coimbra, e cuja memória anda perpetuada na fonte do Claustro do Silencio.

David Lopes é ôje sem dúvida um dos nossos primeiros orientalistas, e o nosso principal erudito arabizante.

O pequêno trabalho que publicamos esclaréce um ponto duvidôzo da istória portuguêza.

Anuncião-se para breve dois livros de vérsos; um do sr. Manuel Gaio com o titulo *Poezias escolhidas*, outro de Ladislau Patricjo, *Livro simples*.

Dr. Bernardino Machado

E' ôje a sessão soléne promovida em sua ônra pelo Grupo do Livre Pensamento.

A óra em que sai o nosso jornal, e os afazeres de ocazião obrigão-nos a deixar a crónica para o proximo numero que será toda consagrada a este fácto.

Por iniciativa do *Diario de Noticias* colocar-se á no dia 29 do corrente uma lápide comemorativa na cáza em que nasceu Eduardo Jozé Coelho.

A lapide terá a seguinte inscrição:

NESTA CAZA NASCEU
EM 23 DE ABRIL DE 1835
JOZÉ EDUARDO COELHO
FUNDADOR DO «DIARIO DE NOTICIAS»
BENEMERITO DA IMPRENSA POPULAR
O QUAL FALLECEU EM LISBOA
EM 14 DE MAIO DE 1889

O dezenho da lapide, é de João Machado, a quem foi tambem confiada a sua execução.

E' um dezenho d'uma linha elegante e simples, de estilo moderno, oferecendo como motivo decorativo principal um numero dobrado do *Diario de Noticias*, seguro entre as dijitaçóis duma palma.

E' feito em pedra da Bouça, tendo sido abilmente aproveitadas pelo distincto artista as differenças de coloração que a pedra tem conforme é ou não polida.

Os túques léves de ouro da inscrição e das prizes do ornato acentuão [illegible] nho.

Arte & Vida

Está publicado o primeiro numero.

E' dêle o artigo de fundo que ôje publicamos.

E' uma revista moderna na orientação e na fórma dirigida por dois novos de quem á a esperar muito no rejuvenescimento da nossa arte perdida na imitação da crapulóza literatura franceza a unica que em Portugal tem curso e venda.

Insére artigos de Teixeira de Carvalho, Manoel Monteiro, Padre Manso, Silvio Rebello, Fernando Reis, Tomás da Fonseca, Alvaro de Castro, João de Deus Ramos, Manoel de Souza Pinto e João de Barros.

Noutro nnmero falaremos mais dezenvolvidamente désa béla publicação.

Por ôje, as boas vindas e dezejo de lônga e dezafogada vida.

No proximo domingo são esperados em Coimbra os oficiáis de barbeiro da Figueira da Fós que vêem vizitar os colégas e agradecêr-lhe a parte que tomárãe para conseguir o encerramento das barbearias ao domingo naquéla cidade.

Consta que os oficiáis de barbeiro de Coimbra oferécem um jantar aos seus colégas da Figueira da Fós.

Está em Coimbra, de vizita ao sr. conselheiro Pereira Dias, o sr. Artur Pinheiro de Aragão e espôza.

No mês de Novembro vagárão, no bispado de Coimbra, as igrêjas de S. Pêdro de Amôr, no distrito de Leiria; e Nossa Senhôra da Anunciação de Pombalinho, concêlho de Soure.

Tem estado doente, felismente sem gravidade, o sr. dr. Macario da Silva, ilustre professôr do liceu de Coimbra.

BRIC-A-BRAC

Quem era o rei Esmar da batalha de Ourique?

I

Segundo os chronistas antigos e os historiadores modernos de Portugal até Herculano (1), a batalha de Ourique foi a pedra angular da monarchia portuguesa. Da existencia d'essa batalha não se póde duvidar; (2) mas desde Herculano todos os espiritos criticos acceitam que não teve importancia nos destinos futuros de Portugal.

O clero e os patriotas insurjiram se contra as affirmações de Herculano, mas por paixão e não por amôr á verdade (3). Hoje essas iras estão apagadas e só por ignorancia apparece á luz do dia o que o dito historiador contestou.

E' comtudo incomprehensivel que essa batalha fosse travada no fundo do Alemtejo. Estamos em 1139. A capital do condado de Portugal era Coimbra. Leiria e Thomar commandavam a sua fronteira ao sul. A linha estrategica do Tejo, por consequencia Santarem e Lisboa, pertencia aos muçulmanos. Affonso Henriques era principe activo e emprehendedor, sempre com a mira em conquistas de novos castellos e cidades. A expedição de Ourique foi excepção, porque não teve objectivo, pelo menos apparente. Foi uma temeridade inutil por se ir internar no pais inimigo, deixando o caminho cortado pela linha do Tejo. E' sempre tão cauteloso e que foi augmentando os seus dominios palmo a palmo, como quem experimenta o terreno que vae pisando.

Borges de Figueiredo (4) procurou demonstrar que essa batalha se deve ter dado, não no Alemtejo, mas junto de Lisboa, no sitio do mesmo nome, hoje encorporado na cidade (bairro de Campo de Ourique).

Parece mais plausivel; comtudo ainda offerece muitas difficuldades, como veremos.

Não pretendemos resolver esta tão obscura questão, mas estudando os velhos Chronicons encontrámos elementos novos que lhe fazem dar mais um passo no sentido da luz, e que veem fortalecer a opinião dos que a custo creem na possibilidade de se ter travado esta batalha tão longe do territorio christão.

II

O castello de Leiria (Leirena) foi construido por Affonso Henriques em 1135, para servir de freio ás incurções que os muçulmanos de Santarem e Lisboa faziam constantemente no territorio dos christãos; e era sobretudo uma magnifica base de operações para o senhor de Coimbra. Pôs Affonso Henriques forte guarnição no seu novo castello, e por alcaide d'elle um esforçado cavalleiro Paio Guterres. En 1137 os muçulmanos de Santarem, affrontados de tão incommodo vizinho, foram contra elle e arrazaram-no e desbarataram os christãos perto de Thomar. Isto foi nos fins de 1137. Affonso Henriques estava na Galliza e havia saido victorioso em Cerveja, e procurou a paz logo para acudir á fronteira sul. Para se desforrar e vingar do desastre succedido; o principe português foi em 1139 contra esses muçulmanos, os quaes, vencidos na batalha de Ourique, retomaram em 1140 a offensiva, e foram contra o castello de Leiria, já restaurado e guarnecido de novo. Victoriosos de novo reduziram a sua fortaleza a um montão de ruinas e captivo o seu alcaide; e d'alli dirigindo-se para Trancoso tambem o tomaram. Affonso Henriques, que estava então tambem na Galliza, e pela qual causa fôra o seu estado accometido, fez a paz com o imperador (Affonso VII), que vencera em Valdevez, e marchou contra os muçulmanos, que desbaratou em dois recontros.

Taes são os acontecimentos que antecederam e se seguiram á batalha de Ourique. Por outro lado esta expedição fora apenas um fossado, como diz o proprio monarcha na doação e renda de um casal de Tranvansela, termo de Sátam, feita a Monio Guimariz, no mês de julho, *quando ibamos in illo fossado de Ladera* (1). Que povoação ou sitio era este para onde se dirigia o principe português? Não parece haver duvida que era territorio muçulmano; mas seria alem ou aquem Tejo? Devia ser provavelmente territorio vizinho de povoação importante, por ser mais cultivado, e visto que se tratava de talar os campos do inimigo e de lhe tomar as novidades e forragens. Haveria para isso necessidade de ir até ao fundo do Alemtejo? Ninguem pretenderá tal, e tal hypothese deve ser posta de parte, apesar de os antigos chronicons nos fallarem de *Oric, Ouric, Aurich, Ourich, Aulic*. Será Ourique, perto de Lisbôa? Ainda é longe para um fossado, nem o principe se viria entalar entre as tropas de Lisboa e as de Cintra; e depois isso seria uma bravata inutil, deixando na rectaguarda [illegible] christão desguarnecido (2).

Mas quem era este Esmar (tambem Examare, Esmare) vencido em 1139, que já em 1140 tomava a offensivo? Vamos dizel-o. Note-se que esta offensiva tomada um anno depois é uma prova eloquente de quão pouco importante havia sido a chamada batalha de Ourique. De resto estas algaras mutuas das duas raças inimigas repetiam-se regularmente todas as primaveras; ainda en 1144 o alcaide de Santarem se approximava de Soure e desbaratava os christãos. Leiria era un ponto estrategico importante e ponto de mira para os muçulmanos de Santarem; assim é que se considerava tão meritoria a guerra na Estremadura e em especial Leiria como na propria Jerusalem para obter a remissão dos seus peccados (3). A linha do Tejo era pois o limite das expedições militares dos christãos até 1147 (conquista de Santarem e Lisboa).

Ora os chronicons dizem-nos que o capitão dos muçulmanos em Ourique era Esmar (4), e foi Esmar que en 1140 tomou Leiria e captivou o seu alcaide: o chronicon conimbricense chama-lhe Ismar Abuzicri (5); a chronica dos godos (codice Resende) (6) e o relatorio da tomada de Santarem (7) dizem que o alcaide de Santarem se chamava Auzecri e Abzechri. Porque

---

(1) *Historia de Portugal*, I, por 326.
(2) Vejam-se as fontes em Herculano, I, p. 482.
(3) Veja-se o nosso folheto *Alexandre Herculano, Antonio Caetano Pereira e a batalha de Ourique*.
(4) *Revista Archeologica*, III, pp. 67-79.

---

(1) Viterbo, *Elucidario*, I, p. 473, 1.ª edição.
(2) Houve effectivamente uma tentativa contra Lisboa em 1142 auxiliada de uma frota de cruzados, mas ella falhou completamente. Herculano, I, pp. 339-340.
(3) Herculano, I, p. 344.
(4) *Portugaliae Monumenta Historica*, Scriptores, I, p. 2, 12, 20; Flórez, *España Tagrada*, XXIII, p. 331; XIV, p. 423.
(5) Scriptores, I, p. 5; «In era M.ª C. L. XXI, VIII Kalendas october Rex ysmaa abuzicri detruxit castrum leyrens et fuit captus pelagius goterriz Canonicus Monasterii sancte crucis». Cf. Flórez. *España Sagrada*, XXIII, p. 343.
(6) Scriptores, I, p. 13; Florez, XIV, p. 424. Neste codice Esmar e Auzocri são personagens differentes, mas este governador de Santarem. Este codice merece muito pouco confiança. Cf. Herculano, I, p. 483. O codice de Alcobaça da mesma chronica, diz, p. 13: «Sequenti An. cum Alfonsus esset apud Tuden Galletie occupatus, Esmar subito missis copiis Leirenam cepit et succendit».
(7) Scriptores, I, p. 94.

não ha de ser o mesmo individuo que figura em todas estas acções?

Tudo favorece esta hypothese, e Ourique no Alemtejo passa a não ter significação. Consideremos um momento o processo cauteloso de Affonso Henriques contra o inimigo; que, antes e depois da batalha de Ourique, é o governador de Santarem que elle encontra pela frente nas suas tentativas contra o territorio muçulmano; que Santarem servia de atalaia e dominava a peninsula da Estremadura de um lado e do outro o curso medio do Tejo, e comprehender se ha facilmente que, no seu proposito de desforra, Affonso Henriques havia de ir contra o seu inimigo natural, contra aquelle que o havia affrontado e fazia vir da Galliza, e com elle deve por isso ter travado batalha, a chamada batalha de Ourique. Podemos pois concluir que

O rei Esmar da batalha de Ouri que era governador de Santarem (1).

David Lopes.

(1) A batalha de Ourique lembra a batalha de Calatanazor, na historia de Hespanha, com a differença que esta é puramente invenção de chronistas theologos, e aquelia simplesmente exagerada na sua forma e nos resultados. Cf. Dozy Recherches, I, p. 193-202

Na expozição Universal que acaba de realizar-se na cidade de S. Luís, na America, os industriais de lanificios da Covilhã que concorrêrão áquêle certamen fôrão classificados em primeiro logar os srs. Alçada & Filho com medálha d'ouro, em segundo logar os srs. Ramito & Mesquita e Eduardo Candido Serra & Irmão com medalha de prata e os srs. Gregorio Baltazár Jozé Cristóvão Correia, Francisco Fernandes Ráto, Antonio Nunes de Souza & Filho e Antonio Paiva Tavares com medalha de bronze.

Felicitamos êstes industriais e muito especialmente os srs. Alçada & Filho, pelas onrózas distinções que recebêrão.

A industria de lanificio tem tido, no país, um grande dezenvolvimento mas na Covilhã sobre tudo é onde êsse dezenvolvimento se acentuou mais indo na frente Alçada & Filho que á muito pouco tempo reformou a sua fabrica com os maquinismos mais aperfeiçoados.

Contra o tabaco

Acabamos de receber o *Compromisso da Sociedade Anti fumista* de Guimarães.

Os fins da sociedade são assim expréssos pelo Art. 1.º—A Sociedade Anti-fumista, com séde em Guimarães, tem por fim promover por todos os meios lejitimos guerra ao execrando vicio do tabaco de fumar, que é uma das principaes cauzas da dejeneração fizica da nossa raça, de graves dezórdens na economia umana e de doenças gravissimas e muitas vezes fataes.

As obrigações dos sócios são:

1.º A pagar trimensalmente a quota de 300 réis para despezas de expediente, propaganda, etc.;

2.º A pagar a multa de 2$500 réis, quando, por qualquer motivo, transgrida a promêssa, que fês, de não mais fumar;

3.º A pagar a multa de 5$000 réis quando queira abandonar a Sociedade Anti-fumista de Guimarães, ficando assim livre do seu compromisso.

§ unico—A importancia déstas multas será distribuida por estabelecimentos de beneficencia d'esta cidade, conforme a rezolução da assembleia jeral.

Déve prosperár... se as multas se pagárem á risca.

Agradecêmos a oférta do *Compromisso*.

O sr. Antonio Onorato Perdigão vái estabelecêr uma vacaria no largo da Sé Vélha.

Em Coimbra faz se notar á muito a falta dum estabelecimento desta ordem, que é ôje quázi uma necessidade publica.

Nos cafés e restaurantes não é de uzo nesta bôa terra vendêr-se leite, e assim muitas pessôas a quem o seu estado de saude não permitte outra bebida, o encontrávão facilmente.

Em Lisbôa não á ôje café onde se não venda leite tanto de dia como de noite, e as vacarias são estabelecimentos em plêna prosperidade.

No redondel

Não é que tenha principiado a *season*, pois que para nós simples mortais cá da Lusa, só ella principia, em julho, pela Senhôra Sant'Anna na Mealhada!

E' que lêmos que, o decano dos nóssos cavaleiros tauromáquicos, se acha doente no ospital de S. Jozé, em Lisbôa, tendo sofrido uma operação na segunda costéla do lado direito do peito

O estádo do doente não inspira cuidádos o que é uma bôa notícia para tôdos aquêles que se interéssão pela saude da vélha reliquia do toureio nacional.

Manuel Mourisca, foi o mais distinto cavaleiro do seu tempo e, devêr é confessal-o depois dêle ninguem veio capás de o excedêr.

Numa praça mandada construir pelo Jozé Nováis, no local onde se encontra ôje o palácio «Ameal» vimos nós pela primeira vês picar o Manuel Mourisca, acompanhado dos irmãos Robertos, do velho Calabáça que ainda á bem pouco tempo deixou de tourear e pelo, já de á muito, inválido Sancho, que fazia unas «navarras» primorózas.

A ideia da construção desta praça nasceu num jantar realizado num otel que avia na Mealhada — *Otel da mata do Bussaco*— que tinha um serviço excelente. Será pela excelencia dos serviços em que sempre tive cuidado que o meu estômago ainda ôje se aguenta bem, não me obrigando a concorrêr para o sustento dos provadôres e comissários das aguas?!

Numa tarde em que o «Russo» de Manuel Mourisca, não estava dispôsto a apanhar um «pinhão» este obrigou-o a sêr desfeiteado muito apparatózamente, ainda que sem consequencias, por um touro do campo do Bolão.

O boi era de muito pé, muito sentido, arrancando pela certa e o «Russo» que o conheceu, principiou a negar-se. Manuel Mourisca apertou com êle; nova nega, nova apertadela e êles aí vão para a cabêça do bicho entrando por tôdos os terrênos para irem de gangão rebolar pelo «redondel»; as cápas dos peões, abrirão-se e o touro foi distraido.

A colhida não têve consequencias mas o «Russo» e o dôno, não podérão continuar a lide!

As touradas érão ás quintas-feiras e muito raramente ao domingo, porque neste dia os artistas tinhão outros contratos estabelecidos.

Manuel Mourisca não vestia como os atuáis cavaleiros, mas sim cazáca azul com botões amarélos e bicórnio.

Foi então que principiei a tomar gôsto por êstes espétáculos embóra já os conhecêsse da Figueira da Fós e de uma outra praça que tinha avido no rocio de Santa Clara ao lado do antigo convento da Rainha Santa.

O nucleo de artistas desta praça era: o «Pintasilgo», cavaleiro, e os dois «Farias» pái e filho, bandarilheiros, cujos *tournées* anuáis erão por Coimbra, Figueira e Mealhada.

O pái era um velhote alto, magro, grandes suissas sal e pimenta, e pouco sabia da arte; o filho um elegante e garbôzo rapás, mas que, como toureiro, para perto se mudára.

Mais tarde vi em Espanha, o Manuel Mourisca, picar touros em hastes limpas, sempre elegante e destemido.

No Campo de Sant'Anna alternou com o Batalha e os dois Cazimiros e mais tarde com o Alfrêdo Tinôco e o D. Luís do Rêgo.

Tambem nessa praça o vi têr uma colhida completa em que êle e caválo, um castanho de fracas mãos, rebolárão pela arêna.

Ai por 1894, ou coiza que o válha, isto vái de cabêça, ouve no Campo Pequêno, não me lembro porque, uma gréve de Jozé Bento, do Fernando, do Manuel Cazimiro, e do Alfredo Tinoco e a emprêza têve de lançar mão do vélho Manuel Mourisca, e de uns «pechotes» que então receberão a «alternativa».

Que tristêza que tive quando vi entrar no «redondel» o Manuel Mourisca!

Sempre distinto, sempre elegante, mas os ânos não tinhão passado debalde; avia perdido tôdas as «faculdades do toureio»—e com respeito, retirámo-nos e nunca mais voltámos aos touros quando no «cartel» figurava o Manuel Mourisca.

Nos seus tempos aureos o seu grande rival foi o Batalha, embora em tôdos os concursos em que, no Campo de Sant'Anna, entrárão os dois, êste fôsse o vencido — mas Batalha foi sempre o «temerário».

Mourisca era a elegancia, a galhardia; depois dêle ninguem o excedeu nem mêsmo o Alfêdo Tinôco, quando já o Mourisca estáva apeádo e aquêle, cheio de vida, toureáva nos seus corseis de combate o «Camões e o Frascuélo». Nunca vimos rejonear com mais aprumo e denôdo do que Manuel Mourisca o «insigne».

Dom Pablo.

ILHA DO PRINCIPE

Ex.mo Sr. Redatôr da *Rezistencia*.

—A retirada do governadôr do distrito, sr. Viegas Junior, que conseguiu salientar-se tão picarêscamente nas ultimas eleições, foi um fáto consumádo; retirando efétivamente, no dia 5 do andante, a bordo do paquête *Loanda*, onde teve uma despedida pouco trevial: não foi lá ninguem.

A população do Principe, compreendeu e bem, que a melhor forma de se manifestar era não ligar importancia áquéla personalidade. O sr. Viegas, no entanto, andava receiôzo bastante de ser alvo dalguma manifestação exótica no áto do embárque, receio que manteve até ao fim, por isso que guardou compléto sijilo ácêrca da sua viájem, fazendo os apréstos só á ultima óra. e e embarcando até (que susto ó mana!) clandestinamente, numa praia um pouco afastáda da cidade...

Os receios do *eroi* eleiçoeiro érão justos — êle lá sabe o que merecia.

E foi por êste processo que sua *excelencia* se despediu dos seus numerózos *amigos*!!

Como já na minha anterior manifestei, o Viegas vem a prejudicar altamente o assunto das nossas crónicas.

Ainda não termino o capitulo Viegas, Junior sem dar á lús uma fráze dêle, proferida a bordo do *Benguéla*, quando nêste paquête vinha ultimamente o sr. Paula Cid; fráze ouvida e comentada depois pelos raros ouvintes.

Falando-se ali ácêrca das obras da ponte, que iáo ser iniciadas, alguem perguntára por umas madeiras que em tempos os roceiros tinhão oferecido, facto que se passou na jerencia do sr. capitão Duarte Ferreira, que conseguiu obter muitas e boas madeiras para as obras da ponte, que não se levou a efeito pela saida daquêle ilustrado oficial.

O Viegas, respondêra: «Não peço nada a êsses sujeitos, são uns transmontanos, ôje dizem uma *coija*, *amanhen*

Resta agora saber, que significação terá a palavra *transmontanos* no dicionário do Viégas. Pelos modos, está-se a vêr, que é sinónimo de individuos sem palavra! que agradeçam a *amabilidade* os transmontanos ilustres e sérios.

Esta classificação é mais uma amostra da *competencia* do exonerádo.

Para fecho dêste assunto, resta dizêr que o *eroi*, teve a cortezia de se despedir dos seus três conhecidos, por cartões, nos quais dizia, que tendo sido sido chamado ao reino *conforme tinha pedido*...

O italico é nosso, para frizár bem aquéla afirmativa... de recurso. Toda a jente sabe, o que êle pedira, que era atransferencia para Mossamedes, porém contava ficar aqui até ao fim do âno. A chamado do ministro surpreendeu-o e o logar de Mossamedes é muito problemático. O que lhe dezejamos é uma felís viájem, para bem lonje e onde não cauze dânos.

—*Ajencia da Emprêza*: Continúão descaradamente as gatunices a bordo das lanchas do ajente da Emprêza Nacional, não avendo descarga nenhuma, em que não aparêção caixas arrombadadas e barris furados pelos marinheiros cabindas, ao serviço do ajente. Os importadôres, já fartos de reclamar vão-se contentando em dizer as verdades, alto e bom som, e escrevendo-as em lêtras redondas, até que o serviço das descargas, seja feito com mais consciencia e fiscalização indispensável que agora não á.

E' vós publica que o sr. ajente nesta ilha, atuálmente o sr. Jozé Ramos, multa frequentes vêzes os tripulantes por virtude dos tais roubos descarados; os proprios cabindas capitaneados pelo célebre Quibuco *que é pau para toda a obra*, se queixão de que págão várias multas; no entanto, o que ninguem se gaba é de ter sido indemnizádo dos prejuizos, pelo sr. ajente. Dêste modo, nada lucrão os consignatários com as referidas multas.

Estes factos, que por antigos não pérdem de gravidade, reclâmão providencias da Emprêza, que não lhe será agradável vêr envolvido o seu nome em cázos, a nosso vêr, estranhos a éla.

—Tendo retirado para o reino, o escrivão interino da camara municipal sr. Cruz Ferreira, fervilhárão os empênhos para o provimento do logar vago, aparecendo nem menos de três concorrentes, sendo dois dêles muito recomendados. Tendo sido preferido por maioria de um vóto, David de Carvalho, não foi ésta nomeação aprováda, pelo sr. secretário do govêrno servindo de governadôr, com o fundamento ao que paréce, do nomeado se achar pronunciado, embora não conste do rejisto criminal.

—A *Defêza de Angola*, jornal que se publica em Loanda, continúa em todos os seus numeros a irritar-se, uzando de palávras violentas e apaixonadas, contra a saída de braços, que daquéla provincia se destinão á de S. Tomé e Principe; emigração, que se fás em plena armonia, com as leis e regulamentos em vigôr. Esta importação de braços para o fomento agricola déstas importantes colonias, tem-se feito desde muito tempo, sem que dantes, pelo antigo rejimen, se ouvissem protestos por parte dos *umanitarios* de Loanda, pelo simples facto que salta aos olhos de todos, de que érão êsses *umanitários* os proprios que fazião essa exportação.

A' quem afirme, mas nós não acreditamos, por óra, que aquêle orgão de defêza de Angola, fôra creado pelos despeitados, antigos contratadôres de colónos em Loanda e no interior, que atuálmente, pela lei em vigôr, do sr. Teixeira de Souza, ficárão inhibidos de contratár, visto êssas funções sêrem exluzivas de contratadôres oficiais, como determina o Decreto de 29 de janeiro de 1903.

Embora não acreditêmos no que se dís, sobre a moral dos moralistas dagóra, sabemos de parte certa, que na secretaria jeral de Loanda, dérão entrada cêrca de vinte requerimentos firmádos pelos *umanitários*, pedindo para serem nomeados contratadôres de colónos; e mais sabêmos, que um dos requerentes repêzo de tal procedimento improficuo, poude obtêr o seu requerimento *por artes de berliques e berloques*.

Eis as razões que temos para não acreditar na sinceridade da campanha da *Defêza de Angola*, pois que, se éla fôsse lejitima, seriamos nós os primeiros a aplaudir a parte moral da questão, pois nos prezamos de ser umanitários e altruistas, por isso que não defendêmos o mercantilismo.

—*Julgamento importante*: Pedem-nos a transcrição duma noticia publicada num jornal da capital, ácerca de um importante julgamento que teve logar nesta ilha, assunto que considéro digno de publicidade na *Rezistencia*. Ségue a correspondencia que recorta mos com a devida vénia:

«*Outubro*, 5—Realizou se nos dias 28, 29 e 30 de setembro, o julgamento em policia corrécional, dos srs. Francisco Jozé da Silveira e Floriano Lourenço, o primeiro administrador da importante propriedade «Infante D. Enrique», e o segundo feitôr da mesma, acuzádos de ofensas corporais em diversos serviçais. Foi defensôr dos acuzádos o ábil advogádo provizionário sr. Augusto Lucio de Sequeira, sendo o M. Publico reprezentado pelo sr. Alexandre Jozé Alves Velôzo, sub-delegado interino e o tribunal prezidido pelo sr. tenente coronel reformado Zacarias de Souza Láje, o bravo militar, muito conhecido pelos seus feitos na Guiné, atuál juís substituto.

O procésso, logo desde o seu começo deu bastante que falár, não só porque o implicado Silveira, capitão reformado e antigo governadôr dêste distrito tinha certa importancia e simpatias, mas principalmente por se tratár de empregados graduados duma tão importante companhia como é a da ilha do Principe.

Precizo se torna elucidar o publico que o principal queixôzo, um tal Jack, natural da Mourovia, foi aprezentado como tal pelo delegado da 1.ª vara désta comarca, dr. Avelino d'Oliveira, ao então delegado do curadôr sr. Paiva de Carvalho, queixôzo que tal papel não podia ter feito, por se provar ser co-reu, como se provou, e como tal tambem respondeu. Egualmente se provou, que o pseudo-queixôzo Jack, fôra instigado a queixar-se por individuos que pouco antes tinham sido empregados na mesma fazenda, onde Jack exerceu o cargo de capatás; mas a queixa feita perante o ex-delegado do curadôr Paiva, com tal precipitação fôra feita, que o escrivão nomeado *ad hoc* não a subscrevêra (!) e tampouco a lêtra éra a do proprio!!

De muitas irregularidades se viu em audiencia, enfermáva o procésso, a começar na sua báze, e entre élas se salienta a falta de assinatura do escrivão no exame diréto, peça importantissima do procésso, não só pelo seu dezenvolvimento, como pela sua proficiencia. Esta peça muito ônra os ilustres medicos drs. A. Damas Mora e V B Coláço.

Duas cartas de importancia fôrão lidas em audiencia, cartas escritas por individuos ex empregados da companhia uns aos outros, manifestando a má vontade que tinham contra os arguidos Silveira e Lourenço, sendo aquêles individuos dados como testemunhas pela curadoria, quando tinham sido os mesmos que levárão o Jack a fazer a queixa.

Este julgamento, pela sua importancia, chamou á sala do tribunal judicial numerôzo auditório, que durante os três dias que durou, não deixou de ter a assistencia da melhor jente da ilha, que seguia com interésse a maneira judicióza como a verdade se ia pondo em relêvo, sob a interrogação ábil e corréta do distinto advogado dos acuzádos.

Findos os interrogatorios seguirão-se os debates, que terminárão como é da práxe, o M. P. pedir a condenação e o advogado por pedir a absolvição dos acuzádos.

Suspensa a audiencia por meia óra veio o interrégno juís lêr a sentença, a qual anulou o procésso, desde fôlhas duas, que é afinal todo o procésso. A sentença é fundamentada em varios artigos da lei de que não podêmos tomar nota. Os reus fôrão mandados em pás.

Fês se justiça ao caráter onéstissimo do capitão Silveira, a quem felicitamos.»

Novembro, 18

Urbano.

P. S. Em aditamento á minha, tenho a informar, que temos agora por cá, nada menos de três funcionários novos, a saber: 1 diretôr do correio, 1 escrivão de fazenda e 1 dito do julgado municipal — tudo novo em folha, e em vesperas do quarto, que será o sr. governadôr. Dos novos pois, pouco á a dizer, mas, não podemos deixar de nos referir ao escrivão e tabelião do julgado, sr. Manoel Amor Junior, 2.º sarjento, bom rapás, dizem, e simpático de aparencia, mas... mas... não sabendo nada do escrivanato, nem do tabeliado! Além disso, o pobre escrivão á força, ainda sófre de dois males, que vem a ser, um aleijão na mão direita, que o não deixa articular três dedos e falta de grafia no que escreve que não lhe permite escrevêr com jeito sem um ponto que lhe dite e corrija. Isto é verdadeiramente extraordinario e fenomenal!

Cá vae um exemplo da grafia do sr. Amor Junior, que lemos numa escrituração — *çulinizar* — substituindo a palavra portuguêza solenizar!!

Nós não culpamos o pobre ómem, que na sua qualidade de militar, obedeceu, vindo ao Principe fazer o logar de escrivão interino do julgado, para o que o nomeárão; os culpados são quem o propôs e quem o nomeou. Isto é uma verdadeira mangação, que merecia resposta condigna. O Principe passou a ser o barril do lixo de S. Tomé.

Sr. ministro da marinha: Os governadôres do Ultramar, ainda que mal pareça a comparação, são como os criados de servir, que são bons no primeiro mês, depois... azédão-se e fermentão como as garápas assucaradas! E' uma necessidade que se impõi substituir quem assim procede em detrimento dos interésses duma população inteira.

U.

Foi prêza e mandada expulsar do território português a famijerada ladra Maria Manuela que dirijia duas quadrilhas de gatunos em Aveiro e que é bem conhecida pelas proêzas da sua *arte*, em Coimbra.

SALÃO DA MODA

COIMBRA

Vestidos elegantemente feitos de bonitas *Hungrias* pura lã a 9$000 e 10$000 réis.

Um vestido pronto a vestir por 9$000 réis feito no *Salão da Moda* é difícil de acreditar mas é verdade!

Têve logar no domingo a eleição dos córpos jerentes da *Sociedade União Artistica Conimbricense* para o futuro âno sendo nomeados:

Prezidente, sr. Marcos Jozé Margarido; *vice prezidente*, sr. Luis Pereira da Motta; *secretário*, sr. Antonio Augusto Lourenço; *vice-secretário*, Jeremias Coêlho Bártolo; *tezoureiro*, sr. Rodrigo Gonçalves da Silva; *vogáis da direção*, os srs. João de Oliveira e Carlos Ribeiro.

Para o conselho fiscal fôram eleitos os srs. Joaquim Teixeira de Sá, Luis Bátista Duarte e Manuel Martins.

Chalet Lisbonense

Têem continuado com agrado os espectaculos no Chalet Lisbonense, na Avenida Navarro.

Ontem subiu á scena o drama—*O João Jozé* e a comedia opereta *Os dois nénés*.

Oje representam se a engraçada peça em 3 áctos—*Duas vezes somos creanças*, o monólogo, pelo átôr Guerreiro, *O pouca sorte*, e a opereta em 1 áto *A gata borralheira*.

Salão da moda

Enxovais completos para noivas.
Fazem se com a maior elegancia no
Salão da Moda.
COIMBRA

AGRADECIMENTO

Em pagamento duma divida sagrada, cumpro com dupla alegria, o dever de vir testemunhar publicamente o meu reconhecimento para com os ex.mos srs. drs. Luis Rosete, Armando Gonçalves e Crus Amante. muito dignos e talentosos directores da casa de Saude em Santa Clara, desta Cidade pela maneira caritativa e bizarra como nella fui tratado, expecialisando o meu operador e assistente o ex.mo sr. dr. Luis Rosete a quem agradeço a bondade e carinho que me dispensou.

Tambem não devo esquecer o digno enfermeiro o sr. Antonio Alves a cujos esforços e cuidados devo o alivio no meu sofrimento e ainda pela sua afavel companhia.

Eguais devêres tenho a cumprir agradecendo ao ex.mo sr. dr. Armando Gonçalves a fórma ábil como operou minha filha Maria da Annunciação Pedroso de Lima, livrando-a da terrivel doença que a martirisava, não esquecendo tambem o carinho e cuidado dispensado é doente pela enfermeira a a sr.ª D. Beatris Monteiro, durante todo o periodo da cura.

A todos fica aqui expressa a sinceridade do meu agradecimento. embora nesta expansão de reconhecimento, deixe de respeitar lhes a excessiva modéstia.

Coimbra 27 de Novembro de 1904

Antonio Pedrozo Junior,

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

ORARIO

(Desde 6 de novembro de 1904)

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

Partidas

Do largo das Ameias		Da rua Infante D. Augusto	
8h 30m	manhã	9h	manhã
9	»	9 ,30	»
9 ,30	»	10	»
10	»	10 ,30	»
10 ,30	»	11	»
11	»	11 ,30	»
11 ,30	»	12	»
12	»	12 ,30	tarde
12 ,30	tarde	1	»
1	»	1 ,30	»
1 ,30	»	2	»
2	»	2 ,30	»
2 ,30	»	3	»
3	»	3 ,30	»
3 ,30	»	4	»
4	»	4 ,30	»
4 ,30	»	5	»
5	»	5 ,30	»
5 ,30	»	6	»
6	»	6 ,30	»
6 ,30	»	7	»
7	»	7 ,30	»
7 ,30	»	8	noite
8	noite	8 ,30	»
8 ,30	»	9	»
9	»	9 ,30	»

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Do largo das Ameias		Da estação *B*
3h, 8m	manhã	Depois da chegada dos comboios excepto nos rapidos em que as partidas são logo depois das d'estes.
5 ,51	»	
8 ,13	»	
2 ,30	tarde	
3 ,45	»	
5 ,55	»	
6 ,20	»	
6 ,35	»	
7 ,50	»	
11 ,17	noite	

Aos domingos e dias santificados são suprimidas as carreiras das 9 e 10 horas das manhã, das Ameias, e das 9,30 e 10,30 da rua do infante D. Augusto.

Nos dias santificados e nas vesperas de feriado são prolongadas as carreiras até ás 10 horas da noite.

CORES DOS FAROIS

Verde, indica a Alta; *vermelho*, estação *B*; *branco*, Casa do Sal; *amarello escuro*, reservado.

TEIXEIRA DE PASCOAES

Para a lús

FIGUEIRINHAS JUNIOR
Livraria editóra—Lisbôa

EDUARDO DE NORONHA

A ambição dum rei

Obra ilustrada com numerózas gravuras coloridas por Manuel de Macêdo e Roque Gameiro, impressa em magnifico papel.

Cadernêta semanal de 16 pájinas, 40 réis. Tômo mensal, 200 réis.

Um exemplar grátis a quem remetêr adiantadamente a ésta emprêza a importancia de dés cadernêtas ou tômos.

Brinde a tôdos os assinantes

Aceitão-se pedidos de qualquer número de cadernêtas e tômos.

A EDITORA, *largo Conde Barão, 50*
Lisbôa

Precizão-se ajentes em tôdas as terras do continente colónias e Brazil.

Aceitão se correspondentes em todas as terras do reino.

MARCELINO MESQUITA

LEONOR TELES

(ROMANCE ISTÓRICO)

Grande edição de luxo profuzamente ilustráda com gravuras de pájina e 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impréssa em magnifico papél.

Cadernêta semanal de 24 páginas e 1 crómo ou 32 pájinas de têxto—60 réis.—Tômo mensal, 320 réis.

Brinde a tôdos os srs. assignantes—Um exemplár grátis a quem enviár a importancia de 10 cadernêtas, tômos ou volúmes.

Em publicação na

A EDITORA, *largo Conde Barão, 60*
Lisboa

TEIXEIRA DE PASCHOAES

Jesus e Pan

Pedidos á livraria editora de José Figueirinhas Junior—Rua das Oliveiras 75—Porto.

O producto deste livro reverterá a favor duma *Assistencia de creanças doentes* que se vae fundar em Amarante.

PREÇO 400 REIS

ANUNCIOS

A CONSTRUTORA

ESTRADA DA BEIRA
COÍMBRA

MADEIRAS nacionais e estranjeiras: riga, flandres, mógno, vinhático, páu prêto, nogueira, castânho, plátano choupo, eucalipto e pinho em tôdas as dimensõis. Têlha masalha e portuguêza, tijoulos, louza para coberturas e em tôdas as suas aplicações. Cimêntos de divérsas márcas, cál idráulica e jêsso. Louças sanitárias. Azulêjos. Manilhas de grés e bárro. Ferrájens para construções civis, pregaria, ferro, chúmbo, zinco, estânho e férro zincádo etc. *Láca Japoneza*, tinta de esmálte para férro e madeira. Óleos, tintas, vernizes, pinceis, asfálto, etc.

Fabrico de ladrilhos pelos processos mais modérnos

Encarrêga-se de construções completas ou pequenas reparações

Executam-se tôdos os trábalhos em carpintaria, marcenaria e serralharia, para o que tem sempre pessoál devidamente abilitado.

Alugão-se apparêlhos para elevár materiais até ao pêzo de 3:000 kilos.

Vigamênto de férro. Concêrtos em pulverizadôres. Tubos, discos, cónes, esféras e todos os artigos em borracha proprios para pulverizadôres de divérsos autôres. Mangueiras em lona e borracha de todas as dimensõis.

Depózito de cófres á próva de fôgo e fogõis de férro.

Predio em Coimbra

Vende se um situado na rua do Corpo de Deus n.º 38, que consiste em magnifica casa de abitação com pára-raios, gás e agua de cisterna e da companhia, jardim e quintal com arvores de fructo.

Para tratar, em Coimbra, Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, n.º 156 e, no Pôrto, na rua do Brugnor, n.º 148.

CAZA

Arrenda-se o primeiro andar, rua Fernandes Tomás, ponto central da cidade, muitas e boas acomodações, lindas vistas sobre o Mondêgo, agua e gás.

Tráta-se na Praça do Comércio, n.º 14, 1.º

Bolacha Bernardino Machado

A *Fábrica Progrésso* de bolachas e biscoitos, na rua da Moeda, acába de expôr á venda uma nova marca de bolacha em Omenajem ao Conselheiro Bernardino Machado.

Esta nova marca de bolacha encontra-se á venda em todas as mercearias d'esta cidade.

AJÊNCIA FUNERÁRIA
DE
Jórje da Silveira Morais
Coímbra

O proprietário désta cáza incúmbe-se de funerais complétos, tanto na cidade como fóra.

Esta cáza tem uma importante variedade de

Úrnas de mógno

em todos os tamanhos que vende pelos prêços de Lisbôa.

Grande variedade de corôas de todos as qualidades.

Especialidade em *boquets* fúnebres e de gála, banquêtas e ramos para altáres, toda a qualidade de flôres soltas e prepáros para as mesmas, plantas para sálas, flôres para chapéos mais baratas do que em qualquer outra cáza.

PRÊÇOS CÓMODOS

MOBILIA

Vende se um aparadôr, dois guardas louças, duas secretárias uma estante para livros, uma cómoda, uma montra de cristal, e outras peças miudas.

Para tratar, na Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, 156.

FARMACIA ASSIS
SERVIÇO PERMANENTE

Praça do Commercio—Coimbra

Esta caza depois das modificações que acaba de sofrer, é um dos melhores estabelecimentos desta cidade, no seu genero.

O seu propriétario fornecendo-se diretamente das principais fábricas de produtos quimicos e farmaceuticos, tanto nacionaes como estranjeiros; está a pár do dezenvolvimento que a quimica e a terapeutica dia a dia vão experimentando e por isso possue uma colléção variáda das mais modérnas substancias e produtos quimicos.

O aviamento de todo o receituario é feito por pessoal competentemente abilitado, sob a direção do seu administrador,

Esta caza encarrega-se de mandar o medicamentos a caza de seus freguezes. assim como de chamar qualquer dos clinicos desta cidade a toda a óra do dia ou da noute.

Analizes complétas

de urinas, expétoração, sangue, corrimentos ureteráis e vajinais, etc. etc. e bem como análizes d'aguas, vinhos, azeites, terrenos, etc., etc.

Preços absolutamente excécionais

CAZA

Vende-se uma casa no bairro Oriental de Mont'arroio com os n.os 25 e 27, quem pretender comprar dirija-se ao seu proprietario Alipio Leite, de Gavinhos de Penacova; ou com João Marques Mósca, em Coimbra.

(48) Folhetim da "REZISTENCIA,,

O EXCOMUNGÁDO

XVII

O ultimo golpe

Cada vês que uma sentinéla ou um mórdomo perguntáva o nome e as qualidades do barão, êste deixava passar o guia e admirava a prezença de espirito a sagacidade precóce que se adquire no serviço das mulhéres.

Por fim, depois de ter atravessado largos páteos, jardins mágnificos, chegou ao fundo de uma escada de caracól, ornamentada com uma grade.

A escáda enroláva-se muito graciózamente sobre si mesmo, e trepáva como um pampano ao longo duma grande tôrre redonda e barrigúda que parecia um tonel. O pájem mostrou-com o dedo a Ombert a escada, e entrou na tôrre por uma porta do rês do chão.

Depois do barão ter subido alguns degráus, parou de repente; parecia que avia uma discussão viva á porta que o pajem lhe indicára.

—Repito-lhe, senhôr de Savoisy, dizia uma creada, que o conheço muito bem e que se não paréce nada com o retráto que a senhôra me fês da pessoa que espéra esta noute.

—E eu juro-lhe, menina, que foi a mim que a senhôra de Vic deu uma entrevitsa. Para lhe dar uma próva do que avanço, aqui tem bracelête muito preciózo que lhe oferêço e péço que trága por amôr de mim; por segunda próva vou roubar-lhe um bejo entre o nariz e a barba, creio que devêmos ficar de acôrdo.

—Nada, senhôr; guarde as suas joias de que não tenho nada a fazer, quanto ao bejo não o terá de vontade, e não entrará. Esta entrevista não é o que o senhôr imajina, o cavaleiro que a senhôra espéra esta noite é um amigo do marido, e é alem disso portadôr de uma luva pela qual o devo reconhecêr. Póde mostrar-me êsse penhôr?

—Irra, minha amiga, exclamou o conde, muito bom sou eu em estar a solicitar aqui por favôr o que pósso tomar á força!

Ao terminar estas palavras, forcejou por entrar contra a vontade da creada, quando Ombert julgou a propózito intervir. Pegou em Savoisy pelo braço e puxando o de lado:

—Senhôr, disse-lhe, quér seguir-me a alguns passos d'aqui?

Savoisy pensando que se tratáva dum duélo, portou se bem e acompanhou o barão; mas o seu espanto foi grande, quando o viu dirijir-se para o palacio dos Leões.

—Que me quér êste diabo de ómem? pensou êle.

O palacio dos leões era um *ménajerie* que devia o nôme á grande quantidade de leões que lá fazião vivêr os reis de França.

Alguns dêsses animais estávão fechádos em caixas de ferro, outros passeávão mais livremente em pateos cavados no sôlo e protejidos por uma cortina.

Ombert, levado pelo pájem, tinha atravessado o palacio dos leões, onde tinha notado um dos monstros, que a força e ferocidade conservavão afastádo, sózinho, num dos pateos que estávão mais separádos dos guardas.

Era para lá que leváva Savoisy.

A lua tinha nascido já e brilhava no céu, ainda vermelho no poente.

Quando chegou pérto da cortina, Ombert deitou para o pateo uma escada que estáva perto, depois pôs o seu rico sobretudo na borda da balaústrada, e tirando do peito a luva côr de róza da senhôra de Vic, mostrou-a ao conde.

—O senhôr ouviu dizêr que o portadôr deste penhor seria recebido pela senhora de Vic; do senhôr depende aprezentar-lho dentro dum quarto de óra, mas será precizo merecê lo.

Lembra-se de lhe avêrem contádo em pequeno, que um poderôzo rei do nosso reino, pequeno de côrpo, mas grande de coração, disputou um dia a corôa a dois animais ferózes, para dar aos cortezãos uma prova de corajem? Oje, meu senhôr, nós jentiz ómens, afrontamos esses perigos, como os outros jógão a argolinha por um náda, por brincadeira, por a luva côr de róza duma dama, tanto os ómens se tem crescido depois de Pepino, o bréve.

Ao dizer estas palavras, Ombert deitou ao pateo do leão a luva da senhora de Vic.

Fês-se o silencio.

Savoisy empalidecia e buscava talvês dar-se por vencido: de repente lembrou-se dos seus antepassados, e o sangue subiu lhe do coração ao rosto; deitou um olhar para baixo, e viu o lião que dormia ou finjia dormir sôbre os réstos da refeição da noute, na extremidade opósta do páteo.

—Seja! disse, e agóra ao mais ajil!...

Falando assim saltou com destrêza para o campo da batalha, cavado como uma fóssa, e cujo pavimento não estava a mais de vinte pés abaixo do sólo Ombert saltou detrás dêle e arrebatou com a ponta da adága a luva que Savoisy estáva para agarrar.

O lião não fês um movimento, e os dois cavaleiros podião subir sem custo; mas Ombert não se contentou com um triunfo tão simples; deitou a baixo a escada que Savoisy tinha encostado ao muro, e, depois de ter feito jirar acima da cabêça a adága, a que estava preza a luva, sacudiu a arma, o ar sibilou, e a luva foi bater no focinho do lião.

O monstro estremeceu como se ouvésse sido mordido por uma vespa depois levantou se lentamente, bocejando, estendendo os membros como um gato e finjindo não vêr os seus dois imprudentes adversarios.

Por fim deu um rugido surdo e começou a bater nos flancos com a cauda, mas sem fazer menção de avançár.

Entretanto Savoisy dezembainhára a adága, e, vendo que não tinha meio de furtar-se ao combate porque Ombert tinha posto um pé sobre a escáda e tinha-a agarrada ao sólo, colocára-se ao pé do barão, mas um passo atrás.

Ombert, impaciente, voltou-se para Savoisy e disse-lhe:

—Então, sr. Savoisy, aqui está o lião bonacheirão, vamos ter com êle!

—O'! Não! exclamou Savoisy com a vós estrangulada, o melhor é deixa-lo vir.

—Tambem eu; mas é necessario acabar com isto. Está pronto?... E voltou a cabêça para Savoisy.

Mas a luta prolongára-se de mais e a corájem do cortezão acabara; as suas fáces tinhão marmoreações côr de violêta, os labios pálidos caião ainda desdenhózamente, mas os dentes batião e os ólhos fechávão-se sem êle querer.

Ombert teve remórsos de o ter reduzido áquilo, sacudiu-o por um braço e disse-lhe:

—Vamos, senhôr, pense em seu pai que dorme deitado nos subterraneos de Notre Dame. Savoisy fês ainda um esfôrço, levantou a cabeça e ganhou um pouco de sangue-frio; mas os seus olhos, que se abrião, dérão com o lião cuja crina se enrissava e cujos rujidos crescião como os da tempestade que se aproxima.

Ao vêr tal espétáculo, a razão fujiu-lhe e perdeu tôdo o puder e todo o império sôbre si mesmo.

(Continúa.)

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

GAZ ACETILENE

Officina a vapor para a fabricação de gazómetros de novo sistêma de toda a segurança, simplicidade e asseio. **Candieiros** portatis com regulador d'agua, lustres simples de 2 e 3 braços, liras, braços de parede simples e de movimento, bicos, torneiras, chumbo e mais pertences.

Montajens e instalações completas absolutemente garantidas.

A' RIVIERE — Lisboa, rua de S. Paulo, n.º 9, 1.º

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE CARBORETO DE CALCIO

Não comprar sem pedir preços e catalogos ilustrados

Preços sem competencia

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Téte d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saueisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 52

Jozé Marques Ladeira & Filho

4, PRAÇA 8 DE MAIO, 5

COIMBRA

CANALIZAÇÕES

para

Agua e Gás

ACETILENE

Instalações completas

Tubos de ferro, chumbo, latão e lôna.

Lústres de cristál e bronze, candieiros e lanternas para gás. Retrétes, tinas, lavatórios e urinóis.

BICOS D'INCANDESCENCIA, *sistéma Auér.*

Máquinas para aquecêr agua para banho.

Autoclismos, torneiras e agulhêtas.

Fogõis de cozinha e sála.

Fogareiros a gás, acetiléne, petróleo e alcool.

Bombas de todos os sistêmas.

Preços rezumidos em bombas de relójio.

Aparélhos elétricos: Cartão e corda d'amianto, borrácha e folha.

Filtros sistêma Pasteur.

Toma-se conta de qualquer encomenda e executa-se qualquer obra por mais importante que seja, tanto na cidade como fóra, tomando os seus proprietarios inteira responsabilidade.

Macario da Silva

E

José Falcão Ribeiro

ADVOGADOS

Praça 8 de Maio, 37

(Em frente ao tribunal)

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

FONÓGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande coléção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 ½ ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

Agua da Curía (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores

Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curía não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 reis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias — Publicação semanal

Diretôra: D. LEONOR MALDONADO

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 1$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, crochê, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada,* a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand Jozé Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Lús — 103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestações e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para lugar.

SANTA CASA

DA

MISERICORDIA DE LISBOA

150:000$000

Extracção a 22 de Dezembro de 1904

Bilhetes a 60$000 réis

Vijéssimos a 3$000 réis

A comissão administrativa da loteria, incumbe-se de remetêr qualquer encomenda de bilhetes ou vijéssimos, logo que éla seja acompanhada da sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Quem comprar 10 ou mais bilhêtes inteiros tem uma comissão de 30 %.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Remétem se listas a todos os compradôres.

Lisboa, 9 de Novembro de 1904.

O secretario,

Jozé Murinélo.

A's ex.mas damas elegantes de Coimbra

Já regressou a esta cidade, vinda da capital onde foi fazer o seu colosal sortido para a presente estação, abem conheicda **Modista de Lisboa,** que tem a honra de apresentar ás damas Conimbricenses, um deslumbrante sortido em **Chapeus modelos** da mais alta novidade e finisimo gosto para todos os preços.

Traz tambem grande sortido de cascos, casacos, cabeções e outros artigos de novidades em confecções para chapeus, que vende por preços excesivamente baratos.

Pede ás Ex.mas Damas a fineza de não comprarem sem primeiro verem o seu enorme sortido e visitar a sua exposição.

Rua Ferreira Borges, entrada pelo Arco de Almedina, 6-2.º

COIMBRA

CARVÃO DE KÓQUE

Vende se ao fundo do Bêco do Castilho, cuja cáza tambem tem entrada pelo antigo Quintal do Prior, ao prêço de 150 réis cada 15 kilos.

Póde sêr partido no local da venda onde existem os instrumentos necessários para tal fim.

COIMBRA

Clínica de mulhéres e crianças

Sofia Júlia Dias, médica pela Universidade de Coimbra abriu o seu consultório *médico cirúrjico,* nésta cidade, rua Sá da Bandeira, 59

Para os póbres, consúltas *grátis* da 1 ½ ás 3 da tarde.

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12—Rua da Moeda—14

N.º 960 | COIMBRA — Domingo, 11 de dezembro de 1904 | 10.º ANO

EM ONRA
do Dr. Bernardino Machado

Passou a festa a BERNARDINO MACHADO e ficará muito tempo na memória de todos como um dos mais gloriózos dias da istória da Universidade.

Pela intensidade, e calôr da manifestação, pelo valor das adezões que nos não é permitido publicar na sua totalidade, mas em que figurão os primeiros nomes do nosso país, pela atitude daquela massa enorme de ómens, ouvindo respeitozamente, na força serena das consciencias tranquilas, — a sessão soléne em onra de BERNARDINO MACHADO veio provar mais uma vês, a funda impressão que deixou nos espiritos mais altos aquéla memoravel oração de sapiencia, toda impregnada da tristeza trajica e profética dum psalmo.

O dia 8 de Dezembro foi verdadeiro dia de festa universitária, festa concebida no espirito scientifico moderno, festa de fraternidade entre mestres e discipulos, na comunhão sacratissima das consciencias.

Onrando o professor, quís o país inteiro mostrar que ouvira a sua vós, que se levantava numa saudação á velha instituição universitaria, como se erguia para o Cezar a vós do gladiadôr ao começar o combate que o sagrava na istória como erói, ou o fazia saír do circo entre aclamações como triunfador.

No dia 8, a fésta soléne não foi a da Universidade, com o aspéto pelintra e endomingado duma festa de aldeia, com missa soléne, cantos e pompas que passárão e que ôje se arrástão num cortejo relijiozo que se não impõe nem pela sinceridade, nem pela grandeza e só serve para mostrar a mizeria a aparentar de fausto como as festas dos solares arruinados.

Na sala dos capelos ninguem viu neste dia senão impaciencia nos que esperávão para receber os seus premios, que acabasse a festa de capela a que não assistirão.

Na sala dos capelos ninguem viu nesse dia senão enfado.

E' que a mocidade esperava ouvir a vós da sciencia, reunira-se para receber os premios que lhe erão conferidos em nome dela, não para ouvir um prégador exaltar-lhe o dógma da imaculada Conceição.

A festa da Universidade era o éco apagado duma festa antiga, que não poderia compreender nenhum dos espiritos juvenis que se formávão em plena vida de sciencia.

Na sessão solene em onra de BERNARDINO MACHADO era bem diferente a atitude dos que se apertávão para saudar o grande espirito que soubéra levantar tão alto a dignidade do ensino que proféssa.

A Universidade está, sabem-o todos, ameaçada, não porque o ensino não tenha cultôres os mais devotados, mas porque por uma ideia falsa de respeito por tradições nacionais mal compreendidas, em que a admiração pelo passado procura esconder o dezalento prezente, tem timbrado em átos ostentózos de espirito reácionario; quando em todo o país as escolas acentuão na sua diréção o espirito liberal.

A Universidade tem sido sacrificada por os professores que podião ter tido uma ação benefica no seu dezenvolvimento e progresso, ás conveniencias duma politica interesseira e mesquinha.

A Universidade está sendo ultimamente sacrificada aos interesses particulares de professores, que dão toda a sua atividade á mizeravel politica que nos arruina

Ser professor deixou de ser uma profissão. Ser professor é uma garantia do futuro, um seguro de vida, um monte-pio que dá a cada um a tranquilidade para se abandonar de todo á vida de intriga da politica dos governos monarquicos

O dezapêgo pelo interesse da instituição é assim assinalado pelos que mais curão dos interesses proprios.

Deste abandono jeral tem-se aproveitado para manifestações ridiculas, denunciando o mais baixo espirito scientifico, os que prégão a intolerancia e o retrocésso.

Os exforços de muitos professores, que pretendem sustar a marcha do descrédito, em que vai andando a Universidade, como verdeiros ómens de sciencia, são inutilizados por o poder central, que tem dezorganizado a Universidade, lizonjeando vaidades, comprando consciencias, corrompendo, desmoralizando.

Neste estado, a vós do DR. BERNARDINO MACHADO, denunciando ao país a crise de ensino, que é jeral, e não própria a um ou outro instituto scientifico, foi um áto que o onra como professor e como patrióta.

E é para admirar a jenerozidade daquele grande espirito, que soube denunciar o perigo, não vendo na istória da Universidade senão a ação educativa superior que tantas vezes tem tido.

A academia e o povo de Coimbra, correndo á sessão soléne, mostrárão que avião compreendido o perigo, que lhe anunciára a sua vós

A sessão solene em onra de BERNARDINO MACHADO impressionou fundamente todos os que assistirão a éla pela atitude do publico, atenta, respeitóza, pela sinceridade e pela força dos aplauzos e aclamações.

Omens de todos os partidos politicos aplaudirão ostensivamente os oradores republicanos, ao fazerem as suas declarações politicas, dando um testimunho publico do respeito pela sinceridade e convicção que as ditáva, afirmando pelo calor e vibração dos aplauzos o respeito fundo pela vida onrada do DR. BERNARDINO MACHADO, a admiração pela força intelétual que o fizéra soltar a vós de alarme na sála grande dos actos e que ali o trouxera na gravidade das suas véstes doutorais.

A atitude da academia mostrou que sabe sempre manifestar-se onrozamente para o país nas ocazións solênes.

O seu dezinteresse pelo movimento politico do país é apenas aparente.

Mostrou-o bem a sua atitude naquela sessão soléne, o aplauzo com que recebêrão o DR. BERNARDINO MACHADO no meio da mais vibrante ovação, o impulso com que todos, no fim da sessão, se levantárão voltando-se para êle, aplaudindo-o, aclamando o, com o entuziasmo jenerôzo que só a mocidade tem.

Foi um dia grande na istoria da Universidade, dia de esperança, depois de tantos dezalentos, dia de consagração verdadeira duma nova crença, que os mais novos começão a ouvir, no alheamento da vida, na impressão de gravidade que deixão as ações nobres e jenerózas, mêsmo nos que pássão a vida sorrindo na alegria descuidóza da mocidade.

Aquéla festa não onrou só um grande méstre, onrou tambem os estudantes, e assinala-se como uma data de esperança nos anais da Universidade.

Onra seja a todos.

Erão duas óras e meia da tarde, quando o quintanista de direito e distinto escritôr,

Anibal Soares

expõe, entre aplauzos, os fins da reunião:

Disse ser gratissimo ao seu coração aderir publicamente á omenagem á figura de ómem, de cidadão e de professor que é Bernadino Machado, excecional na sociedade portuguêza no nosso meio politico, e excecionalissimo na Universidade onde professa.

Embora se tratasse apenas de demonstração de simpatia pessoal para Bernardino Machado, tanto bastaria para reunir ali estudantes e povo.

Mas a cauza da omenagem era a oração de *sapiencia*, recitada pelo ilustre professor na inauguração do âno letivo.

A parte praxista, catedratica, dogmatica, irredutivel da Universidade, abituada a vêr as orações de *sapiencia* amarelecerem nas paginas do anuario, entre previsão de eclipses do âno e serviço da real capela, não aceitára bem que esse discurso tradicional contivesse e ajitasse uma vez ideias. Sente-se bem no marasmo das couzas moribundas. Mas a opinião do país manifestára-se pela imprensa e pelas maiores individualidades da mentalidade portuguêsa.

Era justo que essa opinião tivesse tambem vós nesta cidade, frente á caza onde de á seculos, por um ensino falso, esteril, e por uma educação perniciosa se corrompem as puras fontes de vida da sociedade portuguêza. Estes átos civicos são necessarios como estimulo a quem só pela consciencia persiste no caminho do bem e da verdade. Dirijindo-se a Bernardino Machado, disse-lhe que ouviria mais alguns aplausos sinceros, pronunciados por ómens de grande talento e virtudes, que mais não era preciso para se não arrepender da boa ação praticada.

Esta omenagem valia mais que as condecorações, que o ilustre professor despreza nobremente.

Talvêz alguem tenha apanhado no chão a carta de conselho que elle para lá arremessou num momento da sua vida publica.

Estáva naquéla assembleia um ómem cujo nome é pronunciádo com veneração, conquistada por impoluta e bela vida civil e académica.

Devia ocupar ali um logar de onra.

Saudava respeitózamente a austera figura inteletual e moral de Antonio Jozé de Almeida, convidando-o a assumir a presidencia da sessão.

As suas ultimas palavras fôrão cobertas com grandes salvas de palmas.

Ao occupar a presidencia, o dr.

Antonio Jozé d'Almeida

é recebido, estrondóza e demoradissimamente, com salvas de palmas, no meio de entuziasticos vivas, que a custo serênão, quando começa por agradecêr a ônra que lhe dão. Sente que a sua vós, átantos mezes prejudicada e doente. lhe não permitta tomar a palavra por muito tempo para fazer a biografia do grande cidadão cuja obra vai ali celebrar-se. Os oradores que vão seguir-se o farão melhor do que êle em qualquer ipóteze o poderia fazer. Faz o perfil dêsses oradôres, dizendo, entre outras coizas, que Arriaga tem sido tôda a vida um cavaleiro andante á procura da eterna justiça. Paréce um filho dilêto do 48 francês, tendo no peito tôdo o arranque vitoriôzo das barricadas e saindo lhe dos labios tôda a eloquencia magnética, que, pelos labios de Lamartine, salvára três vezes no mesmo dia, a republica de 48, que, ainda antes de ter a vida assegurada, estabelecêra o sufrájio popular e abolira a pena de mórte (*aplauzos ruidozos. Ovação delirante a Manoel d'Arriaga*). O outro, continua, é o Quim Martins, tão querido á nossa camaradájem de artistas e revolucionários, que sábe dar sempre ás suas palavras a forma, a côr e o ritimo que as tórnão sujestivas e empolgantes. A ideia, sabe êle vesti-la com as roupajens a um tempo sobrias e elegantes, que lembrão o córte vigorôzo e cadenciado da arte ellenica. (*Grandes aplauzos. Entuziastica ovação a Quim Martins*).

Os outros oradôres finalmente são estudantes, conhecidos por trabalhos literários, por ações revolucionárias e pela nobre altivês com que, respeitando os seus professôres de talento e de caráter, sabem erguer a cabeça perante os tiranêtes de capêlo que procurão esmagar com a perseguição o arranque indómito dos espiritos emancipádos. Estendendo o braço para êles, resumiu: o seu nobre pelto respira alto: jámais será esmagado pelo pé catedrático! (*Ovação extraordinaria á academia revolucionária, á independencia academica.*) O oradôr tem que parár por largo espáço. Apaziguáda finalmente a assembleia, dís que vê Bernardino em frente de si com o seu capêlo azul sôbre o seu nobre peito. Por detrás dêsse capêlo, que não é dos capêlos que se bandeiam, dos capêlos que se vendem, êle sente pulsar o seu coração apaixonado pelo Bem e pela Justiça, como se poderia sentir, na Edade media, pulsar o coração d'um cavaleiro através do aço faiscante da sua couraça.

Não sente pulsar êsse coração, por sôbre o peito de Bernardino collocar o seu ouvido de medico. Não! sente-o pelas pulsações do seu proprio, visto que o coração dos dois, o do oradôr e o do Bernardino se influencião telepaticamente, sob o anceio da mesma aspiração, como dois aparêlhos telegraficos se influenceião pelo influxo da mesma electricidade.

Descréve Bernardino na sua constituição fizica; dís que se não fôra a barba branca, as rugas da fronte e o descaído da face, se diria que êle, franzino e debil, vinha agora de sair das ancias aflitas de uma puberdade atormentada. Como cabe em tão estreito peito tão grande alma? E' simples. A alma de Bernardino só vive no seu peito para a animação do seu corpo. Porque de resto, éla vive no peito de tôdos os sedentos da justiça de tôdos os apóstolos da ideia. (*Aplauzos prolongados*). Por isso mesmo a festa de ôje é lejitima, porque éla sendo uma omenajem a Bernardino, éra um culto prestado a toda uma raça. (*Aplauzos*).

Fála na oração de sapiencia de Bernardino não podendo nós acompanhar nêste extráto os considerandos que o oradôr fês sôbre o ensino na Universidade de Coimbra e nas Universidades estranjeiras. Critica no meio da ilaridade da assembleia, as orações de sapiencia como é praxe fazel-as em Coimbra.

Refere-se ás feitas pelos lentes de direito, em que se fala no direito romano e mais no civil e mais no penal, descobrindo-se até talvês nalgumas, que *o principio do justo* existe nos selvajens que nas florestas de Africa contemplão as pompas do sol nascente!

(*Ilariedade jeral.*)

Se o lente que fazia a oração era de matemática, a oração vinha sêca e irta, era uma coiza sem ideias, em que as lêtras das palavras se perfilavão como os algarismos dum interminavel polinomio. E assim successivamente.

Até um dia um catedrático de medicina, já morto, e que era aliás um professôr ilustre, fizera a oração de sapiencia sôbre o clorofórmio. (*Ilariedade jeral.*) E' claro: tudo dezatou a dormir. Para acordar o auditorio só os tormentos da inquizição ou a muzica da charanga. Como não avia tormentos á mão, tocou-se a charanga! (*Gargalhadas jeráis e aplauzos.*) Em face disto bem se calcula o efeito que devia cauzar na Universidade, que aliás tem vários professôres de indiscutivel mérito, a oração de Bernardino Machado.

Nela transparecem tôdas as aspirações dum Pôvo, tôdas as agonias dum rejimen, tôdas as esperanças da Revolução!

E' um rujido de cóleras; é, ao mêsmo tempo, um canto de esperança. O oradôr declára não odiar a Universidade e muito mênos os seus ómens. A' entre êles alguns por quem terá sempre uma grande amizade e que êle profundamente considera e que, assim o julga, só por motivo de força maior

faltárão a esta festa. Mas a verdade mandava dizêr que fôra bem cabida a dura lição que Bernardino inflinjira ao velho instituto. Lição cuja durêza era agravada, porque ela encontrara éco na consciencia nacional. Que os lentes da Universidade tomassem nôvo caminho. De contrário, nóvos vexames sofrerião de futuro, dos ómens ou das coizas. Desta vês êles ficárão izolados e fóra de tôda a alma nacional. Para outra vês serão batidos sem remissão, porque se perderá de tôdo o respeito pela cidadela reacionária onde então fortificar-se. (*Aplauzos unanimes e estridentes. O oradôr, que, por vêzes elevou a sua vós a grande altura e falou com profundo arrebatamento, começa a sentir-se um pouco rouco.*)

Declara que vái terminar emquanto a voz lhe não falta de todo.

Num longo jésto aponta Bernardino Machado, e, voltando-se para a multidão, exclama: Eu o saúdo como sendo uma maravilhóza encarnação da Bondade; como sendo um explendido produto do espirito revolucionário; como sendo uma das mais belas floraçôis da alma liberal de uma raça inteira!! *E voltando-se para Bernardino, exclama:* Aceite esta omenajem sem ofensa para a sua modéstia, porque ela é sem desdouro para o meu carater. Se vim aqui prestar omenajem a um ómem, eu vim sôbretudo celebrar uma ideia. E eu estou novo e vigorôzo para defender essa ideia, mas velho demais para aprendêr a lizonjear os ómens. (*Grande manifestação ao oradôr e a Bernardino. Aplauzos. Vivas.*)

Mas o oradôr não dezeja ainda terminar. Quer saudar a mocidade e diz:

«Tenho ôje uma deziluzão formidavel que tôdavia é mais consoladôra para a minha alma que tôdas as iluzôis que eu tive na quadra ajitada da minha vida, quando, nesta bôa Coimbra, lancei para o ar o meu brado de revolta. Julguei que o meu nôme de tôdo se tinha riscado da vossa memória, que a minha imajem moral de tôdo tinha dezaparedo do vosso coração.

Engano! A maneira porque me recebêrão quando entrei nêste palco, os aplauzos carinhózos, que, quazi a cada periodo do meu discurso, me têem dispensado, prova-me bem que as nossas almas continuão irmanadas. Eu vos agradêço, não tanto pelo favôr que me fazeis, como pela consolação que me dáis.

Sim! Eu não estou aqui como um peregrino cançado que procurasse o vosso peito amigo para nêle repouzar a cabêça desfalecida.

Não! Felismente eu ainda não cancei.

Mas eu venho aquí como um vélho revolucionário, que, tendo prégado aos quatro ventos da terra, os principios que julgo de justiça, tendo experimentado as difficuldades da vida e as asperidôis da lúta, preciza de, quando a quando, tonificar a alma e o verbo nas fontes puras do ideal.

E' no vosso peito que encontro éssa pura fonte. Ela bróta da vossa alma, cheia de iluzôis, como de uma campina florida, coberta de lirios e de relva. Pois é junto déssa fonte que eu me curvo, e, colando os labios á limpida corrente, eu bebo, eu bebo felís e quazi esquécido de tanto trabalho passado, porque éssa limfa sagráda refresca o meu peito, acalma o meu cerebro e apazigua o meu coração excitado. (*Grandes aplauzos*).

O oradôr olhando para a plateia, para os camarotes, declára vêr vários republicanos de Coimbra, que, a cada momento o têem aplaudido. Sauda-os tambem, dizendo: «eu vos saudo meus amigos e antigos companheiros de armas. Os nossos destinos estão como outr'óra irmanados. Como á 13 ânos, os nossos peitos unidos fórmão a mesma murálha de rezistencia ao despotismo. Juntos, nós fizémos a campanha do *ultimatum*. Juntos, fômos ao Pio fazêr as nossas afirmaçôis liberais contra a reação jezuitica, junto ao tumulo de Aguiar. Juntos, nós sofrêmos a anciedade déssa madrugada trájica e glorióza que jámais se apagará da minha memória, porque eternamente viverá na minha alma, do 31 de Janeiro, dáta iroica, apezar de vencida, da nossa patria e do nosso partido. Juntos, finalmente, nós fômos a Santo Antonio dos Olivais acompanhar o cadaver de Jozé Falcão, e, nêsse momento, ao abrir-se o grande coval, sentimos que o mesmo lúto implacavel e dolorôzo, espalhava sôbre as nossas almas, os crépes da mesma tristeza. E de tal maneira os nossos sentimentos se fundirão, os nossos esforços se conjugárão, que eu fui mais do que o vosso companheiro, o vosso camarada, o vosso amigo, porque eu fui na verdade e efétivamente, como se fôsse o vosso irmão! (*Muitos aplauzos*). Unâmo-nos correligionarios e companheiros. A lejião dos revoltádos avança do fundo do orizônte impavida e arrebatada. Incorporemo-nos néla e caminhemos intrepidamente, porque vamos de encontro á Reação e a favôr da Liberdade!» (*Grandes e demorados aplauzos.*)

O sr. Antonio Jozé d'Almeida escutado sempre com entuziasmo é, ao terminar, alvo duma manifestação que lhe déve ter lembrado com saudade as do seu tempo de estudante.

Continúa na mesma adoração dos novos a sua figura em que se lê o dezassombro e a corajem, continua com o mesmo prestijio para os novos a sua palavra colorida, animada e dominadôra.

Em seguida, o ilustre orador convidou para secretarios os quintanistas de direito srs. Monteiro e Almeida, e, interrompendo as manifestaçôis, que não terminávão, deu, em vós clara, a palavra a

Campos Lima

Meus senhôres

Nós os estudantes, os que ainda sofrêmos a pressão do atuál rejimen de ensino, vimos dar á omenájem ao Doutor Bernardino Machado, uma bem nitida significação. Nutrindo nós uma fria indiferença pela maior parte dêsses lentes que nos ólhão desdenhózamente do alto da sua superioridade olimpica, com os quais temos limitado as nossas relaçôis á formula banal do cumprimento nas ruas, nós vimos aqui de braços abertos e coração palpitante afirmar a nossa profunda simpatia, a nossa adezão moral, o preito da nossa admiração a um ómem que soube compreendêr a sua missão de professor; a um ómem que, quazi izoládamente, numa classe que nos mantem ainda na inferioridade duma dependencia vexatoria, afirmada no fôro academico, ergueu a vós em defêza da nossa cauza.

Como ómens, nós podiamos vir declarar aqui a muita veneração que sentimos pela delicadêza d'alma dêsse que, cheio de bondade e amor, proclama: «Amemos ternamente os pequenos os necessitados. Quanto mais rôtos e sujos os virmos, mais nos aproximemos dêles, não sentindo senão uma só repugnancia, pelo mal.» Como ómens, nós podiamos trazer aqui a afirmação da nossa estima pelo caráter imaculado daquêle que tendo, pela injenuidade do seu coração bondozo, tocado as esféras do podêr, soube pôr de parte falsos brilhos de gloria e rasgar a sua carta de conselheiro d'Estado. Como estudantes, aprás nos sobretudo aplaudir em Bernardino Machado, o professôr que um dia na sála dos Capêlos, fujindo á práxe banál do elojio, proclamou onéstamente um plano educativo, na sua aspiração justa e jeneróza duma Universidade nova. E, como estudantes, a melhor maneira ainda de prestar omenájem ao Doutor Bernardino Machado é mostrar-lhe que a sua ação calou fundo em nôs, que as suas palávras fôrão acolhidas no nosso coração e que nós compreendêmos e sentimos com êle quanta verdade e quanta justiça néssas palávras á. Nêste mesmo sentido, o que vou dizer, eu o creio, não será mais do que a interpretação sincera do pensamento de todos os estudantes da Universidade de Coimbra.

Um dos peiores males, entre os muitos da Universidade, é o rotineirismo do seu ensino. São ainda os velhos processos, numa sujeição servil a praxe sem larguêza de intuitos educativos. Nas aulas de Direito, por exemplo, onde se guarda ainda relijiózamente a imponencia da cátedra, como a marcar a distancia insuperavel entre o lente e o estudante, fás-se tudo menos sciencia. Esta anda confundida com a erudição: de modo que o alúno, com êste método por muito aplicádo que seja, está sempre em risco de caír num estéril amontoado de nomes, de datas e de teorias, raras vêzes conseguindo assentar em alguma coiza de pozitivo. Subordina-se assim, pelo espirito da erudição, a mentalidade do alúno á mentalidade de varios escritôres. Abituado a reproduzir ideias doutros, é natural que na sua intelijencia se vá amesquinhando e anulando o impulso proprio e independente cuja evolução deveria ser antes de tudo o fim dum sistêma de educação rigorózamente scientifico. Quanta verdade não á, meus senhores, nestas palavras do Doutor Bernardino Machado: «Uma Universidade é um Laboratorio, onde professores e discipulos, como verdadeiros operarios e aprendizes, não têem por ocupação consumir ideias, mas produzi-las.»

Chamado um estudante a dar lição terá de cinjir-se a um plano pré-estabelecido, que não pode ultrapassar, nem substituir. Entenda êle, embora a inutilidade da expozição dum certo numero de factos; o mais que se lhe permite é afirmar que discorda das vantajens do estudo dêsses fáctos, mas isto depois de os ter exposto e assim ter mostrado que os estudou. Este ânо ao abrir das aulas, e certamente um pouco sob a influencia do discurso do dr. Bernardino Machado, naquéla parte em que o ilustre professor reclama a liberdade nas escolas, muitos lentes declarárão que permitião aos seus alunos a mais ampla liberdade de discussão. A injenuos poderia ter parecido ao ouvir essas palavras que a velha Universidade, autoritaria se penitenciava de antigas faltas e vinha para nós, numa tranzijencia, rompendo onéstamente com o passado. Mas a amarga verdade é qué aquilo significava pouco mais de nada. Liberdade de discussão quer dizer apenas que se nos concede que em face de certas teorias expostas rezumidamente em lijeiras linhas, sobre que se não póde fazer um juizo seguro, nós aprezentemos a nossa opinião. Mas isto não impede que nós sejamos obrigados a decorar, e a alguns lentes agrada-lhes que seja quazi textualmente, as teorias aprezentadas na preléção e quanto ao plano jeral da materia de cada cadeira seja qual fôr o cázo, somos forçados a não ter o mais pequêno desvio. Não, o que se reclama não é liberdade de discussão, mas liberdade de estudo. O que se dezeja, não é que nos deixem emitir opinião sobre assuntos em que, pela precipitação com que são tratádos, dificilmente a poderiamos ter, mas que se simplifique o ensino, aliviando o de todas as inutilidades que o abáfão, e estão a sobrecarregar, sem rezultado, a memoria do alúno. O que se pretende, é que a instrução seja ministrada de modo a despertar a atividade intelétual dos estudantes, e a promover assim, que livre e independente, a intelijencia obre por si mesma. De que vále fazer se a rezenha istórica de teorias sobre teorias, uma grande parte délas já dezaparecidas, se se tem, por isto mesmo, de descurar outros pontos fundamentais. O que importa é que a instrução, cumprindo o seu destino social, forme ómens aptos para a vida intelétiva e livre e não apenas simples decoradôres, que mais tarde não saberão libertar-se da pressão autoritaria que começão por sofrêr na aula e a que se submetêrão em todos os seus átos, agora como simples estudantes, amanhã como ómens. E é exátamente isso o que na Universidade se não fás.

Por isso Bernardino Machado, coração aberto a todos os sentimentos jenerózos, não poude deixar de condenar um tal rejimen que assim falseava a sua missão educadora. E naquéla sála fria e triste, onde as figuras dos reis sombriamente nos lêmbrão oito séculos de sujeição e servilismo, as palávras dêsse ómem, que era um professor como os outros, mas que dêles se afastava naquêle momento, essas palávras aliás justas, sendo a proclamação duma verdade, foram a afirmação de uma consciencia. E é ainda porque essas palavras tivérão para nós a mais alta significação que vimos ôje, nésta omenájem prestada a Bernardino Machado trazer-lhes o nossso incondicional aplauzo. Ao professor que soube declarar se abertamente comnosco, manifestando o seu dezacordo com uma Universidade em que se mantem ainda o fôro académico, que persistiu através todas as reformas, que nos impôi ainda um juramento relijiôzo e nos átos nos obriga a oraçôis em latim, a envergar medievalmente o calção e a pôr uma volta padresca, e que não cobre todos estes ridiculos da praxe com um sistema de ensino que tivesse a norteá-lo a intenção nobre de preparar ómens úteis; a esse professor toda a expressão da nossa simpatia, a êle todo o entuziasmo do nosso coração de nóvos, que sobre êle cáião vibrantes e sincéras as nóssas palavras.

E esaas palmas contêem ainda a nossa aspiração por um tempo em que as ideias expendidas na sála dos capêlos por Bernardino Machado vênhão a ser uma realidade. E nessas palmas vai ainda a nossa confiança numa era toda de pás e verdade, em que a educação será orientadada num destino eminentemente social, em que as Universidades deixarão de ser armazens sombrios, abertos privilejiadamente áquêles que poderem conquistar o direito de entrada, mas verdadeiros templos de Ciencia, erijidos no interesse de todos, com as suas portas franqueadas ás próprias classes operárias. E essas palmas quererião dizer: ensino racional, umanitário e livre!

Bernardino Machado, que nas aulas vai procurando realizar os seus principios sobre educação, é para nós o tipo do professor como nós o concebemos. Nesta derrocada vergonhóza em que os caráteres se desnaturão e a instrução se converteu num problema secundário, que pode ser posto de parte num dado momento por simples razôis pessoais, êle vále como um exemplo moral. Nesta ocazião em que os lentes da Universidade se apártão de nós e se escúzão a vir aqui mostrar-nos que estão comnosco nas nossas aspiraçôis duma melhor Universidade, Bernardino Machado é para nós um verdadeiro simbolo. Simbolo da instrução, como nós a queremos e como paréce provar-se que a não querem esses. Simbolo da Verdade, tantas vezes guerreada e que alfim áde um dia triunfar, quando tiver caído o último absurdo e o último preconceito.

Assim juntando ao vosso o meu preito d'homenájem ao Doutor Bernardino Machado, o professor sem mácula, eu quero significar-lhe que nêle eu estou a ver agora toda a Umanidade consciente e livre caminhando para o grande dia da Justiça.

Uma grande salva de palmas vibrou na sala quando o distincto academico terminou o seu discurso.

Têve a seguir a palavra o gloriozo caudilho da democracia

dr. Manuel d'Arriaga

A ovação feita ao grande tribuno democratico foi das mais calorózas que temos visto em Coimbra, e serenou como por encanto mal êle começou na sua vós suave e dôce contando a sua vida inteira passada a escutar a alma nacional, na ancia nunca satisfeita de a vêr resurjir triumfante e forte dos monumentos, da terra portugueza onde éla fôra tão grande e onde a via tão pequena na escravidão de todas as praticas relijiózas.

Nada póde dar o calór comunicativo daquéla linguajem simples e clara, arrastando pela fôrça dominadôra duma grande consciencia.

A assembleia óra aplaudia ruidózamente, óra se calava num silencio relijiôzo, ouvindo aquéla linguajem simples, dizendo melancólicamente toda a mizeria a que a ignorancia levou a vida do nosso gloriôzo pôvo.

Os rôstos juvenís dos academicos, adeantávão-se na atitude de atenção, esperando com o olhar a tremêr de intelijencia e de vida cada uma daquélas frazes bréves e incizivas, mas que impressionávão tão fundamente como as inscriçôis antigas dos vélhos monumentos em que se gravou a istória da umanidade.

E a cada uma daquélas frazes simples voávão os aplauzos, e rompião os vivas alégres e entuziasticos daquéla multidão escura, como se aquéla vós tivésse despertado consciencias adormecidas, e élas se levantassem cheias de fôrça no entuziasmo e ardôr da luta dezejada.

Quando a autoridade o quis interrompêr não se levantárão vózes a mandar calar o comissário, os gritos que se ouvião, érão vozes dos que anciávão por continuar a ouvir a vós educadôra do grande méstre.

Não érão vózes de indignação, nem de cólera, éra a vós imperativa das consciencias que se sentião fortes e dominadas pela fôrça sujestiva duma grande ideia, proclamada com grande dezassombro na vós clara da justiça.

E nada póde igualar a ironía e o desprêzo com que Manoel de Arriaga respondia a Antonio Jozé de Almeida que o interrompia em nome da autoridade: deixe-o falár, eu tenho 65 ânos, sei muito bem o que estou a fazer...

Todos se calárão para o ouvir melhor e avia da parte daquêles novos coraçôis quazi adoração, na atenção e simpatia com que ouvião a Manoel de Arriaga contando os grandes ómens que na sua longa carreira politica, êle vira abandonar as fileiras monárquicas, e a força que lhe vinha ao contar mais um entre os devotados partidarios do partido republicano.

Adeante de cada nôme ia o publico com o seu entuziasmo, saudando com aplauzos, ao sêrem pronunciadas por aquéla vós áspera como o vento das tempestades, ora doce como o murmurar dum ribeiro por entre a relva tenra, com as tonalidades armoniózas do ouro e do cristal, com o calór que só conséguem os que dão à uma ideia toda a vida do seu coração e do seu cérebro.

E quando terminou aquéla lista, dizendo numa fráze cheia de respeito e admiração o nome do dr. Bernardino Machado, o publico, voltando-se para o ilustre, professor fês-lhe uma longa e ruidóza ovação.

É impossivel dizer toda a eloquencia fascinadôra daquêle orador de ráça, espirito tão alto, caráter tão franco, bondade tão simples.

A doçura do seu rosto em que o tempo acentuou os traços da intelijencia, da bondade, da devoção pelos póbres e oprimidos, dando lhe o encanto, que só o tempo sabe dar ás grandes óbras d'árte, como que se iluminávа na aureóla dos seus cabêlos brancos de prata a desdourar.

Todos, novos e velhos, estavamos prêzos dum grande encanto, e nós os republicanos no orgulho de ver respeitado e tão querido, aquêle republicano tão entuziásta ôje como nos seus vélhos tempos de estudante, em que aqui andou no mesmo respeito de todos, no apostolado da mesma ideia.

Quando acabou, os aplauzos repetião se, emquanto êle andava de abraço em abraço, e os aplauzos demorávão-se porque todos o querião vêr, mais uma vês, agradecêr com aquelle sorrizo doce, em que anda toda a bondade acariciadora da sua alma.

Serenada a ovação, Antonio Jozé d'Almeida deu a palavra ao diretor da *Rezistencia*

dr. Teixeira de Carvalho

que disse:

Obrigado, senhôres!

Aplaudi! São os vossos aplauzos a minha unica fôrça, só êles me consérvão ainda a iluzão de que não tenha sido esteril a minha vida.

Os vossos aplauzos alégrão-me, e, confesso-vo lo, são me necessarios na vida de dezencantamento que tem sido a minha vida inteira.

Mais uma vês me vêdes trabalhando comvôsco em ésta vóssa. Mais uma vês, por devêr, estou a vosso lado.

Eu fui de todas as festas académicas do meu tempo, e continuei a sê-lo em trabalho de doutoramento e depois de doutôr.

Era eu um dos estudantes mais nóvos da Universidade quando se fês a festa em ônra de Costa Simôis. Fui eu então o reprezentante do meu curso.

A alegria da vélha sála dos capêlos que eu enchi de arbustos e flôres naquéla noite da minha mocidade....

Com que orgulho nós dezempenhávamos o papel que nos fôra distribuido por o melhór de nós, por Eduardo de Abreu que ôje distante, ao lembrar-se désta festa a que não póde vir, á de embeber o seu olhar de saudade na terra querida de seu pai, naquêle Jerês que se levanta com tanta fôrça para o ceu, como uma grande vaga azul.

Como o olhar das águias, é daquêla montanha que tira a sua força o olhar daquêle grande espirito.

Naquéla noite não era maior a sua alegria do que a nossa.

A mim tinha-me distribuido o papel de avizador de muzicos e oradores, éra eu quem tocáva a campainha impertinente da sála dos capêlos.

Era eu quem mandava tocar a charanga, uma charanga de doutôres.

A alegria com que eu fazia o meu papel de guarda-mór!...

Eu fui naquéla noite, lembro-o com saúdade, o comandante da guarda real dos archeiros.

Tenho ésta mancha monárquica no meu passado!...

Naquéla noite senhôres, varremos os lentes dos doutorais.

Nos doutorais estava a nossa comissão.

Era lá o seu lugar.

Êles é que dávão naquéla noite uma grande lição.

Quando, mais tarde, os quintanistas de medicina fizerão a sua festa em onra do dr. João Jacinto, fui da festa

tambem, e trabalhei como os mais nóvos.

Não podia, bem vêdes, faltar ôje na festa a um professôr que é tambem um grande vulto do partido politico em que milito.

E venho senhôres, sem cuidado pela fama, que tenho de pouco universitario.

Nunca deixei de respeitar o que devo respeitar,

Para aqui vim eu, senhôres, da reitoria da Universidade, e para a reitoria da Universidade voltarei, quando tiver terminado esta fésta, com a tranquilidade que me dá a certêza que tênho de que a minha vida inteira, á muito, me garantiu o respeito dos outros para o meu caráter.

Aqui vim no cumprimento dum devêr.

Para mim os gráus não me afástão, prendem me á Universidade.

Quando me formei soltou-se a minha ligação convosco, o meu gráu de doutôr prendeu-me indissoluvelmente a vós.

Vim muito tambem pela simpatia que tenho pelo grupo de estudantes que me convidou.

São rapazes de ideias avançadas, as mais diversas, e alguns, com entuziásmo, me tem contado as suas aspiraçõis, o ideal que séguem.

Pois senhôres, nem a minha idade, nem o meu caráter, nem a experiencia da vida me fazem respeitar ideais cujos nômes me não atrevo mesmo a pronunciar, e que êles dizem em vós alta com tanto orgulho.

E, apezar disso, ólho-os a êlles com respeito, e vejo-os com enternecimento levados por uma aspiração jeneróza a defendêr o que socialmente é um crime.

Não á ideia filozófica que não tenha sido um crime social.

E, senhôres, se um dia encontrasse algum de vós e me dissésse que para afirmar um principio jenerôzo, leváva uma máquina exploziva para deitar, sabei, senhôres, que eu nem fujia nem o entregava á policia.

Não! Iria com êle, e a minha palávra seria escutada pela jenerozidade dum grande coração.

O devêr dos que podem aconselhar é procurar a ocazião do bom consêlho e fazêr com que se não transforme em crime o que póde sêr a fonte de grandes virtudes.

E'-me grato êste protésto pela vitalidade sã que revéla na mocidade do meu país.

Só o vivêr amargo ensina a fôrça pedagójica dos anexins. Só êle os ensina a respeitar.

Dís o pôvo português: quem se não sente não é filho de bôa jente.

E' verdade!

E' bom protestar, e sempre de cabêça levantada, e com a consciencia segura de que se não ofende nem o pái nem a mãi que nos jerou.

E' bom o exajêro quando se é nôvo. O carater forma-se na paixão dos grandes ideiais.

O tempo a tudo dá a armonia universal.

Eu, mêsmo, tive um dia um momento de gravidade, que ainda ôje me lembra muito bem.

Foi no dia em que pela primeira vês, ás escondidas, pús deante dum espelho o chapeu alto de meu pai.

Que seriedade a minha!...

Pois foi assim, senhôres, que eu aprendi a uzar a rir o meu chapéu alto... e a minha borla de doutôr!...

Perdão!...

Eu poucas vêzes tenho ocazião de me orgulhar déla, como agora, em que V. Ex.ª a lembra ao meu respeito...

Nunca ne minha vida de estudante, nem depois, eu pude arranjar uma atitude grave com a minha borla de doutor.

Nunca a olhei, senhores, com o respeito que tive sempre pelo chapéu alto de meu pai!...

Vêdes bem senhôres como aqui estou a falar-vos de vontade.

Fui das consagraçõis a professores como estudante, fui-o em trabalho de doutoramento, fui-o como doutôr e, se ôje fôsse professôr, escuzo de dar-vos a minha palavra d'ônra que estaria aqui tambem.

Para aqui me traria o dever.

Como de costume, eu fiz até um pouco para vir.

E' assim sempre. Quando foi do trinta e um de Janeiro, eu que éra da intimidade de tôdos os estudantes revolucionarios dêsse tempo, soube-o á ultima óra.

Foi um, que eu encontrei por acázo, que me disse entuziásmado e com um grande abraço que tinha rebentado a revolução no Porto e que êle ia jantar para ir depois destruir a linha do caminho de ferro e cortar o telégrafo.

E eu, que vi uma revolução a abortar, não pude deixar de seguir com enternecimento aquêle estudante que tinha uma fé tão serêna no triunfo do seu ideal.

Oje, como então.

Eu não dexia falar, mas ontem em quanto ornamentáva a sála da reitoria que daqui a pouco se abrirá em ônra vossa, não podia afastar a vista dum retráto nôvo que lá pozérão agóra.

Este âno, assiste pela primeira vês á festa numa moldúra rica, o professôr querido e modésto, que os estudantes do meu tempo consagrárão no seu amôr com o nome carinhozo de *Vélhinho*.

Parecia-me que o bom velho dr. Costa Simões não tiráva os olhos de mim, e era cérto que o seu sorrizo aumentáva quando eu me afastáva dêle.

O sr. dr. Julio Enriques, que conhece os segredos da arte de pintar, explicou-me que só a distancia fazia fundir os tons azulados que dávão a gravidade ao rosto e avultava o carmim dos labios, a doçúra do olhar, dando ao retrato o sorrizo que distinguiu na vida o querido méstre e de que nunca me esquéci, para o julgar.

Era verdade, mas a impressão continuáva, até que eu saí, sem me despedir, e, da porta, pareceu-me vêr olhar o dr. Costa Simões para mim com o olhár e o sorrizo alégre e dôce com que premiava uma óra a mais de trabalho, que eu fizésse, fóra das minhas obrigaçõis escolares.

Fui então que os encontrei a êles: andávão a procurar-me, pedirão me, e eu vim.

Mais uma vês o sorrizo do meu velho professôr me puzéra no caminho do devêr.

Com esta fésta de omenajem ao sr. dr. Bernardino Machado, a mocidade portuguêza fás acto de civismo.

O futuro é como o prezente da sciencia apenas.

Nem a relijião, nem a moral, nem a filosofia, nem a literatura, nem a arte são a força dominante do progrésso.

Não á qualidade eroica capás de firmar o predominio dum pôvo, a corájem, a grande virtude antiga, tem ôje menos valôr que o mais insignificante facto scientifico.

O prezente é dos que mais sabem, o futuro será dos que mais soubérem,

Só a sciencia nos leva á verdade, a eterna inspiradôra justiça.

Só a verdade e a justiça jérão o amôr do povo.

Oje tráva-se no mundo uma guerra terrivel entre dois países.

O que fás, senhôres, a supremacia do Japão, o que fás, senhores que em nóssa consciencia o Japão saía sempre vencedôr.

Não é nenhuma das grandes virtudes antigas a que a umanidade prestou culto.

A Russia e o Japão bátem-se com a mesma corájem, não fica o russo vencido pelo japonês.

Ambos sacrificão igualmente ao preconceito relijiôzo: o russo recébe a benção do seu sacerdóte antes de entrar para a batalha; não á japonês nenhum que não combáta com os rins cinjidos pela faxa majica, em que a mulher ou namorada reunirão num bordado os vótos de mil vontades.

O russo não ouve a vós de Tolstoi e Doltoiwesky, os espiritos guiadores da sua raça, o japonês abandonou de todo o espirito tradicional que impôs a sua arte á admiração da Europa.

Dos dois países um apenas sacrificou á sciencia, abandonando costumes e tradiçõis.

Isso bastou para lhe dar todas as vantajens do progrésso.

Isso o tem feito vencedor.

Sacrificar á sciencia, senhôres, é sacrificar ao progrésso da patria!

A diviza, erguida pelo sr. dr. Bernardino Machado—A Universidade e a Nação—seria para nós o lema redentôr da vélha e gasta formula — O Trôno e a Relijião.

Seguir e onrar os ómens de saber é seguir pelo caminho do progrésso e da liberdade, é onrar e servir a pátria.

O futuro é do sabio, e o sr. dr. Bernardino Machado é o tipo do verdadeiro ómem d'estado; porque desde muito nôvo tem o culto da sciencia e a antropolojia, a etnografia, e a demografia são os verdadeiros inspiradôres do progrésso.

São êsses os estudos da sua especialidade. Eles explicão toda a sua vida publica.

O pôvo mais adeantádo será o que conhecer mais factos scientificos, o que melhor os tiver ordenado, o que melhor souber extrair-lhes a jeneralidade.

Por isso, senhôres, o sabio é ôje o verdadeiro fautor do progrésso, por isso, senhôres, o *ensino e a nação* é a grande diviza de todas as sociedades verdadeiramente grandes.

Para vos dizer isto, senhôres, eu vim aqui, eu que tenho sido sempre de todas as vossas alegrias, eu que tenho sido sempre de todas as vossas dôres.

Senhôres, quando acaba a vida académica, nós ficamos como os meninos do vélho conto, ao deixarem a caza dos páis, demandando lonjes terras á conquista da fortuna.

Dis o conto, que ao chegar a uma encruzilhada rezolvêrão seguir cada um por seu caminho e juntar-se ao fim dum âno, para contarem onde avião encontrado a felicidade.

Quando se acaba a nossa vida académica, cada um de nós promete voltar, mais tarde, a apertar o abraço que então se desprende, e a pôr os outros no segrêdo da felicidade.

Quando acabou a vida academica, os ómens da minha jeração tomárão caminhos diversos e poucos seguirão por onde eu enveredei.

Ia andando e ião me ficando as iluzõis pelos espinhos do caminho.

Voltei mais tarde, e debalde esperei na encruzilhada em que me deixou a minha aventura académica.

Não voltárão os que tinhão prometido vir. Se encontrárão a felicidade escondêrão na bem.

E eu continuei sózinho, sempre a perdêr iluzõis e sempre com iluzõis nóvas para perdêr.

E' que, senhores, se para uns começa, depois do descuido da mocidade, o encanto da vida, para outros começa então a vida do dezencantamento.

Eu continúo a dizêr que estou á espéra dos que prometêrão vir.

Bem sei eu que nunca voltarão...

Mas continúo na encruzilhada, em que me deixou a minha vida académica, porque é sitio de passajem, e tôdos os ânos vejo partir novas jeraçõis.

Fiquei, senhôres, para vos avizar. Por isso sou de tôdas as vossas festas, por isso estou ôje aqui para vos gritar:

Senhôres, o caminho por onde enveredei é bom. Ide afoitos por êle. E' o caminho do triunfo.

Eu andei sózinho, com a sombra querida de Jozé Falcão o grande méstre.

Segui por êle senhôres!

Eu andei sózinho. A vós não vos faltará amparo e guia seguro.

Metei pelo meu caminho, a guiar-vos tendes o dr. Bernardino Machado êsse grande méstre e êsse grande caráter.

Segui-o sempre e não dezanimeis se virdes muito perseguidos os ómens de alto pensamento que vos guiárem.

Eles são a garantia do triunfo de Portugal que renasce, êles são o perigo para as instituiçõis que vão morrêr.

Ão de ser muito perseguidos.

Tem o sido já.

Ainda á pouco senhôres foi desrespeitado, na festa mais solêne da Universidade, o sr. doutor Bernardino Machado; foi dezautorizado, êle que faláva em nôme dos direitos sagrados do ensino, êle que faláva por eleição da sua faculdade, sem respeito até pelos preconceitos que defendem e que devião impôr-lho á consideração, por ser êle na jerarquia social o mais alto dentro daquéla cáza.

A todos nós, os que assistimos ao dezacato, nos tomou de todo o espanto e olhámos mudos para os doutorais, donde se escoávão os doutôres precipitadamente na atitude comprometida dos véxados sem corájem.

E no entanto, no alto, sorria ao sol a decoração simbólica daquéla sala.

Não sei, senhôres, se alguma vês o tédio vos fês reparar, como eu, nas pinturas daquêle této abaúlado, que fazem lembrar as cores apagadas do fôrro da chita antiga dos velhos baús de coiro, em que se guárdão em caza as coizas preciózas.

E que cheiro a bafio que tudo aquilo tem!...

E' uma decoração feita no simbolismo caro á renascença. Se reparardes bem, no técto daquéla sala, vereis as sereias de vós enganadôra, mirando se e remirando-se na propria imájem; noutro painel alegra-vos um vôo de borboletas, engano, a rastejar sobre folhas vereis roendo vorasmente as larvas más, e numa linha de pompa, num toque caprichozo, avulta mais lonje a imajem vaidóza dos perús.

Em baixo, escoava-se o publico lentamente, num andar cançado e triste, emquanto em cima, á lús do sol que entrava á vontade pelas tribunas vazias, continuávão brilhando nos entrelaçamentos dourádos do técto as sereias enganadoras, e as larvas más, e arremetião triunfantes os perús vaidózos.

Ainda á pouco, senhôres, assistiu o país inteiro á guerra feita a Manuel de Arriága inutilizando o seu concurso para professôr, torsendo a lei, calcando a justiça em nôme do ódio.

Vê-los-eis perseguidos mais vêzes, não dezanimeis, segui-os.

Ão de triunfar.

Não á força que québre o fio tenue do pensamento.

No ensino peninsular á um facto que o mostra num exemplo frizante, a istória de Frei Luis de Granada arrancado pela inquizição da sua cadeira de professôr.

Conta-se em Salamanca que, quando voltou a rejer cadeira, depois de longos ânos de martirio, começou com estas palavras: tinha eu dito na ultima lição....

Para o vélho professor não tinhão contado os ânos de sofrimento.

Deante dêle não avia um só rôsto conhecido. Nem um só dos seus antigos discipulos....

Muitos andávão em vida aventuróza em térras distantes, mais dum morrêra numa noite damôr, na iluzão dum beijo perfumado, á caricia do vento embalsamado pelos cravos dum balcão em flôr.

Nada via o velho professôr.

Nem a prizão, nem a fóme, nem o tormento avião podido partir o fio ténue do pensamento naquêle côrpo fráco.

O caminho por onde enveredei, senhôres, é o bom. Nêle encontrareis guias seguros, segui-os!...

Só a sciencia é a verdadeira inspiradôra do progréso.

Só a sciencia léva á justiça, só éla póde inspirar o verdadeiro amôr do pôvo.

Segui-os, aprendei a lutar e a sofrêr com êles, só o soffrimento fás os ómens, só êle os ensina a amar.

Quando se é nôvo, está-se alegre quando fás sol, vem a tristeza com a chuva.

Tendes-me aplaudido, com tanta alegria minha, julgais que eu tiro vaidade disso?

Não. Estais alégres porque se foi a chuva, e está ôje um dia lindo de sol.

Quando se é nôvo, o sol e a chuva fazem a alegria e a tristeza.

E' necessario sofrêr para saber amar bem a chuva triste e escura, o sol claro e alégre.

Até o frio é bom: ensina a compreender e amar o fôgo. Quando se tem sofrido a fóme e a sêde, ouvir chovêr alégra.

Chóve muito? Melhór, é sinal certo que neste âno as fontes rebentarão mais depréssa, cantarão alégremente na primavéra e a terra se á de cobrir mais cêdo de rélva e de flôres.

Chóve agóra? Melhor: secarão as fôntes mais tarde no verão e a seára á de vingar, e o celeiro será farto.

Quando se é nóvo, noite que não comêce de luar, não é noite de amôr.

Quando se tem sofrido que importa a chuva? Bem sabe a jente que o campo tão lindo na primavera, é agóra triste.

Chove? Bemdita chuva que vem dar um encanto novo ao campo. Se chove e a noite é de luar, abençoado o vento frio que afasta as nuvens e deixa mergulhar na agua, que cóbre a terra, a imajem das estrelas, enchendo o campo de florasçõis de sonho, como se abrissem misteriózamente os seus cálices lirios doiro numa seára de prata.

O sofrimento é o jerador do amor, o amor é a verdadeira relijião.

Respeitai essa sempre, sem esquecerdes que pela istória patriótica do vósso pais deveis respeitar tambem a relijião que vos ensinárão em meninos.

Mas lembrai-vos tambem que o patriotismo vos não prende de todo nem a vossa vós nem os vossos braços.

Passa ôje um cortêjo em omenájem a um dógma.

Desprendei a vossa capa, dezembuçai-vos; mas que todos vêjam que o fazeis apenas por boa educação.

Nada vos prende a êle.

Nas lutas pela restauração de Portugal, D. João IV teve de dar batalha na terra portugueza e em Roma.

Os Filipes para segurárem a corôa que temião lhe fôsse leváda com os paízes que se ião libertando do seu dominio, lizonjeávão a relijião, tinhão inventádo um dógma nôvo, e soubérão impolo á fraqueza dos lentes que o jurárão.

D. João IV seguiu-os no ardil e foi mais lonje: ofereceu o reino á Virjem em nome da imaculáda Conceição.

Foi um ardil politico, que nada prende com o sentimento nacional, numa fáze passada em atrazo de dezenvolvimento.

Não á sentimento patriótico que vos obrigue a respeita-lo por requinte de sentimentalidade.

Não!

Respeitai as tradiçõis, senhores, e lembrai-vos sempre que sois os descendentes da mocidade glorióza que em 1640 proclamou a independencia da patria em Coimbra.

Foi a sua vós a primeira a erguêr-se. Eles forão buscar o reitor ao paço das escólas e de lá viérão com os professores á caza da camara gritar bem alto pela independencia da patria.

Em Santa Crús fazião-se exequias solénes pelo descanço de D. Afonso Enriques, que á tanto tempo jazia para ali abandonado.

Eles entrárão na igreja interrompendo o cerimonial relijiozo e gritando pela independencia da patria.

E os cónegos atemorizados mudárão os rejistos aos órgãos e começárão em cantos de triunfo.

Forão os vossos antepassados que, naquela pájina rasgada da folhinha, inscrevêrão uma data glorióza, onde avia uma comemoração de luto.

Não atendais de mais ás indicaçõis da folhinha, rasgai-a e inscrevei néla datas novas de gloria.

E' a istória da Universidade que vo-lo manda.

Quem fês a restauração de Portugal não foi a fraude piedoza dum rei, foi o patriotismo dos vossos que fôrão com o seu reitor bater-se nos terços do Alemtejo.

Não foi a Virjem não, foi o patriotismo do pôvo português que não viu a infamia dum reinado e tudo perdoou a D. Pedro II.

Estudai as tradiçõis do vosso país, senhôres, e vereis o engano em que vos trázem.

Estudai, senhores, que muito tereis que aprender e respeitar.

E lembrai-vos, sempre, senhores que érão estudantes como vós, os que em 1640 corrêrão á universidade e á igreja, lembrai-vos sempre que érão estudantes como vós, os que, na óra trájica da crize nacional, forão buscar o seu reitor e os seus professores e os fizérão vir para a rua a gritar com êles, e os levárão a gritar ao templo de Santa Crús sem respeito pelas féstas do kalendário.

Não respeiteis de mais a folhinha.

As dátas gloriózas só de vós dependem.

Tendo oferecido o reino á Virjem, em nome da Imaculada Conceição, D. João IV não julgou seu o reino e fês o voto de nunca mais pôr a corôa na cabêça.

E é por isso, senhores, que desde então encontrareis sempre sem corôa os retrátos dos reis de Portugal.

O reino já não é dêles á muito!...

Os reis de Portugal, senhores, não têem já a corôa na cabêça.

Os reis de Portugal têem a corôa na mão, e o jésto tem um não sei quê de falso e de suspeito!

O discurso do nosso querido amigo, interrompido repetidas vêzes por ruidózos aplauzos, foi ao terminar saudado por uma caloróza e bem merecida ovação.

Tendo acabado de falar o dr. Teixeira de Carvalho, tomou de novo a palavra o dr. Antonio Jozé de Almeida dizendo achar-se esgotada a lista dos oradores inscritos mas que daria a palavra a quem a pedisse.

Calando-se a assembleia, pediu a palavra o

dr. Bernardino Machado

Ao ouvir a sua vós o publico levantou-se todo e voltando-se para o camarote rompeu em palmas, vivas e gritos patrióticos, que o dr. Bernardimo Machado, muito palido, a cabeça curvada, agradecia comovidamente.

Mal pronunciou a primeira palávra todos se calárão e na sala ainda vibrante dos aplauzos a vós dôce de Bernardino Machado, disse agradecendo:

Agradeço aos promotôres da festa, e todos os que se lhe associárão, a sua carinhóza manifestação. E disse que se atrevia a agradecer mesmo pela nossa Universidade e pela nação, que precizávão sobre tudo de actos d'independencia e de cordialidade como aquelle. E por êsse alto significado da festa, verdadeiramente soléne, que a mocidade academica ali celebrava, saudou e felicitou, concluindo por erguer um viva á mocidade academica portugueza.

A's ultimas palavras revoou nova salva de palmas e erguerão-se mais alto os vivas e os gritos patrioticos.

Encerrando a sessão, disse o dr.

Antonio Jozé d'Almeida

Está realizada esta grande omenajem á liberdade, terminada ésta grande festa á Sciencia, desferido êste grande combate contra a reação. Eu vos felicito ó mocidade, calorosamente eu vos saudo. Mais do que nunca, vós viveis no meu coração, porque para o vosso peito corre do meu toda a imensa ternura que o enche.

Reparai: ao fundo do orizônte vê-se a mancha do mundo nôvo que caminha, já se diviza a sua bandeira, já se ouvem os seus clarins. Colai os ouvidos á terra e ouvireis, como se ouve, o trepidar dos esquadrões nos momentos que precedem as batalhas, o ritmo do seu caminhar, intrépido e offegante. Ergamos os nossos corações e a vós como depois aos meus correlijionarios eu digo: incorporemo-nos néssa falanje, demos por éla o nosso esfôrço e o nosso sangue, vamos com ela, porque vamos para a Revolução!

(Muitos e demorados aplauzos.)

A assembleia dissolve-se no meio de apluzos entusiasticos, retinem de todos os lados gritos patrioticos, aclamações frenéticas a Bernardino Machado, que vái por entre as álas do povo que se aperta á sua passajem.

Assim acabou esta memoravel consagração.

Na mêza forão lidas as seguintes adezões:

Amarante 8, ás 10 h. e 20 m.

Peço fineza reprezentar-me sessão solêne ôje 8 dezembro em onra Dr. Bernardino Machado aprenzentando-lhe omenajens minha admiração pelo seu elevado caráter, talento e civismo.

Antonio Coimbra.

Ex.mo amigo — Bem quizera assistir á glorificação do nosso ilustre Doutor Bernardino Machado, e proclamar publicamente a sua altura moral nessa glorióza omenájem que lhe vai ser prestada.

A minha deslocação de Lisboa e comparencia em Coimbra é um óbice qus me não permite este prazer de cooperar nessa devida apoteóze.

O meu sistema de vida, trabalho pendente e obrigações impreteriveis são uma barreira que não posso transpor fácilmente.

Agradêço o amabilissimo convite, que para mim considero uma distinção e confésso-me

1—XII—904

Sempre am.o ob.mo

Teófilo Braga.

Impede-me a doença de estar ôje em Coimbra ao lado dos amigos vitoriaudo as nobres ideias de fraternidade e justiça que o dr. Bernardino Machado tão luminózamente proclamou no seu discurso inaugural. De lonje me associo á festa explendida, que é ao mesmo tempo uma omenájem e uma batalha.

Guerra Junqueiro.

Fós, 20-nov.o 904.

Ex.mo Sr.

Muito penhorado pela amabilidade do convite que V. Ex.a teve a bondade de dirijir-me, em nome do *Grupo do Livre Pensamento*. Infelizmente, não me é possivel aceital-o, em consequencia de me não permitirem, trabalhos encetados e obrigações contraidas (não falando já numa saúde caprichóza), dispôr do tempo e da atenção que a fésta projetada inevitávelmente me imporia. Esperando que V. Ex.a e os seus dignos colégas me relévem a falta de comparencia, perfeitamente involuntária, subscrevo-me com toda a estima

De V. Ex.a serv.dor
m.to at.to e obg.do

B. Téles.

Meu querido amigo e correlijionário, Dr. Bernardino Machado:

7 dez 904.

Acaba de saír d'aqui o nosso correlijionário e meu médico e amigo dr. Adriano Pimenta, que me auscultou e julga perigoza a minha saída de cáza, emquanto não passar a tósse que apanhei ainda em Braga e se me agravou ontem em Santo Tirso, de tal sorte que ôje tive de me substituir no julgamento pelo Germano. Escuzo de dizer-lhe, meu querido amigo, quanto me desgósta o meu estado. Prefereria faltar a mil outras féstas ou reuniões partidárias, ou d'outra especie, mas não quereria vêr me forçado a só daqui lhe enviar a minha carinhóza saüdação e a minha adezão incondicional ao seu apostolado na Universidade e na Politica.

Abraço-o com saudade e amizade e subscrevo-me

De V. Ex.a am.o
certo e ded.mo

Afonso Costa.

Ex.mo amigo e sr.

Como não estou ainda bem, e por isso não posso ir a caza de v. ex.a, permitta-me v. ex.a que por êste meio muito afetuózamente saude v. ex.a e me associe ás omenajens prestadas ao seu espirito tão esclarecido como encantadôr.

Antonio de Padua.

Mil felicitações. Merecida omenajem.

Albano Coutinho.

Lisboa, 1 de Dezembro de 1904.

Ex.mo Sr.

Recebi a carta de V. Ex.a

Com o maior gosto escrevo a respeito do dr. Bernandino Machado que conheço e de quem sou amigo desde o nosso primeiro âno universitário.

Vai na folha junta em poucas palávras o que penso do dr. Bernardino Machado no momento atuál tão palpitante para êle.

Sou de V. Ex.a
m.to at.to ven.dor e obg.do

Dr. E. Alves de Sá.

Gomes Leal tem a onra de remeter incluzo o orijinal pedido por V. Ex.a para o *Numero Unico* em omenájem ao Dr. Bernardino Machado.

Figueira da Fós 8, ás 3 h. e 30 m.

Associo-me jubilózamente á manifestação que ôje tem logar em onra de V. Ex.a

Manuel Gaspar de Lemos.

Lisboa 8, ás 11 e 10 minutos.

A nossa omenájem ao notavel cidadão, distinto sábio, grande patrióta, dr. Bernardino Machado compreende a afirmação de dois grandes principios, que derivão da escola dos Livres Pensadôres — liberdade de consciencia, liberdade de pensamento. E' justissima a vossa omenájem ao dr. Bernardino Machado. O Gremio Luzitano aplaude-vos e daqui toma parte no vosso significativo áto de alta justiça.

Terenas.

Porto 8, ás 4 e 24 m.

Peço aceite de mim tambem o tributo de admiração, solidariedade e respeito que o dia d'ôje lhe consagra.

Paulo Falcão.

Ex.mos Sn.rs

Muito agradeço o convite que V. Ex.cias se dignárão enviar-me para eu tomar parte na manifestação que deve realizar-se no dia 8 do mês de Dezembro.

Sinto não poder comparecer, o que não me impéde de aderir á iniciativa do grupo do livre pensamento de Coimbra.

A tudo quanto sirva a combater preconceitos, onrar protestos como o da oração de sapiencia, proferida pelo professor dr. Bernardino Machado, e incitar a mocidade portugueza a seguir caminho diverso do que, na sua grande maioria, tem, infelismente, seguido, adiro sempre com o mais sincéro entuziasmo

De V. Ex.a At.o V.or

João de Menezes.

Lapa 8, ás 3 e 3 m. t.

Em nome Associação Escolas Moveis associo me omenájens justissimas.

Cazimiro Freire.

Lisboa, 1 XII 1904.

Ex.mo Senhor:

Nêste momento estou preparando a minha conferencia sobre o Congrésso de Roma, que deve realizar se no dia 10 do corrente.

Além disso, espero, na proxima semana, dois amigos meus de Madrid, que veem, de propózito, a Lisboa por êsse mesmo motivo.

Póde, pois, imajinar qual será a minha mágoa por não poder assistir á projétada manifestação em onra do nosso eminente e querido chefe, dr. Bernardino Machado.

Creia que só, por motivos ponderózos, deixaria de tomar parte numa omenájem para a qual me chamávão o espirito e o coração.

Sou com singular consideração

De V. Ex.a
m.to at.to v.dor e obg.do

Magalhãis Lima.

Braga, 8, ás 2,30 da tarde.

Aderindo festa onra v. ex.a, saudo emancipação do ensino da reação clerical.

Arthur Leitão.

Caldas 8, ás 10 h. e 50 m.

Associo-me omenájens academicas.

Leão Azedo.

Vizeu 8, á 1 h. e 30 m.

Redação *Voz Officina* associa-se á justa omenájem e saúda-vos.

Souza.

Vizeu 8, á 1 h. e 35 m.

Partido republicano de Vizeu reunido em assembleia geral saúda ilústre cidadão Dr. Bernardino Machado.

Paes Gomes.

Lapa 8, ás 3 e 5 m. t.

Respeitózamente cumprimento e felicito V. Ex.a

João de Deus Ramos.

Lisboa 8, ás 10 h. e 10 m.

Saudando em V. Ex.a um dos mais dedicados defensores da liberdade me associo sinceramente á justa manifestação de ôje.

Luis Filipe da Mata.

Vila do Conde 8, ás 10 h. e 15 m.

De todo o coração me associo festa de ôje — Um grande abraço.

Pereira Junior.

O partido republicano de Aveiro estava reprezentado pelos srs. Arnaldo Ribeiro, Gonçalves Gamélas e Antonio Maria Ferreira.

O Grupo Liberal Manuel Fernandes Tomás, da Figueira da Fós, estava reprezentado pelos srs. Antonio Fernandes da Silva e Cassiano Martins Ribeiro.

A *Vós Pública* estava reprezentada pelo seu correspondente.

Lisboa — 30 Novembro.

Il.mo e Ex.mo Senhor.

Tendo regressado a Lisboa, encontro a carta de V. Ex.a convidando me para colaborar no escrito destinado a prestar merecidas omenájens a Bernardino Machado, de quem sou amigo e admirador.

Agradeço penhoradissimo a onra, com que V. Ex.a me distingue, e venho assegurar-lhe que me associo a essa justissima consagração com todas minhas simpatias tanto pelo consagrado como pelos promotores da consagração embóra o motivo expresso no começo desta minha carta me tivésse inibido de remeter qualque artigo, com que a publicação nada lucraria, e que a estas óras já não chegaria a tempo de ser aproveitado.

Aprezento ao grupo, de que V. Ex.a é digno secretário, os meus cumprimentos, e sou

De V. Ex.a
Am.o V.or e ob.do

Anselmo de Andrade.

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

Salão da moda

Enxovais completos para noivas.
Fazem-se com a maior elegancia no

Salão da Moda.
COIMBRA

TEIXEIRA DE PASCOAES

Para a lús

FIGUEIRINHAS JUNIOR
Livraria editóra — Lisbôa

Córtes de colêtes de fantazia, para o invérno, o que á de mais novidáde.

Machado — Alfaiate
Sofia, 58 a 62

SALÃO DA MODA

COIMBRA

Fazendas, novidade para vestidos de inverno.
Grandes reduções de preços em todos os artigos désta cáza.

TEIXEIRA DE PASCHOAES

Jesus e Pan

Pedidos á livraria editora de José Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras 75 — Porto.

O producto deste livro reverterá a favor duma *Assistencia de creanças doentes* que se vae fundar em Amarante.

PREÇO 400 REIS

JOSE' SAMPAIO (Bruno)

O ENCOBERTO

1 volume, 700 reis

LIVRARIA MOREIRA — EDITORA
20, Praça dos Restauradores
PORTO

LEONOR TELES

(ROMANCE ISTÓRICO)

Grande edição de luxo profuzamente ilustráda com gravuras de pájina a 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impréssa em magnifico papél.

Cadernêta semanal de 24 páginas e 1 crómo ou 32 pájinas de têxto — 60 réis. — Tômo mensal, 320 réis.

Brinde a tôdos os srs. assignantes — Um exemplár grátis a quem enviár a importancia de 10 cadernêtas, tômos ou volúmes.

Em publicação na

A EDITORA, *largo Conde Barão, 60*
Lisboa

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

ORARIO

(Desde 6 de novembro de 1904)

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

Partidas

Do largo das Ameias		Da rua Infante D. Augusto	
8h 30m	manhã	9h	manhã
9	»	9 ,30	»
9 ,30	»	10	»
10	»	10 ,30	»
10 ,30	»	11	»
11	»	11 ,30	»
11 ,30	»	12	»
12	»	12 ,30	tarde
12 ,30	tarde	1	»
1	»	1 ,30	»
1 ,30	»	2	»
2	»	2 ,30	»
2 ,30	»	3	»
3	»	3 ,30	»
3 ,30	»	4	»
4	»	4 ,30	»
4 ,30	»	5	»
5	»	5 ,30	»
5 ,30	»	6	»
6	»	6 ,30	»
6 ,30	»	7	»
7	»	7 ,30	»
7 ,30	»	8	noite
8	noite	8 ,30	»
8 ,30	»	9	»
9	»	9 ,30	»

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Do largo das Ameias		Da estação *B*
3h, 8m	manhã	Depois da chegada dos comboios excepto nos rapidos em que as partidas são logo depois das d'estes.
5 ,51	»	
8 ,13	»	
2 ,30	tarde	
3 ,45	»	
5 ,55	»	
6 ,20	»	
6 ,35	»	
7 ,50	»	
11 ,17	noite	

Aos domingos e dias santificados são suprimidas as carreiras das 9 e 10 horas das manhã, das Ameias, e das 9,30 e 10,30 da rua do infante D. Augusto.

Nos dias santificados e nas vesperas de feriado são prolongadas as carreiras até ás 10 horas da noite.

CORES DOS FAROIS

Verde, indica a Alta; *vermelho*, estação *B*; *branco*, Casa do Sal; *amarello escuro*, reservado.

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12—Rua da Moeda—14

N.º 96[illegible] | COIMBRA — Quinta-feira 15 de dezembro de 1904 | 10.º ANO

BERNARDINO MACHADO E A UNIVERSIADDE

Poucas vezes a Virtude tem alcançado vitórias morais tão grandes como a que se deu com a *Oração de Sapiencia* proferida na Sala dos Capêlos, êste âno, ém outubro passádo.

Poucas vezes, rarissimas vezes. Não é êsse celebre discurso a opinião simples e izolada dum ómem; não é o produto privativo dum cerebro, nem a afirmação regular dum temperamento, apenas.

E' a manifestação extraordinária e altiva da justiça colétiva, é o brádo imponente e grande da Verdade umana. A' néssas palávras a conjugação serena de todos os cerebros justos, são éssas palavras a rezultante afirmativa do modo de pensar dos ómens onéstos. Bernardino Machado, foi, assim, como que o porta-voz de todos aquêles que sônhão pelos sônhos de Perfeição, de todos aquêles que anceião pelo estabelecimento dum rejimen novo, rejimen de Pás e de Lús, de Amôr e de Bondade.

A consciencia da Umanidade, o pensamento da Umanidade, as palávras dos Omens rétos, encontrárão naquêle discurso admiravel a sinteze formal e caracteristica das suas manifestaçõis sincéras e naturais.

E, sendo assim, e, porque, o é, ouve no proferir déssa *oração*, o estalar altruista duma luta, o dezafio soberbo para um ajuste de contas. A Verdade veio á arena para combater a Mentira; o Amor veiu ao campo para aniquilar o Odio. Foi a Ideia que surjiu luminóza e clára, desfraldando a bandeira da Revolta, apregoando os principios do Bom Senso e da Liberdade.

E a Mentira e o Odio retrairão-se covardemente, fujirão inglóriamente, mostrando, néssa scêna sintomática, toda a perversidade cruel que as anima, toda a malvadês que os sustenta.

Bernardino Machado veiu por as coizas nos seus termos: dum lado a ipocrizia jezuita, o sabujismo ignobil, o balofismo catedrático, a reação impudica; do outro, a verdade luminóza, a altivês umana, a justiça revoltada.

Ele foi serenamente, como um apótolo dezinteressádo, dizer as palávras da Fé umana, da Virtude umana. Ele foi, de braços abértos, sem *pózes* e academismos, sem sofismas ou palavras de sentido duplo, prégar o Amor e a Liberdade, do alto da catedra do Odio e da Tiranía. O seu olhar éra limpido, o seu jêsto éra simples; e aquélas palavras corrião como ondas de muzica dulcissima, cheias de fé e de piedade, cheias de candidês e de inocencia.

E a sua alma delicada de perfeito abria-se num sorrizo casto, toda éla se impregnava da candura astral das madrugadas, da simplicidade absoluta dos santos!

Éra a alma umana em todo o seu pleno dezenvolvimento, nas suas mais absolutas manifestaçõis de juftiça.

Definirão-se campos, estabelecerão-se principios; é um mundo novo que se abre, é uma éra nova que aparéce...

A velha organização universitaria, podre e gasta, por uma autoinspéção forçada, viu toda a lama que encerra, toda a infamia que contem.

Bernardino Machado combateu o rejimen de ensino. Nada mais justo, nada mais digno.

O rejimen de ensino seguido pela Universidade cinje-se unicamente a uma monstruóza amalgama de citaçõis, citaçõis que cheirão a bafio, citaçõis pavorozas. Não á o *digo;* á o *dis-se*. Não á responsabilidade scientifica; não á opinião de especie alguma. E' a confessada incompetencia propria.

Não á moralidade no ensino, não á golpe de vista bem lançado, não intuiçõis sensatas.

Não á orientaçõis definidas, nem caminhos scientificamente traçados.

A' cadeiras inuteis de que se fás cavalo de batalha, á cadeiras uteis a que se não liga importancia.

Aquêles estudos que mais seriamente devem ser tratados numa escóla, como seja nam faculdade de direito, a Economia Politica, o Direito Publico, Finanças e Direito Penal, são olhados sob um aspéto meramente istórico, e de tal modo que quando se devia entrar propriamente na materia, propriamente no que essa materia tem de flagrante, está-se no fim do ano.

E sendo tão variadas as cadeiras, tão notaveis os assuntos nelas tratados, o professor aprovado em concurso universitario está apto para rejê-las todas! Com 5 ânos de formatura e os dois ou três de preparatorios para o concurso, está-se um economista completo, um criminalojista infalivel, um financeiro jenial! Extraordinario!

E do alto da catedra as teorias saiem, aos montes, aos roldões, em cataduplas monstruózas, pavorózas, terriveis.

Por isso, Bernardino Machado que sabe ser mestre como nenhum, combatendo a pessima arganização de ensino, foi justo. Foi mais ainda: foi digno.

Mas, se quando da inauguração do anno escolar algumas dúvidas ficárão em espiritos injénuos sobre a atitude da Universidade, no dia 8 de Dezembro, essas dúvidas dissipárão-se.

A manifestação que um grupo de estudantes lhe promoveu, manifestação que Antonio Jozé de Almeida — o nosso querido orador — e Manoel de Arriaga — o soberbo tribuno — com a sua prezença onrárão, veio, quazi sem querer, pôr bem em fóco qual o modo de pensar jeral da Universidade.

E eu tão inclinado a comoçõis, nunca me comovi tanto como quando Bernardino Machado apareceu no camarote, sereno e simples. Eu não vi ali o ómen, vi a Verdade absoluta incarnada num corpo esguio, vi a Bondade umana materializada num olhar limpido, vi a Justiça austera aparecer em toda a sua luminosidade augusta. E a minha vós de moço rebelde ergueu-se como nunca se tinha erguido, bradou como nunca tinha bradado.

E quando saí daquele recinto, tenho ainda nos ouvidos bem nitida, bem clara, bem marcada, a última palavra ardente de Antonio Jozé d'Almeida, encontrei-me doente e triste como se, vindo dum luminozo mundo de Verdade e de Justiça, me encontrasse num mundo de lama e de mentiras...

Não me será dado talvês assistir a outra festa tão pura e tão bella.

Embora. A minha alegria será eterna, porque um dia na vida tive em que ouvi perto de mim, junto a mim, comigo mesmo a Verdade a falar, a Justiça gritar e manifestar-se a vós da revolta humana!

Coimbra.

Alfredo Pimenta.

Ao *Mundo*, intemerato campeão da democracia, — *A Rezistencia* — agradece as palavras com que acompanhou a publicação do discurso do nosso prezado diréfor, dr. Teixeira de Carvalho, pronunciado na sessão de ônra a Bernardino Machado.

Para a jerencia no proximo âno da Cooperativa dos Empregados Publicos do Distrito de Coimbra fôrão eleitos:

Assemble a jeral — Dr. Teixeira de Abreu; vice-prezidente, dr. Augusto Mendes Simões de Castro, secretários, António Maria Simões e Jozé Correia d'Almeida.

Direção — Prezidente, Jozé da Costa Brage; vice-prezidente, João de Brito Pimenta d'Almeida, secretários Abilio Trovisqueira e António Marques Donáto; tezoureiro, João Luis Gonçalves

Conselho fiscal — dr. Joaquim Maria Ferreira, Adriâno de Jezus Lopes e Eduardo Alberto de Lima Bastos.

Foi aprovado o orçamento da camara municipal de Coimbra na importancia de 1:534$000 réis para obras de canalização de gás na ruas Antéro do Quental, Cêrca dos Jezuitas e entre a Cáza do Sal e a estação vélha.

Será ôje submetida á aprovação do concelho superior de obras publicas e minas a dezobstrução do rio da Sérra, no districto de Coimbra.

O sr. governador civil de Coimbra levou á aprovação do ministério do reino o 4.º orçamento suplementar ao ordinário da receita e despêza do ospício dos expóstos e das crianças abandonádas e dasvalidas daquêle distrito, para o âno civil de 1905.

Estão nésta cidade os srs. conselheiros Madeira Pinto, diréfor jeral do comércio e industria e António Arroio, inspéfor das escólas industriais, para estudar o estabelecimento das oficinas na Escóla Broféro, por que tanto temos pugnado neste jornal.

Paréce que désta vês sempre se abrirão as encantadas oficinas.

Onde nasceu Eduardo José Coelho?

DEPOIMENTOS

Ill.mo e ex.mo sr. redáfor da *Rezistencia*

Rógo a v. ex.ª se digne dar publicidade na bem conceituada fôlha de que v. ex.ª é redáfor, á cópia da carta e máis documentos que vou dirijir ao sr. redáfor do *Conimbricense*, contestando o que esta folha dís nos seus dois ultimos numeros, quanto ao dia e local do nascimento de Eduardo Coelho, fundadôr do *Diario de Noticias*.

Agradecendo este favôr, subscrevo-me com muita consideração,

De v. ex.ª
at.º e cr.º obg.mo

Coimbra, 14 de dezembro de 1904.

Carlos Augusto d'Almeida.

Il.mo e Ex.mo Sr. Redáfor de *O Conimbricense*. — Informando *O Conimbricense* de 10 e 13 do corrente, que Eduardo Coelho, fundador do *Diario de Noticias*, nasceu a 23 de abril de 1835 na caza do Arco d'Amedina, onde rezidiu a familia do mesmo jornalista, rogo a V. Ex.ª se digne permitir-me que rétifique duas inexatidõis que á nesta informação.

Eduardo Coelho não nasceu a 23 mas sim a 22 de abril de 1835, e foi batizado a[illegible] de maio do mesmo âno, na igreja de S. Tiágo, o que pode verificar-se facilmente pelo assento do batismo existente no arquivo da igreja de S. Bartolomeu.

O nascimento de Eduardo Coelho deu-se na caza ôje com os n.os 73 a 77 da rua dos Sapateiros, onde a familia daquêle jornalista rezidiu até 1839, que foi quando se mudou para a caza do Arco de Almedina.

Afirmão-o as irmãs de Eduardo Coelho, *ainda vivas*, uma das quais contava 9 ânos quando êle nasceu;

Afirmão-o diversas pessoas, *vivas tambem*, que o ouvirão dizer tambem a uma tia de Eduardo Coelho, falecida em Setembro último com 92 ânos de idade, e que vivia na companhia da familia dêle, na referida caza da rua dos Sapateiros;

Afirmão-o duas primas de Eduardo Coelho, minha mãi e minha tia, ôje com cerca de 80 ânos de idade;

Afirmão-o as declaraçõis juntas dos dois vizinhos da mesma familia, únicos sobreviventes. São êles a ex.ma sr.ª D. Luiza da Conceição Neves Carneiro, mãi do negociante sr. Jozé das Neves Carneiro, e o sr. Bernardo Antonio d'Oliveira. A probidade déstas testimunhas, que não são da familia, é incontestavel.

Insórma-o a carta, tambem junta, que recebi do sr. Francisco Adolfo Coelho, professor do Curso Superior de Lêtras, diréfor da Escola Rodrigues Sampaio, e irmão de Eduardo Coelho.

Duma carta que ontem recebi da ex.ma sr.ª D. Amabilia Eduardo Coelho, irmã de Eduardo Coelho, transcrevo os seguintes periodos:

«Certifico que meu saudôzo irmão Eduardo nasceu na rua dos Sapateiros na caza indicada. A melhor testimunha é a minha irmã Adelaide, que já tinha 9 ânos quando êle nasceu e que se lembra muito bem.

O Eduardo nasceu em 1835, quatro ânos antes da mudança para o Arco de Almedina, onde fui eu a primeira a nascer.

A sua tia Carmo tambem se lembra do nascimento do Eduardo, o qual foi num quarto que tinha uma janéla pequena para o lado da rua Vélha. Isto é a verdade; o que disser em contrario não é verdadeiro. Pois se ainda existem testimunhas vivas!»

Eduardo Coelho foi batizado na igreja de S. Tiágo, a cuja freguezia pertencia a aludida caza. Esta freguezia terminava, do lado da praça do Comércio, na caza do sr. Mendes Coimbra, emquanto que o Arco d'Almedina, segundo opiniõis autorizadas, devia pertencer em 1835 á freguezia da Sé Velha.

Ás pessoas que dezêjão prestar omenájem á memória do mesmo jornalista era indiferente que êle tivésse nascido na caza da rua dos Sapateiros, na do Arco de Almedina ou noutra qualquer.

Se fôsse nésta seria ali colocáda a lápide e pedir-se-ia que se désse o nome *Eduardo Coelho* á primeira rua nova que se fizesse.

A lápide vai, portanto, ser colocáda onde deve estar, na rua dos Sapateiros.

Como sou um dos signatários do requerimento pedindo a colocação déla, compéte-me o dever de não deixar alterar a verdade.

Solicitando a publicação desta carta e documentos que a acompânhão de que peço a devolução, agradece desde já a V. Ex.ª o que tem a onra de se subscrever,

De V. Ex.ª At.ª
e Vd.r Obg.mo

Coimbra,
15 de dezembro
de 1904.

Carlos Augusto d'Almeida.

Declaro que minha mãi, D. Luiza da Conceição Neves Carneiro, afirma lembrar-se muito bem da familia do ex.mo sr. Eduardo Coelho morár na rua dos Sapateiros na cáza onde atualmente o sr. Albano Gomes Pais tem o estabelecimento á esquina da rua velha, e lembrar-se tambem do ex.mo sr. Eduardo Coelho ser criança e viver ali com a familia, pois que érão vizinhos, e só depois daí se mudárão para a cáza do Arco de Almedina.

Coimbra, 14 de dezembro de 1904.

Por minha mãi, *Luiza da Conceição Neves Carneiro.*

Posso afirmar que Eduardo Coelho, filho de João Gaspar Coelho, quando nasceu, em 1835, vivia a sua familia na rua dos Sapateiros na cáza que ôje tem os n.os 73 e 77 e até ali viveu ainda a familia alguns ânos depois do nascimento dêle.

Só 3 ou 4 ânos depois se mudárão para o Arco d'Almedina.

Pósso afirmar isto porque éra vizinho da familia e nasci numa cáza quazi defronte daquéla onde êles vivião.

Coimbra, 14 de dezembro de 1904.

Bernardo Antonio d'Oliveira.

Escóla Preparatoria Rodrigues Sampaio. — Lisboa, 13 de dezembro de 1904. — Meu prezado primo e amigo. — Como nasci em janeiro de 1847, na cáza do Arco d'Almedina, que pertenceu depois ao João Matheus dos Santos, só por tradição, que éra constante na minha familia, é que sei ter nascido e Eduardo na rua dos Sapateiros, na cáza dos Oliveiras, em que muitos

ânos abitou a nossa boa tia Joanna, á pouco falecida. Ainda, por tradição da familia, me consta ter sido adquirida por meu pai a cáza do Arco d'Almedina por 1838 ou 1839, do que déve existir escriptura num dos cartorios de tabelião da cidade. Documento escrito que comprove a referida tradição não e possuo. — Seu primo, etc. — *F. Adolfo Coelho.*

Pertence ao *Mundo*, nosso brilhante coléga da capital, o artigo editorial, que ôje publicâmos.

Devem ficar concluidas no próximo mês de janeiro em Coimbra e Braga as tôrres para os fios telefónicos, devendo ficar assim estabelecidas as comunicaçõis entre as duas cidade e inauguradas as rêdes.

No sul de Angola

Oito dias de lamuria sôbre o dezastre do Cuamato e tudo se calou! Será tal silencio indicativo de que nada mais, oficial, tem constado?

Não é de crer. Os paquetes têem chegado e certamente, noticias pormenorizadas, nêles têem vindo. Nado de as publicar porquê?!

Será por élas sêrem a confirmação das que se avião recebido particularmente? Talvês!

Nada pois se dis, e, apezar de tal *rejimen novo,* continuamos nos *peocessos velhos:* tudo ocultar.

A' dias o jornal *Navidades* publicou uma carta sôbre os acontecimentos, em que se via o chefe de estado maior da provincia, que não sabemos quem seja, o cobrir o seu jeneralissimo a governadôr jeral — Custodio Borja; está no seu papel.

A nova expedição está sendo organiza com cuidado e, embora nada transpire de pozitivo, alguma coiza se vai sabendo por aqui e por ali.

O comandante e organizadôr da expedição como toda a jente sabe, é o sr. major Eduardo Costa; chefe de estado maior um tenente de estado maior, tendo como adjuntos dois officiais do mesmo corpo.

Fôrças da expedição: uma secção de enjenharia, dúas baterias de tiro rapido, um esquadrão de cavallaria, dois batalhõis de infanteria e duas companhias de infanteria montada e serviços auxiliares; cerca de 3 mil omens europeus, que juntos com as tropas ultramarinas, darão um total de 5:000 ómens.

A passajem de Cunene deve ser feita em fins de maio e a campanha deve estar terminada em novembro.

Tudo isto por agora, está em mápas que têem de ser aprezentados ao ministro da marinha, que os levará a conselho de ministros.

A expedição porque vai bem organizada e bem comandada, quanto a nós, pouco terá que lá fazer: queimar libatas *e senzallas,* que facilmente fôrão abandonados, porque a valentia do preto em frente de uma expedição bem organizada, á de dezaparecer, êle bem sabe a rezistencia com que póde e quando a déve aprezentar.

Antes assim.

Não venhão argumentar com os alemãis e os seus dezastres, porque êsses nada sabem de campanhas africanas, teimando em querêr implantar lá, a tática que os levou de Sarrebrück a París.

Na Africa são outros ares e o modo de combatêr muito diverso.

O dezastre de Cunene foi só devido á má organização e comando da expedição e avêr-nos dezamparado a «Divina Providencia» que tanto por lá tem feito por nós.

Estava cançada!

Pedimos ao sr. ministro da marinha que não consinta que a expedição vá em vapôres *S. Tomé*, porque embora êles não tenhão de fazer a travessia do mar vermelho e outros e só a do mar *das patas* o unico proveito dos *S. Tomé*, é a que se tira do seguro.

Sr. ministro da marinha a *vox populi* em Africa, dis: os dois *cancros* do ultramar são: a «Empreza Nacional de Navegação e o Banco Ultramarino», v. ex.ª que é um bom medico veja-os bem e receite.

Já lá esteve o Teixeira de Souza, mas êsse éra um *barbeiro* de Alijó, só teve receitas de dentista.

NA BRECHA!

E' tempo que o Partido Republcâno se manifeste sobre a recente convenção anglo-portuguêza.

A viájem das majestádes a Londres póde parecer desde já uma simples prevenção sobre o rezultado mais ou menos previsto da futura conferencia de Berlim!

O.a, o gabinete britanico dezeja ardentemente pôr um travão aos progréssos colonizadôres e dominadôres da Alemanha em Africa e nêste propozito, vendo e examinando bem a precaria situação de Angola trata de garantir a integridade daquéla nossa vásta possessão ultramarina por meio da celebração duma convenção que nos obriga perante a Inglaterra, dada a prevista eventualidade dum conflito internacional.

A diplomacia inglêza não se saiu muito airózamente do incidente de Hull, e, não obstante o seu ardente dezéjo de provocar um conflito com a Russia, o que é certo é que teve de se contentar com simples palavras.

A esquadra do Baltico la prosegue na sua rota em demanda dos mares do Extrêmo-Oriente; Porto Artur continua a defendêr-se eroicamente cobrindo de épica glória o valente jenerál Stoessel; os russos estão senhôres da Manchuria central e setentrionál e dum para outro momento consideraveis massas de tropas pódem transformár por compléto a situação!

E' êste o manifésto receio de Inglaterra, e nésta preocupação constante, que é o mais sombrio pezadêlo dos seus estadistas, o *Foreign Ofice*, a pretexto da futura e proxima conferencia de Berlim, tráta de crear entre Lisboa e Gibraltar uma excelente báze de operaçõis!

A guerra entre a Inglaterra e a Russia, que se vem delineando nos sombrios orizontes politicos da Europa, é uma calamidade que não conséguem evitar, nem a jeneróza intervenção da França, nem a simpática iniciativa do Prezidente dos Estados Unidos para a reunião duma nova conferencia internacional em Haya.

Portugal fica assim constituindo o fóco do conflito.

A Inglatera têm acumuládo enormes rezervas de carvão em Lisboa, sem protesto algum das potencias da Europa continental, quando a supremacia da dominadôra dos mares nêste cantinho da Peninsula Iberica constitue a todas essas potencias um afrontôzo e sério perigo.

O governo português entrega-se confiado á plêna descrição da Inglaterra, não pensando sequer na possivel eventualidade duma prevista invazão franco-russo-jermano-esp nhó'a; tremendissimo perigo que todas as b.ionêtas da fiel aliada não conseguirão eonjurar.

Mas se o governo se entrega, ao pôvo compéte dizer de sua inteira e completa justiça, e é agóra que os conferentes e propagandistas do Partido Republcano devem expôr a seu módo de vêr sobre a politica externa!....

Neutralidade não a podemos guardar, nem mesmo temos forças para a fazermos respeitar pelos futuros belijerantes, e por isso resta-nos saber se será mais conveniente tomarmos o partido das potencias continentaes.

A Espanha continúa a debater-se numa estagnação moral e mental deplorável dominada por uma reação ferós, por um ultramontanismo fanático e estópido que nos evóca os ominózos tempos de Fernando e Izabel a católica e do sombrio Filipe II!

O perigo úrje!.. . A Pátria vê-se gravemente ameaçada pela tempestade que se condensa para os lados do Norte preparada pela ávida ambição inglêza

F. J.

No redondel

Faleceu em Lisboa, no seu palacio do Intendente, o visconde da Graça, que foi um cavaleiro amadôr nos bons tempos das *corridas de fidalgos* na antiga praça do Campo de Sant'Ana.

Sem ser um Bélas ou um Castélo Meihor, *rejoneava* com bastante arte, cavalgando com muita elegancia e mandando a sua montada, com segura mão de rédea.

Foi um verdadeiro *jentilman* por naturêza *chic* e distinta, cultivando muito o *sport*.

Acaba-se a *velha guarda*, e êste era novo, 58 anos apenas!

Dom Pablo,

Literatura e Arte

Evanjelho dum Seminarista

Publicamos ôje, devido á amabilidade do nosso amigo sr. Amilcar de Souza, quintanista de medicina, a carta que segue e que lhe é dirijida pelo sr. dr. Alfredo Souza, distinto jornalista e advogado brazileiro, domiciliado no Porto, a propozito do livro do nosso amigo e distinto escritôr sr. Tomás da Fonseca.

Prezado amigo.

Devo-lhe novos e abundantes agradecimentos pela sua penhorante oférta do alto e prestijiôzo livro que é o *Evanjelho dum seminarista!* Nôvo apóstolo da Verdade e da Razão, empenhado em difundir a lús radiante da sciencia, espancando as trévas do obscurantismo embrutecedôr das relijiõis, Tomás da Fonseca colóca-se na vanguarda do anti-teismo, redentôr da consciencia e da liberdade, assumindo na literatura anti-relijióza de Portugal a primacial função de edificadôr máximo da unica fé que nos inspira na conquista de todos os bens do progrésso, demolindo o nêgro castélo da ignorancia onde se têem enfeudado, pela ignominia torva e o crime torpe, as jeraçõis formadas pela trêda relijião e a rapace realeza.

E' assim que eu gósto de ver uma figura jigantêsca, enfurecida pelos indizíveis orrôres dos deuzes, empunhando a clava formidavel contra os ídolos infamantes, a destroça-los, a recalca-los no nada do pó de que os fizérão a estupidês e o mercantilismo dos espetrais sicarios de Roma, replétos do pasto umano dos autos de fé, saciadas todas as brutais paixõis e animais instintos, comilõis e bebedos, libertinos e incestuózos, no antro do Vaticano.

Eu já tinha lido na *Arte & Vida* a 6ª carta dêste volume incomparavel de corajem civica e moral e de ensinamento scientifico, e desde logo formára tenção de adquirir a óbra, uma vês dáda á publicidade. O amigo antecipou se em satisfazer o férvido dezejo que éra o meu, e isto me constitue duplamente devedôr á sua jeneróza oférta.

Este livro é um monumento de documentação e de eloquencia. Marcado pela circunstancia de vir de uma creatura que a garra aduncа da clericalha roubára ao amôr e ás delicias da Natureza para mutilá-la criminózamente, fizica, moral e intelétualmente, não o conseguindo, pela fundamental enerjia e raro talento, aliádos a um potente espirito de raciocinio e de independencia de que éra dotado, com uma ináta probidade inconspurcável, o seu valôr inapreciavel, como testemunho insuspeitissimo, como documento indestrutivel e como factura literaria qué é das mais fortes e mais raras em livros de ôje. A admiração que me ficou do livro só póde comparar-se á estima que me inspira o seu auctôr, que é sentida e profunda. Obrigado, pois. Abraça-o com aféto o seu

Porto, 11—XII—904.

Alfredo de Souza.

Conferencias républicânas

A brilhante conferencia do sr. dr. Brito Camacho sobre os mais sagrádos devêres dos verdadeiros cidadãos républicânos, definiu bem a senda luminóza do trabálho reorganizadôr iniciáda pela reunião do dia 20 de pretérito mês em Lisbôa, Porto e nésta cidáde, indicando precisamente os meios de combáte, concretizando superiormente o plano da lúta contra a monarquia.

O sr. dr. Brito Camácho é uma das mais bélas e vigorózas organizações de combáte que nobilitão as fileiras do Partido Républicáno Portuguêz!.... O seu caráter impulsivo e ardente, a feição apáixonada do seu espirito *d'élite*, são predicádos que, opulentando as suas multiplices aptidões de combatente do Ideal Democrático, o indicam tambem como um dos nossos mais queridos e consagrados chéfes na campanha da liberdade.

Na óbra concréta do progressivo desenvolvimento do programa do governo da Democracia Portuguêza, o consagrádo ehéfe républicâno encontra ensejo de aplicar as suas maravilhózas faculdades de organizadôr a par das suas excécionaes aptidõis de valorôzo combatente!...

E' este o logar de ônra que na óra suprêma do perigo as circunstancias lhe impõem, e á sua grandióza e reconhecida dedicação corresponde por seu termo á devotáda corájem dos seus futuros companheiros d'ármas.

O Partido Républicâno reorganiza-se em todo o país encontrando nas conferencias e preléções um poderôzo auxílio e um formidavel incentivo á sua ação.

O povo caréce de se instruir, escutando o verbo inspirado dos oradôres républicânos, aprendendo no exemplo fecundo da laboriôza vida dêsses devotádos propagandistas do crédo Democrático, dêsses sublimes envanjelisadôres de redemção social, como nos grandes dias de crize se morre altivamente pela Pátria e a Liberdade.

O pôvo caréce de afirmar a autonomia do seu pensar e do seu querer em face do despotismo triunfante.

Agóra que lá por fóra se trama desvairádamonte contra a integridade e a autonomia da Patria, não podia o Partido Républicâno, unico em que a ideia da Independencia Portuguêza se identificou, cruzar os braços tornando-se assim cumplice do gravissimo attentado.

Não, porque na óra do perigo o povo português pode dezenrolar como sagrada insígniá da independencia Patria o épico estandarte da Républica e da Liberdade.

Portugal, o Portugal pozitivista, républicâno e livre-pensadôr do futuro, tem a inspirar-se no fecundo e sublime exemplo do Brazil, a vasta e florescentissima Confederação da America do Sul, onde o espirito vigorôzo da forte raça portuguêza, — na conciza e patriotica frase do imortal cantôr dos *Luziadas* — se perpetua na senda do do Progresso sob a éjide da Républica.

O povo portuguêz tem de aprender como os valorozos cidadãos d'além-Atlantico souberam emancipar se da nefasta e deprimente escravidão imperial, construindo sobre os escombros do derruido edificio dinastico os jigantescos alicerces do Templo da Liberdade Nacional.

O 15 de novembro é uma lição a requerer o exemplo esforçado d'um povo que a convérte num simbolo, o simbolo augusto da plêna emancipação da nossa raça.

A revolução de 1889 fica incompleta, porque emancipando o Brazil, deixou Portugal imerso nas trévas do obscurantismo e da degradação dinastica, e ao Partido Républicâno cabe a ônrosa missão de completa la, trabalhando incessantemente pelo triunfo das suas aspiraçõis.

E' este o dever dos nóvos que as sucessivas conferencias républicânas irão pondo em relevo ao instruir o pôvo portuguêz preparando-o para, assumindo a suprêma diréção de seus próprios destinos, saiba tambem desempenhar o seu gloriôzo papel na comunhão internacional, ônrando désta árte as épicas tradições do Portugal doutróra.

Instruir o pôvo é promovêr a redemção da Pátria.

Fazenda Junior.

Pelo govêrno civil de Coimbra fôrão passados em agosto ultimo, passapórtes a 167 imigrantes, sendo 142 varõis e 25 do séxo feminino, com destino 4 a Angóla, 8 a S. Tomé, 1 a Lourenço Marques, e 154 ao Brazil.

Três érão do concelho de Arganil, 18 do de Cantanhede, 19 de Coimbra, 17 de Condeixa, 25 da Figueira da Fós, 1 de Gois, 9 da Lousã, 2 de Mira, 11 do de Miranda, 3 de Montemór-o Velho, 1 do de Oliveira do Ospital, 19 do de Penacóva, 22 do de Soure, 2 do de Táboa, 2 do de Monção, e 1 do de Viâna de Castélo.

Imigrárão 116 pela primeira vês, e 17 pela segunda, 15 pela terceira, 5 pela quarta, e 4 pela quinta.

Érão 1 de prefissão liberal, 18 proprietarios ou capitalistas, 2 comerciantes, 6 empregados do comércio, 1 maritimo, 3 alfaiates, 1 barbeiro, 1 carpinteiro, 3 pedreiros, 113 operários agricola, 18 de ocupaçõis cazeiras.

Só 88 sabião lêr, sendo 86 ómens e 2 mulhéres.

A fixação do numero de padarias em 10, em Coimbra, é feita sem prejuizo das que existem atualmente, nas quatro freguezias da cidade.

A inspéção é obrigatória dentro do prazo marcado pela lei tanto para as existentes, como para as que vênhão de futuro estabelecer-se.

Falecimentos

Faleceu no dia 13 o sr. António Dória, pai do nosso amigo Jozé Dória.

Era um velho justamente estimádo, de uma saúde á muito tempo abalada.

Foi um dos sócios mais entuziástas da antiga sociedade do Teátro D. Luis, e comprazia-se em contar os incidentes da vida daquêle teátro, cuja istória conhecia como ninguem.

Era um ônrado vélho que deixa saúdades em todos os que o conhecêrão.

A' familia enlutada os nóssos pezames.

*

Na terça feira passada finou-se na antiga villa de Pereira a sr.ª D. Maria do Carmo P. de Carvalho espôza dedicadissima do nosso amigo sr. Silvério Luís de Carvalho, bemquisto proprietario e negociante daquélla villa.

Foi devido a uma infécção adquirida por uma pequena escurisção no dedo polgar da mão direita, sendo a sua morte quasi fulminante.

A sua morte foi muito sentida sendo o seu enterro muito concorrido.

Ao sr. Silverio e a seus filhos os nossos pêzames.

*

Faleceu na Figueira da Fós o sr. Francisco Loureiro irmão do ilustre enjenheiro sr. Adolfo Loureiro.

Era um espirito curiôzo e modésto, sempre preocupado com estudos arquiolójicos, colécionando pacientemente móveis ráros, louças antigas, curiozidades istóricas e dezenhos.

Nas suas coléções notávão-se contadôres do século XVI e uma pequena arca do século XVI com dois medalhõis curiózamenta esculpidos em madeira no espirito decorativo do século XVI, cófre de cazamento de um trabalho realmente valiôzo.

São interessantes os seus dezenhos de Sequeira, e os azulejos e louças nacionais, com qnanto esta última colécção seja pequena, e de exemplares de pouca raridade.

Cultivava o dezenho, deixando alguns carvõis de paizájem e dezenhos de interésse arqueolójico expóstos no muzeu da Figueira.

O jardim do sr. visconde da Marinha Grande na sua caza da Figueira da Fós revéla aptidõis de jardineiro paizajista bem ráras no nosso país.

Era um ómem onrado, vivendo retiradamente mas acolhedor e bom.

Vivia na Figueira da Fós e adoráva a paizájem e o campo de Coimbra de que deixa manchas impréssionistas e rápidas nos seus estudos a carvão.

Sentidos pêzames ao sr. conselheiro Adolfo Loureiro.

Na eleição realizáda no ultimo domingo dos córpos jerentes da Associação do Sexo Feminino fôrão nomeadas por:

Assembleia jeral — Prezidente, Maria da Conceição Teixeira; vice prezidente, Maria da Conceição Lourenço; 1.ª (secretária Ermelinda Amelia Travassos Arrobas; 2.ª secretaria Julia da Conceição Rocha; 3.ª secretária, Augusta de Oliveira Bizarro.

Diréção — Prezidente, Virginia d'Oliveira Machado; vice-prezidente Maria Emilia da Encarnação, secretária, Maria do Carmo e Silva, vice secretária, Ana da Conceição Azevedo; tezoureira, Maria Luiza Paula; vogais, Julia Ferreira e Maria Izabel.

Conselho fiscal — Maria da Piedade Lopes, Emilia da Conceição Fonseca e Miquelina das Dôres.

Suplentes — Terêza da Piedade e Joaquina da Conceição.

O **operario** canteiro, sr. Manuel Martins, pede á pessoa que encontrou a importancia de 15$000 réis, por ele perdidos desde o Seminario até ao Jardim Botanico, o favor de entregar-lh'os na rua da Moeda, atendendo a que são destinados á féria de alguns operarios.

Agradece e gratifica a onrada pessoa que praticar esto acto de caridade.

Vão ôje á praça as barracas de venda do mercado de D Pedro V, com os numeros 3, 4, 5, 6, 8, 9, 25, 26, 29, 30, 31, 32, e 33, que na ultima práça não tivérão licitantes.

Pôz-se tambem em práça o arrendamento de uma cáza na rua da Louça, pretencedte á camara.

Carta do Rio de Janeiro

Quem assistiu no dia 12 de março do âno passado, aos acontecimentos de Coimbra, póde, ainda que em quadro reduzido, fazer ideia do que se passou nesta cidade durante os quatro dias que antecederão o dia 17 do corrente; os jornais que lhes envici dispensão-me de noticias minuciózas; pois que êles narrão com exatidão os tristes fáctos de que foi teátro o Rio de Janeiro.

Foi a vacina obrigatória que serviu de báze para tão tristes acontecimentos, que se muitas vidas roubárão, tambem muitas liberdades tolherão tanto na classe civil como militar; o exercito brazileiro perdeu alguns dos seus melhores soldados: uns mortos, outros prezos e ainda outros impossibilitados por ferimentos recebidos por balas. Entre os feridos o jeneral Travassos que á frente dos alunos da Escóla Militar sublevada, marchava em direção ao palacio da Republica com intenção de depôr o governo e estabelecer a ditadura militar, acaba de sofrer a amputação da perna direita pelo terço inferior da coxa, por cauza de ferimento recebido por bala, no combate entre êste jeneral e as tropas legais, que marchávão ao seu encontro. De ambas as partes ouve, nêste recontro, muitos mortos e feridos.

Estão prezos muitos oficiais, tendo-se aprezentado o senadôr dr. Lauro Sodré tenente coronel. que tomou parte na sublevação da Escóla Militar.

Por parte das auctoridades militares e civis anda-se procedendo a investigação para apurar ressponsabilidades.

O decreto assinádo em 16 do corrente, declarando esta cidade em estado de sitio, trás-nos o movimento normal; tendo acabado os disturbios que pozérão a cidade nas suas principaes ruas e nos suburbios em estado tal, que, segundo contos de minha avó, paréce que por aqui passárão os francezes,

Abandonando por algumas óras o meu modésto negocio, percorri muitas ruas da cidade não esquecendo o local onde as forças se encontrárão e se deu o combate militar. Foi então que eu vi parte dos efeitos das leviandades cometidas: caválos mórtos e outros feridos; restos de fardamentos militares; carros lançados fóra dos trilhos e queimados; candieiros partidos, avendo ruas em que nem só um ficou no seu logar; tambem as pequenas ervores não forão respeitadas tendo sido arrancadas as que menos rezistencia oferecião; um verdadeiro quadro dezoladôr!

PRAÇA «PORTO ARTUR»

Era assim denominada uma trincheira feita pelos grevistas, formada com americanos quebrádos, candieiros, póstes e arames dos telefónes, tendo montada uma especie de canhão feito com a coluna dum candieiro pósta em cima dum carro; ésta praça ofereceu bastante rezistencia tendo as autoridades rezolvido tomá-la de assalto depois de grande tiroteio de ambas as partes.

Porto Arthur situado quazi á beira mār estava sentenciado a ser bombardeado por um vapor de guerra para o que tinha procurado pozição; não foi porém até êsse ponto porque os russos vendo já que [illegible] tinhão a fazer fizerão-se em retirada, não sendo encontrado nenhum quando tomeda a «praça». Tinhão dádo ás de Vila Diôgo.

Em seguida dou a relação de nossos patricios mortos e feridos nêstes tristes acontecimentos. Mórtos:

Celso Damião d'Abreu, de 32 ânos de edade, cazádo;

Jozé Ferreira da Costa, viuvo;

Carlos Luis Cabral, cuja nacionalidade é ignorada, mas que se supõi sêr português.

Feridos:

Jozé Lino Alves, de 12 ânos, natural de Levação, Bragança;

Porfirio Rodrigues d'Oliveira Veiga, de 32 ânos, natural de S. Vicente do Pouso, Braga;

Manoel Joaquim d'Oliveira Crespo, de 57 ânos, salteiro, natural de Canélas, Porto;

Joaquim Jozé da Silva, solteiro, alfaiate, natural de Braga;

Manoel Pinto de Sá, de 28 ânos, tamanqueiro, natural de Trás-os-Montes, filho de Maria de Jezus Mesquita;

Antonio Ferreira, solteiro, de 28 ânos, cocheiro, natural de Guimarãis;

Antonio Vieira de Andrade, de 19 ânos, solteiro, natural do Douro, filho de Joaquina d'Almeida;

Jozé Martins Lima, solteiro, de 30 ânos, pedreiro, natural do Minho, filho de Roza Maria;

Emilia d'Oliveira, solteira, de 43 ânos, natural da ilha do Pico;

Antonio Pinto Vasques, solteiro, de 22 ânos, ferreiro;

João de Freitas, de 13 ânos, da ilha da Madeira;

Simão Gonçalves Pereira, de 18 ânos, natural de Trás os Montes, filho de Antonio Jozé Pereira e Maria Roza Gonçalves;

Jozé Maria Domado, de 34 ânos, cazado, alfaiate, natural da Beira Alta, filho de João Domado;

Caetano Jozé Pessôa, 40 ânos, cocheiro, natural do Porto;

João Alves Candeia, viuvo 45 ânos, natural de Chaves;

Manuel Ferreira Machado, solteiro, 27 ânos, filha de Mariá d'Almeida, natural de Vieira;

Jozé Pereira, solteiro 49 ânos natural do Porto;

Joaquim Ferreira de Azevedo, solteiro, 23 ânos, sapateiro, natural de Famalicão;

Manuel Moreira Rodrigues, pedreiro, 47 ânos, cazádo natural do Minho;

Adrião Pereira, 17 ânos solteiro, filho de Manuel Pereira e Leopoldina da Silva, natural do Porto;

Convem notar que todos êstes nômes são de individuos que náda tinhão com a sedicção.

— Monta a 2:587$350 réis fracos o produto até á dáta, da subscrição para as familias pobres das praças de pré massacrados em Africa pelos cuanhamas; subscrição esta em que noutra carta falei e que foi promovida pelo jornal *Portugal Moderno* que aqui se publica semanalmente.

— «O governo de *Sua Majestade D. Carlos I* prepára grandes féstas para o regresso do *Reis de Portugal*».

E' bem. Que se divirtão esses com festas, enquanto que outros chórão os entes queridos que pela pátria, cairão fuziládos lá lonje... muito lonje!

Mas como o nosso Portugal é todo de féstas...

P. S. — Acába de ser espalháda a noticia da morte do jeneral Travássos.

Rio, 23-11-904.

P. V. Trindade.

Merecida distinção

O nosso patricio sr. João dos Santos Couceiro, que á largos ânos rezide no Rio de Janeiro, onde exérce com toda a proficiencia a indústria de fabricante de instrumentos de corda na sua importante oficina, acaba de sêr premiado com medalha de ouro na expozição de S. Luis.

Este notavel artista, que tão distintamente tem revelado o seu mérito no mister a que se dedica, impondo-se como um dos primeiros no seu jénero, não é a primeira vês que vê premiados os seus delicados e artisticos trabalhos. Em diversas expozições no estranjeiro, tem sempre obtido as classificaçõis mais onrózas ali conferidas.

O ábil artista é filho do antigo fabricante de instrumentos de corda nesta cidade, sr. Antonio dos Santos Couceiro, já falecido, de quem é atualmente sucessôr o sr. Augusto dos Santos, cunhado do agraciádo, tambem um bom artista.

Que o nosso patricio continue a merecêr tão onrózas distinçóis pelo que cordealmente o felicitamos.

Foi á ultima assinatúra um decréto determinando que os exames finais dos alunos dos cursos de medicina sanitária de Coimbra e Porto séjão feitos néstas cidade. Os respétivos diplômas confé rem eguais regalias aos passados pelo Instituto de Ijiéne de Lisboa.

No próximo numero falarêmos.

Foi concedido aos srs. drs. Fernandes Vás e conselheiro Costa Alemão o aumento do terço relativo ao acréscimo do vencimento que obtivé ão pela sua promoção ao logar de lentes de prima, decanos e diretôres das suas faculdades, sendo o primeiro contado desde 3 de fevereiro de 1899 e o segundo desde 28 de junho do mesmo âno.

Foi aprovado no dia 12 o contráto de arrematação do fornecimento do material destinado á oficina de sapateiro da Penitenciaria de Coimbra, até ao dia 30 de junho de 1905, sendo adjudicado aos srs. Jozé Augusto Maia e Alberto Duarte Arcóza.

---

(49) Folhetim da "REZISTENCIA,,

O EXCOMUNGÁDO

XVII
O ultimo golpe

Savoisy safou-se das mãos de Ombert, que em vão lhe estendia a escada e o encorajava a subir, e refujiou-se numa escavação praticado no muro. Esta espécie de nicho, para onde um isca chamáva o leão quando o guarda queria limpar o pátio, podia fechar-se com umo grade que uma móla conserváva levantada naquéla ocazião e que, sendo necessário, se baixava, engaiolando o leão.

Savoisy, cégo e surdo pelo terrôr, mal se tinha encolhido naquêle azilo, em que se julgava ao abrigo de todo o perigo, quando o leão deu um rujido mais forte; um vapôr espésso saira-lhe das narinas.

Ombert correu e baixou a grade. Quando levantou os ólhos, já o monstro tinha a sua atitude calma e fixáva nêle o olhar.

Contemplárão-se ambos durante um momento.

Entretanto o leão parecia encolher-se, como se quizésse deitar-se.

Ombert, cançado com tantas demóras, levantou a escada que estáva a seus pés, brandiu-a por cima da cabêça e lançou-a contra o nóbre animal, que recebeu o choque sem pestanejar, mas cujos ólhos deitárão um duplo relampago; de repente a cauda retezou-se como uma móla que se distende, e de dois saltos achou-se ao pé de Ombert.

O temerário cavaleiro não deu um pásso á rétaguarda e enterrou a adága na guéla aberta do leão.

A adága quebrou, como se fôra de vidro.

Com a mão esquerda enterrou o punhal na núca do monstro; a folha penetrou entre duas vértebras e cortou a espinal medúla.

Caírão ambos sôbre a arêna, e ficárão cobertos com a areia que o choque levantou; mas só Ombert se ergueu, pôs um pé sobre o corpo do leão que agonizava e se acabáva com uma baba sanguinolenta e retirou com grande esfôrço a arma que ficára na ferida; depois, tendo compôsto a dezórdem do fáto, apanhou a luva da senhôra de Vic, e aproximou-se da grade, atrás da qual estava Savoisy agachado numa atitude sombria de dezespêro e de confuzão.

— Senhôr, disse lhe Ombert, outra vêz andara melhor; um bom jentil ómem póde recuar sem vergonha deante dum adversário tão novo por êle, e um inglês forte não vos veria arredar pé. Respondo por isso. Podia vingar-me deixando-o aqui; mas não práza adeus que encha de vergonha um nôme como o vosso. Saia! A minha vingança será apênas deixar-lhe a ônra de uma vitória menos dificil de ganhar do que julgou, e que poderia comprometer-me para com os principes.

Ao senhôr, que vive na intimidade dêles, depréssa perdoarão a morte dêste bravo lião. Se me fizer este favôr, pedir-lhe-ei, alem disso, a sua adága em tróca da minha que se partiu.

Savoisy derramando lágrimas de vergonha e de pezar, despojou-se da adága e pôz ao lado a bainha vazia do barão.

— A' senhôr, léve o que quizer, não faço gosto em nada desde que me levou a ônra.

— Ninguem lhe roubou a ônra, e andou melhor do que eu esperava da sua educação e feminada, e da idade que é ainda pouca. Esta lição á de servir-lhe; deixe a arrogancia que não é sua, mas guarde toda a sua altivês. Respondo por si mesmo perante o senhôr, ai tem um pe hôr.

E estendeu-lhe a mão; Savoisy recuou um passo.

— A', senhôr, exclamou, fui vencido duas vêzes; quero acreditar na palávra dum ómem como o senhôr. E' verdade, o senhôr, restitue-me á minha própria estima, não aceitarei a mão que tão jenerózamente me estende, a não ser que me imponha um castigo.

(Continúa.)

SALÃO DA MODA

COIMBRA

Vestidos elegantemente feitos de bonitas *Hungrias* pura lã a 9$000 e 10$000 réis.

Um vestido pronto a vestir por 9$000 réis feito no *Salão da Moda* é dificil de acreditar mas é verdade!

GABÕES D'AVEIRO

Machado — Alfaiate

R. da Sophia, 58 a 62

COIMBRA

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

ORARIO

(Desde 6 de novembro de 1904)

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

Partidas

Do largo das Ameias		Da rua Infante D. Augusto	
8h 30m	manhã	9h	manhã
9	»	9,30	»
9,30	»	10	»
10	»	10,30	»
10,30	»	11	»
11	»	11,30	»
11,30	»	12	»
12	»	12,30	tarde
12,30	tarde	1	»
1	»	1,30	»
1,30	»	2	»
2	»	2,30	»
2,30	»	3	»
3	»	3,30	»
3,30	»	4	»
4	»	4,30	»
4,30	»	5	»
5	»	5,30	»
5,30	»	6	»
6	»	6,30	»
6,30	»	7	»
7	»	7,30	»
7,30	»	8	noite
8	noite	8,30	»
8,30	»	9	»
9	»	9,30	»

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Do largo das Ameias		Da estação B
3h, 8m	manhã	Depois da chegada dos comboios excepto nos rapidos em que as partidas são logo depois das d'estes.
5,51	»	
8,13	»	
2,30	tarde	
3,45	»	
5,55	»	
6,20	»	
6,35	»	
7,50	»	
11,17	noite	

Aos domingos e dias santificados são suprimidas as carreiras das 9 e 10 horas das manhã, das Ameias, e das 9,30 e 10,30 da rua do infante D. Augusto.

Nos dias santificados e nas vesperas de feriado são prolongadas as carreiras até ás 10 horas da noite.

CORES DOS FAROIS

Verde, indica a Alta; *vermelho,* estação *B*; *branco,* Casa do Sal; *amarello escuro,* reservado.

BILHETES DE IDA E VOLTA

Largo de D. Carlos (Ferreira Borges) á Rua Infante D. Augusto (Universidade) — 70 réis.

Córtes de colêtes de fantazia, para o invérno, o que á de mais novidáde.

Machado — Alfaiate

Sofia, 58 a 62

COIMBRA

FARMACIA ASSIS

SERVIÇO PERMANENTE

Praça do Commercio — Coimbra

Esta caza depois das modificaçõis que acaba de sofrer, é um dos melhores estabelecimentos desta cidade, no seu genero.

O seu propriétario fornecendo-se diré tamente das principais fábricas de produtos quimicos e farmaceuticos, tanto nacionaes como estranjeiros; está a pár do dezenvolvimento que a quimica e a terapeutica dia a dia vão experimentando e por isso possue uma colléção variáda das mais modérnas substancias e produtos quimicos.

O aviamento de todo o receituario é feito por pessoal competentemente abilitado, sob a direção do seu administrador,

Esta caza encarrega-se de mandar o medicamentos a caza de seus freguezes, assim como de chamar qualquer dos clinicos desta cidade a toda a óra do dia ou da noute.

Analizes complétas

de urinas, expétoraçõis, sangue, corrimentos ureteráis e vajinais, etc. etc. e bem como análizes d'aguas, vinhos, azietes, terrenos, etc., etc.

Preços absolutamente excécionais

MOBILIA

Vende-se um aparadôr, dois guardas louças, duas secretárias uma estante para livros, uma cómoda, uma montra de cristal, e outras peças miudas.

Para tratar, na Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, 156.

AJÊNCIA FUNERÁRIA

DE

Jórje da Silveira Morais

Coímbra

O proprietário désta cáza incúmbe-se de funerais complétos, tanto na cidade como fóra.

Esta cáza tem uma importante variedade de

Úrnas de mógno

em todos os tamanhos que vende pelos prêços de Lisbôa.

Grande variedade de corôas de todos as qualidades.

Especialidade em *boquets* fúnebres e de gála, banquêtas e ramos para altáres, toda a qualidade de flôres soltas e prepáros para as mesmas, plantas para sálas, flôres para chapéos mais barátas do que em qualquer outra cáza.

PRÊÇOS CÓMODOS

CAZA

Arrenda-se o primeiro andar, rua Fernandes Tomás, ponto central da cidade, muitas e boas acomodaçõis, lindas vistas sobre o Mondêgo, agua e gás.

Tráta-se na Praça do Comércio, n.º 14, 1.º

Bolacha Bernardino Machado

A *Fábrica Progrésso* de bolachas e biscoitos, na rua da Moeda, acába de expôr á venda uma nova marca de bolacha em Omenajem ao Conselheiro Bernardino Machado.

Esta nova marca de bolacha encontra-se á venda em todas as mercearias d'esta cidade.

Predio em Coimbra

Vende-se um situado na rua do Corpo de Deus n.º 38, que consiste em magnifica casa de abitação com pára-raios, gás e agua de cistérna e da companhia, jardim e quintal com arvores de fructo.

Para tratar, em Coimbra, Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, n.º 156, e no Pôrto, na rua do Brugnor, n.º 148.

CAZA

Vende-se uma casa no bairro Oriental de Mont'arroio com os n.os 25 e 27, quem pretender comprar dirija-se ao seu proprietario Alipio Leite, de Gavinhos de Penacova; ou com João Marques Mósca, em Coimbra.

Antonio Ferreira Pereira, previne os seus amigos, e freguezes, de que mudou o seu estabelecimento, que estava situado na Avenida Navarro, para a rua de Ferreira Borges n.os 151 e 153.

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600
Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Annunciam-se gratuitamente todas as publicaçõis com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

GAZ ACETILENE

Officina a vapor para a fabricação de gazómetros de novo sistêma de toda a segurança, simplicidade e asseio. **Candieiros** portatis com regulador d'agua, lustres simples de 2 e 3 braços, liras, braços de parede simples e de movimento, bicos, torneiras, chumbo e mais pertences.

Montajens e instalações completas absolutamente garantidas.

A' RIVIERE -- Lisboa, rua de S. Paulo, n.° 9, 1.°

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE CARBORETO DE CALCIO

Não comprar sem pedir preços e catalogos ilustrados

Preços sem competencia

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Téte d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saucisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos** e **licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

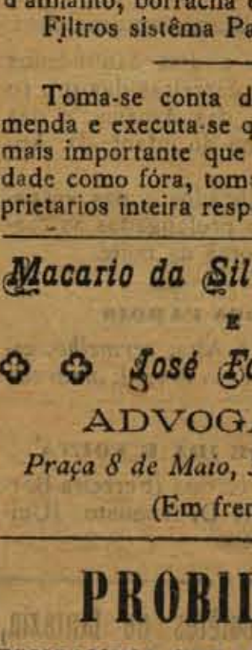
CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

Jozé Marques Ladeira & Filho

4, PRAÇA 8 DE MAIO, 5

COIMBRA



CANALIZAÇÕES

para

Agua e Gás

ACETILENE

Instalações completas

Tubos de ferro, chumbo, latão e lôna.

Lústres de cristál e bronze, candieiros e lanternas para gás. Retrétes, tinas, lavatórios e urinóis.

BICOS D'INCANDESCENCIA, *sistéma Auér.*

Máquinas para aquecêr agua para banho.

Autoclismos, torneiras e agulhêtas.

Fogõis de cozinha e sála.

Fogareiros a gás, acetiléne, petróleo e alcool.

Bombas de todos os sistêmas.

Preços rezumidos em bombas de relójio.

Aparélhos elétricos: Cartão e corda d'amianto, borrácha e folha.

Filtros sistêma Pasteur.

Toma-se conta de qualquer encomenda e executa-se qualquer obra por mais importante que seja, tanto na cidade como fóra, tomando os seus proprietarios inteira responsabilidade.

Macario da Silva ✣ ✣ ✣

E

✣ ✣ *José Falcão Ribeiro*

ADVOGADOS

Praça 8 de Maio, 37

(Em frente ao tribunal)

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.°

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório—Largo da Sé Velha.

Preços modicos

FONÓGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.° 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande coléção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoração, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.° 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno:—*Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo:—*Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro—Preço 200 reis

Deposito em Coimbra—PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias—Publicação semanal

Diretôra: D. LEONOR MALDONADO

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e colloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 1$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada,* a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand Jozé Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestações e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

SANTA CASA

DA

MISERICORDIA DE LISBOA

150:000$000

Extracção a 22 de Dezembro de 1904

Bilhetes a 60$000 réis

Vijéssimos a 3$000 réis

A comissão administrativa da loteria, incumbe-se de remetêr qualquer encomenda de bilhetes ou vijéssimos, logo que éla seja acompanhada da sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Quem comprar 10 ou mais bilhêtes inteiros tem uma comissão de 30 %.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Remétem se listas a todos os compradôres.

Lisboa, 9 de Novembro de 1904.

O secretario,

Jozé Murinélo.

A's ex.mas damas elegantes de Coimbra

Já regressou a esta cidade, vinda da capital onde foi fazer o seu colosal sortido para a presente estação, abem conheicda **Modista de Lisboa,** que tem a honra de apresentar ás damas Conimbricenses, um deslumbrante sortido em **Chapeus modelos** da mais alta novidade e finisimo gosto para todos os preços.

Traz tambem grande sortido de cascos, casacos, cabeções e outros artigos de novidades em confecções para chapeus, que vende por preços excesivamente baratos.

Pede ás Ex.mas Damas a fineza de não comprarem sem primeiro verem o seu enorme sortido e visitar a sua exposição.

Rua Ferreira Borges, entrada pelo Arco de Almedina, 6-2.°

COIMBRA

CARVÃO DE KÓQUE

Vende-se ao fundo do Bêco do Castilho, cuja cáza tambem tem entrada pelo antigo Quintal do Prior, ao prêço de 150 réis cada 15 kilos.

Póde sêr partido no local da venda onde existem os instrumentos necessários para tal fim.

COIMBRA

Clínica de mulhéres e crianças

Sofia Júlia Dias, médica pela Universidade de Coimbra abriu o seu consultório *médico cirúrjico,* nésta cidade, rua Sá da Bandeira, 59

Para os póbres, consúltas *grátis* da 1 1/2 ás 3 da tarde.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12—Rua da Moeda—14

N.º 963 | COIMBRA — Domingo, 18 de dezembro de 1904 | 10.º ANO

HIGIENE SANITARIA

— O *Diário do Govêrno* insére o decreto seguinte, á muito esperado em Coimbra.

Convindo tornar tanto quanto possivel proveitózos os cursos de medicina sanitaria criados no Porto e Coimbra;

Vistas as dispozições do decreto com força de lei de 28 de Dezembro de 1899, da carta de lei de 12 de Junho de 1901, do regulamento geral de saude e beneficencia publica de 24 de Dezembro do mesmo anno e da carta de lei de 24 de Novembro de 1904:

Hei por bem decretar em nome de El Rei, o seguinte:

Artigo 1.º Os cursos de medicina sanitaria da Porto e Coimbra, criados pelo artigo 132.º do regulamento de 24 de Dezembro de 1901, continuam ministrando, concorrentemente com o Instituto Central de Higiene, o ensino sanitario technico a todos os aspirantes aos logares do corpo de saude publica, preceituado nos artigos 116.º e 118.º do regulamento respectivo, e bem assim procedem aos exames dos seus alûmnos e conferem-lhes os diplomas de habilitação que para todos os efeitos são equiparados aos passados pelo Instituto Central de Higiene.

Art. 2.º A organização e desempenho destes cursos será feita nos termos do artigo 132.º e seus parágrafos do regulamento citado, salvo o disposto no § 4.º do artigo 12.º do decreto de 17 de Dezembro de 1903.

Art. 3.º Emquanto se mantiver a actual organização dos estudos medicos na Universidade de Coimbra e nas escolas de Lisboa e Porto, é facultado, sempre que seja possivel, aos alumnos do 5.º anno seguirem o curso de medicina sanitaria, devendo para esse efeito organizar-se o horario de fórma a tornar compativel a frequencia simultanea dos dois cursos.

§ unico. O exame do curso de medicina sanitaria só poderá ser feito depois de obtido pelo alumno o diploma legal do curso medico.

Art. 4.º A inspéção Geral dos Serviços Sanitarios do Reino convocará annualmente os directores dos cursos, para se acordar no plano desses cursos, seus programas e execução, de modo que o tirocinio profissional se uniformize pela maneira mais proficua.

Art. 5.º As recitas dos dois cursos, cobradas na conformidade do art. 128.º do regulamento geral de saude e beneficencia prublica, serão aplicadas aos serviços de secretaria e seu expediente, á organização das bibliotecas e museus de higiene respéctivos e á acquisição de material referente á pratica e ao ensino sanitario. Das verbas respectivas inscritas na tabella da distribuição da despeza do Ministerio dos Negocios do Reino sairá a quantia que se julgar indispensavel e que superiormente fôr auctorizada para custeio dos mesmos cursos.

§ 1.º Da aplicação das receitas serão prestadas contas annualmente ao Ministerio do Reino.

§ 2.º O museu de hygiene existente no serviço de molestias infecciosas do Porto é transferido para o respectivo curso, assim como os livros da biblioteca que sejam dispensados áquele serviço.

Art. 6.º Vigoram para estes cursos as disposições aplicaveis do regulamento geral de saude e beneficencia publica, salvo o que em contrario se dispõe neste decreto.

O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 13 de dezembro de 1904.—*Dona Maria Pia*, Rainha Regente.—*Antonio Augusto Pereira de Miranda.*

Está finalmente reparada a injustiça que colocava os estudantes da Universidade e da escóla medico-cirurgica do Porto em dezigualdade de direitos com os de Lisboa.

Os estudantes de medicina podem assim acabar em cada uma das duas cidades os seus cursos sem necessidade de novas habilitações scientificas que só em Lisboa se podiam conseguir.

Deu-se assim satisfação á Universidade, e aos exforços feitos para melhorar o ensino, modificando o estudo da higiene, creando o museu de hygiene, e dando nos seus laboratorios a instrução technica indispensavel para a boa análise das substancias alimentares.

Estes esfórços começados pelo professor Lopes Veira e seguidos depois com tão solida orientação pelo sr. dr. Serras e Silva tem sido vistos com aplauzo por todos os professores, e tivérão uma confirmação brilhante na expozição de higiene promovida o anno passado por ocazião do congresso de luta contra a tuberculoze, levada a cabo pela iniciativa e trabalho do sr. dr. Daniel de Matos, que do seu bolso comprou instrumentos essenciaes, doando os depois generózamente ao muzeu de higiene e a estabelecimentos de caridade.

O governo passado tinha prometido dar esta satisfação a Coimbra quando lhe foi pedida pelos estudantes do curso sanitario e reprezentantes da camara municipal e Associação commercial de Coimbra. Ficára porém o projecto dependente da aprovação das camaras com manifesto prejuizo dos interessados.

O sr. dr. Pádua, a cujos esforços se deve o prezente decreto, mostrou assim que está resolvido a não esquecer, na gerencia do governo civil, as obrigações que lhe impõe o seu logar de professor da faculdade de medicina.

E' para louvar o facto; porque é raro.

O sr. dr. Luis Pereira da Costa foi o exemplo mais brilhante da inutilidade dum professor, quer sob o ponto de vista dos interésses da cidade, quer sob o ponto de vista dos interesses da faculdade de medicina.

O sr. dr. Padua, mostra por um dos seus primeiros actos, que está rezolvido a seguir por outro caminho.

Não temos senão motivo para aplaudi-lo.

Novidade literaria

Acabamos de receber do ativo editor França Amado o livro de critica de João Chagas e o volume de versos de João Penha.

São duas formosissimas edições, e vieram na boa epoca, a dos prezentes de boas festas.

São dois brindes delicados, volumes que podem deixar-se socegadamente em cima das mezas sem ter medo de despertar ignorancias, publicados com o cuidado e o requinte de elegancia que distingue as edições desta casa.

No proximo numero diremos das obras. Tardava-nos agradecer a amabilidade do editor.

LICEU

O sr. dr. Luiz Viégas despediu-se na sexta feira do professarado do Liceu de Coimbra, cuja reitoria teve que abandonar.

Os professores, que, na sua comoção, mostravam a verdadeira estima que tinham pelo sr. dr. Luiz Viegas, vieram acompanha-lo até á porta do Liceu, reunindo-se mais tarde em congregação presidida pelo sr. dr. Teixeira.

Deliberaram consignar na acta um voto de sentimento pela saída do sr. dr. Luiz Viegas, e que lhe fosse entregue cópia da acta por uma comissão de professores, para que foram nomeados os srs. drs. Francisco Manso Preto, Silvio Pelico, Eugenio Sanches da Gama, Teixeira, Adriano Carvalho e Joaquim Mendes de Figueiredo.

A comissão nomeada entregou hontem, ás 11 horas da manhã, a cópia da acta ao sr. dr. Luiz Viégas, renovando os seus protestos de consideração pela fórma e superior dedicação com que dirigiu sempre o ensino.

Tem sido objecto de comentarios desfavoraveis este acto do governo, que revela má orientação no ensino, deixando-o dependente da vida politica portugueza.

Para substituir o sr. dr. Luiz Viegas foi nomeado o sr. dr. Antonio Ribeiro de Vasconcelos que fora retirado daquele logar pelo governo passado, e que se assignalou na reitoria do liceu pela sua competencia e zelo.

Os professores do liceu mostraram-lhe então todo o seu pesar pelo acto administrativo que privava a reitoria dos seus bons serviços.

Toda a imprensa censurou o facto. A imprensa progressista censurou-o como as outras.

O governo progressista, não atendendo ao vóto e pedido dos professôres, que nunca perderam ocazião de afirmar a alta consideração que tinham pelo sr. dr. Luiz Viegas, e dando a demissão a um funcionario que a não pedira, mostrou pôr o interésse dos professores e do ensino abaixo de manifestações politicas de fôrça, fóra de propózito e de tempo, e ofendeu um funcionario que, na opinião de todos, cumprira zelózamente e com saber o seu logar.

Claramente que, no que levamos dito, não queremos contestar os merecimentos pedagójicos do sr. Ribeiro de Vasconcélos.

O sr. Ribeiro de Vasconcelos é inteligente je trabalhador e os seus serviços ao ensino são conhecidos.

Mas o acto praticado com o sr. dr. Luiz Viégas é injusto, como foi o praticado com o sr. dr. Ribeiro de Vasconcéloz.

Demitindo o sr. dr. Luiz Viégas, o governo progressista mostrou apenas que é capaz das mesmas injustiças e das mesmas irregularidades que o regenerador.

A demitir o sr. dr. Luiz Viégas, simplesmente para dar uma satisfação ao sr. dr. Vasconcélos, nunca o deveria fazer sem um acto de deferencia que tirasse á demissão o que tem de ofensivo para o reitor que soube grangear tão solidas simpathias de todos os professores.

Foi o sistema das *justas reparações* que fez tão justamente despresado o governo do sr. Hintze Ribeiro.

Eduardo Jozé Coelho

A camara municipal de Lisboa rezolveu na sessão de quinta feira ultima, assistir com o seu prezidente á inauguração do monumento a Eduardo Jozé Coelho, que déve realizar-se no passeio de S. Pedro d'Alcantara no dia 29 aniversario da saida do primeiro numero do *Diario de Noticias* de que o gloriozo extinto foi fundador.

ELE

Com o espirito do costume escreve o *Novidades:*

Está sendo exposto no largo do Pelourinho o gracioso coreto a chorar stalactites, que ali esteve por ocasião da vinda do rei de Hespanha a Lisboa. Se o chimpanzé do Coliseu passa por acolá, julga que está outra vez apanhado pelas nevadas de Hespanha, e torna a adoecer com tosse. Dever prevenil-o antes de o trazer a passeio, ou então não lhe mostrar os preparativos dos festejos, o que será talvez melhor.

E' o diabo, é, se se constipa o macacão.

Pobre Simão!...

CRECHE

O sr. Bispo Conde de Coimbra ofereceu á Associação das Créches a quantia de 50$000 réis, querendo assim assinalar por uma obra de caridade o aniversario do dogma da imaculada conceição.

E nos grato arquivar a generóza acção do sr. Bispo Conde favorecendo a instituição nascente das créches, e deixando marcado com um acto de piedade a festa que para tantos serviu apenas para levantar vózes de ódio e de orgulho.

A esmola do sr. Bispo Conde vale muito como exemplo tambem, e deve congraçar vontades a esta humide associação tão desveladamente creada, e administrada com tanto carinho e caridade.

Em sessão camararia, ultima, fôram aprovadas as condições, propostas por uma comissão de vereadores, em que a camara concederá o subsidio de um conto de réis annual, pedido pelo sr. coronel Andrade, emprezario do serviço de americanos nesta cidade, para substituir, nesse serviço a actual tracção de animaes, por tracção a energia electrica.

A camara impoz as seguintes condições:

A cedencia do subsidio começará quando tenha principiado a tracção electrica nas linhas existentes e nas a estabelecer, de circuito na alta e do Arco de S. Sebastião a Cellas; o mesmo subsidio irá sendo reduzido ao indispensavel para que, com a receita liquida da exploração, fiquem garantidos 5 por cento de juro do capital empregado, cessando quando a mesma receita atinjir esse juro; a camara partilhará egualmente do excedente, logo que o haja; findos os 35 annos de prazo da concessão, a camara receberá metade do que tenha pago em subsidios, descontando-se quaesquer importancias que tenha recebido na partilha do citado excedente; para a suspensão do cabo conductor serão empregadas colunas de ferro; o carril canelado, estabelecidas passagens obrigatorias devidamente indicadas. Na linha principal e durante as horas de maior concorrencia, as carreiras sejão de quarto em quarto d'hora, a circulação dos carros não durará menos, no verão, das 7 da manhã ás 10 da noite e no inverno desde as 8 ás 10 da noite.

Foi recebida a decizão da camara que mais uma vez interpretou o sentir geral que é favoravel a pretensão do sr. coronel Freire de Andrade, cujos esforços para estabelecer a tração electrica são devidamente apreciados e justamente louvados.

Foram concedidos 15 dias de licença ao sr. Jozé Bento da Cunha, fiscal do caminho de ferro de Coimbra a Arganil.

TEATRO

Nas ultimas récitas da companhia do teátro D. Amelia, entre uma comedia mutiláda e uma detestavel sensaboria para reportorio de colégios foi á scena a *Rosa Engeitada.*

O sr. D. João da Camara tem na sua lista de serviços ás letras certas peças adoraveis, pouco mais ou menos do genero das que Véron chama — *de arte decorativa.* Sirva isto de compensação a alguns dos seus negros pecados dramaticos, como seja por exemplo, o *Alcacer Kibir*, e maiormente a *Rosa Engeitada*, que a companhia do D. Amelia nos deu aqui no passado domingo. O drama é um imbroglio complicado, que não vale agora a pena desfiar miudamente. Todo ele gira em volta duma mulher perdida—a *Rosa*—que apaixonando-se numa patuscada Fóra-de-Portas por certo João Reynaldo, mestre serralheiro, matrimoniavel a oito dias de praso com uma prendada menina da semi burguezia lisboeta, presente naquele acto — resolve não se lhe entregar, por uma série de raciocinios que fariam honra á mais delambida e esguedelhada serigaita das novelas do sr. de Lamartine. João Reynaldo, que tambem mal, encarou a cachopa, logo sentiu cravarem-se-lhe no imo peito as aceradas setas de Cupido, já se dispõe a perder da ideia o casorio, mais os cobres dispendidos nessa altura, forçosamente, com os respetivos banhos e licenças; e tudo é querer marchar com a sua amada, a construirem juma ponte na provincia. Estando a questão neste pé, aparece estrangulada no seu quarto de dormir D. Placida d'Arraiolos, usuraria e esposa d'Augusto Cesar, aspirante e vereador municipal. A Rosa acha a ocasião magnifica para escapar ás solicitações deshonestas de João Reynaldo, Cedendo á acusação d'autora do nefando crime, justificada por certos indicios comprometedores para a inocente moça, passa a recolher-se á Penitenciaria, e ainda agora lá estaria, se Deus não tem querido que o Chico da Arruda, fadistão emerito, postas as tripas ao sol pela facada que lhe vibrou o colega Malacueco, se confessasse autor do assassinato, de parceria com o sobredito Malacueco traidor. Desta forma se liberta Rosa dos ferros del-rei, para se entregar nos braços da morte, á soleira da porta de João e sua esposa, que foi onde o acaso a levou mal que na cadeia lhe deram a ordem de soltura. Eis as linhas geraes da obra. No meio de tudo isto á cemiterios, enterros, um cego que para lêr no futuro é maravilha de vêr-se, uma marcha funebre, um sermão e o Senhor dos Passos da Graça, que tem na peça um papel muito discreto.

Que se trata duma obra detestavel, toda a gente o reconhece, a principiar, cremos nós, pelo auctor; e a desculpa que se arranjou para tamanho atentado, com a consideração de que tendo ele sido perpetrado contra a plateia do Principe Real, forçosamente se avia de adaptar ao gosto daquele publico, de forma alguma colhe. A' efetivamente um teatro a fazer para o povo, e bem digno de incitamento e aplauso seria o dramaturgo que o tentasse — mas teatro de educação moral e estética, não *pochades* sem pés nem cabeça, como esses 6 longos actos, agora condensados em 5, que o sr. D. João da Camara amanhou pessimamente para o palco mais popular da capital.

Adelina Abranches tem na *Rosa Engeitada* o papel da protogonista. A plateia de Coimbra, que no anno passado a recebera com vibrantes e excepcionaes manifestações d'aplauso, teve agora ensejo de novamente a aclamar, porventura na sua mais alta creação theatral. Nem um gesto, nem uma inflexão, nem um olhar, que não se ajustem rigorozamente ao carater do per-

sonagem, ao sentimento expresso na frase sublinhada.

E' coisa discutida o actor deve *sentir* no palco o personagem, ou conservar-se como extranho a ele, creando-o fria, pensadamente, movendo-o e fazendo-o agitar-se perante o publico como se fôra uma especie de manequim a que o artista imprimisse, artificiosamente uma vida ficticia e ilusoria. Nós recolhemo-nos, na materia, a um bem ponderado eclétismo. Evidentemente, em quanto o comediante estuda e ensaia o seu pepel, necessario se torna que deixe transportar-se ao sabor do seu proprio temperamento, que calculada e cuidadózamente busque nas phrazes as intenções que lá lhe poz o autor, no personagem os sentimentos que se lhe quizeram conferir. Mas, uma vez assim imaginada a figura, assim pintado pelo atôr o retrato, *com a sua carne e o seu sangue*, como diz Coquelin, erguido o pano de boca e dado pelo contra regra o ultimo sinál — então o artista á de entregar-se todo ao personagem, á de esquecer a ficção, á de chorar, á de gritar, á de sofrêr, se quizer dar vida á sua creação e comunicar ao publico as fortes e puras emoções da Arte. Ora Adelina Abranches é, entre a nossa gente de theatro, dos raros artistas que sentem aquilo que predizem no tablado — e este o segredo da sua superioridade. O teatro portuguez está ôje nas mãos dela e do extraordinario atôr que é Ferreira da da Silva. Comediantes habeis, temo-los em barda; artistas de raça, esses e mais um ou dois, que não são porventura dos que se encavallitam com maior arreganho nas azas da Fama.

A *Rosa Engeitada*, com todos os seus defeitos, fica assim, para mal do seu autôr e por virtude da alma que lhe emprestou Adelina Abranches, vinculada para sempre á historia da arte scenica portugueza — e eis porque não acusamos a empreza do D. Amelia de a ter transplatado para o sen teátro. Essa peça, tendo dado ensejo a uma creação como as não vemos nos atôres de rotulo estrangeiro, não póde deixar de pertencer ao reportorio do teátro, onde quer que Adelina represente.

Quanto aos outros interpretes, cumpre distinguir Henrique Alves, Gil e Josefa d'Oliveira, muitissimo correta no seu papel de Marcolina; Pinheiro e Santos houveram-se abaixo dos seus creditos; e os restantes artistas não desmancharam o conjunto.

COMEMORAÇÕES

Pedro Cardozo

19—XII—1900.

O reaparecimento, ha tempos, do bi-semanario *Rezistencia*, se foi um jubilozo sucesso para as hostes democraticas, ás quaes pertencemos, — foi para nós a recordação dum triste facto, pois que nos trouxe mais uma vez á lembrança o passamento dum amigo intimo e sincero, desses que hoje raramente se encontram: — Pedro Cardozo.

É tão grato ao coração falar dos bons, idos, que não mais tornamos a ver; rememorar scenas mutuas de imensa estima, que não podemos fugir de tocar, ainda que de leve, na memoria desse bom correligionario, dedicadissimo até ao extremo de se lezar nos seus haveres e repartir, com a santa e justa cauza que abraçou e tão donodadamente defendeu, a maior parte da sua laboriozissima vida manual e intelectual.

Cremos bem que a maior parte dos seus bons e numerozos amigos, entre os quaes destacamos: Antonio Augusto Gonçalves, Albino Caetano da Silva, Antonio Augusto dos Santos, Telles, João Machado, Madeira, dr. Antonio José d'Almeida, etc., se lembrarão, com expontaneo elogio, de longe em quando, daquele fervorozo apostolo da democracia, daquele bom e verdadeiro amigo, que teve um fim tão tragico, como immerecido.

Se algum inimigo ele teve, em vida, foi, em verdade... — *o que devera ser o seu maior amigo.* — Mas... os caracteres são mui diferentes uns dos outros, — até mesmo numa só familia; alem de que, a ingratidão é sempre o prenuncio da velhacaria...

E quem sabe se este nosso reparo, — que o foi de sempre, — não terá causado profundos e continuos remorsos *a alguem*...

Aveiro, 19—XII—1904.

Adriano Costa.

Mensagem

Foram a Lisboa entregar uma mensagem de todos os liceus do reino os estudantes do liceu de Coimbra, srs. Sousa e Mello, Veiga Simões e Cunha Dias.

Partiram no dia 15, reunindo-se na estação velha ao sr. Marques de Andrade aluno da 7.ª classe do liceu do Porto. Em Lisboa fôram esperados pelos srs. Carlos Santos, Francisco Penteado e Victor Faria reprezentantes do liceu de Lisboa para o mesmo fim.

Em Coimbra distribuiu-se a seguinte

Carta aberta ao sr. ministro do reino

Parecerá a principio uma ousadia eu dirigir me a V. Ex.ª no intuito de lhe fazer uma petição, que deveria ser feita por todos os Liceus do paiz, se nesses estabelecimentos houvesse ainda uma rasgada iniciativa por parte dos alumnos, aos quaes provavelmente interessará sempre uma ou outra medida benéfica, que lhes promova não só uma simplificação sensivel de trabalho, mas tambem os anime a proseguirem em tudo aquilo, que fôr de Justiça, de Verdade e de Humanitario. Infelizmente a geração d'hoje não é a d'hontem. Nos nossos Liceus a vida academica, que na sua essencia devia ser uma vida de ideaes nobres, de convicções e de esperanças, está convertida num authomatismo grosseiro, onde o estudante agarrado ainda á theoria rotineira do *magister dixit* representa o papel dum recipiente de parcélas de sciencia acotovelada, e nada mais. Daqui, facilmente se conclue, que o fim concreto e mais positivo desse regulamento de 95, todo enxertado e cheio de tombas, é apenas o atrophiamento lento e insensivel de inteligencias, que ás vezes poderiam dar muito, e de talentos, que ainda em flôr, são cortados cerceis com o podão grosseiro dum regulamento despotico e anti-social.

Por todos esses liceus fóra, um vento jesuitico varreu todas essas crenças firmes e robustas, que as academias antigas nos legaram.

A união é postiça, porque a solidariedade não passa dum simples pretexto; por ultimo qualquer questão de bem geral é por via de regra votada ao ostracismo e desdem, por todos aquêles a quem mesmo o interesse poderia atingir. E porquê?

A rasão é muito simples: é porque esses rapazes, que frequentão os lyceus estão num tal estado de *surmenage intelectual* declarada, e ao mesmo tempo numa tal crise de indifferentismo, que já não teem um pensamento livre e uma vontade independente, mesmo para aquilo, que os deva interessar, justamente por andarem vergados a uma pressão subjectiva, que não percebem e que a meu ver constitue toda a essencia da reforma de 95.

O estudante que devia unir se aos seus camaradas, coadjuvando-os no que pudesse, que devia mesmo envolver se em questões, que longe de serem intempestinas e banaes, ás vezes encerram o seu futuro e o dos outros, esse mantem-se completamente indifferente a tudo, e a resposta é em toda a parte a mesma: *Mas vocés para que andam com isso? não vem nada.* Que triste resposta, Sr. ministro do reino! Caracterizando quem a pronunciou, é simptomatica e desanimadora.

Revolta a consciencia o facto de vermos os proprios interessados sem animo e coragem suficientes para pedir o que é de lei e de justiça quando muitas vezes seriam atendidos se o fizessem. E quando se exige o que é de lei e de justiça deve-se ser atendido.

Sr. ministro do reino: o meu fim é antes de mais nada pedir lhe, na minha qualidade de estudante do 6.º anno do Liceu, de Coimbra e interpretando mesmo a vontade latente de todos os liceus do reino, para que a reforma de instrução secundaria seja posta em vigor ainda este anno letivo, visto essa reforma trazer vantagens não só para os alumnos de todos os cursos mas tambem para os respetivos professores. E, se muitos, talvez a maior parte, querem a reforma, é unicamente por causa da bifurcação no 6.º a 7.º annos que alem de ser justa é humanitaria. Em todos os liceus do reino ha vontade de se fazer uma petição nesse sentido a V. Ex.ª, mas como disse, apenas vontade latente. Eu, no Liceu de Coimbra, fui um dos da idéa, mas, até agora e, depoia talvez de meia duzia de reuniões, ninguem se atreve a ir avoi, porque ha a cada passo divergencias frivolas e discussões de feição pueril. E' possivel que V. Ex.ª receba ainda antes de ferias uma representação geral dos liceus do reino no que ando a trabalhar ativamente.

Se essa representação se conseguir, o que aliás me parece dificil justamente por a falta de coesão moral, porque vontade existe de sobra, o pedido apurado no meio de tanta discussão, que por cá houve, é mais ou menos o que eu já formulei.

Porem, se se der a hipothese de a reforma ainda não poder vir este anno letivo, quasi todos os alumnos dos 6.º e 7.º annos dos lyceus do reino, desejam a eliminação das cadeiras d'esses annos, que não tenham ligação com os cursos a que se destinam, querendo comtudo a possibilidade de fazer o curso completo.

Esta disposição é de grande alcance e estou convicto de que se o sr. ministro do reino a poser em vigor praticará uma obra dum alto interesse pedagogico e umanitario. O pedido, que eu faço não é mais do que a tradução da vontade de todos os academicos, dos paes e mesmo de muitos professores.

V. Ex.ª procederá como fôr de justiça, e eu, ou por outra nós todos ficaremos gratos ao nobre governo progressista, se elle pozer em vigor a novissima reforma de instrução secundaria, ainda este anno letivo, visto a experiencia ter patenteado duma maneira bastante sensivel, os altos inconvenientes do actual regimen.

Coimbra, 13-XII-904.

Souza e Mello.

Chalet Lisbonense

Para hoje está anunciada a reprezentação da peça fantastica — *A Cauda de Belzebuth*, que por certo dará uma caza *á cunha*, como a de hontem com a peça — *O Conde de Monte Cristo*, e que os artistas da companhia dezempenharam muito a contento do publico.

Deve hoje reunir-se a assembleia geral dos socios da Associação dos Artistas para resolver sobre a apresentação da lista dos socios que desejam sair da associação, apresentação de escusas para cargos da gerencia do proximo anno, e eleição dos cargos que ficarem vagos pelas renuncias aceites.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

SAUDADES DE PORTUGAL, por *Mariano Gracias*. — Imprensa Nacional. — Lisboa.

E' um pequenino e elegante volume de versos, poesias melancholicas de amôr e de saudade, escritas na ilha de Moçambique durante uma época de cruel e desolada amargura da vida do poeta.

A lembrança da vida alegre de Coimbra, descrições das terras desoladas da Africa, vozes de amôr, gritos de desespero, de envolta com o fatalismo enervante da velha india, dão uma feição especial á obra do poeta.

São do livro os sonetos que publicamos com os nossos agradecimentos pela gentil oférta do autôr.

ALMANACH UNIVERSAL para 1905. — Livraria Central de Gomes de Carvalho, 158, rua da Prata, 160 — Lisboa.

Dirigido por Manoel Duarte com ilustrações numerosas, insere contos, versos e prozas dos principaes literatos portuguezes, e artigos de vulgarização scientifica; é, como se anuncia, uma pequena enciclopedia annual de boa e facil leitura.

Almanach Ilustrado da "Educação Nacional,,

E' um volume de 212 paginas. Alem da parte literaria, contos, anecdotas, tem uma parte *pedagogica* indispensavel ao professorado. O professor é guiado desde a Escola Normal até á aposentação. Contem alem disso um elucidario de todos os mezes. Profusamente ilustrado, e de custo apenas de **120 réis**, franco de porte é um verdadeiro *tour de-force* da Livraria Editora de José Figueirinhas Junior, do Porto.

«A Mocidade»

Deve reaparecer por todo o proximo mez de Janeiro este pequeno semario, cuja publicação estava suspensa.

LITERATURA E ARTE

A SAUDADE E A ESPERANÇA

Ao bello poeta dr. Moreira Nunes

Entre dois sonhos sempre paralelos,
Como entre duas nuvens vaporosas,
Decorre a vida de horas duvidosas,
Um misto de tormentos e de anhelos!

Olha-se p'ra traz: murchos, amarelos
Vemos jardim sem sol e já sem rosas,
Então, dos olhos gotas amargosas,
Brotam assim de tão despidos vê-los.

Olha-se para a frente: um ceu imenso,
Mas tão cerrado de nevoeiro denso
Que nos empana a senda do futuro.

Eis o presente cheio de amargura,
O passado só dôr e só tortura!
— Dois sonhos num viver pesado e duro!

DESESPERO

A João Maximino de Carvalho

Contemplativo como o antigo Brahma,
Pai dos meus pais, sêr de quem eu descendo,
Calco, com nojo, este torrão de lama
E, mudo e triste vou assim vivendo.

Que breve que se evada a grande Chamma
Que a dentro do meu peito eu sinto ardendo,
Como um preso que grita e que reclama
O azul que do seu carcere está vendo.

Mas quando é que virá o dia ledo
Em que eu avançarei deste degredo
P'r'a paz bemdita de uma obscura vala?

Ó Morte! ó minha amiga doce e calma,
Extrae do corpo meu a essencia da alma,
— A Morte vejo... e não poder gosá-la!

LUTA ETERNA

Ao dr. Antonio Abelho Laranjo

Vae-se-me a vida toda em uma ancia maldita,
Como alguem que aspirando a um goso não o alcança,
Nisto o meu coração febrilmente se agita,
Nisto a minha alma sofre horrivelmente e cansa!

É que o espirito meu semelha-se á creança
Que desperta na treva, a sós, e vê-se aflita,
Ou alguem que, na paz funeralmente mansa,
Atravessa um pinhal ermo e com medo grita!

Eu tento acreditar que uma Ventura existe
Para quem sofre e crê, p'ra quem luta e resiste
Longe da luz, longe do amor, longe do ideal.

Ah! pudesse eu saber o ignoto mundo onde
Essa Estrella, esse Ceo, essa Visão se esconde,
E teria eu então o fim deste meu mal.

O DESTERRADO

A Antonio Mantas

Sento-me, á tarde, á beiramar como quem scisma
Num profundo pesar, num intimo cuidado,
Como quem num coval de tristezas se abisma,
Como quem sente a dôr e a suporta calado.

Sinto-me agonisar, mas, como num sofisma,
Descerro o labio meu num riso desbotado.
Partiu-se-me do Sonho o fantastico prisma,
Congelou-se a vida em pranto que hei chorado

E olho o mar, e olho o ceu... é-me tristeza tudo,
Tudo se condensou num passivismo mudo,
Inconsciente, fatal, nostalgico, saudoso...

E, como alguem que sofre e em silencio suspira,
Vem a Saudade então tanger a minha lira,
A saudade profunda em que eu suspiro e góso!

TIRO CIVIL

A *União dos atiradores civis portuguezes*, a patriotica associação, a que tantas vezes nos temos referido, apresenta o programa seguinte para a epoca de 1904-1905.

Prova de tiro

Entre os socios da União que até ao penultimo domingo de maio tiverem obtido a classificação de atiradores de segunda classe, realisar-se ha uma prova de tiro com inscrição gratuita.

N'essa prova, que se effetuará no ultimo domingo de Maio, serão conferidos dois premios aos atiradores primeiro classificados, e medalhas na proporção de $^1/_{10}$ aos que tiverem obtido classificação superior a 50 %.

Torneios de tiro

Em todos as domingos de abril e maio se realisarão torneios livres, se assim o permitir o serviço da carreira.

Campeonato escolar

No ultimo domingo de maio terá logar o Campeonato escolar de tiro entre alumnos de estabelecimentos de instrucção, menores de 20 annos, atiradores de terceira classe.

A União destina para os premios pecuniarios d'este Campeonato cem mil réis (100$000). O guião do Campeonato escolar atualmente na posse do Real Gimnasio Club Portuguez, será disputado pelos três alumnos mais classificados de cada agrupamento que se formar.

Bonus de tiro

Os socios da União em Lisboa teem, por conta do cofre social, o bonus de 50 % nas cargas que tivesem de adquirir á sua custa para instrução, e de 20 % para exercicios, quando sejam diplomados atiradores de 1.ª classe, mediante a apresentação do seu bilhete de identidade, que é exigido sempre que o socio deseje usofruir qualquer regalia socialmente estabelecida.

Instrucção gratuita

Todos os atiradores teem para a sua instrucção e segundo as tabelas estabelecidas no regulamento do Tiro Nacional até 60 cartuchos em cada anno fornecidos pelo Ministerio da guerra. A União subsidia qualquer socio com as munições indispensaveis para concluir a 3.ª classe, quando este o requesite.

Cardenetas de tiro

Estas cadernetas são fornecidas pelas Carreiras de tiro e são obrigatorias para todos os atiradores que desejem seguir a instrucção. O seu custo é de 30 réis.

E' indispensavel aos menores, para se exercitarem, o consentimento de seus paes ou tutores, ou directores de estabelecimentos escolares, feito em papel selado, com assignatura reconhecida pelo tabelião. E' dispensada esta formalidade se os interessados referendarem na Carreira de tiro o seu consentimento na respectiva caderneta.

A União considera como inicio dos seus trabalhos na presente epocha o primeiro de dezembro.

Os programmas detalhados de todas as provas da União, serão oportunamente publicados.

Aprovado em sessão de 28 de outubro de 1904.

O secretario,

Eduardo de Noronha.

Aprovado pela Direcção geral dos serviços d'Infantaria em 21 de novembro de 1904.

O sr. dr. Costa Lobo apresentou ao governo as bases e o regulamento para o estabelecimento de uma companhia vinicola no centro do pais, que ficará assim dividido em trez zonas, tendo cada uma sua companhia vinicola.

Estão tambem concluidos já os trabalhos para o estabelecimento da companhia vinicola do sul.

Foi aprovada superiormente a cedencia de terreno municipal ao sr. Agostinho Simões Alves de Moraes Junior para alinhamento duma propriedade em Trouxemil, proposta pela camara de Coimbra.

Foi aprovada tambem a troca de terrenos entre a camara e o sr. Lourenço Lobo para alinhamento de um novo predio na rua da Madalena, e alinhamento da Avenida em construcção entre a estação nova e a rua do Visconde da Lús.

Fôram hontem substituidos os taboleiros da ponte da Cordeza, na linha ferrea do Norte entre Alfarélos e Formozelha por outros do tipo aprovado oficialmente, de 6,m40 de vão, assistindo ao acto os empregados da fiscalização do governo.

SALÃO DA MODA

É sómente no *Salão da Moda* onde se fazem as mais ricas *toilettes* para senhoras e meninas.

TEIXEIRA DE PASCHOAES

Jesus e Pan

Pedidos á livraria editora de José Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras 75 — Porto.

O producto deste livro reverterá a favor duma *Assistencia de creanças doentes* que se vae fundar em Amarante.

PREÇO 400 REIS

O Mundo Elegante

Revista quinzenal ilustrada

DE

Modas, Musica, Belas-Artes, Literatura e actualidades

DIRECTOR,

A. DE SOUZA (GUY DE PRESLES)

Redacção e administração:

3o bis, Rue Bergère — PARIS

(França)

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA EM PORTUGAL

Anno . . . . . 6$000 réis
Semestre . . . . . 3$000 »

Correspondente em Coimbra,

Cassiano Augusto Martins Ribeiro

165 — Rua Ferreira Borges — 165

GABÕES D'AVEIRO

Machado — Alfaiate

R. da Sophia, 58 a 62

COIMBRA

SALÃO DA MODA

COIMBRA

Vestidos elegantemente feitos de bonitas *Hungrias* pura lã a 9$000 e 10$000 réis.

Um vestido pronto a vestir por 9$000 réis feito no *Salão da Moda* é dificil de acreditar mas é verdade!

EDUARDO DE NORONHA

A ambição dum rei

Obra ilustrada com numerózas gravuras coloridas por Manuel de Macêdo e Roque Gameiro, impressa em magnifico papel.

Cadernêta semanal de 16 páginas, 40 réis. Tômo mensal, 200 réis.

Um exemplar grátis a quem remetêr adiantadamente a ésta emprêza a importancia de dés cadernêtas ou tômos.

Brinde a tôdos os assinantes

Aceitão-se pedidos de qualquer número de cadernêtas e tômos.

A EDITORA, *largo Conde Barão, 50*

Lisbôa

Precizão-se ajentes em tôdas as terras do continente colónias e Brazil.

Aceitão se correspondentes em todas as terras do reino.

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

ORARIO

(Desde 6 de novembro de 1904)

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

Partidas

Do largo das Ameias		Da rua Infante D. Augusto	
8h 30m	manhã	9h	manhã
9	»	9 ,30	»
9 ,30	»	10	»
10	»	10 ,30	»
10 ,30	»	11	»
11	»	11 ,30	»
11 ,30	»	12	»
12	»	12 ,30	tarde
12 ,30	tarde	1	»
1	»	1 ,30	»
1 ,30	»	2	»
2	»	2 ,30	»
2 ,30	»	3	»
3	»	3 ,30	»
3 ,30	»	4	»
4	»	4 ,30	»
4 ,30	»	5	»
5	»	5 ,30	»
5 ,30	»	6	»
6	»	6 ,30	»
6 ,30	»	7	»
7	»	7 ,30	»
7 ,30	»	8	noite
8	noite	8 ,30	»
8 ,30	»	9	»
9	»	9 ,30	»

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Do largo das Ameias		Da estação *B*
3h, 8m	manhã	Depois da chegada dos comboios excepto nos rapidos em que as partidas são logo depois das d'estes.
5 ,51	»	
8 ,13	»	
2 ,30	tarde	
3 ,45	»	
5 ,55	»	
6 ,20	»	
6 ,35	»	
7 ,50	»	
11 ,17	noite	

Aos domingos e dias santificados são suprimidas as carreiras das 9 e 10 horas das manhã, das Ameias, e das 9,30 e 10,30 da rua do infante D. Augusto.

Nos dias santificados e nas vesperas de feriado são prolongadas as carreiras até ás 10 horas da noite.

CORES DOS FAROIS

Verde, indica a Alta; *vermelho,* estação *B; branco,* Casa do Sal; *amarello escuro,* reservado.

ANUNCIOS

Predio em Coimbra

Vende-se um situado na rua do Corpo de Deus n.º 38, que consiste em magnifica casa de abitação com pára-raios, gás e agua de cistérna e da companhia, jardim e quintal com arvores de fructo.

Para tratar, em Coimbra, Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, n.º 156, e no Pôrto, na rua do Brugnor, n.º 148.

Bolacha Bernardino Machado

A *Fábrica Progrésso* de bolachas e biscoitos, na rua da Moeda, acába de expôr á venda uma nova marca de bolacha em Omenajem ao Conselheiro Bernardino Machado.

Esta nova marca de bolacha encontra-se á venda em todas as mercearias d'esta cidade.

CAZA

Vende-se uma casa no bairro Oriental de Mont'arroio com os n.os 25 e 27, quem pretender comprar dirija-se ao seu proprietario Alipio Leite, de Gavinhos de Penacova; ou com João Marques Mósca, em Coimbra.

CAZA

Arrenda-se o primeiro andar, rua Fernandes Tomás, ponto central da cidade, muitas e boas acomodaçõis, lindas vistas sobre o Mondêgo, agua e gás.

Tráta-se na Praça do Comércio, n.º 14, 1.º

AJÊNCIA FUNERÁRIA

DE

Jórje da Silveira Morais

Coímbra

O proprietário désta cáza incúmbe-se de funerais complétos, tanto na cidade como fóra.

Esta cáza tem uma importante variedade de

Úrnas de mógno

em todos os tamanhos que vende pelos prêços de Lisbôa.

Grande variedade de corôas de todos as qualidades.

Especialidade em *boquets* fúnebres e de gála, banquêtas e ramos para altáres, toda a qualidade de flôres soltas e prepáros para as mesmas, plantas para sálas, flôres para chapéos mais barátas do que em qualquer outra cáza.

PRÊÇOS CÓMODOS

Antonio Ferreira Pereira, previne os seus amigos, e freguezes, de que mudou o seu estabelecimento, que estava situado na Avenida Navarro, para a rua de Ferreira Borges n.os 151 e 153.

(5o) Folhetim da "REZISTENCIA,,

O EXCOMUNGÁDO

XVII

O ultimo golpe

— Qual? disse Ombert espantado;

— O que os antigos cavaleiros, que iguála em valor e cortezia, impúnhão aos vencidos: fazer uma relação fiel do alto feito, a que assisti, á dama que mais amar.

— Consinto respondeu Ombert pegando-lhe na mão, e autorizo-o a contar esta istória á baronêza de Roche Corbon, se por acazo a encontrar.

Ombert acentuou as ultimas palávras sorrindo sem amargura, depois saiu da fóssa pela escada, que tirou e colocou no sitio em que a avia encontrado.

Dirijiu-se em seguida para a escada de caracól onde o esperáva com viva anciedade aia da senhôra de Vic, que ignorava a scêna que acabava de ter logar.

Diana de Vic não tinha edade, avia dias em que poderião dar-lhe menos de dezoito annos, e dias em que tinha trinta; o seu aprumo em certos negócios egualáva a sea leviandade noutros. Tinha espirito de intriga, preseverança, mas não tinha paciencia que é o jénio da intriga.

Viuva dum espôzo vélho, que tinha consentido em pagar os favôres da corôa com a renuncia compléta dos de sua mulher, Diana caira pouco depois sob o jugo do senhôr de Houssaye, seu pai, vélho servo do rei Carlos — o — sabio.

O estimavel cavaleiro, indignado com os costumes da côrte, avia se retirado, á muito, para a sua terra, onde Diana, educada á sua vista, tinha sofrido de lonje a influencia dos costumes do tempo, sem duvida em virtude da lei fizica, que fás ferver periodicamente o vinho nas adegas na estação das vindimas.

Diana não conhecera nunca a condêssa de Houssaye, que morrêra ao dá-la á lúz. Nunca vibora mais revôlta, mais ájil, mais vibrante rasgára o ventre da mãi.

Apenas cazada, tinha arrastado o senhôr de Vic para a côrte, onde os dias do vélho tinhão sido dourados com algumas dignidades tardias que o avião tornado cégo de todo para as dezordens de Diana.

O senhôr de Houssaye, emquanto o jênro viveu, contentou-se com o jemêr nos campos pérto de Nemours; mas pela morte do senhor de Vic, levou Diana para caza e inflijiu-lhe a mais ativa vijilancia.

Mas, como se não póde pensar em tudo, deixou que Diana tivésse relações intimas com uma de suas primas, a senhôra de Sobrejam, mulher sem costumes e sem modos, que tinha chegádo a fascinar o senhôr de Houssaye, seu tio, a ponto dêste lhe confiar muitas vezes Diana, que éla levou para Nemours.

Ora as duas primas não podião estar em peor companhia, do que quando estávão uma diante da outra.

Um dia que dávão juntas, para se distrairem, um passeio a cavalo, aconteceu-lhes serem encontradas pelos criados do duque de Orleans, que as raptárão como dissémos no capitulo precedente.

Diana, em tôdo o tempo que avia passado na côrte, fizera tudo para seduzir o tenente jeneral do reino, não por têr por êle gôsto mais vivo do que os que avia já satisfeito, mas para chegar a intervir nos negocios publicos pelo favôr do principe e pelo império que esperava obtêr sôbre êle.

Mas apressára se demais a entregar-se, como a maior parte das mulhéres, porque contara com o coração, e ficára vencida pela inconstancia do principe; tivéra o seu dia como as mais.

O duque de Orleans tinha um tacto fino, e uma grande experiencia do amôr sério, que para êle não passáva duma dessas linguas mórtas, que se sabem a fundo, mas que se não fálão.

Adivinhára Diana; e, a partir dêsse dia, não lhe avia inspirado senão desprézo e quázi repugnancia.

Tinha por isso repelido sempre os oferecimentos da ambicióza, e recuzára-se a reatar com éla, covardia que cometia ás vêzes a favôr doutras mulhéres quando lh evinha o capricho.

Em muitas ocaziõis, mas sôbretudo numa circunstancia recente, tinha umilhado profundamente Diana, preferindo-lhe em Fontainebleau Berthe de Sambrejeu, que era mênos béla que a prima, mas que tinha a seu favôr o atrátivo da novidade e o de uma espécie de espirito que agradáva uma óra.

Depois dêsse dia cruel, seguido de uma noite solitária, ultrajada e rezolvida a ganhar outra vês o amôr do principe ou a vingar-se dos seus desdens, Diana tomára o partido de seguir pelo caminho de Paris com a prima, que, esquécida como um sonho, pelo duque de Orleans, tinha partido pela manhã para voltar a Nemours.

Não fizéra o mesmo a senhôra de Vic, artificióza e cheia de gráças ao mesmo tempo complicadas e ingénuas; chegou a interessar por meias confidencias, e por lizonjas habeis, Izabel de Baviera, sua rival real, e aparecêra na vespera ao principe forte com a protéção de quem mais devia temê-la e odiá-la.

O duque d'Orleans não tinha mais do que dizer uma palavra para fazer cair Diana da altura a que tinha subido; mas essa palavra, bem sabia Diana de Vic que o duque de Orleans nunca a diria a Izabel de Baviera.

Afinal de contas não passava de um acordo.

Nesta pozição, a senhora de Vic voltára os olhos em volta e encontrára pela segunda vês aquêle barão de Roche Corbon, cujo ar altivo, a corájem e raro vigôr a tinhão impressionado primeiro.

Tinha sabido por Bérta de Sambrejeu, que sabia os detalhes pelo principe, os ultrajes que o duque fizéra ao barão e comprazera-se a vêr naquêle gentil ómem um vingadôr, um amante, e talvês um meio de tranzação com o principe, cuja vida esperava ter um dia nas mãos; porque Diana não contára o seu coração com respeito ao duque de Orleans; estávão nêle tantos sentimentos opóstos, e em luta, que não formava projétos decizivos.

Para éla tratáva-se sómente do reunir os elementos que pudéssem servir o seu ódio ou o seu amôr, a sua vingança ou a sua fortuna e provizóriamente os seus prazêres.

O barão oferecia-lhe todos esses elementos ao mesmo tempo.

Quando saiu de casa, o confiado Ombert não tinha segredos para a senhora de Vic. Tinha concluido com éla uma aiiança ofensiva e defensiva, éla robusteeera e dirijira os seus projéctos, e êle combinára vir todas as noites dar-lhe conta do que se tivesse passado.

— Emfim! dizia êle esfregando as mãos, e embrulhando-se nas peles, porque o ar da manhã era fresco naquêle dia, emfim tenho uma amiga e já sei por onde começer!

Dirijira-se para o palacio do duque de Borgonha; ao virar a esquina duma parede, sentiu que lhe batião levemente no ombro.

(Continúa.)

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...
Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jeunamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulto, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600
Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicaçõis com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

GAZ ACETILENE

Officina a vapor para a fabricação de gazómetros de novo sistêma de toda a segurança, simplicidade e asseio. **Candieiros** portatis com regulador d'agua, lustres simples de 2 e 3 braços, liras, braços de parede simples e de movimento, bicos, torneiras, chumbo e mais pertences.

Montajens e instaleções completas absolutamente garantidas.

A' RIVIERE -- Lisboa, rua de S. Paulo, n.º 9, 1.º

IMPORTACÃO DIRECTA DE CARBORETO DE CALCIO

Não comprar sem pedir preços e catalogos ilustrados

Preços sem competencia

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saueisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos** e **licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa. 32

Jozé Marques Ladeira & Filho

4, PRAÇA 8 DE MAIO, 5

COIMBRA

CANALIZAÇÕES

para

Agua e Gás

ACETILENE

Instalações completas

Tubos de ferro, chumbo, latão e lôna.

Lústres de cristál e bronze, candiziros e lanternas para gás. Retrétes, tinas, lavatórios e urinóis.

BICOS D'INCANDESCENCIA, *sistêma Auér.*

Máquinas para aquecêr agua para banho.

Autoclismos, torneiras e agulhêtas.

Fogõis de cozinha e sála.

Fogareiros a gás, acetiléne, petróleo e alcool.

Bombas de todos os sistêmas.

Preços rezumidos em bombas de relójio.

Aparélhos elétricos: Cartão e corda d'amianto, borrácha e folha.

Filtros sistêma Pasteur.

Toma-se conta de qualquer encomenda e executa-se qualquer obra por mais importante que seja, tanto na cidade como fóra, tomando os seus proprietarios inteira responsabilidade.

Macario da Silva & José Falcão Ribeiro

ADVOGADOS

Praça 8 de Maio, 37

(Em frente ao tribunal)

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

FONÓGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande coléção de cilindros, com lindas óperas, canconetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

Água da Curía (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curía não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 reis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias — Publicação semanal

Diretôra: D. Leonor Maldonado

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras de bordados, 1$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada*, a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand José Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Luz — 103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vêndem-se a prestaçõis e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condiçõis do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

SANTA CASA

DA

MISERICORDIA DE LISBOA

150:000$000

Extracção a 22 de Dezembro de 1904

Bilhetes a 60$000 réis

Vijéssimos a 3$000 réis

A comissão administrativa da loteria, incumbe-se de remetêr qualquer encomenda de bilhetes ou vijéssimos, logo que êla seja acompanhada da sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Quem comprar 10 ou mais bilhêtes inteiros tem uma comissão de 30 %.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Remétem se listas a todos os compradôres.

Lisboa, 9 de Novembro de 1904.

O secretario,

Jozé Murinélo.

A's ex.mas damas elegantes de Coimbra

Já regressou a esta cidade, vinda da capital onde foi fazer o seu colosál sortido para a presente estação, abem conheicda **Modista de Lisboa,** que tem a honra de apresentar ás damas Conimbricenses, um deslumbrante sortido em **Chapeus modelos** da mais alta novidade e finisimo gosto para todos os preços.

Traz tambem grande sortido de cascos, cesacos, cabeções e outros artigos de novidades em confecções para chapeus, que vende por preços excesivamente baratos.

Pede ás Ex.mas Damas a fineza de não comprarem sem primeiro verem o seu enorme sortido e visitar a sua exposição.

Rua Ferreira Borges, entrada pelo Arco de Almedina, 6-2.º

COIMBRA

CARVÃO DE KÓQUE

Vende-se ao fundo do Bêco do Castilho, cuja cáza tambem tem entrada pelo antigo Quintal do Prior, ao prêço de 150 réis cada 15 kilos.

Póde sêr pesado no local da venda onde existem os instrumentos necessários para tal fim.

COIMBRA

Clínica de mulhéres e crianças

Sofia Júlia Dias, médica pela Universidade de Coimbra abriu o seu consultório *médico cirúrjico*, nésta cidade, rua Sá da Bandeira, 59

Para os póbres, consúltas *grátis* da 1 1/2 ás 3 da tarde.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12—Rua da Moeda—14

N.º 966 — 964 | COIMBRA — Quinta-feira, 22 de dezembro de 1904 | 10.º ANO

Magalhães Lima

Em Lisboa acaba de realizar-se a homenagem a Magalhães Lima, um dos homens que em Portugal mais tem feito pela propaganda das ideias républicanas, e que temos sempre visto no estrangeiro representando honrósamente a democracia portuguêza.

A *Resistencia*, acompanhando o partido républicano nesta manifestação de simpatia e respeito por Magalhães Lima, faz suas as palavras de França Borges, no eloquente brinde que lhe fez, no banquete em sua honra.

As palavras de França Borges pelo seu calor comunicativo, pela autoridade moral de quem, em cada dia, afirma a grandeza do seu carácter, a firmeza das suas convicções, o ardor e a coragem dum luctador que se impõe pela força da sua inteligencia, pela generozidade do seu espirito, são das mais gratas para os que, em Portugal, se erguem pela mesma ideia, no respeito dos que combatem a seu lado.

Disse assim França Borges:

A unica qualidade que pode ter sido lembrada para me ser concedida a palavra nesta bela festa foi, não o meu valor pessoal, mas a circunstancia de eu ser duplamente camarada de Magalhães Lima, visto que sou, como êle, director de um jornal republicano em Lisboa.

Falando como jornalista, ainda que o meu brinde não se destine a Magalhães Lima, julgo que não devo deixar de falar do jornalista. E' ingrata a tarefa para quem não tem o dom nem o habito da palavra. Mas é-me grata tambem porque eu que vivo tanto de dizer mal com justiça, sinto o maior prazer em dizer bem com verdade. E eu mais envelhecido pelo cansaço que pelos annos, só posso falar com apreço e respeito daquele que lutava ha tantos annos quando eu comecei a lutar, daquele que, branqueada já a sua romantica cabeça, ostenta ainda toda a virilidade moral que é apanagio da mocidade com as generosas expansões, com as suas fimes e inabalaveis crenças, com a sua robustissima fé.

Muitas homenagens ha a prestar ao jornalista que tanto tem trabalhado sempre pela solidariedade, por consequencia pela dignificação da sua classe, apaixonado pelo *metier* como por um sacerdocio. Mas o aspecto de jornalista que eu mais admiro em Magalhães Lima é de propagandista de ideias, apostolo de principios, obreiro duma nova sociedade.

Magalhães Lima foi, entre nós, dos primeiros a prégar ao povo a sua soberania, incutindo-lho a noção da propria consciencia — quando os velhos preconceitos conservavam as massas apegadas a um fetchismo que via como sagrados direitos os mais absurdos privilegios.

Magalhães Lima foi dos que, entre nós, primeiro prégaram o cathecismo da democracia, que é o catecismo do amor humano.

Mas Magalhães não foi só dos primeiros a apostolisar na nossa terra os principios democraticos. Foi tambem dos que mais poderosa e a largamente os espalharam.

Alma e cerebro dum jornal, esse jornal, espalhando-se por toda a parte como o portador duma ideia nova e grande, emancipadora e humanitaria, em todo o peiz exerceu a sua benefica acção, foi como que a aurora que trouxe uma vivificante luz ao espirito da sociedade portugueza.

Magalhães Lima, representante, director desse jornal, educou assim civicamente, democratizou um povo.

E aessa missão sacrificou tudo: a vida que se exaure nas longas vigilias e se desbarata nas sensações da lucta; a vida que arriscou em duelos; a tranquilidade que é incompativel com os odios de adversarios; e a liberdade sequestrada por mezes nas horridas masmorras do negro Limoeiro.

Um dia — não é agora ensejo de discutir o facto — acabou a acção democratica do jornal que com Magalães Lima nascera, vivera e prosperara.

Tivesse terminado ahi tambem a acção de Magalhães Lima, tivesse ele, por extenuado ou desalentado, posto termo ao seu papel jornalistico — ainda lhe deveriam muito os principios democraticos, ainda lhe deveria muito a evolução da sociedade portugueza, e, por tanto, a evolução da humanidade.

Mas a acção de Magalhães Lima não parou.

Desaparecido um orgão de ideias, procurou outro.

Retirado dum jornal instalou se noutro.

O jornalista de hoje é tão jornalista como ha 20 annos, com os seus cabelos de oiro; ele está no seu posto, defendendo a causa do povo, defendendo a justiça, defendendo a verdade, defendendo o bem.

A esse exemplo de sacrificio — tantas vezes mal comprehendido, quasi sempre não recompensado — eu desejei prestar homenagem porque, como jornalista, posso aprecia-lo e, como cidadão, devo agradece-lo.

Mas não foi para brindar Magalhães Lima que eu me levantei. Outro encargo muito agradavel ao meu coração, me foi amavelmente designado.

Esta festa, por muito de bom e de doce trazer ao nosso espirito, trouxe-nos uma querida e formosa alma que, vivendo além fronteiras, é aqui conhecida de todos aqueles que queremos o progresso humano.

Refiro-me, já comprehenderam, á simpatica e insinuante figura de D. Fernando Lozano — um grande vulto da Hespanha, um grande homem da democracia universal — que além nos olha como um velho e dedicado amigo.

Em nome de todos aqueles que têem o meu credo publico, posso afirmar-vos, D. Fernando, que, desde longo tempo, vos conheciamos.

Vós, hespanhoes, sois principalmente uns apaixonados como, não ha muito, Guerra Junqueiro, constou eloquentemente.

Nós, portuguezes, somos essencialmente uns ternos.

Pois, com toda a ternura de que nós somos capazes, temos admirado a paixão com que vós tendes lutado e lutais.

Com toda a ternura da nossa afectividade, nós temos visto a sublime odissea da vossa vida.

Eu, que ainda ha 48 horas vos não vira, li pela primeira vez a vossa lingua no vosso jornal — puro evangelho duma ideia nova. Ha quantos annos! Como eu, desde criança, me habituei a ler vos, todos conhecemos a vossa intensa obra em prol da humanidade.

E' por isso que podemos compreender a justiça destas palavras ha pouco dias escritas num jornal por uma senhora hespanhola:

«Si llega un dia em que nuestra España pueda verse iluminada por el sol de la justicia; si sobre el helado campo de sus atavismos llega á resbalar alguna vez um rayo de ese sol, y fundir en sua cálida caricia todo el têmpano que hoy pisa nuestra socidad, seguramente que se lo deberá á usted más que á nadie; á usted, que mira al provenir com essa profondidad de los espiritos superiores, y lucha denodadamente por la defensa de todos derechos humanos.»

Viestes por Magalhães Lima e viestes para Magalhães Lima. Mas todos nós vos estamos agradecidos por terdes vindo. Agradecemos por Magalhães Lima, que é nosso e que vós tanto honrastes; agradecemos por nós que tanto prazer tivemos em ver-vos; agradecemos pela causa comum que tanto lucrará em que nos conheçamos e aproximemos.

Demais, o vosso doce olhar, espelho do vosso espirito, veiu fazer com que vos amassemos mais. Esse olhar não mente, é o olhar dum santo. Que os santos, hoje, são os que querem o bem, a paz, o amôr da humanidade.

Tinha mais, tinha muito para vos dizer — eu que falo tão pouco. Mas não posso, por motivos que compreendeis. Advinhai o que não posso dizer. Compreendei o que não posso exprimir.

Intrepido, valoroso, inteligente luctadôr que com tanto denodo tendes vindo a consagrar o sacrificio da vossa vida pelo bem da humanidade; simbolo do altruismo mais nobre e da bravura mais heroica; legitimo representante da raça hespanhola, nos seus rasgados impetos de sublimes abnegações:—sem brilho na palavra mas com todo o calor no coração, dirijo-vos as mais carinhosas e quentes saudações que estão no espirito de todos os meus correligionarios portuguezes: por vós, pela causa que tão esforçadamente defendeis, pelo povo que tão dignamente reprezentaes.

E, em nome de todos, correligionarios ou não, brindo vos como o homem que merece a consideração de todas as almas honradas por ser modelo e encarnação da coerencia, da audacia, da bondade e da dignidade!»

No sul de Angola

Pediu a demissão de governador do Huila, o sr. capitão de engenharia João Maria de Aguiar, que foi o commandante da desastrosa expedição do Cuamato.

Pediu uma sindicancia a todos os seus actos que tivessem referencia com a organisação, commando e providencias tomadas com respeito aquela expedição, o ex governador geral de Angola, o sr. Custodio Borja.

O resultado ha de ser sempre este: quem morreu, morreu e quem cá ficou póde ir-se governando; senão veremos.

O caso já lá vai ha 3 mezes e se não fosse o governo regenerador cahir, o que causou a sahida do sr. Custodio Borja, estava tudo na mesma.

O futuro comandante da expedição, sr. major Eduardo Costa, já entregou o plano da organisação da expedição ao sr. director geral do ultramar, para ser presente ao respectivo ministro e depois levado a conselho.

Segundo consta a organisação é aquela que já aqui demos, que tinhamos sabido de fonte limpa.

Quanto nos irá custar em dinheiro, a imprevidencia do sr. Gorjão e seus acolythos, não contendo já vidas e incommodos?

A Benguella chegou sob prisã, o regulo *Lamacaca*, que tomou parte na ultima revolta de Bailundo.

Faleceu na Figueira da Fós, depois de um cruciante padecimento, a sr.ª D. Antonia Santos Almeida, sogra do nosso amigo o distinto operador dr. José Rodrigues de Oliveira.

Sentidos pezames.

PASSOU...

Parará? Não parará....

Parecia um joguinho de prendas: ninguem sabia se el-rei paráva na estação em Coimbra.

A' tarde dizia-se que não paráva.

A' noite afirmava se que paráva.

Não se viã senão grupos misteriózos, conversando baixo, disfarçadamente, juntando se, desfazendo-se, tornando-se a juntar para se tornar a desfazer.

E nós com vontade de interrogar um policia secréto que passeava de cá para lá, a cabeça de esguelha, o rôsto amarélo e chupado, o ar desconfiado, como de quem anda sempre no encalço seguro de um criminôso.

E êles a irem para a alta, e êles a voltarem pelo Arco de Almedina, onde, digamo lo de passagem, nunca, em tempo algum, nasceu Eduardo Coelho, esse filho de Coimbra....

Oh! Diabo! Onde iamos nós?

Ah! E os grupos a fazer-se, e a desfazer-se misteriozamente.

Havia uma anciedade jeral, nos que passávam pelas ruas, nos que espreitavam curiozamente ás janélas, na drogaria do sr. Rodrigues da Silva, por cima da drogaria do sr. Rodrigues da Silva.

E os grupos a fazer-se e desfazer-se, cochichando misteriózamente.

Parecia uma vespera de eleições.

Afinal, noite velha, soube-se que sua magestade não paráva, e que os seus fieis vassálos teriam de ir beijar-lhe a mão á Pampilhóza, entroncamento das grandes demóras.

Havia tempo para conversar.

Dizia-se que o governo civil requizitára 200 logares de primeira classe para subditos fieis.

Pelas 7 horas começaram a aparecêr. Era muito cedo e iam-se escoando pelo Firmino ao cafézinho, a fazer horas...

Assim Deus me salve!...

Afinal lá parturam. Eram só 68. Erão poucos, mas foi o que valeu. O pôvo de Anadia e Mealhada não acorrêra jubilôso a esperar o seu monárca.

Coimbra fês toda a parte decorativa.

Notava-se a falta do sr. Serio Veiga.

Afinal apareceu o comboio.

Ouve se o himno da carta.

A' porta do comboio aparéce al-rei.

O sr. Antonio de Padua ergueu a cabeça, os olhos negros humidos de lagrimas; tal se ergue ao sol nascente a florinha dos campos orvalhada pelo vento da madrugada...

El-rei recebe a todos com um sorrizo, rapidamente, e põe-se a conversar com o sr. governador civil de Aveiro.

Sua magestade a rainha vae deitada ainda.

Ouve se um signal, el rei avisa o sr. governador civil de Aveiro que desça, que o comboio vae partir.

O sr. governador civil de Aveiro olha ciozo para dentro da carruagem e diz:

— E o sr. bispo conde?

— Esse, responde sorrindo el-rei, êsse vae até Alfarellos, quer por fôrça ver a rainha....

Quando passávão por Coimbra não se avistava ninguem, apenas no alto da torre da Universidade se agitava de cá para lá, de lá para cá, vagarozamente, com muita convicção, a bandeira portugueza que o vento desfraldava, como diz *O Dia* que viu, e a quem corre o vento de feição.

Museu do Instituto

Vae ser colocado no pateo do Instituto um nicho de pedra que veio do colegio de S. Boaventura.

Será tambem exposta no mesmo museu uma janéla mudegar, assignada, que foi tirada da Sé Velha por occasião da restauração.

Onde nasceu José Eduardo Coelho?

Do sr. Carlos Augusto de Almeida recebemos a carta que a seguir publicamos.

Ill.mo e ex.mo sr. redatôr da *Resistencia*

O sr. redactôr de *O Conimbricense* recusou-se a inserir a carta e documentos que lhe dirigi e foram publicados na *Resistencia* de 5 do corrente, allegando falta de espaço. Solicitei-lhe autorisação para publicar a carta que êle me dirigiu, mas não fui mais felis visto declarar-me que éla devia ser considerada «*particularissima*».

Conheci em Coimbra um jornalista que sofreu duros ataques na imprensa, que nunca recusou as colunas do seu jornal aos proprios adversarios em polémica com êle. Este homem foi Joaquim Martins de Carvalho. Isto prova que nem todos pensam do mesmo modo. O sr. redactôr de *O Conimbricense* considera-se vencido mas não convencido com os testimunhos que lhe epresentei para comprovar que Eduardo Coelho nasceu na casa da rua dos Sapateiros, a que me tenho referido, e não na do Arco d'Almedina, julgando assim duvidosas, para não dizer outra cousa, as afirmações de tres irmãs, um irmão, duas primas e dois visinhos de Eduardo Coelho.

A contrapôr a tudo isto e ao mais que ainda tenho na bagagem, dis s. ex.ª que êle nasceu ao Arco d'Almedina pelas seguintes razões:

1.ª Foi Joaquim Martins de Carvalho que o escreveu, sem que fôsse contestado;

2.ª Escreveu-o tambem o sr. Alfredo da Cunha na biografia do seu sôgro publicada no Brinde do *Diario de Noticias* de 1891;

3.ª Tambem houve erro com relação ao dia do Nascimento de Antonio Ribeiro Saraiva, e foi Joaquim Martins de Carvalho quem disse a verdade.

E mais nada!

O sr. Joaquim Martins de Carvalho, cuja memoria eu muito respeito, apezar de seguro nas suas informações, não era um infalivel, e a prova é êle têr errado a data do nascimento de Eduardo Coelho.

Os erros cometidos pelo sr. dr. Alfredo da Cunha, com relação á data e local do nascimento de seu sôgro, foram devidos a ter recorrido ao artigo do sr. Joaquim Martins de Carvalho.

Um e outro os publicaram sem contestação de qualquer pessoa de familia de Eduardo Coelho, por parecer que não seria preciso mais tarde corrigir éssas inexatidões.

O proprio sr. dr. Alfredo da Cunha até á pouco mais dum mês teve a convicção ter escrito a verdade, sendo eu que lhe dei a nova de ter errado. E' que eu lembro-me muito bem de Eduardo Coelho me ter dito aqui, em Lirboa, que desejava adquirir a casa onde tinha nascido *na rua dos Sapateiros*.

Não invoquei á mais tempo êste meu testimunho por ter receio de não merecer credito ao sr. redactôr de *O Conimbricense*, e dou-me por felis pois já a éstas horas pesava sôbre mim a mesma suspeita que s. ex.ª tem ácerca dos testimunhos das pessoas de familia e vizinhos por mim citados.

Dís o sr. Francisco Martins de Carvalho que o testimunho do sr. Bernardo d'Oliveira vale tanto como os das pessoas que afirmam o contrario.

Mas quem são essas pessôas?

Por ventura fôram élas visinhas da familia de Eduardo Coelho, quando êste nasceu?

Afirmando s. ex.ª que êstes testimunhos são de pessoas amigas da familia, é justo dizer que nem a sr.ª D. Luiza das Neves Carneiro nem o

sr. Bernardo Antonio d'Oliveira se corresponderam nunca nem diréta nem indirétamente com a familia Eduardo Coelho.

Abstenho-me de fazer mais commentarios sôbre êste assumpto, por estar perfeitamente esclarecido.

Pedindo a v. ex.ª, sr. redactôr da *Rezistencia*, a publicação désta carta, subscrevo-me com subida honra e consideração,

De v. ex.ª
cr.dor e ven.dor obrg.mo

Lisboa, 20 de dezembro de 1904.

Carlos Augusto d'Almeida.

Vae a questão a azedar-se por motivos da mesma especie.

O sr. Martins de Carvalho ofende-se porque se ponha em duvida uma afirmação de seu pae; o sr. Carlos d'Almeida ofende-se por se pôrem em duduvida as afirmações de sua mãe e de seus tios.

Vamos a ver se eu consigo pôr isto a claro.

Primeiro diremos que a rua dos Sapateiros pertencia a Santiago.

Lê-se a fl. 102 do liv. respectivo dos bapt. de Santiago:

Aos vinte, chum dias do mes de Dezembro de mil outo centos trinta e nove annos nasceo Virginia filha legitima de Joaquim Joze da Crus, ede Anna Emillia de Miranda da rua dos Sapateiros desta freguezia de Sant.Iago de Coimbra.....

O mesmo acontecia com a rua do Arco d'Almedina.

Não tem por isso valor a opinião citada pelo sr. Carlos de Almeida.

Já não acontece o mesmo com as opiniões da sr.ª D. Amabilia Coelho.

A sr.ª D. Amabilia Eduarda Coelho afirma que foi a primeira irmã de Eduardo Coelho que nasceu na casa do Arco d'Almedina, e que os seus anteriores irmãos nasceram na rua dos Sapateiros.

O sr. Francisco Martins de Carvalho, afirma, com seu pae, que Eduardo nasceu no Arco d'Almedina e só deixará de seguir esta opinião á vista de *documentos comprovativos* em contrario.

As asserções da sr.ª D. Amabilia Eduarda Coelho podem ser documentadas

A primeira menção da familia de Eduardo Coelho, que se encontra nos livros de registo dos baptisados da freguezia de S. Thiago é a folhas 42, onde se regista a 15 de Maio de 1827 o baptisado da filha de João Gaspar Coelho — Albina — que nascera a 5 de Maio do mesmo anno.

Este assento não dis porem a morada do casal, com quanto dêle se saiba que era na freguezia de Santiago.

O mesmo acontéce a pag. 52 do mesmo livro com o registo do baptisado da filha Josefa a 21 de Fevereiro de 1829, e onde se não dis nem a data nem o logar do nascimento; a pag. 57 com o registo a 28 de Março de 1830 do nascimento a 5 do mesmo mês e anno de outra filha com o nome de Josefa tambem; a pag. 68 com o registo 23 de Junho de 1832 do filho Adriano, nascido a 16 do mesmo mês e anno. Em 1835 aparéce o registo do baptisado de José Eduardo Coelho que réza assim:

Aos onze de Maio de mil oito centos, etrinta esinco baptizei a Jozé filho de João Gaspár Coelho, ede Francisca do Cármo desta Cidade deCoimbra: neto paterno de Manoel Gaspar Coelho, eMaria Ladeira, naturaes de Bordalo, Freguezia deSanta Crús; ematerno d'Antonio Correia dos Sanctos, natural natural d'Arzilia do Campo, eMaria Theodora, natural d'Arregaça, Freguezia deS.ta Crús. Forão Padrinhos José Throni desta Cidade, eNossa Senhora da Conceipçaõ porquem tocou oPadre Joaquim Thezoureiro da Igreija: nasceo avinte, edous d'Abril: do que fis este assento, era *ut Supra*.

O Prior *José Antonio Vid ra*

Está este documento a fl. 78 v. e 79 do livro respectivo.

A fl. 85 encontra-se o registo do baptisado, 20 de Dezembro de 1836, de outra filha — Henriqueta —, nascida que nascera a 5 do mesmo mez e anno; a fl. 92, o registo, a 29 de Julho de 1830, do baptisado de — Abel — nascido a 16 do mesmo mez e anno; a fl. 104 o reg., a 25 de Julho de 1840, de — Mabilia — nascida 4 do mesmo mez e anno; a fl. 115 o reg. do baptisado a 27 de Março de 1844 de — Julia — nascida a 25 de Fevereiro do mesmo anno; a fl. 128 o reg., a 26 de Fevereiro de 1844, do baptisado de — Rachel — nascida a 29 de Janeiro do mesmo anno; a fl. 147 v. o reg., a 3 de Março de 1847, o baptisado de — Francisco — nascido a 15 de Janeiro do mesmo anno; a fl. 159 o reg. do baptisado, a 19 de Novembro de 1848 de — Emilia — nascida a 1 do mesmo mez e anno.

E mais não foi possivel achar nos livros apesar da muito boa vontade do sr. prior a quem aqui agradeço o terme auxiliado em pespuisas tão demorodas e enfandonhas.

Esta lista dá-nos a serie chronologica dos irmãos de Eduardo Coelho.

Vejamos agora as afirmações da sr.ª D. Amabilia Coelho.

Afirma que nasceu no Arco de Almedina.

Diz o assento de baptismo a fl. 104 do livro respectivo:

Aos quatro dias do mes de Julho de mil oito centos, e quarenta annos nasceo, Mabilia filha legitima de João Gaspar Coelho, e de Francisca do Carmo da rua do Arco de Almedina desta freguezia de Sant.Iago de Coimbra; Netta Paterna de Manoel Gaspar Coelho, ede Maria Ladeira do logar de Bordallo freguezia de Sancta Crus; e Materna de Antonio Corrêa dos Santos natural de Arzilla do Campo ede Maria Theodora natural da Arregaça freguezia de Sancta Crus: Foi baptizada aos vinte, esinco dias dos Sobreditos mêz, e anno, com impozição dos Santos olleos: Forão Padrinhos João Ferreira Rodrigues dePinho desta freguezia, e Henrriqueta Irmã da Baptizada; epara constar fis este assento, que assignei. Dia, mes, e anno ut Supra.

O Prior *João Rebello de Almd.ª Tavarez.*

Vê-se pois que a sr.ª D. Amabilia não faltou á verdade: nasceu na casa do Arco d'Almedina.

Afirma a sr.ª D. Amabilia que foi a primeira irmã que nasceu no Arco d'Almedina. Diz a certidão de idade de seu irmão Abel que é o anterior na série chronologica de seus irmãos.

Aos dezasseis dias do mes de Julho de mil outo centos trinta, e outo annos nasceu Abel filho Legitimo de João Gaspar Coelho, e de Francisca do Carmo da Rua dos Sapateiros désta freguezia de Sant.Iago, e Cidade de Coimbra: Netto Paterno de Manoel Gaspar Coelho, ede Maria Ladeira do Logar de Bordallo freguezia de Sancta Crus; e Materno de Antonio Correa dos Santos natural de Arzilla do Campo, ede Maria Theodora natural da Arregaça freguezia de Sancta Crus: Foi baptizado solemnemente, comimpozição dos Santos olleos, aos Vinte enove dias dos Sobreditos mes, e anno: Forão Padrinhos Joze Pedro Nogueira desta mesma freguezia, e Maria Joze Prima do Baptizado; epara constar fis este assento, que assignei. Dia, mes, eanno ut Supra.

OPrior *João Rebello d'Almd.ª Tavares.*

Outro registo diz:

Aos sinco dias do mes deDezembro de mil outo centos trinta eseis annos nasceo Henriqueta filha Legitima de João Gaspar Coelho edeFrancisca do Carmo da Rua dos Sapateiros desta freguezia de Sant.Iago, e cidade de Coimbra: Netta Paterna de Manoel Gaspar Coelho, edeMaria Ladeira do Logar de Bordállo freguezia de Sancta Crus; e Materna de Antonio Corrêa dos Santos natural da Arzilla do Campo ede Maria Theodora natural da Arregaça freguezia de Sancta Crus: Foi baptizada solemnemente, com impozição dos Santos olleos, aos Vinte dias dos Sobreditos mes, e anno: Forão Padrinhos Antonio Joaquim deFreitas Costa Negociante, edesta freguezia; e Dona Maria Augusta filha do Doutor Manoel de Jezus Rodrigues Manique; deque fis este assento, que assignei. Dia, mes, e anno ut Supra.—

OPrior *João Rebello de Almd.ª Tavares.*

Está pois provado por pocumentos que a sr.ª D. Amabilia foi a primeira irmã de Eduardo Coelho que nasceo no Arco de Almedina e que os outros anteriores tinham nascido na rua dos Sapateiros.

A mesma afirmação fazem os outros registos.

Vê-se pois que a sr.ª D. Amabilia escreveu como uma escritura, e Joaquim Martins de Carvalho contra as escrituras.

Raríssimas vezes lhe acontecia.

O erro é facil de explicar: Eduardo Coelho foi muito menino para a casa do Arco de Almedina, essa foi a de seu pae, a que ele comprou.

A casa do pae de Eduardo Coelho era aquela a outra era alugada.

Estranha o sr. Francisco Augusto Martins de Carvalho que, tendo seu pae em vida escripto tantas veves que José Eduardo Coelho nascera no arco d'Almedina, nunca isso fosse contestado por ele e fosse até affirmado pelo sr. dr. Alfredo da Cunha no brinde de 1901 aos assignantes do *Diario de Noticias*.

O sr. dr. Alfredo da Cunha porem, no ultimo numero d'*O Conimbricense* afirma que quem lhe dera o esclarecimento sobre a casa onde nascera José Eduardo Coelho fôra Joaquim Martins de Carvalho.

Fica por isso só de pé a não contestação de Eduardo José Coelho.

O artigo citado que se não referia propriamente a José Eduardo Coelho podia passar despercebido para êle.

E' porém certo que José Eduardo Coelho afirmava ter nascido na rua dos Sapateiros, e pensára até em comprar a casa em que nascera, e não ha artigo dêle em que diga o contrario.

Se Eduardo José Coelho leu o artigo de Joaquim Martins de Carvalho e não o contradictou, apesar de errado, o facto não seria unico, e mostraria apenas a extraordinaria consideração e a estima singular que por Martins de Carvalho tiveram sempre os que lidaram com êle de perto.

Era tanto o empenho que Joaquim Martins de Carvalho tinha em ser sempre verdadeiro em assumptos historicos, e tinha nisso tanto capricho que uma retificação, embora leve, o encolerisava e punha fóra de si, dando-lhe um desgosto serio.

Por isso os seus amigos evitavam contrariá-lo e preferiam deixar correr erros historicos, quando escriptos por êle.

Um exemplo:

Quando Francisco da Silva publicava o *Diccionario bibliographico*, Joaquim Martins de Carvalho escreveu lhe declarando ter encontrado em Coimbra assignaturas do dr. Antonio Homem, o *præceptor infelix* tendo o nome *por extenso* — Antonio Leitão Homem.

Innocencio fez a retificação, no tomo 8 (primeiro do suplemento), e o *doctor infelix* ficou historicamente crismado Antonio Leitão Homem.

Ora Martins de Carvalho confundira dois doutores, ambos lentes de prima de Canones — o dr. Antonio Homem, o *doctor infelix* queimado em Lisboa na *Ribeira*, defronte do *Terreiro do Trigo*, a 5 de maio de 1624,—e Antonio Leitão Homem, natural de Bragança, lente de prima de Canones em Coimbra, deputado do Santo Oficio da mesma cidade, desembargador do Paço, conego doutoral da Sé, falecido a 4 de novembro de 1659.

A letra de Antonio Homem não se confunde, o erro é palpavel, o equivoco flagrante.

Foi achado logo o erro, e não foi emendado até hoje.

E, apesar de conhecer o equivoco, Antonio José Teixeira, no livro que publicou sobre Antonio Homem, já depois de falecido Martins de Carvalho, não aproveitou o ensejo para o desfazer.

E, se agora o fazemos nós, é porque este facto é honroso de mais para o deixarmos esquecido.

Martins de Carvalho errou muitas vezes na historia de Coimbra, mas nunca propositadamente.

Nunca citava as fontes de que se servia, o que nos impede de verificar a exactidão da sua obra.

Este processo de escrever ganhou-lhe porem os creditos de investigador seguro, porque o seu trabalho tem sido confirmado por muitos.

Martins de Carvalho, porem, dava credito demasiado aos testemunhos dos contemporaneos, fiava-se demais na palavra dos homens honrados que faltão á verdade sem querer.

Dava tambem credito demasiado ao livro ou manuscripto em que só ele descobrira um facto da historia de Coimbra que os outros não conheciam. Assim é que o artigo que escreveu sobre a *Academia Liturgica* do convento de Santa Cruz de Coimbra veio cheio de inexactidões que nunca ninguem corrigiu, e sahiu ainda ultimamente numa enciclopedia com todos os seus erros.

Martins de Carvalho olhava desconfiado para quem estudava a historia de Coimbra, tinha o sempre como um ladrão do seu bem.

Quem escreve estas linhas teve por vezes ocasião de esclarecer e retocar pontos historicos tratados por Martins de Carvalho, sem nunca lograr ver aproveitado o seu estudo em publicações posteriores dos artigos de *O Conimbricense*.

Nunca lho levei a mal, e procurei desviar-me da ocazião de o melindrar, agradecendo a franqueza com que sempre me emprestou os seus livros e manuscriptos, com grande espanto dos amigos velhos que não percebiam tanta solicitude, por quem, como eu, não perdera ainda os cabelos pela tricophitia archeologica.

Martins de Carvalho procurava evitar o erro; mas errava como os outros.

Não ha archeologo que não erre.

Ném eu!...

T. C.

D'*O Dia*.

Lembra-nos porem termos visto os srs. governador civil de Coimbra, o conselheiro Antonio de Padua, vice-reitor da Universidade dr. Avelleiro da Costa, os decanos das faculdades de direito, mathematica, medicina e theologia, os srs. drs. Pita, Costa e Almeida, Costa Allemão e Manuel de Jesus Lino, Manuel da Silva Gayo, commissario de policia de Coimbra.

Não sabiamos.

Os nossos parabens ao novo conselheiro, e que Deus o fade melhor do que ao outro.

E parabens ao novo comissario...

Laboratorio de Microbiologia

O movimento das analises neste laboratorio durante os dois ultimos mezes foi o seguinte:

Urinas 35 em outubro, 54 em novembro; Expectorações 24 out. 20 nov. Corrimentos vaginaes e urethraes 77 out. 62 nov.; Agua 3 out. 1 nov.; Sangue (exames histologicos) 2 out. 3 nov.; Pulmão de boi suspeito de tcberculose 1 out. 1 nov.; Leite, Exame dum pus, Calculo vesical. 1 em outubro.

Total das analises efectuadas: 145 em outubro e 141 em novembro.

Francisco Guerra

Faleceu no dia 19 o sr. dr. Francisco Adamas Aza Abranches do Amaral Guerra, honrado e estimado vélho, com quem fazia bem conversar.

A sua vida foi de modestia honrada, sempre apagando-se deante dos outros, mas surgindo orgulhózamente á frente, quando julgáva ameaçáda a liberdade do seu paiz porque tanto sofrêra.

E foi assim que, no ultimo movimento anti-jesuitico, êle que todos tinham esquêcido já, e que tão esquécido foi levado a enterrar, apareceu com enthusiasmo juvenil a entregar a bandeira da Associação Liberal a que êle tanto queria e que lhe tinham deixado abandonada como um trapo velho e inutil.

Era o mesmo santo enthusiasmo que em 1844 o fizéra perseguido; riscado do primeiro anno de direito e demitido do logar de amanuense que tinha no governo civil de Coimbra.

Tinha uma grande adoração por o seu lugar do governo civil, muitas vêzes se queixava do pouco cuidado com que agora se redigem os oficios.

Quando D. Pedro V esteve em Coimbra deu se com êle uma história que o bom velho gostava de contar.

Um funcionário ditava-lhe no Paço das Escolas um oficio.

Em certa altura a gramática foi desfeiteáda. Francisco Guerra conservou a pena imovel em cima do papel, e ficou de cabeça baixa sem escrever.

Repéte o burocrata a fraze, Francisco Guerra não escréve.

Torna a repetir alto, Francisco Guerra pouza a pena, levanta a cabeça e declára que não escréve senão portuguez.

Levantam-se as vozes em altercação, aparéce casualmente D. Pedro V, que se informa, e acába a questão dizendo:

— Ele tem razão. Sente-se lá. E u dito.

Francisco Guerra terminou então:

— E o sr. D. Pedro V, esse sim, ditou bem. Era muito instruido....

E, quem não tinha fugido ao principio, tinha por uma hora o elogio de D. Pedro V no enthusiasmo caloroso dum cartista.

No governo civil o seu espirito organizador deixou trabalho que ainda hoje é visto com admiração.

Era um honrado velho.

Um dia, ao entrar no governo civil, deu pela falta de um dinheiro que havia de entregar nesse dia ao governador civil.

Desconfiou de quem o roubára, correu a casa dêle, encontrou o a dormir, e no sobresalto do acordar teve a confissão.

Foi ter com o governador civil de quem era amigo, e, exigindo-lhe palavra de honra de lhe guardar segredo, contou lhe tudo.

Depois, foi pedir o dinheiro emprestado, e pagou pelo amigo.

E nunca ninguem soube de tal roubo.

Foi assim toda a sua modesta vida de trabalho honrado e dedicação obscura.

A seu filho e irmão sentidos pezames.

O da Ligação

Annunciam os jornaes um feriado para o sabado depois do natal.

E' a aplicação duma creação do actual governo — o feriado da ligação.

As ferias do natal puzerão se mais cêdo uma semana para não ofender o principio da *ligação* dos feriados.

Nada mais logico, nem mais divertido.

Na terça feira chegava el-rei. Era dia de grande gála.

Ficava a segunda feira intrecalada entre dois feriados; deu-se o feriado de ligação na segunda.

Assim ficaram domingo, segunda e terça feriados a seguir.

A quinta é ainda de feriado para o maior numero de estudantes.

Deu-se o feriado de ligação na quarta.

Ficava a quinta separada das ferias pela sexta teira; deu-se o feriado de ligação na sexta.

Por o mesmo motivo, *muito logicamente*, anuncia-se já o feriado para sabado seguinte aos reis.

Este governo é decididamente escravo dos principios.

Carta do Rio de Janeiro

29 XI 904

Entre os muitos individuos, prezos pelos ultimos acontecimentos, encontram-se muitos nossos patricios; e, como os nacionaes vão para o Acre, não faltam receios que os nossos vão tambem. Por tal motivo teem os nossos reprezentantes trabalhado para serem postos em liberdade os que estam inocentes e serem repatriados os que se envolveram no movimento de sedição; e, segundo declaração de alguns jornaes assim se fará; e eu o acredito, apezar de o *Noticias* d'hoje dizer o seguinte:

«Tem toda a oportunidade a declaração que nos fez hoje pessoa auctorisada sobre a detenção de estrangeiros que com os nacionaes se encontram na ilha das Cabras para terem o conveniente destino.

«O procedimento de repressão adoptado pela policia para com os nacionaes transviados e perigosos não será de modo algum atenuado para com os estrangeiros em condições identicas.»

Sobre êste assumpto chamo a sua atenção para o *Jornal do Brazil* de hoje na sua primeira pagina — *Centro da Colonia Portugueza*.

E' ainda de *O Noticias* o seguinte telegrama enviado de Lisboa com data de 28 — serviço especial.

«Em consequencia de não terem comparecido nas mezas eleitoraes muitos representantes dos partidos monarchistas, os republicanos triumpharam nas eleições parochiaes hontem efectuadas em varias freguezias de Lisboa.»

Os monarchistas não compareceram; porisso os republicanos triumpharam... Mas quando o Porto elegeu tres deputados os monarchistas estavam prezentes! Ou foi tambem em consequencia...

Repatriação

Quando o *Portugal Moderno* lembrou a repatriação para a Africa dos

portuguezes que por aqui vivem miseravelmente e os quaes são em grande numero, a intenção era boa; mas o resultado é que incontestavelmente deve ser pessimo; para a Africa só vae gente apta para o comércio, ou então artistas e êstes aqui vivem sem necessidade de serem repatriados; os que vivem por aqui peor são os analphabetos, trabalhadores rusticos sem oficio; ora em Africa estes não encontram colocação facil, porque não só não encontram trabalho, porque o pezado é feito pelos filhos da terra, homens de côr; e quando o encontrassem, não resistiam por muitos mezes, devido ao clima que não permite que o europeu faça trabalhos pesados; e veja-se que a maior parte, senão todos, que vão para Africa são caixeiros ou artistas; são estes ultimos ali tambem muito aceites, se bem que já o foram mais, quando os filhos da terra não tinham oficio, que hoje todos tratam de aprender. Para onde ainda vae muita gente sem oficio e sem aptidão para o comércio, é para a provincia de S. Thomé e Principe, porque, entrando para uma roça, servem de feitores para o grande numero de serviçaes de côr ali existentes; mas essa mesma provincia está repleta de gente desempregada; e que o ateste o dr. Antonio José d'Almeida, que durante a sua estada ali deu largas ao seu coração bondoso socorrendo muitos infelizes que careciam um pouco de pão sem que o podessem ganhar por não terem colocação, ou ainda por falta de saude.

A repatriação é uma boa obra mas para o continente; para Africa, antes aqui, que ao menos encontram um amigo que é este bélo clima.

Quando mesmo o europeu podesse com diversos trabalhos em Africa, muitos não achavam colocação, porque os patrões estam servidos com os seus *contractados* filhos da terra que lhes ficam muito baratos. Digo *contractados* para não dizer escravos.

Para dar uma comparação politica conhecida: progressista está para regenerador, como, em Africa, o *contratado* está para escravo.

— No dia 24 faleceu no hospital da Santa Casa, Emilia d'Oliveira, natural da ilha do Pico que, como noticiei, ali se achava em tratamento por ferimentos recebidos por ocasião dos ultimos tumultos.

— No mesmo dia foi encontrado cahido, ferido com tres punhaladas um nosso patricio de nome José Martins.

— No funeral do general Travassos, comandante dos alumnos sublevados da Escola Militár, não foram prestadas as honras militares, por o governo assim o ter resolvido.

Parece que o estado de sitio vae ser levantado em breves dias.

P. V. Trindade.

P. S.—O *Portugal Moderno* no seu numero de 26 publica o retracto de Joaquim Martins de Carvalho.

«... Coimbra, a risonha Coimbra das margens do Mondego deve muito da sua propriedade á iniciativa do incansavel jornalista Martins de Carvalho, de quem hoje o *Portugal Moderno*, relembra o nome e a memoria em desataviadas e descoloridas linhas.»

— A subscripção para as familias dos pobres soldados mortos em Africa, no Cunene, atinjiu a quantia de réis 2:899$850, continuando aberta.

Trindade.

Esteve segunda e terça feira nesta cidade o sr. Adães Bermudes que veiu estudar o alargamento da escola de S. Bartholomeu e a edificação de uma nova escola primaria que será construida no local onde estão agora as bombas municipaes, á entrada da avenida Sá da Bandeira, mudando-se a estação das bombas para outro sitio.

Como tinhamos noticiado, viéram no domingo a esta cidade os oficiaes de barbeiro da Figueira da Fós para agradecer aos seus colégas de Coimbra o auxilio prestado na propaganda do encerramento das barbearias ao domingo.

Foram esperados na estação velha pelos seus camaradas de Coimbra, visitando depois os monumentos e sitios piitorescos da cidade, retirando para a Figueira depois de um lunch que lhes foi oferecido ás 7 horas da noite.

Tomaram hontem posse dos seus logares de cathedraticos os srs. José Alberto dos Reis e José Joaquim Tavares.

Nova questão

Escreve nos o sr. Carlos de Almeida a seguinte carta:

Ill.mo e ex.mo sr. redactôr
da Resistencia

O *Conimbricense* de hontem já não insiste em afirmar que Eduardo Coelho nasceu na casa do Arco d'Almedina.

Faz, porém, uma referencia, provavelmente á minha pessoa, nos seguintes periodos:

«Se nós não estivessemos escrevendo com sinceridade e tivessemos outros intuitos que não fossem o esclarecimento da verdade, facil nos seria dar á questão uma feição diversa, a que com certeza não oporia embargos o parente do sr. Eduardo Coelho. Era apenas perguntar-lhe se a lapide representa a expressão rigorosa da verdade quando diz—*Nesta casa nasceu*—etc., etc., e se é realmente a casa da rua dos Sapateiros, n.os 73 a 77 aquela onde nasceu Eduardo Coelho?!»

Como toda a pergunta tem resposta, direi ao sr. redactor de *O Conimbricense* que é, positivamente, incontestavelmeme, essa a casa onde elle nasceu. S. ex.ª dirá de sua justiça.

Sou com muita estima e consideração,

De v. ex.ª
att.º e v. ob.mo

Lisboa,
21-12-904.

Carlos Augusto d'Almeida.

Somos informados de que por uma prepotencia injustificavel da auctoridade acaba de passar 24 horas incomunicavel no calabouço do comissariado o o sr. Francisco Maria da Fonseca, conhecido e bemquisto comerciante de Santa Clara.

Nem o tempo, nem o espaço nos deixam tratar devidamente a questão.

Fa-lo-hemos no proximo numero.

Esteve nesta cidade o nosso amigo e correligionario sr. Antonio Gomes de Souza Varéla, abastado proprietario e comerciante na Marmeleira.

SALÃO DA MODA

COIMBRA

Fazendas, novidade para vestidos de inverno.

Grandes reduções de preços em todos os artigos désta cáza.

O MUNDO ELEGANTE

Revista quinzenal ilustrada

DE

Modas, Musica, Belas-Artes, Literatura e actualidades

DIRECTOR,

A. DE SOUZA (GUY DE PRESLES)

Redacção e administração:

3o bis, Rue Bergère—PARIS

(França)

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
EM PORTUGAL

Anno . . . . . 6$000 réis
Semestre . . . . . 3$000 »

Correspondente em Coimbra,
Cassiano Augusto Martins Ribeiro
165—Rua Ferreira Borges (167)

GABÕES D'AVEIRO

Machado—Alfaiate

R. da Sophia, 58 a 62

COIMBRA

SALÃO DA MODA

COIMBRA

Vestidos elegantemente feitos de bonitas *Hungrias* pura lã a 9$000 e 10$000 réis.

Um vestido pronto a vestir por 9$000 réis feito no *Salão da Moda* é dificil de acreditar mas é verdade!

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

ORARIO

(Desde 6 de novembro de 1904)

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

Partidas

Do largo das Ameias		Da rua Infante D. Augusto	
8h 30m	manhã	9h	manhã
9	»	9 ,30	»
9 ,30	»	10	»
10	»	10 ,30	»
10 ,30	»	11	»
11	»	11 ,30	»
11 ,30	»	12	»
12	»	12 ,30	tarde
12 ,30	tarde	1	»
1	»	1 ,30	»
1 ,30	»	2	»
2	»	2 ,30	»
2 ,30	»	3	»
3	»	3 ,30	»
3 ,30	»	4	»
4	»	4 ,30	»
4 ,30	»	5	»
5	»	5 ,30	»
5 ,30	»	6	»
6	»	6 ,30	»
6 ,30	»	7	»
7	»	7 ,30	»
7 ,30	»	8	noite
8	noite	8 ,30	»
8 ,30	»	9	»
9	»	9 ,30	»

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Do largo das Ameias		Da estação *B*
3h, 8m	manhã	Depois da chegada dos comboios excepto nos rapidos em que as partidas são logo depois das d'estes.
5 ,51	»	
8 ,13	»	
2 ,30	tarde	
3 ,45	»	
5 ,55	»	
6 ,20	»	
6 ,35	»	
7 ,50	»	
11 ,17	noite	

Aos domingos e dias santificados são suprimidas as carreiras das 9 e 10 horas das manhã, das Ameias, e das 9,30 e 10,30 da rua do infante D. Augusto.

Nos dias santificados e nas vesperas de feriado são prolongadas as carreiras até ás 10 horas da noite.

CORES DOS FAROIS

Verde, indica a Alta; *vermelho,* estação *B; branco,* Casa do Sal; *amarello escuro,* reservado.

PREÇOS DAS PASSAGENS ENTRE OS DIFERENTES PONTOS

Estação *B* dos Caminhos de ferro a Rua do Infante D. Augusto (Universidade)—80 réis.

Estação *B* dos Caminhos de ferro ao Largo das Ameias ou Mercado (Manutenção Militar)—50 réis.

Largo das Ameias ou Casa do Sal (Choupal) á Rua do Infante D. Augusto (Universidade)—40 réis.

Casa do Sal (Choupal) ás Ameias—40 réis.

Largo das Ameias, Casa do Sal (Choupal) ao Largo de D. Luiz—40 réis.

Gazometro á Estação *B* dos Caminhos de ferro—40 réis.

Largo das Ameias, Casa do Sal (Choupal) ou Infante D. Augusto (Universidade) ao Mercado (Manutenção Militar)—30 réis.

Largo de D. Carlos (Ferreira Borges) ou Gazometro ao Largo de D. Luiz—30 réis.

Gazometro ao Largo das Ameias—30 réis.

Casa do Sal (Choupal) á Estação *B*—30 réis.

Gazometro ao Largo de D. Carlos (Ferreira Borges)—20 réis.

Gazometro ou Largo de D. Carlos ao Mercado (Manutenção Militar)—20 réis.

Gazometro á Casa do Sal (Choupal)—20 réis.

Praça 8 de Maio (Samsão) ás Ameias—20 réis.

Arcos do Jardim á Rua Infante D. Augusto (Universidade)—20 réis.

ANUNCIOS

ANNUNICO PARA ARREMATAÇÃO

Comarca de Coimbra

1.ª publicação

Pelo juizo de direito desta comarca, no dia 8 de janeiro proximo, pelas onze horas da manhã, á porta do tribunal judicial, ha de ser vendido em hasta publica e entregue a maior lanço oferecer, sobre o preço da sua avaliação o seguinte

Predio

Um predio rustico e urbano, denominado *Quinta da Cêrca*, no sitio da Barroca, freguezia de Sernache dos Alhos, o qual se compõe de casas de habitação, palheiros, pateo, terra de rega, pomar de laranjeiras, oliveiras e mais arvores que foi avaliado e vae á praça em 1:050$000 réis.

Este predio foi penhorado e vae á praça por força da execução hypothecaria que Francisco de Oliveira Cardoso, casado, negociante, de Sernache dos Alhos, move aos executados João Correia e mulher Ignez de Castro Diniz, proprietarios da Quinta da Cêrca, limite da Barroca, freguezia de Sarnache. E são citados para a arrematação quaesquer credores incertos.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,
R. Calisto.

O escrivão do 4.º oficio,
Arthur de Freitas Campos.

Bolacha Bernardino Machado

A *Fábrica Progrésso* de bolachas e biscoitos, na rua da Moeda, acába de expôr á venda uma nova marca de bolacha em Omenajem ao Conselheiro Bernardino Machado.

Esta nova marca de bolacha encontra-se á venda em todas as mercearias d'esta cidade.

AJÊNCIA FUNERÁRIA

DE

Jórje da Silveira Morais

Coímbra

O proprietário désta cáza incúmbe-se de funerais complétos, tanto na cidade como fóra.

Esta cáza tem uma importante variedade de

Úrnas de mógno

em todos os tamanhos que vende pelos preços de Lisbôa.

Grande variedade de corôas de todos as qualidades.

Especialidade em *boquets* fúnebres e de gála, banquêtas e ramos para altáres, toda a qualidade de flôres soltas e prepáros para as mesmas, plantas para sálas, flôres para chapéos mais barátas do que em qualquer outra cáza.

CAZA

Arrenda-se o primeiro andar, rua Fernandes Tomás, ponto central da cidade, muitas e boas acomodações, lindas vistas sobre o Mondêgo, agua e gás.

Tráta-se na Praça do Comércio, n.º 14, 1.º

Predio em Coimbra

Vende-se um situado na rua do Corpo de Deus n.º 38, que consiste em magnifica casa de abitação com pára-raios, gás e agua de cistérna e da companhia, jardim e quintal com arvores de fructo.

Para tratar, em Coimbra, Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, n.º 156, e no Pôrto, na rua do Brugnor, n.º 148.

Antonio Ferreira Pereira, previne os seus amigos, e freguezes, de que mudou o seu estabelecimento, que estava situado na Avenida Navarro, para a rua de Ferreira Borges n.os 151 e 153.

COMARCA DE COIMBRA

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito desta comarca e cartorio do escrivão do 5.º oficio correm editos citando quaesquer interessados incertos que se julguem com direito á herança de João Dias morador que foi na República do Uruguai para na 2.ª audiencia deste Juizo posterior ao praso de 30 dias a contar da ultima publicação dêste anuncio, verem acuzar a citação e assignar-se-lhe o praso de 3 audiencias para deduzirem qualquer opposição contra a justificação avulsa requerida nêste juizo por Manuel Dias, casado com Maria de Nazareth, e Maria do Rosario casada com Martinho Marques Moreira, lrmãos do fallecido, proprietarios, residentes no logar de Souzélas, afim de serem julgados habilitados unicos e uhiversaes herdeiros de seu irmão, referido João Dias, pois tanto os justificantes como o falecido seu irmão são os unicos filhos de seus falecidos paes Francisco Dias e mulher Eufrasia de Jesus tambem conhecida por Eufrazia Maria.

As audiencias nêste juizo fazem-se todas as segundas e quintas feiras de cada semana não sendo dias de feriados ou santificados no Tribunal Judicial situado na Praça 8 de Maio, observando-se o preceituado no artigo 151 e seus § § do codigo do processo civil.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,
R. Calisto.

CAZA

Vende-se uma casa no bairro Oriental de Mont'arroio com os n.os 25 e 27, quem pretender comprar dirija-se ao seu proprietario Alipio Leite, de Gavinhos de Penacova; ou com João Marques Mósca, em Coimbra.

FARMACIA ASSIS

SERVIÇO PERMANENTE

Praça do Commercio—Coimbra

Esta caza depois das modificações que acaba de sofrer, é um dos melhores estabelecimentos desta cidade, no seu genero.

O seu propriétario fornecendo-se diretamente das principais fábricas de produtos quimicos e farmaceuticos, tanto nacionaes como estranjeiros; está a pár do dezenvolvimento que a quimica e a terapeutica dia a dia vão experimentando e por isso possue uma colléção variáda das mais modérnas substancias e produtos quimicos.

O aviamento de todo o receituario é feito por pessoal competentemente abilitado, sob a direção do seu administrador,

Esta caza encarrega-se de mandar os medicamentos a caza de seus freguezes. assim como de chamar qualquer dos clinicos desta cidade a toda a óra do dia ou da noute.

Analizes complétas

de urinas, expétorações, sangue, corrimentos ureteráis e vajinais, etc. etc. e bem como análizes d'aguas, vinhos, azietes, terrenos, etc., etc.

Preços absolutamente excécionais

MOBILIA

Vende se um aparadôr, dois guardas louças, duas secretárias uma estante para livros, uma cómoda, uma montra de cristal, e outras peças miudas.

Para tratar, na Confeitaria Telles rua Ferreira Borges, 156.

Córtes de colêtes de fantazia, para o invérno, o que á de mais novidáde.

Machado—Alfaiate

Sofia, 58 a 62

COIMBRA

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600
Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicaçõis com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

GAZ ACETILENE

Officina a vapor para a fabricação de gazómetros de novo sistêma de toda a segurança, simplicidade e asseio. **Candieiros** portatis com regulador d'agua, lustres simples de 2 e 3 braços, liras, braços de parede simples e de movimento, bicos, torneiras, chumbo e mais pertences.

Montajens e instalações completas absolutamente garantidas.

A' RIVIERE — Lisboa, rua de S. Paulo, n.° 9, 1.°

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE CARBORETO DE CALCIO

Não comprar sem pedir preços e catalogos ilustrados

Preços sem competencia

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos rechéios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Téte d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saueisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

Jozé Marques Ladeira & Filho

4, PRAÇA 8 DE MAIO, 5

COIMBRA

CANALIZAÇÕES

para

Agua e Gás

ACETILENE

Instalações completas

Tubos de ferro, chumbo, latão e lôna.

Lústres de cristál e bronze, candieiros e lanternas para gás. Retrétes, tinas, lavatórios e urinóis.

BICOS D'INCANDESCENCIA, *sistêma Auér.*

Máquinas para aquecêr agua para banho.

Autoclismos, torneiras e agulhêtas.

Fogõis de cozinha e sála.

Fogareiros a gás, acetiléne, petróleo e alcool.

Bombas de todos os sistêmas.

Preços rezumidos em bombas de relójio.

Aparélhos elétricos: Cartão e corda d'amianto, borrácha e folha.

Filtros sistêma Pasteur.

Toma-se conta de qualquer encomenda e executa-se qualquer obra por mais importante que seja, tanto na cidade como fóra, tomando os seus proprietarios inteira responsabilidade.

Macario da Silva & José Falcão Ribeiro

ADVOGADOS

Praça 8 de Maio, 37

(Em frente ao tribunal)

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.°

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços módicos

FONÓGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.° 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande colécção de cilindros, com lindas óperas, canconetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.° 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

Água da Curía (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores

Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curía não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 reis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias — Publicação semanal

Diretóra: D. LEONOR MALDONADO

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e colloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 1$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada*, a tradução em português daquelle jorral.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand Jozé Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Lús — 103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestaçõis e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condiçõis do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alogar.

SANTA CASA

DA

MISERICORDIA DE LISBOA

150:000$000

Extracção a 22 de Dezembro de 1904

Bilhetes a 60$000 réis

Vijéssimos a 3$000 réis

A comissão administrativa da loteria, incumbe-se de remetêr qualquer encomenda de bilhetes ou vijéssimos, logo que éla seja acompanhada da sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Quem comprar 10 ou mais bilhêtes inteiros tem uma comissão de 3o %.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Remétem se listas a todos os compradôres.

Lisboa, 9 de Novembro de 1904.

O secretario,

Jozé Murinélo.

A's ex.mas damas elegantes de Coimbra

Já regressou a esta cidade, vinda da capital onde foi fazer o seu colosal sortido para a presente estação, abem conheicda **Modista de Lisboa,** que tem a honra de apresentar ás damas Conimbricenses, um deslumbrante sortido em **Chapeus modelos** da mais alta novidade e finisimo gosto para todos os preços.

Traz tambem grande sortido de cascos, casacos, cabeções e outros artigos de novidades em confecções para chapeus, que vende por preços excesivamente baratos.

Pede ás Ex.mas Damas a fineza de não comprarem sem primeiro verem o seu enorme sortido e visitar a sua exposição.

Rua Ferreira Borges, entrada pelo Arco de Almedina, 6-2.°

COIMBRA

CARVÃO DE KÓQUE

Vende-se ao fundo do Bêco do Castilho, cuja cáza tambem tem entrada pelo antigo Quintal do Prior, ao prêço de 150 réis cada 15 kilos.

Póde sêr partido no local da venda onde existem os instrumentos necessários para tal fim.

COIMBRA

Clínica de mulhéres e crianças

Sofia Júlia Dias, médica pela Universidade de Coimbra abriu o seu consultório *médico cirúrjico*, nésta cidade, rua Sá da Bandeira, 59

Para os póbres, consúltas *grátis* da 1 1/2 ás 3 da tarde.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Officina typografica
12—Rua da Moeda—14

N.º 965 | COIMBRA — Domingo, 25 de dezembro de 1904 | 10.º ANO

Retrato fiel de el-rei

Os pequenos casos são muitas vezes mais reveladores da corrupção e da baixeza a que desceu um povo, do que os grandes acontecimentos.

Nas relações enthusiasticas das ultimas festas feitas a el-rei no estrangeiro, nas manifestações de regosijo com que foi recebido no paiz, e nas palavras sinceras da imprensa monarchica eu vejo apenas como desceu bem baixo o nome Portuguez.

A viagem de el-rei, imposta pelo governo inglez, serviu para nos fazer figurar como comparsas da força e do poder em Inglaterra; em França serviu o nome portuguez para uma manifestação realista, vista com bom humor e indulgencia por aquela republica forte.

Em Portugal a viagem de el-rei serviu apenas para manifestações de servilidade, das que passaram a ser de rigor desde que se pagaram bem.

Nas discripções das festas, nas gravuras de saraus, revistas e caçadas eu não consigo ver senão el-rei, e isso dá-me sempre uma impressão dificil de descrever, misto de nojo e de vergonha.

As photographias são retocadas, os desenhos falseados propositadamente — el-rei parece ter emagrecido.

E todavia todos podéram ver o seu estado florescente á sua volta a estes seus reinos e senhorios.

El-rei está na mesma, de obesidade saúde florescente.

Ora não ha baixeza maior do que a que se revela pelos actos insignificantes.

Não se adúla só a inteligencia, o espirito artistico, as qualidades sportivas de el-rei, vae-se até á adulação das suas formas e é de esperar ver um dia o retrato de el-rei nú, ao lado de Apollo, na perfeição da linha grega.

Este cuidado de toda a hora, de todo o instante, em deturpar a verdade, em lizongear el-rei na mais baixa servilidade, que se acentuou nos retratos de el-rei publicados por ocasião do seu regresso, revela bem a que estado de decadencia chegou entre nós a imprensa, e mesmo quão baixo se considera o caracter de el-rei, que passa, justa ou injustamente não sei, por detestar aduladores.

El-rei foi muito tempo gordo, sem ninguem dar por que isso fosse contra as prerogativas monarchicas; os jornaes estrangeiros caricaturaram el-rei em toda a sua obezidade; por o reino correram bilhetes postaes ilustrados com a caricatura e a legenda celebre dum artista estranjeiro; o publico portuguez sorriu, sem descobrir um crime, os jornaes portuguezes continuaram a dar as fórmas redundantes de el-rei.

Mas bastou que um aulico dissesse que el-rei não gostava de ser gordo, para toda a côrte e os jornaes começarem a ver sua magestade mais magro que o elegante sr. marquez de Soveral.

As photographias são barbaramente retocadas, mutiladas, num ardor de canibalismo e as carnes de el-rei desaparecem, sem contudo o retrato readquirir elegancia. As photogaaphias têem o ar constrangido de quem mente.

Nos desenhos, o artista á vontade, cortou por onde lhe aprouve, e assim conseguiu o que nunca conseguira alfaiate nenhum, fazer uma farda larga a el-rei.

A isto chegamos neste final do anno de 1905.

T. C.

BOAS-FESTAS

Recebemos a carta que gostosamente publicamos; e para que chamamos a atenção dos nossos leitores:

Sr. director da *Resistencia*

Desculpar-nos-ha v. a nova massada que vimos dar-lhe.

Mas, pois que v. tem sempre posto as colunas do seu jornal á disposição da *Escola 31 de Janeiro*, chamando para éla a atenção dos bons leitores, ousamos, confiados nos sentimentos liberaes e democraticos de v., solicitar-lhe mais uma finêza.

E' corrente no nosso paiz, por ocasião do Natal, o uso dos cartões de boas festas, e que, longe de significarem alguma coisa de util, representam as mais das vezes, um incomodo não só para os remetentes como para os destinatarios.

Distante e bem distante de nós a pretensão de extinguirmos esse uso, que tem já pelo seu lado a tradição, é nosso dever no emtanto lembrarmos a v. a fórma dessa usança redundar em algo do pratico e de significação moral.

Que á semelhança pois do que já praticam outros jornaes, v. permita no seu jornal uma subscripção tendente a colher alguma receita para os pobres do seu jornal e para a *Escola 31 de Janeiro*, que só com o auxilio popular póde contar, eis o que com empenho ousamos pedir-lhe, pedido que na mesma data e com o mesmo intuito dirigimos a outros jornaes liberaes, certos de todos acolherão de bom grado a nossa ideia."

Ficariam dêsse modo trocados os cumprimentos de boas festas entre os que concorressem para a subscripção aberta com esse fim e avultar-se-hiam assim as obras de benemerencia e de solidariedade que representam o auxilio prestado aos pobres d'*A Resistencia* e á instrucção popular.

Agradecendo desde já a adhesão de v. a esta ideia, subscrevemo nos

De v., etc.

Luiz Deronet
Santos Franco
Marcos Leitão.

Fica aberta pois a inscripção, revertendo o producto a favor da escola 31 de janeiro.

Resistencia..... 2$500

Está vaga a escola primaria do sexo feminino da Sé Nova.

Foi auctorizado o proseguimento de trabalhos no lanço da estrada de serviço de Soure a Simões, comprehendida entre Soure e a Quinta da Cruz.

CURSO SANITARIO

Do ultimo numero do *Movimento Medico* transcrevemos a resposta que o sr. dr. Angelo Fonseca dá ás criticas do sr. Miguel Bombarda que ha muito estão na altura do insulto.

O exagero do ataque vem da atitude tomada pelo sr. dr. Angelo da Fonseca por ocazião da lucta empenhada para que se realisassem em Coimbra os exames do curso sanitario, e em que tomou parte tanto para louvar a camara municipal e a Associação comercial de Coimbra.

Pelo decreto, que aqui transcrevemos já, os exames far-se-hão em Coimbra, sem a intervenção dos deuzes augustos da capital.

Esta rezolução, que tanto importava ao bom nome da faculdade de Medicina e ao interesse da cidade, irritou os coripheus lisboetas que no ataque ao sr. dr. Angelo da Fonseca excederam a medida do mais rudimentar respeito.

No penultimo numero do *Movimento Medico* publicára o sr. dr. Angelo da Fonseca na secção das *variedades* a notula seguinte:

Os seres organisados, diz Darwin estão em lucta permanente com os elementos mesologicos que os cercam. Essa lucta, sobremodo intensiva, desenvolve meios proprios de reacção. São os meios que o ilustre homem de sciencia revista meticulosamente na sua obra. Entretanto, na longa lista apresentada não consta ainda um processo de defesa deveras curioso e digno de registo.

O caso passa-se com o *Brachinus (Weber)* — animal mais vulgarmente conhecido pelo pittoresco nome de *Bombardeiro*. Quando se vê em perigo aquele porco bicho vae fugindo, seringando e empestando. Acoberta-se com um rochedo ou raspa-se por entre os hastilhaços, procurando, quando pode, as montureiras. Depois prepara a carga e, é então que traiçoeiramente golfa-pela extermidade do intestino um liquido caustico e mal cheiroso. O phenomeno é acompanhado dum estampido viojento a que segue o clarão phosphorescente da metralha explodida.

Sempre ha neste mundo cada bicharoco!...

O sr. Miguel Bombarda julgou-se vizado, e, abandonando de vez a questão scientifica que até então fôra um pretexto para insulto, redobrou na ferocidade da sanha num artigo que nada tem de scientifico.

A êsse artigo responde o que hoje transcrevemos do *Movimento Medico* e que termina a questão pela parte do sr. dr. Angelo da Fonseca.

Porque no ultimo numero do *Movimento Medico* demos a noticia dum sujo animal — pitorescamente denominado *bombardeiro* — o director da *Medicina Contemporanea* voltou a insultar-nos. Mirou se, pelo visto, em tal descripção e encontrou-se... Nós descrevemos o bicho sem alusão alguma á questiuncula em debate. Mas ele sahiu defendendo-se e, por signal, com os processos de que falamos. Aasim, em sua mesma opinião, Bombarda é variante de *bombardeiro*, — e o animal assim designado, o tal de que nos ocupamos, é o mesmo com que nos havemos. Muito bem; de acordo uma vez.

No resto a costumada discordia. Diz que a historia de tal alimária já estava feita; que cristalizamos em Darwin; que era erronea por ser redundante (!) uma phrase posposta ás condições que referimos a proposito dos seres organisados; por fim, como resultante de tudo isto, — o capitular-nos de nomes feios e alardear que escrevemos *pateteiras* — coisa que ele derivou de si, sem grande despesa de gramaticas ou dicionarios. Um tolo. Já lhe não basta para o insulto o vocabulario que serve a lingua! Sempre o suplemento da asneira... Mas sigamos o caso do *bombardeiro*. Então ha muitos annos já que o tinham classificado? Vê-se que desde arredados tempos as manhas lhe denunciam a especie. Pois não sabia, com toda a lealdade o declaro. Francamente, descobri-o assim desde que o mostro nesta secção de variedades... Só aqui me habituei a ve-lo bem e a atura-lo — dahi o erro.

Sobre a centralização do ensino da Higiene da ultima reforma de saude é que nada diz. Parece que nem o oraculo lhe aponta coisa de geito, nem ele — um subalterno e um inferior — se abalança a discorrer, sobre o assumpto, duas idéas. E para quê? Fugir e bombardear é o seu papel. Nem êle sae por pouco do programa que a raça lhe predestinou.

Vamos ás graçolas. Então vossemecê, Sr. Miguel Bombarda, que parecia um semsaborão, tinha no cabaz tanta coisa engraçada e estava calado? Aquilate o leitor, se pode, das camandulas de graça deste sujeito pelos apelidos que ele nos dá. E' gramaticoide, é macacoide, é cretinoide, é invertido sem *oide* — um pasmo de graça e engenho, capaz de vencer todas as impertinencias com que sahimos a corrigi-lo e de fazer vingar mil reformas como aquela que agora defende e a que está alugado! Um pandego este homem das pateteiras!... Até parece que aguçou com a edade.

E um pouco mais a serio. Não imagine o leitor, por quem é, que tenhamos solicitado as chalaças de tal sujeito para entretenimento de inverno. Nada disso. Pelo contrario. A caridade que de principio nos moveu pautou-nos uma troça benevolente — troça a disfarçar conselhos, a insinuar comedimento — sobretudo a lembrar-lhe recato. Quando ele, denunciando torpissimos costumes, sahiu a imaginar e a atribuir-nos porcarias—as mesmas que os macacos lhe ensinaram — limitamo-nos a lembrar seraphicamente pudor— certo de que aos seus annos ficava mal a desorientação em que ia. Todos viram que recalcitrou e reincidiu na obscenidade. Um porco... Hoje já ele nos não move a impulsos de conselho on generosidades de maior...

Demais, que tentativa o desorienta? Que quer de nós tal farçante — por taes processos? Intentará infamar-nos!... Ele, um tolo supranumerario em Rilhafoles, ahi recolhido com o pretexto de uma directoria sem concurso — á mercê da titulagem desbragada — em marés de saldo? Ele que é nem mais nem menos que um tolerado em Psichiatria, trêtas e manhas, de muito assalariado ás futilezas de todos os congressos, onde aparece entre risonho e risivel, salgando os dictos com sapateados, salamaleques e maneios breves, uma especie de saltimbanco maltrapilho, enxertado em arlequim de barraca — com requebros que lhe denunciam o bairro, e mostram até que ponto faz descer a ancia de subir!... E talvez só intente calar-nos. Entende, por ventura, que pode prevalecer-se da circumstancia de ter uma gazeta a baldear lhe as tolices. Que importa ao ignorante que essa revista que foi em tempo uma obra boa — caminhe ainda hoje e corra mundo amparada pela indicação de dois nomes venerados, firmada na collaboração inteligente de homens de valor, a cujo talento prestamos a mais subída homenagem? Quer lá saber. Tripudia, não respeita ninguem, porque a ele desceu a propriedade do jornal — e, pelo visto, não ha quem, ao menos para salvar o decoro, tente arrancar-lho — a ele que ahi faz praça da inepcia e da obscenidade, e imagina que uma revista medica é um almanach de graçolas gaiatas com brejeirices a premio!

Uma miseria este meliante... Desvairado, calumnia, insulta em linguagem propria de bordel e foge, espavorido, quando o chamam ao assumpto, que motivou a controversia. Nem admira: naquele miolo a centelha é mercadoria de contrabando.

Hoje, liquidamos a questão no *Movimento Medico*, deixando para o futuro esbravejar o sujeito, na expansão immunda dos seus costumes... A' imprensa scientifica não voltamos debater a questiuncula—entretanto, tome nota, ficamos de atalaia...

Do *Jornal do Comercio* recortamos os periodos seguintes que explicam azedumes lisboetas, e vêem confirmar o que tantas vezes temos aqui escripto.

... decreto que o nobre ministro do reino submeteu á sancção régia, referente á organisação dos cursos de medicina sanitaria do Porto e Coimbra, decreto que, convém já dizer, nos produziu excelente impressão, embora ficassem aquem de nossos desejos. Ante a espectaculosa organização de saude, arteiramente impingida á boa fé d'um estadista illustre, organização que permittiu á creação do celebre Instituto Central de Higiene, quizeramos a decisiva atitude d'um ministro sem contemplações, enviando toda éssa papeleda do Regulamento geral de saude ao conselho superior de saude e higiene para... queimar.

.....

Nesse importante documento, em que se faculta á Universidade de Coimbra e ás escolas de Lisboa e Porto o ensino sanitario technico na altura do quinto anno do curso medico e em que, d'este modo, se descentraliza a medida sanitaria monopolizada pelo Instituto de Lisboa, dá se *d'emblée* a primeira enxadada no regulamento geral de saude.

A derrocada, agora, virá aos poucos, naturalmente...

O que era o Instituto Central de Higiene?

Coisa necessaria á educação dos funccionarios publicos de higiene?

Sim, de certo.

No papel, era uma maravilha. Mas na pratica era uma vergonhosa farça, em que homens diplomados com um curso superior soffriam a irrisoria cerimonia da tiragem de ponto e as austeridades cathedraticas que se impõem a collegiaes, cavillosamente illudidos por um programma de lições praticas e ensino technico.

As lições praticas e o ensino technico, isto é, a bacteriologia, a desinfecção, a chimica sanitaria, etc., ministravam-se em meia duzia de sessões, e os proprios professores confessavam a inutilidade d'um ensino tão deficiente, como tumultuario.

D'este modo o Instituto Central, que a troça indigena logo chrismou de Universidade de Santa Apolonia, com as suas doze cadeiras e os seus doze professores, as suas teorias e as suas nephelibatices, perdeu imediatamente a razão d'existencia.

Isto não são afirmações no ar: qualquer alumno do Instituto o confessa. Disse-o alto e bom som em sessão da Associação dos Medicos Portuguezes um dos clinicos que alli foi obter o diploma de medico sanitario, accrescentando que os cursos, taes quaes estavam constituidos, não deviam nunca ser motivo de preferencia para os logares sanitarios, por isso que não se aprendia ali mais do que se aprende nas escolas medicas.

Dar ao Porto e a Coimbra organizações identicas ás de Lisboa, só para satisfazer caprichos, seria quasi criminoso... A lição das coisas impunha-se, e éssa mostrava que o ensino ministrado em Coimbra e no Porto satisfazia completa e perfeitamente ás exigencias, visto que todos os alunos que no ultimo anno lectivo d'ali viéram dar as suas provas finaes no Instituto Central ficaram aprovados, ao passo

que alguns dos que frequentaram o Instituto sairam reprovados.

E', mais uma vez o dizemos, obra de fancaria astuciosamente impingindo á sua boa fé como... ouro de lei.

O que dirá a isto o bombardeiro? Perdão! O sr. Bombarda!...

Onde nasceu José Eduardo Coelho?

Não nos foi possivel encontrar ainda a escriptura da compra da casa do Arco de Almedina por João Gaspar Coelho pae de Eduardo Coelho.

Nos livros de lançamentos de decimas de predios e maneios de 1838 a 1839 encontramos o nome de João Gaspar Coelho como morador na rua dos Sapateiros.

O seu nome tem, ao lado, a outra tinta, uma cruz, que se não encontra em nenhum dos outros, o que indica talvez um signal para se reformar a indicação no anno seguinte por ter mudado de casa para o Arco de Almedina.

Apezar de uma investigação demorada, em que com muita amabilidade e boa-vontade me ajudou o sr. Miguel Augusto Gomes de Azevedo, e que aproveitamos a ocazião para lhe agradecer, não foi possivel encontrar o lançamento de 1839 a 1840 e de 1840 a 1841.

A referencia mais antiga que encontrei nestes livros a João Gaspar Coelho é a do livro do *Lançamento da Decima de Prédios e Maneios de 1836* caderno em cuja folha de guarda se lê:

Acta daSessão de installação da Junta para olançamento da Decima e Impostos annexos da Freg.ª de S. Thiago Concelho deCoimbra Destricto Ademenistrativo damesma para oprimeiro Semestre.

No anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo demil Oitocentos etrinta eseis aos trinta digo no primeiro dia domes de Maio nesta Paroquial Igr.ª de S. Thiago Concelho deCoimbra Destricto Ademenistrativo damesma estando prezentes os abaixo aSignados, Presidente, emais membros da Junta criada em virtude daCarta de Lei de vinte equatro de Abril demil oitocentos etrinta esinco, equatro de Março demil Oito centos etrinta eseis para olançamento da Decima, e Imposto annexos damesma Fregz.ª, se ouve a Junta por constituida, e instalada, eprocedendo-se anomiação deSecretario, que oha de servir de Escrivão sahiu eleito por maioria deVotos Francisco José da-Costa Braga, e detodo o sobred.º selavrou aprezente acta, aSignada pelo referido Presidente, emais membros da Junta.

Jozé Ant.º Roiz Trovão, Presid.te
Joaõ Antonio Carvalho, Fiscal
Bernardo de Castro Torres
Jozé Antonio dos Santos
Antonio Jozé Lopes
Manoel Anede
Joaq.m An.to Dinis
Francisco JozédaCosta Braga, Secretario.

No verso lê-se:

Auto deVezita depredios, elancamento da Decima e Impostos annexos do Anno demil Oito centos etrinta eseis primeiro semestre daFregz.ª deS. Thiago — Conselho deCoimbra Destricto, Ademenistrativo damesma.

No Anno doNascimento deNosso Senhor Jesus Christo demil Oito centos, etrinta eseis no primeiro dia domes de Maio nesta Paroquial Igreja deS. Thiago Concelho deCoimbra Destricto Ademenistrativo damesma reunidos O Prezidente, emais membros abaixo aSignados que forma a Junta creada em virtude daCarta deLei de vinte equatro de Abril demil Oito centos etrinta esinco para olançamento daDecima, e Impostos annexos doprimeiro Semestre do prezente anno desta Freguezia emConformidade daLei deQuatro deMarço. por elles foi deliberado que Secomessasse hoje avezita dospredios, emais trabalhos preparatorios, paraq depois de terminados seprocedesse ao lancamento dos mencionados tributos, e tendose tudo praticado naforma da carta de Lei de4 de Março, e Instruçoens de vinte etres domesmo, com assistencia do Procurador da Fazenda, rezultou o seguinte.

Vê-se assim o motivo porque não se encontram os lançamentos anteriores,

Foi nêste anno que a lei começou a ser posta em execução.

A rezidencia do pae de Eduardo Coelho vem lançada nêste livro, na rua dos Sapateiros, com as indicações seguintes:

N.º dos Prédios	N.º do Lançamento	Lançamento da Decima de Predios e Maneios	Renda Annual dos Prédios	Decima dos Predios	Decima de Maneios
215	233	Cazas de Jozé Antonio Dias Ribeiro arrend.ro a JoaoGaspar Coelho	52800	2375	
	234	OSobred.º João Gaspar Coelho com Loge de Quinquilherias	.	.	120

Em Maio de 1836 vivia, pois, João Gaspar Coelho na rua dos Sapateiros.

A sr.ª D. Amabilia Eduardo Coelho continua a falar verdade, como uma escriptura.

T. C.

NOVAS RIMAS — *Livro do João Penha com prefacio e notas do auctor* — França Amado, editor. Coimbra.

O novo livro de João Penha tem tido um verdadeiro sucésso de livraria, dos bem raros no nosso pequeno mundo literario, como aliaz acontéce sempre com o ilustre poeta que tem sabido conservar pela vida fóra o mesmo espirito, a mesma graça despreocupada, natural e alégre que tão estimado e querido o fez dos homens da sua geração academica.

João Penha não tem perdido com a vida de jurisconsulto, que o afirma um dos primeiros causidicos do nosso pais, nem a graça, nem o bom humôr do descuidado companheiro, em Coimbra, de Guerra Junqueiro e de Anthero do Quental.

As praxes juridicas não lhe deformaram o aspéto, nem lhe desafinaram a lira que tem sempre longe do seu escritório e que nunca figurou nos autos.

Por isso tem a estima de todos os que lidam com êle, e que da sua convivencia tiram muitas vezes a unica alegria da vida; por isso é muito admirado pelos poetas que o respeitam como um mestre na arte de trovar.

O seu novo livro é como os outros, da mesma alegria despreocupada, do mesmo dôce e irónico lirismo, da mesma arte parnasiana e impecável.

A edição é uma das mais bélas da França Amado, do cuidado de simplicidade e elegancia modernas, em que se nota a mão inteligente do sr. Silva, o director das oficinas desta casa editora, tam justamente apreciáda pelos que no nosso paiz se interessam pelas artes do livro.

O sucésso dêste novo livro de João Penha é perfeitamente justificado pelo nome do poeta e pelo cuidado com que foi dirigida a publicação da obra.

A capa impressa num papel de capricho alemão, envolve o livro na iluzão da transparencia de uma nuvem. Vem decorada com um ramo de loiro, e marcada com o sêlo de Apolo.

Nenhum poéta o mereceu melhor.

Jardim

Têem-se activado ultimamente os trabalhos do jardim que ocupa o centro do largo do Principe D. Carlos.

Começa a ver-se bem agora a justeza da nossa opinião, quando aqui sugerimos a ideia de fazer um unico massiço de relva alteando suavemente até ao centro, onde se colocaria uma grande palmeira, ou um massiço baixo de verdura.

Dissémos então que o bebedouro devia ser removido para outro logar; porque, ficando onde está, não servia senão de pretexto para passagem, e inutilização do jardim.

Além disso o largo precisa de mais luz e está naturálmente indicado pôr trez ou mais candieiros no passeio que rodeia o jardim central.

As trez palmeiras não fazem senão acentuar a irregularidade do jardim: não ha ponto donde se possam vêr fazendo um efeito equilibrado.

Os trez carreirinhos, que dividem o jardim, dão-lhe o aspécto penteado duma cabeça de velha com o seu rego ao meio e os dois coroando a nuca, e tornam mesquinho, o que poderia dar a todo o largo uma nota de aceio, cuidado e elegancia.

O sr. commissario de policia

E' geral a indignação contra o procedimento havido pelo sr. commissario para com o sr. Francisco Maria da Fonseca, honrado e estimado negociante de Santa Clara.

Nós não estamos admirados, nem comprehendemos tal indignação.

O sr. commissario de policia fez agora o que lhe têem deixado fazer mais vezes. A arbitrariedade não é unica. A imprensa tem-se ocupado muitas vezes de atropelos á lei praticados pelo sr. commissario de policia.

E' verdade que o sr. commissario procedeu ilegalmente contra o sr. Francisco Maria da Fonseca, prendendo-o por simples denuncia dum policia, sem atenção pelo seu caracter, pela sua edade e pela fama de homem sério e honrado de que gosa em Coimbra; mas tambem é verdade que o mesmo tem feito já o sr. commissario a outros habitantes de Coimbra, e que esses factos têem sido egualmente censurados pela imprensa, sendo acompanhados sempre da mesma indignação geral.

Porque extranhar então?

O que eu estranho é que a auctoridade...

Não! Eu tambem não posso extranhar nada; porque a auctoridade continua na mesma, a não fazer nada.

Estava no governo civil o sr. dr José Cid, quando o sr. commissario de policia foi acusado de violar a lei e de cometer abusos graves de auctoridade.

Todos gritaram, pediu-se uma sindicancia.

O sr. dr. José Cid ficou na mesma, e o sr. commissario na mesma ficou.

Estava o sr. dr. Anibal Maia fazendo as vezes de governador civil, queixou se o sr. Manoel José da Costa Soares de quo o sr. commissario lhe invadira um camarote que havia comprado com o seu dinheiro, e que o tratára sem a consideração devida; o sr. dr. Anibal Maia ficou na mesma, e o sr. commissario... andou melhor uns dias.

Agora queixa-se o sr. Francisco Maria da Fonseca de ser tratado como um garoto, de ser retido na esquadra como um vadio e um malfeitor; o sr. governador civil fica na mesma, e o publico indigna-se e admira-se.

Não! positivamente não temos razão para nos admirar, nem indignar.

Tudo se explica.

O que se não explica é que o sr. commissario, que está aqui forçado, contra os seus interesses e contra sua vontade, continue a ficar em Coimbra, contra os interesses e contra a vontade dos habitantes que vexa a todo o momento e a todo o proposito.

O que se não póde deixar de admirar é que, tendo pedido o sr. commissario de policia a sua demissão, como annunciaram os jornaes, mal que cahiu o ministerio regenerador, o ministerio progressista lhe não faça a vontade, e obrigue s. ex.ª a esta violencia de viver nesta terra triste da provincia, sem divertimentos em que possa empregar-se mais frequentemente a sua figura elegante e decorativa.

O sr. commissario é que não...

Tambem não! O sr. commissario é coherente: o sr commissario disse que não queria ficar em Coimbra, que viera violentado por o sr. Hintze Ribeiro, mas que iria ao primeiro pretexto.

O sr. Hintze cahiu, o sr. commissario pediu a sua demissão.

Não lh'a deram! O sr. commissario começou a atropelar a lei: hontem deteve 24 horas o sr. Francisco Maria da Fonseca, porque resolvera tel-o 24 horas num calabouço; ámanhã terá 48 horas o que resolver prender no calabouço 48 horas.

E assim por deante até lhe darem a demissão.

Dêem lh'a por amor de Deus!

E' o que elle quer...

Mercearia lusitana

Esta mercearia, de que são proprietarios os srs. Gaito & Canas, tão acreditada pela amabilidade dos seus proprietarios, como pela excelencia dos productos que vende, distribuiu, com os cumprimentos de boas festas aos seus freguezes, uma manteigueira de louça, brinde elegante, primorosamente decorado com uma pintura de flores.

Dar uma manteigueira não é bem dar manteiga, mas é meio caminho andado,

A vitrine da *Mercearia lusitana* é, em todas as festas, o ponto de reunião dos gulosos, a quem prende e encanta a qualidade das iguarias e doces da farta meza portuguesa.

A escolha de bonbons e de cartonagens delicadas para presentes é sempre do melhor gosto, por isso é sempre esta casa preferida nesta epoca de Natal, dias de festa e doces para creanças.

XV Congresso Internacional de Medicina (Lisboa, 19-26 abril de 1906).

Acabamos de receber o n.º 4 do *Boletim oficial do XV Congresso Internacional de Medicina*. O conteúdo dêste numero mostra-nos que o sucesso scientifico do Congresso está assegurado, pelo nome dos medicos que por êle se interessam e pelo numero de relatorios que já estão prometidos e que hão de ser impressos antes da abertura do Congresso. Com efeito são em numero de 188 os relatorios que nesta data estam em laboração. Ao mesmo tempo muitas comunicações pessoaes já estam anunciadas. São estas as principaes informações que traz o *Boletim* acabado de publicar, e a elas devem-se juntar a lista complementar dos comités nacionaes constituidos, a lista dos delegados já anunciados e a das adezões recebidas. Uma ultima informação vae interessar muitos medicos e é que a secção XII foi dividida em duas sub-secções—Laringo-Rhino-Otologia e Stomatologia.

Eduardo Coelho

Os moradores da rua dos Sapateiros embandeirarão e iluminarão a rua no dia 29, em que é inaugurada a lapide na casa em que nasceu este distincto publicista, e fundador do *Diario de Noticias*.

Publicar-se ha tambem no dia 29 o numero unico de um jornal exclusivamente colaborado por jornalistas, typographos e operarios.

No mesmo dia a camara municipal mandará colocar um letreiro de marmore com o nome da rua que, por determinação camararia, passará a ter o nome do ilustre publicista.

Parece que a comissão dos moradores da rua dos Sapateiros está no proposito de convidar a camara para fazer solemnemente a inauguração da lapide.

Foi colocado em Coimbra, o regente agricola sr. Francisco Alfeno para servir junto do agronomo.

Vae ser nomeado agente do Banco de Portugal em Coimbra, na vaga deixada pelo sr. Ricardo Loureiro, que retira para Lisboa, o sr. dr. Guilhermino de Barros.

Tem-se dito que para a vaga deixada na Escola Normal irá a sr.ª D. Domitila de Carvalho.

Convem aclarar: não ha incompatibilidade legal entre o logar de agente do Banco e o de Director da Escola Normal, comquanto seja na verdade tarefa dificil satisfazer aos dois encargos.

Foi nomeada professora ajudanta da escola primaria da Sé Velha, a sr.ª D. Maria da Costa e Sousa.

Ao sr. dr. Carlos da Silva Oliveira, professor da Escola Normal do sexo masculino, foram concedidos 30 dias de licença.

Carta do Rio de Janeiro

6—XII—904.

1.º de Dezembro de 1640!

Dáta memoravel que jámais esquece no espirito portuguez! Os filhos do velho Porto Cal já mais deixarão de festejar ésta data, ainda mesmo afastados do torrão que os viu nascer; assim o atéstam as festas que quazi em todos os estados do Brazil tem avido em comemoração de fão feliz quanto glorioza data.

Nésta capital, entre outras associações, na sala nobre do Retiro Portuguez realisou-se uma sessão solémne comemorativa da dáta portugueza — 1.º de Dezembro de 1640. O edificio do Retiro foi decorado bélamente para êsse fim, vendo-se asteádas as bandeiras das Quinas e da Republica,

No teátro Lucinda, o Centro da Colónia Portugueza, uma das mais importantes associações portuguezas no Rio de Janeiro, tambem realizou um espetaculo de gála em comemoração da mesma data.

No elegante teátro Recreio Dramatico reprezentou-se *Os dois propostos*, ou a *Restauração de Portugal*. A casa, que comporta um numero elevado de pessoas, não tinha um logar vago, apezar de ter avido uma «matinée» no mesmo dia (4).

Quando será o dia em que outra dáta não menos feliz e gloriosa nasça em Portugal?...

Sim, Portugal precisa de nova independencia: em 1640 éram os castelhanos; na época actual são os proprios portuguezes que arruinam e escravizam a nossa querida patria.

— José Antonio Chistelo, de 38 annos de edade, portuguez, foi recolhido ao hospital da Santa Casa por se achar doente na ilha das Cobras, onde estava detido juntamente com os que tomaram parte nos ultimos motins nesta cidade.

— No dia 2 do corrente mez, faleceu no mesmo hospital Manoel Ferreira, de 30 annos, que ali se achava em tratamento desde o dia 30 do proximo passado.

— No mesmo dia tambem faleceu João Amorim, de 40 annos, que no hospital déra entrada sem fála, atacado de epilepsia; ambos éram portuguezes.

— João Ferreira Martins, portuguez, de 24 annos tentou pôr termo á existencia, tendo desparado contra si 3 tiros de revolver, atingindo o o terceiro no pescôço pelo que recolheu ao hospital no dia 3; foram lhe encontrados no bolso, entre outras, uma carta para o sr. Joaquim José Dias com residencia na freguezia Pannos—Passos—Portugal.

As cauzas que o levarão a tão tresloucado fim, foi o achar-se desempregado.

— Dizem que por engano, devido á grande aglomeração de prezos na ilha das Cobras, embarcaram com destino ao Acre, entre os prezos, quatro nossos patricios de nomes: Fernando Gonçalves, Antonio d'Oliveira Fonseca, Antonio d'Oliveira Soares e Domingos Fernandes Lopes.

Segundo diz o *Portugal Moderno*, o sr. consul geral logo que teve conhecimento do facto providenciou reclamando o regresso dos quatro portuguezes de fórma a evitar quaesquer reclamações diplomaticas dispensaveis ante a benevola e correctissima atitude dos altos poderes da nação e de suas auctoridades que têem atendido ás reclamações do representante do nosso paiz.

— A subscripção em favor das familias dos soldados mortos em Africa está em 3:296$350 réis (fracos) e continua aberta.

— No dia 24 do proximo passado foi ferido pela policia o nosso compatriota sr. Antonio Pinto Guimarães. Este facto parece foi praticado por malvadez porque o nosso patricio nenhum motivo deu para a agressão que o fez recolher ao leito. O *Portugal Moderno* denunciando o facto pede providencias.

— Pela directoria do Centro da Colonia Portugueza foi oferecido o diploma de socio benemerito do mesmo Centro, pelos elevados serviços prestados a seu pedido a muitos portuguezes que tinham sido prezos indevidamente pelos ultimos acontecimentos, ao sr. dr. Cardoso de Castro chefe da policia o qual agradeceu, prometendo fazer tudo o que seja de justiça em favor dos que sem razão déram entrada nas prisões policiaes.

— A Empreza Tauromachica Brazileira sob a direcção do cavalleiro Adelino Rapozo, realiza quinta feira a sua segunda tourada.

Serão lidados 6 touros, dizem d'um lavrador de Santarem; e estreiar-se-á tambem o cavalleiro Albano Costodio, cavalgando o *Azeitona*, o mesmo animal que foi cauza da morte de Fernando d'Oliveira e do cabo de forcado Manoel Furçura.

A primeira tourada teve logar no dia 4, tendo corrido animada e muito movimentada de trambulhões. Darei promenores.

— Na thezouria d'esta capital deu-se mais um roubo de 330 contos de réis fracos; o gatuno, empregado antigo, ainda não foi prezo, apezar das diligencias efétuadas; era o fiel d'uma das repartições da mesma thezouria.

Trindade.

Recenseamento eleitoral

Aviso

A Comissão Parochial Republ cana da freguezia de S. Bartholomeu convida os republicanos desta freguezia a inscrever-se no cadastro da mesma Comissão, patente na Praça do Comercio, n.º 43, a fim de se recensearem os que o não estejam e tenham direito a essa regalia.

A mesma Comissão lembra a todos os cidadãos republicanos, que não estejam recenseados, a urgencia de se munirem da certidão de edade, base essencial para a revisão do recenseamento proximo. Para que lhes seja passada essa certidão, devem fazer o seguite requerimento:

Ill.mo rev.mo sr. Parocho da freguezia de...

Fulano, estado, profissão, de... annos de edade, filho de..., e de..., natural de..., freguezia de.. , morador na rua de..., n.º..., requer a V. Rev.ma lhe passe a sua certidão de idade, para fins eleitoraes, isenta de imposto de sello e quaesquer emolumentos ou salarios, como determinam os artigos 36.º e 37.º do decreto de 8 de agosto de 1901.

Coimbra, etc.

E. R. M.

F...

Este requerimento deve ser entregue aos parochos das respectivas freguezias, que teem obrigação de passar as certidões no praso de 3 dias, gratis, e em papel não selado, e em seguida ser reconhecida gratuitamente por tabelião.

A comissão lembra tambem que o praso para a inscripção no recenseamento, principia em 26 de dezembro e finda em 5 de janeiro proximo.

Requerimento de inscripção por saber ler e escrever

Ill.mo Ex.mo Sr. Secretario das Comissões do recenseamento.

F..., filho de F... e de F..., natural de..., de .. annos de edade, estado, profissão. morador na rua de..., n.º..., andar freguezia de..., desejando a sua inscripção no recenseamento por saber ler e escrever como prova com esta petição feita e assignada pelo seu proprio punho, na conformidade do n.º 2 do artigo 1.º n.º 7.º do art. 21.º do decreto de 8 de agosto de 1901.

Pede a v. ex.ª se digne mandal-o inscrever na relação dos eleitores da sua freguezia,

E. R. M.

Data...
Assignatura...

Este requerimento tem de ser feito e assignado pelo proprio, perante o tabelião que assim o deve declarar ou perante o parocho da freguezia que ateste e jure em como foi feito na sua presença, sendo a identidade atestada e jurada em seguida pelo regedor.

Requerimento de inscripção por pagar decima

Ill.mo e Ex.mo Sr. Secretario da Comissão de recenseamento

F..., filho de F... e de F..., natural de..., de... annos de edade, estado, profissão, morador na rua de... n.º.., andar, freguezia de..., desejando a sua inscripçao no recenseamento eleitoral, visto ser coletado por contribuições diretas do estado em quantia superior a 600 reis, segundo o n.º 1.º do art.º 1.º e n.º 2.º do art.º 21.º de decreto de 8 de agasto de 1901

Pede a v. ex.ª se digne mandal-o inscrever na ralação dos eleitores da sua freguezia.

E. R. M.

Data...
Assignatura...

Requerimento para atestados de comtribuição

Ill.mo e Ex.mo Sr. Escrivão de fazenda do Concelho de...

F..., estado, profissão, de... annos de edade, natural de..., morador na rua de... n.º .. andar, freguezia de... precisa para fins eleitoraes, que v. ex.ª lhe passe por certidão, o que a seu respeito conste de matriz... (predial, renda de casas, industrial, etc.) na conformidade dos art.os 36.º e 37.º do decreto de 8 de agosto ne 1901.

E. R. M.

Data...
Assignatura...

Requerimento de residencia

Ill.mo e Ex.mo Sr. regedor da freguezia de..., F..., estado, profissão, edade, natural de..., morador na rua de..., n.º... andar, freguezia de... desejando inscrever-se no recenseamento eleitoral e segundo o disposto nos artigos 30.º e 37.º do decreto de 7 de agosto de 1901.

Pede a v. ex.ª se digne passar-lhe atestado de como móra nesta freguezia.

E. R. M.

Data...
Assignatura...

O sr. dr. Antonio de Padua, governador civil de Coimbra parte hoje para Lisboa.

Para a escola normal de Coimbra foi nomeado servente o sr. Adelino Simões Soares.

DECLARAÇÃO

Manuel José da Costa Soares Junior vem tornar publico que deixou de estar ao seu serviço, d'hoje em diante, o albergado Raul Simões.

Coimbra, 24 de dezembro de 1904.

AGRADECIMENTO

Ismenia da Silva Ferreira e seus filhos cumprem o indeclinavel dever de testemunhar a sua profunda gratidão a todas as pessoas que se dignaram acompanhar até á ultima morada os restos mortaes do seu chorado marido e pae, José Augusto da Silva Ferreira, e a todas aquellas que assistiram á missa que por sua alma se resou na Sé Cathedral no dia 19 do corrente.

Não podem deixar de especialisar neste seu perduravel agradecimento o il.mo e ex.mo sr. dr. Francisco de Freitas Costa, seu medico assistente, que não podendo combater tão terrivel enfermidade com todos os recursos que a sua vasta inteligencia aconselhava, foi ao mesmo tempo incansavel em prodigalisar lhe os maiores cuidados e desvelos.

JOSE' SAMPAIO (Bruno)

O ENCOBERTO

1 volume, 200 reis

LIVRARIA MOREIRA—EDITORA

20, Praça dos Restauradores

PORTO

PREÇOS CÓMODOS

MARCELINO MESQUITA

LEONOR TELLES

(ROMANCE ISTÓRICO)

Grande edição de luxo profuzamente ilustráda com gravuras de pájina a 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impréssa em magnifico papél.

Cadernêta semanal de 24 páginas e 1 crómo ou 32 pájinas de têxto—60 réis. — Tômo mensal, 320 réis.

Brinde a tôdos os srs. assignantes — Um exemplár grátis a quem enviár a importancia de 10 cadernêtas, tômos ou volúmes.

Em publicação na

A EDITORA, *largo Conde Barão, 60*

Lisboa

ANUNCIOS

COMARCA DE COIMBRA

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito desta comarca e cartorio do escrivão do 5.º oficio correm editos citando quaesquer interessados incertos que se julguem com direito á herança de João Dias morador que foi na República do Uruguai para na 2.ª audiencia deste Juizo posterior ao praso de 30 dias a contar da ultima publicação dêste anuncio, verem acuzar a citação e assignar-se-lhe o praso de 3 audiencias para deduzirem qualquer opposição contra a justificação avulsa requerida nêste juizo por Manuel Dias, casado com Maria de Nazareth, e Maria do Rosario casada com Martinho Marques Moreira, irmãos do fallecido, proprietarios, residentes no logar de Souzélas, afim de serem julgados habilitados unicos e universaes herdeiros de seu irmão, referido João Dias, pois tanto os justificantes como o falecido seu irmão são os unicos filhos de seus falecidos paes Francisco Dias e mulher Eufrasia de Jesus tambem conhecida por Eufrazia Maria.

As audiencias nêste juizo fazem-se todas as segundas e quintas feiras de cada semana não sendo dias de feriados ou santificados no Tribunal Judicial situado na Praça 8 de Maio, observando-se o preceituado no artigo 151 e seus § § do codigo do processo civil.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,
R. Calisto.

CAZA

Vende-se uma casa no bairro Oriental de Mont'arroio com os n.os 25 e 27, quem pretender comprar dirija-se ao seu proprietario Alipio Leite, de Gavinhos de Penacova; ou com João Marques Mósca, em Coimbra.

MOBILIA

Vende se um aparadôr, dois guardas louças, duas secretárias uma estante para livros, uma cómoda, uma montra de cristal, e outras peças miudas.

Para tratar, na Confeitaria Telles rua Ferreira Borges, 156.

ANNUNCIO PARA ARREMATAÇÃO

Comarca de Coimbra

2.ª publicação

Pelo juizo de direito desta comarca, no dia 8 de janeiro proximo, pelas onze horas da manhã, á porta do tribunal judicial, ha de ser vendido em hasta publica e entregue a maior lanço oferecer, sobre o preço da sua avaliação o seguinte

Predio

Um predio rustico e urbano, denominado *Quinta da Cêrca*, no sitio da Barroca, freguezia de Sernache dos Alhos, o qual se compõe de casas de habitação, palheiros, pateo, terra de rega, pomar de larangeiras, oliveiras e mais arvores que foi avaliado e vae á praça em 1:050$000 réis.

Este predio foi penhorado e vae á praça por força da execução hypothecaria que Francisco de Oliveira Cardoso, casado, negociante, de Sernache dos Alhos, move aos executados João Correia e mulher Ignez de Castro Diniz, proprietarios da Quinta da Cêrca, limite da Barroca, freguezia de Sarnache. E são citados para a arrematação quaesquer credores incertos.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,
R. Calisto.

O escrivão do 4.º oficio,
Arthur de Freitas Campos.

Phonographos e Gramophones

Manuel José Téles, Rua Ferreira Borges n.os 150 a 156, tem em deposito os magnificos Phonographo Edison, e Gramophones de diferentes preços e tamanhos. Variada colecção de cilindros e discos com lindas operas, cançonetas monologos etc, nacionaes e extrangeiros que vende pelos preços de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

Predio em Coimbra

Vende-se um situado na rua do Corpo de Deus n.º 38, que consiste em magnifica casa de abitação com pára-raios, gás e agua de cistérna e da companhia, jardim e quintal com arvores de fructo.

Para tratar, em Coimbra, Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, n.º 156, e no Pôrto, na rua do Brugnor, n.º 148.

---

(51) Folhetim da "REZISTENCIA,,

O EXCOMUNGÁDO

XVIII

O págem

Antes de ir mais longe, julgamos necessario ou antes conveniente deitar uma vista de olhos para trás, e fazer alto para dar aos retardatários tempo de nos apanhar.

Alem disso as ultimas aventuras do heróe desta istória podião ter indisposto o leitôr ou leitôra contra êle; é tempo de recordar as injurias de que tenta consolar-se e vingar-se ao mesmo tempo, e que só podem explicar e talvêz desculpar sua conduta um pouco leviana. Voltemos pois á castellã de Roche Corbon; e primeiro, sem falár de entrevistas secrétas que o seu ilustre amante possa ter obtido déla, e que serão relatadas em seu tempo e lugar, perguntaremos se é crivel que a podéssem levar para Paris sem seu consentimento; que não tenha, num caminho de cem léguas, achado ocazião de fugir aos seus raptôres, e que, no tempo em que uma senhôra de Vic e uma senhôra de Sambrejeu encôntrão um cavaleiro bastante cortêz para as livrar contra sua vontade, como se viu mais acima, uma mulher onrádа não encontre dés campiões prontos a deixar partir as costélas para lhe dar a liberdade.

Não, e é-se obrigado a admitir que, antes de a deixar, o raptadôr tinha tido tempo de obter o seu perdão, e que se não juntou ao seu cortéjo sem ter feito da vitima uma cumplice.

Se tal se désse, ser-se-ia além disso levado a supôr que o resentimento de Catarina não tivésse sido bem profundo, porque tinha cedido a algumas palávras trocadas á pressa.

O conde Adhemar, obrigado a escoltar o duque de Orléans, não tinha podido desviar se dos devéres do seu cargo, senão durante algumas óras, e déra o golpe sem o saber o principe e mesmo a maior parte da sua jente.

Era pelo menos o que havia afirmado a Catarina, pedindo-lhe que cedesse á violencia que se via obrigado a praticar, e jurando-lhe que circunstancias da mais alta importancia o obrigávam a abandonar ao cuidado de subalternos aquéla que quereria não deixar um dia só. Não devia tornar a vê la senão em Paris.

Entre as circumstancias, a que o conde fizéra alusão, havia uma que bastaria para explicar a sua ausencia num momento em que tinha favôres a pedir e perdão a alcançar.

Á rainha fizéra prevenir o duque de Orléans de que iria ao seu encontro, se a saúde lho permitisse.

Compreende-se que o principe, ciôso de fazer á sua amante real um acolhimento digno da sua jerarquia, devia querer a prezença de Adhemar, cujo tom, o espirito e toda a pessoa agradávam muito a Izabel.

Por outro lado, o conde não podia levar Catarina consigo e faze-la testemunha da vida dezordenada do principe; teria sido reconhecida e portanto comprometida no meio de todos aquêles soldados; depois teria necessáriamente atraído os olhares do principe e o conde era ciumento.

Para encurtar, as coizas éram o que devíam ser: não tem o amante amado razão em tudo o que fáz? Catarina, que não tinha mostrado ao conde senão indignação, começou por achar que se portáva muito cavalheirescamente com éla; depois descobrira mil razões que o desculpávão, sem confessar a si mesma a unica que poderia absolvê-lo.

Faltava porém muito para que aquêle novo amôr apagasse de todo as lembranças duma afeição mais antiga.

As ultimas desgráças do barão aviáono tornado interessante. Catarina pensava nêle tantas vezes, como no amante em quem Ombert não encontrára, na sua quéda, a delicadêza e a generosidade que um rival poderia esperar dêle em circunstancia egual.

Ombert podia ser um marido enganado, mas não um marido ridiculo; não se via nêle nem prezunção, nem cegueira nem frivolidade que fazem perder o interésse e fazem rir. Além disso a violencia bem conhecida do seu carácter deixáva sempre pairar sobre o futuro das suas desgráças conjugais a probabilidade de um fim trájico.

Por isso não deixáva de ser para Catarina mais um objéto de apreensão e de respeito do que de piedade.

Este ultimo sentimento era poucas vezes provocado por Ombert; havia nêste rude e sólido barão uma enerjia viváz que o fazia temêr ainda quando parecia ser êle que tudo tinha a temêr, e os monjes de Marmoutiérs no mais forte do seu triumpho não tinham o seu inimigo por dominado.

Sabiam que havia partido para Paris, onde podia encontrar recursos inesperados. Lembrávam se do ar altivo e feróz com que recebera o anathema da igreja e a citação do rei, êstes pensamentos envenenávão a alegria e a páz monacais.

O velho D. Elias, êsse mesmo, respirando o ar fresco da manhã no terraço, franzia lévemente as sobrancelhas cada vês que via, através das brumas do Loire, a torre inimiga erguendo-se ameaçadôra sobre o seu velho rochêdo.

Proibira que se refizésse a ponte levadiça e que nenhum dos monges se introduzisse no castélo, que o amôr de alguns vassálos, e o mêdo do maior numero protegião contra toda a tentativa de expoliação.

Entretanto continuáva a viájem de Catarina e acabáva sem aventuras.

O chefe da escolta, homem de meia edade e de maneiras que denunciáram o soldadão mais que o gentil homem, não tinha trocado com éla senão as poucas palavras exigidas por um serviço atento e respeitôso, e os homens d'armas que protegiam a sua marcha, nunca se haviam aproximado déla.

Chegando de noite a Paris, e introduzida com mistério numa casa de fraca aparencia; mas cujo interior tinha todos os requintes do luxo, Catarina encontrára com felicidade o serviço das mulhéres que lhe havia faltado durante muitos dias.

Mas estas novas camaristas (coisa extranha!) éram tam discrtéas ou antes menos instruidasa como silenciosa personagem que a tinha conduzido.

Depois de dois dias, que lhe haviam parecido bem compridos, esperáva alguma mudança a esta vida monótoma, quando levaram á sua presença um págem de bom aspecto, num momento em que, acabrunhada pelo seu isolamento, chorava sôbre aquéla biblia, unica coisa que lhe restáva de tantos bens perdidos, de todo um passado tão longe déla.

O pagem pôz um joelho em terra e tirando uma carta da jaqueta disse:

— Formósa senhora, aqui está quem vae seccar as vossas lagrimas, se, como desconfio, só a ausencia as faz correr.

Catarina, muito preocupada para notar a inconveniencia de taes palavras, pegou avidamente na carta e apressou-se a quebrar o sêlo, mas apenas deitou os olhos ao velino; exclamou:

— Ah! Vosso amo bélo pagem, fez muito alto conceito de mim se me imaginou bastante letrada para dicifrar estas preciosas garatujas; percisaria de uma hora para as decifrar, e a minha impaciencia não poderia esperar tal demora...

—Com quanto tenha pouco de letrado, minha senhora, podé-la-ei ajudar nêsse ponto, porque meu amo ditou essa carta deante de mim, e, graças a Deus, está ainda fresca na memoria.

— O quê? Deante de vós?!...

(Continúa.)

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600
Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

GAZ ACETILENE

Officina a vapor para a fabricação de gazómetros de novo sistêma de toda a segurança, simplicidade e asseio. **Candieiros** portatis com regulador d'agua, lustres simples de 2 e 3 braços, liras, braços de parede simples e de movimento, bicos, torneiras, chumbo e mais pertences.

Montajens e instalações completas absolutamente garantidas.

A' RIVIERE -- Lisboa, rua de S. Paulo, n.° 9, 1.°

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE CARBORETO DE CALCIO

Não comprar sem pedir preços e catalogos ilustrados

Preços sem competencia

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada ao jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Téte d'Achâr. Patè de Lievre e Foie.

Saueisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

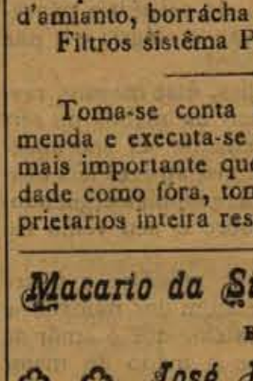
CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

Jozé Marques Ladeira & Filho

4, PRAÇA 8 DE MAIO, 5

COIMBRA



CANALIZAÇÕES

para

Agua e Gás

ACETILENE

Instalações completas

Tubos de ferro, chumbo, latão e lôna.

Lústres de cristál e bronze, candieiros e lanternas para gás. Retrétes, tinas, lavatórios e urinóis.

BICOS D'INCANDESCENCIA, *sistéma Auér.*

Máquinas para aquecêr agua para banho.

Autoclismos, torneiras e agulhêtas.

Fogõis de cozinha e sála.

Fogareiros a gás, acetiléne, petróleo e alcool.

Bombas de todos os sistêmas.

Preços rezumidos em bombas de relójio.

Aparélhos elétricos: Cartão e corda d'amianto, borrácha e folha.

Filtros sistêma Pasteur.

Toma-se conta de qualquer encomenda e executa-se qualquer obra por mais importante que seja, tanto na cidade como fóra, tomando os seus proprietarios inteira responsabilidade.

Macario da Silva & José Falcão Ribeiro

ADVOGADOS

Praça 8 de Maio, 37

(Em frente ao tribunal)

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.°

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

FONÓGRAFOS

Manoel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.° 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos* **Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variáda e grande coléção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estranjeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

DE NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.° 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

Agua da Curía (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — ***Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.***

Para uso externo: — ***Em differentes especies de dermatoses.***

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curía não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 reis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias — Publicação semanal

Diretóra: D. LEONOR MALDONADO

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e colloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 1$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mêsa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantazia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada,* a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand José Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Lús — 103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória.* Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestações e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

AJÊNCIA FUNERÁRIA

DE

Jórje da Silveira Morais

Coimbra

O proprietário désta cáza incúmbe-se de funerais complétos, tanto na cidade como fóra.

Esta cáza tem uma importante variedade de

Úrnas de mógno

em todos os tamanhos que vende pelos prêços de Lisbôa.

Grande variedade de corôas de todos as qualidades.

Especialidade em *boquets* fúnebres e de gála, banquêtas e ramos para altáres, toda a qualidade de flôres soltas e prepáros para as mesmas, plantas para sálas, flôres para chapéos mais barátas do que em qualquer outra cáza.

A's ex.mas damas elegantes de Coimbra

Já regressou a esta cidade, vinda da capital onde foi fazer o seu colosal sortido para a presente estação, abem conheicda **Modista de Lisboa,** que tem a honra de apresentar ás damas Conimbricenses, um deslumbrante sortido em **Chapeus modelos** da mais alta novidade e finisimo gosto para todos os preços.

Traz tambem grande sortido de cascos, casacos, cabeções e outros artigos de novidades em confecções para chapeus, que vende por preços excesivamente baratos.

Pede ás Ex.mas Damas a fineza de não comprarem sem primeiro verem o seu enorme sortido e visitar a sua exposição.

Rua Ferreira Borges, entrada pelo Arco de Almedina, 6-2.°

COIMBRA

CARVÃO DE KÓQUE

Vende-se ao fundo do Bêco do Castilho, cuja cáza tambem tem entrada pelo antigo Quintal do Prior, ao prêço de 150 réis cada 15 kilos.

Póde sêr partido no local da venda onde existem os instrumentos necessários para tal fim.

Bolacha Bernardino Machado

A *Fábrica Progrésso* de bolachas e biscoitos, na rua da Moeda, acába de expôr á venda uma nova marca de bolacha em Omenajem ao Conselheiro Bernardino Machado.

Esta nova marca de bolacha encontra-se á venda em todas as mercearias d'esta cidade.

Antonio Ferreira Pereira, previne os seus amigos, e freguezes, de que mudou o seu estabelecimento, que estava situado na Avenida Navarro, para a rua de Ferreira Borges n.° 151 e 153.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Oficina tipografica
12 — Rua da Moeda — 14

N.º 966 | COIMBRA — Quinta-feira, 29 de dezembro de 1904 | 10.º ANO

EDUARDO COELHO

A *Resistencia* acompanha a imprensa portugueza na festa de hoje, festa de glorificação a um filho do povo, a um jornalista, a um filho de Coimbra.

A *Rezistencia* felicita cordealmente o *Diario de Nottcias* que vê, numa consagração unanime, engrandecido o nome do seu fundadôr.

E fa-lo com alegria, apezar da justa fama em que anda de advogar principios democraticos afirmando sempre a sua côr politica, na expansão da solidariedade que o liga a um jornal que timbrou sempre em não arvorar côr politica.

E' que Eduardo Coelho enalteceu pela sua vida de trabalho e de virtude a força da ideia democratica, elevando-se pelo seu valor sem perder a honra nem o caracter, enriquecendo sem perder o amor pelos pobres e desvalidos, subindo em consideração social sem perder a dedicação pela causa do povo, o amor pela familia humilde de que nascêra.

Seu pae afirmára sempre as ideias liberaes, por élas sofrêra a fome, os maus tratos, a prizão, e formára-o desde menino no amor da liberdade, ao calor da sua vós muito amada e muito respeitada sempre.

Vira-o crescer e elevar-se pela inteligencia, e foi vivendo o bom velho na ilusão de que éram as ideias que êle defendera com o tormento da sua carne, com o sacrificio do seu sangue que via triumfar no filho, ouvido com tanta admiração e tanta estima por todos os que se aproximavam dêle.

Fazia gosto ouvir o pae a dizer alegre cada triumpho do filho, e contavam os mais velhos que êle, sempre na adoração da mesma ideia, dizia aos amigos da sua edade, ao vê-lo subir sempre sem perder o amor ao povo: ainda o hão de ver presidente da Republica.

Ainda o hão de ver....

Bem sabia o bom velho que não triunfaria cedo o ideal democratico em Portugal, que não veria êle o advento da Ideia Nova, cujo amor lhe viera no dezalento pela óbra dos que tinham vencido a seu lado!

Creou Eduardo Coelho o *Diario de Noticias* sem côr, pondo-se assim longe dos processos de traição á causa popular de uso constante na imprensa portugueza. E fez triumfar a sua ideia, dando a esta folha autoridade que dificilmente se reconhéce a outro jornal em Portugal.

O *Diario de Noticias* esteve sempre longe da exploração do escandalo que tem feito temidos, mas pouco respeitados, outros jornaes, afastou sempre para longe das suas colunas a vida particular do cidadão, mas soube sempre ter a palavra justa de louvor e de castigo.

Por isso a popular folha da capital, sem côr politica, trabalhando na educação das camadas menos instruidas do pobre pôvo portuguez sem o explorar, tem sido vista com simpatia pelos homens de ideias politicas mais avançadas, pelos de maior cultura intelectual.

Os maiores espiritos da nossa terra, os que fizeram a sua reputação em pleno combate, tem tido sempre para o *Diario de Noticias* palavras de fraternidade e simpatia.

O *Diario de Noticias* continua como foi fundado, instruindo, educando, com simplicidade e com amôr, no culto de Eduardo Coelho, o seu fundador, o homem simples que nunca esqueceu nem a terra em que nasceu, nem a classe em que se creou.

A *Resistencia* felicita por isso, o *Diario de Noticias*, neste dia de festa que é, para êle e para Coimbra, o dia de hoje.

BOAS FESTAS

Recebemos a carta que gostosamente publicamos; e para que chamamos a atenção dos nossos leitores:

Sr. director da *Resitencia*

Desculpar-nos ha v. a nova massada que vimos dar lhe.

Mas, pois que v. tem sempre posto as colunas do seu jornal á disposição da *Escola 31 de Janeiro*, chamando para éla a atenção dos bons leitores, ousamos, confiados nos sentimentos liberaes e democraticos de v., solicitar-lhe mais uma finêza.

E' corrente no nosso paiz, por ocasião do Natal, o uso dos cartões de boas festas, e que, longe de significarem alguma coisa de util, representam as mais das vezes, um incomodo não só para os remetentes como para os destinatarios.

Distante e bem distante de nós a pretensão de extinguirmos esse uso, que tem já pelo seu lado a tradição, é nosso dever no entanto lembrarmos a v. a fórma dessa usança redundar em algo do pratico e de significação moral.

Que á semelhança pois do que já praticam outros jornaes, v. permita no seu jornal uma subscripção tendente a colher alguma receita para os pobres do seu jornal e para a *Escola 31 de Janeiro*, que só com o auxilio popular póde contar, eis o que com empenho ousamos pedir-lhe, pedido que na mesma data e com o mesmo intuito dirigimos a outros jornaes liberaes, certos de todos acolherão de bom grado a nossa ideia.

Ficariam dêsse modo trocados os cumprimentos de boas festas entre os que concorressem para a subscripção aberta com esse fim e avultar-se-hiam assim as obras de benemerencia e de solidariedade que representam o auxilio prestado aos pobres d'*A Resistencia* e á instrucção popular.

Agradecendo desde já a adhesão de v. a esta ideia, subscrevemo-nos

De v., etc.

Luiz Deronet Santos Franco
Marcos Leitão.

Fica aberta pois a inscripção. revertendo o producto a favor da *Escola 31 de Janeiro.*

Transporte...	2$500
Dr. Eduardo Vieira	500
A.....	500

A "Oração Inaugural,, de Bernardino Machado

Estava eu bastante doente quando a *Oração Inaugural* de Bernardino Machado, obra sublime de Verdade e de Justiça, deslumbrou a nocturna «Sala dos Capêlos». Foi a primeira luz que se fez naquéla espéssa penumbra moral e intelectual.

Ha pouco tempo ainda consegui lêr éssas paginas imortaes, onde vibra victoriosamente um himno d'amôr e de esperança e onde transparece, num explendor de gloria, uma alma rara e purissima de Eleito.

Que admiração estupenda ampliou a minha alma!

Que gratidão infinita eu senti por êsse espirito heroico que concebeu tal discurso libertador!

Que o concebeu e recitou com a firmeza inabalavel e ferrea serenidade de que apenas são capazes os que acreditam no que dizem.

Bernardino Machado é um sincero e um crente. Em todos os seus livros preciosos e discursos extraordinarios, a phrase é simples como a sinceridade e firme como a Fé. Por isso êle arrebata e converte, e tão rapidamente fez sentir ao povo que nêle existia a vontade realisadora das mais justas e legitimas aspirações populares. E assim é.

Nunca vi êste homem perfeito percorrer uma rua, sem que os olhos dos transeuntes o não seguissem, comovidos. Quantas vezes o encontrei no meio de creanças esfarrapadas que lhe sorriam e de mendigos que o abençoavam! Em Coimbra, principalmente, toda a gente pobre e trabalhadora o estremece.

Bernardino Machado é um ar saudavel e bemfazejo para aquélas almas oprimidas e sufocadas. Entra nos casebres miseraveis como um raio de luz num subterraneo, e aparéce no meio das multidões anciosas e revolucionarias, como uma força orientadôra e imperecivel.

Não representa só uma aspiração politica, mas tambem ama aspiração religiosa. Não é apenas o cidadão modêlo, é um Homem. Não vive sómente dentro das fronteiras portuguezas; vive tambem na Humanidade. Não se apresenta apenas nos comicios a pugnar pelo resurgimento da nossa raça, aparéce tambem nas choupanas dos famintos e oprimidos a aliviar desventuras e desgraças.

Bernardino Machado é o Raciocinio e o Sentimento.

A *Oração de Sapiencia*, dêste anno, é o discurso meditado e sentido que se ouviu na «Sala dos Capêlos». Foi o primeiro sorriso de fraternidade dirigido por um mestre aos estudantes, e a primeira palavra anunciadôra dum ensino moderno, livre e verdadeiro que será o factôr primacial da salvação do Paiz; mas foi tambem, consequentemente, uma palavra destruidora.

Éla abalou em todos os seus fundamentos, o velho e jesuitico convento universitario.

Destruiu o velho templo para edificar o novo Templo.

Por isso, a Oração de Bernardino Machado é um verdadeiro facto historico, de uma importancia enorme. E' a unica pagina bella da nossa Historia, nestes ultimos tempos.

Já fui, infelizmente, estudante de Direito; vivi durante cinco annos naquéla inquisitorial e miasmatica atmosféra da Universidade, envenenadôra d'almas.

Ouvi muitas *Orações de Sapientia*

Eram sermões funebres e somnolentos, cheirando a velhos latins de egreja, cobertos de teias d'aranha de arqueologicas theorias, todas sujas do pó de ideias que morreram ha muito, tresadando á terra infecta das prisões do Santo Oficio, que nos deixavam a nós, estudantes, uma impressão terrivel de asfixia, que nos causavam nauseas e enjôos intelectuaes, como se nossos espiritos vogassem sobre encapeladas ondas de estupidez.

Que diferença entre éssas vélhas e roufenhas ladainhas e a Oração do dr. Bernardino Machado! Verdadeira oração da religião moderna! Religião da Vida que ha de dar aos corpos a beleza da saude e da Força e ás almas a perfeição moral que reside na suprema Justiça.

O sublime discurso de Bernardino Machado é um canto aureoral de Amôr e de Liberdade que inundou a alma da oprimida mocidade portugueza de radiosa esperança num futuro melhor.

Bernardino Machado, ao subir á cathedra, na «Sala dos Capêlos», devia ter causado aos estudantes a impressão d'um sol que se levanta! E as sombras negras, sinistramente sentadas nas cadeiras doutoraes, gelaram, com certeza de panico, ante a invasão subita da Luz. Luz que não acalentou simplesmente a alma da mocidade portugueza, mas tambem a de todos os portuguezes que ainda são puros e intelligentes e que trabalham na formação de um novo Portugal honrado e livre.

Refiro-me ao povo sofredôr, que tem núma mão o cabo da enxada e na outra o Futuro.

O povo é a unica parte sã da nossa sociedade. Só elle poderá florir e fructificar. E' terra inculta e virgem, avida de sentir germinar no seu seio ficando a semente do Ideal. O resto é podridão e esterilidade. As nossas chamadas classes preponderantes agonisam num charco de criminoso egoismo e de estupidez, sem uma crença, sem uma ideia. E são elas que, apoiadas na força bruta das espingardas, tentam perder um Povo e assassinar uma Patria! Desgrado paiz, êste, submetido a um regimen criminoso e horrendo, que, ha pouco tempo ainda, se definiu claramente, condemnando a Inocencia, em Olhão, e tentando, no Porto, massacrar o Genio.

E' um regimen que não se limita a atentar contra a riqueza material da Nação. O criminoso quer ir mais longe na pratica de seus crimes. Quer assassinar o Espirito, êsse fantasma que o aterrorisa! Quer rastejar no lôdo infecto, sem nada que o incomode. Puro engano! Pura ilusão! O pantano ha de ser enxuto, o fóco pestilento ha de ser destruido.

As palavras redemptoras de Bernardino Machado, heroico obreiro da nossa regeneração, que nova energia, que novo vigor insuflaram em todas as almas que esperam vêr êste morto Portugal quebrar a tampa do tumulo e resurgir á luz bemdita da Liberdade e da Justiça! Eis o motivo porque éssas palavras são sagradas e divinas, são imorredoiras, e merecem o nosso etérno reconhecimento. Bernardino Machado é um dos grandes portuguezes que mais merece o amôr e a gratidão do Povo.

Teixeira de Pascoaes.

Chegou hontem a Coimbra de passagem para S. Thomé o nosso amigo e correligionario dr. Pires de Carvalho.

Vae ocupar o logar vago pela morte do desventurado Jeronymo Silva.

Boa e feliz viagem e todas as prosperidades de que é digno pelo seu caracter e pela sua alma de eleição.

Na Sé Velha realisou-se o casamento da sr.ª D. Amelia de Mascarenhas Gomes, com o sr. Armando de Macedo, quintanista de medicina.

Foram padrinhos, por parte da noiva, seus tios José da Silva Bandeira, capitão de infantaria 23 e esposa; e por parte do noivo, a sr.ª D. Ismenia da Silva e o sr. dr. Angelo Pereira Dias Ferreira.

No sul de Angola

Não é facil saber-se ao certo aqui na provincia, que destino terá o projecto da expedição elaborado pelo sr. major Eduardo Costa; apresentado ao sr. ministro da marinha e por este levado a conselho de ministros. Historiemos,

O sr. ministro da marinha encarregou o sr. Eduardo Costa de proceder á elaboração de um plano de campanha, expedição e respectivo orçamento.

O projecto foi entregue ao sr. director geral do ultramar que, por seu turno o passou ás mãos do sr. ministro da marinha, que o levou á reunião do conselho de ministros, no ultimo sabado para o submeter á apreciação dos seus colegas.

Até aqui está certo, mas d'aqui em deante é que principiam as incertezas e as conjecturas.

Os jornaes chamados de grande circulação, no domingo de manhã, escreveram: a maioria do conselho de ministros foi contraria á realisação da campanha, sendo esta adiada *sine die* o que será ponderado a el-rei.

Eata noticia, que causou surpresa geral e que ninguem esperava, ficou pendente até segunda feira á tarde, quando apareceram os primeiros jornaes.

Uns, os oficiosos, diziam que nada havia sido resolvido no conselho de ministros, ficando para posteriores reuniões a apreciação e exame do plano de campanha contra os cuamatas; outros, os oposicionistas, compadres de hontem inimigos de hoje, diziam que em virtude da recusa da maioria do conselho em aceitar o plano apresentado pelo sr. ministro da marinha, havia crise ministrial, a diabo...; ainda outros, os amarellos, compadres de hoje inimigos de hontem, afiuavam pelos oficiosos e o *eterno independente*, dissertava e continua ainda dissertando; disendo algumas coisas com acerto raras mas boas.

Parece-nos a *mot dodre* levar a opinião a aceitar com facilidade, o adiamento da expedição, empregando mais ou menos Gordon, mais ou menos Egypto, mais ou menos centenas de kilometros, mais ou menos agua, despezas, preciosas vidas e cuidados para não haver nova derrota.

Teremos pois, se tivermos, expedição lá para 1906 ou 1907, depois de feitos trabalhos para a linha de etapes de Mossamedes ao Humbe e proximo do Cunene e uma base de operações alem de muitas outras coisas mais.

Vê-se que a primeira expedição dispensou tudo, esta ao contrario, quer tudo. Antes assim e que não haja desastre grave como hove. Veremos em que tudo isto pára e se vamos gastar algumas centenas de contos em preliminares e depois nada se faz, porque isso é peor que nada fazer em absoluto, e deixar por lá os pretos gosando o que é seu e sem civilisação.

*

Diz se:

— Que o sr. capitão João Maria de Aguiar vae responder em conselho de guerra.

— Que os relatorios mandados pelo sr. Custodio Borja, carregam com todas as culpas para cima do sr. capitão Aguiar, comandante da expedição.

— Que o chefe de estado maior da columna foi imposto ao sr. capitão Aguiar, pelo sr. Custodio Borja.

— Que esse chefe de estado maior é genro do sr. Custodio Borja.

— Que o sr. Ramada Curto aceitou o logar de governador geral de Angola, quasi só para ir salvar o sr. capitão Aguiar. de quem é muito amigo.

— Que já se acha em Lisboa um oficial que fazia parte da expedição derrotada, o sr. capitão Patacho, que

deve trazer uma boa carregação... de noticias.

—Que o governo regenerador recebeu a noticia do desâtre alem do Cunene antes do dia 28 de setembro, annos das magestades, e antes da abertura da camara, funcções que quiz se fizessem sem lagrimas, não querendo misturar no discurso da coroa, com a faustuosa noticia da viagem á Inglaterra, a triste noticia do revez das nossas tropas.

Por causas das viagens é que agora se acha muito o dinheiro a gastar com a expedição.

Partido republicano

Concelho de Abrantes

Procedeu-se á eleição da comissão paroquial republicana de S. Miguel de Rio Torto, sob a presidencia do nosso distincto correligionario sr. dr. Ramiro Guedes, dando o seguinte resultado:

EFECTIVOS

Antonio Marques Pereira, Antonio Martinho da Costa, Joaquim Lopes de Oliveira, Manoel Gonçalves Ferreira e Manoel João Ferreira.

SUBSTITUTOS

Alarico Alves Ferreira, Bernardino Alves Ferreira, João Cesar Pedro, Manoel Alves Monteiro e Vicente Martins Lourinho.

Realizou-se na segunda feira á noite a reunião do partido republicano, para eleger as comissões paroquiaes das freguezias de S. João e S. Vicente, desta vila.

A reunião esteve concorridissima, contando-se grande numero de novas adhesões.

Presidiu á sessão o nosso prestimoso correligionario sr. dr. Ramiro Guedes, que começou por explicar á assembleia quaes os fins da reunião.

Em nome das ideias politicas que ali representava, felicitava-se a si, pela comparencia dos seus correligionarios e pelas adhesões recebidas, afirmando que o Partido Republicano era o unico em que os verdadeiros patriotas podiam sem receio e sem desfalecimento, depositar toda a sua fé, todo o seu enthusiasmo, todo êsse sentimento civico que nobilita os homens e engrandece as nações. Os partidos monarchicos faliram; o desmoronamento de todas as liberdades e regalias, começou após o 31 de janeiro, e d'então para cá, acentua-se cada vez mais intenso, desmoralisador e retrogrado. Urge que todos os homens de bem; todos os verdadeiros patriotas, se manifestem interessando se pelos destinos do paiz.

A abominavel lei de 13 de fevereiro é uma monstruosidade á liberdade dos cidadãos, estatuida pela lei fundamental do Estado. Urge tambem que todas as consciencias se manifestem na grande obra de reivindicação social que o Partido Republicano, na hora presente se propõe a fazer, opondo ás tiranias do regime as doutrinas nobilitadoras, essencialmente progressivas e liberaes, do seu credo politico. E' isso o que s. ex.ª espera dos seus correligionarios é essa a tarefa ardua de todo o portuguez.

Sua ex.ª foi enthusiasticamente aplaudido. Procedendo-se em seguida á eleição das comissões, foram as listas votadas por aclamação, e são:

S. João (Abrantes)

EFECTIVOS

Antonio Ribeiro Gomes dos Santos, Francisco Ribeiro Cardoso, José Luiz Ribeiro, José Serra e Manoel Ascenso da Costa.

SUBSTITUTOS

Alvaro da Costa Flor, Francisco Fernandes Nazareth, João Fernandes Calças, José do Carmo Dias e José Luiz Cordeiro.

S. Vicente (Abrantes)

EFECTIVOS

Antonio Cordeiro, Antonio Ferreira, João d'Oliveira Martins, José Augusto do Nascimento e Roque José Delgado.

SUBSTITUTOS

Francisco José Cardoso, João Marques Pereira, João Nabiça, Joaquim Belem e José Filipe.

Companhia vinicola do centro de Portugal

Encontra-se ligada toda a viticultura do centro do paiz, compreendendo os districtos de Coimbra, Aveiro, Vizeu, Guarda, Castelo Branco e Leiria, no maior empenho de contribuir com um esforço comum para o alargamento dos nossos mercados de vinhos aproveitando as excelentes massas désta importante região de modo a merecerem a maior consideração e poderem ser fornecidas grandes quantidades do mesmo tipo.

E' consoladôr ver como os nossos lavradores já se encontram desanuveados de preconceitos individualistas, e como em todos se manifesta vivo e intenso o espirito associativo, sem o qual se torna actualmente impossivel a lucta, pois por toda a parte se encontra a concorrencia de grandes forças desenvolvidas por associações poderosas. Foram as sociedades da Adega Regional de Coimbra, da Adega social da Bairrada, e da União vinicola do Dão, os primeiros elementos que se congregaram, formando desde logo um nucleo valiosissimo para a nova sociedade que se projectou organisar da Companhia Vinicola do Centro. Hoje pode afirmar se que todos os viticultores estão ligados em volta désta grande ideia e póde já assegurar-se um grande exito para ésta companhia que vae organisar-se com o capital de 500 contos divididos em acções de 10$000 réis, de que haverá nos primeiros seis mezes sómente o desembolso de 4 decimos, e que será a primeira companhia do nosso paiz intimamente ligada com os interesses da vitucultura, pois os accionistas terão garantido o direito de entrarem em cada anno para a companhia com 10 hectolitros de vinho por cada 500$000 réis de acções (ou com a parte proporcional á quantia com que já tenham entrado), sendo os vinhos taxados por meio de uma formula que assegura a proporcionalidade dos seus valores, e que mereceu completa aprovação de muitas pessoas que a têem examinado.

Na divisão dos lucros, proporcionaes ás acções e por isso tambem á quantidade de vinho que o seu possuidor pode entregar, encontrarão os accionistas o complemento do valor dos seus vinhos e decerto muito mais, atendendo á valorisação que a companhia lhe fará tomar.

Como superior garantia do feliz resultado que póde já garantir-se á companhia que vae immediatamente constituir-se temos os nomes das pessoas que, segundo nos consta, constituirão a a assembleia geral e os corpos gerentes, debaixo de todos os pontos de vista dignos de toda a confiança e que correspondem á importante empreza a que métem hombros e que déve merecer ao paiz, e essecialmente a ésta larga região e a Coimbra todo o respeito e apoio. São êles: Assembleia geral—presidente, dr. Almeida Garret, (par do reino); dr. José Caetano dos Reis, dr. Lopes Vieira, conselheiro José Luiz Ferreira Freire.

Direcção. — Vogaes efectivos e suplentes — Conde do Ameal, dr. Joaquim de Oliveira Baptista, dr. José Tavares (engenheiro), Justino Sampaio Alégre, Albano Coutinho, dr. Joaquim das Neves (Figueira), Antonio Barata, dr. Rosado, dr. Bleta Neves, dr. Costa Lobo.

Conselho fiscal — Dr. Luiz Pereira da Costa, Antonio Duarte Sereno, João Pessoa, dr. Joaquim Paes da Cunha, dr. Maximino de Mattos, Antonio Rodrigues Pinto, dr. Francisco Pessoa, dr. Pedro Ferreira dos Santos, José Antonio Liberal, dr. Couceiro Martins.

Quasi todos estes cavalheiros se reuniram hontem em Coimbra, e manifestando a maior solidariedade e desejo de uma colaboração sincera deram a sua aprovação aos estatutos que lhe foram apresentados indicando ao mesmo tempo, com as cartas que apresentaram e as suas informações, que em todos os pontos é recebido com o melhor agrado esta agremiação de forças.

Consta nos que o governo tendo o maior empenho de contribuir para o engrandecimento desta importante fonte de riqueza publica, e acudir á crise que assoberba os viticultores, concederá a estas sociedades toda a coadjuvação compativel com a situação financeira do thesouro e com os interesses geraes do paiz.

Francisco Nazareth

Os bombeiros municipaes entregáram no domingo ao sr. Francisco Nazareth, ilustre vereador, a seguinte mensagem, numa pasta luxuosa:

Ill.mo e ex.mo sr. — Vae findar o mandato da vereação municipal do trienio de 1902-904, de que v. ex.ª tão distinctamente faz parte, e cuja acção administrativa, sob a direcção do illustre cathedratico de direito, ex.mo sr. dr. Manoel Dias da Silva—caracter tão energico como austero, e d'uma probidade que a todos os principios se impõe profundamente respeitavel—conquistou os louvores unanimes em que os munícipes a vêem envolvendo, e que representam a mais grata e mais valiosa recompensa que uma população póde dar a homens que, como v. ex.as, tão nobre e tão distinctamente comprehenderam e desempenharam esse mandato, a um tempo honroso e dificil, de administrar um municipio como o de Coimbra.

No grandioso conjuncto de beneficios que déssa administração resultaram para o municipio, avultam tambem, e destacadamente, os da acção dedicadamente iniciadora de v. ex.ª — tantos e tão valiosos, que positivamente constituem um padrão de gloria.

Se bem que não cabe aqui enumeral-os, apraz salientar, como resumida demonstração: — A reorganisação, importantemente beneficiadora, no pelouro da limpeza, a cargo de v. ex.ª. Ahi não esqueceu, sequer, o estabelecimento d'uma escóla, por proposta de v. ex.ª criada e que tanto tem beneficiado, para ministrar ao pessoal analfabeto, que ha empregue nesse serviço, a instrucção que, certamente, não alcançaria sem a grandiosa iniciativa de v. ex.ª.

No pelouro do serviço d'incendios, é então que mais se manifesta a acção decisiva de v. ex.ª, a revelar um nobre espirito de altruismo.

E' obra de v. ex.ª o grau de aperfeiçoamento a que êsse serviço chegou: — em melhoria de material; em acceleração de soccorros; em vitalidade de acção; emfim, nos melhores elementos de que hoje se dispõe para levar o auxilio onde o perigo se manifesta.

Quanta actividade e dedicação teve de desenvolver, quantas contrariedades teve de supportar, quanta persistencia e até sacrificio, teve de empregar para a realisação do seu proposito, logo de começo evidenciado, de dotar a corporação de Bombeiros Municipaes com os elementos precisos para, ao menos regularmente, satisfazer á humana missão que lhe está confiada, atestando com saliente clareza as diferentes e já importantes inovações de que a mesma corporação hoje dispoe. E se quizer atender-se ao que élas monetariamente representam, e se as confrontarmos com a exiguidade dos orçamentos com que para tal serviço se tem contado, ha que render ao justissimo reconhecimento de que, com élas, v. ex.ª do seu bolso dispendeu somas bem valiosas.

Nobre e generoso sacrificio, em que o meio póde não reparar, mas que o que v. ex.ª deixa em melhoramentos, inilludivelmente demonstra.

E', pois, pelo que a v. ex.ª deve em grandiosa iniciativa pelo engrandecimento do serviço municipal d'incendios, e ainda em estima pessoal, que o corpo de Bombeiros Municipaes delegou nos abaixo assignados o honroso encargo de apresentar a v. ex.ª ésta modesta homenagem de gratissimo reconhecimento, que involve a crença segura de que, mesmo fóra da vereação municipal, v. ex.ª não deixará de beneficiar, com o seu provadissimo e fructifero valimento, a mesma corporação e o serviço que lhe está confiado.

Coimbra, 25 de dezembro de 1904.

Pelo corpo de Bombeiros Municipaes — O inspectôr, *José Pereira da Cruz*. — O patrão-comandante, *Antonio Maria da Conceição*.

Ofereceram tambem ao sr. Nazareth uma photographia de todo o pessoal de incendios junto de um carro construido nas officinas da camara.

E' justa esta manifestação dos subordinados do sr. Nazareth que muito se tem assinalado nos serviços a seu cargo, de que faremos objecto de um artigo proximo do nosso jornal.

O sr. commissario de policia

O sr. dr. Padua, governador civil de Coimbra, prometeu atender ás queixas que lhe foram formuladas por os habitantes desta cidade contra o sr. comissario.

Estas queixas são geraes e veem de muito longe, ditas a principio a medo, por todos os que tinham tido tanta esperança para a regularização do serviço de policia, na fama de que vinha precedido o sr. comisario.

A sua apresentação agradava, e comentava-se com palavras de louvor o seu passado de militar brioso e disciplinador.

Depois começaram a aparecer as queixas, e, julgando-se que fossem apenas ignorancia da lei, o sr. comissario de policia foi avisado com prudencia.

Foi trabalho baldado. O sr. comissario de policia continuou na mesma e as queixas avultaram.

A *Folha de Coimbra* começou então, revelando factos, mostrando ignorancia completa da lei da parte do sr. comissario, que constantemente vexáva cidadãos dignos de respeito e consideração, substituindo se á lei do paiz.

Faziam-se nesses artigos acusações graves, e o comissariado de policia de Coimbra chegou a ser qualificado de casa de prazer facil do sr. comissario.

Os artigos da *Folha de Coimbra* passaram sem contestação da parte da auctoridade e a *Resistencia* transcreveu os, poupando-se a comentarios.

A *Resistencia* não tem querido nunca tomar parte preponderante nos ataques ao sr. comissario e tem apenas acompanhado as reclamações dos jornaes ou do publico contra o seu procedimento, porque o seu director se achou pelo acazo da profissão, numa passagem dolorosa da vida do sr. comissario, que o seu modo de ser e de sentir lhe não permite esquecer, e que refere agora apenas para os que possam estranhar não ver atacar com a vivacidade do costume quem é acuzado de ter sahido, fóra dos seus deveres, vexando um seu correligionario que anda no respeito de todos os negociantes desta cidade, de qualquer partido politico em que militem.

As queixas da *Folha de Coimbra*, feitas por um professor da Universidade, lente de Direito, do caracter do sr. dr. Teixeira de Abreu passaram sem outro comentario que não fosse o da *Resistencia*.

O sr. dr. Teixeira d'Abreu queixou-se de que fossem atribuidos só a ele os artigos, querendo assim, sem duvida, mostrar que havia motivos para as reclamações que eram geraes mas se não tinham tornado publicas.

A *Resistencia*, quando atribuiu a paternidade dos artigos ao sr. dr. Teixeira d'Abreu, quiz apenas mostrar a consideração que deviam merecer á auctoridade superior do districto que era seu colega na Universidade e devia conhecer bem o caracter e a respeitabilidade do ilustre professor.

As arbitrariedades do sr. comissario de policia teem continuado, e hoje levantam-se novas reclamações.

O sr. comissário está dezautorizado, e vae a caminho do burlesco com que têem cahido os comissários anteriores.

Sem prestigio com a população fixa de Coimbra, procurou lisongear os estudantes, e os regulamentos policiaes deixáram de ter para êles força de lei. No teátro, grita-se, fuma-se, e dizem-se os ditos equivocos do costume, em quanto o sr. comissário óra sorri, óra franze o olho em gestos que os rapazes se entretem a provocar alternadamente como se brincassem com um bonéco.

E é bem facil perceber como o sr. comissário foi naturalmente levado a isto pela sua convivencia de todos os dias em casa de hospedes de estudantes, que devia pelo contrario ter evitado.

Aborrecido daquele meio do comissariado, o sr. comissario, ao chegar a casa, encontra na efusão dos estudantes, a quem é naturalmente simpathica a sua coragem e o seu ar, um meio que o alegra, e que o faz ver com indulgencia os que substituem os filhos e a familia ausentes. Nada mais natural.

Nada mais natural, mas nada de peores efeitos para a policia academica.

O sr. comissario está sem auctoridade para a academia, perdeu-a, á muito, para os outros habitantes de Coimbra.

Nisto não discordamos nós da opinião geral.

Dr. Bernardino Machado

A Academia dos Estudos Livres, de Lisboa, reunida em assembleia geral no dia 26 do corrente, para a eleição dos seus corpos gerentes, por proposta da direcção, nomeou, por aclamação, seu presidente de honra, o sr. dr. Bernardino Machado, em atenção aos relevantes serviços que tem prestado á instrucção, resolvendo tambem que na primeira sessão solemne da Escola Marquez de Pombal se inaugurasse o retrato de tão dedicado apostolo da educação nacional.

No fim da sessão foi expedido ao sr. dr. Bernardino Machado o telegramma seguinte:

«A assembleia geral reunida hoje aclamou v. ex.ª presidente de honra da Academia de Estudos Livres. Congratulamo-nos por tão merecida homenagem a quem tantos serviços tem prestado á causa da educação nacional. Pela direcção, *Cardoso Gonçalves*»

PERSISTINDO...

Dissemos que urgia completar a reorganisação republicana com a promulgação dum programa de reformas democraticas esociologicas, obedecendo-se assim a um rigoroso criterio scientifico, a um methodo positivista de estudo e observação da evolução politica.

A questão social exige a solução republicana para ser pelo menos racionalmente solucionada, porque, excluido o principio hereditario da suprema magistratura da Nação é proclamada a egualdade social de todos os cidadãos, entrar-se-ha resolutamente na senda da completa abolição de capitalismo, estabelecendo se dest'arte a egualdade economica como logica sequencia e natural complemento da egualdade social, desassombradamente exercida por uma geração democratica que urge formar com methodo, persistencia e paciencia.

Foi por este systema de propaganda economica, moral, politica e social que o grande patriota Léon Gambetta logrou constituir a actual geração democratica da França que hoje tão galhardamente mantem a Republica, secundando o gabinete Combes na primacial questão da separação da egreja do Estado.

E' a essa geração democratica que o nosso eminente correligionario sr. dr. Brito Camacho vem de se referir nas suas recentes e brilhantes conferencias.

E' este o primeiro ponto a resolver, como essencial reforma, no programa da Democracia Portugueza.

A par da questão social, surge-nos pelá prôa a questão religiosa, a mais grave e transcendente de todas as questões na actual conjunctura. E' esta a questão que preocupa a atenção de todos os estadistas.

A primeira machadada na granitica rigidez do dogma catholico-apostolico-romano é, como tantas vezes o temos proclamado, a secularisação, obrigatoriedade e gratuitidade do ensino primario, secundario e superior.

Escorraçado o jesuitismo da direção do ensino nacional as novas gerações sahidas do patriotismo scientifico, que é o verdadeiro dogma da Razão emancipada, saberão comprehender todos os grandes problemas do Futuro, promovendo o sucessivo desenvolvimento do programa democratico e social, verdadeiro Evangelho do livre-pensamento, Biblia sagrada da nossa crença revolucionaria, relicario sacro das nossas aspirações.

Foi levantando o augusto estandarte da reivindicação da secularisação do ensino em França que o grande Paulo Bert, energicamente e patrioticamente secundado por Léon Gambetta e Jules Ferry, derruiu na sua generosa e grandiosa Patria os nefastos preconceitos que em nome duma pretendida infalibilidade dogmatica escravisavam o pensamento ao fanatismo obscurantista duma egreja incompativel com o Progresso, duma religião incompativel com a Sciencia.

E' tambem esta a grande e essencial questão que na phrase do nosso já citado eminente confrade sr. dr. Brito Camacho, carece de ser atentamente estudada.

E como indispensavel complemento destas duas essenciaes reformas democraticas, ahi temos a questão da reivindicação do sufragio universal — base essencial de verdadeiro regimen republicano e pedra angular do systema sociologico preconisado por Bebel, Bajer

Ernesto Haeckel, o chefe dos monistas alemães.

O sufragio universal, conscienciosamente exercido, constitue o mais perfeito barometro do estado da opinião em todos os paizes cultos do mundo. No seu aperfeiçoamento assentam os gigantescos pilares do verdadeiro sistema do *self gouvernement*, imperante na Suissa, nos Estados Unidos da America do Norte e na Inglaterra; que se vae afirmando *au jour le jour* na França e no Brasil, e que os socialistas porfiam sem descanço por introduzir na Belgica e na Italia.

Eis despretenciosamente esboçado um programa sociologico a integrar e concretisar no programa de governo da Democracia Portugueza.

Fazenda Junior.

Reuniu-se, na segunda-feira, em Lisboa, pelas 3 horas e um quarto da tarde, a assembleia dos acionistas da Companhia dos caminhos de ferro do Mondego, que vae fazer a exploração de Coimbra á Louzã.

A sessão realisou-se na séde do Banco Lisboa & Açores, sendo representados dois terços das acções, e presidiu á sessão o sr. Antonio da Costa Carvalho.

Foram eleitos para a gerencia da companhia os srs. Isidóro José de Freitas, director do Banco Lisboa & Açores; José Alfredo Pereira e José Carlos de Carvalho Pessoa.

O sr. conselheiro Alfredo Pereira aprezentou os contractos para a exploração da linha entre Coimbra e Louzã feita com a Companhia Real dos Caminhos de Ferro, o contracto com os credores da companhia, e o contracto da empreitada para a couclusão da linha entre Coimbra e Louzã, cujo empreiteiro é o sr. Poças Falcão sendo tudo aprovado unanimemente.

A assembleia suspendeu até á apresentação da reforma dos estatutos.

Começou a impressão do segundo numero da *Arte e Vida*, a béla revista literaria de João de Barros e Manuel de Souza Pinto.

O novo numero será distribuido no principio de janeiro.

A Associação dos Artistas resolveu, por proposta do sr. João Ribeiro Arrobas, consignar na acta um voto de congratulação pela homenagem prestada a Eduardo Coelho, em Lisboa; fazer-se representar na inauguração do monumento da capital, pelo presidente e secretario da direcção, e solicitar do sr. Conde de Valenças, presidente honorario e Silva Leal, socio honorario a sua comparencia ao acto da inauguração do monumento ao que foi seu socio benemerito.

Por determinação da mesma assembleia foram comunicadas estas decisões á familia do glorioso extincto.

Pelo ministerio das obras publicas foi aprovado o projecto e orçamento para a conclusão das obras de apropriação do colegio de S. Boaventura para aula de desenho da Universidade.

Carris de ferro de Coimbra

Desde hoje, 29, até 10 de janeiro proximo, são suprimidas as carreiras das 9 e 10 horas da manhã, das ameias á rua do infante D. Augusto e as das 9,30 e 11,30 da rua do infante D. Augusto ás ameias.

No escriptorio da empresa, rua da Sophia n.º 5 1.º recebem-se desde já requisições de bilhetes pessoaes para 1905.

Alem dos passes annuaes a 12$000 réis fornecem-se tambem passes de trimestre a 4$500 réis.

Partiu hontem para S. Pedro d'Alva o sr. Antonio Augusto Gonçalves, director da escola Brotero.

Foi dirigir a restauração artistica de uma egreja.

Foi promovido a engenheiro inspector da Companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, o sr. dr. Pedro Joyce Diniz.

Reune-se ámanhã a assembléa geral dos socios do Gimnasio Club para eleição dos corpos gerentes.

ILHA DO PRINCIPE

Ex.mo sr. redactôr. — Continuando na minha voluntaria tarefa de trazer a publico algumas noticias d'esta malfadada ilha portugueza, mais uma vez venho solicitar um cantinho da sua independente *Rezistencia*.

Agora tenho que referir-me a certas cartas, que ha pouco se *extraviaram* não se sabe para onde, uma desaparição enigmatica por algum alçapão, que até faz lembrar as antigas magicas do velho *Variedades*; isto afinando com os nomes dos destinatarios, individuos que não estavam nas boas graças do Viegas Junior, unicos tambem (é curioso!) a quem faltaram cartas. Este facto, pouco vulgar aqui, deu-se nos fins da direcção interina do sr. J. F. Californea, homem de quem ninguem suspeita, por ser tido por honesto e escrupuloso. No entanto, sr. redactôr, as cartas faltâram, os interessados *chiaram* e o publico blasonou, com e sem pimenta. O que seria feito das cartas?!

— As justiças na comarca continuam cahoticas ou antes aleijadas, isto por falta dos dignos juizes, proprietarios das respectivas váras, que se acham ausentes por doença, achando-se agora á frente das duas varas interinamente um mancebo bastante simpático, mas, que parece ter estudado por livros diferentes, por não ser raro interpetrar a lei muito a seu modo. Ora a lei é como a verdade, é o que é, e não foi feita para charadistas, mas para positivistas. E' materia que se não presta a filosofias nem a romancismo; mas, sr. redactôr, a nova escólo nefilibata, ameaça até invadir os codigos!!

Ora esta maneira de ver a lei caprichosamente, tem dado logar a agravos e portanto obrigado as partes a dispendios imprevistos e demoras prejudiciaes.

Consta que os serviços nos cartorios se acham sensivelmente atrazados, porque s. ex.ª o juiz substituto pouco mais despacha que o expediente; e boa razão tem para isso, porque um homem não se póde dividir em bocadinhos, visto que o mesmo sr. além de ser o conservador da comarca, é advogado e procurador de cazas importantes de S. Thomé, tendo por isso de curar dos interessea dos seus constituintes.

Não pode, pois, sem graves prejuizos, prolongar-se semelhante interinidade, que vem durando muitos mêzes. Com vista a quem competir providenciar.

— A politica da capital da provincia, desceu até á porta da rua, pois é em plena rua, onde se reunem os magnates e *gros-bonets*, á porta de um estabelecimento, onde tudo se discute, onde tudo se comenta com a costumada pontinha de má lingua, especialmente para os desafeiçoados d'aquelle *conclave*. E ai! d'aquelle que não afinar pelo mesmo diapazão; fica apontado no livro negro e na primeira oportunidade é votado ás feras!

Em tempos que não vão longe, os dois poderes ordinariamente antagonicos, na distribuição das justiças, estavam cada um no seu logar, indepentes e firmes, espreitando sempre a ocasião de se imporem um ao outro com a lei na mão, relações estas, embora por vezes tensas, que deram logar a evitar desmandos; por isso houve um periodo feliz e honroso em que se fez boa e sã justiça.

Agora, sr. redactôr, inverteu se a época, inverteu-se o systema e até, ó! desgraça, parece que os homens tambem foram invertidos; e o que venho de afirmar, acha-se authenticado por factos já relatados em parte, na *Vanguarda*, pelo sr. Castro e Moraes.

A degradação moral chegou a tal ponto, que até ha, d'entre esses magnates, quem previna os funccionarios que da capital nos envíam, secretamente contra A. B. e C., individuos que a seita tem como impios ou jacobinos, e contra os quaes manifesta sempre que póde a sua visivel má vontade; pondo assim de injusta prevenção os novos funccionarios, contra cavalheiros que se prezam de o ser, e que só terão o grave defeito de não saberem engraxar botas a ninguem.

A tal expediénte dasceram aqueles que tinham por dever manter-se na mais correcta imparcialidade.... perdendo pois a olhos vistos a gravidade e a *linha*.

— Consta-nos que o sr. Antonio Maria de Jesus Castro e Moraes, professor jubilado e antigo jornalista, se retira das lides jornalisticas, cançado certamente de luctar improficuamente contra a ilegalidade. Pena é que o sr. Moraes tal rezolução tome, porque em S. Thomé faz sensivel falte a sua pena, sempre ao serviço dos oprimidos e contra os opressores; e francamente direi que não vejo actualmente naquella ilha pessoa alguma com vontade propria e independencia precisa, sem temer *os papões* (que alli ha a cada canto) para azurragar em phrase energica e alevantada, os desmandos, sejam elles de quem forem. Digo não ha, porque não conheço ninguem nessas condições, o que não quer dizer que não exista por lá um ou outro cheio de boa vontade, mas o *papão*....

— Relativamente ao Banco Ultramarino, muito e mais ha que dizer, e vejo que o clamor não é d'esta costa, porque, segundo referem noticias da Oriental, ali a entidade Banco Ultramarino, ainda é mais agiota que nesta provincia e Angola, chegam as transferencias a custar agios fabulosos. Este estado de coisas deve-se ao privilegio exclusivo que o digno governo constitucional concedeu, em vez de decretar liberdade bancaria no Ultramar.

Urbano.

Deu entrada no ministerio do reino a nota das percentagens votadas pelas camaras do districto de Coimbra, que devem constituir receita dos mesmos municipios no anno proximo.

Pelo ministerio das obras publicas vae conceder-se um subsidio para reparações urgentes na egreja de Pereira.

Elvira Tavares Bélo e Castro

E

Barreiro de Castro

Proprietarios do SALÃO DA MODA, desejam ás suas Ex.mas Clientes muito boas festas e muitas felicidades no anno de 1905.

Recenseamento eleitoral

Aviso

A Comissão Parochial Republicana da freguezia de S. Bartholomeu convida os republicanos desta freguezia a inscrever-se no cadastro da mesma Comissão, patente na Praça do Comercio, n.º 43, a fim de se recensearem os que o não estejam e tenham direito a essa regalia.

A mesma Comissão lembra a todos os cidadãos republicanos, que não estejam recenseados, a urgencia de se munirem da certidão de edade, base essencial para a revisão do recenseamento proximo. Para que lhes seja passada essa certidão, devem fazer o seguite requerimento:

Ill.mo rev.mo sr. Parocho da freguezia de...

Fulano, estado, profissão, de... annos de edade, filho de..., e de..., natural de..., freguezia de..., morador na rua de..., n.º..., requer a V. Rev.ma lhe passe a sua certidão de idade, para fins eleitoraes, isenta de imposto de sello e quaesquer emolumentos ou salarios, como determinam os artigos 36.º e 37.º do decreto de 8 de agosto de 1901.

Coimbra, etc.

E. R. M.

F...

Este requerimento deve ser entregue aos parochos das respectivas freguezias, que teem obrigação de passar as certidões no praso de 3 dias, gratis, e em papel não selado, e em seguida ser reconhecida gratuitamente por tabelião.

A comissão lembra tambem que o prazo para a inscripção no recenseamento, principia em 26 de dezembro e finda em 5 de janeiro proximo.

Requerimento de inscripção por saber ler e escrever

Ill.mo Ex.mo Sr. Secretario das Comissões do recenseamento.

F..., filho de F... e de F..., natural de..., de .. annos de edade, estado, profissão. morador na rua de..., n.º..., andar freguezia de..., desejando a sua inscripção no recenseamento por saber ler e escrever como prova com esta petição feita e assignada pelo seu proprio punho, na conformidade do n.º 2 do artigo 1.º n.º 7.º do art. 21.º do decreto de 8 de agosto de 1901.

Pede a v. ex.ª se digne mandal-o inscrever na relação dos eleitores da sua freguezia,

E. R. M.

Data...
Assignatura...

Este requerimento tem de ser feito e assignado pelo proprio, perante o tabelião que assim o deve declarar ou perante o parocho da freguezia que ateste e jure em como foi feito na sua presença, sendo a identidade atestada e jurada em seguida pelo regedor.

Requerimento de inscripção por pagar decima

Il.mo e Ex.mo Sr. Secretario da Comissão de recenseamento

F..., filho de F... e de F..., natural de..., de... annos de edade, estado, profissão, morador na rua de... n.º..., andar, freguezia de..., desejando a sua inscripçao no recenseamento eleitoral, visto ser coletado por contribuições diretas do estado em quantia superior a 600 reis, segundo o n.º 1.º do art.º 1.º e n.º 2.º do art.º 21.º de decreto de 8 de agasto de 1901

Pede a v. ex.ª se digne mandal-o inscrever na ralação dos eleitores da sua freguezia.

E. R. M.

Data...
Assignatura...

Requerimento para atestados de contribuição

Ill.mo e Ex.mo Sr. Escrivão de fazenda do Concelho de...

F..., estado, profissão, de... annos de edade, natural de..., morador na rua de... n.º... andar, freguezia de... precisa para fins eleitoraes, que v. ex.ª lhe passe por certidão, o que a seu respeito conste da matriz... (predial, renda de casas, industrial, etc.) na conformidade dos art.os 36.º e 37.º do decreto de 8 de agosto ne 1901.

E. R. M.

Data...
Assignatura...

Requerimento de residencia

Ill.mo e Ex.mo Sr. regedor da freguezia de..., F..., estado, profissão, edade, natural de..., morador na rua de..., n.º... andar, freguezia de.. desejando inscrever-se no recenseamento eleitoral e segundo o disposto nos artigos 30.º e 37.º do decreto de 7 de agosto de 1901.

Pede a v. ex.ª se digne passar-lhe atestado de como móra nesta freguezia.

E. R. M.

Data...
Assignatura...

ANUNCIOS

CARVÃO DE KÓQUE

Vende-se ao fundo do Bêco do Castilho, cuja cáza tambem tem entrada pelo antigo Quintal do Prior, ao prêço de 150 réis cada 15 kilos.

Póde sêr partido no local da venda onde existem os instrumentos necessários para tal fim.

Predio em Coimbra

Vende-se um situado na rua do Corpo de Deus n.º 38, que consiste em magnifica casa de abitação com pára-raios, gás e agua de cisterna e da companhia, jardim e quintal com arvores de fructo.

Para tratar, em Coimbra, Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, n.º 156, e no Porto, na rua do Brugnor, n.º 148.

Bolacha Bernardino Machado

A *Fábrica Progrésso* de bolachas e biscoitos, na rua da Moeda, acába de expôr á venda uma nova marca de bolacha em Omenajem ao Conselheiro Bernardino Machado.

Esta nova marca de bolacha encontra-se á venda em todas as mercearias d'esta cidade.

Tribunal do Comercio de Coimbra

EDITOS DE 30 DIAS

(1.ª publicação)

Por este tribunal e cartorio do escrivão do 5.º oficio correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação deste anuncio citando os credores incertos do negociante desta praça Januario Damasceno Rato e tambem os credores certos que não aceitaram a concordata por ele proposta: Francisco Rodrigues da Cunha Lucas, de Coimbra, Castanha Bichino & companhia, da Covilhã, Nunes de Cavalho & companhia e Ferreira Pessoa & companhia, de Lisboa, Guilherme Folhadella & companhia, de Famalicão, e a companhia de seguros *A Comercial*, para no praso de cinco dias posterior ao dos editos, deduzirem por embargos o que considerarem de seu direito contra a referida concordata proposta pelo dito negociante Januario Damasceno Rato, aos seus credores, e cujos termos são o pagamento de trinta por cento dos seu respectivos creditos em duas prestações no praso de doze mezes.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz Presidente,
R. Calisto.

GIMNASIO CLUB

Assembleia geral

Por ordem do ex.mo Presidente da Assembleia Geral, são convocados os socios d'esta associação a reunirem na proxima sexta feira 30 do corrente, na séde do Gimnasio, pelas 7 horas da tarde, a fim de se proceder á eleição dos novos corpos gerentes, para o anno de 1905.

Não reunindo numero de socios que constituam a maioria; ficará a reunião transferida para o dia seguinte, sabado 31, á mesma hora e no mesmo local, funccionando então com qualquer numero de socios presentes, em harmonia com o § 1.º do art. 13.º dos Estatutos.

Coimbra, 26 de dezembro de 1004.

O Secretario da Assembleia Geral,
Cassiano Augusto Martins Ribeiro.

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta cáza continúa a fornecêr ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória*. Têm tôdos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e prêços déstas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Véndem-se a prestações e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em tróca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta cáza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemãis e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Pôrto ou Lisbôa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

Clínica de mulhéres e crianças

Sofia Júlia Dias, médica pela Universidade de Coimbra abriu o seu consultório *médico cirúrjico*, nésta cidade, rua Sá da Bandeira, 59

Para os póbres, consúltas *grátis* da 1 ½ ás 3 da tarde.

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguêzes, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depózito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedôra em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõis, bronquites, rouquidõis, ásma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenúão sempre, e cúrão as mais das vezes com o uzo dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrozos)** onde os efeitos maravilhózos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenceião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons rezultádos obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos* **(Rebuçados Milagrózos)** são confirmados, não só por milhares de pessôas que os teem uzádo, mas tambem por abalizádos facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

---

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecleziasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"RESISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno	3$600
Ilhas adjacentes, »	3$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50 %.

Communicados, cada linha	40
Réclames, cada linha	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicaçõis com cuja remessa este jornal fôr onrado.

Avulso 40 réis

GAZ ACETILENE

Officina a vapor para a fabricação de gazómetros de novo sistêma de toda a segurança, simplicidade e asseio. **Candieiros** portatis com regulador d'agua, lustres simples de 2 e 3 braços, liras, braços de parede simples e de movimento, bicos, torneiras, chumbo e mais pertences.

Montajens e instalações completas absolutamente garantidas.

A' RIVIERE — Lisboa, rua de S. Paulo, n.º 9, 1.º

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE CARBORETO DE CALCIO

Não comprar sem pedir preços e catalogos ilustrados

Preços sem competencia

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos désta naturêza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Téte d'Achar. Patè de Lievre e Foie.

Saucisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de lo,** pelo sistema do Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos** e **licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

Jozé Marques Ladeira & Filho

4, PRAÇA 8 DE MAIO, 5

COIMBRA

CANALIZAÇÕES

para

Agua e Gás

ACETILENE

Instalações completas

Tubos de ferro, chumbo, latão e lôna.

Lústres de cristál e bronze, candieiros e lanternas para gás. Retrétes, tinas, lavatórios e urinóis.

BICOS D'INCANDESCENCIA, *sistéma Auér.*

Máquinas para aquecêr agua para banho.

Autoclismos, torneiras e agulhêtas.

Fogõis de cozinha e sála.

Fogareiros a gás, acetiléne, petróleo e alcool.

Bombas de todos os sistêmas.

Preços rezumidos em bombas de relójio.

Aparélhos elétricos: Cartão e corda d'amianto, borrácha e folha.

Filtros sistêma Pasteur.

Toma-se conta de qualquer encomenda e executa-se qualquer obra por mais importante que seja, tanto na cidade como fóra, tomando os seus proprietarios inteira responsabilidade.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Macario da Silva

E

José Falcão Ribeiro

ADVOGADOS

Praça 8 de Maio, 37

(Em frente ao tribunal)

Phonographos e Gramophones

Manuel José Téles, Rua Ferreira Borges n.os 150 a 156, tem em deposito os magnificos Phonographo Edison, e Gramophones de diferentes preços e tamanhos. Variada colecção de cilindros e discos com lindas operas, cançonetas monologos etc, nacionaes e extrangeiros que vende pelos preços de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Consultório médico-cirurjico

Análizes clinicas

(Expétoraçõis, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

DE NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borges, 27 a 29

Agua da Curía (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores
Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em differentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A agua da Curía não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 reis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

COIMBRA

Installação provisoria: rua da Sota, n.º 8

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a mindo

Tabella de preços de venda a mindo (15 de outubro de 1904)

Marcas	Garrafão de 5 litros	Garrafa de 1 litro	Garrafa bordaleza
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	550	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — *Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.*

AJÊNCIA FUNERÁRIA

DE

Jórje da Silveira Morais

Coímbra

O proprietário désta cáza incúmbe-se de funerais complétos, tanto na cidade como fóra.

Esta cáza tem uma importante variedade de

Úrnas de mógno

em todos os tamanhos que vende pelos prêços de Lisbôa.

Grande variedade de corôas de todos as qualidades.

Especialidade em *boquets* fúnebres e de gála, banquêtas e ramos para altáres, toda a qualidade de flôres soltas e prepáros para as mesmas, plantas para sálas, flôres para chapéos mais barátas do que em qualquer outra cáza.

PREÇOS CÓMODOS

CAZA

Vende-se uma casa no bairro Oriental de Mont'arroio com os n.os 25 e 27, quem pretender comprar dirija-se ao seu proprietario Alipio Leite, de Gavinhos de Penacova; ou com João Marques Mósca, em Coimbra.

MOBILIA

Vende se um aparadôr, dois guardas louças, duas secretárias uma estante para livros, uma cómoda, uma montra de cristal, e outras peças miudas.

Para tratar, na Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, 156.

FARMACIA ASSIS

SERVIÇO PERMANENTE

Praça do Commercio — Coimbra

Esta caza depois das modificaçõis que acaba de sofrer, é um dos melhores estabelecimentos desta cidade, no seu genero.

O seu propriétario fornecendo-se diretamente das principais fábricas de produtos quimicos e farmaceuticos, tanto nacionaes como estranjeiros; está a pár do dezenvolvimento que a quimica e a terapeutica dia a dia vão experimentando e por isso possue uma colléção variáda das mais modérnas substancias e produtos quimicos.

O aviamento de todo o receituario é feito por pessoal competentemente abilitado, sob a direção do seu administrador,

Esta caza encarrega-se de mandar o medicamentos a caza de seus freguezes, assim como de chamar qualquer dos clinicos desta cidade a toda a óra do dia ou da noute.

Analizes complétas

de urinas, expétoraçõis, sangue, corrimentos ureteráis e vajinais, etc. etc. e bem como análizes d'aguas, vinhos, azietes, terrenos, etc., etc.

Preços absolutamente excécionais

CAZA

Arrenda-se o primeiro andar, rua Fernandes Tomás, ponto central da cidade, muitas e boas acomodaçõis, lindas vistas sobre o Mondêgo, agua e gás.

Tráta-se na Praça do Comércio, n.º 14, 1.º